Noelle Coelho Resende

**Do Asilo ao Asilo, as existências de
Fernand Deligny:**

trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito.

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção
do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em
Direito do Departamento de Direito da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Mauricio de Albuquerque Rocha

Volume I

Rio de Janeiro
Agosto de 2016

Noelle Coelho Resende

Do Asilo ao Asilo, as existências de Fernand Deligny:

trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito.

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Direito do Departamento de Direito da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Mauricio de Albuquerque Rocha

Orientador

Departamento de Direito – PUC-Rio

Profª. Ana Paula Veiga Kiffer

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Eduardo Henrique Passos Pereira

UFF/RJ

Prof. James Bastos Arêas

UERJ

Profª. Catherine Perret

Université Paris 8

Profª. Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do Centro de
Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Noelle Coelho Resende

Graduou-se em Direito na UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) em 2007. É Mestre em Direito pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), com pesquisa na linha de Direitos Humanos, Sociedade e Arte. É pesquisadora da Subcomissão da Verdade na Democracia da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Desenvolveu o trabalho de organização dos arquivos Fernand Deligny que formam o Fundo do autor no Instituto Memórias da Edição Contemporânea (IMEC) na França. Foi pesquisadora em Direitos Humanos da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e do Instituto de Estudos da Religião (ISER).

Ficha Catalográfica

Resende, Noelle Coelho

Do Asilo ao Asilo, as existências de Fernand Deligny: trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito. / Noelle Coelho Resende; orientador: Mauricio de Albuquerque Rocha. – Rio de Janeiro PUC, Departamento de Direito, 2016.

2 v. ; 29,7 cm

1. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito.

Inclui Referências bibliográficas.

1. Direito – Teses. 2. Linguagem. 3. Norma. 4. Sujeito. 5. Instituição. 6. Crítica Institucional. I. Mauricio de Albuquerque Rocha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Direito. III. Título.

CDD: 340

À Gisele Durand e Jacques Lin, pela vida em Cévennes.

Agradecimentos

Agradecer por quatro anos de uma vida não é coisa fácil. Com alegria penso que a lista será povoada e intensa.

A Marlon Miguel, Gisèle Durand Ruiz e Jacques Lin pelo lindo ano em Cévennes. Pelo arquivo de histórias contadas e vividas na casa em Montplaisir.

A Sandra Alvarez de Toledo, pela generosidade em partilhar tantos anos de pesquisa e de trabalho sobre Deligny, pela acolhida em Paris e em Monoblet. A Catherine Perret, pelos encontros na casa na Rue de Dames, pelas conversas sobre a tese e pela parceria no retorno ao Brasil.

A Eduardo Passos, por termos conhecido juntos Deligny, pela amizade e pelos lindos dias com Pina e Kisu. A Mauricio Rocha, por ter aceitado construir junto o percurso do doutorado, pela descoberta de tantos livros e pela abertura ao pensamento.

A Iacã Macerata, pelos desvios nos caminhos da vida e pelo intenso amor vivido em conjunto.

As amigas de uma vida inteira, Carol Henriques, Erica Rosa, Vera de Ferran, Gabriela Alcofra, Carolina Butturini e Julia Pacheco.

A Patricia Rangel, por ser a irmã que há muitos anos a vida me deu. A Pedro França, pelo amor de juventude, pela bela amizade e pela parceria na descoberta das montanhas pelo mundo.

A Fernanda Pradal e Lola Werneck, pelo lar no Flamengo e pela amizade da moradia partilhada. A Aliny Mocellin, pelas primeiras descobertas da casinha.

Aos amigos da vida e da militância, Andrea Mello, Éverson Brussel, Fabio Cascardo, Melisanda Trentin, Joana Camelier, Bernardo Bianchi, Chico Oliveira, Natalia Rosa, Paula Kaap, Renan de Araujo, Bernardo Jacob, Rodrigo Konder, Vitor França, Daniel Costa Lima, Marianna Olinger, Amy Jo Westthrop, Luisa Santiago e Catarina Resende.

A todos os parceiros, antigos e novos, mais próximos ou mais distantes, que permearam os anos de luta.

A Luna Arouca, Artur Romeu, Richard Metairon, Julia Munhoz, Coline Rosdahl e Sofy Solomon por serem a base em Paris. A Baptiste Castets, pela construção de um lar na distância dos lugares conhecidos, pela música e pelas pedaladas das madrugadas. A Alice de Marchi pela amizade dos últimos anos, pelos caminhos da militância e pelos quatro meses partilhados na França. A Viviana Lipuma, David Almaric, Camila Areas, Chiquinho, Marina Mafra, Aline Leal e Letícia Souza pela descoberta da amizade em Paris.

A Moniza Rizzini, Rudy Seidinger, Leticia Paes e Fabricio Mendes pela amizade e o aconchego londrinos. A Carolina Vestena pelo acalanto, pelo natal em Paris e o ano novo em Berlim. A Marília Assad e Matthieu Melcot, pela casa no teto e os longos cafês da manhã em Bruxelas.

A todos pela parceria em terras estrangeiras.

Aos primeiros companheiros dos treinos e das pedras, Claudinha Gonçalves, Claudio França, Carolina Marteleto, Camilo Jacob, Gabriella Takino e David Henrique. A Jorel Anjos, Joana Portugal, Bianca Prado, Bruno Cunha, Samanhta Philigret, Guilherme Silva e Alexandre Luchesi pela redescoberta das pedras do Rio e pelos treinos e escaladas que povoaram a escrita da tese. A Flavio Leone, pelo aprendizado nas montanhas e a Eduardo Rodrigues, pelos treinos e pela parceria.

A Alejandra Estevez e Diogo Lyra, da Subcomissão da Verdade na Democracia - Mães de Acari, pelo início do trabalho conjunto e pelo apoio para a escrita da tese.

A toda galera da PUC-Rio, amigos, professores e funcionários pelos quatro anos do doutorado. Especialmente a Carmem Barreto, Anderson Torres, Rafael Vieira, Virginia Totti, Fabricio Souza e os integrantes do grupo de leitura sobre Espinosa. Um agradecimento com carinho aos estudantes do Núcleo de Direitos Humanos e aqueles que fizeram parte da tentativa em pensar saúde mental e direito, em especial a Laetitia Ribeiro que partiu para brilhar por outros caminhos.

Aos parceiros de militância do Instituto de Estudos da Religião, do Coletivo RJ Memória, Verdade e Justiça, da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e da Comissão Estadual da Verdade/RJ.

A Suelena Werneck e Glaucia Saad pelo cuidado carinhoso e essencial.

A Cristina Coelho, pelo apoio incondicional na vida e na tese e pelo carinho de todos os dias. A Ricardo Resende pelo exemplo de luta e pelas conversas. A Rafael Resende, pela experiência partilhada de ser criança.

A Coragem.

Resumo

Resende, Noelle Coelho; Rocha, Mauricio de Albuquerque. **Do Asilo ao Asilo, as existências de Fernand Deligny: trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito.** Rio de Janeiro, 2016. 392p. Tese de Doutorado – Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

No final da década de 1930, na França, começou a ser desenvolvido o conceito de infância inadaptada, como orientador para a construção de políticas de cuidado em relação à infância e à juventude consideradas *anormais*. Este conceito, que se estabeleceu durante os anos 1940 e permaneceu predominante sem alterações significativas até meados dos anos 1970, articulou os poderes médico, jurídico e educacional em torno da infância à margem. A noção de inadaptação promoveu uma transição da perspectiva anterior, voltada à completa exclusão da *anormalidade*, para a possibilidade de reeducação e readaptação desta, direcionada ao seu reaproveitamento econômico. Fernand Deligny dedicou sua vida à criação de espaços comuns junto às crianças e aos adolescentes que, por um motivo ou outro, se tornaram o *resto* em um processo de integração social que teve o preço da exclusão de toda diferença mais ou menos inassimilável. Tendo passado por diferentes instituições que integravam o tripé de sustentação dessa nova política - a escola, o asilo e um centro sócio-jurídico - e, posteriormente, tendo operado uma transição para *fora* do quadro institucional do Estado, Deligny se tornou um importante analisador sobre a constituição desse novo campo e sobre a luta política em relação aos preceitos que o sustentavam. A escrita da tese teve como objetivo, a partir da trajetória percorrida por Deligny, das diferentes tentativas tramadas por ele de 1937 até 1996, retratar, em seus textos e em suas práticas, os contornos de sua vida e de seu trabalho, mapeando as formas como em diferentes períodos e espaços ele construiu uma importante reflexão crítica sobre os processos de criação e de organização institucionais. Nas classes especiais em Paris e Nogent-sur-Marne, em um pavilhão para *irrecuperáveis* no asilo de Armentières, no Centro de Observação e Triagem de Lille, na Grande Cordée por toda França, e em Cévennes durante trinta anos na companhia de crianças autistas, dentro ou fora das instituições, Deligny criou importantes formas de esquiva aos preceitos que definem os processos de criação institucional

que conhecemos e às bases que sustentam a compreensão da experiência humana - a imagem dominante do homem-sujeito: a liberdade, a vontade, a propriedade, a Linguagem, a Normalidade e a Lei.

Palavras-chave

Linguagem; Norma; Sujeito; Instituição; Crítica Institucional.

Résumé

Resende, Noelle Coelho; Rocha, Mauricio de Albuquerque (Directeur de Thèse). **De l'Asile à l'Asile, les existences de Fernand Deligny**: trajets d'esquive à l'Institution, à Loi et au Sujet. Rio de Janeiro, 2016. 392p. Thèse de Doctorat. Departamento de Direito, Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Le concept d'enfance inadaptée commence à s'affirmer en France à la fin des années 1930, et conditionne l'élaboration des politiques de prise en charge destinées aux enfants et aux jeunes considérés comme *anormaux*. Ce concept d'inadaptation, qui s'installe à la fin des années 1940 et reste par la suite prédominant - puisqu'il connaît peu d'altérations significatives jusqu'au milieu des années 1970 – associe les pouvoirs médical, juridique et éducatif dans le traitement de l'enfance en marge. À la différence de la perspective antérieure marquée par la complète exclusion de l'*anormalité*, la notion d'inadaptation introduit la possibilité d'une rééducation et d'une réadaptation, visant notamment sa mise à profit économique. Fernand Deligny a consacré sa vie à la création d'espaces communs avec les enfants et les adolescents qui, d'une manière ou d'une autre, sont devenus *le reste* d'un processus d'intégration sociale impliquant l'exclusion de toute différence plus ou moins inassimilable. Après être passé par les différentes institutions qui composent le trépied de cette nouvelle politique – l'école, l'asile et un centre d'observation et de triage – puis opéré la transition vers le *dehors* du cadre institutionnel de l'État, Deligny est devenu un analyste important de la constitution de ce nouveau champ et un penseur de la lutte politique contre les préceptes qui le sous-tendent. Cette thèse a pour objectif, à partir de la trajectoire de Deligny et de ses différentes tentatives menées entre 1937 et 1996, de retracer par ses textes et par ses pratiques les contours de sa vie et de son travail, en dressant la carte des différentes périodes et espaces où il a construit sa réflexion critique sur les processus de création et d'organisation institutionnelle. Au sein des classes spéciales à Paris et à Nogent-sur-Marne, du pavillon pour les *irrécupérables* à l'asile d'Armentières, au sein du Centre d'Observation et de Triage à Lille, de la Grande Cordée dans toute la France, et enfin dans les Cévennes pendant trente ans en compagnie d'enfants autistes, Deligny a créé, à

l'intérieur ou à l'extérieur des institutions, des façons d'esquiver les grands préceptes qui gouvernent les modes de création institutionnelle que nous connaissons et les bases qui sous-tendent la compréhension de l'expérience humaine – c'est-à-dire l'image dominante de l'homme-sujet : la liberté, la volonté, la propriété, le Langage, la Normalité et la Loi.

Mots-clés

Langage; Norme; Sujet; Institution; Critique Institutionnelle.

Sumário

1. Introdução	14
2. Os contornos de Deligny: linhas de sua trajetória e do contexto histórico-político da construção da noção de infância inadaptada	21
3. 1937 – 1946: Paris e Nogent-sur-Marne, Armantières e Lille. A escola, o asilo e o sistema sócio-jurídico	67
4. 1948 - 1965: A Grande Cordée, a dispersão territorial e a chegada ao Sul	141
2014 - 2015:	208
Uma viagem.	208
5. 1967-1996: A rede em Cévennes, os trajetos de lugares construídos <i>em presença próxima</i>	221
6. Traços da crítica institucional em Deligny: as violências da Linguagem, da Lei e da Instituição	295
7 Conclusão	341
8 Referências bibliográficas	347
9 Anexo 1	357

*No flanco de uma onda de carvalhos verdes
um território
Não se deve ter medo de a recomençar
a história*

*Au flanc d'une vague de chêne-vert.
un territoire
Il ne faut pas avoir peur de la recommencer
l'histoire*

Fernand Deligny

1.

Introdução

Ao segurar suas mãos nas nossas, isso pelo que eles são estranhos, nós o podemos sentir. No nó das mãos entrelaçadas, a distância pode ser pressentida, espaço contraído que é talvez o da palavra. Na verdade, eu não acredito nisto: palavra há, por todo esse vasto mundo, em abundância proliferante e o poder que ela exerce não deve ser colocado em dúvida. Mas é de outra coisa que esse pequeno punhado seco e vivo está desprovido, está privado. E isso do que ele está privado ao ponto de se retrair, trata-se de qualquer coisa que teria lugar entre nós. Mas a distância que nos seria então necessário percorrer, essa longa caminhada apesar de tudo, enquanto que esse tudo-aí está em cada um de nós, de uma maneira ou de outra, ídolo exigente que eu penso que é a palavra. E nós nos apegamos a ela perdidamente. O domínio que ela tem sobre nós vem do vigor inato que nos impulsiona a sobrevivermos, e por que não pensar: por falta de outra coisa? Inata sem dúvida, essa necessidade dessa 'outra coisa' que eu digo a se descobrir. Essas crianças-aí que nos chegam nos convidam a isso. Elas não confiam nisso, na palavra. Quando eu vejo o que ela fez de nós, eu confio na desconfiança delas.¹

Fernand Deligny, Nous et l'innocent

Em nossas vidas não faltam essas histórias.

Era um trem de inverno que percorreria o trajeto de Berlim a Paris para o início do novo ano. Ao entrarmos no trem e encontrarmos os lugares marcados no bilhete, um homem ocupava aquele que seria o meu lugar. Parece, tristemente, sempre o caso de poder delimitar aquilo que seria nosso. Tento falar que ele está no lugar indicado na minha passagem, mas nem eu entendia a língua daquele grande homem louro, nem ele aquelas que eu adotava naquele momento para

¹"De tenir leur main dans la nôtre, ce par quoi ils sont étranges, nous pouvons le ressentir. Dans le nœud des mains entremêlées, la distance peut être pressentie, espace contracté qui est peut-être celui de la parole. À vrai dire, je ne le crois pas: parole il y a, de par le vaste monde, en abondance proliférante et le pouvoir qu'elle exerce n'est pas à mettre en doute. Mais c'est d'autre chose que cette petite pogne toute sèche et vive est exsangue, est privée. Et ce dont elle est privée au point de se recroqueviller, il s'agit bien de quelque chose qui aurait lieu entre nous. Mais la distance qu'il nous faudrait alors parcourir, cette longue démarche malgré tout alors que ce tout-là est en chacun de nous, d'une manière ou d'une autre, idole exigeante dont je pense qu'elle est la parole. Et nous nous y raccrochons, éperdument. L'emprise qu'elle a sur nous vient de la vigueur innée qui nous pousse à nous en saisir, et pourquoi ne pas penser : faute d'autre chose ? Inné sans doute, le besoin de cet 'autre chose' que je dis être à découvrir. Ces enfants-là qui nous adviennent nous y invitent. Ils ne s'y fient pas, à la parole. Quand je vois ce qu'elle a fait de nous, je me fie à leur méfiance." (DELIGNY, 2007, p.781).

tentar me comunicar. Ele entende os gestos e se levanta, junto com outro homem que o acompanhava, ambos se sentam em um banco mais atrás no mesmo vagão. Era o último vagão do trem. Ao lado deles vejo uma mulher que parece lhes dizer algo. Ela, pequena, morena e de cabelos pretos. Não consigo escutar em que língua falam entre eles. A viagem pela noite da Alemanha começava.

Não sei quanto tempo se passou enquanto eu tentava ver pela janela as paisagens escuras lá fora, até a entrada de dois controladores no vagão. Como de hábito, eles pediram os bilhetes e os passaportes de cada um. Naquele instante um dentro e um fora se estabeleceu, inexorável, entre os passageiros. Aqueles que podiam estar ali e aqueles que não tinham a mesma permissão. O trem parou em uma espécie de precária estação no meio do caminho. Não se via quase nada do lado de fora, salvo uma plataforma entre o trilho de ida e o trilho de volta. E o frio. Os dois homens passaram por mim, a mulher parou ao meu lado para retirar sua bagagem do compartimento acima do banco. Ao entrarem no trem eles deviam estar juntos e sua mala fora colocada onde anteriormente os homens haviam se sentado. Sob o impenetrável olhar do homem incumbido de expulsá-los, me levanto para ajudá-la a tirar a bagagem. Ela se dirige a mim com algumas palavras em inglês. Precisava de dinheiro, pois pretendia chegar à Espanha. O controlador me olha e, em alemão, manda que a mulher saia do trem imediatamente.

Não encontrei naquele instante as palavras para dizer ou as ações para mostrar que em relação àquilo eu não era solidária. A todos esses muros entre um dentro e um fora. As cenas entrecortadas da noite e os olhos daquela mulher permaneceram em mim. Não sou capaz de lembrar quando deixei de duvidar de todas as atrocidades que somos capazes de cometer para defender aquilo que acreditamos garantir os pressupostos necessários para *se ser* e para *se ter* aquilo que nos é de direito.

O trem chegou à estação na manhã do dia em que dezessete pessoas morriam no jornal Charlie Hebdo e em outros espaços da grande Paris.

Existe sempre um dentro e um fora.

O encontro com Deligny e o percurso do doutorado foram as ocasiões necessárias para a reflexão e a experimentação de algo diferente do *sujeito que nós somos* como base da existência humana. Esse sujeito, marcado por um processo de conscientização de si que em determinado momento se materializa na possibilidade de dizer Eu, é a sólida base na qual nos sustentamos. O humano seria constituído pela consciência própria e pela palavra. Delas decorrem não apenas a possibilidade de se nomear e de se distinguir do outro, como a possibilidade de nomear algo como seu, esfera distinta daquilo que é do outro ou de todos. No fundo dessa imagem do humano, encontra-se sempre uma identidade e uma propriedade. Deligny, ao longo de sua vida e de suas tentativas, seguiu os traços de um humano aquém do sujeito próprio. Traços desse humano aparecem em toda sua trajetória e ganham sentido na afirmação da existência de uma camada primordial, de espécie e fossilizada pela sobrecarga do sujeito.

O humano de natureza de Deligny, em sua vida não representada pela consciência de si mesmo e em seu contato com um existir infinitivo e real, permite ver as violências do *homem-que-nós-somos*. Da violência inaugural fundada na divisão entre o Eu e o Outro, se desdobram inúmeras delimitações colonizadoras da vida: o dentro e o fora, o normal e o anormal, o produtivo e o improdutivo, a ordem e a desordem, o legal e o ilegal, o meu e o seu, os vivíveis e os invivíveis. A História do Homem é a narrativa dos desdobramentos dessas diferentes rupturas ao longo do tempo. Resta todo o resto.

Nesse trabalho, retraçamos nos textos de Deligny, escritos durante sessenta anos de tentativas de esquiva às diferentes formas de sujeição e às suas instituições, uma crítica às dinâmicas de poder e de dominação institucionais, materializadas nos processos de criação das diferentes instituições. Cartografamos em seus textos e propomos, junto com eles, eixos que compõem o que escolhemos chamar de uma crítica institucional em Deligny. Seguimos, também, sua intensa pesquisa para que dentro e fora dos dispositivos institucionais privados ou públicos outros arranjos pudessem ter lugar. Deligny passou uma vida construindo espaços propícios, brechas para a esquiva à violência institucional e ao tempo da História e do Sujeito.

Entre tantas e importantes questões que surgiram ao longo do trabalho do doutorado e que aparecem nesse texto, uma que nos encantou foi a possibilidade de permanência colocada por Deligny. Uma permanência que não se relaciona com o tempo enquanto lugar do sujeito, mas com o mínimo instante como possibilidade de vida no momento presente, e que transforma o tempo do sujeito em espaço do humano. O mínimo instante como lugar do mínimo gesto. Deligny viveu fora do tempo da grande História, como presença próxima da *anormalidade*. Sua trajetória constituiu uma permanente tentativa de organização de espaços propícios fora da Lei para o respeito a toda experiência de existir.

Os anos do doutorado foram marcados por duas presenças próximas singelas e sem palavras. Na delicadeza do contínuo momento presente e da impossibilidade de *se* projetar no tempo, elas foram também as companhias próximas para a reflexão sobre as opressões de tudo aquilo que se desdobra de *se* saber sujeito. Como veremos com Deligny, o *homem-que-nós-somos* é marcado pela ilusão da vontade livre, pela propriedade, pela exigência da normalidade e da produtividade, pelo tempo e pelas leis do projeto pensado.

Os diários e longos trajetos de Coragem, em quatro patas, desviam há sete anos as exigências do tempo e da produtividade da cidade. Não sem o esforço de acalmar em *nós mesmos* a exigência de tornar os passeios pelas ruas da vizinhança os mais úteis e produtivos possíveis. Não sem a necessidade de acalmarmos em *nós mesmos* a possibilidade de com apenas um fazer das mãos, desviá-la de suas linhas e colocá-la em nosso tempo.

Em um lugar novo, ele explora com minúcia. Ele não pede nunca nada. Pode-se dizer que ele espera encontrar, que ele procura? Se nos acontecesse de agir como ele, com efeito estaríamos procurando; mas vê-se bem isso que procurar supõe; explorar por outro lado não é a palavra adequada; mas eu faço o meu luto; nenhuma palavra, jamais, nenhuma maneira de dizer, não convirá àquilo que pode ser dos seres sem voz...Seria necessário então compreender que explorar é um infinitivo que não teria fim, o que não tira nada - muito pelo contrário - da minúcia escrupulosa da investigação.² (DELIGNY, 2007, p.188)

²"Dans un lieu nouveau, il explore avec minutie. Il ne demande toujours rien. Peut-on dire qu'il s'attend à trouver, qu'il cherche? S'il nous arrivait d'agir comme lui, c'est qu'en effet nous chercherions; mais on voit bien ce que chercher suppose; explorer d'ailleurs n'est pas non plus le bon mot; mais j'en ai fait mon deuil ; aucun mot, jamais, aucune manière de dire, ne conviendront à ce qu'il peut en être d'être sans voix...Il faudrait donc entendre qu'explorer est un infinitif qui

As pedras, que exigem do corpo uma desconexão com a projeção pensada do movimento, foram outra constante presença. Elas exigem de nós a abertura para o gesto surpreendente e inesperado que permite a continuidade do trajeto e nos coloca o limite do *se* dizer o que deve ser feito para que um caminho possa prosseguir. O silêncio das montanhas e o contato com a pedra e seus pequenos relevos, que permitem ao corpo encontrar um inesperado lugar, só podem ser experimentados em uma brecha do projeto pensado. Não é possível querer achar as nuances que permitirão prosseguir, trata-se de desistir do fim desejado, do cume do trajeto, para que apareça o espaço do processo.

"E essas pedras...Eu devo ter escrito linhas sobre essas pedras amontoadas ou espalhadas. Elas não querem dizer nada. Mas o que elas podem ser, emerge subitamente de sua aparência, localizadas como em um deserto algumas ossadas que se tornam traços."³ (DELIGNY, 2007, p.790)

A questão institucional é uma questão de vida em seus mínimos detalhes. E nossas vidas são as ocasiões que nos advêm, as circunstâncias que experimentamos e os lugares que habitamos. Esse texto é, assim, também a expressão da história de um país natal, das conjunturas políticas que vivenciamos ao longo dos anos, daquelas que determinaram nossas histórias. Uma crítica sobre a criação institucional emerge para nós, nos textos de Deligny, também a partir das perspectivas experimentadas por nós. Desde a classe social a qual pertencemos, a formação que tivemos, a família que integramos, os encontros que produziram em tudo isso os desvios que trazem ao doutorado. A grande História e as histórias que orientam a realidade que conhecemos. O texto surge em um país que não se desvencilhou de seu processo de colonização, que viveu quase um quarto de século de sua história recente sob o governo de uma violenta ditadura, que se redemocratizou carregando para o presente a estrutura da violência

n'aurait pas de fin, ce qui n'enlève rien - et c'est même tout le contraire - à la minutie scrupuleuse de l'investigation." (DELIGNY, 2007, p.188).

³"Et ces pierres...J'ai dû en écrire des lignes sur ces pierres amoncelées ou éparses. Elles ne veulent rien dire. Mais ce qu'elles peuvent être, soudain émerge de leur apparence, repérées comme dans un désert quelques ossements qui deviennent traces." (DELIGNY, 200, p.790).

institucional do passado. Um país que em sua empreitada *civilizatória* matou índios e escravizou negros. Internou e matou os loucos. Eliminou continuamente as formas de vida tradicionais. Tirou do campo os pequenos produtores. Mata aqueles que resistem à concentração fundiária e à destruição das terras. Exclui e oprime as mulheres. Prende, tortura e mata as oposições políticas. Aspersegue e as silencia até hoje de diferentes formas. Remove milhares de pessoas, populações inteiras, e destrói seus próprios recursos em nome de um projeto de progresso e de desenvolvimento. Elimina das ruas a diferença em nome da ordem. Mata todos os dias, em uma verdadeira chacina, seus jovens pobres e negros. Um país sem memórias minoritárias de sua existência.

Durante o doutorado, habitei pela primeira vez um país estrangeiro. Outra língua, outros encontros e outros percursos. Novas linhas de vida na França. Lá nos foi possível participar da organização de um arquivo Deligny, a partir dos inúmeros textos que ainda se encontravam em Cévennes. Esse processo de quase um ano e todas as ocasiões que ele proporcionou definiram, de maneira essencial, nosso encontro com os textos e com o trabalho de Deligny. A tese é escrita também pela experimentação de outras cidades, de outros trajetos, de tantas outras formas de vida que formaram esses caminhos. A tese é o resultado do encontro entre um lugar natal e um espaço estrangeiro.

O texto se tornou espaço de elaboração dos traços e marcas que nos formam, de nossa História e das pequenas histórias que formam as linhas de nossos mapas.

As histórias propostas nas páginas que seguem não são 'histórias para crianças'. Não existem histórias exclusivamente feitas para crianças. Que um adulto se contente com romances impressos ou com quadros já pintados, vem do fato de que seu ofício e suas preocupações habituais o especializam e o obrigam a se dirigir a especialistas.⁴ (DELIGNY, 2007, p.244)

⁴"Les histoires proposées dans les pages qui suivent ne sont pas des 'histoires pour enfants'. Il n'y a pas d'"histoires toutes faites pour enfants. Qu'un adulte se contente de romans imprimés ou de tableaux tout peints vient de ce que son métier et ses préoccupations habituelles le spécialisent et l'obligent à s'adresser à des spécialistes." (DELIGNY, 2007, p.244).

2.

Os contornos de Deligny: linhas de sua trajetória e do contexto histórico-político da construção da noção de infância inadaptada

Do longo trajeto que esse homem poderia ter feito antes de permanecer aí, poderia se acreditar que não havia mais traços em parte alguma.⁵

Fernand Deligny, La septième face du dé

Para aquele que pretende criar, é bem preciso que ele se afaste de todo 'fazer como'.⁶

Fernand Deligny, Carte prise et carte tracée

Se você deixasse, pequena lanterna, o fio de ferro que te carrega e te sustenta, você seria luz presa a nada, você seria estrela.⁷

Fernand Deligny, Les enfants ont des oreilles

Em agosto de 2012, fomos à Bienal das Artes em São Paulo. Foi lá que conhecemos Deligny. Era uma ala não muito grande da exposição onde estavam dispostos mapas, fotos e pequenos textos. Em alguns pontos do espaço havia cenas de filmes de Deligny sendo projetadas. Do impacto da experiência vivenciada em São Paulo se desdobrou, quatro anos depois, a possibilidade de um texto que tem como objetivo apresentar os percursos de vida e as linhas de trabalho seguidas por esse escritor e poeta. É preciso escrever essas linhas em um respeito radical ao permanente artesanato que foi sua vida e sua escrita. A tentativa é que esse respeito se construa a partir de três perspectivas: o texto como lugar de *lisibilidade* do processo de criação coletiva do pensamento; o esforço de dar a ver a produção de Deligny, evitando um movimento interpretativo que o estudo de um autor pode dar lugar; e a criação do texto como lugar propício para que, a partir de um *expressar Deligny*, possam aparecer questões e problemas, não

⁵"Le long trajet que cet homme avait pu faire avant d'en rester là, on aurait pu croire qu'il n'y en avait plus de traces, nulle part." (DELIGNY, 2013, p.6).

⁶"Pour celui qui entend créer, il faut bien qu'il s'écarte du 'faire comme'." (DELIGNY, 2008, p.135).

⁷"Si tu quittais, petit lanterne, le fil de fer qui te porte et te soutient, tu serais lumière accrochée à rien, Tu serais étoile." (DELIGNY, 2007, p.282/283).

para serem solucionados, mas para animarem uma dinâmica criativa fora das definições prontas. Dinâmica tão necessária para que se encontre vida em um mundo tantas vezes dado de uma vez por todas.

A escrita tem um lugar essencial na vida de Deligny. Ele não era nem filósofo, nem pedagogo, nem médico, nem psicólogo, tampouco um teórico de algum campo de saber. Ele era efetivamente um escritor. Com a escrita, ele dava para si um lugar, ressitua e modificava esse lugar a cada vez, criando ao mesmo tempo uma definição e uma esquivas ao seu nome próprio. A escrita era seu instrumento de reflexão sobre e de produção conjunta de suas práticas. O esforço que assumimos é o de dar expressão a essa escrita associando-a às práticas que se estruturavam no momento da produção dos textos.

Fernand Deligny nasceu na cidade de Bergues, no norte da França, próximo à fronteira com a Bélgica, no ano de 1913. A sua família por parte de pai pertencia à pequena burguesia, enquanto sua mãe vinha de uma família de origem mais modesta. Ele perdeu seu pai durante a Primeira Guerra Mundial e em 1919, aos seis anos de idade, se mudou para Lille com sua mãe e avós maternos. Seu avô materno, que faleceu quando Deligny era ainda criança, constituiu uma presença importante em sua infância e em sua formação; foi com ele que, antes da escola primária, Deligny aprendeu a ler e a escrever⁸. Deligny faz referência a seu avô em alguns de seus escritos, notadamente no texto *Quand le bonhomme n'y est pas* (DELIGNY, 2008). Em diversos de seus textos, a retomada de histórias autobiográficas e o gosto por narrar os acasos e as coincidências que teriam possibilitado e determinado os rumos de sua trajetória são traços presentes. É comum que Deligny retome essas histórias de maneira levemente diferente, mude o nome de personagens, descreva ou invente novos detalhes. Em sua escrita a história tem um espaço relevante, é ela que de alguma forma ele reconstrói, reconta, dá um lugar ao longo de seus textos. Ao mesmo tempo, fatos que seriam produtores de uma história oficial são mencionados, mas raramente aprofundados,

⁸"Enquanto seu avô era vivo, ele teve todos os prêmios por excelência. Deligny, o primeiro em todos os lugares, via, na distribuição dos prêmios, os pais dos outros lhes repreenderem. '*A tal ponto que eu tinha vergonha*'. Isso o desencorajou e o deixou desgostoso das honrarias e ele aproveitou que seu avô morreu para não fazer mais nada no liceu". "Tant que son grand-père a vécu, il avait eu tous les prix d'excellence. Deligny, premier partout, voyait, à la distribution des prix, les parents des autres les tarabuster. '*A ce point que j'avais honte*'. Cela l'a découragé et dégouté des honneurs et il profite que son grand-père meurt pour ne plus jamais rien faire au lycée." (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.38).

como a morte de seu pai. Desde sempre Deligny foi refratário à definição das crianças e dos adolescentes a partir de seus passados, de seus casos, e em sua escrita ele conseguiu ao mesmo tempo construir um lugar para seus trajetos e marcas e destituir esses percursos como produtores de uma verdade sobre a pessoa Deligny. Ele se reinventava, brincava com os acasos, dava para as coincidências um lugar mais relevante do que para as supostas causas objetivas dos desvios em sua vida.

A prevalência do acaso como causa decisiva desses desvios estava vinculada à desconstrução da imagem predominante, tanto do sujeito como dos lugares enquanto espaços estáticos. Nem o sujeito é um caso que pode ser definido precisamente a partir de um histórico dado, nem o espaço é a imagem de uma geografia estática e conhecida. Para Deligny, as normas que orientam tanto a constituição de uma pessoa em um dado momento, como a constituição de um lugar - e veremos ao longo do texto que *tentar* estava intimamente relacionado com a construção de lugares propícios - não estão dadas *a priori* e nem de maneira decisiva. Trata-se de criar arranjos, criar novas circunstâncias que permitam que um sujeito determinado possa escapar das determinações do sujeito. Possa ser outra coisa que seu caso, sua história. As tentativas serão uma constante pesquisa meticulosa sobre os fatores que promovem esse *permitir*. O acaso assumiu a função desse espaço de abertura, onde as regras do jogo não estão dadas de uma vez por todas.

Em *Lointain Prochain, Les deux mémoires*, publicado pela primeira vez em 1983, Deligny conta uma história de infância que o marcou de maneira permanente. Nos outonos, em Lille, montava-se uma feira que durava diversas semanas. Deligny escreve não ter sido uma criança dada às multidões e, na feira, preferia a solidão dos passeios matutinos pelos caminhos ainda desertos do que a movimentação das noites de festa. Em um desses passeios, com sete anos de idade, ele caminhava pelos corredores, entre as barracas e as tendas. Entre elas, ele encontra uma cabana precária onde havia uma gaiola com quatro ou cinco pequenos macacos que o olhavam, agarrados às barras e com frio. Nesse momento Deligny se sente imensuravelmente longe desses pequenos seres, incomunicável, excessivamente próximo de toda a gente responsável pela situação na qual aqueles macacos se encontravam. A impossibilidade de dizer-lhes que ele não era

cúmplice de tudo aquilo que dava lugar a existência daquela feira, dos risos e gritos daquelas noites de euforia, dos outros olhares que passavam por aquela cabana, promove em Deligny uma marca que ele lembrou durante toda a sua vida. Deligny tem quase 70 anos quando escreve o texto.

Pendurada ao frontão, um pouco como uma lanterna na popa de uma embarcação, uma grande gaiola, aos meus olhos, imensa, não larga, mas profunda; era sem dúvida uma gaiola para papagaios ou abutres, se é que acontece de colocarem-se abutres em gaiolas e, lá embaixo, sobre a tábua, agachados, em transe, magricelos, quatro ou cinco pequenos macacos; algumas mãos estavam agarradas às barras; eles olhavam profundamente com seus olhos; eles me olhavam então, pois eu estava sozinho naquele corredor, sozinho nessa vasta feira, sozinho sobre a terra, acreditando naquilo que, naquele instante, eu sentia; um desmoronamento. Sozinho? - 'aquele que não está entre seus semelhantes'. Assim fala o dicionário...O que eu era obrigado a ver me enojava; eu estava atordoado de vergonha e de cólera; impossível, em seguida, contar a quem quer que fosse; tudo aquilo que me seria dito seria uma tentativa de reconciliação enquanto que eu sabia da ruptura irreparável. Eis o que a gente vem ver no burburinho, nos gritos, nas luzes. *A gente*⁹; eu pensei *a gente*; como a gente aprende o nome do inelutável¹⁰. (DELIGNY, 2012, pp.25/26)

Deligny narrou essa cena como aquela que decidiu sua trajetória; ele se percebeu, então, pronto para esquivar. E a esQUIVA definiu todas as suas tentativas. Ele não foi uma criança das multidões e não se tornou um homem do confronto. Sua resistência se construiu a partir de uma percepção sensível

⁹Optamos por traduzir o uso feito por Deligny do vocábulo "ON" por "a gente". Essa escolha se deu pelo sentido coletivo, mas simultaneamente implicado da expressão, assim como pelo seu sentido de designar uma coletividade com alguma distância - a gente, aquela gente. É preciso destacar que se o trabalho de tradução de textos é sempre delicado, a tradução de Deligny impõe ainda outros desafios. O seu uso extremamente peculiar da estruturação das frases, o uso de palavras do francês arcaico, a criação de palavras novas, tornam complexa sua tradução. Ademais, no início de seu estudo, não havia qualquer tradução de seus textos para o português. Todas as traduções aqui feitas são um esforço coletivo de imersão nos textos. Escolhemos, também, não utilizar a tradução do livro *Arachnéen et autres textes (O Aracniano e outros textos)*, lançado em outubro de 2015 pela editora N-1, pois todo o trabalho já vinha sendo construído a partir do texto em francês.

¹⁰"Accrochée au fronton, un peu comme une lanterne à la poupe d'un vaisseau, une grande cage, à mes yeux, immense, et non pas large mais profonde; c'était sans doute une cage à perroquet ou une cage à vateur s'il arrivait qu'on mette des vatours en cage et, tout en bas, sur le plancher, tapis, transis, malingres, quatre ou cinq petits singes; quelques mains étaient agrippées à des barreaux; ils regardaient de tous leurs yeux; ils me regardaient donc puisque j'étais seul dans l'allée, seul dans la vaste foire, seul sur terre à en croire ce que, sur l'instant, j'en ressentait; un effondrement. Seul? - 'qui n'est pas avec d'autres semblables'. Ainsi parle le dictionnaire...Ce que j'étais obligé de voir me navrait; j'étais abasourdi de honte et de colère; impossible, tout à l'heure, de raconter à quiconque; tout ce qui me serait dit serait une tentative de réconciliation alors que je savais la rupture irréparable. Voilà ce qu'on venait voir dans le hourvari, les cris, les lumières. On; j'ai pensé on; comme on apprend le nom de l'inéluctable." (DELIGNY, 2012, p.25/26).

aos acasos como forma de produzir novas ocasiões para crianças e adolescentes definidos pelo Estado, por seu estado¹¹, como não vivíveis, irrecuperáveis, destinados ao disciplinamento ou à exclusão. Sua posição foi sempre uma produção de desvios em relação aos modelos instituídos.

O traço desenhado pelos olhares daqueles pequenos macacos e a impossibilidade de lhes dizer que, em relação àquilo que *a gente* faz, ele não era parceiro, iniciou seu percurso de tentativas. "Mas para que dizer a macacos aprisionados dentro de uma gaiola para periquitos...: - eu estou aqui sem motivo? Acenar-lhes que não teria sido insignificante. Minha mão direita estava adormecida, fria. Nem signo, nem palavra, nem mímica"¹². (DELIGNY, 2012, p.27)

Antes ainda, como conta Deligny em uma entrevista da década de 1980, ele experimentou, através da vivência de um limiar intransponível, a concretude da separação entre um dentro e um fora. Um limiar que separa uma experiência de pertencimento e uma experiência de exclusão, limite constituído por *a gente*. Limite inflexível e forte, pois construído por um sujeito abstrato e simultaneamente concreto, sustentado por uma densa construção histórica, política e institucional determinada. Era do lado de fora que ele se encontrava todas as manhãs quando, aos três anos de idade, sua mãe o deixava na porta da escola maternal, meia hora antes do horário de abertura, para ir ao Banco da França onde trabalhava. Deligny acreditava que lá dentro já estavam todos os outros alunos e que o acesso permanecia não permitido para ele. A imagem da porta como limiar dentro-fora¹³ voltou em seus escritos ao longo dos anos.¹⁴

Aos doze anos de idade, Deligny estudava em um regime de meio período em uma escola em Lille e é dessa época que ele relembra o início de seu percurso de tramar redes, de empreender tentativas. Ele escreveu que, como as aranhas, ele

¹¹DELIGNY, *L'homme sans convictions*, p.5, inédito, 1980. Acessado nos arquivos em Cévennes.

¹²"Mais à quoi bon dire à des singes enfermés dans une cage à perroquet...: - je n'y suis pour rien? Leur faire que non aurait été dérisoire. Ma main droite était engourdie, froide. Ni signe, ni mot, ni mimique." (DELIGNY, 2012, p.27).

¹³"Isso que me aconteceu/foi esperar do lado de fora/a entrada na sala/enquanto que os outros estavam todos dentro/e a porta fechada". "Ce qui m'est arrivé/c'est d'attendre dehors/la rentrée en classe/alors que les autres étaient tous dedans/et la porte refermée." (DELIGNY, 2005, p.307).

¹⁴"Enquanto ele acreditava que eles estavam todos dentro, ele restava fora durante uma meia hora com três anos e meio. Era terrível! Isso marca um homenzinho até a sua morte, é o caso de dizer". "Alors qu'il croyait qu'ils étaient tous dedans, il restait dehors pendant un demi-heure à trois ans et demi. C'était épouvantable! 'Cela vous marque un bonhomme jusqu'à la mort, c'est le cas de dire'." (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.37).

não precisava de um motivo para que uma trama começasse, assim como a presa anterior não é o motivo da tessitura de uma teia¹⁵. Ele conta que no quarteirão onde morava, nas ruas vizinhas à rua de sua casa, uma rede se tramava. E ela era reencontrada a cada vez. Deligny se reconhece como tecelão dessa rede e ao mesmo tempo indica que uma rede se faz sozinha, ou melhor, a partir dos lugares onde ela se dá. Esse lugar, onde na ocasião se tramava essa rede infantil, eram - não sem motivo - algumas ruas e seus diferentes espaços, e não a escola. As ruas expressam uma atração da rede pelo vago, nos diversos sentidos que podem ser derivados da palavra: vago como lugar ainda não ocupado; como aquilo que a mente tem dificuldade de apreender ou aprender; e na sua forma infinitiva - vagar - como o movimento de andar sem motivo ou destino.¹⁶

Aos vinte anos de idade, Deligny abandonou o *hypokhâgne*, como são chamadas na França as classes literárias preparatórias para o concurso das Escolas Normais Superiores, passando a seguir os cursos de psicologia e de filosofia da Universidade de Lille, que ele abandonou mais tarde. Nesse período ele era redator-chefe da revista universitária *Lille-Université* e publicou nela seus primeiros textos. Cansado da estrutura da formação universitária, Deligny passava seus dias jogando o 421 com dois amigos, jogo de dados comum na França e no qual o acaso ocupa um lugar determinante. Um desses amigos era estudante de medicina e trabalhava no asilo de Armentières. Em uma das histórias de como teria conhecido o Asilo - os detalhes das histórias variam e sua precisão ou veracidade tem pouca importância em relação ao lugar estratégico ocupado por essas idas, vindas e invenções nas narrativas operadas por Deligny - ele conta que um dia seus companheiros não apareceram para o jogo. Ele vai então ao asilo em busca de seu amigo e lá encontra um mundo estrangeiro, distante dos dogmatismos da academia. Entre esse momento e o ano de 1939, quando Deligny começou a trabalhar em Armentières, ele visitou diversas vezes o asilo. Ele

¹⁵"Em me sentindo um pouco aracnídeo, eu não faço injúria nem à aranha nem ao homem e, do mesmo modo que para a aranha não é necessário ter provado alguma presa para se colocar a tecer, enquanto eu tramava a primeira rede da qual eu era artesão, eu ignorava radicalmente o porquê desse fazer, que, no entanto, me demandou alguma obstinação". "En me ressentant quelque peu arachnéen, je ne fais injure ni à l'araignée ni à l'homme et, de même que pour l'araignée il n'est pas nécessaire d'avoir goûté à quelque proie pour se mettre à tisser, alors que se tramait le premier réseau dont j'étais le artisan, j'ignorais radicalement le pourquoi de ce faire, qui m'a pourtant demandé quelque obstination." (DELIGNY, 2008, p.13).

¹⁶Em francês, a palavra *vague* designa, além desses sentidos, também onda e o movimento da superfície da água.

trabalhou em Armentières durante quatro anos, de 1939 a 1943; inicialmente, até ser mobilizado para a Segunda Guerra Mundial, como educador em uma classe especial e, após seu retorno, como educador em um pavilhão para jovens ditos perversos e irrecuperáveis.

A guerra foi outra grande marca na trajetória de Deligny. Ele, que perdeu seu pai na Primeira Guerra Mundial, escreveu de sua própria mobilização:

Seis pequenos corpos cinzas. Seus corações batem e eu, mais próximo deles que de meu capitão que havia feito Verdun, a outra guerra, e faz ainda essa, de carreira, mais próximo deles que de meu pai que foi morto em 1917, na fazenda de La Biette, mais próximo desses seis ratos que de qualquer outra pessoa, porque eles vivem tão estrangeiros ao acontecimento que eles não podem ser tocados. Enquanto que eu, no fundo de mim mesmo, eu sou também totalmente inocente, também completamente estrangeiro, tão pouco homem quanto possível, minha vida é a vida mesma dessas seis pequenas bestas, mas eu tenho um uniforme, mas eu estou na borda desse rio, em relação ao qual tenho tão pouca ligação quanto a todo resto. Completamente indiferente tanto à geografia quanto à história. Fora do tempo e do espaço¹⁷ (DELIGNY, 2007, p.12)

O asilo e a guerra são temas que não cessam de aparecer em seus escritos. O asilo como lugar de refúgio, um espaço de abertura para o humano e a guerra como a marca da sujeição máxima do homem¹⁸ em nome da primazia de uma vontade autônoma que definiria sua experiência no mundo. E se a sua experiência na guerra volta a seus textos frequentemente, como marca continuamente retomada e como insumo para diferentes reflexões conceituais elaboradas por ele, ele quase nunca fala diretamente dos campos de concentração ou do nazismo. A grande História parece realmente ceder lugar às histórias como espaços de constante redefinição com as quais podemos jogar, mas nunca representar em definitivo. No texto *Les Vagabonds Efficaces*, Deligny transcreve um lindo trecho

¹⁷"Six petits corps gris. Leur coeur bat et moi, plus proche d'eux que de mon capitaine qui a fait Verdun, l'autre guerre, et fait encore celle-ci, de carrière, plus proche d'eux que de mon père qui a été tué en 1917, à la ferme de la Biette, plus proche de ces six souris que de n'importe qui, parce que elles vivent, si étrangères à l'événement qu'elles ne peuvent pas être touchées. Alors que moi dans le fin fond de moi-même, je suis tout aussi innocent, tout aussi étranger, aussi peu homme que possible, ma vie est la vie même de ces six petites bêtes mais j'ai un uniforme, mais je suis là au bord de ce fleuve dont je me fous tout autant que du reste. Tout à fait aussi indifférent à la géographie qu'à l'histoire. Hors du temps et de l'espace." (DELIGNY, 2007, p.12).

¹⁸Deligny utiliza a palavra *homem* para designar a entrada no mundo simbólico, a possibilidade de representar, o movimento reflexivo da consciência de si e o acesso à linguagem. A noção de humano será desenvolvida por Deligny como aquilo que é comum a todos, anterior à linguagem e ao sujeito, uma camada para ele primordial. Trabalharemos mais detalhadamente essas duas noções ao longo do capítulo 5.

de uma mensagem que lhe foi enviada por uma integrante do Partido Comunista Francês (PCF) que havia sido presa pela Gestapo¹⁹ em 1941 e deportada em 1942 para o campo de concentração Ravensbrück. Ela retornou à França em 1945, repatriada pela Cruz Vermelha.

Eu tentava viver...As primeiras vozes que escutei foram de seus meninos. Eu sabia que eu estava em um bairro burguês, mas vozes carregavam gírias do bairro de onde eu vinha. Eu devo ter acreditado, durante vários dias, que era um delírio antes da morte, lembranças que sussurravam em meus ouvidos. Mas eis que eu não reconhecia as canções...Eu aceitei que aquilo que eu escutava era algo novo.

-Eu estou contente, sabe Deligny, eu estou contente de ter ouvido suas vozes, as primeiras.

A mulher que me dizia isso acabava de estar de pé do outro lado da morte e do suplício. Sua voz é a única, falando do meu trabalho, que me emocionou. Esse dia, eu assinei, sem lhe dizer, um pacto²⁰. (DELIGNY, 2007, p.180)

Falar da guerra é falar do obrigatório ou, mais ainda, da obrigação de fazê-la, ou ao menos de lá estar. O que pode parecer muito surpreendente é a facilidade com a qual todos aceitam essa obrigação, o que quer que o sujeito questionado pense desse acontecimento que, diferentemente dos fenômenos meteorológicos, não se produziria se os homens não fossem levados a fazê-lo. Fazer a guerra aparece, então, como um fenômeno obrigatório, uma vez que aqueles que são seus condutores ou artesãos pensam não querer um tal desastre. A partir do que, poder-se-ia crer que uma tal coerção, sentida como um infortúnio, será recusada por esses mesmos que são convocados para produzi-la e reproduzi-la. Isso seria conhecer mal os homens...longe de ficarem atormentados por essa privação sofrida por isso que poder-se-ia dizer sua liberdade, eles ficam aliviados....O que leva a pensar que todos devem possuir, em alguma medida, o obrigatório inveterado²¹. (DELIGNY, 2008, p.171)

¹⁹Gestapo significa em alemão a Geheime Staatspolizei, Polícia Secreta de Estado. Ela funcionou como polícia política, aplicando desumanas formas de tortura e crueldades durante o regime nazista.

²⁰"J'essayais de vivre...Les premières voix que j'ai entendues, c'était de tes gosses. Je savais que j'étais dans un quartier bourgeois et les voix étaient d'argot du quartier où j'étais, petite. J'ai dû croire, pendant plusieurs jours, que c'était du délire avant la mort, des souvenirs qui me cornaient dans les oreilles. Mais voilà que je ne reconnaissais pas les chansons...J'ai admis que ce que j'entendais, c'était du neuf. - Je suis contente, tu sais, Deligny, je suis contente d'avoir entendu leurs voix, les premières. La femme qui me disait ça était tout juste debout de l'autre côté de la mort et du supplice. Sa voix est la seule, parlant de mon travail, qui m'ait ému. Ce jour-là, j'ai signé, sans le dire, un pacte." (DELIGNY, 2007, p.180).

²¹"Parler de la guerre c'est parler de l'obligatoire, ou, plutôt, de l'obligation de la faire et, sinon de la faire, au moins d'y être. Ce qui peut paraître très surprenant, c'est la facilité avec laquelle tout un chacun accepte cette obligation quoi que le sujet recensé pense de cet événement qui, à la différence des phénomènes météorologiques, ne se produirait pas si des hommes n'étaient pas amenés à le faire. Faire la guerre apparaît donc comme un phénomène obligatoire alors que ceux qui en sont manœuvres ou les artisans pensent ne pas vouloir un tel désastre. À partir de quoi, on pourrait croire qu'une telle contrainte ressentie comme un malheur, va être refusée par ceux-là mêmes qui sont convoqués pour le produire et le reproduire. Ce serait mal connaître les hommes...loin d'être tourmentés par cette privation subite de ce qui pourrait se dire leur liberté, ils sont plutôt soulagés...Ce qui laisse à penser que tout un chacun doit avoir, en quelque sorte, l'obligatoire invétéré." (DELIGNY, 2008, p.171).

Foi com as marcas do asilo e da guerra enquanto lugares definidores de sua vida, portanto, que Deligny construiu suas tentativas e escreveu seus textos. Em 1938, Deligny começou a trabalhar como professor substituto em uma classe especial²² destinada a crianças com algum tipo de inadaptação que supostamente impossibilitaria a inserção destas em classes *normais* do sistema educacional. Inicialmente ele trabalhou em Paris e em seguida na cidade de Nogent-sur-Marne. Em 1939, ele foi nomeado professor especializado no Instituto Médico-Pedagógico (IMP) no asilo de Armentières, próximo a cidade de Lille. Ele trabalhou nessa classe até sua mobilização para a Segunda Guerra Mundial, em 1940. Sobre essas duas experiências ele escreveu, em 1949, o livro *Les enfant ont des oreilles*. O livro relata as diferentes histórias construídas conjuntamente com as crianças em sala. O traço realizado pela criança no quadro, em geral *mal feito*, deficitário se relacionado com os padrões esperados para uma criança em tal série, com tal idade, se torna uma abertura para um contar histórias que não partia do questionamento sobre o que um traço deveria ser e representar, mas da improvisação na criação coletiva de novos personagens, fora dos lugares e das funções previstas para cada um²³.

Onze meses depois, após sua desmobilização, ele retornou ao asilo para trabalhar como educador em um pavilhão destinado a crianças e jovens considerados irre recuperáveis. Seu primeiro livro, de 1944, *Pavillon 3*, retrata essa experiência, sua escolha por não trabalhar com educadores especializados, por contratar guardiões do meio operário, por implicar suas esposas e o meio externo

²²"Ele intervém, então, nas classes ditas de aperfeiçoamento que uma lei de 1909, tendo restado pouco aplicada, destina no âmbito mesmo da instituição escolar à educação de crianças 'déficients intellectuels' ou ainda 'anormais pédagogiques' (segundo uma fórmula da época para diferenciar dos 'anormais do asilo')." "Il intervient dans des classes dites de perfectionnement, qu'une loi de 1909, au demeurant peu appliquée, destine au sein même de l'institution scolaire à l'éducation des enfants 'déficients intellectuels', ou encore 'anormaux pédagogiques' (selon une formule de l'époque, par différence avec les 'anormaux d'asile')." (CHAUVIÈRE in DELIGNY, 2007, p.369).

²³"Essa tentativa de Deligny não é isolada. Ela deve, em efeito, ser colocada em relação com diferentes experiências de educação popular na França, sejam elas ligadas ao nome de Francisco Ferrer - fundador da Escola Moderna de Barcelona, em 1901, mas exilado durante os anos 1890 na França - ao de Célestin Freinet, aos movimentos escoteiros ou aos CEMEA (Centros de Treinamento nos Métodos da Educação Ativa), criados em 1937 sob o Front Populaire." "Cette tentative de Deligny n'est pas isolée. Elle est en effet à mettre en rapport avec différentes expériences d'éducation populaire en France, qu'elles soient liées aux noms de Francisco Ferrer - fondateur de l'École Moderne à Barcelone, en 1901, mais exilé pendant les années 1890 en France - et de Célestin Freinet, aux mouvements scouts et aux CEMEA (Centres d'Entraînement aux Méthodes d'Éducation Active), créés en 1937 sous le Front Populaire." (MIGUEL, 2016, p.41).

na construção de um trabalho em rede, por organizar saídas e por suspender as punições como forma de relação com as crianças e os jovens²⁴. Em 1943, Deligny saiu do asilo e assumiu a função de conselheiro técnico para a elaboração de um plano de prevenção à delinquência para a região do norte da França. Em seguida, ele se tornou diretor do Centro de Observação e Triagem (COT) de Lille. Os problemas enfrentados em relação à administração pública francesa devido a forma como Deligny constituiu o centro - a permanência do trabalho com não especialistas, as atividades desenvolvidas junto aos adolescentes, a escolha por um centro de portas abertas - somada a denúncia por maus tratos feita por ele em relação a um poderoso padre, jurista e diretor de um centro de acolhimento da região, fizeram com que o centro fosse fechado em 1946.

Essa iniciativa não é isolada. Ela é parte integrante da política da infância inadaptada em pleno desenvolvimento, fora da Educação nacional e fora da justiça de menores. Esse programa comporta dois eixos: a criação de Associações regionais de proteção da infância e da adolescência (Arsea)²⁵ no lugar de uma administração pública; a produção de uma doutrina *ad hoc* pelo Conselho técnico da infância deficiente e em perigo moral. 'Infância inadaptada' inclui, então, as crianças 'difíceis', delinquentes ou não e, em princípio, todas as outras formas de assistência à infância, notadamente as crianças abandonadas, doentes e aqueles que serão chamados um pouco mais tarde de deficientes. O projeto é ambicioso, sustentado por uma elite da psiquiatria infanto-juvenil (os Heuyer em Paris, Lafon em Montpellier, Dechaume em Lyon, Christiaens em Lille...), muito bem implantada em Vichy; ele aproveita, assim, um decaimento ideológico da Educação nacional (devido à laicidade, ao comunismo, à negação dos jovens

²⁴"O Hospital psiquiátrico de Saint-Alban, lugar de resistência na zona Sul, porto para alguns comunistas ou surrealistas célebres perseguidos pelo regime, é em efeito, enquanto dura a ocupação, um lugar de crítica exacerbada da ideologia paternalista dos 'investimentos sociais em direção à infância', ao mesmo tempo em que é um lugar de prática e de teorização daquilo que se tornaria a geo-psiquiatria, a psiquiatria de extensão, e depois a psiquiatria de setor." "L'hôpital psychiatrique de Saint-Alban, poche de résistance en zone Sud, havre pour quelques communistes ou surréalistes célèbres pourchassés par le régime, est en effet, pendant que dure l'occupation, un lieu de critique exarceée de l'idéologie paternaliste des 'investissements sociaux en direction de l'enfance', en même temps qu'un lieu de pratique et de théorisation de ce qui allait devenir la géo-psychiatrie, la psychiatrie d'extension, puis la psychiatrie de secteur." (CHAUVIÈRE, 1980, p.81).

²⁵Em francês ARSEA significa *Association régionale de sauvegarde de l'enfance et de l'adolescence*, traduzida aqui por Associação de proteção da infância e da adolescência. As ARSEA tiveram sua criação e funcionamento apoiados por circulares interministeriais e nunca contaram com um texto legal fundador. Elas tiveram um papel central na gestão das crianças e jovens considerados inadaptados, na França, a partir dos anos 1940. Elas materializavam a profunda relação público-privada do campo da reeducação e da readaptação (membros eleitos e membros de direito, liberdade de gestão associada à possibilidade de controle estatal, gestão de outras obras privadas desse campo, responsabilidade pelos Centros de Observação e Triagem...). Até agosto de 1944, no final do regime Vichy, foram criadas dez ARSEAS no país. Durante a Liberação esse número chegou a dezessete.

franceses de seus deveres frente a Deus e à pátria), segundo propaganda martelada pelo regime²⁶. (CHAUVIÈRE, 2007, p.369)

A partir dessa experiência, foram escritos os livros *Graine de Crapule*, em 1945 e *Les Vagabonds Efficaces*, em 1947. O período de 1938 a 1946 marca a fase mais institucional do trabalho de Deligny. Ele transitou entre a instituição escolar, a psiquiátrica e a sócio-jurídica. As nuances de seu trabalho em classes especiais e de seu trabalho no asilo, especificamente no pavilhão 3, marcaram um momento da França no qual se iniciava a construção da noção de infância inadaptada, que determinou a transição entre a lógica do descarte através da internação vitalícia das crianças *anormais* para as políticas de readaptação através da reeducação. O trabalho no COT, em Lille, é um analisador da fundação deste campo, de sua gestão pública e de sua estruturação em estreito vínculo com a iniciativa privada. Foi nesse período, também, que houve a fundação de um novo ofício especializado. O educador - e consequentemente as escolas de formação de educadores - passou a ter um lugar central na construção de uma política direcionada ao aproveitamento e à reinserção social dessa infância e dessa juventude. A nova figura do educador agregava em sua competência técnica as ações de observação e triagem exigidas por esse novo campo dominado por um saber médico-científico.

Tendo passado pelas três grandes instituições que definiram esse novo campo - escolar, psiquiátrica e jurídica -, Deligny se tornou um importante analisador da estruturação do conceito de *infância inadaptada*. Por sua vez a reconfiguração do contexto político e histórico na França, a partir do final dos anos de 1930 e nas décadas que se seguiram, foi essencial para os desvios que tiveram lugar na trajetória de Deligny. Compreender as linhas gerais desse

²⁶"Cette initiative n'est pas isolée. Elle est partie prenante de la politique de l'enfance inadaptée en plein développement, hors Éducation nationale et hors justice de mineurs. Ce programme comporte deux volets: la création des Associations régionales de sauvegarde de l'enfance et de l'adolescence (Arsea) en lieu et place d'une administration publique; la production d'une doctrine *ad hoc* par le Conseil technique de l'enfance déficient et en danger moral. 'Enfance inadaptée'inclut alors les enfants 'difficiles', délinquants ou non, et, en principe, toutes les autres formes d'assistance à l'enfance notamment les enfants abandonnées, malades et ceux qu'on dira un peu plus tard handicapés. Le projet est ambitieux, soutenu pour une élite de la psychiatrie infanto-juvénile (les Heuyer à Paris, Lafon à Montpellier, Dechaume à Lyon, Christiaens à Lille...) plutôt bien implantée à Vichy; il profite aussi du déclassement idéologique de l'Éducation nationale (pour cause de laïcité, de communisme, de détournement des jeunes français de leurs devoirs envers Dieu et la patrie, selon la propagande martelée par le régime)." (CHAUVIÈRE in DELIGNY, 2007, p.370).

contexto é um importante instrumento para situar as tentativas desenvolvidas por Deligny enquanto lutas políticas, para situar os lugares de onde ele escreveu e as posições que ele assumiu. Esse contexto será melhor explorado ainda nesse capítulo e retornaremos aos seus desdobramentos ao longo do texto. Essas primeiras tentativas, assim como os textos escritos nesse período, serão o objeto do próximo capítulo.

Deligny é, para esse estudo, não apenas a testemunha, mas também o analisador de uma época. Sem dúvida existem outros exemplos de militantes, de marginais mais ou menos resistentes à institucionalização em curso, e Deligny não representa sozinho todas essas experiências dissidentes. Mas juntar esses alguns outros testemunhos recolhidos obrigaria a definir, para os apresentar, critérios totalmente indefiníveis. O itinerário singular de Deligny é tão mais rico na medida em que ele atravessa uma boa parte das instituições da época (ARSEA, COT), que ele cruza com as personagens as mais esquecidas do *Roman* (Le Guillant, Wallon)²⁷...²⁸ (CHAUVIÈRE, 1980, p.198/199)

Em 1948, inicia-se o período da Grande Cordée. Tentativa junto a jovens que haviam passado por diferentes instituições e que não tinham se adaptado a nenhuma delas, estando em um ciclo de joga para cá, joga para lá, na dinâmica institucional da readaptação. A Grande Cordée, designada *organismo institucional de cura livre*, segundo seu estatuto, não possuía uma sede fixa de acolhimento e tinha como base para a estadia dos jovens os albergues de juventude, em toda a França. Inicialmente, Deligny os recebia em um teatro abandonado em Paris. Seu objetivo era, na conversa com eles, mapear seus interesses e algum caminho para

²⁷Henri Wallon era psicólogo e médico. Foi professor do Collège de France, Diretor do Laboratório de Psicologia da Criança e Presidente do Grupo Francês da Educação Nova. Tornou-se membro do Partido Comunista em 1942 e foi presidente da Grande Cordée. (ALVAREZ DE TOLEDO, in DELIGNY, 2007, p.384). Louis Le Guillant foi membro, a partir de 1943, do Conselho Técnico da Infância e da Juventude em Perigo Moral. Em 1944, foi encarregado, no Ministério da Saúde, da coordenação dos serviços da infância deficiente. Em 1945, passa a fazer parte do conselho de administração dos CEMEA. Em 1947, ele foi nomeado médico-chefe no hospital psiquiátrico de Villejuif, onde permaneceu até sua aposentadoria. Era psiquiatra associado da Grande Cordée e foi um dos fundadores da revista *La Raison*. (ALVAREZ DE TOLEDO, in DELIGNY, 2007, p.154).

²⁸"Deligny est pour cette étude non seulement le témoin mais encore l'analyseur d'une époque. Sans doute y a-t-il d'autres exemples de militants, de marginaux plus ou moins résistants à l'institutionnalisation en cours, et Deligny ne représente-t-il pas à lui seul toutes ces expériences dissidentes. Mais rassembler les quelques autres témoignages recueillis obligerait à définir pour les présenter des critères tout à fait introuvables. L'itinéraire singulier de Deligny est d'autant plus riche qu'il traverse une bonne partie des institutions de l'époque (ARSEA, COT), qu'il croise les personnalités les plus oubliées du Roman (Le Guillant, Wallon)..." (CHAUVIÈRE, 1980, pp.198/199).

um engajamento que pudesse modificar as circunstâncias que determinavam sua condição de inadaptação. A partir da identificação de um interesse, Deligny acionava uma rede de contatos por todo o território que pudesse garantir um lugar para que esse jovem fosse recebido e iniciasse um trabalho ou algum tipo de atividade. Apoiada por comunistas renomados como Le Guilland e Henri Wallon, mas em um período em que terminava a gestão tripartidária da qual era integrante o Partido Comunista e, conseqüentemente, em um contexto de declínio de sua influência política na gestão do Estado, a Grande Cordée, na primeira metade da década de 1950, passa a enfrentar significativas dificuldades financeiras e administrativas. Deligny deixou Paris em 1955. Este momento marcou o início de um novo período na tentativa e o início da transição do trabalho de Deligny: de uma atuação dentro da estrutura institucional do Estado para uma atuação em rompimento com o mesmo. Essa transição só se concluiu nos anos em Cévennes. Ela representou uma inflexão profunda não apenas na prática, mas na escrita de Deligny.

O período da Grande Cordée corresponde à fase em que Deligny menos escreve e o acesso aos detalhes sobre esse período se dá principalmente através de alguns pequenos textos, como *La caméra outil pédagogique* (1955), *Le groupe et la demande* (1967) e através da correspondência com Irène Lézine²⁹.

Em 1965, a situação financeira da Grande Cordée se tornou insustentável. A convite de Jean Oury³⁰, Deligny se instalou em La Borde até 1967. Nesse período, Deligny conheceu Jean-Marie, uma criança de doze anos de idade diagnosticada com autismo profundo. A mãe de Jean-Marie (Janmari, como passou a ser chamado) procurou Deligny através da dona da casa na qual ele morava, na tentativa de evitar sua internação. Deligny passou a se ocupar dele em La Borde e a criança se tornou o marco definitivo na mudança de seu percurso e a principal razão da ida para Cévennes. O período que se estende de 1948, com o

²⁹Irène Lézine foi secretária da Grande Cordée durante a década de 1950. Era psicóloga infantil e biógrafa de Anton Makarenko, pedagogo soviético. Deligny e Lézine possuem uma vasta correspondência referente ao período desta tentativa, até o ano de 1959. Sandra Alvarez de Toledo possui as cartas de Deligny. Agradecemos a ela a disponibilização desta importante fonte, sem a qual o acesso aos dados desse período seria extremamente limitado.

³⁰Jean Oury foi psiquiatra e psicanalista. Participou ativamente do desenvolvimento do movimento da psiquiatria institucional, através do Grupo de Trabalho de Psicoterapia e de Socioterapia Institucionais. Foi fundador e diretor da clínica de La Borde.

início da Grande Cordée, até 1967, com a saída de Deligny de La Borde, será analisado no capítulo 4.

Com Deligny se verificam, então, todos os riscos do alternativo, e a força já considerável do instituído. O instituído nosográfico - a infância inadaptada, seu cortejo de especialistas e de boas almas sem o qual nenhuma legitimação social é possível. O instituído administrativo - a institucionalização que já é irreversível, os preços de diárias da Seguridade Social, mesmo geridos em comum, a conduzem, mais seguramente ainda, que qualquer outro dispositivo financeiro. O instituído político - do clericalismo social ao PC, um e outro deixando aí algumas escórias, a política da infância inadaptada será assunto de consenso moral e econômico em médio prazo³¹. (CHAUVIÈRE, 1980, p.205)

Em Cévennes, Deligny passou seus últimos trinta anos. A tentativa de vida junto com crianças autistas passou por diferentes configurações entre 1967 e 1996, ano de sua morte, mas manteve linhas de trabalho que deram a ver de maneira constante a crítica que Deligny elaborou em relação à linguagem, ao sujeito e à instituição. Ele operacionalizou diferentes estratégias e dispositivos para pensar um espaço, uma rede - efetivamente a composição de um lugar - que se constituísse enquanto espaço de vida comum e de cuidado das crianças autistas. Simultaneamente, a pesquisa desenvolvida nesse período tinha como fundo a reflexão sobre aquilo que Deligny passou a chamar de o *homem-que-nós-somos*, expressão utilizada para designar os seres subjetivados, dotados de consciência de si. Se em todas as tentativas anteriores a Cévennes, as questões levantadas por Deligny já articulavam, de alguma forma, uma crítica do que seria a experiência fundadora do homem, elas se estruturavam de forma forte enquanto problematização sobre o cuidado em relação às crianças e aos jovens institucionalizados. Pode-se pensar que a transição definitiva em seu trabalho e

³¹"Avec Deligny se vérifient donc tous les risques de l'alternative, et la force déjà considérable de l'institué. L'institué nosographique - l'enfance inadaptée, son cortège de spécialistes et de bonnes âmes sans lequel aucune légitimation sociale n'est possible. L'institué administratif - l'institutionnalisation est d'ores et déjà irréversible, les prix de journée de la Sécurité sociale, même cogérée, y conduisent plus sûrement encore que tout autre dispositif financier. L'institué politique - du cléricalisme social au PC, l'un et l'autre y laissant quelques scories, la politique de l'enfance inadaptée sera affaire de consensus moral et d'économie à moyen terme." (CHAUVIÈRE, 1980, p.205).

em sua escrita se relaciona com a transição também definitiva de um *dentro* para um *fora* da relação institucional³².

Deligny não apresenta em nenhum de seus textos uma definição do que ele compreende como instituição, mas no terceiro número da série *Cahiers de l'immuable* ele nos indica uma pista: ele chamou de instituição e de instituído tudo aquilo que é da ordem da sociedade.³³ E a sociedade é aquilo que se expressa pela criação dos limites intransponíveis, dos limiares fixados pelas regras da *semelhança*³⁴, regras definidas por essa entidade abstrata e ao mesmo tempo concreta que é *a gente*. A não adaptação a tais regras, a impossibilidade de operar tal aproximação através do assemelhar-se, de atravessar o limiar, tem o custo de estar do lado de *fora*, estadia que implica uma pena muito alta, em geral materializada por um permanente estar do lado de dentro - dos diferentes muros e grades.

E aí está que 'o fundo' do indivíduo humano não é nada daquilo que *A GENTE* poderia imaginar. É preciso o ver para nele crer. Mas não o vê quem quer ou quem quereria. A palavra é mestre e nos dita o que se deve ver para que não seja rompida em nenhum ponto a coerência de um certo mundo: esse mundo em relação ao qual *A GENTE* nada pode.³⁵ (DELIGNY, 2007, p.708)

O período de Deligny em Cévennes foi um marco, portanto, de transição no conteúdo de seus textos. Tal transição coloca a necessidade de observarmos as mudanças que se operam, mas também as continuidades, as reformulações e as retomadas. A atuação de Deligny manteve traços existentes desde sempre:

³²Quando utilizarmos o termo instituição ou a expressão crítica institucional ao longo do texto, estamos nos referindo à instituição enquanto dispositivo de materialização do Estado, seja ele público ou privado, e englobando nesta designação os pressupostos que a constitui e os eixos de análise que dela se desprendem nos diferentes momentos históricos.

³³"...não é surpreendente que ele se encontre não *à marge*, mas sim *na franja* em relação àquilo que a sociedade (que eu chamarei Instituição, Instituído)..." "...pas étonnant qu'il se retrouve non pas *en marge*, mais plutôt *à la frange* avec ce que la société (que j'appellerai l'Institution, l'Institué)..." (DELIGNY, 2007, p.1004).

³⁴Deligny utiliza o termo *semblabliser* para designar o movimento de tornar o outro semelhante, no sentido de adequá-lo a uma determinada normatividade majoritária. Para ele a função de *semblabliser* é o fundamento das instituições e do Estado. Tornar homogênea a diferença, movimento que cada um retoma nos seus mais rotineiros encontros. A palavra *semblabliser* não existe em francês, assim como no português não existe uma tradução precisa para ela. Optamos por utilizar *semelhança* e *semelhança*.

³⁵"Et voilà que 'le fond' de l'individu humain n'est pas du tout ce qu'ON pouvait imaginer. Il faut le voir pour le croire. Mais ne voit pas qui veut ou qui voudrait. La parole est maîtresse et nous dicte ce qu'il faut voir pour que ne soit rompue en aucun point la cohérence d'un certain monde: ce monde auquel ON ne peut rien." (DELIGNY, 2007, p.708).

podemos observar em Cévennes a permanência de dispositivos que atravessam seu trabalho desde o final da década de 1930. Por exemplo, o problema do traçar no trabalho em classes especiais como forma de liberar de seus lugares as crianças: o desenho funcionava não como um espaço de significação, mas como abertura para a criação coletiva de histórias que visavam destituir o lugar sujeito do aluno, da turma e do professor. O traçar foi reencontrado no gesto autista. Ao mesmo tempo, os novos contornos que surgem tornaram seus textos mais conceituais e deixaram aparecer um teor diferente - o tom militante de combate dentro da ideologia da infância e de luta em relação ao sentido de educar, de readaptar, de docilizar, começou a ceder lugar para uma reflexão sobre a construção de um comum diferente da ideia de coletividade, de sujeito, de participação. No texto, *Carte prise et carte tracée*, escrito no final da década de 1970, Deligny afirma: "De fato, isso que nós buscamos, é mesmo isso que pode haver de *comum* entre essas crianças-aí e nós"³⁶ (DELIGNY, 2008, p.133).

Os textos referentes aos períodos anteriores revelam uma preocupação primordial em veicular uma tomada de posição política crítica em relação: ao trabalho do educador, retrato de sua experiência como educador especializado no final da década de 1930; à configuração do trabalho asilar - a função dos vigias, a estrutura de isolamento, a inutilidade da aplicação de sanções, fundada em sua experiência no asilo de Armentières. Uma tomada de posição em relação ao trabalho no campo daquilo que, no contexto político do pós-guerra na França, dizia respeito à aplicação de medidas reeducativas e readaptativas a crianças e jovens ditos inadaptados. Em todos os textos que Deligny escreveu ao longo desses primeiros trinta anos, já aparecia em filigrana questões que foram aprofundadas em Cévennes, mas o foco central era ainda a reflexão sobre o trabalho institucional na área da infância e da juventude. Em Cévennes, tal foco passou a ser a elaboração de uma crítica à linguagem como fundadora da experiência humana e consequentemente à imagem do homem.

As obras de Deligny anteriores a Cévennes estão, portanto, inseridas de maneira imediata em uma discussão relacionada com a estrutura e os pressupostos da Norma e do Estado e dialogam mais diretamente com questões institucionais.

³⁶"En fait, ce que nous cherchons, c'est bien ce qu'il peut y avoir de *commun* entre ces enfants-là et nous." (DELIGNY, 2008, p.133).

A ruptura em Cévennes, no entanto, não foi total - foi tão mais uma reconfiguração - e, se sua escrita se voltou para a pesquisa em relação a essa rede que rompeu com os liames institucionais, se ela se tornou mais densa e mais conceitual, permaneceram em seus textos uma contínua problematização, uma luta e uma tomada de posição frente às questões políticas de seu tempo.

O período em Cévennes marcou, então, uma mudança na forma de colocar o problema institucional e junto com ela uma mudança na forma e no conteúdo dos textos escritos. É importante dizer que Deligny escreveu em diferentes formatos: peças de teatro, roteiros de filmes, contos, novelas, romances e textos mais conceituais.

Deligny desenvolveu uma série de estratégias de escrita para dar a ver no texto a experiência de vida próxima às crianças autistas. Jean-Michel Caillot-Arthaud diz em *Presence de l'infinitif et infini de la présence*, do livro *50 ans d'asile*, "colocar na língua aquilo que é expressão do humano que a nossa sociedade em nome da socialização, da educação, de suas instituições, coloca voluntariamente fora de nós".³⁷ (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.112). Sobre a forma de sua escrita, é importante pontuar algumas questões: os textos de Deligny não são simples relatos ou manuais do que a experiência revelaria, mas criam uma conexão efetivamente produtiva com ela. Ele desenvolveu uma série de estratégias textuais para que a escritura - e também os mapas, os filmes - tornasse *lisível* a prática e promovesse desvios na constituição desta, desvios que posteriormente produziram outros na escrita. A escrita funcionava, então, como uma criação de forma de suas proposições. "Meus escritos não são senão um desvio estratégico, uma maneira de dizer que permite a prática, a lenda. O que eu escrevi não é a obra mesma, o obrar sendo existir."³⁸

Dando lugar para a forma verbal do infinitivo que destitui, junto com a eliminação da conjugação temporal e pessoal, o lugar do sujeito, os textos são uma tentativa de que o infinitivo primordial – esfera do que definirá o comum da

³⁷"...de mettre en langue, ce qui est une expression de l'humain que notre société, au nom de la socialisation, de l'éducation, de ses institutions, place volontairement hors de nous." (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.112).

³⁸Correspondência inédita com Michel Barthélémy datada de 21 de março de 1985. Texto que integraria possivelmente o projeto inacabado dos *Cahiers Lointain Prochain*. Material acessado no trabalho de construção do arquivo em Cévennes.

experiência humana para Deligny - invada a produção da palavra escrita. Ele escrevia sem cessar, retomava, refazia, voltava a diferentes versões, trazia em seus textos coisas de anos atrás, e tentava, assim, destituir da escrita o lugar da representação, do conteúdo fixado, um lugar de cristalização trazido pela assinatura. Deligny passou, também, a dialogar direta ou indiretamente com grandes intelectuais de seu tempo, apropriando-se de seus trabalhos e ao mesmo tempo produzindo desvios no pensamento filosófico, antropológico e político que se articulava na segunda metade do século XX na França. Exemplos desse novo movimento são suas discussões com Lacan, Althusser e Lévi-Strauss. Ademais, ele se correspondeu continuamente com diferentes interlocutores: Jean-Michel Chaumont, Isaac Joseph, Émile Copfermann, Marcel Gauchet, Louis Althusser, Michel Barthélemy, Renaud Victor, François Truffaut, Félix Guattari...A tentativa de Deligny, nesse período, permaneceu uma produção sempre e intensamente coletiva.

Non é a mim que eu escuto. Non é de jeito nenhum isso que funciona, isso que é do âmbito, digamos, da minha prática, disso que quer dizer práticas sucessivas e disparatadas...É, antes de tudo, tramar, a partir de um certo número de presenças aí...e isso se sustenta...isso se sustenta, isso persiste, isso existe.³⁹ (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.87)

A escrita repetitiva - a retomada das histórias, os pequenos detalhes modificados - e a disposição do texto nas páginas, parecem evocar o movimento das crianças no território, uma escrita que cria um lugar, permeado de lugares vazios, um movimento que produz um gesto no papel. A presença - sempre lá - do gesto de traçar primordial. O movimento reiterado das crianças foi a inspiração forte para a reflexão sobre o que Deligny chamará de *repère*⁴⁰, base do

³⁹"Je m'écoute pas. C'est pas du tout ça qui fonctionne, ce qui est du ressort de, disons, ma démarche, ce qui veut dire bien des démarches successives et disparates...C'est d'abord, tramer, de par un certain nombre de présences là...ça tient...ça tient, ça persiste, ça existe." (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.87).

⁴⁰Optamos por traduzir a palavra *repère* ao longo do texto por *referência* – algo que é percebido e que produz uma conexão organizativa da vida. Sua variação na forma infinitiva *repérer*, traduziremos por *referenciar*. Essa escolha difere da tradução do livro *Arachnéen et autres textes*, que foi publicado em 2015 pela editora N-1 com o título *O aracniano e outros textos*, que optou por utilizar a expressão 'reparar'. A tradução dos textos de Deligny, por sua estrutura e pelo lugar estratégico que a forma mesma de sua escrita ocupa na construção das tentativas, é tarefa árdua e complexa. Nesse caso, optamos por traduzir de forma diferente da publicada por achar que se a palavra *reparar* carrega o sentido de algo que é localizado – reparado – carrega também o sentido de reparação, de garantir uma compensação a algo que de outra maneira faltaria. *Reparar* para nós

desenvolvimento de todo o trabalho de produção cartográfica. Ainda, como vimos anteriormente, nos escritos continuamente retomados, nos textos de épocas diferentes, podemos ver a reapropriação incessante das mesmas histórias, levemente modificadas, fantasiadas, promovendo outras conexões, histórias autobiográficas misturadas com criações inventivas. Operação que desnorteia a noção de tempo e coloca o problema do espaço na escrita: o papel se torna lugar de espacialização dos eventos que destituídos de sua faceta cronológica e de uma preocupação com a veracidade - ou destituídos de seus lugares cristalizados de significados - trazem para a produção escrita uma memória que não é a memória de aprendizado, de educação, mas uma memória que ele chamou de específica.

O período de Cévennes será estudado no capítulo 5 do texto. Escolhemos utilizar ao longo do trabalho somente textos de Deligny ou textos que se refiram de uma maneira ou de outra, mais direta ou mais indiretamente, às tentativas por ele desenvolvidas. A utilização constante de citações diretas tem o objetivo de dar a ver a sua forma de escrever muito específica - a construção das frases, as pausas, as inversões - e o lugar ocupado pela escrita na construção de suas tentativas, assim como as repercussões da prática na escrita. Por termos realizado as traduções, sem que houvesse qualquer publicação de referência, mantivemos os textos originais nas notas de rodapé para consulta.

O problema institucional traçado por Deligny variou ao longo de sua trajetória e ganhou diferentes nomes - tentativa, jangada, rede... Deligny se definiu como um homem do asilo, e asilo, enquanto conceito, mesmo sendo uma definição tardia em seus textos, operou a condensação de sua crítica institucional. Ele é, no trabalho de Deligny, um dos eixos fortes desta crítica, por mais contraditório que isto possa parecer. Em um de seus sentidos, asilo é "um abrigo inviolável, um refúgio, pois não se pode nele remexer ou prejudicá-lo; o asilo pode ser, portanto, um lugar onde se é colocado em proteção contra um perigo" (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.157). Foi no sentido de asilo-refúgio, brecha às violências perpetradas por *a gente*, que Deligny

não marca de maneira clara a centralidade do lugar – do espaço – na construção da tentativa em Cévennes (como também nas tentativas anteriores).

durante toda sua vida tentou fabricar uma desinstitucionalização por meio deste. Foi nesse sentido que Deligny afirmou que amou o asilo, como acontece de uma pessoa amar outra e decidir passar sua vida com ela⁴¹. A possibilidade de produzir asilo, de oferecer refúgio estava fundada para Deligny em um respeito radical à experiência do outro, respeito que não se estruturava pelo encontro de semelhanças, pelo esforço de produzir identidades, pela descoberta de características próprias e coletivas que nos definem – uma língua, uma origem, uma fronteira geográfica partilhada – mas exatamente por um bloqueio do esforço de dizer o outro, de semelhartizar o outro, bloqueio que cria brechas que dão a ver uma experiência comum primordial, anterior à linguagem, e assim anterior à violência fundada na experiência da consciência de si que define um ter - propriedade -, um querer – o projeto pensado -, e uma norma norteadora do corte entre humanos e não humanos. O comum em nós não *se vive*, para Deligny, isso vive.

Quem são ELES, esses ali, próximos, e que vivem de bom grado nos confins desse mundo do verbo que dizem ser o humano mesmo? Do povo, é preciso dizê-lo. INICIATIVA POPULAR, essa brecha nas soluções de reclusão, mesmo que disfarçadas. Para que uma criança possa acontecer em outros que nos lugares previstos pelo Estado por seu estado, é bem preciso que alguns adultos sejam arrancados da força de atração do emprego que os esperava, aqui ou lá, e decidam viver na busca incessante nesse ‘nós outros, aí’ que permita a essas crianças não permitidas de ousar, de ousar ser, estando o verbo aí ou não...Será preciso inovar, partilhar, se impedir de interpretar, tentar e tentar ainda, que essa criança aí e sua história se tornem a questão, a ‘aposta’, de um certo número, de um ‘NÓS’ de presenças próximas. INICIATIVA POPULAR, não há outro termo, nem outra saída para uma ou outra dessas crianças...⁴²

⁴¹"Eu amava o asilo. Tome a palavra como você queira: eu o amava, como é muito provável que muita gente amando alguém decida fazer sua vida com." "J'aimais l'asile. Prenez le mot comme vous voulez: je l'aimais, comme il est fort probable que beaucoup de gens aiment quelqu'un décidant de faire leur vie avec." (DELIGNY, 2007, p.1129).

⁴²"Qui sont-ILS, ceux-là, proches, et qui vivent de leur plein gré aux confins de ce monde du verbe dont on nous dit qu'il est l'humain même? Du peuple, il faut le dire. INITIATIVE POPULAIRE, cette brèche dans les solutions de réclusion, seraient-elles déguisées. Pour qu'un enfant puisse avoir lieu ailleurs que dans les lieux prévus par l'État pour son état, il faut bien que quelques adultes se soient arrachés à la force d'attraction de l'emploi qui les attendait, ici ou là, et décident de vivre à la recherche incessante d'un 'nous autres-là' qui permette à ces enfants 'interdits' d'oser, d'oser être, que le verbe y soit ou n'y soit pas...Il va falloir innover, se relayer, s'interdire d'interpréter, tenter et tenter encore, que cet enfant là et son histoire deviennent l'affaire, le 'pari', d'un certain nombre d'un 'NOUS' de présences proches. INITIATIVE POPULAIRE, il n'y a pas d'autre terme et pas d'autre issue pour l'un ou l'autre de ces enfants..." (DELIGNY, 2007, p.885). Essa tradução foi publicada nos Cadernos da Subjetividade, ano 12, nº 18, pp.137-151.

As possibilidades de encontro com Deligny são vastas. Um encontro de leitura solta, um caminho pela poesia de sua obra, a proposição de uma reflexão literária a partir de seus textos, explorar a relação de seu trabalho com a imagem, com o cinema. Descobrir os mapas e refletir sobre a produção cartográfica realizada ao longo de dez anos em Cévennes. Desenvolver uma reflexão filosófica sobre temas tão centrais como a discussão do humano, do inato e do adquirido, da natureza e da cultura, da contingência e da necessidade. Simplesmente ler, se deleitar com a beleza de seus textos. A leitura solta e o prazer de cada linha certamente nos acompanharam todo o tempo. Talvez sejam eles que tenham garantido a permanência desse encontro ao longo dos últimos quatro anos. No que toca ao trabalho de construção desse texto, eles foram aquilo que garantiu que qualquer criação tivesse lugar, que garantiu que um texto fosse a criação de um novo lugar. Talvez seja essa a aposta mais arriscada em se propor a estudar, a escrever, a viver. Criar lugares novos. Esquivar aos lugares enrijecidos.

Comprendemos, efetivamente compreendemos, não faz muito, que a criação de lugares só pode se dar no encontro com o outro. Esse encontro só é uma aposta radical na alteridade se não o vivemos a partir de uma tentativa incessante de compreensão e de semelhança. Apostamos assim, radicalmente, em respeitar o outro, sempre e para sempre como outro. Em aquietar, em silenciar, em se relacionar de maneira serena com o impulso forte de julgar, de interpretar, de ver o mundo a partir de nosso ponto de vista. No texto tentamos, então, a criação de uma perspectiva que não seja o ponto de vista do sujeito que escreve. Tentamos essa construção a partir de dar a ver o outro. Esse outro do qual temos sido presença próxima ao longo dos últimos quatro anos de vida e de trabalho. Com o qual temos construído uma vida comum, um costumeiro. Outro que tem nos garantido um encontro necessário e imprescindível para a elaboração de um texto. Para a construção de um território mais palatável para a vida. Que colocou em questão, em uma arrebatadora experimentação de outro território, nossa própria vida, nossos lugares. Experiência com Deligny que nos deu a viver com tantos outros, no sul pouco povoado de um país estrangeiro, na vastidão de suas cadeias de montanhas verdes. E no centro, povoado por todos os lados, desse mesmo país. Onde, embebidos pela sensação de seus escritos, descobrimos caminhos mais suaves, pequenas ruelas, canais de calma.

Dar a ver o outro a partir de suas próprias histórias, de seus escritos. Esse texto é, assim, um esforço de expor Deligny. De não interpretá-lo a partir do problema que nos colocamos, mas deixar que linhas desse problema se delineiem a partir da leitura de seus textos.

Ao experimentarmos esse encontro, nos colocamos outro desafio ao mesmo tempo. Como estudar e escrever sobre Deligny sem que o que derive disto seja uma moda? É com alegria que experimentamos os novos encontros promovidos pela vivência do estudo deste escritor. Com alegria vemos pessoas com trabalhos e reflexões interessantes partilhando mesas e debates, vemos um de seus livros ser traduzido ao português, eventos se organizando, vemos nós mesmos no aprofundamento da relação com sua obra. Com contentamento, receio e cuidado. Tentando a todo tempo nos colocar a questão de como permanecer em uma construção com sua escrita, com a reflexão sobre suas tentativas, sem que Deligny se torne um modelo. Talvez seja mesmo contraditória uma relação mais permanente com seus escritos, a organização destes em obras encerradas, a proposta de construção de um arquivo. Existiria uma relação de longa duração, uma presença constante, que não viesse a instituir lugares cuja rigidez e definição seriam quase impossíveis de escapar?

Os caminhos possíveis de encontro com os textos de Deligny são, então, diversos. Mas nós escrevemos a partir de lugares experimentados e, assim, existem problemas que nos guiam nesses caminhos. Esperamos, durante todo o tempo, viver esses problemas como pretextos. Pretexto de um caminho que se traça, de um trabalho, de uma pesquisa. Não como um projeto definido, mas como uma possibilidade e uma energia que nos faz caminhar. Mas problema-projeto existe e ele orienta nosso olhar e nosso percurso pelos textos. Como na vida, vamos tentando experimentar esses projetos com a abertura para que as forças que eles carregam desviem os caminhos, que o percurso seja efetivamente mais importante que o objetivo imaginariamente traçado. O problema que nos colocamos é estrangeiro a um campo de pesquisa determinado ou exclusivo. E Deligny tão ou mais estrangeiro ao campo de estudo ao qual esse texto está associado. Apostamos com toda a força nesse estrangeirismo como meio, quase como garantia, de produção de deslocamento. Nos desestabilizamos para não permitirmos que as relações conhecidas sejam mais fortes que a possibilidade de

abertura para o novo. Deligny é estrangeiro à universidade, aos lugares hegemônicos de produção de conhecimento e sua vida foi uma tentativa de assim permanecer. O que ele mais temia era virar modelo, moda. Deligny é certamente estrangeiro ao direito. Mas ele também o é em relação à filosofia, ao cinema, à antropologia, à psicologia... O problema que nos orienta é desdobramento de nossa trajetória acadêmica sempre dentro e sempre fora do direito enquanto campo delimitado de saber e de uma trajetória de militância que articulada ao direito não deixou de se afastar dele. Propomos assim que a discussão sobre a criação institucional nos indique os rumos da escrita.

A discussão institucional nunca deixou de permear o trabalho de Deligny. Se ela é mais clara nos primeiros trinta anos de seu percurso, nos quais ele se encontrava, de uma forma ou de outra, dentro do quadro institucional do Estado, ela não é menos presente na sua transição para fora deste no final dos anos 1950 e no início dos anos 1960, nem nos trinta anos em que viveu em Cévennes. São os contornos, a partir dos quais Deligny constrói sua crítica institucional nos diferentes períodos de seu trabalho, que se definem como nosso problema de pesquisa. É assim que esse texto é uma apresentação de Deligny a partir de seus próprios escritos e de sua leitura, com o objetivo de refletir sobre qual a crítica institucional construída por ele de 1937 a 1996. Sentimos que tal crítica, que a construção e a afirmação de uma posição sempre à margem nas diferentes tentativas, que a constante esquiva aos lugares instituídos, que a recusa do modelo como meta de trabalho, que o desvio ao projeto definido, são o pano de fundo de toda a trajetória de Deligny. O campo problemático traçado por esse caminho em seus textos se desenha a partir da articulação de diferentes temas - a crítica à propriedade, à vontade, à ideia de liberdade, de coletividade, à linguagem, a uma imagem do homem-sujeito - como forma de refletir sobre a questão institucional.

O texto, portanto, não é de todo estrangeiro ao direito, mas o pega por outro lado. Refletir sobre o problema institucional, sobre a construção institucional enquanto ferramenta pela qual o Estado se concretiza e enquanto forma de instrumentalização e consolidação das relações de força que compõem uma determinada realidade histórica e política, é também falar de direito. É assim

que esse texto é *quase* estrangeiro ao campo no qual ele se apresenta, como escreveria Deligny⁴³.

Esse campo problemático orienta o percurso entre os textos, a exposição dos problemas explorados por Deligny e direciona a atração por alguns caminhos a percorrer, pelas histórias a contar. Enquanto projeto, a exploração desse campo cria as circunstâncias para que o movimento do estudo e da escrita se dê, mas não ocupa o lugar daquilo que determina o que se tornará o trabalho uma vez concluído. O processo só existe através da construção do mesmo enquanto atenção sensível aos acasos do percurso, isso que faz do processo da escrita um constante ensaio. Uma tentativa. Uma história contada por Deligny, no texto *Arachnéen*, nos ajuda a expor a tentativa de escrever, de pesquisar, de pensar, de criar. Tentativa tão ousada quanto assumir que não dominamos aquilo que pensamos ser o resultado de nossa vontade. Que não somos efetivamente os criadores daquilo que produzimos. Somos mais artesãos do que mestres de obra.

O fato é que essa rede revigorada devia-se a um projeto que se pode formular: ir matar uma brava velha na casa da qual um dos cinco havia trabalhado alguns anos antes. Eis aí uma rede que era preciso decapitar; o que deixa pensar que a cabeça da rede é o 'projeto pensado' ou, melhor, o projeto formulado, o que não é, talvez, de forma alguma a mesma 'coisa'. O que revigora os quatro ou cinco caras é realmente a ideia de matar uma velha mulher? É, antes, o novo modo de ser de alguns que, no tédio asilar, faz acontecimento. Seria suficiente que a costura inicial fosse varrida, como acontece à aranha de fazer. O 'projeto pensado' que parece ser o fim aparece como aquilo que ele é: o pretexto ou, para dizer de outra forma, a ocasião. Poder-se-ia dizer o mesmo do canto do muro onde a aranha vai fixar sua teia. Se ocasião pode querer dizer circunstância, vê-se bem que a brava velha não está lá, dentro do asilo; há certamente o 'projeto pensado'; foi necessário que um desses quatro ou cinco caras pensasse nessa brava velha; matá-la não era, no entanto, o projeto mesmo que consiste antes em utilizar o dinheiro para ir à Dunkerque ou à Calais procurar um lugar em um barco; então este projeto retomado, alguns anos mais tarde, estando munido de subsídios que permitiam tornar possível tais projetos que, para dizer a verdade, abundam; se fazia assim a economia de um crime crapuloso. De fato o desconcerto das autoridades diante do fato de uma rede é notável. Acontece que dissidentes cheguem a jogar com esse instrumento - a rede - com uma virtuosidade tão impressionante que se diria por reflexo.⁴⁴ (DELIGNY, 2008, pp.26/27)

⁴³Em diferentes momentos, nos textos, Deligny utiliza a expressão *quasiment* para negar parcialmente algo que ele havia afirmado anteriormente. *Tal coisa é de tal jeito...ou quasiment (quase)*.

⁴⁴"Le fait est que ce réseau revigoré était dû à un projet qui peut se formuler: aller tuer une brave vieille chez laquelle l'un des cinq avait travaillé quelques années auparavant. Voilà un réseau qu'il fallait décapiter; ce qui laisse à penser que la tête du réseau est le 'projet pensé' ou plutôt le projet formulé, ce qui n'est peut-être pas tout à fait la même 'chose'. Ce qui revigore les quatre ou cinq

Retraçar e expor a trajetória de trabalho de Deligny a partir de seus textos escritos ao longo de quase sessenta anos. Acompanhar os diferentes períodos de sua atuação, dar a ver a partir de cada uma de suas diferentes inserções como o debate institucional permeou sua reflexão e sua produção escrita e como as questões levantadas por ele - os diferentes temas desenvolvidos - possibilitam a construção de uma crítica em torno do tema da instituição. Através daquilo que as tentativas de Deligny *esquivavam* - não havia confronto, mas desvios após cada limite institucional vivenciado -, tentamos visualizar qual a perspectiva crítica e criativa que Deligny expõe em relação às instituições. É necessário, para explorar o tema, a atenção ao seu percurso nas diferentes instituições, associada à compreensão dos contornos do contexto histórico e político da França após o final da década de 1930.

As diferentes tentativas de Deligny, desde o final da década de 1930, se constituíram em um período de redefinição do contexto político nos campos da infância e da juventude. Esta redefinição foi responsável por articular os setores médico, jurídico e educativo em torno das noções de inadaptabilidade e de reeducação. Situar a construção e o fortalecimento político, durante o período da Segunda Guerra Mundial, do conceito de *enfance inadaptada* na França é crucial para a compreensão das iniciativas empreendidas por Deligny. Essa contextualização histórica tem como objetivo delinear algumas diretrizes do desenvolvimento desse conceito que possam situar as circunstâncias na qual Deligny estava inserido. A construção desse conceito teve impactos mais visíveis nos anos que seguiram ao final da guerra, mas as modulações no campo da

gars, est-ce réellement l'idée de tuer une vieille femme? C'est plutôt le nouveau mode d'être de quelques-uns, qui, dans l'ennui asilaire, fait événement. Il suffirait que le faufilage initial soit ravalé, comme il arrive à l'aragne de le faire. Le 'projet pensé' qui paraît être la fin apparaît pour ce qu'il est: le prétexte ou, pour le dire autrement, l'occasion. On pourrait en dire autant du recoin de mur où l'aragne va fixer sa toile. Si occasion peut vouloir dire circonstance, on voit bien que la brave vieille n'est pas là, dans l'asile; il y a bien 'projet pensé'; il a bien fallu que l'un des quatre ou cinq pense à cette brave vieille; la tuer n'est d'ailleurs pas le projet même qui consiste plutôt à utiliser l'argent pour aller à Dunkerque ou à Calais chercher une place sur un bateau; c'est donc ce projet que j'ai repris, quelques années plus tard, en étant muni d'une caisse qui permettait de rendre possible de tels projets qui, à vrai dire, foisonnent; se faisait ainsi l'économie d'un crime crapuleux. En fait le désarroi des autorités devant le fait d'un réseau est remarquable. Il arrive que des dissidents parviennent à jouer de cet instrument - le réseau - avec une virtuosité tellement étonnante qu'on le dirait réflexe." (DELIGNY, 2008, pp.26/27).

infância e da juventude determinaram os desenhos institucionais que dele derivaram durante diversas décadas.

De outra parte, esse trabalho repousa sobre a hipótese de que nós vivemos ainda hoje os desafios principais enfrentados no momento dessa edificação, ou seja, precisamente entre 1940 e 1950. Um certo suporte institucional enraizado nessas datas, nos parece intacto, a despeito das políticas que se sucederam (aí incluídas as recentes leis de 1975), as numerosas e contraditórias práticas que se acumularam e a evolução mesma da noção de inadaptação. Que nós retenhamos o papel cada vez mais decisivo da seguridade social, a integração dessas atividades no terceiro setor social, a difusão de ferramentas psicológicas e analíticas, a evolução lenta do internato em direção ao externato, todas as fórmulas do meio aberto ou da prevenção, desde 1950 o setor da infância inadaptada continuou a evoluir, mas antes em sua economia e em suas práticas do que em suas estruturas.⁴⁵ (CHAUVIÈRE, 1980, pp.11/12)

Utilizamos majoritariamente três referências para a construção desse pano de fundo conjuntural: o livro *Enfance Inadaptée: L'héritage de Vichy*, de Michel Chauvière; a tese de doutorado de Marlon Miguel, *À la Marge et hors-champ. L'humain dans la pensée de Fernand Deligny*; e o livro de Pierre-François Moreau, *Fernand Deligny et les idéologies de l'enfance*⁴⁶. O objetivo dessa retomada é mostrar algumas linhas que se traçavam no contexto político-institucional no qual Deligny inicia sua trajetória e cujos contornos ao longo dos anos influenciaram de maneira determinante os desvios realizados em seu percurso de tentativas. A nova estrutura política em torno da infância e da juventude, a organização de toda uma nova rede institucional, a definição de novos campos especializados de saber, as reconfigurações dos campos já existentes, a criação de novos setores especializados no problema da infância e da juventude e a articulação de uma nova forma de divisão de poderes dentro da administração pública em estreito diálogo com os interesses de um crescente setor

⁴⁵"D'autre part, ce travail repose sur l'hypothèse que nous vivons encore aujourd'hui des enjeux principaux dressés au moment de cette édification-là, c'est-à-dire précisément entre 1940 e 1950. Un certain socle institutionnel, enraciné en ces dates, nous paraît intact, en dépit des politiques qui se sont succédées (y compris les récents lois de 1975), des pratique nombreuses et contradictoires qui se sont accumulées et de l'évolution même de la notion d'inadaptation. Qu'on retienne le rôle de plus en plus décisif de la Sécurité sociale, l'intégration de ces activités dans le tertiaire social, la diffusion des outils psychologique et analytiques, l'évolution lente de l'internat vers l'externat, toutes les formules de milieu ouvert ou la prévention, depuis 1950 le Secteur enfance inadaptée a bien continué d'évoluer, mais c'est davantage dans son économie et ses pratiques que dans ses structures." (CHAUVIÈRE, 1980, pp.11/12).

⁴⁶Não é objetivo do texto esgotar as questões históricas, políticas e materiais que determinaram o aparecimento e o desenvolvimento do conceito de infância inadaptada na França. Para informações mais detalhadas sobre esse tema consultar as três obras citadas.

privado nessa área, formaram o contexto determinante para a luta de Deligny e para sua crescente necessidade de esquivar a lógica institucional que se articulava. Ao longo de todo o texto, serão explorados, na medida em que a própria exposição do percurso de Deligny exigir, mais detalhes que auxiliem a compreensão acerca de cada um dos períodos⁴⁷ utilizados para organizar a exposição de seu trabalho.

Na segunda metade da década de 1920, foram traçadas as primeiras linhas que orientaram a construção desse campo político, institucional e normativo. Em 1927, foi fundado um comitê nacional para a proteção das crianças em relação com a justiça e, em 1928, um comitê nacional de estudos sociais e políticos. Este, que não possuía um mandato oficial, era composto por sete especialistas da área da infância e tinha por objetivo refletir acerca do problema da *infância em perigo moral*. Até a década de 1920, as políticas estatais direcionadas ao campo da infância e da juventude *desviantes* se resumiam à proposição de medidas punitivas e repressivas. Durante a década de 1930⁴⁸, ainda de maneira desarticulada e esparsa, foram propostas diferentes leis e decretos sobre o tema, teve início a

⁴⁷A divisão da exposição da obra e do trabalho de Deligny em três períodos não tem como fundo a compreensão dos mesmos de forma desarticulada ou sobreposta. A proposição da divisão pretende organizar a construção do texto a partir dos grandes períodos que marcam sua trajetória, reconhecendo as múltiplas continuidades, assim como dando a ver as transições e mudanças.

⁴⁸Sobre o papel do movimento de escoteiros no movimento de virada para a perspectiva da reeducação e da readaptação em relação à infância e à juventude: "Se a reeducação e a readaptação se tornam, no final dos anos 1930, um verdadeiro problema é, então, em grande parte por razões econômicas. Mas não é somente a saúde mental que se interessa por esses problemas. A essa última seria preciso também agregar os movimentos escoteiros e, como nós já evocamos, a Igreja - e seus sócio-clérigos. A pedagogia escoteira toma uma via não repressiva e não tecnicista, funcionando antes por 'ligação afetiva', por 'identificação', do que por técnicas de disciplinamento direto. É uma pedagogia muito mais próxima dos métodos da educação nova e ativa, salvo que ela se estende a todos os níveis da vida do indivíduo, funcionando como um verdadeiro 'modo de ser', segundo um certo número de códigos - tais como o sentimento de honra e de moralidade, a importância do chefe e da hierarquia, o espírito patriota e comunitário, a virilidade, o controle de si...O escotismo funciona como 'uma polícia dos caracteres e das condutas' e seu objetivo é a construção de um 'homem novo', de uma 'nova juventude'." "Si la rééducation et la réadaptation deviennent à la fin des années 1930 un véritable problème, c'est donc en grande partie pour des raisons économiques. Mais ce n'est pas simplement la santé mentale qui s'intéresse à ces problèmes. À cette dernière, il faudrait aussi ajouter les mouvements scouts et, comme nous l'avons déjà évoqué, l'Église - et ses socio-clercs. La pédagogie scout prend une voie non-répressive et non-techniciste, en fonctionnant plutôt par 'accrochage affectif', par 'identification', que par des techniques de redressement direct. C'est une pédagogie beaucoup plus proche des méthodes de l'éducation nouvelle et active, sauf qu'elle s'étend à tous les niveaux de la vie de l'individu, fonctionnant comme un véritable 'mode d'être' selon un certain nombre de codes - tels que le sentiment de l'honneur et de la moralité, l'importance du chef et de la hiérarchie, l'esprit patriotique et communautaire, la virilité, la maîtrise de soi...Le scoutisme fonctionne comme 'une police des caractères et des conduites' et son but est la construction d'un 'homme nouveau', d'une 'nouvelle jeunesse'." (MIGUEL, 2016, p.95).

organização do setor de assistência educativa e foi descriminalizada a vagabundagem. São diretrizes que começam a expor um direcionamento para a substituição de uma tutela exclusivamente penal por uma tutela reeducativa em relação à infância. Uma comissão interministerial foi criada no final de 1936, sob o governo do Front Populaire⁴⁹, como tentativa de articulação entre os setores da saúde pública, da educação nacional e da justiça.

Durante o primeiro congresso de neuropsiquiatria infantil, realizado no ano de 1937, foram definidas comissões especializadas que fundavam a ligação entre medicina, pedagogia e direito em torno de temas como psicopatologias infantis, psiquiatria escolar e psiquiatria jurídica. Delineou-se assim uma relação médico-pedagógico-jurídica que foi o instrumento central da consolidação e da extensão desse campo nascente. Foi, portanto, sob a gestão do Front Populaire que as novas diretrizes institucionais começaram a se desenhar, a partir de uma tentativa de articulação que permitiu, nos anos que se seguiram, a efetiva formação de um campo institucional, profissional e intelectual sobre a infância.

Esta harmonização foi, no entanto, um processo lento. Ela se estruturou sobre meio século de leis elaboradas de forma desarticulada e sobre o desenvolvimento descoordenado de políticas públicas. Se desdobrou em torno de múltiplos e desencontrados interesses financeiros e políticos e sobre um arranjo institucional fragmentado, construído na tentativa de articulação de interesses públicos e privados e do difícil equilíbrio entre os financiamentos estatais e a exigência de autonomia pela gestão privada. A partir de 1942, sob o governo Vichy⁵⁰, o conceito de infância inadaptada passou a contar com contornos mais

⁴⁹O Front Populaire foi uma coalizão que governou a França de 1936 a 1938. Ele era formado por três partidos de esquerda, o Partido Comunista, a Seção Francesa da Internacional Operária, e o Partido Radical-Socialista, além de diversos outros movimentos. O Front Populaire realizou uma série de reformas populares e garantiu o estabelecimento de direitos trabalhistas como as férias remuneradas, a redução da jornada de trabalho para quarenta horas semanais e as convenções coletivas. Tal coalizão pretendia fazer frente ao movimento de crescimento do poder de governos autoritários na Europa.

⁵⁰O Regime de Vichy é o nome dado ao período político em que a França foi governada pelo Marechal Philippe Pétain, de 10 de julho de 1940 a 20 de agosto de 1944, durante a ocupação do país pelas forças armadas do Terceiro Reich. A sede desse governo se situava em Vichy, zona livre até novembro de 1942. Pierre Laval ocupa um lugar central durante o regime de Vichy. De julho a dezembro de 1940, ele é vice-presidente do Conselho (o presidente do Conselho, durante as III e IV Repúblicas francesas era o chefe de governo) do Marechal Pétain. Excluído em dezembro de 1940, ele volta ao poder como Chefe de Governo em abril de 1942, permanecendo nesse cargo até agosto de 1944. Durante a Liberação ele é preso e morto por grande traição e complô contra segurança do Estado, devido a sua contribuição com o regime nazista.

delimitados. Em abril daquele ano, ocorreu uma virada fascista que se concretizou pela substituição da gestão de Philippe Pétain pela de Pierre Laval. Datam desse período todas as leis que organizaram a questão da infância em *perigo moral*, assim como a organização definitiva de uma política regional nesse campo.

Uma lei de julho de 1942, por exemplo, determinava a separação entre duas esferas do processo penal referente a infância e a juventude. Uma cuja responsabilidade cabia a um conselho não especializado do tribunal de cada bairro e que era competente por definir acerca da culpabilidade, do relaxamento da punição e da recolocação da criança em família; e outra para os casos mais complexos e de competência do tribunal regional, cuja decisão deveria ser subsidiada por um período de observação em centros especializados com atribuição também regional. Tal lei restou sem regulamentação específica, mas ela delineou o cenário que permitiu o surgimento de diversas associações regionais de proteção da infância e da adolescência e dos respectivos centros de observação e triagem. Estes eram responsáveis pela realização de testes, pela observação e pela definição de encaminhamentos para o sistema reeducativo em relação aos casos acompanhados judicialmente. A lei afirmou a escolha pela possibilidade da recuperação em detrimento da supremacia da punição. Ela manteve, no entanto, a possibilidade de recurso aos *métodos ordinários de punição* para os casos considerados mais graves.

Assim, então, dos centros de acolhimento, confirmados e organizados em março e setembro de 1942, às disposições da lei de julho, nós vemos se operar uma primeira extensão articulada sobre o setor privado e sobre o setor público das jurisdições de menores...A economia geral dessa mutação, na qual domina a magistratura, é simples. Criar um dispositivo privado de gestão não carcerária da população delinquente, compreendendo centro de acolhimento, centro de observação, centro de reeducação, dedicados à liberdade vigiada, etc., ao lado de um enquadramento carcerário mantido no setor público.⁵¹ (CHAUVIÈRE, 1980, p.43)

⁵¹"Ainsi donc, des centres d'accueil, confirmés et organisés en mars et septembre 1942, aux dispositions de la loi de juillet, voyons-nous s'opérer une première extension articulée sur le secteur privé et sur le secteur public des juridictions des mineurs...L'économie générale de cette mutation où domine la magistrature est simple. Mettre en place un dispositif privé de gestion non carcérale de la population délinquante, comprenant centre d'accueil, centre d'observation, centre de rééducation, délégués à la liberté surveillée, etc., à côté d'un encadrement carcéral maintenu dans le secteur public". (CHAUVIÈRE, 1980, p.43).

Como abordaremos ao longo do texto, se a consolidação efetiva desse conceito se operou sob a gestão de um governo autoritário e durante o período de ocupação da França pelo nazismo, o período da Liberação⁵² não rompeu com a lógica nascente. Nos anos que se seguiram à guerra, foram promovidas algumas modulações desse campo, mas foi garantida a manutenção de uma poderosa articulação entre os setores da educação, da justiça e da medicina no controle e na gestão da infância.

Então, a partir de 1942, sobre uma base diversificada e desarticulada que foi, ao longo das décadas seguintes, expressa por diferentes contradições e disputas políticas, a infância passou a ser definida a partir de um conceito que tinha por objetivo unificar as diferentes infâncias consideradas *anormais*. Em 1943, foi criado o *Conselho Técnico da Infância Deficiente e em Perigo Moral* que, afirmando o conceito geral de *infância inadaptada*, promoveu uma gestão conjunta e ao mesmo tempo partilhada em torno das inevitáveis especificidades desse novo campo. Ao Ministério da Saúde coube a gestão da tutela do setor privado no que tangia aos *retardados ineducáveis*; ao Ministério da Justiça a responsabilidade pelo campo referente a infância e a juventude *delinquentes*; e ao Ministério da Educação a gestão escolar de uma infância inadaptada, porém reeducável⁵³. O conceito de inadaptação substituiu outras terminologias anteriormente adotadas: *criança inassimilável*, *infância em perigo moral*, *infância atrasada*, *anormal*, *deficiente*, *infeliz*, *irregular*, *em desarmonia ou com problemas de caráter*. Esse conselho possuía como função, também, definir a gestão e o funcionamento daquilo que havia sido anunciado pela lei de 1942: o lugar do teste, da observação e da triagem como instrumentos da afirmação da reeducação e da readaptação enquanto orientadoras da organização legal e institucional da questão da infância e juventude anormais.

⁵²A Liberação é o período histórico que segue o fim da Segunda Guerra Mundial, quando é estabelecido o governo democrático francês com o fim da ocupação da França pela Alemanha, o fim do governo Vichy e a instalação de um governo provisório sob a presidência de De Gaulle.

⁵³"É interessante remarcar que são excluídos desse aparelho, diferentemente do projeto do Front Populaire, os professores ou os representantes da Educação nacional - que eram vistos como responsáveis por uma politização da juventude e por uma oposição ao regime." "Il est intéressant de remarquer que sont exclus de cet appareil, différemment du projet du Front Populaire, des enseignants ou des représentants de l'Éducation nationale - qui étaient vus comme responsables d'une politisation de la jeunesse et d'une opposition au régime." (MIGUEL, 2016, p.92).

Mais do que uma mudança na forma de nomear a infância considerada anormal, a construção política e normativa de tal noção foi a base de sustentação para o desenvolvimento de um poderoso mecanismo médico, psíquico, jurídico e pedagógico de controle e de gestão ideológica e prática da infância e da juventude. (MIGUEL, 2016, p.89). Se a construção da noção de infância inadaptada teve supostamente por função unificar o problema da infância e da juventude anormais, ela manteve a possibilidade de uma insuperável divisão: dentro da inadaptabilidade infantil e juvenil era possível identificar um extrato reeducável, um extrato criminoso e um extrato irrecuperável. Foi essa complexa dinâmica institucional, que flutuava entre a tentativa de máximo aproveitamento dessa camada inadaptada como força de trabalho e a possibilidade de controle e exclusão dos casos considerados irrecuperáveis, que tornou capaz a articulação entre os diferentes setores em torno do problema da infância. A implantação de uma eficaz tecnologia de observação e classificação para a triagem dos casos considerados reaproveitáveis tinha, portanto, como garantia de fundo uma intervenção médico-jurídica que possibilitava permanentemente a exclusão de tantos outros considerados economicamente inúteis ou socialmente perigosos. Tal engrenagem institucional possibilitou uma eficaz articulação entre ações de ressocialização e reeducação, e de punição e exclusão por via do internamento⁵⁴.

Esses são os serviços sociais especializados, garantindo o teste dos menores irregulares e funcionando sob o signo de uma estreita colaboração entre o médico, o assistente social e o educador. Esses são os centros de observação e triagem (COT) polivalentes que recolhem os menores cujo estado psíquico demanda um exame prolongado...Esses são estabelecimentos de reeducação em relação aos quais deve-se aumentar o número e a qualidade. Um controle médico-psicológico é necessário. Deve-se igualmente criar centros de aprendizagem e centros de

⁵⁴"A política de Vichy produz, então, uma primeira síntese moral-técnica em favor da infância inadaptada. O regime se apoia em primeiro lugar sobre as obras privadas e sobre a Igreja, fato que favorece de maneira manifesta a colocação no comando de alguns grandes clérigos ou semelhantes. Donde a ampliação paternalista e moralista. Mas na falta de uma vida democrática, Vichy atrai também uma elite profissional. Facilitando as iniciativas que não contradizem com seus objetivos, o Estado cria literalmente essa primeira onda de novos técnicos do social que são psiquiatras, magistrados ou ainda funcionários dos serviços da Família e da Saúde. E com Laval, o terreno pertence a eles em quase totalidade." "La politique vichyssoise produit donc une première synthèse moralo-technicienne en faveur de l'enfance inadaptée. Le régime s'appuie d'abord sur les oeuvres privées, et sur l'Eglise, ce qui favorise manifestement la mise en selle de certains grands clercs ou assimilables. D'où l'amplification paternaliste et moralisatrice. Mais en l'absence de vie démocratique, Vichy attire aussi l'élite professionnelle. En facilitant les initiatives qui ne contredisent pas ses attentes, l'Etat lève littéralement cette première vague de nouveaux techniciens du social que sont psychiatres, magistrats ou encore fonctionnaires des services de la Famille et de la Santé. Et avec Laval, le terrain leur appartient en quasi totalité." (CHAUVIÈRE, 1980, p.144).

trabalho, nos quais os artesãos reeducados aprendam um ofício e se adaptem ao ritmo da vida da empresa...Em cada uma das regiões de experiência, foi constituída uma associação de proteção da infância e da adolescência deficientes e em perigo moral...Esse organismo administrado por um conselho que agrupa personalidades públicas e privadas interessadas, garante a coordenação sobre o plano regional, gere diretamente um centro de observação polivalente e fornece apoio, tanto técnico quanto financeiro, às obras e aos centros de reeducação cuja demanda de filiação for aceita. Obras privadas, laicas ou confessionais são assim filiadas.⁵⁵ (CHAZAL, 1944 *in* CHAUVIÈRE, 1980, p.56/57)

Em um certo número de regiões serão, então, criados serviços sociais onde médicos, assistentes sociais e educadores trabalharão juntos para pesquisar as crianças 'inadaptadas'; centros de observação e de triagem, que recolherão não apenas certos jovens delinquentes, mas também todos aqueles 'cujo estado psíquico requer um exame prolongado'; enfim, estabelecimentos de reeducação especializados com métodos e controles médico-pedagógicos.⁵⁶ (MOREAU, 1978, p.53)

A nova lógica de construção do campo institucional da infância e da juventude operou, portanto, uma associação entre as esferas pública e privada na gestão dos dispositivos e dos serviços destinados à observação, à classificação e ao acolhimento das milhares de crianças e jovens que passaram a ser geridos e controlados principalmente a partir da perspectiva de sua utilidade e produtividade. A construção econômica da inadaptação não veio desacompanhada do aproveitamento pelo setor privado de todo esse novo campo de investimento. Entre os anos 1942 e 1943, foram criadas diversas associações regionais de proteção da infância (ARSEA) no território francês. Ao longo dos anos e sob os diferentes governos, o equilíbrio entre a gestão privada dos serviços pelas associações e o controle e investimento público destas pelo Estado variou, mas a

⁵⁵"Ce sont les services sociaux spécialisés, assurant le dépistage des mineurs irréguliers et fonctionnant sous le signe d'une étroite collaboration entre le médecin, l'assistance sociale et l'éducateur. Ce sont les centres d'observation et de triage (COT) polyvalentes qui recueillent les mineurs dont l'état psychique nécessite un examen prolongé...Ce sont les établissements de rééducation dont il faut augmenter le nombre et la qualité...Il faut également créer des centres d'apprentissage et des centres de travail industriels dans lesquels les artisans rééduqués apprennent un métier et s'adaptent au rythme de la vie de l'entreprise...Dans chacune des régions d'expérience, il a été constitué une Association de sauvegarde de l'enfance et de l'adolescence déficientes et en danger moral...Cet organisme administré par un conseil qui groupe les personnalités publiques et privées intéressées, assure la coordination sur le plan régional, gère directement un centre d'observation polyvalent et donne son appui, tant technique que financier aux oeuvres et centres de rééducation dont la demande d'affiliation est agréée. Des oeuvres privées, laïques, ou confessionnelles, sont ainsi affiliées." (CHAZAL, 1944 *in* CHAUVIÈRE, 1980, p.56/57).

⁵⁶"Dans un certain nombre de régions vont donc être mis en place des services sociaux où médecins, assistants sociales et éducateurs seront associés pour rechercher les enfants 'inadaptés'; des centres d'observation et de triage, qui recueilleront non seulement certains jeunes délinquants, mais aussi tous ceux 'dont l'état psychique nécessite un examen prolongé'; enfin, des établissements de rééducation spécialisés avec méthodes et contrôles médico-pédagogiques." (MOREAU, 1978, p.53).

possibilidade da infância e da juventude serem campo de investimento para o setor privado foi permanente e o aproveitamento capitalista dessa força de trabalho iniciou-se na própria gestão de sua classificação e na 'garantia' de sua recuperação. A cada ARSEA correspondia um Centro de Observação e Triagem que, como visto anteriormente, era responsável pelas etapas de teste e de observação dos casos. Os COTs tinham por função acolher durante seis ou oito semanas os jovens antes de seus julgamentos, e essa observação tinha como intuito avaliar e indicar ao judiciário qual o encaminhamento adequado para cada caso acompanhado.

É importante marcar que o conceito de *infância inadaptada* foi formulado em um período de grande instabilidade política e de reconstrução de um país destruído economicamente e estruturalmente pelos anos de guerra. O campo estava aberto, portanto, para uma transição do problema da anormalidade infanto-juvenil: de uma lógica da completa exclusão - coloca-se *fora de maneira vitalícia* aqueles que não compõem com as normas sociais vigentes - para uma lógica de exclusão e reaproveitamento - pune-se os infratores a partir de uma perspectiva ressocializante, possibilitando consequentemente o aproveitamento de uma massa populacional enquanto mão-de-obra⁵⁷; ressocializa-se os inadaptados através de uma educação especializada e novamente aproveita-se esse contingente populacional como força produtiva para a reestruturação do país. Mantém-se, ainda, como garantia da normalidade vigente, uma perspectiva de exclusão para

⁵⁷"Existe atualmente na França entre 400 e 500 mil crianças inadaptadas...e, nós encontramos trinta mil crianças por ano de idade em média...a serem reintegradas a cada ano na população ativa. Admitamos que, dentre essas trinta mil crianças, exista um quarto que não possa ser reintegrado, um quarto que possa sê-lo por sua própria conta; sobra ainda a metade em relação a qual existe alguma coisa a ser feita. Se nós não fizermos nada, essas quinze mil crianças vão permanecer ao encargo da sociedade e custar, em média cada um, dois milhões de francos atuais. Quer dizer que a cada ano por eles, e porque nós negligenciamos de nos ocuparmos deles, nós gastamos trinta milhões...Sem contar uma perda importante de possibilidade de trabalho que diminuirá significativamente o potencial francês ou que imporá para a compensar o uso de mão-de-obra estrangeira." "Il y a actuellement en France de quatre à cinq cents mille enfants inadaptés...et, nous trouvons trente mille enfants par année d'âge en moyenne...à réintégrer chaque année dans la population active. Admettons que, sur ces trente mille enfants, il y en ait un quart qui ne puisse pas l'être, et un autre quart qui puisse y parvenir seul tant bien que mal; il reste encore une moitié pour laquelle il y a quelque chose à faire. Si nous ne faisons rien, ces quinze mille enfants vont rester à la charge de la société, et coûter en moyenne pour chacun, deux millions de francs actuels; c'est-à-dire que chaque année, pour eux, et parce qu'on a négligé de s'occuper d'eux, on signe pour trente milliards de traistes...Sans compter une perte de possibilité de travail, qui diminuera d'autant le potentiel français ou qui imposera pour la compenser l'appel à la main-d'oeuvre étrangère." (fala do médico R. Lafon - ARSEA de Montpellier - na reunião das ARSEAs em 1948 in CHAUVIERE, p.214).

aqueles considerados irrecuperáveis, seja do ponto de vista da adequação a tais normas, seja do ponto de vista de sua utilidade econômica. Dois âmbitos, aliás, muito pouco discerníveis dentro de uma lógica capitalista de apropriação da vida.

É inadaptada uma criança, um adolescente, ou mais genericamente um jovem de menos de vinte e um anos que a insuficiência de suas aptidões ou as falhas de seu caráter colocam em conflito prolongado com a realidade e as exigências de seu entorno, segundo a idade e o meio social do jovem.⁵⁸ (Revista *Sauvegarde* nº 2,3 e 4 in CHAUVIÈRE, 1980, p. 98)

No ano de 1973, um censo realizado indicou que havia mais de quatro mil e quinhentos estabelecimentos e serviços direcionados ao campo da infância inadaptada na França. Dentre esses, a cada dez, oito pertenciam ao setor privado. Estabeleceu-se, portanto, uma dinâmica institucional extremamente lucrativa em relação à qual o Estado tinha a competência da gestão administrativa e financeira de um crescente setor privado executor de políticas públicas. O censo indicou, ainda, a existência de aproximadamente quarenta mil educadores e monitores (implicada nisso toda uma estrutura de formação dessa força de trabalho especializada); um contingente entre setecentos e cinquenta mil e um milhão de crianças e jovens acolhidos ou sob tutela; e em torno de trezentos mil considerados inadaptados, pelos mais diferentes motivos, e que a cada ano transitavam por esse complexo sistema punitivo-reeducativo-excludente.

Além disso, infância inadaptada se estende do abandonado ou órfão ao criminoso, passando pelo deficiente, o difícil ou o anormal, a criança em perigo moral, o delinquente, o pré-delinquente. O fechamento é eficazmente levado para mais longe, ganhando em todos os casos um fluxo necessário. 'É uma zona fronteira entre o normal e o patológico, sem fronteiras precisas, no entanto', dirá Lafon. E essa imprecisão do conceito que concretiza exatamente sua adaptabilidade, essa concisão que facilita o seu uso no discurso social, essa evidência cultivada que esconde o totalitarismo psiquiátrico, essas instituições heterogêneas agora reunidas sob uma entidade bem abstrata, caracterizam bem o novo território da infância inadaptada, em outros termos, o território da infância naturalizada.⁵⁹ (CHAUVIÈRE, 1980, pp.97/98)

⁵⁸"Est inadapté un enfant, un adolescent ou plus généralement un jeune de moins de vingt et un ans que l'insuffisance de ces aptitudes ou les défauts de son caractère mettent en conflit prolongé avec la réalité et les exigences de l'entourage conformes à l'âge et au milieu social du jeune" (texto publicado nos números 2, 3 e 4 da revista *Sauvegarde* em 1946 in CHAUVIÈRE, 1980, p.98).

⁵⁹"Désormais, enfance inadaptée va s'entendre de l'abandonnée ou orphelin au criminel, en passant par le déficient, le difficile ou l'anormal, l'enfant en danger moral, le délinquant, le prédélinquant.

Há, portanto, duas questões que permeiam a noção de infância inadaptada e promovem uma ruptura na unidade que seria objetivada pela construção de um campo. A primeira, e que justifica essa combinação estratégica de formas de tutela, estratégica porque garante a partilha de poderes entre diferentes setores políticos e de conhecimento que disputam os conceitos de infância e juventude, se refere à própria formulação da noção e do setor da inadaptabilidade: ao mesmo tempo em que inclui, mantém uma diferenciação fundamental entre a infância considerada potencialmente normal - no sentido de recuperável em sua relação adequada à normalidade econômica e social - e a infância julgada patológica - irrecuperável e, assim, destinada às ações de internação e exclusão permanentes. A segunda questão, que decorre de tal segmentação e da inclusão da reeducação como instrumento principal para aproveitamento de uma mão-de-obra importante para a reestruturação francesa, é a criação de um novo setor profissional: o "educador especializado".

Em um caso se tratava de separar a infância inadaptada de uma infância que seria misticamente normal para justificar a combinação de formas de tutela. Em outro, se trata de fundar a especificidade de um trabalho, de impor o princípio da seleção como fundamento de todo recrutamento e de desqualificar assim todas as outras velharias (professores, militantes de organizações sindicais, ou familiares, pais e autodidatas).⁶⁰ (CHAUVIÈRE, 1980, p.143)

O campo da reeducação surge assim como um elemento indispensável para a costura desse novo dispositivo de gestão articulado entre os poderes médico, jurídico, pedagógico e trabalhista. No período de atuação de Deligny no asilo de Armentières, assim como quando ocupou o cargo de diretor do COT de Lille, ele dispensou permanentemente os educadores especializados, que ele

La clôture est bel et bien portée plus loin avec toute fois comme un flou nécessaire. 'C'est une zone frontière entre le normal et le pathologique, sans frontières précises cependant', dira Lafon. Et cette imprécision du concept qui en fait justement l'adaptabilité, cette concision qui en facilite l'usage dans le discours social, cette évidence cultivée qui cache le totalitarisme psychiatrique, ces institutions hétérogènes désormais réunies aux fils d'une entité bien abstraite, caractérisent bien le nouveau territoire de l'enfance inadaptée, en d'autres termes le territoire de l'enfance naturalisée." (CHAUVIÈRE, 1980, pp.97/98).

⁶⁰"Dans un cas il s'agissait de séparer l'enfance inadaptée d'une enfance qui serait mythiquement normale pour justifier la combinaison des prises en charge. Dans l'autre, il s'agit de fonder la spécificité d'un métier, d'imposer le principe de la sélection au fondement de tout recrutement, et de disqualifier ainsi tous autres velléitaires (instituteurs, militants d'organisations syndicales ou familiales, parents ou autodidactes)." (CHAUVIÈRE, 1980, p.143).

julgava como impossibilitados de se aproximar de maneira sensível e efetiva das questões das crianças e dos jovens, por se pautarem em um saber técnico distanciado do meio de origem desses. Ele contratou sempre operários desempregados mais próximos à realidade das crianças e dos jovens sob tutela. Não é difícil imaginar as repercussões de tal procedimento dentro de um cenário de crescimento da lucratividade implicada na criação e profusão de um setor de trabalho especializado. O COT de Lille, como vimos, em meio a outras polêmicas políticas nas quais Deligny se encontrava, acabou sendo fechado. Importante marcar novamente que tais centros tinham exatamente como função, a partir da observação durante um período determinado de tempo, a distribuição das crianças e jovens nesse diferenciado e complexo sistema de equipamentos e serviços de tutela e de reeducação. (CHAUVIÈRE, 1980, p.111)

Foi a existência e o crescimento desse campo que garantiu a importância da triagem e do diagnóstico de uma infância suspeita de anormalidade como forma de seleção de todos os casos possíveis de readequação à norma, todos os casos reaproveitáveis. Houve um deslocamento do juízo moral que se materializou no duplo caminho punição-internamento no campo da infância, para um juízo ainda moral, porém fundado em um discurso científico e cujo instrumento de aplicabilidade foi a observação e a triagem, e que passou a se materializar no triplo caminho reeducação/readaptação, internamento, e punição. A possibilidade de diagnosticar a infância e a juventude a partir de critérios considerados científicos e, portanto, criadores de uma verdade que pode ser provada e cujos desdobramentos podem ser justificados, e de categorizá-la a partir de uma noção que ao mesmo tempo em que individualiza o problema (tal ou qual criança cujo caráter e características...), o torna global (cada e toda criança pode ser descrita a partir dos instrumentos de avaliação), foram fatores essenciais para a transição entre uma infância anormal excluída para uma infância anormal majoritariamente reaproveitada, porém ainda excluída em casos irrecuperáveis.

Os critérios de irrecuperabilidade, que surgem dentro do contexto de reconstrução do país e que ganham os contornos de um capitalismo cada vez mais profundo nas décadas que se seguem, se encontravam ligados, sem dúvida, à efetividade, à produtividade e à lucratividade. É a necessidade primeira de

reaproveitamento econômico de uma infância outrora dispensável que fundamenta e garante a sustentação e o investimento nesse novo setor especializado.

É, portanto, no fator econômico que nós devemos buscar uma explicação mais fundamental. Seja durante a guerra, seja no pós-guerra, têm-se necessidade de corpos fortes e jovens, eficazes, trabalhadores, que possam ser mobilizados tanto para a batalha quanto para a reconstrução de um continente em ruínas.⁶¹ (MIGUEL, 2016, p.94)

Em agosto do ano de 1944, iniciou-se o período da Liberação. O território francês foi desocupado pela Alemanha e a França retomou um funcionamento mais democrático. O período da Liberação, no entanto, afirmou a recondução das políticas construídas ao longo dos anos de guerra e um decreto-lei de 1945⁶² foi o principal instrumento normativo dessa continuidade. Ocorreram alguns desvios, mas a estrutura institucional da infância inadaptada se manteve predominantemente intacta. Nem a ideologia que a fundamentava nem os setores que dela tiravam proveito foram substancialmente alterados no período posterior ao fim da guerra: a ingerência dos médicos especialistas na gestão pública da saúde era crescente, foram reconduzidas as recomendações do conselho criado em 1943 e afirmou-se a política das ARSEA como forma de gestão da infância. Algumas mudanças, porém, podem ser mapeadas. Ganhou força a delimitação, que como vimos anteriormente já era presente, através da garantia do poder dos juízes da infância, do papel do direito criminal e da criminalização juvenil dentro do campo da inadaptação. O decreto de 1945 instituiu, dentro do Ministério da Justiça, uma direção voltada à educação vigiada. Em 1944, segundo Michel Chauvière, se apresentavam dois caminhos possíveis no que tange à abordagem estatal em relação à delinquência juvenil. A descriminalização desta, o que significaria a predominância efetiva do vetor da reeducação como orientação política desse campo, ou o aprofundamento da combinação entre uma abordagem punitiva e uma orientação reeducativa, "entre a *lei e a norma*, que prolonga a tendência disjuntiva de separar o caso da infância delinquente do caso da infância

⁶¹"C'est donc dans le facteur économique que nous devons chercher une explication plus fondamentale. Que ce soit pendant la guerre ou dans l'après-guerre, on a besoin de corps forts et jeunes, efficaces, travailleurs, qui puissent être mobilisés, tantôt pour la bataille, tantôt pour la reconstruction d'un continent en ruines." (MIGUEL, 2016, p.94).

⁶²L'ordonnance de 02 de fevereiro de 1945, referente ao tema da infância delinquente, foi uma das primeiras definições tomadas pelo governo provisório da França presidido por De Gaulle ao final da guerra.

deficiente ou em perigo moral, já claro ao fim da guerra". (CHAUVIÈRE, 1980, p.163, *grifo nosso*)

Os anos que se seguiram ao término da guerra foram marcados por uma forte instabilidade política que se materializou nas complexas relações entre De Gaulle⁶³ e o PCF e pelo período de gestão tripartidária, compartilhada pelo PCF, pelo Movimento Republicano Popular (MRP) e pela Seção Francesa da Internacional Comunista Operária (SFIO). O ano de 1947 marcou o fim dessa gestão com a exclusão dos comunistas do poder e o início da Guerra Fria. É desse período a criação da Seguridade Social francesa, assim como a institucionalização plena da infância inadaptada enquanto setor privado que mantinha relações contratuais com o Estado. O cenário político era, portanto, extremamente complicado. Dentro da militância ocorreu uma ruptura entre os que afirmavam a importância do setor privado como executor das políticas, grupo que em geral possuía uma estreita relação de participação e de trabalho com as associações regionais, e os militantes que lutavam por uma completa reformulação da estrutura do Estado nesse campo. Como diversos momentos de indefinição e desestabilização política, o período da Liberação, a despeito da predominância das continuidades em relação à política do período Vichy, foi também um momento para que algumas brechas surgissem. Tais brechas, como veremos no capítulo seguinte, possuíram uma estreita relação com a trajetória institucional de Deligny.

A Liberação não constitui uma ruptura em relação ao programa da infância e da juventude tal qual ele foi formulado sob Vichy. Ao contrário, nós percebemos um grande interesse pela questão, de forma que os grandes organismos do Estado são mobilizados - Seguridade Social, Oficinas públicos de higiene social, Oficinas de orientação profissional, Serviços Sociais, *Entraide* Francesa... Os anos que se seguem logo após a liberação são um momento de indefinição e negociação política onde brechas no seio mesmo das instituições do Estado parecem possíveis. Le Guillant e Wallon criam a revista *Enfance*⁶⁴ e depois a revista *Sauvegarde*⁶⁵... Le Guillant tenta, através da revista, inscrever o problema da

⁶³Charles de Gaulle foi presidente do governo provisório da República francesa após o final da Segunda Guerra Mundial. Durante a guerra ele liderou as Forças Francesas Livres, tendo, então, participado da resistência militar à Alemanha. Foi primeiro ministro em 1958, liderou a elaboração da Constituição e a fundação da Quinta República francesa, a qual presidiu entre os anos 1959 e 1969.

⁶⁴Henri Wallon e Hélène Gratiot-Alphandery criaram, em 1948, a revista *Enfance* destinada a abordar o tema da infância a partir de seus múltiplos aspectos: sensorial, motor, cognitivo, emocional, entre outros. A revista existe até hoje.

⁶⁵A revista *Sauvegarde*, criada em 1946 por Louis Le Guillant, era a revista oficial das Associações Regionais de Proteção da Infância e da Adolescência (ARSEA).

inadaptação no seio dos debates políticos...vê-se o surgimento de tentativas diversas, das quais a Grande Cordée permanece sem dúvida um exemplo perfeito. Existem, ainda, grupos culturais que surgem, tal como o Trabalho e Cultura; movimentos como os CEMEA⁶⁶, criados sob o Front Populaire, que retomam seu ímpeto; ou, ainda, o teatro popular.⁶⁷ (MIGUEL, 2016, p.97/98)

A efetividade do conceito de *infância inadaptada*, enquanto articulador da estrutura política-institucional francesa, só começou a passar por uma transformação significativa durante a década de 1970. Nesse período começou a surgir na França a noção de *deficiência* que operou a transição definitiva de uma lógica, como vimos, ainda excludente (fundada no direito penal em estreita articulação com o poder médico) no que tange à infância e à juventude irreversível para uma abordagem inclusiva da anormalidade.

Muda ao longo da história, da grande História, aqueles que caem na fina malha da inadaptção. Eles - nós - ganham diferentes formatos, rostos, trejeitos, comportamentos, atividades, cores, classes, gêneros. Os pressupostos que constroem um diagnóstico de inadaptção podem se apresentar em diferentes

⁶⁶Os Centros de Treinamento nos Métodos da Educação Ativa (CEMEA), cuja primeira experiência surge em 1937, são uma associação de educação popular e um movimento da educação nova. Eles existem até hoje e em 1966 foram reconhecidos como associação de utilidade pública. Existem três publicações vinculadas aos CEMEA: *Vers l'Éducation Nouvelle*, *Les Cahiers de l'Animation*, e *Vie Sociale et Traitement*. "Por diversos aspectos de sua prática, os CEMEA parecem ocupar essa posição marginal, nem realmente integrados, nem mesmo especialistas, mas, no entanto, parte ativa na (re)educação das infâncias inassimiláveis. Testemunha de um período, lugar de uma pedagogia 'anti-psiquiátrica' de vanguarda, lugar de encontro ou de referência de raros educadores que ousavam se declarar 'de esquerda' no apolitismo generalizado, os CEMEA são tudo isso desde 1948, e bom ano, mau ano, parecem o ser ainda." "Par bien des aspects de leurs pratiques, les CEMEA paraissent occuper cette position marginale, ni réellement intégrés, ni même spécialisés, mais pourtant partie prenante dans la (re)éducation des enfances inassimilables. Témoin d'une période, lieu d'une pédagogie 'anti-psychiatrique' avant l'heure, rassemblement ou référence des rares éducateurs osant se déclarer 'de gauche' dans l'apolitisme généralisé, les CEMEA sont tout cela dès 1948, et bon an mal an, paraissent l'être encore" (CHAUVIÈRE, 1980, p.240).

⁶⁷"La Libération ne constitue pas une rupture par rapport au programme de l'enfance et de la jeunesse tel qu'il fut formulé sous Vichy. Au contraire, nous voyons un grand intérêt pour la question, de sorte que les grands organismes d'État sont mobilisés – Sécurité sociale, Offices publics d'hygiène sociale, Offices d'orientation professionnelle, Services sociaux, Entraide française... Les années qui suivent tout juste la Libération sont un moment d'indéfinition et de négociation politique, où des brèches au sein même des institutions d'État semblent possibles. Le Guillaud et Wallon créent la revue *Enfance* et puis la revue *Sauvegarde*, qui apparaît comme une synthèse des administrateurs, militants, médecins, magistrats, techniciens, idéologues. Le Guillaud essaie à travers la revue d'inscrire le problème de l'inadaptation au sein des débats politiques. On essaie de montrer qu'on ne peut isoler les enfants inadaptés des journées de travail épuisantes de leurs parents et on voit le surgissement des tentatives diverses, dont assurément La Grande Cordée reste un exemple parfait. Il y a aussi des groupes culturels, tels que Travail et Culture, qui surgissent, des mouvements, comme les CEMEA, apparus sous le Front Populaire, qui reprennent l'élan ou le développement du théâtre populaire." (MIGUEL, 2016, pp.97/98).

combinações, mas não muda a existência permanente de uma margem não absorvida pelas normas sociais que será objeto do interesse dos mais variados setores públicos e privados e da articulação de diferentes políticas públicas. Políticas públicas de educação destinadas mais ou menos à alienação de sua possibilidade de engajamento nos rumos da construção coletiva; políticas de saúde direcionadas mais ou menos explicitamente à sua eliminação; políticas de segurança que podem possuir como meta primordial a prevenção ou a punição, o encarceramento ou, ainda, a execução sumária. Diversos podem ser os dispositivos e os instrumentos que materializam tais orientações políticas: a forma como é planejada a mobilidade urbana, a política imobiliária, as prisões, os hospitais psiquiátricos, a gestão da rua e do espaço público, a perseguição política mais ou menos explícita, a tortura, o desaparecimento forçado, entre tantos outros. Grande História, contada a partir de todas as narrativas majoritárias cuja força se sobrepõe a todas essas pequenas histórias, nossas histórias, carregadas no fluxo *da gente* que determina os limites entre *a gente* e todos os outros, as portas, os limiares intransponíveis ou cuja transposição custa o preço da adaptação social. Tarefa impossível para aqueles que a normatividade em vigor corta a pele e atordoa os sentidos. O mundo para esses é sempre inadaptado.

Entre os caminhos da exclusão permanente daqueles que não compõem com tal normatividade e a inclusão em relação aos quais uma dobra de assujeitamento é possível, é por onde passam os traços das tentativas de Deligny. Sua trajetória é formada pelo trajeto entre uma possibilidade inicial de trabalho dentro do quadro político-institucional, permeada desde sempre por uma pluralidade de esquivas a esse próprio quadro, e uma impossibilidade de compor com qualquer nível de *semelhança* às exigências de *a gente*, materializada em sua transição para Cévennes.

O delineamento histórico apresentado será relocado ao longo dos próximos capítulos, onde são expostos os diferentes períodos que marcam o percurso de vida de Deligny. Deligny não estava, portanto, fora do espaço e do tempo. Seu trabalho se insere em um contexto político-histórico preciso que é essencial para a compreensão das tentativas que puderam ter curso, das brechas institucionais abertas por um período de grande instabilidade política e administrativa, do lugar ocupado pelo partido comunista do qual Deligny foi

membro durante boa parte de sua vida, da sua relação com diferentes personalidades dos campos de saber que se articulavam em torno da infância inadaptada, do surgimento e do lugar de organizações que se ligaram com o seu trabalho, como os CEMEA e os albergues de juventude, entre tantos outros fatores.

E Deus sabe até onde pode ir esse apetite de controle. A necessidade feita lei, e não parece que as ciências do homem se preocupem minimamente com aquilo que se poderia chamar o humano, se essa palavra evoca esse específico que o homem explora - e cultiva - desde sempre. Resta saber à custa de quem. As entidades justificadoras não faltaram jamais a ele... Ora veja que nos chegam crianças que são dessa carne mesma da qual *a gente* faz os homens. A gente? Por trás dessa onomatopeia [ON] se escondem entidades terríveis. E se, conduzir uma tentativa pode 'fazer recuar a parte de sombra que projeta toda construção social', é melhor estar atento que *a gente*, da qual toda construção social se sustenta e se mantém, seja colocada em questão, esse *a gente* sendo ao mesmo tempo o topo da pirâmide, o poder então, e cada um, pedra de base. Trata-se em uma tentativa de minar toda forma de organização social? Tratar-se-ia, na verdade, de operar de uma tal maneira que os garantidores de sua construção não estejam tão seguros de sua boa fundação⁶⁸. (DELIGNY in MOREAU, 1978, p.204)

Os operários me pareciam sérios e eles cheiravam como homens de uma outra raça: eles tinham, no trem, uma presença desajeitada e rude. Azuis, botas, suas roupas, suas ferramentas: sobre a plataforma, bêbados ao ponto de estarem com a pele pálida, eles estavam ensebados, frequentemente pensativos, e quando era o momento de descer, eles se acenavam com a cabeça: eles deviam ter medo de seu sotaque entre as pessoas, mas eu via aí um desdém involuntário, o desejo de não deixar suas vozes serem escutadas pelos tatuzinhos que pareciam, todos, se conhecerem entre si. Na verdade, os operários raramente pegavam o trem, eles iam a pé e à rua Royale eles preferiam a rua Saint-André, paralela e mais movimentada, ou a esplanada, a borda do canal, ou ainda as muralhas, de bicicleta. O trem era um privilégio que me deixava tão desconfortável quanto todos os outros privilégios que eu deveria suportar: órfão, inteligente, estudante do liceu, etc. "Pequeno burguês", abandone a tribo! Foi o que eu tentei fazer, mas imagina!, a tribo, a gente tem dentro da cabeça: eu, no entanto, fui buscar trabalho bem longe, não nessas distâncias geográficas, que não me tentavam senão em uma

⁶⁸"Et Dieu sait jusqu'où peut aller cet appétit de maîtrise. Nécessité fait loi, et il n'est pas évident que les sciences de l'homme se soucient le moins du monde de ce qui pourrait se dire l'humain si ce mot-là évoque ce spécifique que l'homme exploite - et cultive - depuis toujours. Reste à savoir pour e compte de qui. Les entités justificatrices ne lui ont jamais manqué... Or voilà que nous advennent des enfants qui sont de cette chair même dont *on* fait des hommes. On? Derrière cette onomatopée se dérobent des entités redoutables. Et si mener une tentative peut 'faire reculer la part d'ombre que projette toute construction sociale', mieux vaut s'attendre à ce que le ON dont toute construction sociale se tient et se maintient soit mis en cause, ce ON étant tout aussi bien le sommet de pyramide, le pouvoir donc, que tout un chacun, moellon de base. S'agit-il lors d'une tentative de saper toute forme d'organisation sociale? Il s'agirait plutôt d'opérer de telle manière que les tenants de la construction ne soient pas si sûrs de son bien-fondé" (DELIGNY in MOREAU, 1978, p.204).

imaginação muito conscientemente gratuita, mas em pleno asilo de alienados. Um asilo, é muito longe, é uma ilha.⁶⁹ (DELIGNY, 2007, p.146)

No prefácio escrito em 1955⁷⁰ para o livro *Graine de Crapule*, Deligny situa sua posição de estrangeiro. Estrangeiro em relação ao mundo que ele identifica como à margem, os operários, com seus hábitos, vestimentas, sua língua própria. Colocado à distância por sua condição de pequeno burguês, por uma trama que o precede e que traça as linhas de sua trajetória. Ele se encontra em outra margem, no lado dos privilegiados, com hábitos e com uma língua também próprios, simultaneamente particulares e dominantes. O livro foi escrito em 1945, momento no qual Deligny estava à frente da direção do Centro de Observação e Triagem (COT) de Lille. Sua trajetória já contava com o trabalho em classes especiais em Paris e Nogent-sur-Marne, no asilo de Armentières e na construção de um plano de prevenção da delinquência juvenil em Lille. O texto é um conjunto de fragmentos curtos, conselhos aos educadores que trabalhavam no campo da infância e da juventude ditas inadaptadas.

A distância seguida por Deligny - essa busca de trabalho bem longe de seu lugar de origem - que não é distância geográfica, mas distância de mundos, mostra sua escolha por esse mundo à parte, à margem, uma forma de fazer esQUIVA à sua própria história. Deligny afirmou em diferentes momentos e na forma como remontou, na escrita, as histórias que definiram seu percurso, que sua vida era um conjunto de acasos. No entanto, para se fazer uso destes, era necessária uma percepção ativa e sensível das ocasiões: uma montagem, um arranjo, a criação de um lugar a partir das circunstâncias. O lugar escolhido por Deligny foi o asilo.

⁶⁹"Les ouvriers me semblaient graves, et ils sentaient comme des hommes d'une autre race: ils avaient, dans le tramway, une présence maladroite et rude. Bleus, godasses, leurs vêtements, leurs outils: sur la plate-forme bourrée d'êtres aux peaux pâles, ils étaient gourds, souvent pensifs, et quand il s'agissait de descendre, ils se faisaient signe de la tête: ils devaient avoir peur de leur accent, parmi ces gens, mais j'y voyais un dédain involontaire, le désir de ne pas faire entendre leur voix aux cloportes qui avaient l'air de se connaître tous entre eux. D'ailleurs, les ouvriers prenaient rarement le tramway, ils allaient à pied, et, à la rue Royale, ils préféraient la rue Saint-André, parallèle et plus passante, ou l'esplanade, le long du canal, ou même encore les remparts, à bicyclette. Le tramway était un privilège qui me mettait aussi mal à l'aise que les autres privilèges que je devais subir: orphelin, intelligent, lycéen, etc. 'Petit-bourgeois', quitte la tribu! C'est bien ce que j'ai tenté de faire, mais, pensez-vous! la tribu, on l'a dans la tête: j'ai pourtant été chercher du travail fort loin, non pas vers ces lointains géographiques qui ne m'ont guère tenté qu'en imagination très consciemment gratuite, mais en plein asile d'aliénés. Un asile, c'est très loin, c'est une île." (DELIGNY, 2007, p.146).

⁷⁰Esse prefácio era inédito até sua publicação no livro *Fernand Deligny Oeuvres*, publicado em 2007 pela editora Arachnéen.

Todas as suas tentativas foram tentativas de asilo, de refúgio, de esquivas aos imperativos de *a gente*⁷¹.

Em todas as suas tentativas, então, a criação desse lugar foi a questão central. A montagem de um espaço propício ao mesmo tempo para a vida conjunta e para o respeito radical aos indivíduos que compõem tal lugar. Se a experiência comum tem como liame a habitação de um espaço partilhado, a criação de um lugar propício se torna uma atividade meticulosa: o lugar pode se desenvolver de maneira concentracionária, a partir de preceitos majoritários, de normas definidoras de uma experiência socialmente aceitável; ou o lugar pode se desenvolver de forma a permitir brechas, a garantir aberturas para as diferentes formas de habitar o mundo. Permitir que a margem possa sempre ser margem, sem a demanda de que todo o contato e trabalho com esta seja um esforço de adaptação. O cuidado com o lugar exige, então, uma esquivas permanente à captura pela normatização dominante - a linguagem e seus imperativos. Ao longo do seu percurso, como veremos nos capítulos que seguem, a construção desse lugar-asilo se deu de diferentes formas, algumas já podiam ser observadas no trabalho nas classes especializadas e em Armentières e foram retomadas em todas as tentativas. Outras surgiram com o acúmulo das experiências e dos anos.

Dir-se-ia que, nas tendências dos nossos tempos, e nos países bem providos, se amplifica, em relação às crianças, uma onda enorme de compreensão. Uma vez que eu uso uma palavra, eu vou ao dicionário. Compreensão: 'faculdade de englobar pelo pensamento a totalidade de ideias que um signo representa'. Para

⁷¹"A tribo está em todos os lugares: ela está na imensa biblioteca universitária onde homens, um ruivo, um grande negro, um velho, estavam para nos dar os livros, a nós, os garotos: homens feitos, que haviam feito a guerra, e não sei mais o quê, tudo isso que homens têm que fazer antes de estarem visivelmente feitos e tudo que eles tinham a fazer. Ali, era servir a você os livros que você tinha que ler: eles estavam lá como os serventes de um restaurante, isso tirava de você a vontade de ler. Eles tinham blusas cinzas. Havia um que deve ter recebido uma explosão de granada na cara, um dia, entre 1914 e 1918; isso formava nele como uma máscara desencorajada: ele lhe estendia os livros solicitados como um pedinte estende o horóscopo ou um conjunto de envelopes que ele faz de conta vender. E era nessa biblioteca onde se deveria aprender...então, a tribo está em todos os lugares. Para a abandonar era preciso ir longe." "La tribu est partout: elle est dans l'immense bibliothèque universitaire où des hommes, un roux, un grand noir, un vieux, étaient là pour nous avancer les livres, à nous, les gamins: des hommes faits, qui avaient fait la guerre et je ne sais quoi, tout ce que des hommes ont à faire avant d'être visiblement faits et tout ce qu'ils avaient à faire. Là, c'était de vous servir les livres que vous aviez à lire : ils étaient là comme des serveuses dans un restaurant, ça vous coupait l'envie de lire. Ils avaient des blouses grises. Il y en avait un qui avait dû recevoir un éclat d'obus dans la figure, un jour, entre 1914 et 1918 ; ça lui faisait un masque découragé : il vous tendait le livre demandé comme un mendiant le feuillet d'horoscope ou le paquet d'enveloppes qu'il fait semblant de vendre. Et c'est dans cette bibliothèque-là qu'il fallait apprendre.... Donc la tribu était partout. Pour la quitter, il fallait aller loin." (DELIGNY, 2007, p.147).

dizer a verdade, eu não esperava tanto, se bem que todo recurso ao dicionário se mostra frequentemente rico em descobertas...O que nos acontece é viver próximos de crianças autistas que vivem a mesma vida que nós, muito costumeira. Então, 'compreendê-las', essas crianças-ai? Manifestar a elas uma compreensão que seria como um abraço de intenção generosa? Percebemos que esse foi o primeiro ímpeto que nos veio ou, antes ainda, que chegou a nós, e depois esse ímpeto vago voltou a descer, como acontece com uma maré. Afogados por essa onda, eles já estavam, ou quase. Restava descobrir, entre nós e eles, o aí: *topos*.⁷² (DELIGNY, 2008, p.139/140)

A tênue linha permanente que permitiu que as diferentes experiências tivessem curso e que traçou a vida de Deligny foi a trama de lugares sempre em rede⁷³. Ao longo de sessenta anos essas redes foram a composição de crianças e jovens inadaptados, irrecuperáveis, perversos, de meninos e meninas autistas, todos cujo destino traçado pelas normas em vigor determinava a reeducação, a readaptação, a exclusão em instituições de privação de liberdade, o internamento vitalício; de guardiões ex-operários desempregados da indústria têxtil, de suas esposas, de militantes dos albergues de juventude, de psicólogos, médicos, filósofos que traçaram um caminho sensível a caminhos outros que os instituídos; dos mais diversos personagens cujo rumo das coisas tornou-os presenças próximas de crianças fora do uso da palavra. A rede foi, ainda, a trama de todos que a compunham diretamente com todos que habitavam os lugares de vida e seus entornos em cada uma das tentativas articuladas. Tramar uma rede é um verdadeiro ofício de artesanato⁷⁴.

⁷²"On dirait que, dans l'air du temps, et dans les pays pourvus, s'amplifie, à l'égard des enfants, une vague assez énorme de compréhension. Dès que j'utilise un mot, je vais voir au dictionnaire. compréhension: 'faculté d'embrasser par la pensée la totalité des idées qu'un signe représente'. À vrai dire, je n'en espérais pas tant, bien que tout recours au dictionnaire s'avère souvent riche en trouvailles. Alors, les 'comprendre', ces enfants-là? Leur manifester une compréhension qui serait comme une embrassade d'intention généreuse? On se doute bien que c'est le premier élan qui nous vient ou plutôt nous est venu, et puis cet élan vague s'est retiré, comme il en est d'une maré. Noyés par cette vague, ils l'étaient déjà, ou quasiment. Restait, à découvert, entre nous et eux, le là: *topos*." (DELIGNY, 2008, pp.139/140).

⁷³"A rede é um modo de ser...Eu, então, vivi pelos acasos da existência, mas em rede do que de outra forma...É um pouco a história do canto do muro e da aranha que acabam por se encontrar, se a aranha o procurou, podemos dizer também que o canto do muro a esperava." "Le réseau est un mode d'être...J'ai donc vécu aux hasards de l'existence plutôt en réseau qu'autrement...C'est un peu l'histoire du recoin de mur et de l'araignée que finissent par se rencontrer; si l'araignée l'a bien cherché, on peut dire aussi que le recoin de mur attendait." (DELIGNY, 2008, p.11).

⁷⁴"À minha obra eu estava predestinado; desde minha mais jovem idade, eu sempre tive alguma rede a tramar...Se eu era o artesanato, me parece que ela se fazia, antes, completamente sozinha e a partir de lugares..." "À mon ouvrage j'y étais prédestiné; depuis mon plus jeune âge j'ai toujours eu quelque réseau à tramer...Si j'en ai été l'artisan, il me semble qu'il s'est plutôt fait tout seul et à partir d'endroits..." (DELIGNY, 2008, p.12/15).

As tentativas para Deligny, portanto, só podiam existir em rede e esta se formava como uma composição de circunstâncias: de pessoas, de coisas, de um determinado momento político-institucional. Durante sua mobilização na Segunda Guerra Mundial, Deligny se encontrava um dia em um caminhão com quatro ou cinco outras pessoas. O caminhão em um percurso de inumeráveis desvios os levava a uma gruta conhecida por vestígios de outros grupos, de um período distante, e que haviam deixado traços de outra guerra. Essa jornada, com pessoas que pela situação vivenciada se tornavam próximas e indispensáveis, no mesmo movimento em que suas características particulares não mais importavam, se tornou uma marca em Deligny. Foi nessa gruta que eles tiveram a notícia do armistício: a rede tramada se desfez junto com a destituição da ameaça.⁷⁵ Enquanto composição de circunstâncias que permite, não confrontar o instituído, mas tramar outra coisa que não um modelo do estado das coisas, Deligny afirmou que a tendência de toda tentativa é acabar. Não é o sucesso de uma tentativa enquanto proposição de novos modelos que o interessava e que definia sua crítica institucional, mas antes de tudo a sua contínua necessidade de se desfazer, como forma de esquivar aos modelos instituídos e dominantes.

Ele está, então, sempre pronto a retomar por sua conta, sob uma outra relação, a iniciativa da rede: simplesmente o ponto de dominação se desloca. Aliás, foi isso que acabou acontecendo em Armentières, e foi por isso que Deligny preferiu sair que se prestar a uma tal mudança de signo. O diretor administrativo planejava transformar a tentativa em método educativo modelo e fazer de todo o hospital 'um magnífico IMP autônomo que teria sido o maior da Europa'...⁷⁶ (MOREAU, 1978, p.39)

O lugar se tornando concentracionário, os caminhos ganhando definições fixas, os ensaios virando modelos, ou deve-se abortar a tentativa ou vê-la se institucionalizar. Eis um dos desafios do debate institucional que podemos começar a delinear: o que significa pensar com Deligny uma crítica ao processo

⁷⁵"Isso dito, essa estadia de algumas horas, nem mesmo um dia inteiro, nessa gruta, me deixou uma impressão em relação à qual se deve tomar ao pé da letra que uma lembrança pode ser marcante." "Ceci dit, ce séjour de quelques heures, même pas une journée entière, dans cette grotte, m'a laissé une empreinte pour laquelle il faudrait prendre au pied de la lettre qu'un souvenir peut être marquant. (DELIGNY, 2008, p.22).

⁷⁶"Il est donc toujours prêt à reprendre à son compte, sous un autre rapport, l'initiative du réseau: simplement le point de domination se déplace. C'est d'ailleurs ce qui ne manqua pas de se produire à Armentières, et c'est pourquoi Deligny préfère s'en aller plutôt que de se prêter à un tel changement de signe. Le directeur administratif envisageait déjà de transformer la tentative en méthode éducative modèle et de faire de l'hôpital tout entier 'un magnifique IMP autonome qui aurait été le plus grand d'Europe'..." (MOREAU, 1978, p.39).

institucional como permanente construção de tentativas? A sala de aula como espaço para contar histórias, o asilo como ocupação de espaços abandonados, como criação de ateliês, como passeios fora dos muros, um Centro de Observação e Triagem como espaço aberto, de livre circulação, uma rede para recebimento de jovens ditos inadaptados sem sede fixa e espalhada por toda a França, baseada em outra rede, de albergues de juventude, um vasto espaço, ao sul, o horizonte a perder de vista, rochedos e rios e a vida conjunta com crianças autistas ao longo de trinta anos. Na vida de Deligny, do final dos anos 1930 aos trinta anos em Cévennes, a construção de tentativas foi a ferramenta de esquiva à imagem do homem, à opressão e à violência da linguagem que estruturam a Instituição.

1937 – 1946: Paris e Nogent-sur-Marne, Armantières e Lille.

A escola, o asilo e o sistema sócio-jurídico

Havia um coração de criança, povoado de boas intenções, vivazes, discretas, e um pouco disformes, como um povo de anões em uma antiga floresta. Um adulto que passava entoava em uma voz grave bons conselhos e capítulos de moral. De simplesmente ter escutado seus nomes proferidos por essa voz sonora, todos os pequenos anões morreram de medo. Adultos, sejam menos barulhentos.⁷⁷

Fernand Deligny, Graine de Crapule

Amoral? Em todo caso, nem um pouco parceiro da moral 'em alta', como se diz na bolsa. Associal? Certamente estrangeiro a essa hipócrita exploração do homem pelo homem, a essa transpiração de tédio, a toda hierarquia preestabelecida. Mas eu sinto o egoísmo como uma acrobacia mental que, na primeira hesitação, lhe deixa com os rins quebrados no fundo de sua própria angústia. Eu me desculpo (tacitamente) frente àqueles que me confiaram (de fato) responsabilidades. Eu estava vendido, arquivando a outro campo, o campo dos vândalos e dos ladrões de galinhas.⁷⁸

Fernand Deligny, Les vagabonds efficaces

Em 1937, Deligny se encontrava em Paris. Ele havia se tornado professor em classes especiais. Tais classes - em francês, *classes de perfectionnement*⁷⁹ -, como mencionamos anteriormente, foram instituídas por uma lei de 1909, que regulamentava a educação de crianças ditas deficientes. A lei estabelecia dois

⁷⁷"Il était un coeur d'enfant, peuplé de bonnes intentions, vivantes, discrètes, et un peu difformes, comme un peuple de nains dans une ancienne forêt. Un adulte vint à passer, qui psalmodiait d'une voix grave des bons conseils et des chapitres de morale. D'avoir seulement entendu leur nom éructé par cette voix sonore, tous les petits nains sont morts de peur. Adultes, soyez moins bruyants." (DELIGNY, 2007, p.141).

⁷⁸"Amoral? En tout cas, pas du tout partisan de la morale 'qui a cours', comme on dit en bourse. Associal? Certainement étranger à cette hypocrite exploitation de l'homme par l'homme, à cette sudation d'ennui, à toute hiérarchie préétablie. Mais je ressens l'égoïsme comme une acrobatie mentale qui, à la première hésitation, vous laisse les reins cassés au fond de votre propre angoisse. Je m'en excuse (tacitement) auprès de ceux qui m'ont confié (en fait) des responsabilités. J'étais vendu, archi-vendu à l'autre camp, au camp des casseurs de vitres et des voleurs de poules." (DELIGNY, 2007, pp.166/171).

⁷⁹A tradução mais literal seria: classes de aperfeiçoamento. Utilizamos a palavra 'especial' por referência ao nome que as turmas destinadas a crianças com algum tipo de dificuldade de aprendizagem ou alguma necessidade especial em relação ao padrão dito normal da infância receberam no Brasil.

tipos possíveis de criação de tais classes especiais: classes anexas ao âmbito do sistema escolar público ou classes autônomas de aperfeiçoamento para *crianças com atraso*, definição que se baseava nas pesquisas de Alfred Binet e Theodore Simon⁸⁰. Até meados dos anos 1930, o campo da infância *atrasada* foi marcado por uma forte moralização, materializada em diretrizes de correção e de punição e instrumentalizada nas casas de educação vigiada e nas escolas de preservação da administração penitenciária⁸¹. Havia, também, em torno dessa questão, um importante setor privado, constituído por organizações de caridade e internatos de reeducação. (CHAUVIÈRE, 1980, pp.18/19)

As classes especiais tinham sido instituídas pela lei de 14 de abril de 1909, seja na forma de escolas autônomas, seja, como na Brèche-aux-Loups, integrando as classes especiais às escolas elementares públicas. A lei de 1909 instituía igualmente o CAEA, a escolarização obrigatória das crianças 'atrasadas e instáveis' e as comissões médico-pedagógicas. O recrutamento das crianças se apoiava nos testes de Binet e Simon, cuja obra *Les Anormaux - Guide pour l'admission dans les classes de perfectionnement* tinha aparecido em 1907. Nesse início do século XX, a corrente internacional da 'escola nova'⁸² - da qual os princípios de liberdade e de autonomia da criança remontam ao humanismo da Renascença e aos Iluministas, *via* Rousseau e Pestalozzi - procurava novos fundamentos na biologia e na medicina. As pesquisas dos pedagogos se orientam para o fenômeno do retardamento mental que associa considerações psicopedagógicas e sociais.⁸³ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.227)

⁸⁰ Alfred Binet foi pedagogo e psicólogo, Théodore Simon foi médico e atuou em asilos durante boa parte de sua carreira. Eles se encontraram em 1892, período no qual Simon foi interno de psiquiatria na colônia Perray-Vaucluse. Em 1905, o Ministério da Instrução Pública solicitou à Binet a criação de um instrumento para o mapeamento de crianças que poderiam ter algum tipo de déficit cognitivo ou de dificuldade de aprendizagem. Binet e Simon realizam juntos o trabalho e criam a *Escala Psicométrica Binet-Simon* que seria capaz de detectar cedo na criança possíveis sinais de *retardamento*, através de uma comparação entre os comportamentos infantis e a faixa etária.

⁸¹ Sobre as escolas de preservação para jovens moças, a editora *Arachnéen* lançou em 2015 um livro de arquivos e fotos de três estabelecimentos da década de 1930 situados em Gironde, Somme e Oise, na França: *Les Écoles de Préservation pour les Jeunes Filles*, Arachnéen, 2015.

⁸² O movimento da *École Nouvelle* (Escola Nova) será abordado em mais detalhes na continuidade do texto.

⁸³ "Les classes de perfectionnement avaient été instituées par la loi du 14 avril 1909, soit sous forme d'écoles autonomes, soit, comme à la Brèche-aux-Loups, en intégrant des classes spéciales aux écoles élémentaires publiques. La loi de 1909 instituait également le CAEA, la scolarisation obligatoire des enfants 'arriérés et instables' et les commissions médicopédagogiques. Le recrutement des enfants s'appuyait sur les tests de Binet et Simon, dont l'ouvrage *Les Anormaux - Guide pour l'admission dans les classes de perfectionnement* avait paru en 1907. En ce début de XXe siècle, le courant international de 'l'école nouvelle' - dont les principes de liberté et d'autonomie de l'enfant remontent à l'humanisme de la Renaissance et aux Lumières, *via* Rousseau et Pestalozzi - cherche de nouveaux fondements dans la biologie et la médecine. Les recherches des pédagogues s'orientent vers le phénomène de l'arriération mentale, qui associe des considérations psychopédagogiques et sociales." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.227).

Deligny havia abandonado, em 1933, uma classe literária preparatória para o concurso das Escolas Normais Superiores e cursava, como ouvinte, filosofia e psicologia na Universidade de Lille. Ele se encontrava frequentemente com Yves Demailly⁸⁴, editor de uma revista de poesia chamada *La Hune* e com outro amigo, Pierre Meynadier, que estudava medicina e trabalhava no asilo de Armentières. Como mencionamos no capítulo anterior, foi em torno dos encontros de Deligny para jogar *421* com esses amigos que ele situou os motivos que o teriam levado ao asilo pela primeira vez. Ele abandonou posteriormente, também, os cursos universitários. (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.43/44)

Em 1935, Deligny começou a prestar o serviço militar em Paris. Em *Le Croire et le Craindre*, ele descreve os acontecimentos que o teriam levado a ocupar uma função de professor dois anos depois. Em 1936, na área interna da Escola Militar, havia sempre caminhões do exército prontos para agir na repressão às manifestações que tinham curso no período. Alguns daqueles que prestavam serviço militar, no entanto, não concordavam com a repressão em relação à resistência popular e colocavam, por vezes, açúcar nos reservatórios dos caminhões, fazendo apostas sobre qual destes pararia mais rapidamente de funcionar no trajeto nas avenidas. No decorrer de um desses episódios, Deligny conta que foi pego e enviado para a prisão militar de Vauban, local de origem de sua inscrição no exército. No entanto, ele relata ter fugido do caminho que o levava para a prisão e, posteriormente, devido a uma confusão administrativa, ter sido considerado professor ao invés de desertor do exército. "Eu não entrei naquela maldita caserna, eu fiquei na ponte que não era mais elevadiça e eu parti para as dunas"⁸⁵ (DELIGNY, 2007, p.1093). Acontece que nesse momento faltavam dois meses para o fim de seu serviço militar, período no qual, normalmente, os professores eram liberados para retomar o ofício de ensino.

⁸⁴Deligny voltará ao nome desse amigo em diferentes ocasiões em seus textos e de diferentes formas. "É frequentemente assim que ele procede: pelo som das palavras e por associações livres – no material preparatório para *La septième face du dé*, nós encontramos folhas contendo unicamente nomes: Demai, Demeleunare, Demailly, Deleuze...Enfim, um último exemplo: nós encontramos um texto a propósito de Yves Demai, datado provavelmente de 1981. Trata-se de uma história aparentemente fictícia contando a chegada em Cévennes de um antigo amigo de Deligny, da época de Lille." (RESENDE e MIGUEL, *Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular*, in *Cadernos da Subjetividade*, ano 12, nº18, pp.137-151). O texto se refere ao trabalho realizado entre 2014 e 2015 nos arquivos de Deligny em Cévennes.

⁸⁵"...je ne suis pas rentré dans cette satanée caserne, je suis resté sur le pont que n'était plus levé et je suis parti dans les dunes". (DELIGNY, 2007, p.1093).

"...nesse momento, os professores eram liberados dois ou três meses antes para não faltar a seu posto. Eu não era professor, mas do fato que eu não entrei, eles deduziram que eu o era."⁸⁶ (DELIGNY, 2007, p.1093). Nesse período, na França, menos de 3% dos homens chegavam a fazer o *baccalauréat*⁸⁷ e, dessa forma, o percurso escolar de Deligny, que havia concluído o curso secundário, teria possibilitado essa interpretação por parte das autoridades.

Sandra Alvarez de Toledo apresenta outra versão possível para o início de sua atuação como professor. Esta é contada também pelo próprio Deligny em uma entrevista com Isaac Joseph⁸⁸. Em 1936, Deligny vivia em Paris com sua primeira companheira, Josette Saleil. Ele havia abandonado o ensino superior e cumprido o serviço militar, estando sem ocupação e sem grandes planos futuros. Ele postulou, então, uma candidatura para ser professor em alguma região de altas montanhas da França. Nesse mesmo período, o pai de François Châtelet, amigo de infância de Deligny, ocupava a função de inspetor de ensino primário em uma escola em Paris. Ele teria, então, proposto a Deligny uma vaga de professor especializado na escola da *rue de la Brèche-aux-Loups*, mesmo Deligny não possuindo ainda os certificados de aptidão para exercer o trabalho de educador especializado. Ele obteve o Certificado de Aptidão Pedagógica (CAP) em 1941 e o Certificado de Aptidão para o Ensino de Crianças com Atraso (CAEA) em 1942, ambos depois de sua atuação, também como professor, no primeiro período em Armentières. Deligny começou o ano escolar em Paris e o terminou em Nogent-sur-Marne, cidade para a qual acabou sendo realocado.

Minha primeira substituição aconteceu em Paris, em uma classe especial, na rua *de la Brèche-aux-Loups* (Brecha-dos-Lobos). O nome me caía muito bem. Eu

⁸⁶"...a ce moment-là, les instituteurs étaient libérés deux ou trois mois avant la fin du service, pour ne pas manquer à leur poste. Je n'étais pas instituteur du tout, mais du fait que je n'étais pas rentré, ils en ont déduit que j'étais instituteur." (DELIGNY, 2007, p.1093).

⁸⁷ Baccalauréat, conhecido na linguagem coloquial francesa como *le bac* (antigamente, *le bachôt*), é uma qualificação acadêmica que os estudantes ao final do liceu (ensino secundário) obtêm para ingressar à educação superior.

⁸⁸ Isaac Joseph foi sociólogo e professor associado de filosofia. Ele lecionou na Universidade de Lyon e na Universidade Paris 10 (Nanterre). Foi de sua responsabilidade a introdução e a disseminação dos trabalhos da Escola de Chicago e de Erving Goffman na França. Isaac Joseph trabalhou, também, com Félix Guattari no Centro de Estudos, Pesquisas e Formação Institucional (CERFI). Ele possuía uma relação de proximidade e de troca frequente de correspondências com Deligny, e foi responsável pela organização e montagem dos seguintes textos: *Nous et l'Innocent*, os três *Cahiers de l'Immuable* e *Le Croire et le Craindre*.

tinha, então, relação com crianças anormais, especialistas em atitudes e maneiras de ser que surpreendiam o garoto que eu era, provido desse emprego que chegou a mim sem que eu estivesse lá muito interessado. Tratava-se de ganhar minha vida. Eu tinha vinte e quatro anos. Eu tinha na minha frente uma massa de presenças na qual o assustador se misturava à indolência. Eu não sabia muito onde me meter. Acontecia das horas serem muito longas, muito longas.⁸⁹ (DELIGNY, 2007, p.351)

Eu não tinha nenhuma vontade de emprestar meus ouvidos às zombarias sussurradas no raso das mesas. Eu sempre tive medo da maldade, medo da minha própria cólera? O menor traço de animosidade me alerta e me sobe à cabeça, embriagado durante o ataque, estúpido, ousado, Don Quixote. Todo 'julgamento' me deixa fora de mim se eu não ficar atento; é um defeito de natureza do qual se deve tentar tirar o melhor antes que ele se torne desastroso. E desse defeito aí, eu fui dotado, como quem diz, de nascença. Deve-se fazer algo disso, fazer com isso. Na ocasião, contar histórias.⁹⁰ (DELIGNY, 2007, p.352)

Deligny viveu cercado por professores. Uma das figuras que marcou sua formação foi um professor de filosofia que posteriormente foi fuzilado, em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial⁹¹. Josette Saleil e seu pai, Aimé Saleil⁹², eram

⁸⁹"Ma première suppléance a eu lieu dans une classe de perfectionnement, rue de la Brèche-aux-Loups. Le nom de la rue m'allait fort bien. J'avais donc affaire à des enfants anormaux experts en attitudes et manières d'être qui surprenaient le gamin que j'étais, pourvu de cet emploi qui m'était advenu sans que j'y sois pour grand-chose. Il s'agissait de gagner ma vie. J'avais vingt-quatre ans. J'avais devant moi un pâté de présences où l'effarant se mêlait à l'indolence. Je ne savais pas trop où me mettre. Il arrivait que les heures se fassent très longues, très longues." (DELIGNY, 2007, p.351).

⁹⁰"Je n'avais aucune envie de prêter l'oreille aux ricanements chuchotés au ras des tables. J'ai toujours eu peur du méchant, peur de ma propre colère? La moindre trace d'animosité m'alerte et me monte à la tête, ivre alors de courir sus, stupide, outrancier, Don Quichotte. Tout 'jugement' me met hors de moi si je n'y prends garde ; c'est là un défaut de nature dont il faut essayer de tirer le meilleur avant qu'il ne tourne au pire. Et de ce défaut-là j'en suis affublé comme qui dirait de naissance. Il a bien fallu s'y faire, faire avec. En l'occurrence, faire des histoires." (DELIGNY, 2007, p.352).

⁹¹"Eu o descrevi cem vezes? Ele contemplava seu relógio, retirado de um bolso de seu colete; o relógio, obediente às leis da natureza, oscilando na ponta da corrente, pêndulo, então, mais do que relógio. E o homem que era meu professor de filosofia olhava, contemplava o acontecimento, o acontecimento cotidiano ou quase. O pátio interno do liceu estava deserto e nós o esperávamos, organizados de dois em dois ao longo do muro, uma trintena. E era tudo...Esse filósofo que contemplava seu relógio - em 1930 - os nazistas o fuzilaram em 1942, no fosso da fortaleza onde se encontrava, em 1939, o regimento que eu deveria integrar e esses fossos eram aqueles mesmos daquelas ruínas onde os caminhões das estradas de Lille vinham, um por vez, passar. Ele não percebeu que o tempo passava, e quem diz tempo diz história. Os nazistas, da história, eles faziam assunto deles, e o que ele fazia lá, esse imbecil, mais franco-maçom do que judeu, isso que, para o olho nazista, é a mesma coisa." "Je l'ai cent fois décrit? Il contemplait sa montre, extirpée d'une poche de son gilet ; la montre, obéissant aux lois de la nature, oscillant au bout de la chaîne, pendule donc plutôt qu'horloge. Et le bonhomme qui était professeur de philosophie regardait, contemplait l'événement, événement quotidien ou quasiment. La cour du lycée était déserte et nous l'attendions, rangés par deux le long du mur, une trentaine. Et voilà tout....Ce philosophe qui contemplait sa montre – en 1930 – les nazis l'ont fusillé en 1942 dans le fossé de la citadelle où se trouvait, en 1939, le corps que je devais rejoindre et ces fossés étaient ceux-là mêmes de ces remparts où les tombereaux de la voirie de Lille s'en venaient, tour à tour, basculer. Il ne s'est pas aperçu que le temps passait et qui dit temps, dit histoire. Les nazis, de l'histoire, ils en faisaient

professores. Seu avô paterno havia sido professor em Ligny, no Nord-Pas-de-Calais e foi seu avô materno, Jules Laqueux, que, antes da escola primária, o ensinou a ler. Assim, se o acaso foi tido por Deligny como determinante para seu ingresso no trabalho de professor em classes especiais, este percurso estava também inserido em um contexto pessoal de sua vida e em um contexto político da Europa da primeira metade do século XX. É preciso ter uma sensibilidade ativa para, dos acasos que se apresentam, criar novas circunstâncias de vida, novos lugares a ocupar.

Desde o início do século passado, ganhava força na Europa o movimento da Escola Nova (École Nouvelle) e este influenciou de maneira determinante, apesar de diferenças não menos essenciais, a atuação desenvolvida por Deligny em sua primeira tentativa nas escolas. O início deste movimento pode ser retraçado ainda na virada do século XVIII para o século XIX, inspirado nos ideais de Jean-Jacques Rousseau⁹³, nos fundamentos humanistas da Renascença e na prática do suíço Johann Heinrich Pestalozzi⁹⁴. A educação nova se baseia nos princípios de uma educação ativa e propõe o engajamento das crianças em sua própria formação, o cultivo da curiosidade, o movimento de exploração do entorno e a cooperação coletiva. Ela defende uma educação global que integre as dimensões intelectual, artística e física, como mais relevantes do que a primazia da compreensão do aprendizado como um simples acúmulo de conhecimentos. A abertura da escola de Abbotsholme, na Inglaterra, em 1889, por Cecil Reddie⁹⁵,

leur affaire et qu'est-ce qu'il faisait là, ce schnock, plutôt franc-maçon que juif, ce qui, pour oeil de nazi, est tout à fait la même chose." (DELIGNY, 2007, pp.1730-1731).

⁹²Deligny fala com admiração de Aimé Saleil no texto *Le Croire et le Craindre* (2007, pág.1107). No livro *Fernand Deligny et les idéologies de l'enfance*, Moreau traz um trecho de uma entrevista de Deligny: "...esse mestre não hesitava em negligenciar os regulamentos em proveito de métodos mais ativos: ele levava sua turma, deixando um recado para o inspetor: 'Nós partimos para fazer a colheita. A chave está sob a porta'. (entrevista J. Deligny)." "...ce maître n'hésitait pas à négliger les règlements au profit de méthodes plus actives: il emmenait sa classe en laissant un mot à l'intention de l'inspecteur: 'Nous sommes partis faire les foins. La clef est sous la porte' (interview J. Deligny)." (MOREAU, 1978, p.17/18, nota-de-rodapé 5).

⁹³Em *Emilio ou Da Educação* (Émile, ou De l'éducation), de 1762, Rousseau propõe que a educação deva se basear em saberes concretos, antes que em saberes conceituais, provenientes de livros e de um ensino dogmático. Ele acreditava que a educação deveria respeitar as qualidades oriundas das crianças.

⁹⁴Um dos inauguradores da pedagogia moderna, foi pedagogo e educador. Pestalozzi fundou, entre outros lugares, escolas em Stans, Berthoud e Yverdon-les-Bains. Ele acreditava que a base do processo educativo deveria ser uma perspectiva que englobasse o desenvolvimento simultâneo das diferentes faculdades infantis. Escreveu os livros *Léonard e Gertrude* (1781-1787) e *Comment Gertrude instruit ses enfants* (1801).

⁹⁵Cursou medicina e química na Universidade de Edimburgo, tendo se tornado professor de ciências em Fettes, no ano de 1885, de onde saiu por divergências acerca das concepções sobre o

foi um dos marcos do desenvolvimento desses princípios. Na França, em 1899, Edmond Demolins⁹⁶ fundou a escola de Roches em Verneuil-sur-Avre, que se tornou referência em relação aos princípios da educação ativa e inspirou outros desdobramentos, como os trabalhos de John Dewey⁹⁷, nos Estados Unidos, de Maria Montessori⁹⁸ na Itália, de Ovide Decroly⁹⁹ na Bélgica, de Edouard Claparède¹⁰⁰ na Suíça, e de Paul Geheeb¹⁰¹ na Alemanha. Esses fundaram diferentes experiências na virada do século XIX para o século XX. Outros nomes, como o de Francisco Ferrer¹⁰², fundador da Escola Moderna na Espanha, o de

ensino. Fundou a escola de Abbotsholme, onde desenvolveu um ensino voltado para a prática e para o desenvolvimento de diferentes faculdades dos alunos. O programa escolar deveria garantir a coerência entre as diferentes disciplinas, garantindo um saber prático e útil aos alunos. Sua escola, no entanto, era destinada apenas à elite aristocrática. Mais tarde ela se tornou um colégio tradicional.

⁹⁶Foi um intelectual francês de perspectivas reacionárias e conservadoras. Ele conheceu Cecil Reddie e seu trabalho durante uma viagem à Inglaterra em 1897. Após esse encontro, publicou na França um elogio aos pressupostos da educação ativa intitulado '*A quoi tient la supériorité des Anglo-saxons*'.

⁹⁷Oriundo dos Estados Unidos, foi psicólogo, filósofo e adepto da corrente pragmática fundada por Charles S. Peirce e William James. Tornou-se referência no âmbito da educação nova e da pedagogia. Na filosofia, propagou o instrumentalismo como forma de romper com uma concepção filosófica clássica e elitista. Coordenou os departamentos de filosofia, psicologia e educação na Universidade de Chicago, e fundou o *University of Chicago Laboratory Schools*. Em 1889, publicou *A Escola e a Sociedade*, composta por artigos que abordam sua compreensão sobre a pedagogia.

⁹⁸Maria Montessori foi médica (formada em 1896, foi uma das primeiras mulheres médicas italianas) e pedagoga. Foi responsável pela criação do método de ensino que leva seu nome: pedagogia Montessoriana. Trabalhou na clínica psiquiátrica da Universidade de Roma e pesquisou, nesse período, o comportamento de jovens com 'retardamento mental'. A partir de seus estudos, defendeu que os jovens internados tivessem acesso a jogos e a atividades que implicassem seus corpos, em especial suas mãos, como forma de desenvolvimento intelectual. A partir de 1900, se dedicou à pedagogia e à educação de crianças ditas normais. Em 1907, criou a primeira *Casa dei bambini*, um espaço para crianças do bairro San Lorenzo, em Roma, onde haviam sido criados imóveis direcionados a moradia de populações de favelas.

⁹⁹Defendeu o *método global* como fundamento para uma ampla reforma do sistema de ensino, atuou no movimento da educação nova, e participou da Liga Internacional. Foi pedagogo, médico e psicólogo. Em 1901, se tornou médico chefe de uma clínica direcionada a crianças ditas anormais. Transferiu o funcionamento da clínica para sua casa, desenvolvendo uma observação cotidiana das crianças. Fundou o *Instituto de Ensino Especial para Crianças*, onde seus filhos e outras crianças viviam livremente. Em 1907, foi criada a escola Decroly, direcionada a crianças consideradas anormais.

¹⁰⁰Claparède foi neurologista e psicólogo, se dedicou à psicologia infantil e ao estudo da memória. Em 1912, criou o instituto Jean-Jacques Rousseau e foi adepto do movimento da Educação Nova.

¹⁰¹Foi um importante pedagogo do movimento da educação nova. Fundou a escola Odenwaldschule, colocou em prática um sistema flexível para a trajetória escolar, e a gestão conjunta entre equipe e alunos. Participou, a partir de 1925, das conferências da Liga Internacional da educação nova.

¹⁰²Era pedagogo, defendeu a autonomia dos alunos e a educação mista e socialmente igualitária. Foi um dos pioneiros do movimento da educação moderna na Espanha. Em 1901, fundou, na Espanha, a primeira escola primária moderna. Nos anos que se seguiram, diversos outros centros educativos orientados pelos mesmos princípios foram abertos na Espanha. Em 1909, Ferrer foi executado em Barcelona, condenado à morte por acusação de participação na *Semana Trágica*.

Paul Robin¹⁰³, que desenvolveu a experiência de Cempuis, e de Sébastien Faure¹⁰⁴, criador da escola La Ruche, foram referências para o movimento da educação libertária¹⁰⁵ e influenciaram o novo cenário, de viés progressista, que se delineava no campo da psicologia.

Em 1921, após a Primeira Guerra Mundial, foi fundada, baseada no trabalho do pedagogo suíço Adolphe Ferrière¹⁰⁶, a Liga Internacional pela Educação Nova¹⁰⁷. Os congressos dessa liga garantiram, no curso da Segunda Guerra Mundial, o encontro de diversos pedagogos do movimento, entre eles Gisèle de Failly¹⁰⁸, fundadora dos CEMEA e Célestin Freinet, marco do movimento francês da Escola Nova¹⁰⁹. Na França, a lei de 1909 permaneceu quase sem aplicação, apesar da força que o movimento ganhou em toda Europa desde o início do século XX. No país, ele teve um desenvolvimento mais significativo somente durante e após a Segunda Guerra Mundial: ao longo do

¹⁰³Foi pedagogo e participou do desenvolvimento dos princípios da educação integral no orfanato Prévost em Cempuis, na França. A educação integral tinha por objetivo garantir o ensino laico e misto a crianças de classes populares, priorizando o aspecto físico, intelectual e o moral. Os métodos heterodoxos da educação integral suscitaram uma dura campanha de imprensa e sua expulsão de Cempuis em 1894.

¹⁰⁴Foi pedagogo e anarquista. Em 1904, criou a escola *La Ruche* e, em 1925, iniciou o desenvolvimento da Enciclopédia Anarquista. Defendeu uma concepção indutiva da educação, capaz de permitir aos alunos aprenderem a partir de uma prática ativa.

¹⁰⁵O movimento da Educação Libertária compreendia o ensino como processo de transformação social e a educação tradicional como meio de reprodução das estruturas e dos privilégios das classes dominantes.

¹⁰⁶Adolphe Ferrière foi pedagogo, adepto dos métodos ativos, e um dos fundadores do movimento da educação nova. Em 1918, escreveu o documento *30 pontos que constituem uma escola nova*, inspirado pelas experiências em Abbotsholme, Bedales, da escola *des Roches*. Criou, em 1921, a Liga Internacional pela Educação Nova.

¹⁰⁷A Liga foi criada no Congresso da Educação Nova, em Calais, em 1921. Durante a Segunda Guerra Mundial, funcionou como espaço de encontro para militantes do movimento da escola nova. Entre seus cofundadores estão John Dewey, Jean Piaget, Maria Montessori, Beatrice Ensor, Adolphe Ferrière e Elisabeth Rotten. A Liga possuía uma revista chamada *Pour l'ère nouvelle*, onde eram divulgados os textos e pesquisas do movimento.

¹⁰⁸Gisèle Failly foi pedagoga, psicóloga, e uma das criadoras dos Centros de Treinamento aos Métodos da Educação Ativa (CEMEA) na França. Em 1936, uma professora de escola maternal propôs a utilização de espaços escolares para a realização de colônias de férias durante o verão. Gisèle atou nesse projeto em Saint-Maurice-sur-Moselle. Para a qualificação dos integrantes do projeto, ela organizou junto com André Levèvre, em 1937, o primeiro *centro de treinamento* para educadores, em Beaurecueil. Esse estágio foi a origem simbólica do início dos CEMEA. Durante a Liberação, os CEMEA foram apoiados pelo governo francês, através do Ministério da Educação. Em 1946, Gisèle criou a revista *Vers l'éducation nouvelle*, publicação dos CEMEA.

¹⁰⁹Célestin Freinet foi um importante pedagogo francês e uma das figuras centrais do movimento da educação nova na França. Em conjunto com sua esposa Élise Freinet e a partir da colaboração de uma grande rede de professores, Freinet desenvolveu diferentes princípios pedagógicos - como o texto livre, desenhos e o uso de equipamentos para impressão - que tinham como diretriz a livre expressão das crianças. Ele compreendia a educação como forma de emancipação política, seu nome foi associado à fundação de um método pedagógico - método Freinet - e do movimento da escola moderna. A escola Freinet de Vence se tornou pública em 1991 e foi definida como patrimônio da UNESCO.

período da Liberação, por exemplo, tiveram curso diferentes reformas institucionais do sistema educativo e foram criadas escolas novas, tanto no setor privado como no setor público.

No final do ano de 1944, durante o governo provisório presidido por Charles de Gaulle, foi fundada uma Comissão Ministerial de Estudos pela Reforma do Ensino, pelo Ministro da Educação Nacional. Essa comissão foi presidida por Paul Langevin¹¹⁰ e por Henri Wallon, ambos integrantes do Partido Comunista Francês, e foi responsável pela elaboração de um plano que pensasse um sistema educativo mais democrático. Dessa comissão surgiu o plano Langevin-Wallon¹¹¹ que previu, entre diversos outros pontos ligados à educação ativa, a institucionalização de um serviço de psicologia escolar como forma de fazer face à segregação social presente no sistema educativo. O plano foi resultado de um trabalho de trinta e um meses, tendo sido apresentado apenas no ano de 1947. A França se encontrava, então, em um contexto político diverso daquele que havia marcado o início de sua elaboração. O governo tripartidário, instaurado após o governo provisório, e que agregava o SFIO, o MRP e o PCF, havia terminado e o partido comunista não mais fazia parte do governo. Tinha início a segunda gestão de Paul Ramadier¹¹² e a Guerra Fria. Em meio a esse período, como veremos, em 1946, ocorre o fechamento do COT de Lille, no qual Deligny era diretor pedagógico.

O projeto chegou a ser publicado, mas não foi jamais aplicado, e a reforma do sistema educacional francês só foi colocada em prática ao longo da V República¹¹³, tendo as diretrizes do plano sido utilizadas como referência central.

¹¹⁰Foi físico, filósofo das ciências e pedagogo. Ficou conhecido pelo desenvolvimento do plano de reforma escolar, chamado Langevin-Wallon, por sua teoria do magnetismo e pela introdução da teoria da relatividade de Einstein na França. Participou da criação do Comitê de Vigilância dos Intelectuais Antifascistas e da União dos Intelectuais Franceses por Justiça, Liberdade e Paz. Foi presidente do Grupo Francês da Educação Nova entre 1936 e 1946.

¹¹¹Foi elaborado durante a Liberação no âmbito das diretrizes do programa de governo do Conselho Nacional da Resistência. O plano previu o ensino gratuito, laico e obrigatório até a idade de dezoito anos. Previu, também, um corpo docente único que acompanhasse a criança do maternal até a entrada na universidade e determinou a constituição de turmas de no máximo 25 alunos e que respeitassem os horários de funcionamento biológico do corpo infantil. O plano definiu a educação como educação popular, e a formação dos professores nos princípios da pedagogia ativa e da educação nova.

¹¹²É no governo de Paul Ramadier que tem fim a gestão tripartidária, com o afastamento dos comunistas do governo.

¹¹³A Quinta República teve início em outubro de 1958, tendo como primeiro presidente Charles de Gaulle, e permanece sendo a forma de governo francês. Ela operou o fortalecimento do poder

A partir de 1960, os princípios dessa abordagem psicológica foram retomados nas classes especiais com forte influência da psicanálise e da psicoterapia. Influência que marcou o trabalho de Deligny em Cévennes, sua complexa relação teórica com Jacques Lacan e o desenvolvimento conceitual de sua crítica à linguagem e ao sujeito. As duas primeiras tentativas de Deligny como professor foram ditadas, portanto, por uma conjuntura de pleno desenvolvimento dos princípios da Educação Nova na Europa, mas ainda de uma não disseminação desses, em maior escala, no sistema educativo francês. Assim, a tentativa implementada por Deligny é certamente inovadora, mas está inserida em um contexto político de seu tempo.

No entanto, apesar das proximidades, é importante marcar os afastamentos de Deligny em relação a essa corrente e para isso, podemos tomar como parâmetro o trabalho de Célestin Freinet, referência da experiência francesa de propagação dos valores da educação ativa. Um dos primeiros pontos diferenciais é a própria posição no debate pedagógico assumida por Deligny. Enquanto aqueles vinculados ao movimento da escola nova pretendiam fundar uma corrente, propor um novo modelo educacional, propor reformas e constituir uma nova pedagogia, Deligny não pretendeu nunca fundar modelos. Esse é um assunto no qual voltaremos sem cessar, por considerarmos o mesmo eixo norteador de sua crítica institucional. Para Deligny, uma pedagogia não substituí a outra (MOREAU, 1978, p.19). Sua ênfase em uma necessária precariedade, assim como sua preocupação com o equilíbrio entre uma indispensável continuidade mínima e o tempo forçosamente limitado de duração (forma de evitar a captura pela instituição) para a constituição de suas tentativas, foram os marcos dessa questão. Na introdução ao livro *Les Enfants ont des Oreilles*, escrito sobre seu período como professor, Deligny já afirmava: essas histórias aqui contadas são escritas para quem as queira ler, mas não são *recontáveis*. Essa afirmação parece se fundar não apenas na singularidade do que é contado - uma vez que a produção comum só pôde se dar daquele jeito naquele espaço e por aqueles alunos, e que uma réplica utilizada como modelo não proporcionaria o mesmo efeito de tramar um comum na aula em torno de uma história que só tem sentido por estar em

executivo em detrimento da tradição de governo parlamentar. Depois da Terceira República é o regime democrático de maior duração no país.

momento de produção -, mas sinaliza também que Deligny não queria atuar para formar modelos, criar novas propostas de como algo deve funcionar, instituir procedimentos padrões.¹¹⁴

Então, se Deligny foi certamente afetado pelo debate político sobre a educação, ele não estruturou sua posição nem a partir da proposição de reformas, nem da fundação de novas formas. Ele estava ao mesmo tempo dentro da instituição - a escola e o asilo - e muito pouco interessado em propor novos modelos - outros formatos institucionalizados - para tais espaços. O que parece ter importado para ele, independente de se situar dentro do quadro institucional, era exatamente pegá-lo pelo que, nesses espaços, escapava à própria instituição. Era antes questão de permitir que brechas no funcionamento *normal* dos modelos se apresentassem, do que propor novas alternativas que em breve teriam a mesma função normalizadora das anteriores. Deligny não estava interessado, assim, em delimitar os parâmetros a partir dos quais um certo dispositivo devia funcionar, por mais libertários e revolucionários que pudessem ser tais parâmetros. Aliás, Deligny não tomou parte nem dos movimentos revolucionários, nem da defesa da liberdade enquanto valor norteador da luta. Para ele, tanto a revolução quanto a liberdade eram pedras angulares ideológicas, parâmetros essenciais para a constituição do *homem-que-nós-somos* enquanto um modelo da experiência definidora do humano que carrega uma infinidade de outras regras e valores que servem como legitimação de uma ordem que mais assujeita do que liberta.

Em um emocionante trecho do texto *Le Croire et le Craindre*, de 1978, Deligny escreve:

Você compreende que um percurso como o nosso não pode se basear em uma certa ideologia de (a) liberação. Trata-se de um desvio em relação ao qual não se devem temer os aspectos um tanto 'retrógrados', ao menos aos olhos daqueles que buscariam um 'progresso'. Do momento em que há 'tentativa', trata-se de 'outra coisa', e 'outra coisa', isso se busca, isso não cai do céu ideológico. Não é por acaso que eu falo de jangada. Esses que nos procuram fazem esquí náutico, arrastados que eles são por qualquer projeto que os concerne, os leva ou os passeia. E uma jangada não é uma barricada, para voltar àquelas de 68. Mas você

¹¹⁴"Mas, ainda uma vez, essas histórias que chegam, contadas sobre papel branco em toda solidão, são escritas à rigor para quem as quiser ler, mas não são recontáveis." "Mais, encore une fois, ces histoires qui arrivent, racontées sur papier blanc en toute solitude sont écrites à la rigueur pour qui voudrait les lire mais ne sont pas racontables." (DELIGNY, 2007, p.245).

escuta bem que eu não digo nem um pouco: 'Jangadas, eis o que se deve fazer, e não barricadas'. Eu realmente não digo isso. Talvez eu diga: 'Com aquilo que sobra das barricadas, ter-se-ia podido fazer jangadas...' Mas eu não digo nem isso. Eu digo simplesmente que uma jangada não é uma barricada, e que é preciso de tudo para que eventualmente o mundo se refaça¹¹⁵. (DELIGNY, 2007, p.1188)

O trecho expõe de uma maneira poética, delicada e ao mesmo tempo forte e firme, a aposta de Deligny em outra coisa que os modelos institucionais, que o apego a ideologias, que as lutas baseadas em confronto. Tratava-se de *esquivar* a tudo aquilo que definiria tanto a experiência humana no mundo quanto as possibilidades já dadas para os desvios nessa experiência. Ao mesmo tempo, o trecho mostra a não tomada das tentativas que ele desenvolveu ao longo dos anos - em 1978, Deligny já havia trilhado mais de quarenta anos junto a crianças e adolescentes à margem - como resposta única ou modelo ideal para as questões sociais e políticas colocadas por cada período vivenciado. *Precisamos de tudo para que, eventualmente, um mundo se refaça*. Para Deligny, seu espaço nesse *tudo* não era uma proposição de caminhos alternativos à ordem dada, mas um permitir, um espreitar as brechas, esquivar aos modelos, fazer 'não importa o quê' que permitisse desviar, mesmo que precariamente, ou exatamente precariamente, a ordem estabelecida.

Ainda, para Celéstin Freinet, a pedagogia deveria ser uma prática viva e não a aplicação de uma psicologia elaborada fora da sala de aula, operando uma crítica tanto à divisão da carga horária escolar voltada para o predomínio de disciplinas fechadas, quanto ao lugar de autoridade concedido ao professor. Suas ideias defendiam a ligação do aluno ao seu meio social, como ferramenta para a aprendizagem, assim como a não dissociação das questões vivenciadas no ambiente escolar de um contexto social, familiar e político específico. Porém, simultaneamente, ele concedia um lugar primordial ao trabalho enquanto

¹¹⁵"Vous comprenez bien qu'une démarche comme la nôtre ne peut pas prendre le relais d'une certaine idéologie de (la) libération. Il y va d'un détour dont il ne faut pas craindre les aspects tout à fait 'rétrogrades', tout au moins aux yeux de qui y chercherait un 'progrès'. Du moment qu'il y a 'tentative', il s'agit d'autre chose', et 'autre chose', ça se cherche, ça ne tombe pas du ciel idéologique. Ça n'est pas par hasard que je parle de radeau. Ceux qui nous frôlent font du ski nautique, tractés qu'ils sont par quelque projet qui les concerne, les emmène ou les promène. Et un radeau, ça n'est pas une barricade, pour en revenir à ceux de 68. Mais vous entendez bien que je ne dis pas du tout : 'Des radeaux, voilà ce qu'il faut faire, et pas des barricades'. Je ne dis vraiment pas ça. Peut-être que je dis : 'Avec ce qui restait des barricades, on aurait pu faire des radeaux...' Mais je ne dis même pas ça. Je dis tout simplement qu'un radeau, ça n'est pas une barricade, et qu'il faut de tout pour qu'éventuellement le monde se refasse." (DELIGNY, 2007, p.1188).

ferramenta pedagógica de desenvolvimento do potencial criativo e de aprendizagem. Deligny se afastou definitivamente da afirmação do lugar constitutivo do trabalho na valorização da experiência humana no mundo. "Mas Deligny não compartilha, no fundo, nem o vitalismo da livre expressão, nem o método aplicado, nem a moral do 'trabalho que ilumina' da qual fala Freinet em *Les Dits de Mathieu*"¹¹⁶ (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.227). Não era questão nem de educar, enquanto projeto pedagógico, nem de criar condições para o trabalho - estas propostas não tinham lugar em Deligny - era antes questão de permitir, de criar ocasiões. Desde a primeira tentativa foram recusadas, portanto, as noções de efetividade e de produtividade, recusa que foi um dos eixos de sua elaboração conceitual e prática ao longo dos anos posteriores e principalmente no período em Cévennes.

A atuação de Deligny não foi isolada de seu contexto histórico-político, mas se diferenciou da de seus contemporâneos, que definiam um campo de luta pela reforma institucional escolar, fundamentalmente em dois pontos centrais: Deligny não falava nem elogiosamente nem criticamente do trabalho e, portanto, não o defendia como ferramenta pedagógica ou como meio de valorização e enriquecimento do sujeito; ele não estava preocupado em educar propriamente dito e compreendia a função do educador como aquele que *cria circunstâncias* para que as crianças saíssem dos lugares já definidos para elas.

Em definitivo, a linha de separação mais clara passa, talvez, pela preocupação em educar: ela não é colocada à frente nem nos escritos de Deligny, nem na sua prática; isso que tem lugar, é antes qualquer coisa como: permitir, dar as ocasiões...isso que o distingue de toda pedagogia progressista não é o progressismo, mas a pedagogia¹¹⁷. (MOREAU, 1978, pp.29/30)

Ele aborda a escola pelo burlesco, pela recusa da aprendizagem, pela jubilação do 'não importa o quê', pendendo para a utopia de uma sociedade sem escolas. Ele não combate por qualquer liberdade. Sua paixão pelas circunstâncias e pelo acaso

¹¹⁶"Mais Deligny ne partage dans le fond ni le vitalisme de la libre expression, ni la méthode appliquée, ni la morale du 'travail qui illumine' dont parle Freinet dans *Les Dits de Matthieu*." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.229).

¹¹⁷"En définitive, la ligne de partage la plus nette passe peut-être par le souci d'éduquer: il n'est guère mis en avant dans les écrits de Deligny ni dans sa pratique; ce qui en tient lieu, c'est plutôt quelque chose comme: permettre, donner des occasions...ce qui le distingue de toute pédagogie ce n'est pas le progressisme, c'est la pédagogie." (MOREAU, 1978, pp.29/30).

participa de um senso poético¹¹⁸. (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, pp.229)

O livro que relata as experiências desse período da trajetória de Deligny, tanto sua inserção no sistema escolar em Paris e em Nogent-sur-Marne, como sua atuação enquanto professor no asilo de Armentières no primeiro período anterior à guerra, é o *Les Enfants ont des Oreilles*, escrito no ano de 1949. É importante ressaltar, então, que no momento de sua escrita, Deligny já havia terminado sua atuação no asilo tanto como professor quanto como educador do Pavilhão 3. Ele já havia, também, participado da construção do plano de prevenção à delinquência juvenil em Lille, sido diretor pedagógico do Centro de Observação e Triagem na mesma cidade, e ocupado o cargo de Delegado de Trabalho e Cultura. Iniciava-se nesse momento a experiência da tentativa chamada Grande Cordée. Todas essas etapas serão exploradas nesse e no capítulo seguinte. Se o livro é, portanto, fruto de suas experiências enquanto professor em classes especiais, ele está já embebido pelas tentativas posteriores.

Les Enfants ont des Oreilles começa com uma simples frase: "Contar uma história"¹¹⁹ (DELIGNY, 2007, p.235). Ela dá o tom de todo o livro: ele é composto de histórias, de desenhos, de personagens fora de uso, descartados, que reencontram uma linha, um outro lugar fora dos usos previstos para eles e para os quais eles não mais serviam. As histórias são narrativas fantásticas, inusitadas, um arranjo, uma costura de retalhos entre pessoas e objetos que se transformam em coisas. Elas estão dispostas pelas páginas de forma a ocupar as folhas em certa desordem que cria um ritmo para a leitura. Que transforma o ato de ler em participar da construção do percurso desses personagens. Frases em sua maioria datilografadas, misturadas com uma escrita livre à mão, frases soltas, onomatopeias, pequenos rascunhos de desenhos. Folhas inteiras de desenhos. O sumário ilustra o livro, a descrição dos conteúdos das sessões enumera: um pote de flor, uma xícara branca, um banco manco, um banco de madeira, duas varas,

¹¹⁸"Il aborde l'école par le burlesque, le refus de l'apprentissage, la jubilation du 'n'importe quoi', un penchant pour l'utopie de la société sans école. Il ne combat pour aucune liberté. Sa passion des circonstances et du hasard participe d'un sens poétique." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.229).

¹¹⁹"Raconter une histoire" (DELIGNY, 2007, p.235).

três tijolos, uma velha bota, uma lanterna, um galo de igreja, uma chaminé, um espantalho..."etc, etc, e a você cabe brincar.¹²⁰" (DELIGNY, 2007, p.248)

Contar uma história...Veja aí uma locução simples e honesta. Um verbo, uma palavra para nada, um complemento de objeto direto, como diria a gramática. Mas quem quer entreabrir esse objeto envelhecido pelo uso, o encontra cheio de sentidos contraditórios lhe chegam pelos usos muito diferentes que se pode fazer dele. Para alguns, 'uma história' se apresenta bem lisa e redonda, tão asseguradora e inocente como um ovo de madeira usado para remendo, muito prático para o educador que quer cumprir sua agenda de trabalho...Enquanto que desde a porta da escola, dentro mesmo da escola, se coloca em cena um drama político e social...¹²¹ (DELIGNY, 2007, p.235/238)

O texto começa com uma dura crítica aos educadores para os quais uma história é algo pronto e fechado - a própria história dos alunos. Onde tudo em uma aula está pronto e o desenvolvimento das atividades serve tão somente para o cumprimento da carga horária prevista. Educadores que funcionam em função da prestação de contas devida, cuja menor das ações é motivada por um "*para não...*": fazer tal coisa para que não dê errado, exigir tal coisa para que o aluno não fique atrasado, proibir tal comportamento para que não haja confusão em sala...o espaço da escola funcionando como uma antecipação negativa da vida. O texto é militante e mostra uma inserção ativa de Deligny em relação às questões institucionais do sistema escolar desse período.

Contar uma história é, então, a primeira frase que lemos de Deligny e que anuncia como ele compreendeu, em 1949, aquilo que foram suas primeiras tentativas: criar outro lugar para a função de educador, permitir outros lugares para as crianças definidas desde sempre pela marca da insuficiência, da inadequação, da defasagem. É importante lembrar que, em 1938, iniciou-se sob a gestão do Front Populaire os ensaios de organização de um campo político que foi definido normativamente, em 1943, como infância inadaptada. Contar uma

¹²⁰"...etc, etc,...et à toi de jouer." (DELIGNY, 2007, p.248).

¹²¹"Raconter une histoire...Voilà une locution simple et honnête. Un verbe, un mot pour rien, un complément d'objet direct comme dirait la grammaire. Mais qui veut entr'ouvrir cet objet patiné par l'usage le trouve bourré de sens contradictoires qui lui viennent des usages très différents que l'on en faire. Pour certains 'une histoire' se présente bien lisse et bien rond, aussi rassurant et naïf qu'un oeuf à reprendre les bas, bien pratique pour l'instituer qui veut boucher un trou dans son emploi du temps...Alors que, dès la porte de l'école, dans l'école même, se joue un drame politique et social..." (DELIGNY, 2007, p.235/238).

história se estruturou, para Deligny, como uma forma de esquivar das histórias próprias, dos casos de cada criança que compunham esse conjunto de restos de pequenos seres à margem da normatividade social. Contar histórias como forma de desviar a história dos casos de cada um. É assim que os textos de *Les enfants ont des Oreilles* não são histórias próprias, nem de Deligny nem das crianças que foramavam as turmas nas quais ele atuou; as histórias não possuem uma narrativa linear, não trazem sujeitos definidos que as anunciam, nem constroem tão somente personagens-objetos fixos em relação aos quais algo se conta. Elas são antes um fluxo de imaginação sem dono, do que um relato apropriado e coerente.

Deligny, aos 24 anos de idade, se encontrava, portanto, frente a uma turma de alunos que ninguém parecia querer e os quais pareciam nada querer. Ele chamou um aluno ao quadro, lhe entregou o giz, e pediu que esse desenhasse algo. Ele conta, no prefácio para a edição de 1976, que na turma havia crianças que se prestavam mais ao ensino do que outras e que entre elas facilmente poderia se instaurar uma dinâmica de animosidade, competição e provocação. O aluno chamado ao quadro, surpreendido em se encontrar na posição de algo fazer, desenhou um objeto que podia parecer um retângulo mal feito. Nesse momento, Deligny tomou uma posição: demandar do aluno o que ele havia feito o recolocaria no lugar daquele que, em relação às normas em vigor, nada pode fazer ou produzir de adequado. Recolocaria o lugar do professor como gestor da ordem do que se instaura na sala e, assim, vetor que orientava o julgamento do aluno em relação a si e dos demais alunos em relação a ele. Foi preciso buscar outro caminho. Esquivar a lógica estabelecida pelas regras escolares: o mérito, a produtividade, o alcance de bons resultados.

E a partir daí, eu deixava ir um certo controle, não tenhamos medo das palavras. Eu deixava ir: ‘Era uma vez um banco que havia perdido seus pés’. Acontecia que o garoto olhasse aquilo que ele havia traçado, estupefato. Entre os ‘alunos’ alguns, imediatamente, pensavam: ‘Um banco? ELE é capaz de desenhar um banco? Não é um banco’. Mas eu disse: se tratava de um controle e eu não colocava minha afirmação na voz. Eu não dizia: ‘O que você vê nesse desenho?’ Eu contava: ‘Era uma vez um banco que havia perdido suas quatro patas’. O quadro, eu disse, era de uma madeira que se diria sombria, escamada. De tudo aquilo que havia podido ter sido ali escrito ressurgiam os traços, traçar de letras, de números, restos de datas, de barras de fração, de + e de -. Como de um osso pode-se remontar o esqueleto de um monstro desaparecido para sempre, eu entrevia os pedaços de exercícios escolares impregnados nessas tábuas. E eu dizia: ‘Ele tinha perdido

suas quatro patas'. Em torno desses destroços, havia a multidão desses restos de traços que de terem perdido seu sentido, voltavam a ser traçar, reminiscências verdadeiramente estupefatas da intrusão em seu domínio desse corpo estrangeiro, caído de onde?¹²² (DELIGNY, 2007, p.353)

Deligny, através das ações de contar uma história e de criar personagens a partir dos traços no quadro, produziu uma esquivia em relação à situação que se desenhava em sala. Um retângulo era um banco que havia perdido as pernas. Um traço pode então se tornar um motivo para o aluno, um motivo de adesão a uma iniciativa, um retângulo mal feito pode ser, assim, o início de algo que tem uma sequência. A partir dessa história, impulsionada por um traçar e em relação à qual estava ausente o questionamento sobre qual era o seu significado, houve a criação de um espaço para *não importa o quê* surgir. O traço infantil e as crianças se tornavam, assim, motores do que acontecia na sala de aula e era a imaginação delas que determinava o curso dos encontros coletivos. Deligny não inventava uma história, ele a estimulava a partir desse traçar que substituiu a palavra como guia daquilo que acontecia em sala. O desenho se tornou a liga que proporcionava uma comunicação coletiva em torno da atividade: a história não era nem do sujeito que em cada momento a contava, nem do professor, nem do aluno que traçava com o giz. O objeto desenhado no quadro não era, assim, uma ilustração de algo elaborado anteriormente e pronto - ilustração que, enquanto representação de um mundo já conhecido, pertenceria à história própria de quem a desenhou - ele era traço partilhado com toda a classe. E para ser partilhado ele não podia veicular algo programado e previsto, ele devia se tornar o suporte de uma história contada naquele momento e que só produzia sentido se fosse partilhada pela presença atenta de todos. Ao desenhar, cada aluno disponibilizava o traço para a

¹²²"Et à partir de là, je lâchais la bride à une certaine maîtrise, n'ayons pas peur des mots. Je lâchais: 'Il était une fois un banc qui avait perdu ses pieds.' Il arrivait que le gamin regarde ce qu'il avait tracé, stupéfait. Parmi les 'élèves', certains à coup sûr pensaient: 'Un banc? IL est capable de dessiner un banc. C'est pas un banc.' Mais je l'ai dit: il s'agissait d'une maîtrise et je ne mettais pas mon affirmation aux voix. Je ne disais pas: 'Qu'est-ce que vous voyez dans ce dessin-là?' Je racontais: 'Il était une fois un banc qui avait perdu ses quatre pattes.' Le tableau, je l'ai dit, était d'un bois qu'on aurait dit goudronné, écaillé. De tout ce qui avait pu y être écrit resurgissaient des traces, tracer de lettres, de chiffres, bribes de date, de barres de fraction, de + et de -. Comme d'un os on peut remonter le squelette du monstre à jamais disparu, j'entrevois les morceaux d'exercices scolaires imprégnés dans ces planches. Et je disais: 'Il avait perdu ses quatre pattes.' Autour de cette épave, il y avait la foule de ces bribes de traces qui d'avoir perdu leur sens redevenaient des tracer, réminiscences à vrai dire stupéfaites de l'intrusion dans leur domaine de ce corps étranger venu s'affaler d'où?" (DELIGNY, 2007, p.353).

turma. Deligny colocou em jogo, através dessa estratégia, a forma de criação coletiva que estava em questão na maior parte dos ambientes escolares.

Os traços conseguiram carregar para fora do espaço da sala de aula todas as representações já cristalizadas dessas crianças e que podiam ali se reproduzir. A partir das histórias improvisadas, Deligny instaurou uma brecha para que aparecessem novas possibilidades de constituição do universo infantil, para que ele se apresentasse, ao menos um pouco, despido do que *se diz* que ele deveria ser. Um momento presente tramado numa história criada conjuntamente e que tinha o potencial de destituir, mesmo que brevemente, a grande História. A história não era a produção do mestre que conta um sentido pronto aos alunos que escutam. Ela era a produção ativa desses alunos, enredados por esse traçado materializado no quadro da sala.

Criar um movimento de ligação entre essas crianças foi, portanto, uma forma de, retirando-as de sua situação subjetiva cristalizada e dando a elas um certo pertencimento coletivo e criativo, destituir a imagem delas mesmas como excluídas e recolocá-las em um processo de pertencimento, onde o que guia não é a adequação a um padrão de normalidade e de produção, mas o engajamento recíproco em torno de algo. Nesse caso esse *algo* foi um desenho que era mote de uma história e, ao longo das tentativas de Deligny, as estratégias que instrumentalizaram esse movimento comum variaram. Esse algo é a ocasião que proporciona uma relação que não se dá entre sujeitos - entre histórias pessoais - mas entre interesses compartilhados e que assim cria uma outra forma de entrelaçamento coletivo.

- Nem um pouco, dizem as sandálias. Ele diz aquilo que ele sabe e ele sabe aquilo que ele diz. Ele é o terceiro em tudo e o primeiro em geografia.

Então, estrela, vulcão e monstro marinho, imóveis na grama do acostamento se olham esperando a noite para refletirem no ar fresco sobre as mil formas de concretizar seus destinos.

Nós somos treinados a vida inteira sobre as rotas, crê-se saber aonde levam os caminhos e é preciso que apareça um colegial para nos ensinar aquilo que somos de toda evidência e porque amávamos tanto a roseira e a água das poças. Aumente milhões de vezes a água contida em um aquário e veja que espécie de baleia se torna o sapato que acabou de deixar sua marca.

- Essa aqui é uma baleia, esse aqui um vulcão apagado e essa uma pequena estrela.

- E isso, diz a avó, mostrando o mapa do mundo, uma terra em grão. Que nós joguemos aos quatro ventos, ela pode crescer e se tornar cem vezes grande como a lua.¹²³ (DELIGNY, 2007, p.284/289)

Foi preciso permitir a essas crianças serem outra coisa que o permitido a elas serem. Na tentativa nas escolas, Deligny colocou também em questão o lugar do professor. É verdade que Deligny, provido de seu cargo, ocupava na turma um lugar de autoridade, de poder, lugar inclusive materializado na própria disposição do espaço da sala: o estrado mais alto destinado ao chefe. Mas ele tentava inverter o jogo, usando esse lugar para criar outras possibilidades de funcionamento da relação aluno-professor. Ao chamar o aluno ao quadro ele era o professor que tinha autoridade, ao dar lugar para que surgisse uma história, se despidendo da autoridade de ensinar, avaliar e julgar, ele quebrava uma rede de silêncio instaurada pelos lugares de hábito do aprendizado escolar. A função ocupada por ele passava a ser uma forma de esquivar a arbitrariedade do questionar: questionar *seu* aluno sobre o desenho, sobre *seu significado*, sobre a *vontade* do aluno ao desenhar. E se ele ainda afirmava "é um banco", esse dizer era uma forma de escapar ao emprego usual da palavra do professor, cujo perguntar, muito mais do que interesse ao que o aluno teria a falar, é uma forma de cristalizar posições, de garantir uma resposta cuja expressão leva o aluno a se definir e a definir o mundo. Saber desenhar um retângulo perfeito, saber falar dele. O dizer de Deligny foi uma forma de escapar a essas palavras dominantes e instituídas e de criar espaço para outras ações - o engajamento conjunto em uma história ainda não contada.

Criar um espaço coletivo foi o desafio de Deligny desde o início. Ele que se sentia só nos almoços, na mesa destinada aos professores. "Ao longo do meio-dia, eu comia minha marmita, mais para triste, em um canto da minha mesa,

¹²³ - Pas du tout, disent les sandales. Il dit ce qu'il sait et il sait ce qu'il dit. Il est troisième en tout et premier en géographie. Alors étoile, volcan et monstre marin immobiles dans l'herbe du bas-côté se mirent à attendre la nuit pour réfléchir plus au frais aux mille moyens d'accomplir leur destinée. On s'est traîné sa vie entière sur les routes, on croit savoir où mènent les chemins et il faut que ce soit un écolier qui vienne vous apprendre ce qu'on est de toute évidence et pourquoi on aimait tant la rosée et l'eau des flaques. Grossissez des millions de fois l'eau contenue dans une ornière, et voyez quelle espèce de baleine devient le godillot qui vient d'y marquer son empreinte. - Celle-là est une baleine, ceux-là un volcan éteint et celle-ci petite étoile. - Et ça, dit la grand'mère, en montrant la mappemonde, une terre en graine. Qu'on la jette aux quatre vents, elle peut grossir et devenir cent fois grosse comme la lune." (DELIGNY, 2007, p.284/289).

totalmente só na minha mesa, que era aquela do mestre, sobre um estrado".¹²⁴ (DELIGNY, 2007, p.351/352). Ele colocou, portanto, em questão o lugar do educador como aquele que deveria interrogar, dar a ver uma insuficiência do aluno como forma de readequá-la, antes mesmo de compreender sua situação, de criar condições para que o mesmo pudesse vivenciar suas potencialidades no ambiente de formação. O educador, para Deligny, deve ser um criador de circunstâncias.

Outra estratégia importante desenvolvida por ele nesse período, e que foi retomada nas tentativas seguintes, foi a realização de atividades fora do espaço escolar. Deligny criou uma rotina de passeios, por exemplo, no bosque de Vincennes, em Paris. A convivência com o espaço externo era uma forma de aproximar o aluno de uma percepção do aprendizado em sua ligação com o meio de vida. Era uma forma de dar aos alunos um espaço para se relacionar fora dos muros da sala de aula. Não só em Armentières os passeios foram retomados como maneira de ligar o exterior com o interior, de implicar a sociedade na relação com aquilo que a mesma define como uma população não socializável e portanto aprisionável. Na experiência do COT, o convívio com o próprio meio de vida do jovem, sua não exclusão para observação, foi percebido como estratégia central para sua posterior inserção na vida cotidiana. Outra forma de garantir que o período de observação não se traduzisse na construção de um mundo fechado e artificial foi a organização de atividades abertas para as quais o centro recebia diferentes pessoas que constituíam seu entorno. Na experiência da Grande Cordée essa estratégia se definiu ao longo dos anos em uma escolha pela efetiva dispersão territorial que se radicalizou em Cévennes. Abordaremos esses detalhes na sequência do texto.

A organização dos passeios se apresentou, então, também como estratégia, junto com os desenhos, de destituição dos lugares instaurados pela realidade escolar. Através do cuidado com a criação desses espaços de abertura é que se pode deslocar a relação interpessoal do professor com o aluno, e mesmo de um aluno com outro aluno. O que está em jogo é todo o coletivo da classe. E é mais a

¹²⁴"Pendant midi, je mangeais ma petite gamelle, plutôt triste, sur un coin de ma table, tout seul à ma table qui était celle du maître, sur une estrade. Dérision: je mangeais froid, sur une estrade." (DELIGNY, 2007, p.351/352).

situação vivenciada do que o professor que orienta o que se passará no encontro de todos.

E depois de algum tempo passado, de tanto dar aula para garotos que não tinham vontade nenhuma de estar em classe justamente, eu pensei: 'Dane-se, vou levá-los ao bosque de Vincennes...' Porque eles eram maus lá dentro, eles eram hostis, eles só pensavam em impedir que a aula acontecesse. Eles tomavam o professor somente como fantoche, como distração preferida. Bom, alguns dias tudo bem. Então eu disse a eles: 'Nós vamos ao bosque de Vincennes', dizendo a mim 'Vendo como eles são aqui dentro, não se deve tentar imaginar como eles serão lá fora.' Atravessamos, então, a porta, na boa direção. Nós partimos. Eu caminhava à frente, eu não ousava me virar. Eu não escutava nada atrás, caminhava-se... Eu me virei: eles se davam as mãos. Tinham uns grandes, de mais de quinze anos....e bom, eles estavam de mãos dadas como na escola maternal. Completamente amedrontados de estarem do lado de fora quando não era o momento. Eles me seguiram dessa forma até o bosque de Vincennes, enquanto que do lado de dentro, antes, era a desordem. De pronto, eu continuei: eu me vi no bosque de Vincennes até o fim do ano escolar.¹²⁵ (DELIGNY, 2007, p.1094)

Deligny construiu uma crítica precisa ao lugar do educador. Na sequência de suas tentativas vemos essa crítica se desdobrar na recusa ao lugar do especialista. Ao invés da educação formal - miniatura dos desejos da sociedade e do mercado - ele faz uma aposta no lugar do educador não só como um criador de circunstâncias mas como um *colocar em risco* os sujeitos conhecidos: destituição do lugar do professor como o mestre que ensina e educa, destituição do lugar desse aprender para dar espaço a uma abertura para histórias - não histórias prontas, mas criações que pulsam de uma potente possibilidade infantil em produzir gestos desinstitucionalizantes - cuja sensibilidade e o respeito do educador podem liberar o espaço da aula das representações já conhecidas, liberar essas crianças dos papéis sociais que elas já são, desde sempre, obrigadas a

¹²⁵"Et puis au bout de quelque temps, a force de faire classe a des gosses qui n'avaient pas du tout envie d'être en classe justement, je me suis dit: 'Tant pis, je vais les emmener au bois de Vincennes...'. Parce qu'ils étaient mechants la-dedans, ils étaient hostiles, ils ne pensaient qu'à empêcher que la classe se fasse. Ils n'avaient que l'instituteur pour pantin, comme distraction preferee. Bon, ça va bien quelques jours. Alors je leur ai dit: 'On va au bois de Vincennes', en me disant: 'Rien qu'à les voir comment ils sont dedans, faut pas essayer d'imaginer comment ils vont être dehors.' On a donc passé la porte, dans le bon sens. On est partis. Je marchais devant, je n'osais pas me retourner. Je n'entendais rien derriere, ça marchait...Je me suis retourné: ils se donnaient la main. Il y avait des grands de plus de quinze ans...eh bien, ils se donnaient la main comme a la maternelle. Absolument affoles d'être dehors quand c'était pas le moment. Ils m'ont suivi comme ça jusqu'au bois de Vincennes, alors que dedans c'étaient des caids. Du coup, j'ai continué: je me suis retrouvé au bois de Vincennes jusqu'à la fin de l'année scolaire." (DELIGNY, 2007, p.1094).

representar. Papéis a partir dos quais cada criança será julgada e definida pela sua capacidade, frente a uma sociedade capitalista, de materializar, desde a mais tenra idade, o lugar que ocuparão em um mundo voltado para a produção e a eficácia. E são tão mais vítimas desses modelos aqueles que por uma maior resistência ao enquadramento a esses padrões, começam desde cedo a serem etiquetados: marginais, inadaptados, débeis, insuficientes, desatentos. E tão mais grave a situação para aquelas crianças que já vêm etiquetadas por outros padrões: para os pobres, os negros, os imigrantes, as mulheres, a carga a carregar está por todos os lados. E basta carregar nas costas alguns anos de vida para se saber que etiquetas não se desprendem tão facilmente.

Um ponto que nos parece importante abordar, para o delineamento da esQUIVA que Deligny está operando com a tentativa dos desenhos e concomitantemente da crítica institucional que nesse período ele começa a elaborar, é o lugar que ocupa esse *dar um sentido* ao desenho da criança. Parece-nos que a estratégia empreendida não deve ser percebida como equivalente a *dar um significado*. Um significado promove um fechamento da experiência infantil: é possível que alguém - dotado de um poder hierárquico preciso - determine o que era aquilo que fora ali desenhado. O significado vai operar, no caso do desenho, a interrupção de um fluxo criativo que permitiria à criança agir, fluxo criado exatamente a partir de seu engajamento criativo na atividade proposta. Um significado é também o encerramento da implicação de toda a turma. Determinado pela resposta do aluno que realizou o desenho a uma pergunta objetiva do professor sobre o que é aquilo, o significado delimita a experiência da classe enquanto coletivo: os outros alunos não podem mais se apropriar da história e dar a ela, pelas suas ideias e contribuições, outros desvios. Produzir *um sentido* a partir do desenho, no entanto, promove outro processo, não mais o encerramento de uma experiência criativa, mas um colocar em movimento essa experiência. Uma história, se despreocupada com o sujeito que conta e com o objeto contado, permanece como uma dimensão de criação onde qualquer elemento pode ser agregado e torna-se um trajeto que pode ser ocupado por todos que nela se envolvem.

...e se deixar levar por trinta imaginações acordadas. Até aonde? O que importa? Uma história imaginada em conjunto cria cimento vivo e um estado latente de colaboração afetiva...O que importa é ousar, abandonar nesse momento toda intenção de informação, de formação, de pressão prematura ou cansativa. O que o adulto quer reivindicar e provar é suspeito para a criança.¹²⁶ (DELIGNY, 2007, p.246)

O significado é, assim, a experiência temporal da estruturação de uma definição - algo que é, de tal forma, em um momento determinado -, sua cristalização. Um sentido, por outro lado, faz aparecer a dimensão espacial da experiência enquanto brecha para a ocupação ativa e compartilhada do espaço da aula, do espaço do traço, da história. Uma tentativa só pode se constituir nesse espaço de precariedade instaurado pelo sentido - um sentido vai para qualquer lugar -, diverso do tempo instaurado pelo significado - o significado é aquele que fica, imóvel e definido. O problema da escrita em Deligny, como veremos, é o correlato de sua atividade prática. Assinar seu nome é como dizer que um traço é um retângulo, e tão somente. Retomar, reescrever, relançar, é dizer que um traço é um banco que perdeu os pés...e tudo pode acontecer com um banco que perdeu os pés. Tudo conta e não mais somente as características de tal aluno, seu rendimento, sua produção, seu caráter.

Algum significado, no entanto, sempre poderá se instaurar após determinado sentido que ganha curso. É, inclusive, esse o fundo da problematização de Deligny sobre a duração de uma tentativa; esta, com o decorrer do tempo, não escaparia ao enrijecimento proveniente da formalização de uma instituição. Porém esse espaço entre algo que se tenta enquanto prática ainda não definida e algo que se diz, que se representa e se reproduz, deixa entrever um importante debate. O suporte para o aparecimento de um significado posterior é, dessa forma, um traço primeiro - ou como definirá Deligny, primordial - não dotado ainda de um caráter representativo. O traço em sua essência nada diz, nada traduz, nada representa. Ele é aquilo que ele presentifica: um traçar sobre um suporte qualquer. Dessa forma o significado, ou a representação, é destituído do lugar constituidor da essência da experiência humana, esta antes de tudo é um

¹²⁶ "...et de laisser porter par trente imaginations éveillées. Jusqu'où? Qu'importe? Une histoire imaginée ensemble fait ciment vivant et crée un état latent de collaboration affective...Ce qui importe c'est d'oser, d'abandonner en l'occurrence toute intention d'information, de formation, de pression prématurées ou lassantes. Ce que l'adulte veut prétendre et prouver est suspect à l'enfant". (DELIGNY, 2007, p.246).

traçar, ação sem propósito outro que seu próprio desenrolar, ação cujo tempo verbal correspondente é o infinitivo, por não carregar a conjugação do sujeito nem a correspondência a um objeto. Isso que Deligny chamou de *agir* e agregou *para nada*. É no desdobramento dessa questão, já presente no final da década de 1930, que Deligny desenvolveu a problematização da noção do humano e da linguagem. Enquanto que o que pareceria definir a experiência compartilhada humana seria a linguagem e, portanto, a entrada do homem no mundo simbólico, sua possibilidade de representar o mundo no mesmo movimento em que abandona a experiência do real, tornando-se capaz de *se* dizer, ou de dizer *Eu*, para Deligny o que efetivamente a define é algo anterior, ou aquém da representação e da linguagem: a possibilidade de agir no infinitivo, de traçar. É o espaço de um gesto, esse lugar instaurado por um agir destituído de significado e intenção que constituiria o contorno partilhado da experiência humana. Anuncia-se na tentativa nas escolas algo que foi desenvolvido e aprofundado efetivamente no período em Cévennes. Mas poderíamos afirmar que, nesse momento, já há o cuidado com a constituição de um espaço onde o traço é o orientador da experiência coletiva, lugar, portanto, não definido por uma lei prévia ou pela palavra como representação do que deve ser o aprendizado, o professor, os alunos, a escola.

Se a linguagem de certa forma retoma seu curso, vem designar objetos, dar contornos, personagens em uma história que nasce desse simples traçar do aluno, o breve instante de sua ruptura - a possibilidade de silenciar o sentido conhecido para o traçado do aluno no quadro, sentido que diz 'é um retângulo mal feito, lhe falta algo' e que carrega em uma simples frase um arsenal de significações e cristalizações -, essa brecha criada pela suspensão de sentido é suficiente para que toda uma nova configuração do espaço da aula surja.

'Ele havia se tornado simples prancha, o banco, e é, talvez, por tanto andar que ele tinha perdido suas patas'. Dirão-me: 'Mas olha aí a linguagem que retoma o topo, que retoma seu curso interrompido por um breve instante. Isso que se diz: olha ela aí, partindo novamente com o passo firme, mesmo se o banco', etc. Interrompida por um breve instante: não é preciso mais nada, é desse breve instante que se trata, momento de *ruptura*. Eu não sabia de mais nada: um bom momento.¹²⁷ (DELIGNY, 2007, p.353)

¹²⁷'''Simple planche il était redevenu, le banc, et c'est peut-être à trop marcher qu'il avait perdu ses pattes.' On me dira: 'Mais voilà le langage qui reprend le dessus, qui reprend son cours un bref

O traçado do aluno ao ser carregado para um lugar onde ele não representa nada, onde ele é tão somente o mote para uma criação coletiva, retira também do aluno as representações já congeladas, e retira dos companheiros de sala os lugares ocupados por eles - em relação a si e ao aluno que traça. Carrega junto o lugar institucionalizado do professor, do mestre que está ali para ensinar o certo: como traçar um retângulo. O transporta para o lugar de uma escuta sensível, da promoção de um cuidado com o espaço-sala, buscando criar as circunstâncias para que os alunos tomem a iniciativa e criem conjuntamente. As tentativas construídas por Deligny foram, desde o início, esforço de criação de lugares, de espaços que se abrissem para a desconstrução de significados e dos sujeitos. O espaço criado por Deligny para o traço, para o surgimento de uma história qualquer, destituída dos lugares ocupados por sujeitos que estariam à margem, inadaptados, é a operação de um profundo respeito por essas crianças: respeito àquilo que elas eram e não ao que elas se tornariam¹²⁸. Para Deligny, a escola funcionando enquanto microlaboratório da vida social, onde dessas pequenas crianças já deveria aflorar seus papéis de funcionamento e de inserção, faz delas pequenos homens e mulheres. É essa função construída para a escola que faz das crianças sujeitos já imóveis, presos às suas histórias - às histórias de suas famílias, às suas posições sociais, à supostas características próprias -, crianças já definidas pelos parâmetros que deveriam alcançar. Para Deligny, pautados nesses pressupostos, o processo educativo e o educador têm como finalidade acabar com a imaginação criativa, retirar o apetite e a alegria do aprendizado para fazer engolir, junto com a história, algo supostamente útil e produtivo. (DELIGNY, 2007, p.240).

E é a partir desse lugar que ele estrutura suas tentativas. É a Instituição que opera a cada vez suas separações, atribuindo aos sujeitos suas posições, e assim suas funções respectivas - Deligny: o mestre ou o diretor; um garoto: o perverso, o delinquente, ou o aluno...Ele sabe de onde fala, a partir de onde age, mas é para o quanto antes quebrar os códigos, os lugares, as funções instituídas. É assim que

instant interrompu. Ce qui se dit : le voilà reparti d'un bon pas, même si le banc', etc. Interrompu un bref instant: il n'en faut pas plus, c'est de ce bref instant qu'il s'agit, moment de *rupture*. Je n'en savais pas plus: un bon moment." (DELIGNY, 2007, p.353).

¹²⁸"...os garotos, quaisquer que eles sejam, são nossos amigos. Quaisquer que eles sejam e não o que quer que eles se tornem." "...les gosses, quels qu'ils soient, sont nos amis. Quels qu'ils soient et non pas quoi qu'ils deviennent." (DELIGNY, 2007, p.236).

ele desvia o instituído e permite ao 'sujeito' escapar àquilo que ele deveria ser, ao 'caso' que ele é/que se atribui a ele.¹²⁹ (MIGUEL, 2016, p. 31)

E contrariamente àquilo que se poderia crer
sem galo que as vigie,
sem espantalho as ameaçando,
as chaminés jovens ou velhas
se viravam muito bem elas mesmas com o vento.¹³⁰
(DELIGNY, 2007, p.332)

Parece-nos, quando lemos em voz alta essas histórias, que elas têm uma potência que não podemos pressentir quando presos às histórias formatadas, onde tudo tem que ter o seu lugar justificado, tem que cumprir uma função adequada. Uma mesa que tem outra função que mesa é um indício de que tudo no mundo pode ter outra função que aquela que lhe foi instituída. É uma abertura para a vida dessas crianças que Deligny pareceu tentar operar. Ler em voz alta parece uma forma de liberar as palavras dos sentidos que elas carregam, de deixar o som se modular num rebatimento ao ouvido. São histórias de resistência que são contadas, resistência de objetos à margem, retirados de suas funções habituais, de seus lugares de produtividade, de seu papel social esperado - um banco manco, uma taça quebrada, um pote de flores que deixou as flores morrerem -; objetos inutilizados por não ocuparem seus papéis, mas que resistem, que são capazes de fazer nascer uma história, de criar...; histórias de multiuso de objetos, de fuga dos lugares esperados para cada coisa ocupar; histórias de alegria com tudo que cada objeto pode ser quando ele é retirado da obrigatoriedade imposta por uma função especializada e quando a liberdade é encontrada na potência desse objeto no encontro com os objetos ao redor. Suas possibilidades não são mais dadas por uma lei anterior, mas por sua relação com um espaço, com os outros componentes

¹²⁹"C'est même à partir de cette place qu'il structure ces tentatives. C'est l'Institution qui opère à chaque fois ses séparations, en attribuant aux sujets leurs positions et ainsi leurs fonctions respectives – Deligny: le maître ou le directeur; un gamin: le pervers, le délinquant ou l'élève... Il sait d'où il parle, d'où il agit, mais c'est pour aussitôt brouiller les codes, les places et les fonctions institués. C'est ainsi qu'il détourne l'institué et permet au 'sujet' d'échapper à ce qu'il est censé être, au 'cas' qu'il est/ qu'on lui a attribué." (MIGUEL, 2016, p.31).

¹³⁰"Et contrairement à ce qu'on pourrait croire, sans coq qui les surveille, sans épouvantail menaçant, les cheminées jeunes ou vieilles se débrouillent fort bien elles-mêmes avec le vent." (DELIGNY, 2007, p.332).

desse espaço, com as necessidades efetivas das práticas vividas. Poderíamos dizer que, se as crianças se sentem um pouco como os objetos dessas histórias que elas passam a contar, um pequeno pedaço de mundo está provisoriamente salvo. Não são mais crianças fundadas na desesperança da falta que elas representam, mas na percepção de sua relação com os encontros e com o espaço em que vivem - e daí podem nascer um milhão de habilidades, um milhão de personagens a serem criados e vividos...É outra trama coletiva que se constrói entre esses personagens, não uma trama de funcionalidades articuladas, mas uma trama *fora de função*, em torno de uma necessidade de criação colocada pela prática. Nas nuances dos textos de *Les enfants ont des oreilles*, entre personagens que saem de suas funções e criam outros mundos, vemos detalhes da vida das crianças: as rotulações, as explorações, as limitações impostas, o uso pelo outro, para as intenções do outro.

ela fez dizer
 ela disse
 ela sussurrou para
 que fosse repetido
 aquele que já tem o suficiente
 de ser aquilo que é
 de fazer aquilo que faz
 como ele é
 onde ele é
 basta vir me ver
 eu, a velha bota,
 perto da borda
 no cruzamento de quatro rotas.¹³¹
 (DELIGNY, 2007, p.300)

Durante três anos eu fui educador em um instituto médico-pedagógico da região, grande construção branca no meio de um asilo de alienados. Os loucos, como se diz, em centenas, camisa cinza e veludo marrom, os corredores cimentados diante da administração e esburacados entre os pavilhões, pequenos canteiros de flores em torno dos quais estão docilizados tantos homens e meninos lesmas que se pode perguntar se cada pétala e cada folha não são, a cada dia, colocadas à mão. Os médicos, os contadores, os guardiões, os religiosos. Centenas de crianças levadas para lá pela varíola, alcoolismo, tuberculose, caráter ruim e certificado médico, ida voluntária ou enquadramento administrativo e decreto de guarda provisória. O

¹³¹"elle fait dire/elle a dit/elle a chuchoté pour/qu'on le répète/celui qui en a assez/d'être ce qu'il est /de faire ce qu'il fait/comme il est/où il est/n'a qu'a venir me voir/moi, la vieille godasse,/près de la borne/au croisement des quatres routes. (DELIGNY, 2007, p.300).

tribunal para as crianças e os adolescentes e os serviços sociais se aliviavam entre as roseiras.¹³² (DELIGNY, 2007, p.167)

O ano no qual Deligny começou a trabalhar em Armentières foi o ano que marcou o início da Segunda Guerra Mundial. A França, nesse período, vivia os primeiros passos da institucionalização da noção de infância inadaptada. Ainda de maneira descoordenada sob o governo do Front Populaire, entre 1936 e 1938, e de forma cada vez mais articulada durante o Regime de Vichy e após a Liberação. Sua passagem pelo asilo foi, assim, um marco de análise da transição política e institucional da França no campo da infância e da juventude. O asilo representava ainda a perspectiva anteriormente dominante da exclusão e do internamento como políticas públicas para a abordagem da questão da infância e da juventude consideradas anormais. É importante, portanto, situar tal tentativa em um período institucional instável, não apenas pela guerra que começava a ter curso e iria durar até 1945 - Deligny saiu de Armentières em 1943 -, mas também devido a uma transição política fundamental no campo do acolhimento e do tratamento dessa infância inadaptada, até então designada como *em perigo moral*.

O momento de confusão administrativa, institucional e política vivido pela França, de concentração do governo em torno da guerra, foi fundamental para que a tentativa de Deligny tivesse curso. Podemos pensar que para que algo diferente da ordem possa acontecer é necessário que uma falha, um espaço de manobra se instaure na ordem mesma. "Durante a Liberação, eu vi Billoux¹³³ no comissariado da República: 'Camarada, isso que você fez é formidável, é preciso que isso

¹³²"Pendant trois ans, j'ai été éducateur dans un institut médico-pédagogique de la région, grand bâtiment blanc dans l'enceinte d'un asile d'aliénés. Des fous, comme on dit, par centaines, chemise grise et velours marron, des allées cimentées devant l'administration et boueuses entre les pavillons, des petits parterres de fleurs autour desquels sont assoupis tant d'hommes et de garçons limaces que l'on peut se demander si chaque pétale et chaque feuille ne sont pas, chaque jour, attachés à la main. Des médecins, des comptables, des gardiens, des religieuses. Des centaines d'enfants amenés là par vérole, alcoolisme, tuberculose, mauvais caractère et certificat médical, placement volontaire ou administratif et ordonnance de garde provisoire. Le tribunal pour enfants et adolescents et les services sociaux s'y soulagent entre les rosiers." (DELIGNY, 2007, p.167).

¹³³François Billoux se tornou membro do Partido Comunista em 1920 e secretário geral da juventude comunista em 1924. Em 1936, ele é eleito deputado de Bouches-du-Rhône. Durante a guerra, em 1940, ele é preso e transferido, posteriormente para a Argélia. Depois de sua liberação, em 1943, ele foi membro de duas Assembleias constituintes e tendo permanecido no cargo de deputado até 1978.

continue...'. Eu respondi a ele: "Seria preciso que a guerra continuasse...".¹³⁴ (CHAUVIÈRE, 1980, p.200). O trecho do texto *Le groupe et la demande: à propos de La Grande Cordée*, publicado inicialmente na revista *Partisans*¹³⁵, nº 39, de outubro-dezembro de 1967, e retomado na coletânea *Oeuvres*, no qual Deligny aborda o início de seu trabalho no Pavilhão 3 de Armentières, retrata bem a anteriormente predominante política de internamento vitalício que foi progressivamente substituída pelas políticas de reeducação no decorrer dos anos 1940.

Eles queriam sua liberdade. Essa demanda por liberdade se mostrava flagrante. A liberdade deles, a gente a tinha tomado. Eles a queriam, tanto mais que alguns haviam sido colocados lá, no asilo, com três anos e que eles tinham quinze ou dezoito e pressentiam que eles sairiam dali com cinquenta ou sessenta, pelo necrotério. É preciso ter vivido assim para acreditar que a liberdade existe. Mas, mesmo para aqueles que haviam vivido pelo menos um pouco 'fora' como eles diziam, na sua família ou em uma fazenda cuja padroeira havia sido certificada como ama de leite pela Assistência Pública, a liberdade, eles precisavam dela. Em relação à igualdade, eles não estavam nem aí, e tampouco em relação à fraternidade. A liberdade. Eles diziam que não se tinha o direito de tomar isso deles.¹³⁶ (DELIGNY, 2007, p.419)

Em 1615, foi fundada, em Armentières, a Ordem Terceira de São Francisco, pela congregação de Bons Filhos, para a alfabetização de crianças e para a assistência de doentes. A partir de 1746, no entanto, o estabelecimento passou a acolher tanto prisioneiros como pessoas consideradas loucas. No final do século XVIII, ele ficou conhecido na região como *casa de força*, operando, então, como um *asilo de alienados*. O asilo foi fechado durante a Revolução Francesa,

¹³⁴"A la Libération j'ai vu Billoux au commissariat de la République: 'Camarade, c'est formidable, ce que tu as fait là, il faut que ça continue...' Eu respondi a ele: 'Faudrait que la guerre continue...'" (CHAUVIÈRE, 1980, p.200).

¹³⁵A revista *Partisans* era dedicada a publicação de textos de orientação política à esquerda, de orientação crítica, emancipadora e libertária. Era publicada pelas *Éditions Maspero*, editora fundada em 1959, durante a guerra da Argélia e a equipe de fundação foi constituída, entre outros, por Émile Copfermann que teve uma importante relação de parceria com Deligny.

¹³⁶"Ils voulaient leur liberté. Cette demande de liberté s'avérait flagrante. Leur liberté, on la leur avait prise. Ils la voulaient, d'autant plus que certains avaient été placés là, à l'asile, à trois ans et qu'ils en avaient quinze ou dix-huit et pressentaient qu'ils s'en iraient à cinquante ou soixante ans, par la morgue. Il faut avoir vécu comme ça pour croire que la liberté ça existe. Mais, même pour ceux qui avaient vécu tant soit peu 'dehors' comme ils disaient, dans leur famille ou dans une ferme dont la patronne était agréée comme nourrice par l'Assistance publique, la liberté, il la leur fallait. L'égalité, ils s'en foutaient pas mal et de la fraternité aussi. La liberté. Ils disaient qu'on n'a pas le droit de vous prendre ça." (DELIGNY, 2007, p.419).

tendo sido posteriormente transformado em uma instituição laica com a gestão sob competência da Comissão de Hospícios de Armentières.

No ano de 1850, o asilo já contava com aproximadamente seiscentos internos e ocupava em torno de cinco hectares dentro da cidade de Armentières. Em decorrência de seu crescimento, em 1872, ele foi transferido para uma nova estrutura fora da região central e foram construídos, entre 1875 e 1884, quinze pavilhões, além de toda uma composição administrativa e operacional. O asilo de Armentières se tornou, verdadeiramente, uma instituição total, uma cidade à parte e entre muros. No período da Primeira Guerra Mundial, quando bombardeios destruíram sua estrutura e mataram diversos pacientes, o asilo tinha em torno de mil e trezentos internos. Em 1921, teve início sua reconstrução que foi novamente afetada durante a Segunda Guerra Mundial. Ao longo das mudanças no campo da psiquiatria e das reformas hospitalares, a instituição ganhou diferentes nomes: hospital psiquiátrico, centro hospitalar especializado, estabelecimento público de saúde mental. O asilo passou a se chamar Estabelecimento Público de Saúde Mental de Lille-Metrópole em 1993 e assim se mantém até os dias atuais.

Junho 1941

As guerras de hoje em dia não respeitam os idiotas. Elas não os respeitam de maneira alguma. Elas não respeitam nada, nem os idiotas nem os loucos.

Seis entre eles acabam de serem mortos sob os escombros do pavilhão 9, no imenso asilo onde eu trabalho.

Eles usavam, no entanto, seus uniformes de veludo cinza, desse veludo cinza de asilo, que eles são mais de mil a vestir. As bombas caíram durante a noite. Elas caem, isso é tudo, aqui e não lá. É a temporada das bombas. O pavilhão 9 foi cortado em dois. Seis loucos foram mortos. É o cúmulo.¹³⁷ (DELIGNY, 2007, p.13)

Nos anos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, o asilo possuía, então, mais de mil internos, algumas centenas de pessoas compondo as equipes de

¹³⁷"**Juin 1941.** Les guerres de maintenant ne respectent pas les idiots. Elles ne les respectent d'aucune manière. Elles ne respectent rien, ni les idiots, ni les fous. Six d'entre eux viennent d'être tués sous les éboulis du pavillon 9, dans l'immense asile où je travaille. Ils avaient pourtant leur uniforme de velours gris, de ce velours gris d'asile qu'ils sont plus de mille ici à porter. Des bombes sont tombées pendant la nuit. Ça tombe, voilà tout, ici et pas là. C'est la saison des bombes. Le pavillon 9 a été coupé en deux. Six fous sont morts. C'est un comble." (DELIGNY, 2007, p.13).

atendimento e diversos pavilhões. Nesse momento, os hospitais psiquiátricos se estruturavam a partir da organização de uma verdadeira prisão de loucos: corredor central que distribuía os pavilhões, esses fechados, cercados por grades altas e fossos. O asilo de Armentières foi bombardeado, em maio de 1940, por noventa e cinco bombas e teve três pavilhões destruídos, ocasionando a evasão de mais de duzentos pacientes.

Deligny, nesse período, havia retornado de sua mobilização na guerra e trabalhava no Pavilhão 3¹³⁸. O cenário instaurado pela guerra é essencial para refletirmos sobre a tentativa de Deligny: tanto para situá-la historicamente, percebendo a conjuntura que determinava ao mesmo tempo as questões enfrentadas e as brechas instauradas, como para, ao pensarmos em seu trabalho nesse período, situá-lo em um cenário no qual em torno de quarenta mil doentes mentais morreram de fome nos asilos, em uma precariedade e em um cenário de horror somente vivenciados em situações limite.

Feitas as contas da quantidade de mortos, havia os desaparecidos, desaparecidos o mais rápido possível. Evadidos? Não se tinha certeza disso. Havia os que tinham se salvado, loucos de medo, aqueles que não tinham reencontrado a colônia, algumas centenas, não mais. Há aqueles que voltaram, durante as semanas seguintes, aqueles que foram trazidos, e há aqueles que permaneceram do lado de fora e entre esses que permaneceram do lado de fora dezenas que jamais, o interminável jamais, não teriam saído do asilo em toda sua vida. Perigosos. Embutrecidos. Loucos perdidos. E depois, um mês após o outro, um ano após o outro, soube-se. Eles trabalhavam aqui ou acolá, como qualquer um, ninguém tinha nada a dizer a respeito deles senão coisas boas. E entre eles, os piores, os perversos. A guerra não respeita nada. Aqueles que voltaram ao asilo morreram de fome, um a cada dois.¹³⁹ (DELIGNY, 2007, p.14)

¹³⁸"O hospital psiquiátrico autônomo de Armentières é um desses Estabelecimentos especiais herdado do século XIX: alguns hectares separados da cidade por um muro, um corredor central distribuindo os pavilhões cercados por grades ou contornado por fossos, prédios administrativos, uma capela, um necrotério, uma cervejaria, uma fazenda. Na véspera da Segunda Guerra Mundial, Armentières conta com dois mil e quinhentos doentes e em torno de quinhentos cuidadores." "L'hôpital psychiatrique autonome d'Armentières est l'un de ces Établissements spéciaux hérités du XIXe siècle: quelques hectares séparés de la ville par une enceinte, une allée centrale distribuant des pavillons clôturés de grilles ou entourés de sauts de loup, des bâtiments administratifs, une chapelle, une morgue, une brasserie, une ferme. À la veille de la Deuxième Guerre mondiale, Armentières compte onze pavillons, deux mille cinq cents malades et environ cinq cents soignants." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.44).

¹³⁹"Compte tenu du tas de tués, il y avait des disparus, disparus à toutes jambes. Évadés? Ça n'est même pas sûr. Il y en avait qui s'étaient sauvés, fous de peur, ceux qui n'avaient pas retrouvé la colonne, quelques centaines, pas plus. Il y a ceux qui sont rentrés, les semaines suivantes, ceux qu'on a ramenés et il y a ceux qui sont restés dehors et parmi ceux qui sont restés dehors des dizaines qui jamais, au grand jamais, ne seraient sortis de l'asile de leur vivant. Dangereux. Abrutis. Fous perdus. Et puis, un mois après l'autre, une année après l'autre, on a su. Ils travaillaient ici ou

Por vezes o tom do relato das histórias contadas por Deligny sobre os meninos-personagens do pavilhão onde ele trabalhava, somado às estratégias implementadas por ele e que priorizavam a ausência de sanção, o imprevisto, a recusa das histórias pessoais, o espaço aberto, nos fazem fugir do cenário de violação constituído pelas políticas elaboradas em torno do saber médico-psiquiátrico. É preciso ressitua-las para retomar as dimensões dos arranjos que Deligny e todos que o acompanharam nos primeiros anos da década de 1940 conseguiram implementar durante o período de atuação asilar. A política de internamento configurava um instrumento de imenso poder político e uma lucrativa ferramenta de controle social. Como observamos, foi durante o período da guerra e nos anos que se seguiram ao seu término que se fortaleceu na França a regulamentação em torno da infância e da juventude - a partir da concepção da inadaptação -, que se estruturaram os dispositivos administrativos e que se desenharam as esferas públicas e privadas de atuação nesse campo. Tudo isso levaria a pensar que se superaria com relativa rapidez o investimento na política asilar. No entanto, a complexidade da gestão política das camadas ditas perigosas e desviantes é imensurável, e a possibilidade de conjugar interesses diversos e ações contraditórias muito vasta. Assim é que, se a organização e estruturação das ações reeducativas como eixo de gestão da *anormalidade* infanto-juvenil deveria ser traduzida em uma crescente desinstitucionalização psiquiátrica, o instrumento do internamento como forma de gestão da loucura só teve uma significativa mudança em meados da década de 1970 e nos anos 1980.

Nos anos pós-guerra aumentou progressivamente a estrutura em Armentières. Os mil leitos existentes na primeira metade da década de 1940 atingiram seu ponto máximo em 1975, com capacidade para o internamento de duas mil e quinhentas pessoas. Em 1973, no pavilhão das crianças, havia quarenta crianças em espaços de 40m²: algumas empoleiradas, outras ainda presas a radiadores como forma de *tratamento* (DELIGNY, 1999, pp.VIII/IX). É importante notar, portanto, que se os anos 1940 foram o marco da implementação

là, comme tout un chacun, personne n'avait rien à dire à leur sujet, que du bien. Et parmi eux, les pires, les pervers. La guerre ne respecte rien. Ceux qui sont entrés à l'asile, ils sont morts de faim, un sur deux." (DELIGNY, 2007, p.14).

da reeducação como linha da ação estatal em parceria com a iniciativa privada para o 'tratamento' da infância fora da norma, não apenas o sistema jurídico-penal continuou existindo como garantidor da ordem para os casos julgados como inadaptáveis, mas também o internamento se manteve como política pública para a gestão da *desordem*. Dessa forma, podemos ainda contextualizar o período em Cévennes, que se iniciou em 1967, não apenas como crítico e criador de outras formas diferentes da noção de adaptação à norma, mas também como posição de luta em relação ao internamento provisório ou vitalício da loucura. Ainda em Cévennes, a criação de asilo-refúgio foi uma forma de esquiva ao internamento asilar.

O primeiro cargo de Deligny no asilo foi como professor especializado no Instituto Médico Pedagógico (IMP), experiência que fez diretamente parte da composição do texto *Les Enfants ont des Oreilles* e que influenciou também a escrita de *Graine de Crapule*, publicado em 1945. Ele chegou a Armentières em 1939 e permaneceu nesse posto durante alguns meses, até sua mobilização para a guerra, em agosto do mesmo ano. Nesse período, ele havia casado com Josette Saleil e morava na casa de seu pai, Aimé Saleil, em Aveyron. Na guerra, ele integrou o 43º regimento da infantaria até sua desmobilização, em julho de 1940. Na sua volta para Armentières, no mesmo ano, ele não assumiu mais a função anterior e passou a trabalhar como educador no Pavilhão 3 do asilo, destinado aos jovens classificados como perversos irrecuperáveis.

Contamos, no segundo capítulo, a história a partir da qual Deligny narra seu primeiro contato com o asilo, no início da década de 1930¹⁴⁰. Outra versão

¹⁴⁰Deligny retrata em seu hábito de jogar o 421 com dois amigos o acaso que o teria levado pela primeira vez ao asilo. Ele conta a seguinte história em uma entrevista para o livro *Fernand Deligny, 50 ans d'asile*. "E depois, eu tinha o hábito de jogar muito 421, o dia inteiro...para escapar das aulas...eu tinha dois amigos com quem eu jogava partidas incríveis, torneios, e um dia, eu cheguei no bistrô e eles não estavam lá! Eu fui perguntar ao patrão, eu o disse: 'mas onde eles estão?' 'No Asilo!'...Para toda a região do Norte, o asilo, é Armentières...Mas eu disse: Mas o que que eles foram fazer no asilo? 'Bom, um dos dois trabalha lá.' Eu então parti, assim que pude, para o asilo, que ficava a quinze quilômetros, para encontrar meus companheiros de 421, para continuar, ainda mais que, com o outro que era um tipo que queria fazer uma revista de poesias, então como eu escrevia poemas, isso caía bem...Então eu me encontrei no asilo, e foi assim que eu abordei o asilo...enquanto que eu não tinha nada para fazer lá! Eu não era nem mesmo assalariado, nada mesmo! Era o paraíso! Foi assim que isso se tramou." "Et puis j'avais l'habitude de faire les 421 à tire-larigot, toute la journée, dès que...pour échapper aux cours...j'avais deux copains avec qui on faisait des parties remarquables, des tournois, et un jour, j'arrive dans le bistrot, ils étaient pas là! Je suis allé demander au patron, je lui dis: mais où ils sont? 'À l'asile!'...Pour tout la région du Nord, l'asile c'est Armentières. Mais je dis: mais qu'est-ce qu'y foutent à l'asile? 'Eh bien, il y a

relata que ele teria começado a trabalhar em Armentières, em 1939, como professor especializado por indicação do pai de seu amigo François Châtelet, o mesmo que o havia indicado para o trabalho na escola da *rue de la Brèche-aux-Loups* em Paris. O livro *Pavillon 3*, publicado no ano de 1944, foi sua primeira grande publicação e uma das únicas obras sobre as políticas de internamento na França nesse período. (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.50)

O caso começou no início dos anos 1940, durante a guerra, no Norte, a quinze quilômetros de Dunkerque, em Armentières, em um imenso hospital psiquiátrico autônomo, tudo isso que existe de mais autônomo, que guardava e por assim dizer, 'auto-digeria' sua provisão de alienados. Mais de mil leitos, uma quinzena de pavilhões, sem contar as habitações privadas, os lugares administrativos, a cervejaria, a capela e o necrotério. Entre esses pavilhões, o 3, eu creio, que era aquele dos adolescentes, uma verdadeira escória, perversos especializados, para alguns depois uma estadia em casas de correção, ou débil irrecuperável ou eu não sei mais o quê que era o certificado de admissão. Pode-se dizer que não era mais questão para eles de sair do asilo. A uma certa idade, eles mudavam de pavilhão, a uma certa idade, ou após determinados comportamentos. Havia os guardiões, as trancas de segurança, as grades de três metros e cinquenta e mais o fosso, um uniforme esbranquiçado que era a vestimenta do asilo. Eles eram uma centena lá dentro, vagamente divididos em tipos de grupos: os que já tinham entrado na puberdade, os que não, os deitados, os em pé, os estudantes, os jardineiros, aprendizes, aqueles que ficava-se de olho, aqueles que não ofereciam nenhum risco. À noite, e para a maior parte deles, ao longo do dia, eles ficavam na sala.¹⁴¹ (DELIGNY, 2007, pp.418/419)

un des deux qui est interne là-bas!' Oh! Alors, je suis parti à l'asile, qui est à quinze kilomètres, dès que j'ai pu, pour retrouver mes copains du 421, pour continuer, d'autant plus que, avec l'autre, c'était un tyoe qui voulait faire une revue de poésie, alors, comme j'écrivais des poèmes, ça collait bien...Et j'ai abordé l'asile comme ça, alors que je n'avais rien à y faire! Je n'étais même pas salarié quoi, rien du tout! C'était le paradis! Voilà comment ça s'est tramé!" (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, pp.64/65).

¹⁴¹"L'affaire a commencé au lendemain de 1940, durant la guerre dans le Nord, à quinze kilomètres de Dunkerque, à Armentières, dans un immense hôpital psychiatrique autonome, tout ce qu'il y a de plus autonome, qui gardait et pour ainsi dire, 'auto-digérait' sa provende d'aliénés. Plus de mille lits, une quinzaine de pavillons sans compter les demeures privées, les locaux administratifs, la brasserie, la chapelle et la morgue. Parmi ces pavillons, le 3, je crois, qui était celui des adolescents, une vraie racaille expertisée pervers pour certains après séjour en bagné d'enfants ou débile irrécupérable ou je ne sais quoi encore qui était le certificat d'admission. On peut dire qu'il n'était guère question pour eux de sortir de l'asile. À un certain âge, ils changeaient de pavillon, à un certain âge ou après certains comportements. Ils avaient des gardiens, des serrures de sûreté, des grilles de trois mètres cinquante plus le saut de loup, un uniforme de velours blanchâtre qui était la tenue d'asile. Ils étaient une centaine là-dedans vaguement répartis en des sortes de groupes: pubères, pas pubères, couchés, debout, écoliers, jardiniers, apprentis, ceux qu'on avait à l'oeil, ceux qui ne risquaient rien. Le soir et, pour la plupart d'entre eux, à longueur de journée, ils étaient dans la salle." (DELIGNY, 2007, pp.418/419).

Se a inadaptação nesse amanhecer da década de 1940 caminhava para se tornar um conceito abrangente que desse conta de universalizar o problema da infância *anormal*, ela permaneceu extremamente plural e diversificada. A infância e a juventude inadaptada, população que compunha a realidade asilar na qual Deligny esteve inserido, era fruto de uma série de catalogações possíveis: os débeis, os perversos, os irrecuperáveis, os criminosos, aqueles que 'herdaram' de sua família e de sua origem algum tipo de 'mal' considerado inaceitável. Ela permaneceu antes uma forma de garantir a seletividade e a sistematicidade da ação pública em relação a uma camada indesejável, do que uma efetiva ferramenta de reflexão acerca da inadaptabilidade dos padrões sociais em relação às diferentes pessoas e grupos que não se sujeitavam a eles por diferentes motivos.

Sentado sozinho na grande mesa, André pensa que ele vai fugir. Ele é um vagabundo: acabou-se de lhe fazer a caridade de uma tigela de leite e uma torta. A cozinha tem um cheiro que ele reconhecerá quando ele regressar, mais tarde. Mas todos os caminhos, lá fora, levam à sala do hospício onde os pupilos da Assistência Pública rejeitados por outro lugar de acolhimento vêm esperar. Os rejeitados são sempre os mesmos: aquele que tem o quadril doente e um rosto pálido, azedo de se olhar; aquele, bem pequeno, que tem o rosto inchado e que as mãos se tornam azuis uma vez que ele mexe mais os braços; aquele que teve os pés congelados e caminha como os palhaços de circo que tem grandes pés moles de cartolina. Eles estão na sala ladrilhada de branco, habituados aos seus exílios. Os velhos, que moram do outro lado do muro, tosem e escarram e espirram e batem nos tijolos com suas bengalas quando os gritos dos garotos se tornam muito agudos. As horas nesse asilo tem um mau odor.¹⁴² (DELIGNY, 2007, p.82)

Em *Pavillon 3*, as histórias seguem um personagem adotando seu ponto de vista e não o de um narrador que reproduz o ponto de vista médico do caso e do diagnóstico. A narrativa é desenvolvida a partir de gestos infantis cotidianos, apenas um pouco deslocados, mas suficientemente estranhos ao modelo de criança considerada boa e aceitável, com nuances diferentes dos gestos considerados normais, para que possam ser interpretados como signo do anormal.

¹⁴²"Assis seul à la grande table, André pense qu'il va s'en aller. Il est un vagabond: on vient de lui faire l'aumône d'un bol de lait et d'une tartine. La cuisine a une odeur qu'il reconnaîtra lorsqu'il reviendra, plus tard. Mais tous les chemins, dehors, mènent à la salle d'hospice où les pupilles de l'Assistance publique rejetés de leur placement viennent attendre. Les rejetés sont toujours les mêmes : celui qui a une hanche malade et une figure pâle, aigre à regarder; celui, tout petit, qui a la figure enflée et les mains qui deviennent bleues dès qu'il ne remue plus les bras celui qui a eu les pieds gelés et marche comme les gugusses de cirque qui ont de grands pieds mous en carton. Ils sont dans la salle carrelée de blanc, habitués à leur exil. Les vieux qui vivent de l'autre côté du mur, toussent et crachent et éternuent et tapent les briques avec leur canne quand les cris des gosses deviennent aigus. Les heures dans cet asile ont mauvaise odeur." (DELIGNY, 2007, p.82).

Nada específico determina que as histórias estejam narrando um caso, uma qualificação psiquiátrica referente a algum distúrbio, o que coloca em questão não apenas a arbitrariedade do internamento dessas crianças-personagens, mas de uma maneira mais ampla a seletividade que pode permear toda ação de exclusão. As histórias em *Pavillon 3* situando a trajetória das crianças que acabam internadas, retratando o meio que elas habitavam e as questões que condicionaram seu crescimento, retiram de uma essência própria e inadequada os motivos de seu internamento. "Os personagens são oriundos do proletariado, a maior parte 'nascida no vazio'...; segundo as teses da hereditariedade em vigor na época, esse proletariado que produzia a delinquência e a loucura como por necessidade do meio e da espécie"¹⁴³ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.48). É importante lembrar que, além da conjuntura específica do período em que Deligny atuou no asilo, o cargo assumido por ele, que não era marcado nem por um poder médico específico, nem por uma função superior de chefia, foi também um fator importante para a possibilidade do desenvolvimento de ferramentas estrangeiras à rigorosa lógica de funcionamento asilar.

No asilo, Amédée colecionava em uma caixa tudo que ele encontrava ao longo do dia e dos caminhos. Os outros meninos encontravam nessa caixa não apenas os seus bens perdidos, mas também, por ressonância, os caminhos e percursos trilhados. "Amédée tem então vários amigos, pois ele guarda nessa caixa, dura, palpável, portátil, a realidade mesma."¹⁴⁴ (DELIGNY, 2007, p.99)

Cada vez que Amédée sai de sua casa nas manhãs, ele espera que os paralelepípedos da rua, os paralelepípedos da estrada para a escola, irão lhe acolher e lhe aceitar, que ele será, como eles, duro e sólido, que essa manhã, enfim, ele entrará no grande círculo que liga os paralelepípedos, as lojas e suas vitrines, a porta da escola, e todos os alunos. Ele aspira entrar nesse círculo como uma criança perdida ofereceria todo o resto da sua vida e mesmo o tempo esperado de seus dezoito anos, para sentir suas mãos, sua mão direita e sua mão esquerda, seguras, agarradas, presas, encaixadas nas mãos de homem que não as soltarão mais, qualquer que seja o tamanho da estrada. Ele jurará, se se quiser, nunca mais dormir, nunca mais brincar, para sentir suas mãos seguradas por

¹⁴³"Les personnages sont issus du prolétariat, pour la plupart 'nés dans le vide'...; selon les thèses de l'hérédité en vigueur à l'époque, ce prolétariat qui produit de la délinquance et de la folie comme par nécessité de milieu et d'espèce." (DELIGNY, 2007, p.48).

¹⁴⁴"Amédée a donc de nombreux amis, car il tient dans sa boîte, dure, palpable, empruntable, la réalité elle-même." (DELIGNY, 2007, p.99).

aquelas de homens que estarão de cada lado seu, tão grandes e tão fortes que ele não encostaria os pés no chão e eles nem mexeriam as escápulas, nem virariam a cabeça, sem perceber que ele está, com todo o seu corpo, suspenso por eles. Mesmo se eles forem maus? Mesmo se eles forem maus. Mesmo se eles baterem? Mesmo se eles baterem. Quem quer que eles sejam e qualquer que seja o tamanho do caminho, provido que de uma vez por todas eles sejam sólidos como os paralelepípedos, tão duros para tocar como os muros da escola... Amédée tem como amigo o sino cinza que termina no céu em uma torre quadrada. Suas janelas são longas e fortemente protegidas; o sino dorme frequentemente, não se vê seus olhos. Mas quando a luz os força a se abrirem, eles são azuis e vermelhos e verdes e amarelos: são vitrais. Amédée pode confiar em seu amigo e ele confia; ele levou muito tempo para encontrá-lo e para ser aceito por ele; mas que massa, que força! Quantos braços estendidos seriam necessários para uma volta nele?...E quando for verão, as flores vão se abrir, primeiro um pequeno broto verde, depois uma haste, as folhas, e pétalas, enfim. E mesmo enquanto ele dormir, seus olhos profundos repletos de sombra, o sino verá claro através de todos esses pequenos olhos de todas as cores que Amédée colocou em seus pés. As flores não vieram...Então, voltando da escola, às quatro horas, ele pegou pedras, ele encheu seus bolsos. Ele parou perto do sino, e com a raiva chegando aos lábios, ele jogou as pedras nos vitrais. As primeiras acertaram o sino, bruscamente, uma foi engolida pela sombra. O barulho de ladrilho estourado caiu no preenchimento de silêncio, no interior da igreja. Amédée no pavilhão 3 está muito mais feliz do que quando ele era aluno na cidade. Ele, por todos os lados, se sente em casa, nos corredores, nas salas, mesmo no jardim, ele se sente à vontade em todos os lugares. Seu domínio cresceu. Para ele, como para os outros, aquilo que está do outro lado das grades não é muito verdadeiro, e de toda forma, inabordável. Eles são duzentos naufragos sobre sua ilha, e conhecem de longa data o ofício de naufragado.¹⁴⁵ (DELIGNY, 2007, pp.97-99)

¹⁴⁵"Chaque fois qu'Amédée sort de sa maison le matin, il espère que les pavés de la rue, les pavés de la route pour l'école vont l'accueillir et l'accepter, qu'il sera, comme eux, dur et solide, que ce matin enfin il entrera dans la grande ronde qui lie les pavés, les maisons et leurs fenêtres, les magasins et leurs vitrines, la porte de l'école et tous les écoliers. Il aspire à entrer dans cette ronde comme un enfant perdu offrirait tout le reste de sa vie et même le temps attendu de ses dix-huit ans pour sentir ses mains, sa main droite et sa main gauche, tenues, prises, enfermées, emboîtées dans des mains d'homme qui ne le lâcheraient plus, quelle que soit la longueur de la route. Il jurerait si l'on veut de ne plus jamais dormir, de ne plus jamais jouer pour sentir ses mains tenues dans celles d'hommes qui seraient de chaque côté de lui, si grands et si forts qu'il pourrait ne pas poser les pieds à terre sans qu'ils baissent seulement l'épaule et sans qu'ils tournent la tête, sans s'apercevoir qu'il est, de tout son corps, suspendu à eux. Même s'ils sont méchants? Même s'ils sont méchants. Même s'ils frappent? Même s'ils frappent. Quels qu'ils soient et quelle que soit la longueur du chemin, pourvu qu'une bonne fois ils soient aussi solides que les pavés, aussi durs à toucher que les murs de l'école... Amédée a pour ami le clocher gris qui se termine dans le ciel en tour carrée. Ses fenêtres sont longues et fort enfoncées; le clocher dort souvent, on ne voit pas ses yeux. Mais quand la lumière les force à s'ouvrir, ils sont bleus et rouges et verts et jaunes : ce sont des vitraux. Amédée peut être fier de son ami et il l'est; il a mis longtemps pour le trouver et pour se faire admettre par lui; mais quelle masse, quelle force! Combien de bras étendus faudrait-il pour en faire le tour?...Et quand ça sera l'été, les fleurs vont s'ouvrir, d'abord une petite pousse verte, puis une tige, des feuilles, des pétales enfin. Et même lorsqu'il sera endormi, ses yeux profonds remplis d'ombre, le clocher verra clair par tous ces petits yeux de toutes les couleurs qu'Amédée lui a mis au pied. Les fleurs ne sont pas venues...Alors, en revenant de l'école, à quatre heures, il a ramassé des pierres, il en a fourré plein ses poches. Il s'est arrêté près du clocher et la rage aux lèvres, il a jeté les pierres vers les vitraux. Les premières ont rebondi sur le clocher, brusquement, une s'est engloutie dans l'ombre. Le bruit de carreau éclaté est tombé dans l'ouate de silence, à l'intérieur de l'église. Amédée au pavillon 3 est bien plus heureux que lorsqu'il était écolier en ville. Il est partout chez lui, dans les couloirs, dans les salles, même dans le jardin, il est partout à l'aise. Son domaine s'est agrandi. Pour lui, comme pour les autres, ce qui est de l'autre côté des

As vidas desses meninos eram, em sua maior parte, o retrato de uma pobreza que marcou seu nascimento, o pertencimento à famílias operárias muitas vezes desestruturadas pelas dinâmicas do trabalho e da guerra, de uma exclusão proveniente diretamente de sua classe social ou de uma maior ou menor inadaptação às rígidas regras da aceitação social ou pela implicação mútua de ambos; vidas catalogadas como criminosas e perversas, etiquetas provenientes dos comportamentos infantis mais diversos e muitas vezes banais. Jean Georges René Teck, tendo encontrado um aluno mais novo no caminho para a escola, pega sua bolsa, o menino o segue, amedrontado e com o desespero de perder seu material. Perguntando se o menino a queria de volta, Teck joga a bolsa em seu rosto. Nesse dia, na saída da escola, dois agentes o esperavam. Ele é levado ao Comissariado de Polícia.

René ainda espantado que a sociedade coroe tão seriamente aquilo que ele tomava até o momento por simples jogos de crianças, oferecia aos olhos curiosos um rosto fino e desdenhoso de criança prodígio...A Assistência Pública havia recolhido Jean Robelle, encontrado para ele uma ama de leite que era quase cega e que não falava mais. Jean mal vivia, pois ele sentia as condições excepcionais de seu nascimento...Quando na rua ou em uma casa vizinha as crianças riam, seu coração se punha a bater como quando a cólera te impulsiona a desafiar um inimigo poderoso. Quando ele fez quatorze anos, ele foi colocado em uma fazenda. Sua felicidade durou dois meses, até o dia de uma festa, quando temos tempo de nos olharmos, um e o outro. O riso partiu de duas jovens vestidas de branco, ganhou os homens que cheiravam a vinho tinto bebido em jejum, rebateu sobre dois velhos recostados no fogão, desabrochou sobre as mulheres que se colocaram a emitir gritos ferozes de mulheres parindo. Jean, derrubado por seu coração, caiu no ladrilhado recentemente lavado. No dia seguinte, ele foi reconduzido à Assistência Pública 'porque ele estava todo o tempo doente'. Lá ele se recusou a lavar a sala, pegou a refeição de seu vizinho de cama que não tinha nem dez anos, quebrou o ladrilho com o calcanhar de seu sapato, e se encontrou no pavilhão 3, com medo e indiferente, no quarto onde Jean Georges René Teck esperava, há dois dias, o começo de sua nova vida."¹⁴⁶ (DELIGNY, 2007, pp.55/58)

grilles n'est pas très vrai et, de toute façon, inabordable. Ils sont deux cents naufragés sur son île, et lui connaît de longue date le métier de naufragé." (DELIGNY, 2007, pp.97-99).

¹⁴⁶"René, encore étonné que la société couronne aussi sérieusement ce qu'il prenait jusqu'alors pour de simples jeux d'enfants, offrait aux yeux curieux une tête fine et dédaigneuse d'enfant prodige...L'Assistance publique recueillit Jean Robelle, lui trouva une mère nourricière qui était presque aveugle et ne parlait jamais. Jean vivait à peine car il se ressentait des conditions exceptionnelles de sa naissance...Quand dans la rue ou dans une maison voisine des enfants riaient, son cœur se mettait à battre comme lorsque la colère vous pousse à défier un ennemi puissant. Lorsqu'il eut quatorze ans, il fut placé dans une ferme. Ce bonheur dura deux mois, jusqu'au jour de la fête où on a le temps de se regarder l'un l'autre. Le rire partit de deux gamines habillées de blanc, gagna les hommes qui sentaient le vin rouge bu à jeun, ricocha sur deux vieillards accoudés à la cuisinière et s'épanouit chez les femmes qui se mirent à pousser des cris féroces d'accouchées.

Joseph trabalhava entregando jornais pelo vilarejo onde morava e nesse ofício ele conheceu Pilou que era estrangeiro ao local. Pilou entrevistou, no trabalho de Joseph uma abertura para a aproximação do dia a dia da cidade e da vida íntima de seus habitantes. Foi assim que, incentivado por Pilou, Joseph, mesmo reticente, aceitou, uma noite, entrar em uma das casas na qual entregava o jornal todos os dias. Apenas Pilou conseguiu fugir quando a presença dos meninos foi percebida pela casa. No dia seguinte, toda a vila começou a fazer as contas de todos os roubos imaginários que haviam sido cometidos.

Assim chegou a Pilou o desejo de penetrar mais no segredo de uma casa estrangeira, e como ele tinha medo dos camponeses locais, ele escolheu aquela do senhor Danzelé, que tinha vivido por muito tempo nas colônias. Sua casa tinha cara de fazenda, mas o grande corredor ladrilhado era limpo, sem estrume nem aves. Nenhuma carroça pesada com a colheita era estacionada atrás dela, no caminho para os campos, sob o celeiro, cuja porta de tábuas cinzas não se abria nunca. Enquanto a porta era aberta, sobre a noite do celeiro, Pilou, com uma mão bateu o pavimento e esperou. A noite saía em flocos que se diluíam na noite clara dos campos. Depois Pilou entrou sobre quatro patas, a frente atenta para nada atingir. Joseph, as mãos nos muros, não havia se mexido. Como ele guardava a cabeça baixa, a noite fria o pegava primeiro pela nuca, como um gato o seu filhote, depois deslizava uma língua fina ao longo de suas costas. Ele levanta a cabeça: Pilou o chamava.

- Joseph...venha...

Ele viu as mãos brancas que esperavam as suas: ele levantou os braços e arranhou o muro com seus grandes sapatos. Ele estava agarrado na borda do pavimento quando ele escutou a grade se abrir. Ele permaneceu suspenso e não disse nada enquanto uma mão que lhe parecia em chamas o pegou pelas coxas. Ferido nos olhos pelas luzes da casa, ele se colocou a fixar as lâmpadas até que o barulho que ele esperava chegasse a ele, através do muro, Pilou havia pulado e corria agora dentro da noite nos campos de cor de lua. Então ele baixou a cabeça e consentiu em responder. Todo o vilarejo, na manhã seguinte, se pôs a contar seu dinheiro. Este faltava, é certo, em todas as caixas. O total minucioso desses roubos imaginários foi calculado pelo guarda-campestre, que foi de porta em porta, como para recolher dinheiro. Foi lembrado que Joseph se atrasava frequentemente para a escola e tinha estado ausente para a temporada de colheita de frutas. Lamentava-se por sua mãe e recusava-se o dinheiro que ela queria reembolsar. A queixa foi registrada. O dia no qual Joseph chegou ao pavilhão 3, a escola abria suas portas e Pilou foi o quarto a entrar. Joseph estava muito cansado. Ele se estendeu em sua cama sem olhar Teck e Robelle.¹⁴⁷ (DELIGNY, 2007, pp.59/60)

Jean battu par son coeur tomba sur le carrelage frais lavé. Le lendemain, il était reconduit à l'Assistance publique 'parce qu'il était tout le temps malade'. Là il refusa de laver la salle, prit le repas de son voisin de lit qui n'avait pas dix ans, cassa un carreau avec le talon de sa chaussure et se retrouva au pavillon 3, frileux et indifférent, dans la chambre où Jean Georges René Teck attendait, depuis deux jours, le début de sa nouvelle vie." (DELIGNY, 2007, pp.55/58).

¹⁴⁷"Ainsi vint à Pilou l'envie de pénétrer plus avant dans le secret d'une maison étrangère et parce qu'il craignait les paysans, il choisit celle de monsieur Danzelé, qui avait vécu longtemps aux

Tendo desenvolvido uma forma de contar as histórias que retirava o foco do 'caráter' das crianças, não operando uma individualização psicologizante dos eventos que determinaram a chegada destas ao asilo, Deligny deslocou o problema do sujeito supostamente anormal para a análise do meio, das pequenas histórias no lugar das versões oficiais, para os parâmetros absurdos de avaliação e julgamento dos comportamentos infantis. Ele não reduziu, dessa forma, uma criança ao seu *caso*. Tendo narrado com um teor que beirava o inacreditável as histórias, tendo dado a ver o ridículo presente nos motivos e nos tipos de comportamento que levaram cada um para dentro do pavilhão, ele colocou em questão os padrões de normatização que levam uma sociedade em um dado período histórico a excluir determinadas pessoas.

Em *Le Croire e le Craindre*, Deligny comenta que acontecia dele misturar os casos narrados nos dossiês e de por um bom tempo achar que era uma criança que havia feito tal coisa, enquanto de fato era outra. Na descrição promovida em *Pavillon 3*, não era nem o sujeito que importava - narrar tal personagem com tais características particulares, com tal histórico médico - nem o narrador que contava, pertencente *à gente* e capaz de falar sobre este personagem. O que importava era uma narrativa que fosse capaz de traçar um percurso constituído a partir das relações dos personagens com seu entorno, com o mundo que os formava, suas relações com as coisas e atividades de seu cotidiano e a partir das

colonies. Sa maison avait figure de ferme mais la grande cour carrée était propre, sans fumier ni volaille. Aucun chariot lourd de gerbes ne venait s'arrêter derrière elle, dans le chemin des champs, sous le grenier dont la porte aux planches grises ne s'ouvrait jamais. Lorsque la porte s'ouvrit sur la nuit du grenier, Pilou, d'une main, tâta le plancher et attendit. La nuit sortait par flocons qui se diluaient dans la nuit claire des champs. Puis Pilou entra à quatre pattes, le front attentif à ne rien heurter. Joseph, les mains au mur, n'avait pas bougé. Comme il gardait la tête baissée, la nuit froide le saisit d'abord à la nuque, comme une chatte son petit, puis glissa une langue fine le long de son dos. Il leva la tête: Pilou l'appelait. - Joseph...viens...Il vit les mains blanches qui attendaient les siennes: il leva les bras et gratta le mur de ses grosses chaussures. Il était agrippé au rebord du plancher lorsqu'il entendit la grille s'ouvrir. Il resta suspendu et ne dit rien lorsqu'une main qui lui sembla brûlante le saisit à la cuisse. Blessé aux yeux par les lumières de la maison, il se mit à fixer les lampes jusqu'à ce que le bruit qu'il attendait vînt lui apprendre, à travers le mur, que Pilou avait sauté et courait maintenant dans la nuit des champs couleur de lune. Alors il baissa la tête et consentit à répondre. Tout le village, le lendemain, se mit à compter ses sous. Il en manqua, bien sûr, dans toutes les boîtes. Le total minutieux de ces vols imaginaires fut fait par le garde-champêtre qui alla de porte en porte comme pour une collecte. On se souvint que Joseph était souvent dernier à l'école et quelquefois absent à la saison des fruits. On plaignit sa mère et on refusa l'argent qu'elle voulait rembourser. Plainte était déposée. Le jour où Joseph arriva au pavillon 3, le lycée ouvrait ses portes et Pilou entra en quatrième. Joseph était fort fatigué. Il s'étendit dans son lit sans regarder Teck et Robelle." (DELIGNY, 2007, pp.59/60).

quais eram sobrepostos os julgamentos acerca de sua normalidade ou anormalidade.

No início de sua atuação no asilo, a primeira medida tomada por Deligny junto aos guardiões foi a suspensão das sanções. Ele não acreditava na punição como método eficaz para a readaptação das crianças: ou elas teriam medo e se tornariam ainda mais reativas ou elas não se importariam e de todo jeito a eficácia da medida para uma mudança de comportamento seria inexistente. Aliás, no dia a dia do asilo, o que menos importou para ele foi o alcance de uma suposta readaptação: desde já, e mesmo antes nas escolas, o problema era mais a crueldade dos padrões de adaptação do que os sintomas e atitudes dos ditos inadaptados. No asilo, já era questão de descobrir formas de permitir viver, de dar condições para que as crianças e adolescentes pudessem se engajar em algo que os animasse a produzir. O que quer que fosse. O tempo, antes ocupado na vigilância contínua e na aplicação de inumeráveis castigos, passou a ser partilhado entre saídas, passeios coletivos e atividades realizadas em grupo. Assim, foi instaurada uma ação coletiva que não teve outro propósito que o de ser um espaço criado para a possível adesão dos internos. Nem reeducação nem readaptação. Frente à realidade asilar, que determinava para a maioria uma vida inteira entre os pavilhões, o que importou foi a possibilidade de construção de um lugar minimamente propício para essas vidas. Não havia nenhuma ilusão fantástica de que o asilo e a vida dessas crianças e jovens se transformariam em uma grande alegria coletiva. A tentativa de Deligny operou nos detalhes, no rompimento com certas lógicas de disciplinamento e castração de qualquer forma divergente.

Como vimos, foi em meio ao caos institucional e à destruição gerada pela guerra que Deligny pôde constituir sua tentativa. Houve uma brecha que se estabeleceu na ordem. Um segundo movimento que ele implementou e que determinou os rumos de sua atuação foi a recusa de especialistas, que foi adotada em todas as iniciativas posteriores. Junto com a recusa do saber técnico Deligny operacionalizou não apenas a valorização do meio de origem das crianças - os guardiões do asilo eram antigos operários dos bairros pobres de Lille, desempregados da indústria têxtil, ou homens vindos de diferentes atividades sem formação específica, ginastas, tocadores de acordeão, eletricitistas... -, como a negação de uma certa eficácia e produtividade pautadas por um saber acadêmico e

elitista. Foram os guardiões que exerceram a função de educadores-monitores enquanto durou a tentativa. Deligny subverteu a hierarquia institucional vigente, baseada na eleição de uma certa camada, classe média, formada, possuidora da verdade e dos bons costumes, para o disciplinamento de uma outra camada, pobre, ineficaz, improdutiva e desviante. Os guardiões que não haviam feito suas carreiras em instituições asilares disponibilizavam para o cuidado seu *saber-fazer* prático, sua resistência física e sua compreensão do meio operário. Nas margens de uma ordem institucional se estabeleceu uma iniciativa em rede, uma *iniciativa popular* - como Deligny chamou mais tarde - tramada a partir de uma resistência operada por aqueles excluídos pelas normas em vigor e por aqueles cujo caminho que os deveria esperar foi brutalmente desviado por sua inadequação, em alguma medida, a ele: as crianças loucas, os trabalhadores improdutivos. Para a construção de tentativas, segundo Deligny, era o efeito de um deslocamento que importava. Eram necessários aqueles que de uma forma ou outra estivessem fora de seu local, deslocados dos trabalhos que originalmente os esperavam.

Eles organizaram oficinas de artesanato em salas desocupadas do subsolo do pavilhão e o espaço fechado do asilo ganhou outros trajetos. As crianças eram levadas para passeios fora do asilo. O cuidado com o espaço, para Deligny, desde a escola, se configurou como estratégia central na construção das tentativas. Tratava-se de criar outros caminhos, dentro e fora do asilo, de encontrar percursos comuns nos passeios externos e nos ateliês, não tendo como foco o resultado das atividades. As esposas dos guardiões, muitas ainda atuantes na indústria têxtil, forneciam o material para a realização desses ateliês e ajudavam a organizar as atividades.

Em seguida, haverá ateliês; as esposas dos guardiões, que em sua maioria trabalhavam ainda no ramo têxtil, forneciam o material: 'Elas tiravam bobinas de baixo de suas saias, de dentro de suas bolsas, ou eu não sei de onde'. E sobre os seis ou sete quadros a tramar, que foram instalados sob o pavilhão, em um subsolo até aí desocupado, uma trintena de adolescentes vinha fazer artesanato - sem ter outra coisa a ganhar que sua inserção em uma atividade coletiva. Também como os guardiões: cada um deles aí encontrava alguma coisa de seu antigo ofício. Todos aí estavam, então, implicados da mesma maneira, e não de um lado ou de outro em um projeto de reeducação: 'Se bem que enquanto pensamos que uma tentativa concerne às crianças anormais, nos enganamos'. O trabalho não trazia

ganhos para ninguém, mas ele tecia outros percursos possíveis no espaço até então fechado do hospital psiquiátrico.¹⁴⁸ (MOREAU, 1978, p.36/37)

Era verdadeiramente uma rede que ia se formando e que sustentava a tentativa, e a formação de redes foi característica primordial em todas as iniciativas, independente da trama ser a cada vez mais ou menos precária. Podemos dizer que rede e tentativa são a mesma coisa, uma não existindo sem a outra. E como toda rede destina-se a ser rompida em um momento ou outro, toda tentativa, como afirmava Deligny, é um processo marcado pela inevitabilidade de seu fim. Ou ela terminará ou ela será institucionalizada, o que não é senão uma forma de fim. A tentativa é sempre a busca de esquivar a essas manobras de captura, e mesmo dentro de uma instituição ela constitui um movimento *fora* desta, por romper com o que há de estruturante em sua organização. As tentativas de Deligny nos períodos de inserção institucional se constituíram através da criação de outras linhas e da reconfiguração dos espaços.

Agora contarei como é feita Otávia, cidade-teia-de-aranha. Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio, ligada aos dois cumes por fios, correntes e passarelas. Caminha-se em trilhos de madeira, atentando para não enfiar o pé nos intervalos, ou agarra-se aos fios de cânhamo. Abaixo não há nada por centenas e centenas de metros: passam algumas nuvens; mais abaixo, entrevê-se o fundo do desfiladeiro. Essa é a base da cidade: uma rede que serve de passagem e sustentáculo... Suspensa sobre o abismo, a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades. Sabem que a rede não resistirá mais que isso. (CALVINO, 2003, p.71)

Na escola, a composição da rede se deu entre um professor deslocado de sua autoridade, os alunos deslocados de suas histórias, as histórias desprovidas das narrativas-padrões e das figuras conhecidas. Foi composta também pelo contato com o meio exterior, com os passeios pelo bosque de Vincennes. No asilo

¹⁴⁸"Ensuite, il y aura des ateliers; les épouses des gardiens, qui pour la plupart travaillent encore dans le textile, fournissent le matériau: 'Elles sortaient des bobines, sous leur jupe, dans leur sac, ou je ne sais comment'. Et sur les six ou sept cadres à tramer qui avaient été installés sous le pavillon, dans un sous-sol jusque-là inoccupé, une trentaine d'adolescents viennent faire de l'artisanat - sans avoir rien d'autre à y gagner que de s'insérer dans cette action collective. Comme les gardiens d'ailleurs: chacun d'eux y retrouvait quelque chose de son ancien métier. Tous y étaient donc impliqués de la même façon, et non pas de part et d'autre d'un projet de rééducation: 'Si bien que lorsqu'on pense qu'une tentative ça concerne les enfants anormaux, on se trompe'. Le travail ne rapportait rien à personne, mais il tissait d'autres parcours possibles dans l'espace jusqu'à fermé de l'hôpital psychiatrique". (MOREAU, 1978, p.36/37).

a composição se deu pelos guardiões-educadores, arrancados de seus trabalhos e colocados em uma função formalmente inexistente, por suas mulheres, pela relação com a cidade garantida pelos passeios com os internos, pelo lugar ocupado por Deligny, ausente uma função de chefia e constituída a possibilidade de uma ação à margem. No COT, na Grande Cordée e em Cévennes, foram outras as pessoas, as atividades, as coisas e as funções que compuseram as redes.

Deligny e os guardiões utilizavam tudo aquilo que se encontrava disponível nos espaços vagos do dia a dia asilar, aproveitavam os espaços não instituídos do hospital: as salas destruídas, os porões. Criavam atividades que permitiam que os internos e a equipe participassem conjuntamente, ateliês de costura e bordado com os guardiões e suas esposas, saídas em grupo. Foi produzida uma bricolagem entre o espaço do asilo, os ditos doentes irrecuperáveis, a cidade, a equipe, as pessoas que transitavam entre o asilo e a cidade. Sobre o terreno de uma instituição, suas regras e sua materialidade, Deligny sustentou uma posição de resistência distante da lógica do confronto e da oposição. Sua luta política foi constituída a partir de uma posição sensível em relação às circunstâncias de um determinado meio, de uma certa conjuntura. Dessa forma, a tentativa no asilo se tornou possível a partir de uma disposição específica de dispositivos já constituídos, da operação de uma certa disfuncionalidade em sua função usual, de uma esquiva aos pressupostos constitutivos da instituição.

Eu me pergunto ainda o que eu fazia lá: ninguém havia me pedido para estar lá, nem os caras em questão, nem a administração, nem eu. Eu não tinha a menor intenção de reforma. Eu estava lá...E lá estando, esse desejo de liberdade em estado puro, deve ter parecido de ouro, me fascinando, me embriagando.¹⁴⁹ (DELIGNY, 2007, p.419)

Ademais, em uma tentativa era a implicação coletiva através de uma atividade partilhada que importava e, dessa forma, elas não se direcionavam a sujeitos. Ou ainda, as tentativas não se direcionavam, no sentido em que não

¹⁴⁹"Je me demande encore ce que je faisais là: personne ne m'avait demandé d'y être, ni les gars en question, ni l'administration, ni moi. Je n'avais pas la moindre intention de réforme. J'étais là...Y étant, ce désir de liberté à l'état pur, ça a du paraître de l'or, me fasciner, me saouler." (DELIGNY, 2007, p.419).

buscavam uma meta ou um objetivo específico e determinado. Então, enquanto na escola a questão central não foi educar, no asilo aquilo que orientou as atividades desenvolvidas não foi o objetivo de curar ou de readaptar. O importante era que as atividades permitissem a percepção das demandas das crianças e jovens em relação à vida comum; Deligny e os guardiões, através de uma observação sensível, deveriam ser capazes de captar as múltiplas demandas que circulavam no espaço asilar e, a partir disso, permitir um desdobramento ativo, uma implicação dos garotos em alguma atividade. Era importante captar as demandas silenciosas, as que efetivamente se vinculavam a um certo agir espontâneo dos internos. Não se tratava de enfatizar a importância das demandas que se direcionavam diretamente a sujeitos, que se constituíam enquanto pedidos, apelos. Essas tinham que ser trabalhadas, mas o diferencial na tentativa era a percepção daquilo que circulava silenciosamente no espaço e que podia proporcionar um agir criativo dos internos que produzisse desvios e criasse novas formas e lugares. Uma demanda percebida dessa forma não era um pedido formulado entre sujeitos, mas um *tentar fazer alguma coisa*. O que orientava essa observação ativa por parte da equipe era a possibilidade de criação a partir do cuidado em rede do meio, do espaço da tentativa. Meio e rede formavam o sustentáculo precário de uma tentativa.

Ele tinha percebido que uma das crianças, um autista, tinha o costume de organizar botões e pedaços de corda em uma caixa de papelão - e os perdia toda vez que a caixa quebrava ou rasgava. Ele havia dado à criança uma caixa de madeira. Conduta que contém, talvez, a tentativa em germe: não se trata nem de reprimir, nem de curar; simplesmente de perceber uma demanda, e de respondê-la. Não uma demanda direcionada a alguém (o garoto não demandava nada ao guardião), mas um ensaio empreendido de fazer qualquer coisa. Responder a isso, não era, então, se colocar em comunicação com o 'sujeito', era o permitir de continuar aquilo que ele havia começado - no caso, uma organização.¹⁵⁰ (MOREAU, 1978, p.36)

¹⁵⁰"Il avait remarqué qu'un des enfants, un autiste, avait coutume de ranger boutons et morceaux de ficelle dans une boîte en carton - et les perdait chaque fois que la boîte se cassait ou se déchirait. Il lui avait donc donné une boîte en bois. Conduit qui contient peut-être la tentative en germe: il ne s'agit ni de réprimer ni de soigner; simplement de saisir une demande, et d'y répondre. Non pas une demande adressée à quelqu'un (le gosse ne demandait rien au gardien), mais un essai entamé de faire quelque chose. Y répondre, ce n'était donc pas se mettre en communication avec le 'sujet', c'était lui permettre de continuer ce qu'il avait commencé - en l'occurrence, un rangement." (MOREAU, 1978, p.36).

Deligny enquanto educador no asilo, assim como nas experiências como professor nas classes especiais, estava dentro da instituição. O que ele buscou, como vimos, foi a criação de ocasiões para de dentro desviar o próprio modelo instituído sem, no entanto, propor novos formatos ideais de funcionamento. Ele esteve permanentemente preocupado com a criação de brechas para que algo surgisse, mas efetivamente o que surgia, qual seu objetivo, como ele se dava, e quanto tempo durava, não foi a questão central para Deligny. Essa se referia mais ao espaço e aos lugares criados do que aos formatos daquilo que os ocupava.

Poderíamos começar a tentar elaborar uma questão importante da crítica institucional expressa através das diferentes atuações e percursos de Deligny. Partimos da afirmação de que seu objetivo não foi instituir novos modelos, mas sim cultivar um certo espaço nas brechas dos modelos instituídos. Assim, sua atividade criadora seria permanentemente instituinte, porém não se desdobraria em uma institucionalização determinada. Haveria um espaço entre um processo de territorialização e um território específico. Mas seria possível pensar um processo criativo que se mantivesse permanentemente como processo? E seria o caso de pensar as tentativas de Deligny fora daquilo que se institui ou tão somente fora da Instituição, enquanto Lei, Propriedade e Estado? Deligny certamente não propôs métodos fechados, caminhos ideais, formatos abrangentemente adequados, mas ele operacionalizou estratégias: a formação de redes, o cuidado com os espaços, a lógica dessubjetivante de suas abordagens, entre tantas outras que serão levantadas ao longo do trabalho. E se Deligny apostou na precariedade e na duração limitada da tentativa como defesa ao movimento instituinte, ele apostou também na necessidade de uma certa permanência e sensibilidade para a possibilidade de aproveitamento das circunstâncias, para a criação de uma relação de cuidado que fugisse à simples aplicação de normas e tratamentos.

Poderíamos dizer que, em meio a não institucionalização de sua trajetória, existe algo que permanece - isso não foi senão a exigência dessa *presença próxima sensível*¹⁵¹ às ocasiões e ao cuidado com o espaço compartilhado. As brechas que se instauraram variaram ao longo do tempo, e este tempo podia ser o

¹⁵¹Presença próxima, em francês *presence proche*, foi a expressão que Deligny utilizou, no período em Cévennes, para designar os adultos que viviam junto com as crianças autistas nas áreas de convivência. Exploraremos os sentidos desse termo no capítulo 5.

mais curto imaginado, o lapso de uma manhã a uma tarde, e percebê-las era uma tarefa instável e precária que servia tão somente para um momento preciso. Porém, a busca pelas brechas, pela criação de ocasiões foi uma implicação permanente.

Falar de asilo é falar a língua de onde se vive. Eu não sou, então, educador, mas alguém em busca de asilo. Eu passei minha existência de asilo em asilo, a cada vez diferente e, no entanto, no âmagô, era a mesma coisa.¹⁵² (DELIGNY, 2007, p.46)

...eu posso dizer que *aí* era território, e não *meu* território, mas todos esses trajetos caminhados, essas descobertas incessantes...fazem de mim um instrumento, um ofício todo tecido dessas ruas percorridas quando eu tinha nove anos, quando eu tinha quinze anos, quando eram as vésperas da guerra de 39, e depois, desses tempos aqui.¹⁵³ (DELIGNY, 2007, p.1101)

A experiência em Armentières, como afirma Sandra Alvarez de Toledo, foi uma marca de toda a vida e o tema do asilo voltou em seus diferentes escritos; ele "...sela o vínculo de sua escritura com um território e um modo de vida asilar..."¹⁵⁴ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.46). Da experiência do asilo e das questões suscitadas, podemos desdobrar três importantes temas que serão explorados no quinto capítulo, por terem sido elaborados na escrita de Deligny mais tardiamente, no período em Cévennes. A questão do espaço, da propriedade e do comum.

Um espaço partilhado, ou uma determinada área de vida, é tramado pelas atividades desenvolvidas, por uma vivência costumeira, não sendo definido por um estatuto de propriedade. Assim, um certo território comum é antes uma posse coletiva e precária, sem nome ou dono, do que uma propriedade legalmente determinada e definida. Por ser uma experiência vivenciada e real, constituída a partir de uma rotina estabelecida pela habitação comum, e não definida pela

¹⁵²"Parler d'asile, c'est parler la langue d'où on vit. Je ne suis donc pas éducateur, mais chercheur d'asile. D'asile en asile, j'y ai passé mon existence, à chaque fois différent, et pourtant, au noyau, c'était la même chose." (DELIGNY, Être d'asile, *in* Le Journal des Psychologues, n° 6 *in* DELIGNY, 2007, p.46).

¹⁵³"... je peux dire que c'était là territoire, et non pas du tout mon territoire, mais tous ces trajets marchés dans l'antan, ces retrouvailles incessantes...faisaient de moi un instrument, un métier tout tissé de ces rues parcourues quand j'avais neuf ans, quand j'en avais quinze, quand c'était la presque guerre de 39, et puis ces temps-ci." (DELIGNY, 2007, p.1101).

¹⁵⁴"...scellé le lien de son écriture avec un territoire et un mode d'être asilaires..." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.46).

palavra, pela codificação legal que instaura o estatuto de *próprio*, tal área não se define por uma experiência do tempo que se articula de forma rígida e imóvel - mas por uma contínua permanência costumeira que destitui o tempo enquanto sensação interna de um sujeito. O espaço comum não é, portanto, uma propriedade reflexiva e representativa, mas um lugar constituído em comum. Em suas tentativas, Deligny participou da tessitura de espaços que se dava a partir da implicação conjunta daqueles que o habitavam: crianças atrasadas, jovens delinquentes, guardiões operários e, depois, jovens em observação judicial, famílias operárias, militantes dos albergues de juventude, presenças próximas, crianças autistas. Assim, um lugar, ou determinado território, não é a propriedade de um sujeito, mesmo que sujeitos venham a se formar a partir desses lugares e possam, posteriormente, por uma dobra reflexiva, se nomearem proprietários.

Os espaços tramados por essas tentativas não correspondiam aos territórios-propriedades do direito, territórios que podem ser objetos de contratos, de cartórios, de negociações. Foram lugares que se formaram não pela memória institucionalizada, que pode retrair as linhagens dos donos oficiais dos espaços de vida, espaços da cidade, dos territórios construídos pelos diferentes povos. Foram lugares que se formaram por uma memória que provém de outra regularidade, do arranjo das coisas no espaço, da organização cotidiana de atividades, da construção de um costumeiro partilhado. Uma memória do corpo, dos trajetos, de uma experiência primordial, anterior à linguagem e ao sujeito, à possibilidade de *se* definir, de *se* dizer, de *ter*. Foram territórios de acasos, de tecelagem, de memória de espécie, de antes da linguagem.

Deligny conta, em um de seus textos tardios, que em Cévennes era frequente que eles fossem visitados por pessoas curiosas em relação ao funcionamento da rede. Ele permanecia em sua mesa e ao longo das conversas, dedilhava, tamborilava, em seu tampo. Janmari - criança autista que Deligny conheceu em seu período na clínica de La Borde -, estava por perto em um dia que Deligny recebia esses visitantes e presenciou o gesto de bater os dedos na madeira. Ele partiu e voltou mais tarde com uma bola de terra que ele, então, colocou na mesa, perto do lugar onde Deligny havia batido seus dedos. Nessa bola, que era uma mistura de terra e cinzas, estava uma descoberta: no lugar onde esses dedos agora batiam no tampo, existia, uns cinco anos antes, um cinzeiro que

Deligny usava para bater as cinzas de seu cigarro. Na bola de terra e cinzas estavam os traços do cinzeiro de argila quebrado. Seus cacos tinham sido jogados em um cesto para papéis usados. Estes serviam para acender o forno de assar os pães e, quando a leva de pães estava pronta e o dia de trabalho no forno havia terminado, ele era raspado e as cinzas que sobravam usadas como preparo para os jardins. O gesto de Janmari restituía ao seu lugar o cinzeiro de cinco anos atrás. O pão era feito duas vezes por semana e cuidava-se com atenção dos jardins; Deligny não cessava todos os dias de escrever, de onde surgiam todos os papéis para queimar no forno, diversas pessoas fumavam, eis a necessidade de cinzeiros, estes feitos da argila que alguns da tentativa destinavam horas a moldar... (DELIGNY, 2008, p.120-124). E Deligny escreve:

Se nós nos ativermos àquilo que se pode ver daquilo que permite essas iniciativas, termo que eu prefiro à desencadeia ou provoca - o fato é que o referenciável de onde o agir se articula, nos concerne, mas na maneira em que ele revela aspectos de nós mesmos que nos escapa...Mas eu volto ao que eu precisava dizer: que uma iniciativa 'franca' não se inspira senão de inadvertências. Pois enfim, esses cacos de um cinzeiro, que não deveria ter sido quebrado, não tinham nada o que fazer sob as chamas dos papéis. E foi necessário que se tramasse uma descoberta de restos enterrados há cinco anos, e nas cinzas e, sempre lá, naquilo que seria melhor chamar de referenciável, sempre intacto, por não ter que se submeter ao trabalho daquilo que se diz...Qual é nossa pesquisa? Apontar o referenciável – outra estrutura que aquela que sustenta a linguagem...É necessário dizer que em relação a esse gesto definitivo nós não temos nenhum domínio, nós nada podemos, e que no limite, um gesto, não importa qual – um batimento de pálpebras, um movimento das escápulas – faz o que faz. Mas aí, nós podemos alguma coisa, é que em relação ao referenciável, nosso modo de vida muito costumeiro é o humus.¹⁵⁵ (DELIGNY, 2008, pp.119/120-121/123/124)

¹⁵⁵"Si nous nous fions quelque peu à ce qui peut s'en voir de ce qui permet ces initiatives terme que je préfère à ce qui les déclenche ou les provoque - il s'avère que le repérable d'où l'agir s'articule nous concerne bien, mais d'une telle manière qu'il révèle des aspects de ce nous-même qui nous échappent...Mais j'en reviens à ce qu'il me fallait dire qu'une initiative 'franche' ne s'inspire que d'inadvertances. Car enfin, ces tessons d'un cendrier qui n'aurait pas dû être cassé n'avaient rien à faire sous les fagots gagnés par la flamme mise aux papiers froissés. Et il a bien fallu que, le temps d'un clin d'oeil, se trame la retrouvaille des tessons enfouis depuis cinq ans dans la terre et la cendre et toujours là dans ce qu'il vaut mieux nommer le repérable toujours intact puisque n'ayant pas à subir le labour de ce qu'on se dit...Quelle est notre recherche? Pointer le repérable - autre 'structure' que celle qui sous-tend le langage – qui 'permet' l'agir de l'initiative...Il faut dire aussi qu'à ce geste décisif, nous n'y pouvons strictement rien et qu'à la limite, un 'geste' tout à fait n'importe quel – un battement de paupières, un mouvement d'épaule - fait l'à-faire. Mais là où nous y pouvons quelque chose, c'est que du *repérable*, notre mode de vie très coutumier en est l'humus." (DELIGNY, 2008, pp.119/120-121/123/124).

A experiência de Deligny em Armentières, como nas escolas, não estava dissociada de seu momento político¹⁵⁶. Nesse período, teve curso, com forte influência de François Tosquelles¹⁵⁷, a experiência no hospital psiquiátrico de Saint-Alban, que deu origem à noção de psiquiatria de setor e influenciou a análise institucional.

Na clínica de Saint-Alban, na região francesa de Lozère, se encontraram durante a liberação, três importantes psiquiatras: Lucien Bonnafe¹⁵⁸, Georges Daumazon¹⁵⁹ e François Tosquelles. Na época, o diretor do hospital, Paul Balvet, apesar de politicamente conservador, ofereceu uma abertura para que, considerando a guerra em curso, fossem recebidos no hospital todos aqueles que chegassem por consequência desta. A presença de refugiados ressituiu a rotina asilar e tornou a loucura menos o centro das atenções e mais um fator outro que compunha esse novo espaço permeado pelo horror da guerra. Foi isso que permitiu uma reconfiguração significativa na forma de funcionamento hospitalar. Somado a isso, foi determinante a chegada de Tosquelles ao hospital, trazendo não apenas a experiência da guerra espanhola, mas também da psiquiatria catalã, que já sofria as influências da psiquiatria alemã, de uma terapêutica mais ativa e da não alienação completa do doente.

O ambiente institucional, permeado pelos refugiados recém-chegados, criou uma verdadeira terapia comunitária ou uma comunidade terapêutica¹⁶⁰ - a

¹⁵⁶" De um lado, as circunstâncias se prestam a isso: é a época de um certo remanejamento dos territórios entre instâncias escolares, judiciárias e psiquiátricas. Enquanto mais uma vez a infância delinquente continua sob a competência do aparelho judiciário, e as crianças 'retardadas' do aparelho escolar, esse remanejamento vai confiar muito mais poder real a um terceiro aparelho, onde vem se encontrar medicina e psicologia." " D'une part, les circonstances s'y prêtent: c'est l'époque d'un certain remaniement des territoires entre instances scolaires, judiciaires et psychiatriques. Alors qu'autrefois l'enfance délinquante continuait à relever pour l'essentiel de l'appareil judiciaire, et les enfants 'retardés' de l'appareil scolaire, ce remaniement va confier beaucoup plus de pouvoir réel à un troisième appareil, où viennent se nouer médecine et psychologie." (MOREAU, 1978, p.40).

¹⁵⁷Psiquiatra espanhol e um dos fundadores do movimento da psicoterapia institucional.

¹⁵⁸Foi psiquiatra e lutou pela superação da concepção do tratamento psiquiátrico como internação e isolamento asilar. Foi um dos fundadores da psiquiatria de setor que tinha por objetivo o tratamento do paciente em proximidade com a sua área de origem. Esta medida em conjunto com a criação de dispositivos extra-hospitalares, tinham por intuito garantir a continuidade do tratamento fora da situação de internação.

¹⁵⁹Foi psiquiatra e diretor do instituto psicoterapêutico Fleury-les-Aubrais, a partir de 1938. O instituto foi um dos lugares onde teve início o desenvolvimento da psicoterapia institucional. Em 1951, ele deixou a função para se tornar médico dos Hospitais Psiquiátricos do Sena, tendo dirigido, nesse período, o serviço público psiquiátrico chamado *Santé Maison Blanche*.

¹⁶⁰No Brasil, atualmente, o termo comunidade terapêutica designa os estabelecimentos privados de internação no campo do tratamento psiquiátrico marcados por uma forte inserção religiosa, por

composição do espaço tendo lugar prioritário na constituição do tratamento. A psiquiatria de setor que aí se inaugurava na França direcionava a atenção para as relações sociais construídas no hospital, deslocando a concepção do tratamento como relação médico-paciente e substituindo o lugar primordial da figura do médico pelo papel de um coletivo responsável pelo cuidado: médicos e enfermeiros, mas também todos aqueles que em um dado momento compunham a vida da instituição. Os internos tinham um importante papel na construção e gestão da função terapêutica.

A psiquiatria de setor se preocupou, também, em refletir sobre a relação interior e exterior, em pensar o lugar da loucura na cidade. Por exemplo, após a saída do hospital, a equipe continuava a ter uma aproximação com os pacientes, os visitavam, criavam uma relação entre aqueles que saíam e aqueles que estavam no momento de entrar (por exemplo, a ida para buscar um novo paciente poderia ser acompanhada por aquele que estava de saída no mesmo dia); eles estabeleciam relações com as famílias e com os habitantes da região e chamavam tal forma de abordagem terapêutica de geopsiquiatria. Permanece uma diferença fundamental, assim como nas escolas, em relação à tentativa de Deligny: enquanto a psiquiatria de setor se anunciava como uma outra terapêutica possível, Deligny não propunha uma reforma, uma nova forma.

Não é questão de subestimar a importância do trabalho realizado por Tosquelles e seus amigos, nem de minimizar a influência que eles puderam exercer. Mas é preciso simplesmente traçar uma demarcação: a experiência deles alcançou o estabelecimento de uma nova forma de terapêutica, a 'psiquiatria de setor'. Essa forma foi finalmente retomada por outros discursos e outras práticas que a deles: administração e médicos que viam aí uma resposta para *suas* questões; e finalmente a setorização se tornou a política oficial do Ministério da Saúde.¹⁶¹ (MOREAU, 1978, p.44/45)

uma abordagem fundada em valores morais e conservadores e por uma grande fonte de lucratividade a partir da questão da saúde mental. Muitos desses estabelecimentos têm a participação de políticos que exercem cargos simultaneamente no governo. Na contramão da reforma psiquiátrica e da política de redução de danos, preconizando um tratamento baseado na internação, no isolamento, na religião e na abstinência, essas instituições representam um retrocesso no campo da saúde mental brasileira.

¹⁶¹"Il n'est pas question de sous-estimer l'importance du travail accompli par Tosquelles et ses amis, ni de minimiser l'influence qu'ils ont pu exercer. Mais il faut simplement tracer une démarcation: leur expérience a abouti à mettre en place une nouvelle forme de thérapeutique, 'la psychiatrie de secteur'. Cette forme a finalement été reprise par d'autres discours et d'autres pratiques que les leurs: administration ou médecins qui y voyaient une réponse à *leurs* questions; et

A ação de Deligny tinha um sentido marcadamente diferente da perspectiva das reformas institucionais. Enquanto estas se referiam à adequação da instituição àquilo que, em um determinado período, as correntes críticas aos seus pressupostos e à sua forma de funcionamento consideravam como adequado, o trabalho de Deligny se direcionou às práticas materiais através das quais os internos se encontravam sujeitos à tutela psiquiátrica (MOREAU, 1978, p.46). Tratava-se mais de refletir sobre todo um meio e um funcionamento que assujeita, do que de pensar criticamente um determinado funcionamento institucional adequado para sujeitos determinados.

São três os acontecimentos descritos como determinantes para saída de Deligny de Armentières. Não é possível precisar qual dos fatores foi decisivo para esse novo desvio em sua trajetória ou qual foi o peso relativo de cada um deles nesse novo desdobramento. Um dos motivos de sua saída teria sido um episódio de evasão do asilo¹⁶² que teria acarretado uma responsabilização administrativa e a perda de seu posto de educador. Outro, de certa forma diametralmente oposto a este, foi a vontade do diretor do Instituto Médico Psiquiátrico de transformar todo o asilo em um IMP modelo, a partir do trabalho desenvolvido por Deligny. Ele sentiu, então, que era a hora de abandonar a tentativa, frente ao movimento de sua institucionalização. Um terceiro fator teria sido o convite, em 1943, pelo Comissariado da Família de Lille, para a direção da elaboração de um plano regional de prevenção à delinquência juvenil.

De onde a necessidade de asilo escrita sob a insígnia dessas páginas. Eu o situo enquanto necessidade primordial. E, me direcionando aos trabalhadores sociais, eu proponho a eles de renovar esse termo vilipendiado e de conduzir, onde quer que eles estejam, tentativa, nem que seja a fim de precisar aquilo que eles fazem, lá onde eles estão... Asilo é, então, e para isso que eu penso, primordial, se escutarmos que se trata aí disso 'que é o mais antigo e serve de origem', segundo o

finalement, la sectorisation est devenue la politique officielle du ministère de la Santé." (MOREAU, 1978, pp.44/45).

¹⁶²"As circunstâncias de sua partida são fluidas. Ele não teria partido para esse novo posto, mas constrangido e forçado, na sequência de uma evasão a qual ele fará, quarenta anos mais tarde, o tema de uma estranha autoficção situada em Armentières, La Septième face du dé." "Les circonstances de son départ sont floues. Il ne serait pas parti pour ce nouveau poste, mais contraint et forcé, à la suite d'une évasion dont il fera quarante ans plus tard le thème d'une étrange autoficção située à Armentières, La Septième face du dé." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.46).

dicionário mais corrente. Todo ser, qualquer que ele seja, não encontrando, a partir do momento que ele existe, asilo, está destinado a desaparecer antes mesmo de ter visto o dia.¹⁶³ (DELIGNY, 1999, p.5/7)

À CATHERINE,
MINHA FILHA

que acaba de fazer três meses, que
terá em breve dezoito anos, eu dedico
esse livro de imagens para adultos.

Quando agradar a ela lhe
olhar, ela verá aí retrçado um
dos episódios da batalha que
contrapõe a potência imaginária
da qual exulta a juventude à argilosa
e cotidiana realidade.

Ela aí verá como nossos quatro frágeis heróis procuram, a
grandes golpes de lança, a fissura
nos dias da semana formados em série.

Ela compreenderá, talvez, porque
ela nasceu.¹⁶⁴

(DELIGNY, 1978, s/p)

Olha eu aí, quase dez anos, entre aqueles que colocam fogo nas fazendas, roubam o carvão dos barcos, aqueles que fraudam e vagabundeiam, essa escória de menos de dezoito anos, crimeiam, ingrateiam, assistênciapubliqueiam, e se masturbam a existência. Variola, álcool, tuberculose, indiscutivelmente. Favelas, grosseria humana, mães reprodutoras como coelhos, e o pai sobre a filha, veja aí o que vai sem dizer. Eu quero enormemente que o câncer capitalista seja, como se diz, atingido no coração. É provável que isso ainda cheire mal por um momento na cidade. Mas e amanhã? Será uma pena se nas cidades-jardins, nas escolas oferecidas ao sol, as crianças forem cinzas, monótonas e dóceis, entediadas por séculos de desconfiança em relação ao homem.¹⁶⁵ (DELIGNY, 2007, p.165).

¹⁶³"D'où la nécessité de l'asile inscrit à l'enseigne de ces pages. Asile donc et pour ce que je pense, primordial, si on veut bien entendre qu'il s'agit-là de ce 'qui est le plus ancien e sert d'origine' selon le dictionnaire le plus courant. Tout être quel qu'il soit ne trouvant point, dès qu'il existe, asile, est voué, à disparaître avant même que d'avoir vu le jour." (DELIGNY, 1999, p.5/7).

¹⁶⁴"À CATHERINE/MA FILLE, qui vient d'avoir trois mois, qui/aura bientôt dix-huit ans, je dédie/ce livre d'images pour adultes./Quand il lui plaira de le/regarder, elle y verra retracé un/des épisodes de la bataille qui oppose la puissance imaginaire/dont exulte la jeunesse à la/argileuse et cotidienne réalite./Elle y verra comment nos/quatre héros fragiles cherchent à/grands coups d'épieu la fissure/dans les jours de la semaine/formés en carré./Elle comprendra peut-être/pourquoi elle est née." (DELIGNY, 1978, dedicatória, s/p).

¹⁶⁵"Me voilà depuis bientôt dix ans parmi ceux qui mettent le feu aux fermes, volent le charbon dans les péniches, ceux qui fraudent et vagabondent, ces racailles de moins de dix-huit ans qui criment, ingratent, assistancepublient, et se masturbent l'existence. Vérole, alcool, tuberculose, indiscutablement. Taudis, vacherie humaine, mères lapines et le père sur la fille, voilà qui va sans dire. J'en veux énormément au cancer capitaliste qui va, comme on dit, atteindre le coeur. Il est probable que ça va puer encore un moment dans la cité. Mais demain? Il serait dommage que dans

Não é possível localizar, portanto, quais razões especificamente determinaram a saída de Deligny do asilo, e acreditamos que a precisão neste caso é pouco útil. Melhor compreender os fatores em sua complexidade e pensá-los em uma mútua implicação para a instauração dessa nova etapa de tentativas. Ele deixou o asilo, mas as questões asilares permaneceram todo o tempo em seu trabalho e em sua escrita. Construir asilos, em sua acepção de refúgio e respeito, foi o norte de sua atividade criadora. Aparentemente Deligny deixa o campo mais diretamente da educação e da psiquiatria e entra no debate sócio-jurídico - o plano de prevenção à violência e em seguida a direção do COT -, mas se considerarmos a conjuntura da construção do conceito de inadaptação, na qual pedagogia, medicina e justiça se somavam para a definição da *anormalidade* infantil e juvenil, podemos pensar que nesse novo momento de sua trajetória, apesar de o foco ter sido o sistema judiciário, sua luta permaneceu implicada no debate educacional e médico.

Notamos que a realidade asilar, ainda focada na política de internamento vitalício, mostrava que o novo direcionamento no campo da infância e da adolescência para a reeducação convivia, e conviveu durante muito tempo, com uma política da exclusão temporária ou permanente. Na chegada de Deligny ao COT, a política de reeducação convivia, também, com a garantia do encarceramento como instância asseguradora para os casos em que a readaptação fosse considerada impossível. A função da justiça, no entanto, havia sofrido algumas modificações. Uma nova figura criada, o juiz para a infância, corporificou a modulação da ênfase no encarceramento para a compreensão da responsabilidade do menor como de âmbito psíquico. A pena que passou a ser precisamente individualizada se fundava, então, em uma observação por um período determinado da criança, pela aplicação de testes e de exames médicos, articulada com a medicina através do desenvolvimento cada vez mais forte da neuropsiquiatria infantil. É nesse cenário que são criados, no âmbito das ARSEA, os Centros de Observação e Triagem. "Em um tal contexto, a criança não é

les villes-jardins, dans les écoles offertes au soleil, les enfants soient gris, monotones et dociles, hébétés par des siècles de méfiance envers l'homme." (DELIGNY, 2007, p.165).

retirada da Justiça para ser confiada à psiquiatria: mas a psiquiatria penetra no próprio aparelho judiciário"¹⁶⁶ (MOREAU, 1978, p.60).

Você se dará conta que alguns juízes tomam as decisões como os joalheiros vendem uma aliança. Um toma a medida do delito como o outro toma a medida do dedo. Tanto um como o outro não se preocupam nem um pouco com o resto. A justiça. Ou: uma vez que o abstrato se torna assistente da justiça.¹⁶⁷ (DELIGNY, 2007, p.135)

Revelou-se, assim, que não só a discussão institucional era uma junção de diferentes interesses e dispositivos, como a aposta em um suposto direcionamento político-institucional para a reintegração - esta já marcada por um interesse financeiro público e privado na infância e na juventude - estava calcada na permanente possibilidade de exclusão e punição. Exemplo disto é o decreto-lei de 1945 que, como vimos, em pleno período da Liberação, reafirmou o poder do judiciário na gestão da infância *criminosa e anormal*. A posição crítica de Deligny em relação à prisão, ainda na década de 1940 na França, continua atual e diretamente relacionada a debates centrais para a realidade brasileira. Tanto em relação às condições do sistema penitenciário e seu funcionamento seletivo - é uma determinada população que compõe a grande maioria dos internos: negros, jovens e pobres -, como para a discussão acerca da redução da maioridade penal.

Deligny dizia que ele "esquecia que um centro de observação é, antes de tudo, uma antessala de gabinete de juiz" (DELIGNY, 2007, p.175). Deligny foi extremamente crítico ao direito e aos parâmetros que definem a noção de sujeito de direitos. Esses temas são abordados em alguns de seus textos posteriores à década de 1970.

A prisão, procedimento selvagem. Pedra angular da sociedade atual. Eu me ponho na prisão, você me põe na prisão. 'Tem que jogá-los na prisão'. Pôr aí adultos, isso já confronta o bom senso daqueles que não estão unicamente preocupados em proteger a entrada de suas chaminés de uma coletivização prematura. Pôr aí

¹⁶⁶"Dans un tel contexte, l'enfant n'est pas retiré à la Justice pour être confié à la psychiatrie: mais la psychiatrie pénètre dans l'appareil judiciaire lui-même." (MOREAU, 1978, p.60).

¹⁶⁷"Tu t'apercevas que certains juges prennent des décisions comme les bijoutiers vendent une alliance. L'un prend la mesure du délit comme l'autre prend la mesure du doigt. L'un comme l'autre ne se soucient guère du reste. La justice. Ou: lorsque l'abstrait se fait greffier." (DELIGNY, 2007, p.135).

garotos, é provocar inumeráveis abortos sociais muito mais nefastos que o aborto reputado crime. Aqueles que não participam dessa irrigação de sangue social que coloca o coração de vocês em festa, que dá a vocês vontade de agir, de rir e de falar, antes de morrerem enfraquecidos, alienados, se debatem. É o bando, é a intrusão, é o crime.¹⁶⁸ (DELIGNY, 2007, p.170)

Eles estão face a face com as crianças em suas fantasias fúnebres. A Caridade, a Justiça, as Crenças, a Legalidade, se fazem ventríloquas para adicionar à ilusão. Esse espetáculo deveria ser formalmente proibido aos menores de vinte anos. Ou bem o delinquente é intimidável e o medo e a vergonha sentidos agravaram a reincidência ou bem ele não o é e a sociedade se ridiculariza.¹⁶⁹ (DELIGNY, 2007, p.183)

A ARSEA da cidade de Lille foi criada em dezembro de 1943 e Deligny se tornou educador associado e conselheiro da associação. Ele estava, nesse momento, ainda completamente dentro do quadro institucional. E foi esse o lugar que a cada vez, durante todo o período inicial de sua atuação, e de maneira mais ou menos implicada, ele ocupou. Se em Armentières ele era educador - nem chefe, nem médico - e possuía assim uma posição que permitia um grande número de manobras, no cargo de diretor do COT que ele assumiu em 1945, a possibilidade de criação de outros espaços dentro da instituição foi menor, ou melhor, durou menos tempo. O COT foi fechado após alguns meses de funcionamento, a despeito do apoio de importantes figuras do campo da infância e da adolescência, como Henri Wallon e Louis Le Guillant.

É importante nos colocarmos uma questão central para a crítica institucional construída por Deligny: estando diretamente implicado nos dispositivos que constituíam a política da infância inadaptada e assumindo nestes uma posição claramente crítica e à margem, é a noção mesma de inadaptação que Deligny está colocando em questão? Seus caminhos nesse período, as tentativas

¹⁶⁸"La prison, procédé sauvage. Clef de voûte de la société actuelle. Je te mets en prison. Tu me mets en prison. 'Y a qu'à les foutre en tôle'. Y mettre des adultes, ça heurte déjà le bon sens de ceux qui ne sont pas uniquement préoccupés de protéger leur dessus de cheminée d'une collectivisation prématurée. Y mettre des gosses, c'est provoquer d'innombrables avortements sociaux bien plus néfastes que l'avortement réputé crime. Ceux qui ne participent plus à cette irrigation de sang social qui vous met le coeur en fête, vous donne envie d'agir, de rire et de parler, avant de mourir exsangues, aliénés, se débattent. C'est la bande, c'est l'effraction, c'est le crime." (DELIGNY, 2007, p.170).

¹⁶⁹"Ils sont face à face avec les enfants dans leur déguisement funèbre. La Charité, la Justice, les Croyances, la Légalité se font ventríloques pour ajouter à l'illusion. Ce spectacle devrait être formellement interdit aux moins de vingt ans. Ou bien le délinquant est intimidable et la peur et la honte ressenties aggraveront la récidive, ou bien il ne l'est pas et la société se ridiculise." (DELIGNY, 2007, p.183).

seguintes, parecem menos indicar a contestação da noção de inadaptação e mais uma certa valorização desta como possibilidade de aproximação a uma margem inassimilável pelas normas em vigor. Deligny apostou nessa margem como forma de dar a ver os efeitos perversos do império da adaptação social. Poderíamos começar a tentar dizer que a perspectiva da crítica institucional de Deligny se alinhou com a possibilidade da permanência da inadaptação como vetor de problematização e de cuidado da adaptação. Ou como mais tarde ele aborda essas questões: é a permanência do *humano* que nos permite um olhar crítico e um cuidado em relação ao *homem-que-nós-somos*.

Deligny, nos parece, foi verdadeiramente um homem das margens. Não porque ele lutou por seus direitos, por sua igualdade, pela possibilidade de descaracterização destes *anormais* frente a uma *normalidade* reinante, mas por ter lutado pelo respeito radical da margem, como algo que não pode e não deve tão simplesmente ser integrado. A integração tem o alto custo da adaptação que para aqueles que estão, tão mais ou tão menos, nas bordas desse mundo do Homem, é sempre alto demais. Esse respeito radical passou por uma estratégia de cuidado - Deligny não construiu um elogio gratuito da inadaptação, ele sabia, e bem, as dores que ela carregava - da margem que não tinha como preceito sua semelhança, mas uma percepção sensível a uma outra forma de vida. De outras formas de vida, tão plurais quanto plurais são as formas de inadaptação. E essa é uma diferença essencial: enquanto a adaptação social converge para modelos homogêneos, a inadaptação dissipa, sempre, para uma pluralidade de formas. Eis aí a impossibilidade de constituir modelos, métodos fechados, instituições padrões. A fuga ao modelo, em Deligny, poderia, então, ser compreendida menos como um embate direto - um confronto, uma posição *anti* alguma coisa - com as instituições de cada período, e mais como uma necessária dispersão da ação, enquanto postura ética frente aos mundos que se apresentam no convívio com aqueles que sofrem de maneira mais radical as exigências de adequação social. Ele apostou na esquiva como a amplidão necessária para a vivência da margem. E, assim, veremos suas tentativas cada vez mais caminharem, a partir da Grande Cordée, para uma estratégia de dispersão geográfica como única forma de esquivar ao movimento convergente e concentracionário da normalização.

Nos anos posteriores à saída de Deligny do asilo e que correspondem ao seu trabalho no Centro de Observação e Triagem de Lille, ele escreveu os livros *Graine de Crapule*, *Puissants Personnages* e *Les Vagabonds Efficaces*. *Graine de Crapule*, de certa maneira, é um texto de transição. Ele foi escrito durante o período em que Deligny esteve no COT, mas se relaciona com todas as experiências anteriores. Ele é construído por pequenas fórmulas, conselhos aos educadores, às quais, no prefácio da reedição de 1960, Deligny retorna para criticar seu tom professoral. Há ainda um prefácio de 1955 que havia permanecido inédito até a publicação da coletânea *Oeuvres*. O texto apresenta um grande interesse: um olhar avaliativo que agrega todas as experiências anteriores e um simultâneo anúncio de questões que serão centrais para as seguintes. *Les Puissants Personnages* é um livro de histórias focadas em quatro personagens e no período final da Segunda Guerra. O livro, escrito na mesma época que *Les Vagabonds Efficaces*, parece funcionar como uma válvula de escape para a rigidez e os entraves do trabalho no centro.

Mas, quando se fala em proteger a criança, vai saber o que se tratava de proteger? Nós não devíamos estar de acordo, eles e eu, sobre aquilo que deveria se guardar a salvo. Cada conselho da administração era uma tempestade. Resumindo, eu escrevia '*Puissants Personnages*'. Um outro teria tocado o cravo ou a sanfona, instrumentos ultrapassados. Eis aí o que eu deveria ter lido nas sessões do conselho de administração: esse relato, um pouco ultrapassado, um pouco irrisório.¹⁷⁰ (DELIGNY, 1978, p.10)

Les Vagabonds Efficaces é um livro de combate, um livro militante, escrito em nome próprio. Ele relata os absurdos enfrentados por Deligny no trabalho institucional no campo da infância. Deligny articulou no livro, em seus fragmentos - o texto é dividido em partes, essas em subpartes e conjuntos de algumas linhas - formatos diversos de escrita, contos, retratos da realidade, trechos autobiográficos e citações. (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.157).

¹⁷⁰"Mais quand on parle de sauvegarder l'enfance, allez savoir ce qu'il s'agit de garder? Nous ne devions pas être d'accord, eux et moi, sur ce qu'il fallait garder sauve. A chaque conseil d'administration, c'était l'orage. Bref, j'écrivais '*Puissants Personnages*'. Un autre aurait joué du clavecin ou de la vielle, instruments désuets. Voilà ce que j'aurais dû lire aux séances du conseil d'administration: ce récit, un peu désuet, un peu dérisoire." (DELIGNY, 1978, p.10).

Eu pude encontrar naufragos envergonhados dessa frota. Os testemunhos que me chegaram na sequência, de outros educadores às voltas com as mesmas dificuldades que foram as minhas, me impulsionaram a designar claramente os inimigos da infância, inimigos muitas vezes inconscientes, pois eles são primeiramente inimigos deles mesmos, desde a primeira juventude. Aconteceu-me de encontrá-los com frequência, pois sua vanguarda milita nos estabelecimentos de educação e seu estado-maior tem assento nos comitês, conselhos, associações que se incumbem de proteger a infância. A recepção dessa gente para aparentemente aceitar e assimilar verdades que eles não ousam contradizer não tem igual se não a habilidade paciente que eles desenvolvem para evitar a colocação sincera em prática de princípios perigosos para o conforto moral e social do qual eles são os representantes patentes e prudentes¹⁷¹. (DELIGNY, 2007, p.163)

Foi então, retoma Deligny, que eu fui contatado por Tirloy, delegado regional da Família: -Eu estou a par de que você se vira com o asilo, será que você aceitaria ser conselheiro técnico de um plano de prevenção da delinquência juvenil? Você é comunista? Isso não é nada, nós temos a cabeça aberta.¹⁷² (CHAUVIÈRE, 1980, p.199)

Em 1943, portanto, Deligny se torna responsável pela criação de um plano de prevenção da delinquência juvenil para a região do Norte. Deligny conta, em uma entrevista publicada no *L'Express-Méditerranée*, de março de 1972, que havia em alguns bairros pobres imóveis abandonados nos quais os militantes da Resistência¹⁷³ podiam permanecer escondidos. Os jovens desses bairros, alguns considerados delinquentes por um ou outro motivo, passaram a frequentar esses espaços, que de pouco em pouco foram reformados pelos militantes. "As casas destruídas se tornavam casas comuns para aqueles que tinham o interesse de não se mostrar muito do lado de fora, e aqueles que não sabiam muito o que fazer ali."¹⁷⁴ (DELIGNY, 2007, p.113). Ele havia obtido do prefeito da cidade as chaves

¹⁷¹"J'ai pu prendre sur le fait les naufrageurs honteux de cette flottille. Les témoignages qui me sont parvenus par la suite, d'autres éducateurs aux prises avec les difficultés qui ont été les miennes, me poussent à désigner clairement les ennemis de l'enfance, ennemis souvent inconscients car ils sont d'abord les ennemis d'eux-mêmes, depuis leur prime jeunesse. Il m'a été donné de les rencontrer souvent, car leur avant-garde milite dans les établissements d'éducation et leur état-major siège dans les comités, conseils, associations qui se chargent de protéger l'enfance. L'adresse de ces gens pour accepter et assimiler apparemment des vérités qu'ils n'osent pas contredire n'a d'égale que l'habileté patiente qu'ils déploient pour éviter la mise en pratique sincère de principes dangereux pour le confort moral et social dont ils sont les représentants patentés et prudents." (DELIGNY, 2007, p.163).

¹⁷²"C'est alors, reprend F. Deligny, que j'ai été contacté par Tirloy, délégué régional à la Famille: - Je suis au courant de vos démêlés avec l'asile, est-ce que vous acceptiez d'être le conseiller technique d'un plan de prévention de la délinquance juvénile? Vous êtes communiste? Ça ne fait rien. Nous avons l'esprit large." (CHAUVIÈRE, 1980, p.199).

¹⁷³Movimento de oposição interna e também de resistência externa de opositores à Segunda Guerra Mundial e à ocupação do território francês pela Alemanha.

¹⁷⁴"Les maisons minables devenaient maisons communes à ceux qui avaient intérêt à ne pas trop se montrer dehors et à ceux qui ne savaient pas trop quoi y faire." (DELIGNY, 2007, p.113).

para cinco casas não habitadas (e consideradas não habitáveis) nesses bairros pobres e populosos. (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.113) Nesse período, portanto, na sequência de sua saída do asilo e a partir desse posto que lhe incumbia da criação de um plano de prevenção, Deligny iniciou mais uma tentativa pautada na relação contínua com o meio exterior, na improvisação, na relação com a criação de um lugar e na construção de uma rede entre pessoas que, talvez, no curso regular das coisas não se encontrariam em uma iniciativa conjunta. Lembramos que para Deligny as tentativas tem lugar nos piores momentos da história. A guerra, a perseguição aos opositores ao regime de Vichy e àqueles que resistiam à ocupação alemã foram as perturbações à ordem que, nesse caso, fizeram brotar a tentativa. Por ter sido um momento transitório e menos comentado, não há maiores informações sobre esse período.

Junto com o médico que ocupava o cargo de médico-chefe em Armentières, Paul Guilbert, e com o qual Deligny havia trabalhado nos anos anteriores, ele publicou cinco artigos no boletim interno do Comitê de Estudo e de Ação pela Diminuição do Crime, do Ministério da Justiça, *Pour l'Enfance Coupable*. Enquanto os três primeiros abordavam o debate sobre a questão da origem e da formação dos educadores no campo da infância *inadaptada*, os dois últimos delineavam um projeto detalhado de criação de uma vila que seria um *centro aberto de adaptação social*, para crianças e jovens entre 10 e 16 anos. Sandra Alvarez de Toledo observa que tal projeto mais se parecia com a estrutura de um verdadeiro asilo do que com uma rede construída no próprio território de vida, forma esta a partir da qual se delineava a tentativa empreendida no âmbito do plano de prevenção. O projeto nunca se efetivou, mas de certa forma, nesse momento, Deligny estava propondo um modelo. Ele não parecia pretender que o mesmo fosse replicado, mas havia aí uma proposta institucional aparentemente definida.

Um asilo sem 'muros, cercas, nem barreiras', com a exceção de um 'quartirão fechado' para os irredutíveis, mas com uma fazenda, um 'sino' e uma 'prefeitura': uma falsa-verdadeira aldeia (com butiques, café, etc.) para crianças entre 10 e 16 anos, sobre um território de 300 hectares, afastado da cidade, do qual a autoridade

única seria assegurada pelo 'médico-diretor' e 'mestre de aldeia', seguido pelo educador principal.¹⁷⁵ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.115)

É importante relembrar, para situar o trabalho de Deligny nesse período, que entre 1943 e 1944 foram criadas, na França, dez ARSEA. No âmbito de cada uma delas foi aberto um Centro de Observação e Triagem. A ARSEA de Lille foi criada em dezembro de 1943 e, em janeiro de 1945, tendo sido criado o COT de Lille, Deligny assumiu o cargo de primeiro diretor pedagógico. O centro ficava em um bairro burguês de Lille, La Madeleine, e sua sede era um castelo que havia sido ocupado pelos alemães durante a guerra e pelo exército americano no período da Liberação.

Os alemães tinham acabado de partir. Eles deixaram lavabos suplementares nos quartos do segundo andar, um carro sem pneus sob o hangar de madeira, um morto no parque, estirado sob alguns centímetros de terra, um homem de cinquenta anos que vestia o uniforme do exército deles e que, parece, manifestou sua alegria de que a guerra finalmente terminava. Eles o colocaram em pé contra uma árvore. Eles o furaram a pele em diversos lugares. Eles atingiram a árvore. Eles cavaram a terra, estenderam o homem, recolocaram a terra. Como fazem os gatos. Os Alemães são muito limpos. Eles não caminharam sobre a rhubarba, pelo que as torres com canhões, que olham muito discretamente através das folhas das grandes árvores da propriedade, são muito gratas.¹⁷⁶ (DELIGNY, 2007, p.169)

Deligny havia desejado que o centro se situasse em um bairro popular e operário de Lille, próximo às muralhas e feito de casas de madeira. "Não havia então aí uma pequena vila de madeira. Sobravam as mulharas. Eu estava neles frequentemente"¹⁷⁷ (DELIGNY, 2007, p.1101). Ele compôs esse terreno não escolhido e não ideal a partir de um mundo diferente daquele previsto para um

¹⁷⁵"Un asile sans 'murs, clôtures ni barrières', à l'exception d'un 'quartier fermé' pour irréductibles, mais avec une ferme, un 'clocher' et une 'mairie': un faux-vrai village (avec boutiques, café, etc.) pour enfants entre 10 et 16 ans, sur un territoire de 300 hectares à l'écart de la ville, dont l'autorité unique serait assurée par 'le médecin-directeur' et 'maître du village', secondé par l'éducateur principal." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.115).

¹⁷⁶"Les Allemands viennent de partir. Ils ont laissé des lavabos supplémentaires dans les chambres du second étage, une voiture sans pneus sous le hangar à bois, un mort dans le parc, allongé sous quelques centimètres de terre, un homme de cinquante ans qui porte l'uniforme de leur armée et qui a, paraît-il, manifesté sa joie que la guerre finisse enfin. Ils l'ont mis debout contre un arbre. Ils lui ont troué la peau en plusieurs endroits. Ils ont éraflé l'arbre. Ils ont gratté la terre, étendu l'homme, ramené la terre. Comme font les chats. Les Allemands sont très propres. Ils n'ont pas marché sur la rhubarbe, ce dont les pignons à tourelles qui regardent très discrètement à travers les feuilles des grands arbres de la propriété leur sont fort reconnaissants." (DELIGNY, 2007, p.169).

¹⁷⁷"Il n'y avait donc pas de petit village de bois. Restaient les remparts. J'y étais souvent." (DELIGNY, 2007, p.1101).

COT. No lugar de educadores especialistas, cheios de autoridade e de saber teórico, ele contratou operários dos locais de origem dos adolescentes para a função de educadores-monitores e, entre esses, alguns que já haviam trabalhado com ele em Armentières; organizou o centro de forma aberta, em contato com o entorno, com diferentes grupos e com militantes; garantiu a estadia nos finais de semana dos jovens com suas famílias ou com famílias operárias; instaurou a possibilidade de observação familiar.

Como veremos, esses desvios dentro do funcionamento esperado tanto pela ARSEA quanto pela administração pública ocasionaram, em conjunto com uma campanha de imprensa levada a cabo por Deligny, o fechamento do COT em um ano e meio de funcionamento.

O COT funcionava como instância de observação de jovens que estivessem sob tutela da justiça, em período de julgamento e de definição da medida adequada para cada caso. Nos centros¹⁷⁸, era realizado um período de observação que durava entre seis e oito semanas, após o qual o juiz escolhia entre alguns dispositivos possíveis de encaminhamento, como medida aplicável ao adolescente dito delinquente: inserção educativa; envio para algum local de cumprimento de pena em semi-liberdade; aplicação de restrição à liberdade mais ou menos vigiada, situação na qual a criança podia ser designada a uma organização privada de acolhimento. Esta última foi uma das formas através das quais os jovens inicialmente recebidos durante o período da Grande Cordée chegaram à tentativa.

O centro, sob a direção pedagógica de Deligny, funcionava a partir da seguinte rotina. Na chegada do jovem, ele permanecia alguns dias em um período de acolhimento, em um quarto destinado a essa primeira recepção, no qual era supervisionado por uma equipe composta por profissionais da medicina, da enfermagem e educadores. Neste quarto, ficava à disposição dos jovens materiais para desenho e materiais para bricolagem - Deligny esperava poder trabalhar um primeiro contato com eles a partir de traços. Se foi necessário garantir uma

¹⁷⁸Em 1969, o fechamento dos COT limitaram as possibilidades de formas de encaminhamento para os adolescentes sob processo de julgamento. Ou o juiz deixava o adolescente em seu meio natural ou quando esta alternativa não era entendida como possível, ele era encaminhado a um centro de detenção. O encerramento das atividades dos centros marcaram o retorno do encarceramento juvenil como prática recorrente.

abordagem junto a especialistas - como o médico do centro - ela foi articulada a outros dispositivos, que já faziam parte das tentativas anteriores. Entrar em um primeiro contato com os adolescentes partia do pressuposto de, dentro das duras condições de um COT, dar a eles alguma ocasião de agir.

Trata-se de observar, durante três meses, os 'menores' da região que roubaram, feriram, vagabundearam, fraudaram, aqueles cujos pais perderam o direito ao cuidado, aqueles em relação aos quais todo o bairro reclama, que reincidem, que ameaçam, que desaparecem, que quebram as caixas registradoras, que brincam abertamente demais com a braguilha, os inadaptados sociais de menos de dezoito anos. Aqueles, no mínimo, em relação aos quais a inadaptação social é notável, flagrante, descrita no desconcertante estilo policial vestido de colete: 'fica claro, então, ter furtado sorrateiramente oito coelhos, dos quais três tem os pelos cinzas' [sic]. Por que quem pagará por esses que a justiça ainda ignora?¹⁷⁹ (DELIGNY, 2007, p.169)

Durante o período de observação, os jovens desenvolviam diferentes atividades no centro e era disponibilizado um cronograma com uma programação diversificada, dividida entre atividades de lazer e atividades remuneradas. Os jovens podiam escolher livremente entre as possibilidades oferecidas.

As atividades remuneradas serviam para que eles pagassem sua estadia no centro. É importante notar que o trabalho não era caracterizado por sua importância enquanto vetor formador de um caráter mais adequado, vetor de valorização da experiência humana. Ele tinha a função de garantir que os adolescentes se adaptassem o mais efetivamente possível a uma exigência que eles teriam que de alguma forma gerir quando de sua saída do centro. Deligny pretendia que esse período de observação não implicasse no desenvolvimento de uma vida artificializada e distante da realidade dos jovens. Com o ganho das atividades remuneradas, que eram pagas semanalmente, estes pagavam, então, o custo de seus quartos e de sua alimentação, o que na perspectiva daqueles que

¹⁷⁹"Il s'agit d'observer, pendant trois mois, les 'mineurs' de la région qui ont volé, blessé, vagabondé, fraudé, ceux dont les parents sont en instance de déchéance, ceux dont tout le quartier se plaint, qui récidivent, qui menacent, qui disparaissent, qui fracturent les tiroirs-caisse, qui jouent par trop ouvertement de la braguette, les inadaptés sociaux de moins de dix-huit ans. Ceux, du moins, dont l'inadaptation sociale est remarquable, flagrante, décrite dans l'ahurissant style gendarme revêtu du baudrier: 'est donc convaincu d'avoir dérobé nuitamment huit lapins dont trois sous poils gris' [sic]. Car qui paierait pour ceux que la justice ignore encore?" (DELIGNY, 2007, p.169).

organizavam o funcionamento do centro, criava uma relação de responsabilidade em torno do trabalho e do consumo.

A escolha por educadores-monitores provenientes do mesmo meio dos adolescentes e que não possuísem um saber técnico da área da educação - que não estivessem inseridos na nova carreira que se formava de educadores especializados - teve por objetivo, não apenas garantir a efetividade da relação entre estes e os adolescentes, pautada em seu conhecimento por experiência prática da realidade vivida pelos jovens, mas também de produzir um desvio naquilo que caracterizava esse ofício no período: os educadores enquanto pessoas *bem intencionadas*, generosas, de origem burguesa, e que deveriam transmitir sua moral ao meio operário. O meio operário, antes de servir, também, como um exemplo, permitia que os jovens constituíssem no centro pontos de referência articulados com seus meios de vida habituais.

Educadores...? Quem são vocês? Formados, como se diz, nos estágios ou em cursos nacionais e internacionais, instruídos sem nenhuma preocupação prévia em saber se vocês têm no ventre um mínimo de intuição, de imaginação criativa, de simpatia em relação ao homem, carregados de vocabulário médico-científico e de técnicas precisas, vocês são jogados, na maior parte crianças da pequena burguesia, ainda encasulados dentro de vocês mesmos, em plena miséria humana.¹⁸⁰ (DELIGNY, 2007, p.164)

Para que isso mudasse, eu rejeitei os subprodutos dos modos de educação burguesa e chamei educadores não vindos de escolas ou estágios...Eles vieram por conta própria, de seus bairros onde os tetos são chãos, as janelas são lixeiras...Esses homens, no centro, estavam presentes. Domadores de piolhos, caçadores de sarna, alvos impressionantes de preconceitos, com a moral totalmente desarticulada, relação com o circo que eles tinham vivido quando eram pequenos e, tudo isso considerado, nem um pouco desestabilizados sobre suas articulações flexíveis. Revolucionários sólidos: veja quem mantém a coluna vertebral muito melhor que um conjunto reluzente e emprestado de princípios¹⁸¹. (DELIGNY, 2007, p.173)

¹⁸⁰"Éducateurs...? Qui êtes-vous? Formés, comme on dit, dans des stages ou dans des cours nationaux ou internationaux, instruits sans aucun souci préalable de savoir si vous avez dans le ventre un minimum d'intuition, d'imagination créatrice et de sympathie envers l'homme, abreuvés de vocabulaire médicocientifique et de techniques esquissées, on vous lâche, pour la plupart enfants issus de bourgeois, encore tout encoquillés dans vous-mêmes, en pleine misère humaine." (DELIGNY, 2007, p.164).

¹⁸¹"Pour que ça change j'ai rejeté les sous-produits des modes d'éducation bourgeois et j'ai appelé des éducateurs non issus des écoles ou des stages...Ils sont venus d'eux-mêmes, de leur quartier où les plafonds sont des planchers, les fenêtres des poubelles...Ces hommes, au centre, étaient présents. Dompteurs de poux et chasseurs de gale, avaleurs étonnants de préjugés et la morale complètement désarticulée, rapport au cirque qu'ils avaient vécu quand ils étaient petits et, tout

Para Deligny, a relação educadora assim constituída (que no sentido usual de *educar* não o seria propriamente) deveria ter por fundo e como direcionamento uma construção coletiva. Não poderia ser concebida através de punições, ameaças e chantagens emocionais ou troca de favores. Essas formas pressupõem diretamente uma relação entre sujeitos determinados, o que Deligny tentou afastar a partir do foco na implicação em atividades partilhadas, como forma de evitar também a ênfase nos casos, nas histórias pessoais. Quando um adolescente tentava conseguir algo acessando essas estratégias, ele era, por exemplo, direcionado ao ateliê onde poderia desenvolver atividades que o garantissem subsídios para a realização de algum projeto, de alguma ideia: se ele desejava realizar uma viagem, poderia por ele próprio levantar fundos para a mesma. A princípio não havia uma lista de atividades ou planos que fossem interditados aos adolescentes, o que não era permitido era a tentativa de garantir a realização destes a partir da aposta em uma relação afetiva com a equipe. Tal estratégia não apenas visou garantir uma maior autonomia daqueles sob observação, mas concretizar um desvio em relação ao comportamento usual dos educadores: o cara de boa vontade, devotado ao trabalho, mas que impõe seu julgamento e sua moral através de sua atuação. Em geral, nas instituições voltadas para a função de reeducação e readaptação, o que importava na relação construída era menos estar sensível ao outro e mais normalizar esse outro a partir de um lugar considerado aceitável e adequado. Para Deligny, o trabalho do educador não deveria dizer respeito à imposição de um meio de existência em relação a outro, nem de uma moral correta de como viver, do que ser, do que se pode.

Os educadores, por sua vez, procedem por um tipo de observação em relação a qual Deligny diz que ela 'não comporta julgamento, nem adjetivo qualificativo'. Trata-se simplesmente de anotar os fatos segundo um esquema 'circunstância-reação', a relação que os jovens têm nesse novo meio, no trabalho, com o dinheiro e as despesas, o nível de implicação nas diferentes atividades...¹⁸² (MIGUEL, 2016, p.65)

bien considéré, pas avachis du tout sur leurs jointures souples. Révolutionnaires solides: voilà qui vous maintient la colonne vertébrale, bien mieux que tout un harnachement reluisant et emprunté de principes." (DELIGNY, 2007, p.173).

¹⁸²"Les éducateurs, à leur tour, procèdent par un type d'observation, dont Deligny dit qu'elle 'ne comporte de jugement, ni adjectif qualificatif'. Il s'agit simplement de noter les faits selon le schéma 'circonstance-réaction', le rapport que les jeunes ont dans ce nouveau milieu, dans le

O processo proposto por Deligny não se sustentava, portanto, em uma reeducação disciplinadora, moralista e normalizadora, mas na possibilidade do jovem criar parâmetros de avaliação próprios de suas ações, sem a constante presença da boa consciência do educador. O meio operário *normal* era tido como garantia de reinserção (e não de recuperação ou reeducação) não por servir de exemplo, mas por garantir que os jovens continuassem em contato com sua vida costumeira durante o processo de observação.

Nos finais de semana os adolescentes podiam ficar com suas famílias, ou no caso daqueles que não possuísem ou não pudessem, por algum motivo, estar em família, eles poderiam passá-los na casa de alguma família operária que se disponibilizasse para recebê-los. O intuito era que, o mais breve possível, os adolescentes já estivessem em período integral sob observação familiar - fora do centro, portanto - e vinculados ao exercício de alguma função, à realização de algum trabalho, articulados pelo COT.

Malgrado o sotaque de origem desses monitores, malgrado o bistrô-cantina no interior do centro, malgrado as inserções familiares que tinham o terreno livre, eu me deparava às vezes com mortos ou ao menos com aqueles em estado de síncope, asfixiados nessa atmosfera ainda artificial. Esses partiam em 'observação familiar' e os monitores de bairro recolhiam suas observações sobre o vivo.¹⁸³ (DELIGNY, 2007, p.175)

Todas as noites o centro permanecia aberto para a chegada das famílias, de militantes, de operários, de religiosos, de pessoas atuantes na rede de albergues de juventude (essa rede teve um papel essencial durante o período da Grande Cordée) e de estudantes. O centro se abria para a rotina da cidade. A intenção era não segmentar a instituição do meio exterior, devendo esta operar em relação a uma rede local diversificada. "A instituição - ao menos tal como ela se apresenta aqui - não parece viável a não ser com a condição de se enraizar em uma rede popular

travail, avec l'argent et les dépenses, le niveau d'accrochage aux différentes activités..." (MIGUEL, 2016, p.65).

¹⁸³"Malgré l'accent d'origine de ses moniteurs, malgré le bistrot-cantine recréé à l'intérieur du centre, malgré les empoignades familiales qui avaient le champ libre, j'avais quelquefois affaire à des morts ou tout au moins à des syncopés caractériels, asphyxiés dans cette atmosphère encore artificielle. Ceux-là partaient en 'observation familiale' et les moniteurs de quartier glanaient leurs observations sur le vif." (DELIGNY, 2007, p.175).

múltipla e bem organizada."¹⁸⁴ (MOREAU, 1978, p.71). Isso é já um importante indício de estratégias que foram centrais na Grande Cordée e em Cévennes. O que produz bem-estar, o que promove um engajamento no agir, é uma relação com o espaço que se dá por meio do encontro de pontos de referência em um costumeiro vivido.

Deligny teve o intuito de distanciar a observação realizada no centro de uma avaliação estritamente psicológica e interiorizada no sujeito, deslocando-a para o meio e as circunstâncias experimentadas pelos adolescentes. Se o jovem que estava sob observação fosse deslocado de sua vida habitual, não seria possível perceber e entender suas formas de se relacionar com o mundo. Para a observação era, portanto, necessário reconstituir um ambiente e uma rotina próximos daqueles experimentados em suas vidas cotidianas. Retirá-lo de seu meio era torná-lo um caso, e foi exatamente a ideia de *caso*, do foco na dimensão de interioridade das ações do jovem, na história pessoal como fonte das explicações subjetivas para os seus comportamentos, a compreensão da história como algo individual e não como produção coletiva, que Deligny tentou evitar.

O processo proposto por Deligny foi desde sempre político: uma tomada de posição em relação ao conceito de inadaptação fundada em características internas da criança; uma aposta em deslocar a criança de uma avaliação subjetiva e valorizar o meio como produtor do contexto em que elas estavam inseridas; uma posição política no que se refere aos instrumentos adotados para o processo, os educadores não especialistas, a escolha do meio aberto, o trabalho em rede. É todo um meio, um lugar, um espaço que está envolvido na tentativa do Centro de Observação e Triagem. "Existem três fios que seria necessário tecer juntos: o individual, o familiar, o social. Mas o familiar está um pouco apodrecido, o social está cheio de nós." ¹⁸⁵ (DELIGNY, 2007, p.142)

Para nós, assumir a responsabilidade de um garoto, não é livrar a sociedade dele, o apagar, o suprimir, o docilizar. É, primeiramente, o revelar (como se diz na

¹⁸⁴"L'institution - du moins telle qu'elle est presentee ici - ne semble viable qu' a la condition de s'enraciner dans un reseau populaire multiple et bien organise." (MOREAU, 1978, p.71).

¹⁸⁵"Il y a trois fils qu'il faudrait tisser ensemble : l'individuel, le familial, le social. Mais le familial est un peu pourri, le social est plein de noeuds. Alors on tisse l'individuel seulement." (DELIGNY, 2007, p.142).

fotografia) e pouco importa, no imediato, os portfólios que aguardam, as orelhas habituadas às doçuras mundanas, os ladrilhos frágeis e custosos. Azar do bairro que nos olha do alto, cujas vilas acham que se poderia ter colocado isso em outro lugar, e cujos proprietários estão prontos para gritar um atentado às boas maneiras, se eles virem um de nossos criminosos mijar em uma árvore. Azar das frutas que a proprietária guardava para a marmelada, e as flores cultivadas para seus túmulos, azar daqueles que querem que infância rime com inocência.¹⁸⁶ (DELIGNY, 2007, p.174)

No período de sua atividade no COT, Deligny criou no Vieux-Lille, região popular de Lille, um lugar aberto de acolhimento, cuja gestão era de responsabilidade de trabalhadores operários, para as crianças do bairro. Essa espécie de clube ofereceu um espaço de atividades livres para os jovens, produziu um ponto de referência para o dia a dia local, e acabou por ganhar o apoio das esferas administrativas municipais, que perceberam nele uma causa da diminuição, nesse período, dos índices de delinquência na região. "Isso que nós vemos surgir aqui, é no fundo uma concepção de iniciativa popular que utiliza, o fazendo bascular, um aparelho de Estado cujas contradições se prestam a isso nesse momento"¹⁸⁷ (MOREAU, 1978, p.73).

Em fevereiro de 1945, Deligny iniciou uma campanha em um jornal comunista chamado *Liberté* contra o Abbé Stahl, secretário geral de uma sociedade de proteção da infância e da adolescência, advogado, padre e filho de uma importante família da região. Já no período em Armentières, Deligny, por vezes, tinha recebido jovens que haviam fugido de uma instituição gerida por ele, com marcas de agressões físicas. Foram publicados quatorze artigos, escritos por André Simoens, redator-chefe da revista. Deligny e Simoens foram apoiados pelo prefeito adjunto de Lille que havia sido professor de filosofia de Deligny e pelo médico do COT para a organização de uma conferência sobre a juventude delinquente, em meio à campanha de imprensa. Mais de trezentas pessoas

¹⁸⁶"Pour nous, prendre un gosse en charge, ça n'est pas en débarrasser la société, le gommer, le résorber, le dociliser. C'est d'abord le révéler (comme on dit en photographie) et tant pis, dans l'immédiat, pour les portefeuilles qui traînent, les oreilles habituées aux mondaines confitures, les carreaux fragiles et coûteux. Tant pis pour le quartier qui nous regarde de haut, dont les villas trouvent qu'on aurait pu mettre ça ailleurs et dont les propriétaires sont prêts à crier à l'attentat aux mœurs s'ils voient un de nos voyous pisser contre un arbre. Tant pis pour les fruits que la propriétaire se gardait pour ses marmelades et les fleurs engraisées pour ses tombes, tant pis pour ceux qui veulent qu'enfance rime avec innocence." (DELIGNY, 2007, p.174).

¹⁸⁷"Ce qu'on voit se dégager ici, c'est au fond une conception de l'initiative populaire, qui utilise, en le faisant basculer, un appareil d'État dont les contradictions s'y prêtent à ce moment." (MOREAU, 1978, p.73).

compareceram à conferência. O caso chegou a François Biloux, do Ministério da Saúde, que determinou o controle sobre o trabalho da instituição gerida por Stahl. A campanha e o fato de Stahl - apesar de ter tido a prisão relaxada por agressão - ter sido condenado por utilização incorreta de declarações científicas para obter do Estado pagamentos indevidos, colocaram em questão as dinâmicas de poder que ocorriam sob a gestão das ARSEA. Os interesses em jogo eram muito grandes.

O primeiro caso Deligny estoura a propósito do regime de livre circulação que ele reconhece para sua 'escória' e do recrutamento em meio operário (sindicalistas e desempregados), 'no meio dos garotos', dos monitores do centro. Mas ele nasceu também porque, no espírito da Liberação, Deligny acerta contas políticas, e que existe aí o Abbé Stahl, também membro do conselho técnico da Associação Regional.¹⁸⁸ (CHAUVIÈRE, 1980, p.200)

Aconteceu de eu ser convocado pelo comissário da República, personagem considerável. Eu conduzia uma campanha de imprensa contra um potentado regional da reeducação, um notável de grande família, padre, advogado. Eu aticava todas as nuances do escândalo do qual era evidente que a justiça havia sido cúmplice. A campanha havia sido conduzida batendo os tambores. Aquilo que o comissário queria era que o tambor parasse de bater. Ele me perguntava o que eu queria, ou onde eu queria chegar. Eu não sabia de nada. Eu não ia a parte alguma, o que não impede, muito ao contrário, de bater o tambor. Eu estava obstinado, mas sem nenhuma ilusão. O que fazia esse homem ao qual eu me contrapunha, advogado, padre, filho de família? Ele aliviava a justiça que não tinha o que fazer com todos esses delinquentes que chegavam a ela. Ele se responsabilizava tão bem quanto mal, e era tudo; a caridade ao socorro da justiça; veja o que isso dá: batam tambores.¹⁸⁹ (DELIGNY, 2007, pp.1102/1103)

O COT foi fechado uma primeira vez em abril de 1946; as crianças e jovens que nele se encontravam foram transferidos para uma sociedade de

¹⁸⁸"La première affaire Deligny éclate à propos du régime de libre circulation qu'il reconnaît à ses 'racailles' et du recrutement en milieu ouvrier (syndicalistes et chômeurs) 'dans le milieu des gosses', des moniteurs du centre. Mais elle naît aussi parce que, dans l'esprit de la Libération, Deligny règle des comptes politiques, et qu'il y a là l'abbé Stahl, également membre du conseil d'administration de l'Association régionale." (CHAUVIÈRE, 1980, p.200).

¹⁸⁹"Il est arrivé que je sois convoqué par le commissaire de la République, personnage considerable. Je menais une campagne de presse contre un potentat régional de la reeducation, un notable de grande famille, pretre, avocat. J'attisais toutes les nuances du scandale dont il était evident que la justice en avait été complice. La campagne était menée tambour battant. Ce que voulait le commissaire, c'est que le tambour arrete de battre. Il me demandait ce que je voulais, ou je voulais en arriver. Je n'en savais rien. Je n'allais nulle part, ce qui n'empêche pas, bien au contraire, de battre le tambour. J'étais obstine, mais sans aucune illusion. Que faisait cet homme auquel je m'en prenais, avocat, pretre, fils de famille? Il soulageait la justice qui n'avait que faire de tous ces delinquants qui lui advenaient. Il s'en chargeait, tant bien que mal, et voila tout ; la charite au secours de la justice ; alors voila ce que ca donne : battez tambours." (DELIGNY, 2007, pp.1102/1103).

proteção, de onde grande parte delas fugiu para voltar ao centro. Le Guillant, nesse período integrante do governo, declarou o apoio oficial da administração pública e indicou a necessidade da continuidade das atividades. No entanto, e apesar também do apoio de Henri Wallon, o COT foi fechado de maneira definitiva em junho do mesmo ano. Diferentes documentos das reuniões do conselho de administração das ARSEA ditam o tom das críticas relacionadas à gestão do centro: críticas em geral referentes ao fato dos monitores serem advindos de meio popular e permeadas por um moralismo elitista e burguês. Os problemas, independente de com quais questões específicas eles se relacionassem, pareciam ter como fundo o fato de que o trabalho desenvolvido no COT não se disponibilizava a ser um veículo das imagens do bom, do apto, do produtivo, da moral, do aceitável, ditadas pelas classes dominantes. Ou um veículo da produção de uma suposta adaptação dos ditos inadaptados às normas vigentes.

- Eu sou X, eu fugi de tal estabelecimento, faz um ano que eu tenho que me camuflar. Então, eu venho aqui para que isso aconteça.
Ou ainda, um 'de passagem', na segunda-feira de manhã, volta da permissão com um companheiro.
'Seu pai que não é seu pai quebra sua cara sempre. Ele deveria estar na Assistência Pública, mas ele não quer ir. Eu o trouxe...'
...ou ainda aqueles que saem da prisão desorientados.
Ou aquele que, tendo acabado de cometer um delito, vem em linha reta para o centro. Por medo da prisão? Não. Ninguém poderia suspeitar. Para que o 'curássemos'. Situações irregulares. Administração em desacordo. Isso cheira ao humano.¹⁹⁰ (DELIGNY, 2007, p.201)

A condição imposta para que o COT continuasse a funcionar era a aceitação de que fosse inserido um coordenador administrativo, o que Deligny compreendeu como o fechamento da possibilidade do centro funcionar a partir dos eixos desviantes estabelecidos por ele e pelos demais que constituíam a tentativa.

¹⁹⁰ - Je suis X. Je suis évadé de tel établissement, je dois me camoufler depuis un an. Alors je viens ici pour que ça s'arrange. Ou bien, un 'passager' le lundi matin, revient de permission avec un copain. Il l'introduit. 'Son père qu'est pas son père lui fout toujours sur la gueule. Il devrait être à l'Assistance publique, mais il veut pas y aller. Je l'ai ramené...' ...Ou bien ceux qui sortent de prison, désorientés. Ou bien celui qui, son délit à peine commis, est venu en droite ligne au centre. Par crainte de la prison? Non. Personne ne pouvait le soupçonner. Pour qu'on 'le soigne'. Situations irrégulières. Administration pas d'accord. Ça sent l'humain." (DELIGNY, 2007, p.201).

O PCF, do qual faziam parte Le Guillant e Wallon, pouco tempo após o fechamento do COT, perdeu seu lugar no governo, com o fim da gestão tripartidária em 1947. O cenário político começava a ficar menos favorável para as tentativas de Deligny. O acirramento dessas mudanças nas correlações de poder, assim como as dificuldades administrativas e financeiras enfrentadas por ele, ficaram mais claros ao longo do desenvolvimento da tentativa da Grande Cordée.

E você compreende porque eu preferi ver o centro ser fechado do que aceitar a intromissão diplomática de um diretor administrativo vindo de um colégio Santo-qualquer coisa e apresentando, sem dúvida, aos olhos da administração, todas as garantias morais.¹⁹¹ (DELIGNY, 2007, p.179)

Então, por uma infinidade de boas razões que nada tem a ver com o trabalho, eis os educadores reenviados por um conselho de administração estático e do qual trinta entre quarenta haviam colocado uma vez em sua vida os pés e todo o resto dentro do centro: no dia da inauguração. Pouco importa a opinião dos árbitros vindo do ministério. De um lado, os técnicos, os médicos-psiquiatras, pedagogos, e representantes da CGT; do outro, as pequenas autoridades administrativas locais. Educadores e garotos, nós levantamos acampamento.¹⁹² (DELIGNY, 2007, p.202)

Com o fechamento do centro, Deligny passou a abrigar em sua casa quatro garotos, enquanto os outros tiveram diferentes destinos: os *dóceis* foram soltos, alguns passaram a viver com os ex-educadores do centro, outros buscaram trabalhos, outros foram presos por novas questões, alguns passaram a trabalhar em canteiros de reconstrução. Deligny foi para Paris, pois o serviço civil da juventude estava recrutando adolescentes para os canteiros de obras de reconstrução. Em Paris, ele encontrou Huguette Dumolin, figura central na trajetória da Grande Cordée e sua futura companheira. Ela tinha vinte anos, era militante do partido

¹⁹¹"Et vous comprendrez pourquoi j'ai préféré voir le centre se fermer que d'accepter l'intronisation diplomatique d'un directeur administratif issu d'un collège Saint-quelque chose et présentant sans doute aux yeux de l'administration toutes garanties morales." (DELIGNY, 2007, p.179).

¹⁹²"Donc, pour des quantités de bonnes raisons qui n'ont rien à voir avec le métier, voilà les éducateurs renvoyés par un conseil d'administration statique et dont trente membres sur quarante avaient mis une fois dans leur vie les pieds et leur reste dans le centre: le jour de l'inauguration. Peu importe l'avis des arbitres venus du ministère. D'un côté, les techniciens, médecins-psychiatres, pédagogues, et représentants de la CGT; de l'autre, les petits pontes z'administratifs locaux. Éducateurs et gosses, nous avons décampé." (DELIGNY, 2007, p.202).

comunista, responsável pelos albergues de juventude da região leste de Paris e nacionalmente pelo serviço civil da juventude.

O fim da ação no COT foi um marco na trajetória de Deligny. O início da tentativa seguinte indicou uma transição cada vez mais forte para uma ação fora das instituições. Na perspectiva do PCF, Deligny deveria ter feito de tudo para manter seu cargo no COT de Lille. Após sua saída, foi oferecido a ele um espaço em uma vila chamada Voges, para o desenvolvimento de um trabalho similar ao realizado no centro. Ele rejeitou a oferta e caminhou, progressivamente, para um trabalho em rede disperso geograficamente. A dispersão geográfica pareceu se constituir como uma forma de luta contra o que ocorreu na experiência do COT: uma tentativa ancorada em apenas um lugar pode ser facilmente apreendida, seja para se tornar modelo - como já queria o diretor-médico do IMP de Armentières - seja para ser encerrada. A dispersão poderia garantir a formação de diferentes redes, a pulverização, a tirada de controle e talvez a abertura da tentativa para outros encaminhamentos que tornassem mais difícil sua captura institucional. É importante afirmar, e como se revelou na experiência no asilo e no COT, que o perigo do término de uma iniciativa para Deligny é menos importante do que a adesão às normas e exigências aos padrões impostos.

Associação Regional de Proteção da Infância
e da Adolescência na Região de Lille

Lille, 10 de abril de 1946

Senhorita S. Hancart,
Secretaria geral

Ao Senhor Deligny,
Conselheiro técnico da AR. Centro de observação e triagem,
Avenida Salomon, Lille.

Prezado Senhor,
O conselho de administração, em sua reunião essa manhã, decidiu o fechamento momentâneo do Centro de observação e triagem. Essa medida foi tomada por um conselho de administração preocupado, antes de tudo, de dar a sua experiência a possibilidade de ser realizada dentro das melhores condições.
As disposições em relação ao que concerne as crianças abrigadas no estabelecimento estão atualmente sendo estudadas; quanto ao pessoal pedagógico e

administrativo, à exceção de você mesmo, eles são o objeto de aviso prévio.

Eu conto com você e vos peço de crer, prezado senhor,
em meus bons sentimentos.

S. Hancart¹⁹³ (DELIGNY, 2007, p.202)

Na sequência de sua saída do COT, Deligny se tornou Delegado de Trabalho e Cultura¹⁹⁴ da região do Nord-Pas-de Calais, em 1946. Existem poucos dados e informações sobre esse período. Foi nesse momento que ele conheceu Andre Bazin¹⁹⁵ e Chris Marker¹⁹⁶. Em 1947, a pedido de Huguette Dumoulin, que havia criado em Lille a União de Jovens Mulheres do Norte da França¹⁹⁷, ele ajudou na organização de uma peça teatral, encenada apenas uma vez e composta de gestos e mímicas de operárias da indústria têxtil. Sua atuação nesse posto durou apenas alguns meses.

¹⁹³"Association régionale pour la sauvegarde de l'enfance et de l'adolescence dans la région de Lille/Lille, le 10 avril 1946/Mademoiselle S. Hancart, Secrétaire générale/à Monsieur Deligny, Conseiller technique de l'A.R. Centre d'observation et de triage, Avenue Salomon, Lille./Cher Monsieur, Le conseil d'administration dans sa réunion de ce matin a décidé la fermeture momentanée du Centre d'observation et de triage. Cette mesure a été prise par un conseil d'administration soucieux, avant tout, de donner à votre expérience la possibilité d'être réalisée dans les meilleures conditions. Des dispositions sont actuellement à l'étude en ce qui concerne les enfants hébergés dans l'établissement; quant au personnel pédagogique et administratif, à l'exception de vous-même, il fait l'objet d'un préavis. Je compte sur vous et vous prie de croire, cher Monsieur, à mes bons sentiments./S. Hancart." (DELIGNY, 2007, p.202).

¹⁹⁴A Associação de Trabalho e Cultura teve origem em 1944, como ação do movimento da Resistência. Ela tinha por objetivo desenvolver atividades culturais e iniciativas educacionais acessíveis e populares. Visava também a formação, enquanto animadores, dos alunos das escolas de artes. Posteriormente, por questões e disputas políticas internas o grupo se separa em dois movimentos *Trabalho e Cultura* e *Povo e Cultura*. (ALVAREZ DE TOLEDO, in DELIGNY, 2007, p.157, nota nº 24).

¹⁹⁵André Bazin foi crítico de cinema e fundador da revista *Cahiers du Cinéma*. Quando Deligny ocupou a função de Delegado de Trabalho e Cultura, ele ajudou André Bazin a liberar François Truffaut, ainda jovem, de um centro de detenção em Savigny-sur-Orge. Truffaut não podia, então, deixar a casa de Bazin, local onde ele teria lido e aprendido muito sobre cinema (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.23). Mais tarde, Truffaut pediu ajuda para Deligny para o filme 'Os incompreendidos', do qual, teria sido de Deligny a ideia para a cena final. Truffaut se tornou colaborador no processo de realização de alguns filmes de Deligny. Informações mais detalhadas sobre a relação entre ambos pode ser consultada na correspondência estabelecida por eles, ainda inédita.

¹⁹⁶Chris Marker foi filósofo, roteirista, diretor e produtor do cinema francês. Ele foi também escritor, fotógrafo, poeta, crítico, ilustrador e tradutor. Além de seus filmes, ele contribuiu com a obra cinematográfica, literária e artística de diferentes personagens renomados do século XX.

¹⁹⁷A União de Jovens Mulheres da França foi criada como forma de garantir espaço político às jovens militantes comunistas, em 1936. Até esse momento, o movimento de juventude comunista era composto apenas por homens. Huguette Dumoulin, criou, nos anos 1940, um eixo desse movimento para a região norte da França. (ALVAREZ DE TOLEDO, in DELIGNY, 2007, p.157, nota de rodapé nº 22).

O período seguinte referente à tentativa da Grande Cordée, que se iniciou em 1948, foi marcado por um crescente afastamento de Deligny em relação ao quadro institucional estatal e também das associações privadas, até seu rompimento total a partir de sua ida definitiva para Cévennes. A Grande Cordée foi o marco do início da dispersão de Deligny pelo território: desde o início com uma pequena sede em Paris, até sua contínua mudança de cidades, sem sedes definidas, no decorrer da década de 1950 e do início da década de 1960. Parece-nos que desde sua inserção nas escolas, passando pelo COT e continuando nos períodos seguintes, Deligny fez mapas. Mapas da realidade vivida pelas crianças e jovens, cartografias de como essa realidade poderia estar presente nos processos vivenciados dentro das instituições, encontro de pontos de referência para a manutenção de uma relação com o meio externo, mesmo entre muros, mapas de criação de possibilidades para que as crianças e os jovens pudessem se localizar, criar pontes para tomada de iniciativas. Linhas dos movimentos conjuntos que se davam entre os educadores, guardiões, monitores operários, crianças, adolescentes, cidade, militantes, famílias. A produção cartográfica que foi desenvolvida em Cévennes e que ganhou outros contornos, usos e sentidos, além de estratégias e uma materialidade próprias, parece ter seu germe nas formas de construir as tentativas implementadas desde o início por Deligny. Produzir mapas foi, com diferentes nuances, uma forma de construir resistência, de criar desvios em relação aos valores vigentes e às normas de desenvolvimento das ações no campo da infância inadaptada.

Uma nação que tolera bairros de cortiços, esgotos a céu aberto, salas de aula superpopulosas, e que ousa castigar os jovens delinquentes, me faz pensar naquela velha alcoólatra que vomitava sobre seus meninos ao longo da semana e batia na cara do menor, por acaso, um domingo, porque ele havia babado em seu avental.¹⁹⁸ (DELIGNY, 2007, p.142)

¹⁹⁸"Une nation qui tolère des quartiers de taudis, les égouts à ciel ouvert, les classes surpeuplées, et qui ose châtier les jeunes délinquants, me fait penser à cette vieille ivrognesse qui vomissait sur ses gosses à longueur de semaine et giflait le plus petit, par hasard, un dimanche, parce qu'il avait bavé sur son tablier." (DELIGNY, 2007, p.142).

4.

1948 - 1965: A Grande Cordée, a dispersão territorial e a chegada ao Sul

Foi-me frequentemente pedido que eu precisasse os métodos desse organismo experimental que se chama a Grande Cordée. Agora, passada uma quinzena de anos, eu compreendo por que eu nunca respondi. Isso que se passa no cerne, como se diz, desse organismo nascido de um pequeno grupo de voluntários com ideias bastante disparatadas, só faz sentido se eu compreender a Grande Cordée como uma etapa, ou ainda, como uma tomada de posição após outras tomadas de posição no curso de um longo caminho com desvios e sem um lugar de destino. Não se trata, portanto, de método, eu nunca o tive. Trata-se, em um momento dado, em lugares muito reais, em uma conjuntura a mais concreta, de uma posição a ser sustentada. Nunca me aconteceu poder sustentá-la mais de dois ou três anos. A cada vez, ela foi cercada, atacada, e eu saía como podia, sem armas e sem bagagens, e sempre sem método.¹⁹⁹

Fernand Deligny, La Caméra Outil Pédagogique

Por que e contra quem esse caminho e esses desvios, e eu o digo por que a palavra é latente nesse relato, essa espécie de guerrilha? A palavra está em voga. Nós estamos no meio da guerrilha como, em 1940, estávamos no meio da guerra. O Estado, o estado das coisas, o estado de espírito, as instituições, as fortalezas psiquiátricas, a lei que é de não arriscar. Não arriscar, com os loucos, se vê bem onde isso leva, inevitavelmente. Os infinitos do 'não importa o quê'... Os segredos dessa matéria quase desconhecida entre uns e outros e que chamamos de 'meio'. Eu nunca tive gosto, nem talento, pela modelagem de caracteres. Eu sei bem, que pelo mundo afora, os educadores se aplicam a modelar esse 'homem novo' que o Estado os manda ou os comanda...²⁰⁰

¹⁹⁹"Il m'a été souvent demandé de préciser les méthodes de cet organisme expérimental qui s'est appelé La Grande Cordée. Maintenant, avec le recul d'une quinzaine d'années, je comprends pourquoi je n'ai jamais répondu. Ce qui se passait au sein, comme on dit, de cet organisme né d'un petit groupe de volontaires aux idées assez disparates ne prend de sens que si je rends compte de La Grande Cordée comme d'une étape, ou plutôt comme d'une prise de position venant après d'autres prises de position tout au long d'un long cheminement avec des détours et nulle part pour arriver. Il ne s'agit donc pas de méthode, je n'en ai jamais eu. Il s'agit bien, à un moment donné, dans des lieux très réels, dans une conjoncture on ne peut plus concrète, d'une position à tenir. Il ne m'est jamais arrivé de pouvoir la tenir plus de deux ou trois ans. À chaque fois, elle était cernée, investie et je m'en tirais comme je pouvais, sans armes et sans bagages et toujours sans méthode." (DELIGNY, 2007, p.418).

²⁰⁰"Pourquoi et contre quoi cette marche et ces détours et, je le dis puisque le mot est latent dans ce récit, cette espèce de guérilla? Le mot est dans l'air du temps. Nous sommes au sein de la guérilla comme en 1940, on était au sein de la guerre. L'État, l'état des choses, l'état d'esprit, les institutions, les forteresses psychiatriques, la loi qui est de ne pas prendre de risques. Ne pas prendre de risques, avec des fous, on voit bien où ça va, immanquablement. Les infinis du 'n'importe quoi'... Les secrets de cette matière quasiment inconnue d'entre les uns et les autres et

Fernand Deligny, Le groupe et la demande: à propos de La Grande Cordée

Durante o período da Grande Cordée, entre os anos de 1948 e 1965, Deligny praticamente não escreveu. Entre 1944 e 1949, como vimos, foram publicados *Pavillon 3*, *Graine de Crapule*, *Les Vagabondes Efficaces*, *Puissants Personnages* e *Les Enfants ont des Oreilles*, somando, em seis anos, cinco livros sobre as experiências que tinham curso. Além dos livros, foram publicados diversos artigos sobre as tentativas constituídas ao longo desses anos. Do início do período da Grande Cordée até sua ida, posteriormente, para La Borde, em 1965, Deligny publicou, entre 1950 e 1955, apenas alguns artigos sobre a tentativa e dentre os quais retemos para o trabalho nesse texto: *La Grande Cordée (1)*, *La Grande Cordée (2)*, *La Caméra Outil Pédagogique*. Entre 1956 e 1958, Deligny escreveu um romance intitulado *Adrien Lomme*, constituído por uma história que costura as principais questões das tentativas articuladas por ele ao longo dos vinte anos anteriores. O romance foi publicado em 1958 pela editora Gallimard²⁰¹. Nesse período, ele escreveu ainda, sob o pseudônimo de Vincent Lane, um romance intitulado *Anges Purs*. Ao contrário dos artigos, os livros não fornecem informações diretas sobre a tentativa da Grande Cordée.

Deligny manteve, também, ao longo dos anos 1955 e 1959, uma extensa correspondência com Irene Lèzine, secretária da tentativa e tradutora da obra de Anton Sémionovitch Makarenko²⁰² para o francês. Após uma interrupção da

qu'on nomme le 'milieu'. Je n'ai jamais eu ni goût, ni talent, pour le façonnage des caractères. Je sais bien que, de par le monde, des éducateurs s'ingénient à modeler cet 'homme nouveau' que l'État leur demande ou leur commande..." (DELIGNY, 2007, p.425).

²⁰¹A Editora Gallimard foi criada em Paris, em 1911, por André Gide, Gaston Gallimard e Jean Schlumberger, no âmbito de uma revista de crítica e de literatura chamada *La Nouvelle Revue Française*. Entre as coleções publicadas pela editora, era renomada a coleção *Blanche*, que havia publicado nomes como os de Joseph Conrad, Paul Valéry e Marcel Proust. O livro *Adrien Lomme* foi publicado no âmbito dessa coleção.

²⁰²Anton Semionovitch Makarenko foi um pedagogo russo, renomado pela criação, após a Revolução Russa, de coletivos cooperativos para o acolhimento de crianças órfãs da guerra civil. Dentre as *colônias infantis* mais conhecidas está a colônia *Gorki*. Até 1920, quando ele criou e passou a dirigir a colônia, Makarenko havia sido professor em diferentes escolas. Entre suas principais obras estão *Poème pédagogique*, *Les drapeaux sur les tours*, *Le livre des parents* e *Problèmes d'éducation à l'école soviétique*. A relação de Deligny com a obra e o trabalho de Makarenko foi objeto constante de sua correspondência com Irene Lèzine. Se por um lado Deligny reconhece o valor do trabalho desenvolvido por este e é por ele influenciado em diversos aspectos, por outro, ele deseja se afastar da referência ao pedagogo russo, especialmente no que tange a sua concepção de coletividade e ao lugar ocupado pela trabalho nas colônias fundadas por Makarenko. Deligny evitava a demanda do próprio PCF que desejava fazer dele um Makarenko francês.

comunicação entre ambos, decorrente de divergências em torno das formas de manejar o trabalho na Grande Cordée e sobre a relação de Deligny com o partido comunista francês, eles retomam contato durante o seu período em La Borde. Tivemos acesso a esse material, do qual apenas as cartas de Deligny são conhecidas, através de Sandra Alvarez de Toledo, que atualmente trabalha na organização e publicação das correspondências de Deligny com diferentes atores ao longo de sua trajetória.

No ano de 1957, o encontro de Deligny com Yves Guiguard foi o primeiro grande marco de uma importante transição dele em relação às questões abordadas nas tentativas e em seus escritos. A chegada de Janmari²⁰³ para seus cuidados, já no período de sua estadia em La Borde, foi o encontro definitivo que determinou a saída de Deligny do quadro institucional, seja público ou privado, e sua instalação em Cévennes, vasta região do sul da França. Em 1962, teve início o registro das imagens e dos sons que se tornaram o filme *Le Moindre Geste*, editado e lançado após alguns anos, em 1971. O filme marcou um mergulho já anterior de Deligny na produção cinematográfica e na discussão sobre a imagem. Em 1967, foi publicado o texto *Le Groupe et la Demande* sobre a experiência da Grande Cordée. São essas as principais fontes, escritas por Deligny, de informações sobre o período que vai de 1948 até 1967, ano de sua saída de La Borde.

Existem ainda outros textos que abordam os anos nos quais teve curso a tentativa e que fornecem dados sobre o período, como a publicação de número 24 da revista *Chimères*²⁰⁴, o número especial *Analyse Institutionnelle et Pédagogie* da revista *Recherches*²⁰⁵, artigos publicados na revista *La Raison*²⁰⁶ e um artigo

²⁰³ Janmari, forma como Deligny e todos os integrantes da rede se referiam a ele, chamava-se originalmente, como visto no capítulo 2, Jean Marie.

²⁰⁴ Revista fundada em 1987 por Guattari e Deleuze, a *Chimères* se dedicava a questões clínico-políticas, à discussão sobre a esquizoanálise, à publicação de perspectivas inovadoras referentes ao trabalho terapêutico, à discussão sobre militância, entre outros temas. A publicação não era nem dedicada a um campo específico de saber e nem se pautava pela divisão de saberes especializados, acolhendo o trabalho de filósofos, artistas, antropólogos, etnólogos entre muitos outros.

²⁰⁵ A revista *Recherches* foi criada por Guattari em 1965. Seu objetivo era garantir um espaço de encontro entre diferentes grupos militantes, de pessoas oriundas de diversos campos, como a psicanálise, a psiquiatria, a assistência social, e também pesquisadores, artistas, estudantes. A revista era, em sua criação, destinada a publicação dos trabalhos de uma rede composta por essas pessoas e que se chamava Federação de Grupos de Estudos e de Pesquisas Institucionais (FGERI). Deligny, em 1967, foi responsável por organizar os três primeiros números da revista da FGERI. A

intitulado *Avez-vous lu Makarenko* publicado no número 41 da revista do partido comunista *L'école et la nation*²⁰⁷. A escassa prática escrita de Deligny ao longo desse período, em conjunto com a dispersão territorial que marcou esses anos, torna complexo, portanto, o acesso a informações mais específicas e precisas em relação à tentativa da Grande Cordée²⁰⁸. Tentamos retratá-las a partir dos textos disponíveis e das informações provenientes do diálogo entre Deligny e Lèzine, que devido à intensidade e frequência, fornecem um importante mapa das atividades realizadas, das dificuldades vivenciadas, e das questões administrativas e financeiras enfrentadas pela tentativa. Além de cartografar, precisamente, aqueles que foram os parceiros centrais durante os anos de dispersão territorial e, portanto, de frequentes mudanças.

O período da Grande Cordée, apesar de colocar em prática importantes continuidades relacionadas às tentativas anteriores, foi o marco de um desvio determinante na trajetória de Deligny. Se, certamente, não podemos ler seus textos e pensar suas tentativas a partir de uma compreensão de fases estanques e períodos desconectados e isolados, é importante marcar que em meio as determinantes continuidades, brotavam as inevitáveis e também essenciais rupturas e rearranjos, simultaneamente desestruturantes e criadores de novos mundos. De maneira específica, esse período operou uma mudança no conteúdo das reflexões e da escrita de Deligny, no público de seu trabalho, em sua forma de inserção na estrutura do Estado e em sua concepção acerca da noção de coletividade, central para a crítica institucional construída por seu trabalho.

revista publicava também os trabalhos dos pesquisadores do Centro de Estudos, Pesquisas e Formação Institucionais (CERFI).

²⁰⁶Revista stalinista criada em 1951 por Wallon, Le Guillant, Bonnafé, Follin e Lafitte. No texto *Da personalidade da criança e duas maneiras de a respeitar*, publicado em 1956 na revista *La Raison*, "Deligny desenvolve nesse texto, como naquele publicado em 1955, na revista *L'école et la nation*, 'Avez-vous lu Makarenko?', uma verdadeira luta contra os antissoviéticos que identificam rápido demais Makarenko ao militarismo, às bandeiras, a uma ideologia contrária à liberdade." "Deligny mène dans ce texte, aussi bien que dans celui publié en 1955 dans *L'école et la nation*, 'Avez-vous lu Makarenko?', une véritable lutte contre les antisoviétiques qui identifient trop rapidement Makarenko au militarisme, à des drapeaux, à une idéologie contraire à la liberté." (MIGUEL, 2016, p.107).

²⁰⁷Publicada de 1951 até 1999, *L'école et la nation* era uma revista do Partido Comunista francês dedicada a discussões do campo da educação.

²⁰⁸Um vasto material com informações sobre o período se encontra sob os cuidados de Daniel Terral, que por motivos não conhecidos, não o disponibilizou para consulta, apesar de nossos contatos e pedidos.

Durante sua apresentação, no encontro organizado em São Paulo para o lançamento da tradução para o português do livro *L'Arachnéen et autres textes*, Sandra Alvarez de Toledo explicitou o sentido da expressão *Grande Cordée* no francês. Percebemos, pela primeira vez, naquele momento, a importância do nome - primeira tentativa de Deligny que ganha um nome próprio, todas as outras tendo sido nomeadas a partir de seu lugar institucional - para o sentido desse período e das transições que ele efetiva no curso da trajetória de Deligny. Ensaíamos, assim, uma tradução ao português, para tentar dar a ver os sentidos que essa nomeação carrega e sua relação com a perspectiva de Deligny em torno do trabalho comum, amadurecida ao longo dos diferentes períodos. Uma possível tradução para o português da expressão *Grande Cordée*, respeitando os significados que a expressão carrega na língua francesa, poderia ser, *Grande Cordada*.

Durante uma trilha mais técnica ou mais delicada, ou ainda durante uma escalada, chama-se *cordada* o conjunto de pessoas unidas por uma corda, onde é exatamente essa ligadura, esse tênue equilíbrio entre cada membro do grupo que garante a segurança e a sobrevivência de todos. A cada momento, um ou outro desses membros pode se tornar o garantidor da dinâmica conjunta e, simultaneamente, durante todo o tempo, é o conjunto de todos os membros da cordada que fornece tal equilíbrio sutil e determinante. De tal forma, uma cordada só existe se todos que a integram participam na medida certa que a tentativa comum exige. Em uma escalada, por exemplo, aquele que vai à frente, equipando a via, não pode ir mais rápido do que o tempo que o segundo necessita para liberar a corda. O segundo, por sua vez, não pode travar a corda no momento no qual aquele que está protegendo a via tem necessidade dela para passar a proteção.

Quando acontece da medida da corda terminar antes que o primeiro tenha atingido o local de segurança, é necessário que o segundo comece a escalar para que a corda vá se liberando e o primeiro possa continuar. Nesse caso, cada um está assegurado pelo outro e nenhum pode cair, situação na qual os dois sofrerão o impacto da queda. Assim, quando na escalada nos colocamos em uma cordada com alguém, é a medida precisa da contribuição de todos que garante que a cordada exista. Não a participação de cada um, pois não existe uma função pré-definida para cada participante, mas o engajamento de todos, uma vez que a definição da participação de cada membro só existe em uma relação dinâmica e

mutante formada pela situação enfrentada, pelas condições da via, pelas dificuldades encontradas, pelas características da montanha. É o lugar, o agregado das especificidades do clima, da umidade, do vento, do tamanho da corda, da quantidade de equipamento, das condições de cada membro naquele dia de escalada, portanto, que formam a cordada. Assim é que a participação de cada um enquanto sujeito que possui tais ou quais características próprias, determinadas habilidades fixas, é substituída pelo engajamento de todos na manutenção de um tênue e delicado equilíbrio que possibilita que a escalada tenha lugar.

O que faz uma cordada existir, aquilo que move um comum construído na pedra, é o conjunto de coisas que forma um lugar em um momento determinado e apesar de arranjos próprios. O comum em uma escalada é outra coisa que as particularidades, as propriedades de cada um dos escaladores, outra coisa ainda que um simples coletivo de escaladores. É uma ligação entre todos os componentes de um lugar.

Como vimos no capítulo anterior, após o fechamento do Centro de Observação e Triagem e da consequente saída de Deligny da função de diretor pedagógico do mesmo, ele assumiu, ainda em 1946, o cargo de Delegado de Trabalho e Cultura, da região do Nord-Pas-de-Calais. Enquanto ocupava esse posto, como vimos, ele ajudou a desenvolver um projeto para a montagem de uma peça de teatro com operárias da indústria têxtil que Huguette Dumoulin o havia apresentado. Foi desse projeto teatral, e desse encontro, que surgiram os primeiros passos para a criação da Grande Cordée. Huguette Dumoulin possuía, nesse momento, uma atuação já consolidada junto à militância dos albergues de juventude e no trabalho com a mobilização de jovens para a atuação em obras de reconstrução. Como mencionamos, o trabalho nessas obras, articulado pela atuação militante de Huguette, foi o destino de diversos adolescentes que se encontravam no Centro de Observação e Triagem após o seu fechamento.

No ano seguinte, em 1947, Deligny encontrou pela primeira vez Henri Wallon. Como mencionamos, ele foi membro do partido comunista²⁰⁹ e psicólogo, cujo trabalho foi dedicado às questões da infância *anormal*. Wallon

²⁰⁹Henri Wallon aderiu ao partido comunista francês no ano de 1942, quando três amigos seus, companheiros da Resistência, foram executados pelo exército nazista. (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.384).

desenvolveu uma abordagem da psicologia infantil que priorizou as circunstâncias vividas pela criança, sua condição social, histórica, política e familiar. Priorizou, também, os fatores que produziam o lugar do desenvolvimento da criança, ao invés de uma perspectiva de análise da infância que a compreendesse a partir do estudo de sua essência, a partir de um 'sujeito-criança'. Para Wallon, a infância era produzida de maneira determinante pelo *meio*.

O pensamento de Wallon conta para ele como para todos aqueles que se interessam por uma abordagem não determinista da educação e da educação especializada. Deligny respeitava e admirava Wallon por seus textos teóricos e por seu trabalho de observação de crianças inadaptadas, publicado em sua tese de medicina e em seu primeiro livro, 'A criança turbulenta' (1925).²¹⁰ (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.385)

Henri Wallon permaneceu durante todos os anos que se seguiram como uma referência central para o trabalho de Deligny e um dos poucos autores que ele citou diretamente. São três os eixos de sua obra que se relacionam de maneira explícita com as iniciativas desenvolvidas por Deligny:

1. A distinção entre dois tipos de inteligência...Existe de um lado a inteligência das situações - também chamada de inteligência prática, inteligência individual, ou ainda, inteligência espacial - e, de outro, a inteligência de conhecimento - inteligência discursiva, verbal, refletida, consciente, pensamento coletivo pelo meio da linguagem...; 2. A teorização de uma psicologia materialista cujo objeto não é o sujeito e sua interioridade, mas as circunstâncias; 3. Enfim, sua crítica da essencialização do caráter, com o intuito de passar a pensar este a partir de categorias históricas, sociais, e em relação com seu meio."²¹¹ (MIGUEL, 2016, pp.77/78).

²¹⁰"Le 'milieu' ainsi considéré n'est pas autre chose que ce que Deligny appelle les circonstances. La pensée de Wallon compte pour lui, comme pour tous ceux qu'intéressait une approche non déterministe de l'éducation et de l'éducation spécialisée. Deligny respectait et admirait Wallon pour ses textes théoriques et pour son travail d'observation des enfants inadaptés, publié dans sa thèse de médecine et son premier livre, *L'Enfant turbulent* (1925)." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.385).

²¹¹"1. La distinction entre deux sortes d'intelligence... il y a, d'un côté, l'intelligence des situations – aussi dite intelligence pratique, intelligence individuelle ou encore intelligence spatiale – et, de l'autre, l'intelligence de connaissance – intelligence discursive, verbale, réfléchie, consciente, pensée collective par le moyen du langage...; 2. La théorisation d'une psychologie matérialiste dont l'objet est non pas le sujet et son intériorité, mais les circonstances; 3. Enfin, sa critique de l'essentialisation du caractère afin de penser ce dernier matériellement à partir de catégories historiques, sociales et en rapport avec son milieu." (MIGUEL, 2016, pp.77/78).

Wallon e Louis Le Guillant, cuja importância na trajetória de Deligny abordamos anteriormente, se tornaram respectivamente, em 1948, presidente da Grande Cordée e médico associado desta. Ao longo dos anos, ambos figuraram como importantes personagens de apoio à tentativa frente aos problemas administrativos, políticos e financeiros enfrentados. Esse apoio se consolidou não apenas no que se refere às instâncias da administração pública francesa, mas em relação ao próprio partido comunista. Deligny havia aderido ao partido após a guerra, em 1948²¹², e todos os membros do conselho de administração da Grande Cordée eram filiados ao mesmo. A relação do partido com Deligny, no entanto, foi permeada por uma desconfiança em relação a sua perspectiva acerca da organização da tentativa e a uma reprovação referente a não adesão de Deligny aos preceitos partidários.

A Grande Cordée se consolidou oficialmente no ano de 1948. Os membros fundadores que constituíram sua formação inicial foram: Deligny e Huguette Dumoulin; Henri Wallon, presidente; Louis Le Guillant²¹³, médico psiquiatra

²¹²Como vimos, Deligny aderiu anteriormente ao PCF, entre 1932 e 1933, estimulado pela participação nas frentes antifascistas.

²¹³No prefácio ao texto *La Grande Cordée (1)*, publicado na revista *Vers l'éducation nouvelle* nº 39 em 1950, Le Guillant diz: "Deligny começa, nesse número, a nos falar de sua Grande Cordée. Não existem mais especialistas de crianças reputadas 'difíceis', técnicos ou operadores ou mesmo pedagogos que não conheçam Deligny, escritor de *Graine de Crapule* e de *Vagabonds Efficaces*, livros escritos a partir de tentativas pedagógicas vividas com essas crianças. Existem poucos que não o valorizem, por ele ter falado deles e de seus problemas de uma maneira tão sensível e tão lúcida. Sua 'filosofia', pelo contrário, muito desajeitadamente sistemática, as vezes obscura e violenta, suscitou muitas críticas. É provável que as posições que ele sustenta no presente artigo, em relação aos 'psicólogos' e, parece, aos técnicos em geral, o tornarão alvo de muitas outras. Com qualquer tom que elas possam ter nós não contribuiremos e gostaríamos, ao contrário, de sublinhar todo o interesse, não apenas prático, mas doutrinário, de uma iniciativa como a Grande Cordée. Deligny não se limitou à denúncia virulenta de certos aspectos da 'assistência' aos delinquentes e outros 'inadaptados', denúncia que com certeza era inútil. Ele foi também o promotor de fórmulas de ação totalmente inovadoras, como as 'Equipes de Prevenção Social' e, hoje, a Grande Cordée. Cada um reconhece agora que a primeira é a única que aborda de perto os problemas reais da proteção da infância, em particular nos grandes centros urbanos, e nela se inspiram, mais ou menos fielmente." "Deligny commence dans ce numéro à nous parler de sa Grande Cordée. Il n'y a guère de spécialistes des enfants réputés 'difficiles', techniciens ou praticiens et même pédagogues qui ne connaissent Fernand Deligny, écrivain de *Graine de crapule* et des *Vagabonds efficaces*, livres écrits à partir de tentatives pédagogiques vécues avec ces enfants. Il y en a peu qui ne lui sachent gré, dans quelque mesure, d'avoir parlé d'eux et de leurs problèmes d'une manière aussi sensible et aussi lucide. Sa 'philosophie', par contre, assez maladroitement systématique, parfois obscure et violente, a suscité de vives critiques. Il est probable que les positions qu'il prend dans le présent article à l'égard des 'psychologues' et, semble-t-il, des techniciens en général, lui en attirera bien d'autres. Quelque goût qu'il puisse en avoir, nous n'y contribuerons pas pour notre part et voudrions, au contraire, souligner tout l'intérêt, non seulement pratique, mais doctrinal, d'une entreprise comme La Grande Cordée. Deligny ne s'est pas borné à la dénonciation virulente de certains aspects de 'l'assistance' aux délinquants et autres 'inadaptés', dénonciation qui n'était certes pas inutile. Il a été aussi le promoteur de formules d'action entièrement nouvelles, telles

associado; Hélène Gratiot-Alphandéry, colaboradora de Wallon; Christiane Macé, Pierre Hirsch que ocupa a função de tesoureiro; e Jean Godignon na função de educador. Outros tantos participavam de forma essencial na rotina da Grande Cordée, como militantes de diferentes correntes à esquerda, diversos integrantes dos CEMEA, e militantes engajados nos albergues de juventude.

É importante lembrar que em 1948, na França, consolidava-se o conceito de inadaptação como vetor de construção institucional e de políticas públicas no campo da infância e da juventude²¹⁴. O ano de 1947, um ano após o fechamento do COT, foi o marco da saída dos comunistas do poder, com o término do governo tripartidário instaurado após a Liberação, e a consolidação do governo entre o MRP e o SFIO. A tentativa da Grande Cordée se iniciou, portanto, em um contexto político já delicado e complexo, desfavorável para o lugar institucional ocupado por Deligny. No decorrer dos anos, e face às atividades à margem propostas por ele, os problemas se aprofundaram, determinaram uma intensa fragilidade da situação financeira e estrutural da tentativa, e tornaram insustentável a continuidade da mesma.

As reuniões iniciais do grupo aconteciam no laboratório de Henri Wallon e também nos estabelecimentos do movimento Trabalho e Cultura. Os primeiros encontros para a recepção dos jovens enviados à Grande Cordée tinham lugar no bairro de Montmartre em Paris, em um teatro desativado, no qual, como relembra Deligny, as vozes dos adolescentes se misturavam com outras vozes e sons, provenientes dos ensaios que ocorriam simultaneamente naquele espaço (DELIGNY, 2007, p.388).

que les 'Équipes de prévention sociale' et, aujourd'hui, La Grande Cordée. Chacun reconnaît maintenant que la première est la seule qui serre d'assez près les problèmes réels de la protection de l'enfance, en particulier dans les grands centres urbains, et beaucoup s'en inspirent, plus ou moins fidèlement." (LE GUILLANT *in* DELIGNY, 2007, p.405).

²¹⁴"O setor da infância inadaptada, ainda frágil em suas relações com o Estado, mal alocado no coração mesmo do vasto complexo tutelar da infância, e mal servido por aqueles mesmos que a causa deveria mobilizar, consolida nesse período sua institucionalização por mais de vinte anos." "Le secteur enfance inadaptée, encore mal assuré dans ses rapports avec l'Etat, mal loti au coeur même du vaste complexe tutélaire de l'enfance, et mal servi par ceux-là mêmes que la cause devrait mobiliser, y gagne de s'institutionnaliser pour plus de vingt années." (CHAUVIÈRE, 1980, p.207).

O grupo de origem era muito vivaz. Ele acontecia onde? O lugar conta. Se você perguntar a um adolescente, psicótico ou não, quais são seus projetos, se você é um senhor de quarenta anos em um consultório de psicólogo ou se você é uma jovem de dezoito anos em um banco do jardim de Luxemburgo, a menos que o garoto realmente não esteja bem, você não obterá a mesma resposta. Essa questão: - Então, o que você quer se tornar? Eu a colocava em um pequeno canto de um verdadeiro teatro que havia sido aquele de Dullin, então desapropriado e requerido pela cultura popular. Na parede, um lavabo onde vinham retirar a maquiagem os personagens de Pirandello ou de Bertold Brecht, e os jovens de mau comportamento vindo se sentar ali, frequentemente acompanhados de suas mães, de seus pais ou de uma assistente social que não acreditavam no que viam, pois tendo vindo para um organismo especializado, recomendado por alguma alta sumidade psiquiátrica que me conhecia de nome, viam passar esses estranhos personagens suados e maquiados, Arlequim, Mãe Coragem...²¹⁵ (DELIGNY, 2007, p.421)

No início do período da Grande Cordée, Deligny morava em Paris. A tentativa, nos primeiros anos, foi financiada pela contribuição daqueles que a ela se associaram e pelo dinheiro enviado pelas famílias dos adolescentes recebidos. Durante os três primeiros anos, até 1951, a Grande Cordée não recebeu, portanto, nenhum financiamento específico do Estado. Porém, ela foi, desde sua fundação, ligada à administração pública e possuiu como estatuto oficial, definido pela própria Seguridade Social, o de *organismo experimental de cura livre*. Seu objetivo era o acolhimento de jovens considerados inadaptados e que já haviam passado, mas não conseguiam permanecer em nenhuma delas, por diferentes instituições direcionadas à reeducação e à readaptação infantil e juvenil. A demanda de acolhimento que fundamentava o trabalho inicial da tentativa vinha do Gabinete Público de Higiene Social. "A Grande Cordée foi, sem dúvida, na França, a primeira experiência de cura ambulatorial para os adolescentes

²¹⁵"Le groupe d'origine était fort vivace. Il avait lieu où? L'endroit compte. Si vous demandez à un adolescent, psychotique ou non, quels sont ses projets, si vous êtes un monsieur de quarante ans dans un bureau de psychologue ou si vous êtes une jeune fille de dix-huit ans sur un banc du Luxembourg, à moins que le gars ne soit vraiment pas bien, vous n'obtiendrez pas la même réponse. Cette question: – Alors, qu'est-ce que tu voudrais devenir? Je la posais dans un petit recoin d'un vrai théâtre qui avait été celui de Dullin, alors désaffecté et requis pour la culture populaire. Au mur, un lavabo où venaient se démaquiller les personnages de Pirandello ou de Bertolt Brecht si bien que les caractériels venus s'asseoir là, souvent accompagnés de leur mère ou de leur père ou d'une assistante sociale qui n'en croyaient pas leurs yeux puisqu'ils venaient vers un organisme spécialisé recommandé par quelque haute sommité psychiatrique qui me connaissait de nom, ont vu passer ces étranges personnages suants et maquillés, Arlequin, Mère Courage..." (DELIGNY, 2007, p.421).

emocionalmente perturbados e delinquentes. Em 1948, esses jovens estavam internados em instituições psiquiátricas."²¹⁶ (MANENTI, 1997, p.104)

Tendo me tornado delegado regional de Trabalho e Cultura, me foram necessários alguns anos para chegar a uma nova posição: A Grande Cordée. Qual era a demanda da administração? O Gabinete Público de Higiene Social pedia para eu me ocupar, da forma mais útil possível, de jovens pessoas que não conseguiam ser alocadas em nenhuma instituição, psicoterapias inoperantes. Dessa vez, a posição tomada era um pouco diferente: - nem cama, nem casa, nem abrigo; - uma rede de estadias de tentativas por toda a França, com base na rede dos albergues da juventude, e em qualquer outro lugar onde 'a gente' quisesse receber para uma temporada um cara da Grande Cordée; condição formal: os expulsar se eles se tornassem incômodos de uma maneira ou de outra. No geral, os pedidos daqueles que chegavam não eram muito claros. Eram antes uma recusa, não ter mais relação com psiquiatras..."²¹⁷ (DELIGNY, 2007, p.420/421)

No ano de 1951, a tentativa passou a ser filiada à Seguridade Social por um período de duração de um ano, sendo possibilitada a renovação. Através do aporte financeiro recebido com essa filiação, foi possível agregar à equipe, dois educadores, uma secretaria e um contador. Em troca, passou a ser necessário cumprir com requisitos formais exigidos para o controle do trabalho desenvolvido como, por exemplo, a produção de relatórios sobre os casos acompanhados e sobre o desenvolvimento das atividades propostas e implementadas. Todos os anos, para a renovação da filiação, era necessário passar por uma comissão da Prefeitura, responsável por avaliar os pedidos de continuidade do vínculo com a administração pública. Durante o período de filiação à Seguridade Social, se por um lado o suporte ao orçamento da tentativa auxiliou a continuidade da mesma, os entraves burocráticos e políticos, a complicada relação financeira, os atrasos ou a ausência dos pagamentos devidos, também colocaram em questão o funcionamento adequado da Grande Cordée. No ano de 1953, foi recusada, pela

²¹⁶"La Grande Cordée fut sans doute en France la première expérience de cure ambulatoire pour des adolescents caractériels ou délinquants. En 1948, ces jeunes gens étaient internés en institution psychiatriques." (MANENTI, in CHIMÈRES, n° 30, 1997, p.104).

²¹⁷"Devenu délégué régional de Travail et culture, il m'a fallu quelques années pour atteindre une nouvelle position: La Grande Cordée. Quelle était la demande de l'administration? L'Office public d'hygiène sociale me demandait de m'occuper, le plus utilement possible, de jeunes gens implaçables, psychothérapies inopérantes. Cette fois, la position prise était un peu différente: - pas de lit, ni maison, ni foyer; - un réseau de séjours d'essai à travers toute la France, basé sur le réseau d'auberges de jeunesse et tout autre lieu où 'on' voulait bien prendre en séjour un gars de La Grande Cordée; consigne formelle: l'éjecter s'il devenait gênant d'une manière ou d'une autre. En gros, la demande des arrivants n'était pas très claire. C'était plutôt un refus, ne plus avoir affaire aux psychiatres..." (DELIGNY, 2007, p.420/421).

administração pública, a renovação da filiação. Nesse momento a sede da tentativa se localizava na rua René-Boulanger, em Paris.

A partir das atividades implementadas e da abordagem construída para o trabalho com os jovens que chegavam à tentativa, Deligny criou uma forma de funcionamento e de cuidado distante daquelas protagonizadas pelas instituições que compunham o campo da infância dita inadaptada. Deligny, como mencionamos anteriormente e como abordaremos ao longo do texto, fez uma escolha pelo lado da inadaptação. Ele não operou uma crítica específica a esse conceito, mas a inverteu para criticar a própria noção de adaptação, a partir da qual, a cada época e em cada lugar diferente, constitui-se toda uma população de inadaptados. Na operação dessa inversão, Deligny se posicionou: a luta não era para transformar os ditos inadaptados em incluídos, não se tratava de normalizá-los a partir de um processo de readaptação, de reeducação. Sua posição era de respeito por essa margem, por esse bando não assimilável, de defesa da inadaptação dos indivíduos como aquilo que dá a ver a inadaptação do mundo frente às múltiplas formas de vida e de existência. Foi a partir do seu posicionamento - a escolha pelo lado dos inadaptados - e de sua recusa em tomar a *semelhança* o eixo direcionador de uma perspectiva de cuidado que Deligny pôde se constituir como um ser de asilo.

O asilo, para Deligny, não tinha nem uma forma definida *a priori* e de maneira definitiva, nem significava a internação, a constituição de um dentro e de um fora - questão esta, como vimos, que determinou as primeiras marcas infantis de Deligny. O asilo, para ele, devia significar a possibilidade de criação de lugares de acolhimento, um acolhimento que se baseasse no respeito radical do outro, na possibilidade de produzir um lugar para a alteridade, um lugar outro que aquele constituído pela exigência de uniformização da experiência de estar no mundo. Observamos aqui três importantes direções do trabalho de Deligny e que são fundamentais para refletirmos sobre a crítica institucional que ele construiu ao longo da vida. A primeira diz respeito à concepção da noção de inadaptação: ela deve ser preservada no intuito de dar a ver uma crítica profunda às exigências de adaptação a um mundo que institui, a cada momento, formas homogêneas e aceitáveis de vida; depois trata-se de constituir asilo, no sentido de produzir espaços, meios, lugares, onde essas formas de vida inadaptadas ao mundo possam

agir, existir, *se* expressar; em terceiro lugar, isso implica na construção de lugares propícios e de uma proximidade fundada nesse respeito radical, uma *presença próxima sensível*, a partir da constituição de um costumeiro que produza um movimento *comum*. Fruto não da vontade e da participação de cada um, mas exatamente da destituição desse *cada um* - fundado em propriedades de um sujeito. Abre-se espaço, assim, para um movimento comum que só pode existir a partir da realização das atividades necessárias para a organização e a preservação desse *costumeiro*.

A Grande Cordée não foi *um* lugar preciso, mas uma tentativa de construção de lugares como forma de esquivar aos processos de normalização impostos pelos centros direcionados à infância inadaptada. A criação de lugares se relacionou, dessa forma, com a possibilidade de respeitar as especificidades de cada jovem e de desenvolver uma verdadeira pesquisa-prática de busca de um modo de vida que os conviesse.

A Grande Cordée, se bem que animada do mesmo espírito, não se direciona mais a esses grupos de crianças, a um bairro, a um subúrbio, a uma 'zona de delinquência' como se diz, mas a casos individuais, geralmente 'desesperados'. Seu princípio consiste em observar e depois a tentar a readaptação desses sujeitos, através de uma sequência de situações reais variadas, 'de ocasiões' de moradia e de trabalho. Deligny pensa que todo adolescente descobrirá um dia, entre aqueles que compunham a tentativa, e depois de ensaios livres, a atividade concreta, as condições afetivas, o modo de vida que os convirá. Ele espera que o jovem nele se afirmará e encontrará, enfim, se não um acordo definitivo com a sociedade - que Deligny com certeza não desejava para ninguém - ao menos um apaziguamento para seus conflitos, a possibilidade de aceitar um certo número de regras, de investir sua energia em um caminho se não 'normal', ao menos útil e válido'.²¹⁸ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.405/406)

²¹⁸"La Grande Cordée, bien qu'animée du même esprit, ne s'adresse plus à ces groupes d'enfants, à un quartier, un faubourg, une 'zone de délinquance' comme l'on dit, mais à des cas individuels, généralement d'ailleurs 'désespérés'. Son principe consiste à observer puis à tenter la réadaptation de ces sujets, à travers une chaîne de situations réelles variées, d'occasions' d'hébergement et de travail. Deligny pense que tout adolescent découvrira un jour, parmi celles-ci, et après de libres essais, l'activité concrète, les conditions affectives, le mode de vie qui lui conviendront. Il espère qu'il s'y tiendra et trouvera enfin, sinon un accord définitif avec la société – que Deligny ne doit sans doute souhaiter à personne –, au moins un apaisement à ses conflits, la possibilité d'accepter un certain nombre de règles, d'investir son énergie dans une voie sinon 'normale', au moins utile et valable." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.405/406).

A ideia que impulsionava o funcionamento da Grande Cordée se baseava na concepção de que eram as circunstâncias que determinavam a realidade dos jovens e, portanto, uma mudança no curso já enrijecido de seus hábitos e comportamentos demandava a criação de novas circunstâncias de vida capazes de engajar os jovens em novas relações e atividades. As novas circunstâncias só poderiam se apresentar a partir de uma escuta aos projetos e ideias dos adolescentes, permitindo um legítimo engajamento dos mesmos, uma vez que as atividades articuladas diziam respeito, então, aos desejos por eles elaborados. O motor do trabalho foi, assim, a percepção de ocasiões criadoras de novas circunstâncias que pudessem possibilitar aos jovens a produção de um desvio em suas trajetórias. Essas novas circunstâncias, essas ocasiões que possibilitavam mudanças, eram necessariamente específicas e tão diversas quanto os jovens recebidos na tentativa. Não se tratava, portanto, da aplicação de um modelo de novos caminhos possíveis.

A dispersão territorial se tornou exigência máxima da nova tentativa, desde o seu início. A efetiva busca por novas circunstâncias não podia estar reduzida a um espaço geográfico delimitado e exigia a formação e o acesso a uma rede múltipla de diferentes atividades. Um espaço limitado não poderia garantir as alternativas necessárias para a constituição de um novo lugar de vida para cada adolescente. Também, após as experiências anteriores, e principalmente após o fechamento do COT, Deligny passou a compreender a dispersão territorial como exigência necessária para o desenvolvimento de tentativas. A destituição de um desenho institucional preciso, o desfazimento de um quadro institucional delimitado pela sua localização espacial e pelas possibilidades de desvios que cabem em determinada instituição, se tornam estratégias para evitar uma posterior captura por uma instituição oficial e conseqüentemente a sua transformação em um determinado modelo de ação. Podemos compreender que quando Deligny afirmou que a tentativa se constituiu enquanto uma *guerrilha*, forma de organização cuja principal estratégia é o permanente deslocamento de um grupo como meio de luta e de proteção, ele se referiu tanto diretamente às diferentes formas e locais adotados pela tentativa a partir de 1955, quanto a uma posição de resistência e luta política que a Grande Cordée ocupou no cenário político-institucional da França.

Mas a constituição de uma rede dispersa enquanto forma - *disforme*, no sentido em que não corresponde a um funcionamento institucional conhecido -, ou antes enquanto estratégia de uma tentativa, exigia a constituição de algum, de alguns pontos de referência. Seja para os jovens, seja para as pessoas que articulavam a organização da tentativa. Esses pontos de referência se constituíram como espaços de apoio para o desenvolvimento das atividades e possibilitaram o trabalho conjunto daqueles que compuseram a Grande Cordée. Assim, o espaço comum dos membros não era um espaço físico partilhado enquanto local definido como sede da mesma. Mas uma rede plural dispersa pelo território da França. Durante esta tentativa, portanto, as referências partilhadas deixaram de ser um lugar enquanto instituição, para se tornarem práticas compartilhadas a partir de uma atividade de permanente estabelecimento de redes.

Dessa forma, o sentido de coletivo no trabalho de Deligny passou a dialogar mais com um movimento comum de constituição de lugares de referência e menos com a vida comunitária em uma determinada localidade. Esse processo ganhou novos eixos de constituição e foi aprofundado em torno da construção das áreas de convivência em Cévennes. Nos anos iniciais do funcionamento da Grande Cordée, os espaços de referência foram constituídos pela rede dispersa de albergues de juventude, esta já constituída, por sua vez, por uma pluralidade de membros de diferentes origens e atuações militantes. Esse momento marcou o início da transição de Deligny de uma concepção de *coletividade* para uma ideia de *comum*. "De corpo coletivo à coletividade, existe apenas um morfema que espera somente a ocasião de se fixar. Os morfemas são como os carrapatos. Foi por isso que a coletivo eu preferi comum."²¹⁹ (DELIGNY, 1984, inédito, p.59)

Émile Copfermann conta, no prefácio de 1970 ao livro *Les Vagabondes Efficaces*, que nos anos posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, os albergues de juventude não eram instalações destinadas à função de hotel. Eram abrigos construídos nos subúrbios de Paris a partir do trabalho conjunto de seus militantes com operários, estudantes, trabalhadores diversos e jovens acolhidos nos albergues que participavam da própria reforma dos espaços. O lugar se

²¹⁹"De corps collectif en collectivité il n'y a qu'un morphème qui n'attend que l'occasion de se fixer. Il en est des morphèmes comme des tiques. Ce pourquoi à collectif j'ai préféré commun" (DELIGNY, *Mémoire d'asiles*, 1984, inédito, p.59).

tornava, assim, uma mistura de espaço de vida e de ação coletiva e militante. Nos albergues a rotina e as atividades eram partilhadas, as acomodações e a alimentação eram divididas.

No período inicial da tentativa, os jovens eram majoritariamente encaminhados através do Gabinete de Higiene Social, por algum juiz da infância e pelo hospital Necker, através do médico e professor Georges Heuyer²²⁰. No teatro, Deligny recebia os jovens por vezes sozinhos, ou acompanhados por seus pais ou por um funcionário da assistência social. Neste primeiro encontro Deligny se limitava basicamente a perguntar ao jovem o que ele pretendia fazer, não havendo questões mais direcionadas ao seu histórico em outras instituições voltadas à readaptação e reeducação ou em hospitais psiquiátricos. Tampouco as nuances do caso dos jovens, seu histórico médico ou escolar possuíam importância para os desdobramentos da inserção dos mesmos na tentativa. Após esse primeiro encontro junto a Deligny, e de acordo com as vontades expressas pelo jovem, os educadores ligados à Grande Cordée se responsabilizavam por encontrar uma opção de *estadia experimental*. O jovem poderia ser encaminhado para um albergue de juventude, para alguma pessoa ou família disposta a recebê-lo para a estadia, para a casa de algum artesão, com o objetivo de realizar algum projeto ou trabalho, para realizar uma viagem, ou, ainda, se implicar em qualquer atividade, formação, ofício que despertasse seu interesse. Para *não importa o quê*.²²¹ (MOREAU, 1978, p.86). Assim, o procedimento na chegada à Grande Cordée era sempre o mesmo: escuta do jovem e busca por um encaminhamento sem limitações pré-definidas.

²²⁰Georges Heuyer foi médico psiquiatra, professor da Faculdade de Medicina de Paris. É considerado o fundador da psiquiatria infantil na França e um dos responsáveis pela introdução da psicanálise no meio hospitalar.

²²¹"E aí começa a dança do ladrão em torno da ocasião. Nós já estamos habituados, na Grande Cordée, com essa dança, ela faz parte do nosso folclore. Qualquer que seja o garoto que a começa, nós a reconhecemos em seu ritmo muito individual, seus saltos improvisados, suas esquivas, seus turbilhões e suas retomadas que nos é preciso romper, sendo escasso o tempo para casar o garoto que derrapa com a ocasião que o atrai e o assusta e é para ele, nesse momento, necessária." "Et là commence la danse du larron devant l'occasion. Cette danse-là, maintenant, à La Grande Cordée, nous en avons pris l'habitude, elle fait partie de notre folklore. Quel que soit le garçon qui la commence, nous la reconnaissons dans son rythme très individuel, ses gambades improvisées, ses esquives, ses tourbillons et ses reprises qu'il nous faut rompre faute de temps pour marier le garçon qui piétine, à l'occasion qui l'attire et l'effraie et lui est, pour l'instant, nécessaire." (DELIGNY, 2007, p.408).

Na experiência do COT, como notamos, o trabalho possuía um importante lugar na tentativa enquanto forma de vincular os jovens ao mesmo tempo a algo que eles quisessem realizar - não importando exatamente qual trabalho - como a uma realidade que eles teriam que manejar após a saída do centro. Assim, o trabalho já não era valorizado *em si*, enquanto algo que por ser produtivo, por estar inserido em um sistema adequado, fornecesse aos jovens um valor ou uma aprovação. Durante a Grande Cordée, a crítica ao trabalho enquanto meio de significação e valorização do homem foi ainda mais presente e mais clara. A atividade desenvolvida pelo jovem podia ser um trabalho, mas podia, também, ser qualquer outra coisa. Seu engajamento - um projeto qualquer - era tão somente uma ferramenta para o surgimento de novas ocasiões, para a criação de novas circunstâncias, para uma transição nos encontros e nas rotinas vivenciadas pelos jovens como abertura para que outras realidades pudessem produzir, também, uma modulação nas questões enfrentadas por eles. O trabalho ou *não importa o quê* como pretexto para o desdobramento de um agir, de um engajamento em alguma atividade.

E o garoto, percebendo cair no permitir e no deixar fazer ou eu não sei o quê, estava totalmente estupefato após a saída daquilo que ele tomava por uma gaiola que era o serviço psiquiátrico onde ele tinha sido deixado de tanto que ele enchia o saco, e que acreditava cair novamente em algo do mesmo tipo! É que todos esses garotos estavam em seu quinto acolhimento, sexto acolhimento.²²² (DELIGNY *in* JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, pp.84/85)

Uma vez iniciada a estadia experimental - na maior parte das vezes eram necessárias diferentes experimentações até que o jovem se vinculasse efetivamente a uma atividade -, Deligny ou algum educador ia com frequência visitar o adolescente, ajudar na própria organização da estadia, acompanhar e observar como esta se desenvolvia. Cada estadia experimental demandava uma observação atenta para suas características e seus desdobramentos específicos,

²²²"Et les gars croyant tomber dans le permettre et le laisser faire ou je ne sais pas quoi, était tout à fait stupéfait au sortir de ce qu'il prenait pour une géole qui était le service psychiatrique où on l'avait fourgué tellement il était emmerdant, et qui croyait retomber dans un truc du même tabac quoi! C'est que tous ces zigotos en étaient à leur quinzième placement, seizième placement." (DELIGNY *in* JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, pp.84/85).

pois, como vimos, era o respeito à heterogeneidade de cada experiência de vida que era capaz de dar expressão ao que havia de singular nos mundos dos jovens.

A necessidade de formulação de modelos, de métodos, de leis de funcionamento²²³ é, ao contrário, a expressão da homogeneização da vida. O que há de específico em cada experiência humana não é garantido através do respeito às leis que definem o rol de direitos mínimos para uma vida digna, mas por um desvio em relação a tais leis formais que seriam capazes de definir, delimitar e normatizar o que é o humano. A discussão entre lei e norma, assim como a discussão do estatuto do humano, foram centrais no trabalho de Deligny e para o desenvolvimento de sua crítica à instituição. Pensamos, como linha possível de análise inicial, que o que há de comum na experiência humana, para Deligny, não é formulável por meio de leis, uma vez que estas já estariam no âmbito do sujeito. O humano poderia ter expressão a partir de uma certa regularidade²²⁴ organizativa fundadora de um costumeiro partilhado entre indivíduos, estes tomados em suas dimensões anteriores ao estabelecimento de propriedades particulares, características da esfera do sujeito, da pessoa.

Aquilo que é constitutivo da esfera comum do humano, assim como a especificidade de cada experiência humana, ganharia expressão simultaneamente no desvio aos modelos fundados em uma imagem majoritária do homem - imagem que veicula uma perspectiva homogênea do humano em um determinado contexto histórico -, e no estabelecimento de uma regularidade constituidora de referências comuns entre indivíduos que partilham um determinado lugar. Durante a Grande Cordée o respeito por essa dimensão específica da experiência humana

²²³ Deligny critica a noção de Lei no que tange aos pressupostos de sua definição jurídica. Por outro lado, ele utiliza por vezes a palavra *leis* para falar de uma determinada lógica de funcionamento, de uma certa gravidade da experiência autista. Essa compreensão de lei se relacionaria, antes, com uma apreensão mecânica, natural, etológica. Por isso, nos referiremos ao termo *regularidade* para designar um certo tipo de *normatividade* autista.

²²⁴ "A ocasião para Deligny não é necessariamente um trabalho (pode ser uma viagem, por exemplo), e o essencial é que ela dê um novo início ao indivíduo, o inserindo em um tecido social regular, não é, então, a partir do individualismo que ele rejeita a ideia de coletividade pedagógica (ele não especula sobre uma autonomia, moral ou psicológica, da criança, mas porque ele tem confiança na instauração de um costumeiro, onde a transformação não se faz pela força de vontade cara aos pedagogos clássicos, mas se apoia sobre uma regularidade social" "L'occasion, pour Deligny, n'est pas forcément un travail (ce peut être un voyage, par exemple), et l'essentiel est qu'elle donne un nouveau départ à l'individu en l'insérant dans un tissu social régulier; c'est ne donc pas par individualisme qu'il rejette l'idée de collectivité pédagogique (il ne spécule pas sur une autonomie, morale ou psychologique, de l'enfant), mais parce qu'il fait confiance à l'instauration d'un coutumier, où la transformation ne se fait pas par l'effort de volonté cher aux pédagogues classiques mais s'appuie sur une régularité sociale." (MOREAU, 1978, pp.90/91).

se concretizou através da variedade e da indeterminação prévia das circunstâncias que permitiram a cada jovem encontrar suas novas rotinas e atividades. Ao mesmo tempo, a construção de uma dimensão comum, considerando a ampla dispersão territorial e as diferentes inserções de cada jovem, impôs um importante desafio. Como veremos na sequência do capítulo, ao longo dos anos, Deligny passou a pensar o cinema como potente ferramenta para a criação de um sentido comum da experiência.

Émile Copfermann, no prefácio mencionado acima, conta que a tentativa da Grande Cordée funcionava como um mecanismo de *aiguillage*. Em francês, esse termo designa um instrumento utilizado para produzir uma mudança de via no caminho de um trem. A tentativa, desprovida de um formato pré-definido e de regras rígidas estabelecidas sobre os caminhos que o jovem deveria percorrer para sua 'readequação social', se apresentava como um instrumento capaz de produzir um desvio de trajetos. Ela distribuía e realocava, portanto, os jovens em outros meios, em outras atividades, por vezes longe do centro de Paris, mecanismo que possibilitava o estabelecimento de formas de relacionamento com o entorno antes não conhecidas pelos adolescentes. É importante reafirmar que a aposta em possíveis mudanças nos comportamentos e hábitos das crianças e adolescentes, com os quais Deligny trabalhou ao longo de todas as tentativas anteriores e no âmbito da Grande Cordée, não se referia a uma perspectiva moralista, fundada em princípios da melhor vida, da melhor forma de se comportar, no conhecido '*tomar um jeito na vida*' ligado a uma concepção de vida produtiva e correta. Mas foi uma aposta no surgimento de novas formas de agir a partir da mudança das circunstâncias que compunham a realidade vivenciada pelo jovem, da produção de ocasiões para que ele sáísse de um ciclo de reações já estabelecidas, da construção de novos lugares. Deligny apostou no meio como fator determinante para os caminhos traçados e não na interioridade do jovem como essência definidora de seus comportamentos e seus caracteres.

Na escola, como vimos, já era questão de construir, através dos desenhos e das histórias não pessoais, um outro lugar, uma forma de dar expressão às crianças que não possuíam voz. Em Armentières, foram os guardiões operários, suas esposas, a proibição de sanções, os passeios e o uso dos espaços abandonados do asilo que constituíram um novo meio. Em 1943, durante a

organização do plano de prevenção à violência, foi a ocupação de construções consideradas inabitáveis para a constituição de um espaço de acolhimento comum nos bairros pobres de Lille que operou essa criação. No COT, a organização de um centro aberto, a possibilidade de saída dos jovens para suas famílias ou para famílias operárias que os acolhessem, progressivamente a possibilidade de observação familiar, as atividades que podiam ser livremente escolhidas...Foram sempre lugares criados por Deligny para a abertura de brechas que possibilitassem outros agires. Nunca foi a imposição a partir de modelos, de procedimentos disciplinares, da aplicação de tratamentos médicos preestabelecidos, da adaptação e da conformação do *inadaptado* ao mundo.

No albergue de juventude - de Taverny? - Fernand Deligny nos explicava aquilo que ele esperava dos grupos militantes dos albergues de juventude da região de Paris. A Grande Cordée, que ele tinha acabado de criar, procurava estabelecer uma rede de vivências de tentativas. Os responsáveis pelos albergues, animadores permanentes dos albergues, se responsabilizavam, por uma 'cura livre', de crianças com graves problemas de caráter, as psicóticas, todas rebeldes aos tratamentos habituais. Deligny acreditava que fora do clima contagioso dos asilos ou das casas especializadas elas teriam chance de se safar; de encontrar, depois de algumas tentativas, experiências sucessivas, isso que as ligaria à vida. A presença de adultos 'normais' deveria dar a elas segurança. Escolhendo os militantes, ou seja, escolhendo como reeducadores os mal adaptados a essa sociedade, sua terapia não visava a simples recuperação de delinquentes em ruptura de bando. Sua química pedagógica podia produzir contestadores políticos. Pois Deligny não renunciava às suas convicções políticas, ele não era um educador 'neutro'.²²⁵ (COPFERMANN in DELIGNY, 2007, p.216)

Em um texto intitulado *Fernand Deligny...*, publicado na revista Chimères, nº 30, do ano de 1997, Josée Manenti²²⁶ conta que Deligny levava a sério qualquer proposta formulada pelos jovens que chegavam à tentativa. Se as ideias eram

²²⁵"À l'auberge de jeunesse – de Taverny ? – Fernand Deligny nous explique ce qu'il attendait des groupes ajustés de la région parisienne. La Grande Cordée, qu'il venait de créer, cherchait à mettre en place un réseau de séjours d'essai. Les pères aubergistes, animateurs permanents des auberges, prendraient en charge pour une 'cure libre' des enfants caractériels graves, des psychotiques, tous rebelles aux traitements habituels. Deligny estimait que hors du climat contagieux des asiles ou des maisons spécialisées, ils avaient des chances de s'en tirer; de trouver après quelques essais, des expériences successives, ce qui les accrocherait à la vie. La présence d'adultes 'normaux' devait les sécuriser. Choissant des ajustés, c'est-à-dire prenant pour rééducateurs des mal adaptés à cette société, sa thérapie ne visait pas la simple récupération de délinquants en rupture de ban. Sa chimie pédagogique pouvait produire tout autant des contestataires politiques. Car Deligny ne renonçait pas à ses convictions politiques, ce n'était pas un éducateur 'neutre'. (COPFERMANN in DELIGNY, 2007, p.216).

²²⁶Josée Manenti foi psicanalista, integrou durante vários anos, junto com seu filho François, a tentativa da Grande Cordée, e foi responsável pela filmagem de *Le Moindre Geste*.

moduladas após sua elaboração, era com o intuito de, em conjunto com os próprios adolescentes, adaptar suas expectativas no sentido delas se tornarem realizáveis, e jamais de fazer da fala e do projeto dos adolescentes algo ilegítimo e sem valor. Uma vez que fossem elaboradas, as propostas eram tornadas concretas a partir da ação conjunta de toda a rede de apoio que integrava a tentativa. (MANENTI, 1997, p.104).

Quando Deligny criou a Grande Cordée, com a recomendação de Wallon, havia um pequeno escritório perto de République, rua René-Boulanger. Ele trabalhava com psiquiatras, dentre os quais refugiados espanhóis, como Horace Torrubia. Ele tinha uma caixa com fichas de nomes de pessoas que ele tinha conhecido nos albergues de juventude, nas residências para trabalhadores; ele recebia adolescentes um pouco delinquentes de dezesseis ou dezessete anos, um pouco perdidos e ele dizia a eles 'bom, o que você quer fazer?' Então esse dizia 'eu quero ser aviador', e ele o enviava para a casa de algum de seus companheiros que era mecânico em um aeroporto em Orly. A condição era receber o adolescente sem mudar nada de si mesmo, de sua maneira de ser e de viver. No final de oito dias, o garoto ficava de saco cheio de observar, ele voltava dizendo 'eu não quero mais ser aviador'. 'Bom, dizia a ele Deligny, então o que você quer fazer?' 'Eu não sei, me ocupar de vacas'. Então ele pegava outra ficha, e ele o mandava para uma fazenda.²²⁷ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.386)

A vontade que guiava a busca pela inserção nas estadias experimentais, ou, dito de outra maneira, o projeto do adolescente enquanto pretexto para ação, era essencial para o desenvolvimento da tentativa. Este projeto, cuja importância de sua finalidade e de sua utilidade era anulada a partir da perspectiva de que sua efetividade se encontrava antes no movimento que ele era capaz de criar, fornecia ao adolescente um objetivo que o engajava, e a partir do qual podiam variar as circunstâncias por ele vividas. Na Grande Cordée, foi ainda, portanto, uma percepção sensível em relação às ocasiões que se apresentavam que determinou a

²²⁷"Quand Deligny a créé La Grande Cordée, avec la recommandation de Wallon, il avait un petit bureau près de la République, rue René-Boulanger. Il travaillait avec des psychiatres, parmi lesquels des réfugiés espagnols, dont Horace Torrubia. Il avait une boîte avec des fiches de noms de gens qu'il avait connus dans les auberges de jeunesse, les foyers de travailleurs; il recevait des adolescents un peu délinquants, de seize ou dix-sept ans, un peu perdus et il leur disait 'bon, qu'est-ce que tu veux faire?' Alors untel disait 'je veux être aviateur', et il l'envoyait chez un de ses copains qui était mécanicien dans un aéroport à Orly. La consigne était de recevoir l'adolescent sans rien modifier à soi-même, à sa façon d'être et de vivre. Au bout de huit jours, le gosse en avait marre de regarder, il rentrait en disant 'je ne veux plus être aviateur'. 'Bon, lui disait Deligny, alors qu'est-ce que tu veux faire?' 'Je ne sais pas, m'occuper des vaches'. Alors il prenait une autre fiche, et il l'envoyait dans une ferme." (trecho citado por Sandra Alvarez de Toledo, retirado de uma fala de Jean Oury de um encontro em 2001 no curso de Jean-François Chevrier na Escola Nacional Superior de Belas Artes da França - DELIGNY, 2007, p.386).

possibilidade de criação de um novo lugar. Assim, Deligny operou uma relativização do projeto enquanto estrutura prefixada para o alcance de determinadas metas, cuja rígida metodologia garantiria sua eficácia e rigor, e onde importaria mais alcançar os objetivos traçados do que a atenção e a sensibilidade ao processo vivido. Ele colocou em questão, também, a utilidade e a produtividade enquanto fundamentos das ações humanas²²⁸. Era a vinculação a um projeto enquanto caminho e processo aberto que produzia nos jovens a sensação de que a etiqueta da inadaptação era algo fictício e variável de acordo com as normas impostas. E o projeto, como vimos, podia ser qualquer coisa, não importando qual sua meta específica, qual o produto que seria alcançado, contanto que pudesse produzir o engajamento do adolescente em um agir partilhado. A discussão sobre o papel do projeto e a importância de instrumentos que permitissem a expressão e o engajamento comum dessa infância dita *anormal*, se aprofundaram em Cévennes e foram radicalizadas na defesa de um agir *para nada*.

Ao mesmo tempo, a posição tomada no início se precisava: -apoio a projetos, quaisquer que sejam eles (aí incluído colocar fogo no Ministério da Guerra); - provocar a readequação desses projetos, sua acomodação decorrente das mudanças frequentes no modo de vida. Implícita, uma espécie de doutrina se afirmava em segredo, pois a Grande Cordée, organismo experimental se ele o era, era de todo jeito filiada e a doutrina em questão não era fácil de sustentar. Ela dizia: deixar aparecer o imprevisto, que 'não importa o quê' possa acontecer. Isso não dará certo.²²⁹ (DELIGNY, 2007, p.422)

É importante relembrar que no contexto econômico e político no qual Deligny iniciava a tentativa, assim como nos anos seguintes de sua duração, sustentar a posição de *que se deixe fazer qualquer coisa, não importa o quê e seus resultados*, era tarefa extremamente árdua e como revelou a década de 1950,

²²⁸Essa questão, que se vincula a perspectiva do '*não importa o quê*' ou como Deligny chamará, posteriormente, '*para nada*', é de grande importância para a discussão institucional e marca suas reflexões posteriores.

²²⁹"Dans le même temps, la position prise au début se précisait: - prise en charge des projets, quels qu'ils soient (y compris mettre le feu au ministère de la Guerre); - provoquer la mise au point de ces projets individuels, leur accommodation par des changements fréquents de mode de vie. Par là-dessous, une espèce de doctrine s'affirmait en secret car La Grande Cordée, organisme expérimental s'il en fut, était quand même agréée et la doctrine en question n'était pas facile à afficher. Elle disait: laisser jouer l'imprévu, que 'n'importe quoi' puisse arriver. Ça ne marchera pas." (DELIGNY, 2007, p.422).

insustentável durante um período mais longo. Isso porque, como vimos, o conceito de infância inadaptada que se consolidava na França, da perspectiva econômica, teve como objetivo o reaproveitamento de uma mão-de-obra vasta e barata a partir dos pressupostos da reeducação e da readaptação. Assim, a partir da posição do '*não importa o quê*', Deligny colocou em questão uma das bases da política da infância inadaptada que surgia no período.

Não se pode verdadeiramente falar de método e essa posição do '*não importa o quê*' certamente não é uma posição pedagógica. No entanto, ela descobre horizontes infinitos. Desse momento, eu volto retroativamente, e com motivo: a partir da posição do '*não importa o quê*', eu não podia fazer um passo em excesso na mesma direção. Ruminando, repetindo talvez as lembranças de Armentières, as repetindo, saía um suco de um gosto novo: o projeto comum. Do tempo da Armentières muito asilar, me pareceu ter percebido que se passava alguma coisa estranha, notável, quando no burburinho da '*A Liberdade nós a queremos, nossa liberdade...*', se elaborava um projeto concreto de fuga de quatro ou cinco ou mais. Era preciso frequentemente meses de preparação e, na maior parte dos casos, depois de uma pequena febre de entusiasmo, o projeto permanecia no infinito: '*Fugir...*'²³⁰ (DELIGNY, 2007, p.424)

No livro *Fernand Deligny et les idéologies de l'enfance*, de Pierre-François Moreau, que temos utilizado ao longo do texto como subsídio para a análise dos diferentes períodos de atuação de Deligny, são enfatizados dois pontos sobre este período. O primeiro se relaciona com a pluralidade e a especificidade das ocasiões que permitiam cada jovem sair de um determinado estado, de uma situação dada. O segundo se refere aos fatos que posteriormente eram capazes de interromper este novo processo de reorganização dos hábitos e dos comportamentos empreendidos pelos adolescentes. Segundo Moreau, tal interrupção se relacionava, na maioria das vezes, com o cumprimento de alguma regra formal que impedia a continuidade da atividade que havia possibilitado uma mudança positiva no contexto vivenciado pelo jovem. Esses dois pontos são de extrema

²³⁰"On ne peut vraiment pas parler de méthode et cette position du '*n'importe quoi*' n'est certes pas une position pédagogique. Pourtant, elle découvre des horizons infinis. De là, je suis revenu en arrière, et pour cause: à partir de la position du '*n'importe quoi*', je ne pouvais pas faire un pas de plus dans la même direction. En ruminant, en rabâchant peut-être des souvenirs d'Armentières, en les remâchant, voilà qu'en sortait un jus d'un goût nouveau: le projet commun. Du temps de l'Armentières très asilaire, il m'avait bien semblé percevoir qu'il se passait quelque chose d'étrange, de notable, quand, dans le brouhaha de '*La liberté, on la veut, notre liberté...*' s'élaborait un projet concret d'évasion à quatre ou cinq ou plus. Il fallait souvent des mois de préparation et, dans la plupart des cas, après une petite fièvre d'enthousiasme, le projet restait à l'infini: '*S'évader...*' (DELIGNY, 2007, p.424).

relevância para refletirmos sobre a crítica institucional construída por Deligny: tanto o espaço institucional é limitado pela impossibilidade de acolher cada situação em sua especificidade, promovendo assim estratégias de cuidado que digam respeito às necessidades de uma determinada realidade; como esse mesmo espaço, direcionado ao cumprimento de preceitos preestabelecidos de funcionamento e de normas a partir das quais a experiência de acolhimento pode ser desenvolvida - seja no sentido ativo, como as regras que determinam o funcionamento de uma certa instituição, seja no sentido negativo, como a definição daquilo que é proibido de ser realizado - limita ou impede o desenvolvimento e a permanência de ferramentas que possibilitem uma transição efetiva, uma mudança mais duradoura em um determinado contexto.

Uma tentativa, operando de outra forma, materializaria exatamente a abertura necessária para a constituição de tantas formas plurais quantas fossem necessárias, e para a ausência de leis prefixadas - permissivas ou restritivas - substituindo a lógica da lei pela lógica da regularidade²³¹: é uma certa organização de referências no espaço que delimita sempre de maneira mutável o funcionamento da tentativa.

No artigo *La Grande Cordée (1)*²³², Deligny conta, entre outras histórias de crianças e jovens enviados à tentativa, a história de Lucien, de treze anos, cujas avaliações escolares o definiam como hipócrita, agressivo, turbulento e preguiçoso. Na sua chegada à Grande Cordée, ele demorou a se adaptar às estadias experimentais propostas, até o início de seu trabalho como aprendiz em uma pequena empresa de artesanato. A possibilidade de engajamento no estágio se consolidou a partir de um contato estabelecido durante sua permanência em um albergue de juventude da rede. Lucien passou a acordar cedo todos os dias da semana, a caminhar nove quilômetros para chegar ao trabalho e nove quilômetros para voltar ao albergue, já à noite. Na pequena empresa de artesanato, ele colhia e preparava a madeira, realizava diferentes atividades exigidas, trabalhava com

²³¹Sobre essa discussão ver nota nº 223 deste capítulo.

²³²O texto *La Grande Cordée (1)* é admirável. Em meio a relatos de histórias de adolescentes recebidos pela tentativa, de suas experiências de inserção nas políticas de readaptação e de aprisionamento anteriores, e das novas ocasiões a eles apresentadas, Deligny retraça a dureza da vida dos subúrbios de Paris, de seus conjuntos habitacionais, para descrever a centralidade da ocasião no comportamento das crianças e dos adolescentes. A escrita simples, que compõe a narrativa dessas pequenas histórias, pouco a pouco permite a retirada do foco da História desses jovens.

disposição e com seriedade. Porém, por ainda não ter quatorze anos - idade a partir da qual se pode legalmente ser empregado na função de aprendiz -, fato em relação ao qual, ao contratá-lo, o artesão não possuía conhecimento, Lucien foi dispensado da atividade. Alguns dias depois, Lucien estava novamente mal humorado, hostil, e preguiçoso (DELIGNY, 2007, p.407).

Em conjunto com as estadias experimentais, a Grande Cordée realizou, em 1953, consultas médico-pedagógicas para crianças com idade escolar, em um projeto conjunto com a RATP (Régie Autonome des Transports Parisiens)²³³. Deligny, junto com Yvette Maratrat e Josée Manenti, com o apoio de um médico endocrinologista e de um psiquiatra, recebia as famílias, os pais e as crianças, com o objetivo de evitar que essas acabassem em algum dispositivo da rede médica, pedagógica e jurídica da reeducação e da readaptação da infância anormal. As crianças dos trabalhadores do sistema de transporte público de Paris passavam boa parte do tempo sozinhas nos prédios do HLM²³⁴ e, por vezes, acabavam por se inserir em alguma atividade que podia determinar uma detenção, o encaminhamento para algum centro de observação, ou a aplicação de alguma pena mais ou menos séria.

Os trabalhadores, em sua maioria, eram provenientes de localidades distantes de Paris e por isso eram alocados ou na cidade ou nos subúrbios do entorno. A mudança implicava em uma desestabilização para as crianças e em uma necessidade de adaptação à nova realidade, caracterizada pela ausência dos pais durante a longa jornada de trabalho dos mesmos. A partir dos problemas decorrentes da mudança associada a esta ausência, decorrente das condições de trabalho às quais os pais estavam submetidos, o sindicato da RATP demandou à

²³³Uma *régie*, na França, significa um estabelecimento público encarregado da gestão de um serviço ou alguma outra forma de gestão pública do mesmo. Uma *régie* não inclui a possibilidade de concessão a um serviço privado por meio contratual. Poderíamos traduzir como Regime Autônomo de Transportes Parisienses.

²³⁴*Habitation à Loyer Modéré*. As habitações de aluguel moderado podem ser públicas ou privadas. No caso dos estabelecimentos privados, é concedido um apoio público parcial, podendo este ser direto, por meio de subvenções, ou indireto, através, por exemplo, de benefícios fiscais. Esse tipo de moradia popular e geralmente de estrutura precária, foi instituída por uma lei de 1894, se chamando originalmente *habitations à bon marché* (habitações de bom mercado) - HBM. Inicialmente sua gestão era feita pelo Ministério da Saúde, tendo passado para responsabilidade do Ministério da Reconstrução e de Urbanismo, em 1945 - ano em que passa a ser chamada de HLM.

Grande Cordée o desenvolvimento de atividades que pudessem auxiliar a nova dinâmica de vida das crianças. O objetivo de Deligny no desenvolvimento deste trabalho foi, novamente, dar a ver que a origem do *mau* comportamento das crianças não estava em alguma essência que estas carregavam. Ele pretendeu possibilitar que os pais compreendessem que estas causas residiam antes na rotina de pobreza, de exclusão, e em seus regimes de trabalho. Depois da partida de Deligny de Paris, no ano de 1955, Irene Lèzine o substituiu nessa atividade, que não perdurou por muito tempo.

Em parceria com o plano de saúde da RATP, tratava-se de evitar a colocação em instituições de crianças cujos pais, vindos de Lozère ou de Aveyron, se encontravam no volante de um ônibus ou nos corredores do metrô, o furador para marcar as passagens dos usuários na mão, enquanto o garoto se virava mal nos arredores do HLM. De fazer de tal forma que os pais percebessem que a causa do mal não se encontrava na criança, mesmo se ela parecia, pelo nariz ou pelas orelhas, com um tio que morreu louco, mas em todo esse 'resto' que os pais tinham que passar: horários de trabalho inacreditáveis, raiva da avó plantada em sua cozinha pequena demais, solidão desesperadora em meio aos barulhos da capital. E acontecia que a criança, liberada de seu estatuto de 'mau espírito', recomeçava de outra forma²³⁵. (COPFERMANN *in* DELIGNY, 2007, p.218)

É importante mencionar, também, que a partir da valorização do meio e das condições reais experimentadas pelos jovens como determinantes para seus comportamentos, Deligny se colocava distante da corrente médica, pedagógica e jurídica dominante neste período e que defendia os testes de personalidade e de comportamento como determinantes para a definição das crianças e dos adolescentes. Estes testes, para Deligny, fixavam o caráter do jovem a partir de um momento dado e de uma avaliação específica, essencializando o mesmo. O lugar dos testes foi muito criticado também por Henri Wallon e Le Guillant. Se Deligny não os julgava totalmente inúteis no sentido de indicarem alguma questão específica de um momento também específico - por exigências administrativas os

²³⁵"En cheville avec la mutuelle de la RATP, il s'agissait d'éviter le placement d'enfants dont les parents, venus de la Lozère, ou de l'Aveyron, se retrouvaient au volant d'un bus ou dans les couloirs du métro, la pince à trous à la main, cependant que le gamin tournait mal dans les environs immédiats d'HLM. De faire en sorte que les parents se rendent compte que la cause du mal ne se trouvait pas dans l'enfant, même s'il ressemblait par le nez ou les oreilles à un oncle mort fou, mais dans tout ce 'reste' que les parents subissaient: horaires de travail invraisemblables, hargne de la grand-mère déplantée dans sa cuisine trop petite, solitude effarée dans le halo de bruits de la capitale. Et il arrivait que l'enfant, délivré de son statut de 'mauvais esprit' reparte sur un autre pied." (COPFERMANN *in* DELIGNY, 2007, p.218).

testes eram utilizados na Grande Cordée -, a crítica de Deligny se estruturava em relação à aposta em definições e critérios rígidos, dotados de uma validade científica, como capazes de expressar uma verdade sobre as crianças e os jovens. Deligny apostava primordialmente na compreensão da realidade infantil a partir do conhecimento das circunstâncias que determinavam sua vida em um momento específico: sua realidade familiar, social, de moradia, entre outros fatores.²³⁶

Turchi: Anexada folha de exame do O.P., pequena obra prima da estupidez. Não transmitir essa folha à Ass. Soc. Turchi se encontraria em um centro para anormais-floristas, quer dizer, no Norte, no IMP de Armentières onde ele se tornaria um pateta crônico. Acontece também, de quando não cumprimos as exigências, que isso não seja por negligência.²³⁷ (Carta à Irene Lèzine, 3 de outubro de 1955)

...dar ou retirar a ocasião faz desaparecer ou reaparecer os traços de caráter que teríamos acreditado inatos ou ao menos inveterados. Alguns verão aí uma análise 'mecanicista' - mas o que é mais mecanicista do que supor no fundo do homem uma potência misteriosa, ao abrigo das circunstâncias, e que define seu destino de uma vez por todas? - pois é a isso que volta a insistência duvidosa que faz com que alguns psicólogos e educadores coloquem todas as possibilidades de uma existência em uma fotografia de um estado dado. Descrever um estado dado fazendo abstração das circunstâncias onde ele se produziu é sem dúvida se expor a estar consciente das ações do indivíduo sem tomar consciência de suas causas - dito de outra forma a as atribuir unicamente a sua vontade livre, ou a sua deficiência: o vício; portanto, a procurar a origem da realidade no ilusório.²³⁸ (MOREAU, 1978, p.83)

²³⁶"Ela é, primeiramente, um protesto contra as técnicas que se perdem em sua complexidade, nos problemas que elas se colocam elas mesmas, a cada dia mais esotéricas, mais separadas da realidade viva. Ela é a afirmação que essa realidade, vivida em sua totalidade, é a única fonte de conhecimento, o único critério de ação, que a cada vez que uma certa distância se instala entre a teoria e a prática, o erro está entrando por essa brecha." "Elle est tout d'abord une protestation contre des techniques perdues dans leur complexité, dans les problèmes qu'elles se posent à elles mêmes, chaque jour plus esotériques, plus coupées de la réalité vivante. Elle est l'affirmation que cette réalité, vécue dans sa totalité, est la seule source de connaissance, le seul critère de l'action, que chaque fois qu'une certaine distance s'installe entre la théorie et la pratique l'erreur est en train de se glisser par cette brèche." (LE GUILLANT *in* DELIGNY, 2007, p.406).

²³⁷"Turchi: ci-joint feuille d'examen d'O.P., petit chef d'oeuvre de stupidité. Ne pas transmettre cette à feuille à l'Ass. Soc. Turchi se retrouverait dans un centre pour anormaux-fleuristes, c'est à dire pour le Nord à l'IMP (Institut Médico-Pédagogique) d'Armentières où il deviendrait fin dingo bien chronique. Il arrive aussi, quand nous n'obtempérons pas, que ça ne soit pas par négligence". (Carta à Irene Lèzine de 3 de outubro de 1955).

²³⁸"...donner ou retirer l'occasion fait disparaître ou réapparaître les traits de caractère que l'on aurait crus innés ou du moins invétérés. Certains verront là, sans doute, une analyse 'mécaniste' - mais en quoi est-ce plus mécaniste que de supposer au fond de l'homme une puissance mystérieuse, à l'abri des circonstances, et qui règle son destin une fois pour toutes? - car c'est bien à cela que revient l'insistance douteuse que mettent certains psychologues ou éducateurs à ramener toutes les possibilités d'une existence à la seule photographie d'un état donné. Décrire un état donné en faisant abstraction des circonstances où il se produit, c'est sans doute s'exposer à être conscient des actions de l'individu sans prendre conscience de leur causes - autrement dit à les attribuer à sa seule volonté libre, ou à son défaut: le vice; donc à chercher l'origine de la réalité dans l'illusoire." (MOREAU, 1978, p.83).

Assim como nas tentativas anteriores, a Grande Cordée, mesmo com suas particularidades muito específicas, não foi uma iniciativa isolada das questões, dos debates e dos movimentos que se desenrolaram em seu tempo. Depois da Liberação, foram múltiplas as formas implementadas por militantes de esquerda para produzir outras alternativas para as crianças e os adolescentes que passaram a ser catalogados como inadaptados e em relação aos quais todo um aparelho médico, jurídico e educacional, público e privado, se constituiu. São exemplos disso, não apenas as atividades desenvolvidas pelos CEMEA²³⁹ e a militância dos albergues de juventude, mas também a AJAR²⁴⁰ (Ajuda dos Jovens para a Reconstrução), as iniciativas de Robert Ardovin no âmbito da associação *Os amigos das crianças de Paris*, entre outras. A AJAR foi organizada por um engenheiro a partir da articulação para contratação de jovens por trabalhadores do ramo da construção de imóveis. Apesar do sucesso inicial, a mesma foi encerrada

²³⁹No início do trabalho, mencionamos o lugar dos CEMEA no contexto político do pós-guerra. Sandra Alvarez de Toledo retoma a importância desses centros como espaços de produção de uma outra política, diferente do cenário que se afirmava a partir dos anos 1940 na França: "Começada, ou antes, retomada, a partir de 1945 pelos movimentos de educação popular e da educação nova, pelo Teatro nacional popular, e pela psicologia institucional, essa 'outra política' (Moreau), principalmente associativa, se responsabilizava pelos setores da educação, da cultura e do lazer, da saúde mental ou da juventude, negligenciados ou confiados pelo Estado a instituições conservadoras. Os Cemea federalizavam o conjunto desses setores, difundindo as ideias de Freinet, Decroly ou Montessori, animando a vida cultural ou desenvolvendo a prática do teatro e da mímica nas formações de educadores e de enfermeiros psiquiátricos. A história guardou os nomes de alguns integrantes: os irmãos Oury, Jean, psiquiatra, e Fernand, professor; Louis Le Guillant, psiquiatra e membro do conselho de administração dos Cemea entre 1945 e 1968; Germaine Le Hénaff-Le Guillant, psicóloga e coordenadora dos estágios de enfermeiros nos Cemes; Chris Marker, cineasta e fundador da revista DOC, publicação conjunta do Povo e Cultura e do Trabalho e Cultura; Émile Copfermann, militante dos Cemea e redator da revista Teatro Popular; Jean Vilar que era responsável dos Cemea por organizar as turnês de espetáculos, etc. Deligny foi um dos personagens da constelação, sem jamais participar de outras atividades que as suas." "Menée ou plutôt reprise à partir de 1945 par les mouvements d'éducation populaire et d'éducation nouvelle, par le Théâtre national populaire, et par la psychothérapie institutionnelle, cette 'autre politique' (Moreau), principalement associative, prenait en charge les secteurs de l'éducation, de la culture et des loisirs, de la santé mentale ou de la jeunesse, négligés ou confiés par l'État à des institutions conservatrices. Les Ceméa fédéraient l'ensemble de ces secteurs en diffusant les idées de Freinet, Decroly ou Montessori, en animant la vie culturelle ou en développant la pratique du théâtre et du mime dans les formations d'éducateurs et d'infirmiers psychiatriques. L'histoire a retenu les noms de quelques passeurs: les frères Oury, Jean, psychiatre, et Fernand, instituteur; Louis Le Guillant, psychiatre et membre du conseil d'administration des Ceméa entre 1945 et 1968; Germaine Le Hénaff-Le Guillant, psychologue et maître d'œuvre des stages d'infirmiers psychiatriques aux Ceméa; Chris Marker, cinéaste et fondateur de la revue DOC, publication conjointe de Peuple et culture et Travail et culture; Émile Copfermann, militant des Ceméa et rédacteur de la revue Théâtre populaire; Jean Vilar dont les Ceméa se chargeaient d'organiser les tournées des spectacles, etc. Deligny fut l'un des personnages de la constellation, sans jamais participer à d'autres activités que les siennes." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.388).

²⁴⁰Aide des Jeunes à la Reconstruction.

subitamente devido à pressão de empreendedores do ramo da construção junto ao Ministério da Reconstrução, que avaliavam a concorrência imposta pela mão-de-obra dos jovens como desleal. A associação criada por Robert Ardovin, por sua vez, articulou um grupo de adolescentes na vila de Vercheny - que havia sido abandonada após o massacre de seus habitantes do sexo masculino pelo exército alemão - como responsável pela sua restauração. Porém, como já observado no capítulo anterior no que se referia às primeiras tentativas, essas iniciativas se distinguem da Grande Cordée, em diferentes aspectos, mas principalmente no que tange ao lugar e ao valor concedido ao trabalho²⁴¹ como vetor primordial de mudança dos jovens.

Outro fator diferenciador dessas experiências é a abordagem no que concerne à noção de coletividade, marcadamente definida por uma certa forma comunitária nas diferentes alternativas desenvolvidas no período - não apenas na França, mas em outros países, como o trabalho de Makarenko (MOREAU, 1978, p.90). O partido comunista francês desejava fazer de Deligny, durante o período da Grande Cordée, um Makarenko francês²⁴², porém se existiam pontos de

²⁴¹"A questão do trabalho encontra diretamente aquela do produtivismo e da eficácia. Mas antes de conectar essas noções (trabalho-produção-eficácia) tão rapidamente, nós devemos marcar a luta que se instaura em torno do conceito mesmo de 'trabalho'. De uma certa maneira, o trabalho dito 'produtivo' se inscrevia, desde o começo da revolução soviética, no centro da renovação pedagógica, como mostra o decreto de 16 de outubro de 1918: 'É o trabalho produtivo que deve constituir a base da vida escolar. Ele deve estar ligado ao ensino de maneira estreita e orgânica'. A luta em torno da definição do trabalho se desdobra em duas frentes: ele é orgânica - isso que é chamado de o 'verdadeiro trabalho' - ou somente um meio de produzir alguma coisa - isso que é chamado de 'trabalho produtivo'-.? Certamente, um Makarenko ou um Freinet pensam o trabalho segundo a primeira perspectiva - de onde uma parte das dificuldades que Makarenko encontra com a Administração. No entanto, malgrado essa distinção, Deligny toma ainda uma direção totalmente diferente: ele endereça uma severa crítica ao 'projeto pensado' ligado às finalidades do trabalho e faz, por outro lado, um certo elogio às estratégias para esquivar o trabalho enquanto questão de produtividade. " "La question du travail rejoint très directement celle du productivisme et de l'efficacité. Mais avant de connecter ces notions (travail-production-efficacité) aussi hâtivement, nous devons remarquer la lutte qui s'instaure autour du concept même de 'travail'. D'une certaine manière, le travail dit 'productif' s'inscrivait dès le début de la révolution soviétique au sein du renouvellement pédagogique, comme le montre le décret du 16 octobre 1918: 'C'est le travail productif qui doit constituer la base de la vie scolaire. Il doit être lié à l'enseignement de façon étroite et organique'. La lutte autour de la définition du travail se dédouble sur deux fronts: est-il organique - ce qu'on appelle le 'vrai travail' - ou juste un moyen pour produire quelque chose - ce qu'on appelle le 'travail productif'-.? Certainement, un Makarenko ou un Freinet pensent le travail plutôt selon la première perspective - d'où une partie des difficultés que Makarenko rencontre avec l'Administration. Cependant, malgré cette distinction, Deligny prend encore une toute autre direction: il adresse une sévère critique au 'projet pensé' lié aux finalités du travail et fait par ailleurs un certain éloge des stratégies pour esquivar le travail en tant qu'affaire de productivité." (MIGUEL, 2016, p.120).

²⁴²"A entrada de Deligny na obra do pedagogo soviético se fez, primeiramente, através do cinema. Ele foi, em 1939, extremamente tocado pelo *Caminho da Vida* de Nicolaï Ekk, baseado na obra homônima de Makarenko. Ele menciona notadamente uma sequência em um tribunal para crianças

encontro entre ambos, eram marcantes as diferenças de abordagem em relação à infância e à juventude. Deligny partilhava com Makarenko a recusa dos *casos*, dos históricos médicos e jurídicos e das histórias como fontes para o conhecimento das crianças; a recusa de uma perspectiva essencialista e a aposta no conhecimento das questões práticas que compunham o mundo infantil como meio de conhecê-lo; a negação da exigência de compreensão do processo pedagógico como uma aplicação de conhecimentos abstratos e, assim, a crítica a ideia de especialização.

Porém, sua perspectiva se distanciava do pedagogo russo no que tange ao espaço partilhado pelas crianças, à valorização de uma moral do trabalho como instrumento pedagógico e à construção de coletividades comunitárias. Makarenko criou colônias infantis que tinham por base a valorização do trabalho e a estadia por um período de média duração, retirando a criança do convívio social de origem por um período de mais ou menos cinco anos. A Grande Cordée, e já o COT, tinham como um de seus principais objetivos, serem um espaço de transição, tanto melhor quanto mais próximo estivessem do meio habitual dos jovens e quanto mais passageira fosse a permanência institucional.

e a crise de riso de Bouroun. Em seguida, Deligny retoma de Makarenko aquilo que o interessa, aquilo que parece para ele mais próximo de seu método e dos ensinamentos wallonianos - a questão da coletividade, das circunstâncias, da iniciativa, a crítica ao intelectualismo e aos conceitos abstratos como a 'personalidade humana', 'liberdade', etc. - sublinhando sempre a impossibilidade de transportar integralmente a experiência makarentista para a França... Seu método não se construía a partir de conceitos abstratos produzidos por um intelectualismo. Ao contrário, ele não cessa de criticar toda forma de teorização abstrata - Deligny reconhece naqueles que se opõem a Makarenko seus próprios adversários: esses 'jogadores olímpicos da pedagogia, os bons oradores, os intelectuais'. Aos enunciados vazios e abstratos dos bons oradores, Makarenko opõe a ação sobre um material concreto: o trabalho sobre e através da coletividade infantil. É ali que ele descobre seu material e sua 'pedagogia sensível', é essa uma grande inspiração para Deligny e para a Grande Cordée." "L'entrée de Deligny dans l'oeuvre du pédagogue soviétique se fait d'abord à travers le cinéma. Il fut, en 1939, bouleversé par *Le chemin de la vie* de Nicolaï Ekk, d'après l'oeuvre homonyme de Makarenko. Il mentionne notamment une séquence dans un tribunal d'enfants et l'éclat de rire de Bouroun. Ensuite, Deligny reprend à Makarenko ce qui l'intéresse, ce qui lui semble le plus proche de sa méthode à lui et des enseignements walloniens - la question de la collectivité, des circonstances, de l'initiative, la critique de l'intellectualisme et des concepts abstraits tels que 'personnalité humaine', 'liberté', etc. - en soulignant toujours l'impossibilité de transposer intégralement l'expérience makarentiste en France... Sa méthode ne se bâtit pas sur des concepts abstraits produits par un intellectualisme. Au contraire, il ne cesse de critiquer toute forme de théorisation abstraite - Deligny reconnaît dans ceux qui s'opposent à Makarenko ses propres adversaires: ces 'Olympiens de la pédagogie, les beaux-parleurs, les intellectuels'. Aux énoncés vides et abstraits des beaux-parleurs, Makarenko oppose l'action sur un matériel concret: le travail sur et à travers la collectivité enfantine. C'est là qu'il découvre son matériau et sa 'pédagogie sensible', c'est là une grande inspiration pour Deligny et pour la Grande Cordée." (MIGUEL, 2016, p.105/106). "Se eu tivesse ficado em Paris, eu teria podido fazer um bom trabalho político interpretando Makarenko." "Si j'étais resté à Paris j'aurais pu faire du bon travail politique en interprétant du Makarenko." (Carta à Irene Lèzine de 14 de março de 1955).

Naquilo que concerne a pedagogia propriamente dita, existem diversos pontos de contato: a importância do jogo, da estética, da diferença criança-adulto, da aprendizagem do sentido coletivo, o uso de expressões artísticas para ajudar na pedagogia...No entanto, uma certa moral do trabalho os diferencia desde o início. Existe em Deligny, como nós já evocamos, um elogio do 'não importa o quê' que acompanha toda sua crítica endereçada à eficácia, à inserção pura e simples no mundo do trabalho...Essa moral do trabalho em Makarenko deve certamente ser relativizada, vista sua insistência na diferença criança-adulto e sobre a importância da diversão para a criança, mas ela permanece presente como uma etapa essencial da formação do homem.²⁴³ (MIGUEL, 2016, p.105)

Ademais, enquanto o trabalho de Makarenko na criação das colônias se consolidava de forma concentracionária - uma comunidade encerrada em si mesma e situada em um lugar geográfico preciso - a tentativa da Grande Cordée tinha como eixo definidor, como vimos, a dispersão territorial.

Eu não paro mais de trabalhar na crítica de G. de C. [Graine de Crapule]. Acontece que eu me deparei com a noção de estadia experimental (mudança frequente de 'meio') que se adequa mal com 'coletividade rica em habitantes favoráveis' de Makarenko e eu descobri, ainda ontem, que mesmo as abelhas se espalham quando a colônia sente uma grande acomodação a um meio, mesmo um muito rico, mesmo muito favorável (eu tinha 'descoberto' a estadia experimental lendo Mitchourvie: não se espante que eu busco, lendo J. Khalifman, 'a vida das abelhas')...Como o diz Kharikman no início de seu livro: a maneira através da qual, no curso dos séculos, interpretou-se a vida da colmeia, sempre foi um reflexo da maneira que a sociedade estava organizada. A desconfiança em relação a espontaneidade permanecerá uma das características da sociedade socialista russa desse pedaço de século.²⁴⁴ (Carta à Irene Lèzine de 25 de abril de 1956)

²⁴³"En ce qui concerne la pédagogie à proprement parler, il y a plusieurs points de contact: l'importance du jeu, de l'esthétique, de la différence enfant-adulte, l'apprentissage du sens collectif, l'appel à des expressions artistiques pour aider dans la pédagogie...Cependant, une certaine morale du travail les différencie aussitôt. Il y a même chez Deligny, comme nous l'avons déjà évoqué, un éloge du 'n'importe quoi' qui accompagne toute sa critique adressée à l'efficacité, à l'insertion pure et simple dans le monde du travail...Cette morale du travail chez Makarenko doit certes être relativisée, vu son insistance sur la différence enfant-adulte et sur l'importance du divertissement pour l'enfant, mais elle reste présente comme une étape essentielle de la formation de l'homme." (MIGUEL, 2016, p.105).

²⁴⁴"Je n'arrête guère de travailler à la critique de G. de C. [Graine de Crapule]. Il se trouve que je suis tombé sur la notion de séjour d'essai (modification fréquentes de 'milieu') qui joint mal avec la 'collectivité riche en habitants favorables' de Makarenko et j'ai découvert, hier encore, que même les abeilles essaient quand la colonie ressent une trop grande accoutumance à un milieu mm [même] très riche, mm [même] très favorable (j'avais 'découvert' le séj. d'essai en lisant Mitchourvie (vérifier): ne t'étonne pas que je cherche en lisant J. Khalifman (vérifier) 'la vie des abeilles'...Comme le dit Kharikman (vérifier) au début de son livre: la manière dont, au cours des siècles, on a interprété la vie de la ruche a toujours été un reflet de la manière dont la société était organisée. La méfiance envers le spontané restera une des caractéristiques de la société socialiste russe de ce morceau de siècle." (Carta à Irene Lèzine de 25 de abril de 1956).

Deligny começou a se dedicar de forma cada vez mais aprofundada à concepção de uma noção de coletivo que não se definisse pela ideia de comunidade. Essa questão é de extrema relevância para o debate institucional e guiou não apenas o desenvolvimento da Grande Cordée, mas toda sua trajetória posterior em Cévennes. Ela é uma questão central para o trabalho desenvolvido por nós nesse texto, pois dialoga diretamente com debates institucionais de extrema relevância para o cenário político brasileiro atual, como indicaram as manifestações ocorridas em 2013, a discussão sobre a representação, sobre o lugar dos partidos, e sobre as formas de constituição, de organização dos grupos e das atividades coletivas de militância.

Existe, em todo o entorno de Paris, cortiços (não falemos disso por esse momento). Existe, em todo o entorno de Paris os HBM. As muralhas foram destruídas e veja as fortificações da nova civilização. Com as áreas internas fracamente iluminadas, à noite, os jovens que aí estão parecem, para quem passa na rua, do outro lado da porta-grade, estar na área interna de uma prisão. Na área interna tem um canteiro de flores, pequeno ventre de tumba circundado de cimento. Tem oito ou dez latas de lixo que vazam pelo chão. Tem os jovens que estão em excesso dentro dos imóveis, e os papéis, os restos de comida, as garrafas vazias que caíram das latas de lixo. Veja aí o que se passa todas as noites, às nove horas, em todo o entorno de Paris. Algumas vezes, um dentre eles possui duzentos francos em seu bolso. Em torno dele, uma fração do grupo se coagula e eles vão jogar futebol. Eles entram na cafeteria-tabacaria. O terreno está sobre quatro pés. O terreno é uma pequena mesa. Os jogadores, vinte e dois pequenos pedaços de madeira pintada. Existem os tribunais para crianças e adolescentes, existem os psicólogos. Aqueles que dizem "me mostre teu Rorschach, eu te direi quem você é". Existe todo um exército de pescadores de águas baixas contra o qual é urgente lutar.²⁴⁵ (DELIGNY, 2007, p.409)

A partir de 1953, com o desligamento da filiação com a Seguridade Social, os problemas administrativos e o apoio relutante do partido comunista, a situação

²⁴⁵"Il y a tout autour de Paris des taudis (n'en parlons pas pour le moment). Il y a tout autour de Paris des HBM. Les remparts ont été rasés et voilà les fortifications de la nouvelle civilisation. Avec des cours intérieures si faiblement éclairées, le soir, que les jeunes gens qui y tournent ont l'air, pour qui passe dans la rue, de l'autre côté de la porte-grille, de tourner dans une cour de prison. Dans la cour, il y a un massif de fleurs, petit ventre de tombe encadré de ciment. Il y a huit et dix poubelles qui débordent par terre. Il y a des jeunes gens qui sont en trop dans les immeubles et les papiers, les épiluchures, les boîtes vides qui sont tombés des poubelles. Voilà ce qui se passe tous les soirs à neuf heures tout autour de Paris. Quelquefois l'un d'entre eux a deux cents francs dans sa poche. Autour de lui, une fraction du groupe se coagule et ils vont jouer au football. Ils rentrent au café-tabac. Le terrain est sur quatre pieds. Le terrain est une petite table. Les joueurs, vingt-deux petits morceaux de bois peinturluré. Et il y a des tribunaux pour enfants et adolescents, il y a des psychologues. Il y a ceux qui disent: 'Montre-moi ton Rorschach, je te dirai qui tu es'. Il y a toute l'armée des pêcheurs en eaux basses contre laquelle il est urgent de lutter." (DELIGNY, 2007, p.409).

financeira e política da tentativa se tornou cada vez mais precária. O custo de manutenção da estrutura da rede em Paris passou a ser insustentável. No mesmo período, a saúde de Deligny se fragilizava e ele começava a ter profundas crises de angústia, desejando retomar seu processo de escrita, ao qual não havia conseguido se dedicar ao longo dos anos anteriores. Em 1954, Deligny, acompanhado de alguns integrantes próximos e de alguns jovens da Grande Cordée, passou o verão na região de Vercors, onde o grupo realizou uma turnê de projeção de filmes. Após esse período ele volta a Paris, para em seguida partir novamente e de maneira definitiva.²⁴⁶

Os anos 1950 e o início da década de 1960 marcam a transição definitiva de Deligny para um *fora* do quadro institucional. Esta transição se consolidou no início da tentativa em Cévennes, em 1967, e produziu, ao longo de quase trinta anos, até sua morte em 1996, desenhos, estratégias e ferramentas específicas que sustentaram uma tentativa à margem dos processos institucionalizantes oficiais. A tentativa em Cévennes, como veremos, somente foi possível, pois contou com uma rede em parte constante, em parte variável, de diferentes pessoas ao longo dos anos. Os marcos dessa inflexão na trajetória de Deligny são os encontros com Yves e com Janmari, a transição do trabalho com crianças e jovens considerados atrasados, retardados, delinquentes, marginais ou inadaptados pelos mais diferentes motivos, para a atuação junto a uma população infantil marcada pelo diagnóstico de psicose precoce, autismo profundo, e ausência de acesso à linguagem. Esse desvio, tanto institucional como de conteúdo, implicou em uma mudança profunda nos temas elaborados por Deligny em seus escritos, assim

²⁴⁶"Por um lado, principalmente nesses primeiros anos, a tentativa permanece ligada à instituição pública, recebe ajuda da Seguridade Social, os jovens são enviados pelo Dr. Georges Heuyer, e recebe o apoio do PCF. Por outro lado, desde o início, a ausência de um lugar fixo, a dispersão pelos albergues de juventude e o 'método' de Deligny, tornam difícil a captura institucional a partir de um sistema de eficácia. Depois da partida de Paris, a tentativa se afrouxa cada vez mais, mas Deligny se isola e parece de uma certa maneira abandonar a luta mais direta para desviar a instituição desde dentro. O fim do texto escrito para a revista *Partisans* é muito interessante em relação a esse aspecto. Deligny abandona toda ideia de reeducação; ele nega a ideia de ser um educador e o seu livro escrito em 1944 (*Graine de Crapule*). Ele procura cada vez mais as margens." "D'un côté, surtout dans ses premières années, la tentative reste attachée à l'institution publique, reçoit une aide de la Sécurité Sociale, des jeunes sont envoyés par le Dr. Georges Heuyer et a le soutien direct du PCF. De l'autre côté, dès le début, l'absence d'un lieu fixe, la dispersion sur les hébergements de jeunesse et la 'méthode' de Deligny rendent très difficile la capture institutionnelle dans son système d'efficacité. Après le départ de Paris, la tentative s'assouplit encore plus, mais Deligny s'isole et semble d'une certaine manière abandonner la lutte plus directe de détourner l'institution de dedans. La fin du texte pour *Partisans* est très intéressante à ce sujet. Deligny abandonne toute idée de rééducation ; il renie l'idée d'être un éducateur et son livre écrit en 1944 (*Graine de Crapule*). Il cherche de plus en plus les marges." (MIGUEL, 2016, pp.47/48).

como em uma reconfiguração das estratégias de cuidado desenvolvidas. Abordaremos em detalhes essas questões no capítulo seguinte.

Segundo Moreau, a dispersão da rede que poderia, a princípio, se estabelecer como uma fragilidade: a ausência de um lugar fixo que, como nas tentativas anteriores, pudesse garantir a sustentação das atividades desenvolvidas e um ponto de referência em fases mais desestabilizadas e de crise; pode ser, também, compreendida como uma força específica no desenvolvimento da Grande Cordée. Para ele, uma vez terminada uma tentativa (e como Deligny mesmo afirmava, as tentativas são destinadas a acabar sob o risco de serem institucionalizadas), seu público, habituado as delimitações de um determinado espaço ou desenho institucional fixo, se encontraria sem instrumentos para prosseguir em um processo de reestruturação e de construção de novas circunstâncias de vida. No caso da Grande Cordée, Moreau compreendia que os jovens recebidos por ela, e posteriormente encaminhados para diferentes localidades e ofícios, poderiam mais facilmente dar continuidade aos novos trajetos traçados. "Não é mais uma instituição que se fecha por uma simples decisão administrativa. A relação estabelecida, desde o início, com diferentes movimentos populares ajudará a retomada das ideias"²⁴⁷. (MOREAU, 1978, p.88)

A partir de 1955, Deligny e alguns membros da tentativa, acompanhados por um certo número de jovens, iniciaram um processo de deslocamento territorial que durou uma década. Após a passagem por Vercors, eles seguiram para Salzuit, para Saint-Yorre, depois Thoiras, Anduze. Foi a chegada do grupo ao sul da França. Em Salzuit, o grupo formado por Deligny, Huguette Dumoulin e a primeira filha do casal, Josée Manenti e seu filho François, além de alguns adolescentes recebidos na tentativa, permaneceu até 1956. Eles se tornaram responsáveis pela estadia experimental central, deslocando de Paris o centro da tentativa. Em Paris, Irene Lèzine permaneceu responsável tanto pelas atividades administrativas como pela gestão das estadias experimentais locais.

²⁴⁷"C'est n'est plus une institution qui se ferme par une simple décision administrative. La liaison établie dès le départ avec de vastes mouvements populaires aidera à en répandre les idées." (MOREAU, 1978, p.88).

O afastamento de Paris fragilizou ainda mais a relação entre a Grande Cordée e a administração francesa e intensificou a precária situação financeira da tentativa. Para organizar uma vida própria ao grupo que garantisse a subsistência do mesmo e a permanência da atividade de acolhimento dos jovens, eles passaram a desenvolver atividades que, ao longo do tempo, determinaram cada vez mais uma distância das relações institucionais. Porém, o processo de estabelecimento de um modo de funcionamento *fora* do quadro institucional também significou, com o passar dos anos, a inviabilidade da tentativa. Tal insustentabilidade se deu em decorrência da situação financeira do grupo, mas também pela impossibilidade - administrativa e política - de sustentação de um processo que se iniciou dentro do quadro institucional do Estado, fora desta mesma estrutura. Entre os dispositivos públicos e privados que se articularam em torno da infância inadaptada, a gestão estatal dessa nova população, os interesses de importantes personagens que se estabeleceram a partir do novo campo formado e os interesses do partido comunista, a tentativa se encontrou em um terreno de disputa política que determinou seu definhamento e seu fim após uma década de afastamento do cenário institucional.

Em Salzuit, o grupo alugou as ruínas de um castelo, adquiriu algumas cabras e algumas ovelhas, e os adolescentes da tentativa passaram a trabalhar em atividades de jardinagem e com a criação de aves. Eles fundaram, também, uma cooperativa para o trabalho em reformas de casas da região. No âmbito desse trabalho, o grupo conseguiu comprar uma casa, reformá-la e revendê-la.

A criação aumentou. Huguette D. foi vender os primeiros frangos, de boa qualidade da raça Faverolle e de cor salmão, na feira de Brioude. Ela despediu Serge e empregou Latellier que se informa para se ocupar dos coelhos, das ovelhas e dos porcos. Atualmente em estadia de orientação: Serge D., Michel Anchon, Philippe Ledée, André Lerandean, Georges Berger, Claude Letellier. Tudo está tranquilo. Uma boa vontade manifesta com a formação de 'clãs', forma selvagem da coletividade G.C. (Grande Cordée) da qual falamos e que começa a se defender contra aqueles que se fazem de espertos (Bernard R.), que preferiu o exílio em Brioude do que a crítica da qual começa a ser alvo seriamente. Por enquanto é Amelas que tece. Huguete volta de Vichy. Nós dissemos a ela: 'Em 15 dias...' Ela partiu de carro. Começa a fazer frio. Daqui a pouco, a família Challier vai chegar, o irmão, a matrona, os três filhos, a filha, e o amigo dos filhos e da filha. Nós matamos três frangos. Huguette faz uma torta. De Vichy, ela trouxe

dois discos de Katchaturian (você entenderá).²⁴⁸ (Carta à Irene Lèzine de 28 de setembro de 1955)

Nos anos que marcaram esse período, a estrutura da administração da Grande Cordée, em Paris, também se modificou. Com a substituição de Henri Wallon na presidência da tentativa por René Zazzo²⁴⁹, que desaprovava as diretrizes de trabalho de Deligny e sua abordagem cada vez mais crítica à linguagem e à psicanálise, a relação com a administração da tentativa se tornou ainda mais complexa. Na correspondência mantida com Irene Lèzine²⁵⁰ é possível constatar o acirramento das tensões entre Deligny, o grupo em Paris e o partido comunista.²⁵¹

²⁴⁸"L'élevage grossit. Huguette D. (Dumoulin) a été vendre ses premiers poulets surfins Faverolle saumoné au marché de Brioude. Elle a viré Serge et embauché Latellier qui enquête pour s'occuper de lapins, moutons et cochons. Actuellement en s o (séjour d'orientation): Serge D., Michel Anchon, Philippe Ledée, André Lerandau, Georges Berger, Claude Letellier. Ca va, tranquille. Une bonne volonté manifeste avec formations de 'clans', forme sauvage de la collectivité G.C. (Grande Cordée) dont on parle et qui commence à se défendre contre ceux qui jouent au mariolle (Bernard R.) qui a préféré l'exil à Brioude à la critique qui commençait à le viser sérieusement. Pour le moment, c'est Amelas qui tisse. Huguette revient de Vichy. On lui a dit: 'Dans 15 jours...'. Elle a fait la route en auto. Il commence à faire froid. Tout à l'heure, la famille Challier va arriver, le frère, la matrone, les trois fils, la fille et le copain des fils et de la fille. On a tué trois poulets. Huguette fait une tarte. De Vichy elle a ramené deux disques de Katchaturian (Aram Katchaturian, compositeur soviétique d'origine arménienne) (tu comprendras)." (Carta à Irene Lèzine de 28 de setembro de 1955).

²⁴⁹René Zazzo era psicólogo, especializado em psicologia infantil, pela universidade de Yale. Dirigiu o laboratório de psicopatologia do hospital Henri-Rouselle. Foi professor do Instituto de Psicologia, do Instituto Nacional de Orientação Profissional e, depois da saída de Henri Wallon, dirigiu o laboratório da Escola Prática de Altos Estudos - a partir de 1950.

²⁵⁰Como mencionamos no início do capítulo, em relação a esse período, tivemos acesso a algumas informações através da correspondência de Deligny com Irene Lèzine, com a qual tivemos contato graças a parceria e a amizade de Sandra Alvarez de Toledo.

²⁵¹"Você me impulsiona e você me pressiona para que as pessoas tenham o que ler sobre a C.G. (Grande Cordée). H.D. (Huguette Dumoulin) dá golpes violentos porque eu faço malabarismo com as formas de organização. J.M. reclama que, no fim das contas, eu controlo tudo como me agrada, de tal forma que cada um, ao redor, tem a sensação de não ser bom em nada, de ter tentado sem chegar a uma boa solução. Ao mesmo tempo, isso muda todo tempo, e ao mesmo tempo, é a afirmação simplista das mesmas e imutáveis perspectivas. Do que se trata? De criar uma organização, uma coletividade, um exemplo de coletividade (pedagógica?) que teria seu tom e suas formas de organização e que se pareceria com a colônia Gorki, tanto e tão pouco como um chinês se parece com um árabe. Eu sou obrigado a protegê-la contra todas as formas de organização que são completamente desenhadas na cabeça e nos hábitos de uns e outros. H.D.? tentativas comunistas de organização da juventude. J.M.? a empresa artesanal paternal. I.L.? Makarenko + todos os movimentos de massa mais os serviços que funcionam + aquilo que as pessoas tem o direito de esperar de nós. Ora, a coletividade nascente está em estado embrionário e qualquer que seja a beleza, a precisão ou a harmonia racional do modelo proposto, ele só pode destruir o embrião ou fazê-lo se perder em um de seus cantos. Não se deve colocar a máscara de Lênine morto sobre o rosto de uma criança. De tempos em tempos eu deixo recair sobre mim as exigências arbitrárias, fingir que eu faria aquilo que a coletividade não deve fazer, e tomado pela preocupação da coletividade, eu não faço aquilo que eu havia proposto, eu mesmo, fazer. Se eu tivesse a reputação de escrever sinfonias, me deixariam um pouco em paz. Enfim, resumindo." "Tu

Após Salzuit, o grupo se mudou para um local chamado *Les Petits-Bois*, próximo à cidade de Saint-Yorre, na região de Allier. Entre 1956 e 1959, eles permaneceram nesse local e foi nesse período que Yves G. chegou à tentativa. O jovem se tornou o personagem central do filme *Le Moindre Geste* e representou o primeiro encontro determinante para o desvio no trabalho de Deligny em direção a uma crítica à linguagem e ao sujeito. Durante o período em *Les Petits-Bois*, Josée Manenti adquiriu uma fazenda onde eles começaram a criar cabras e a fabricar queijo²⁵². Os filhos dos proprietários da fazenda comprada - um menino, Guy Aubert, e uma menina -, após a morte dos pais, haviam se mudado para a casa do tutor responsável que os fora designado. Guy Aubert manteve visitas frequentes à fazenda, e convidado por Manenti, acabou por se integrar ao grupo da tentativa, por meio do estabelecimento de um contrato de aprendiz. Ele não deixou o grupo durante muitos anos e se tornou uma figura central no período da tentativa em Cévennes.

Yves, filho de um casal de membros dos CEMEA, que não conseguia ler, escrever ou se comunicar de maneira coerente aos dezesseis anos de idade, possuindo traços autistas, estava destinado ao internamento psiquiátrico. Seus pais o enviaram a Deligny. A partir da vivência com Yves, Deligny aprimorou o trabalho com desenhos e traços - trabalho que marcou, no final da década de 1930, sua atuação nas classes especiais. Nos desenhos, Yves construía as figuras do

me pousses et me tarabustes pour que les gens aient de quoi lire sur la G.C. (Grande Cordée) H.D. (Huguette Dumoulin) donne des coups de boutoir parce que je jongle avec les formes d'organisation. J.M. (Josette Manenti) se plaint, qu'en fin de compte, je règle tout comme ça me chante, si bien que tout un chacun, alentour, a la sensation de n'être bon à rien, d'avoir cafouillé sans voir la bonne solution. En même temps ça change tout le temps et en même temps c'est l'affirmation simpliste des mêmes et immuables perspectives. De quoi s'agit-il? De créer une organisation, une collectivité, un exemple de collectivité (pédagogique?) qui aurait son ton et ses formes d'organisation et qui ressemblerait à la colonie Gorki autant et aussi peu qu'un Chinois à un Arabe. Je suis obligé de la protéger contre toutes les formes d'organisation qui sont, toutes armées, dans le crâne et les habitudes des uns et des autres. H.D. (Huguette Dumoulin)? tentatives communistes d'organisation de la jeunesse. J.M. (Josette Manenti)? l'entreprise artisanale paternelle. I.L. (Irène Lézine)? Makarenko + (plus) tous les mouvements de masse + (plus) les services qui marchent bien + (plus) ce que les gens sont en droit d'attendre de nous. Or, la collectivité naissante en est au stade de la bulle et quelle que soit la beauté ou la justesse ou l'harmonie rationnelle du moule proposé, il ne peut que faire crever la bulle ou la laisser se perdre dans un de ses recoins. Il ne faut pas mettre le masque de Lénine mort sur le visage d'un enfant. De temps en temps, j'essaie de dériver sur moi les exigences arbitraires, de prétendre que je ferai ce que la collectivité ne doit pas faire et, repris par le souci de la collectivité, je ne fais pas ce que j'avais proposé moi-même de faire. Si j'avais la réputation d'écrire des symphonies, on me foutrait un peu la paix. Enfin bref." (Carta à Irène Lézine de 8 de dezembro de 1955).

²⁵²"O apoio a todos esses projetos vem cada vez menos do alto, e sim de camponeses locais, ou dos laços tecidos depois de todos esses anos." "Le soutien à tous ces projets vient de moins en moins du haut, mais des paysans locaux, ou des liens tissés depuis ces années." (MIGUEL, 2016, p.75).

interior para o exterior, era do interior que ele chegava à delimitação de um contorno, e não de uma determinada borda que ele alcançava desenhar um preenchimento qualquer. Para Deligny, era através desse processo inverso à forma usual representativa de desenvolvimento de figuras desenhadas que se operava o desbloqueio corpóreo ao qual Yves estava submetido. Uma perna não é uma perna porque ela pode ser desenhada a partir da figura que a representa, uma perna se torna perna a partir daquilo que a compõe, ganhando seu contorno representativo somente após a possibilidade de traçar sua composição. "Do Allier à Cévennes, a mesma pesquisa se desenvolve, aquela de um 'meio' cuja posição tomada pudesse intervir utilmente na história toda traçada dessas crianças."²⁵³ (DELIGNY, 2007, p.220).

No começo do ano de 1959, o grupo se mudou novamente e chegou pela primeira vez à região de Cévennes, na cidade de Thoiras. Josée Manenti com a verba levantada pela venda da fazenda onde viviam no *Les Petits-Bois*, adquiriu uma propriedade onde eles passaram a viver. Numa Durand, pedreiro da região de Anduze, cuidou das obras de reforma da nova casa. Numa era pai de Any e Gisèle Durand, e ambas se tornaram figuras centrais na constituição da tentativa de Cévennes. Any se tornou companheira de Deligny, com quem teve um filho, Vincent Deligny. Gisèle participou, desde o início da nova tentativa, da organização das áreas de convivência e se tornou uma das principais responsáveis pela produção cartográfica desenvolvida durante uma década, a partir do final dos anos 1960. Ela e Jacques Lin, que como veremos, foi também central na constituição da tentativa em Cévennes, vivem até hoje em Montplaisir, na presença de alguns autistas adultos, entre os quais, Christo e Gilou, que chegaram à Cévennes ainda crianças. Gisèle e Jacques estão em nosso mais profundo agradecimento pela possibilidade da vivência em Cévennes, pelo acolhimento e parceria no trabalho de organização do material de Deligny para a continuidade da construção dos arquivos, pelas refeições partilhadas, pelos passeios, pelas conversas e pelo carinho. Pela mudança nos rumos de nossos estudos, de nossos trabalhos, de nossas vidas.

²⁵³"De l'Allier aux Cévennes, la même recherche se poursuit, celle d'un 'milieu' dont la position prise puisse intervenir utilement dans l'histoire toute tracée de ces enfants." (COPFERMANN in DELIGNY, 2007, p.220).

No período em Thoiras, Josée Manenti criava cabras e bichos-da-seda, trabalhando sempre com Yves G. e Guy Aubert. Huguette Dumoulin, além de manter uma horta na encosta do rio Gardon, trabalhava na prefeitura de Anduze. Os jovens que integravam a Grande Cordée ajudavam Numa Durand e viviam pelo território próximo. Nesse período, Deligny permaneceu com o desenvolvimento de sua pequena *escola* e com a atividade de reformas de casas. Todas as atividades contribuíam para a sobrevivência financeira do grupo.

Era preciso, naqueles anos, ter audácia para tentar, em pleno século XX, viver como na Idade Média, nas construções magníficas perdidas nas colinas de carvalhos verdes, sem eletricidade, sem água corrente que não fosse a das fontes, com um bando de crianças estranhas. Em torno dele (Deligny), nós jardinávamos, nós criávamos os cães, os bichos-da-seda, a gente trabalhava com alvenaria, buscávamos a lenha, colhíamos os cogumelos. Ele inventava jogos²⁵⁴, fabricava

²⁵⁴"A partir de 1955, Deligny tinha inventado um jogo para aprender a ler e a escrever, o 'Motima'. Esse jogo de imagens e palavras, ou 'Jogo maravilhoso do pensamento humano', era composto por sessenta cartas utilizáveis para oito jogos diferentes. O primeiro desses jogos associa três cartas: sujeito, verbo e complemento. O sujeito e o complemento são representados sob a forma de imagens, e o verbo sob a forma da palavra escrita a mão e no singular. Em um primeiro momento, Deligny desenha ele mesmo as imagens dos sujeitos e complementos, depois ele demanda à Daniel Wallard - amigo de Lille e farmacêutico em Trouville - de fotografar as coisas sujeitos e complementos. As imagens deviam ser 'belas', mas acima de tudo 'que o pão seja pão e não um gruyère, uma pedra ou um tumor, que esse pão aí seja um pedaço em sua mente (da criança) da 'abstração-pão'. Sujeitos e complementos são divididos em quatro categorias de cartas: seres humanos, animais, objetos fabricados, e natureza; a cada uma dessas categorias corresponde uma imagem-tipo, o às (às-ser humano, às-animal, etc.; o às-ser humano não devendo ser confundido com a imagem-homem ou a imagem-mulher). A imagem-às podia ser concebida seja segundo uma montagem de fragmento de imagens de sua categoria, seja ao contrário por uma imagem que não figurasse ainda naquelas de sua categoria. O primeiro jogo de fotografias foi experimentado por Irene Lèzine com crianças da cidade. Deligny reportava os 'resultados' a Daniel Wallard para o permitir fazer os ajustes nas imagens. A imagem que não era mostrada 'sozinha' se expunha a interpretações: a árvore, por exemplo, tinha sido denominada flor, vento, jardim, por causa de sua coexistência com outros elementos; uma mulher devia ser representada por inteiro, em pé, sob o risco de ser 'dessimbolizada'. A criança, precisa Deligny, contrariamente ao adulto 'que a visão normal entedia', é 'atraída pelo aspecto simbólico das coisas'. Era preciso utilizar desenhos que representassem o homem com dois braços e duas pernas 'porque ela (a criança) sabe que o homem tem duas pernas e dois braços'. Era preciso imagens 'abstratas, típicas, simbólicas, nenhum pedaço curioso de realidade'." "Dès 1955, Deligny avait inventé un jeu d'apprentissage de la lecture et de l'écriture, le 'Motima'. Ce jeu des images et des mots, ou 'Jeu merveilleux de la pensée humaine', était composé de soixante cartes utilisables pour huit jeux différents. Le premier de ces jeux associe trois cartes: sujet, verbe et complément. Le sujet et le complément sont représentés sous la forme d'images, et le verbe sous la forme du mot écrit à la main et au singulier. Dans un premier temps, Deligny dessina lui-même les images des sujets et compléments, puis il demanda à Daniel Wallard - ami lillois et pharmacien à Trouville - de photographier les choses sujets et compléments. Les images devaient être 'belles', mais surtout 'que le pain soit du pain et pas du gruyère, pas une pierre ou une tumeur, que ce pain-là soit l'amorce dans son esprit (de l'enfant) de l'abstraction-pain'. Sujets et compléments sont répartis en quatre catégories de cartes: êtres humains, animaux, objets fabriqués et nature; à chacune des catégories correspond une image-type, l'as (as-être humain, as-animal, etc.; l'as-être humain ne devant pas être confondu avec l'image-homme ou l'image-femme). L'image-as pouvait être conçue soit selon un montage de fragments d'images de sa catégorie, soit au contraire par une image ne figurant pas encore dans celles de sa

carroças de western, fazia escola para aqueles que quisessem. Uma escola engraçada por sinal: de traços, de círculos, de marcas de carvão, de desenhos primitivos, algumas vezes incríveis, até o alfabeto gigante traçado sobre um muro por um garoto que passava e que queria aprender a ler o dicionário. Mas acima de tudo, ele escrevia. Em sua mesa, desde o nascer do sol.²⁵⁵ (MANENTI, 1997, p.106)

Em 1962, eles se mudaram outra vez, ainda na região de Cévennes, para Anduze. Em 1965, diante de uma situação de precariedade insustentável, o grupo aceitou o convite de Jean Oury e se mudou para La Borde. Este ano, com a ida daqueles que ainda integravam a tentativa para a clínica de La Borde, foi o marco oficial do final da Grande Cordée. Sandra Alvarez de Toledo, no entanto, destaca diferentes momentos que podem ser tomados como um desvio suficientemente significativo para ser compreendido como o fim da tentativa: a chegada de Yves, em 1958, que, como mencionamos, operou na atuação de Deligny o início de uma construção mais específica da crítica à linguagem, tema que foi desenvolvido de maneira mais densa e radical a partir de seu encontro, durante o período em La Borde, com Janmari. Ainda, o início da gravação das cenas e sons do filme *Moindre Geste*, em 1962, pode ser considerado outro marco de descontinuidade que determinou uma transição definitiva na trajetória de trabalho de Deligny. Outro marco do ano de 1962, foi a saída de Huguette Dumoulin, personagem central da construção da Grande Cordée. Ou também a conclusão da filmagem de *Moindre Geste*, em 1965. Sandra identifica, ainda, nos anos de 1957 e 1958, outro

catégorie. Le premier jeu de photographies fut expérimenté par Irène Lézine avec les enfants de la ville. Deligny rapportait les 'résultats' à Daniel Wallard pour lui permettre d'ajuster les images. L'image qui n'était pas montrée 'seule' s'exposait à des interprétations: l'arbre, par exemple, avait été dénommé fleur, vent, jardin, à cause de sa coexistence avec d'autres éléments; une femme devait être représentée toute entière, en pied, au risque d'être 'désymbolisée'. L'enfant, précise Deligny, contrairement à l'adulte 'que la vision normale ennuie', est 'attiré par l'aspect symbolique des choses'. Il fallait se référer aux dessins qui représentent l'homme avec deux bras et deux jambes 'parce qu'il (l'enfant) sait que l'homme a deux jambes et deux bras'. Il fallait des images 'abstraites, typiques, symboliques, pas un morceau curieux de réalité.' (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, pp.401/402).

²⁵⁵"Il fallait dans ces années-là de l'audace pour tenter, en plein XX^{ème} siècle, de vivre comme au Moyen Âge, dans des bâtisses maquignifiques perdues dans les collines de chênes verts, sans électricité, sans eau courante si c'est n'est celles des sources, avec une bande d'enfants étranges. Autour de lui (Deligny) on jardinait, on élevait des chiens, de vers à soie, on maçonait, on ramassait le bois, on cueillait les champignons. Lui inventait des jeux, fabriquait des chariots de western, faisait l'école à ceux qui en voulaient. Drôle d'école d'ailleurs: des traits, des ronds, des taches au fusain, des dessins primitifs parfois superbes, jusqu'à l'alphabet géant tracé sur un mur par un garçon passé par là et qui voulait apprendre à lire le dictionnaire. Mais surtout, il écrit. À sa table, dès l'aube." (MANENTI, *in* CHIMERES, n° 30, 1997, p.106).

possível fim da tentativa, quando a mesma deixa de ser uma rede, motivo pelo qual ela se constituiu. (DELIGNY, 2007, p.384).

São diversos os marcos possíveis para o fim da tentativa, mas, como vimos, ele foi fruto de uma conjuntura política que determinou a saída do partido comunista do governo e a consequente fragilidade do mesmo na esfera institucional; dos entraves da própria relação de Deligny com o partido; de suas divergências com atores e instituições cuja importância era crescente em um cenário de consolidação do campo da infância inadaptada; e consequentemente de uma fragilização administrativa e financeira insustentável.

Mas o que colocar na ostra para que se produza a pérola? A ostra éramos nós, dois ou três adultos e uma quinzena de casos de todas as raças que me haviam sido enviados: os serviços sociais teimavam em considerar a Grande Cordée como ainda existente, malgrado seu naufrágio. Nós estávamos no Haute-Loire. Por que não o Haute-Loire? A posição tomada foi de criar uma cooperativa de construção, comprar uma casa um tanto destruída, recolocá-la em bom estado do porão até a chaminé, o que foi feito em pleno Brioude. O mais velho do bando tinha dezesseis anos. Ele tinha trabalhado com construção. Aquilo funcionava. Mas eu tinha me tornado astuto e para sustentar o efeito do projeto comum que culminava com a revenda da casa e com a divisão dos benefícios ou no reinvestimento em uma nova compra (nos teria sido necessário comprar uma rua), eu tinha ultrapassado com outro projeto: fazer um filme documentário sobre aquilo que se passava verdadeiramente. Dito de outra forma, fora o projeto sugerido, eu concretizava uma demanda que vinha do mundo inteiro e que poderia ter sido formulada assim: - Nós outros, espectadores das salas de cinema, nós queremos saber, como uma tropa de ferrados, de alcoólatras prematuros, de incapazes, de pretensiosos, de rejeitados das casas de crianças, vão se virar...²⁵⁶ (DELIGNY, 2007, p.424)

O pacote de bobinas...chegou bem. Nós o abrimos há pouco para filmar a partida do caminhão Chatier no qual embarcaram Antoine M. e Larandeu e o

²⁵⁶"Mais quoi mettre dans l'huître pour que se fasse la perle? L'huître, c'était nous, deux ou trois adultes et une quinzaine de cas de toutes les races qui m'avaient été envoyés: les services sociaux s'entêtaient à considérer La Grande Cordée comme toujours existante malgré son sabordage. On était dans la Haute-Loire. Pourquoi pas la Haute-Loire? La position prise fut de créer une coopérative bâtiment, de racheter une maison très délabrée, de la remettre en état de la cave à la cheminée, ce qui fut fait en plein Brioude. Le plus vieux de la bande avait seize ans. Il avait travaillé dans le bâtiment. Ça marchait. Mais j'étais devenu rusé et, pour soutenir l'effet du 'projet commun' qui aboutissait à la revente de la maison et au partage des bénéfices ou au réinvestissement dans un nouvel achat (on a failli acheter une rue), je l'avais doublé d'un autre projet: tourner un film documentaire sur ce qui se passait vraiment. Autrement dit, outre le projet suggéré, je concrétisais une demande venue du monde entier et qui aurait pu se formuler ainsi: – Nous autres, spectateurs des salles de cinéma, on voudrait bien savoir, voir, comment une troupe de mal-foutus, d'alcooliques prématurés, d'incapables, de prétentieux, de rejetés des maisons d'enfants, vont s'y prendre..." (DELIGNY, 2007, p.424).

equipamento da cooperativa em direção ao canteiro de Brioude.²⁵⁷ (Carta à Irene Lèzine de 14 de setembro de 1955)

No texto *Caméra Outil Pédagogique*, publicado na revista *Vers l'Éducation Nouvelle* em 1955, Deligny afirma o cinema como uma importante ferramenta pedagógica, ferramenta que se constituiu em uma verdadeira *língua*, a partir de uma função de construção de significados para crianças e jovens que não podem utilizar a linguagem escrita e que possuem uma defasagem em relação à linguagem falada. O cinema para Deligny foi, ao longo dos anos, uma forma outra de *linguagem*, forma capaz de escapar ao império da palavra dominante. A imagem, como o gesto, não possuía para ele uma função de representação da realidade, mas de *apresentação* do mundo²⁵⁸. Como a própria organização das áreas de convivência, a atividade de filmar - ou como Deligny chamou, de *camerar*²⁵⁹, infinitivo que teve por objetivo deslocar o foco do resultado e do produto e colocá-lo na ferramenta²⁶⁰ e na ação - foi uma ferramenta de construção de um espaço comum. O cinema constituiu uma forma de dar a ver, sem interpretar, sem julgar, sem definir previamente, as formas de vida das crianças e jovens que passaram pelas tentativas, desde a Grande Cordée até Cévennes.

Deligny cultivava uma relação com o cinema há muitos anos e, em Lille, na sua juventude, ele acompanhava tudo que passava no cinema da cidade. Como esclarece Sandra Alvarez de Toledo, na década de 1950, o cinema na França passou a ter um papel político e educativo significativo, especialmente nos setores da esquerda. Em 1944, foi criada uma Comissão Ministerial de Cinema de Ensino,

²⁵⁷"Le paquet de bobines...est bien arrivé. Nous l'avons ouvert tt (tout) à l'heure pour filmer le départ du camion Chathier (vérifier) qui embarquait Antoine M et Larandeu et l'outillage de la coopérative vers le chantier de Brioude." (Carta à Irene Lèzine de 14 de setembro de 1955).

²⁵⁸"A imagem, o desenho, a foto, o cinema, são verdadeiramente, eles também, especificamente humanos, e vê-se mal o homem perdendo pouco a pouco o uso da palavra e, assim, do pensamento, por causa da abundância de imagens diretamente reproduzidas." "L'image, le dessin, la photo, le cinéma sont vraisemblablement, eux aussi, spécifiquement humains et on voit mal l'homme perdant peu à peu l'usage de la parole, donc de la pensée, de par l'abondance des images directement reproduites." (DELIGNY, 2007, p.415).

²⁵⁹Deligny utiliza o verbo *camérer* - camerar - no lugar de *filmer* - filmar -, devido a centralidade da ação e do processo em detrimento do produto e do resultado. Ademais, o infinitivo que designa o processo se aproxima mais da noção que ele introduz, a câmera enquanto ferramenta e não enquanto instrumento. A ferramenta é concebida, por ele, como uma extensão do corpo e, assim, a câmera se liga a uma atividade, uma ação, diferentemente de um instrumento - algo exterior ao corpo e utilizado com a finalidade de alguma produção específica. (ver nota seguinte).

²⁶⁰Deligny faz uma distinção entre ferramenta e instrumento, optando pela noção de ferramenta. Ele compreende esta (em francês *outil*) como uma extensão do corpo, enquanto um instrumento estaria ligado a uma ideia de produtividade.

presidida por Henri Wallon, e direcionada para a divulgação do cinema enquanto ferramenta de ação política e social. Em 1949, foi fundada a Federação Francesa de Cineclubes da Juventude, composta, entre outros, por membros dos CEMEA. Os cineclubes funcionavam a partir do engajamento dos próprios jovens, sendo a administração e a escolha dos filmes de responsabilidade de um grupo de adultos²⁶¹. No entanto, as iniciativas que se engajavam no uso do cinema apenas como ferramenta de constituição de uma relação pedagógica com os jovens se distanciavam da tentativa de Deligny nesse mesmo âmbito. A perspectiva de Deligny sobre o papel do cinema foi uma tomada de posição política. Durante a Grande Cordée, ele teve como intuito garantir aos jovens, através de sua própria ação, um meio para construir e divulgar um texto próprio sobre suas vidas. Tal narrativa deveria ser elaborada a partir da captura de imagens cotidianas. O filme se tornaria, assim, veículo de transmissão de uma realidade, instrumento capaz de alcançar aqueles que desejavam que essas vidas à margem permanecessem o mais distante possível dos âmbitos de uma vida considerada normal. Essa assustadora margem que deveria ser excluída e reprimida ou reeducada e moldada.

Deligny se posiciona a partir de uma perspectiva mais política e menos didática. O dispositivo do filme a ser feito com os jovens da Grande Cordée o interessava mais do que o filme em si, e a câmera como ‘ferramenta pedagógica’ mais do que como ferramenta de produção de um objeto. Ele começou a refletir sobre isso durante o verão de 1954, quando a Grande Cordée organizou uma vivência de férias em Vercors. Os garotos (uma quinzena) tinham autofinanciado suas estadias fazendo a colheita em uma grande propriedade e organizando projeções com um aparelho Debrie 16mm nas vilas do entorno. *Tempestade sobre a Ásia* de Vsevolod Poudovkine e *A Marsehesa* de Jean Renoir por dez francos nas granjas ou nos hotéis. Era verão, a temporada turística. Huguette Dumoulin tinha alugado os filmes na Liga de ensino e os adolescentes rodavam por Vercors em uma 4 CV dirigida por Josée Manenti. Para Deligny, o cinema era uma oportunidade, pedagógica e artística, de ligar os garotos dispersos nas estadias experimentais.²⁶² (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.399)

²⁶¹Durante o período da Grande Cordée e também em La Borde, Deligny participou da organização de alguns cineclubes. Um dos filmes projetados nesses encontros foi o *Tempestade sobre a Ásia*. O filme se passa no período da Primeira Guerra Mundial e retrata a ocupação da Mongólia pelo Exército Branco da Rússia (ex-tzaristas e cadetes), com apoio dos Aliados, como a Inglaterra e a França.

²⁶²"Deligny se place dans une perspective plus politique et moins didactique. Le dispositif du film à faire avec les garçons de La Grande Cordée l'intéressait plus que le film lui-même, et la caméra comme 'outil pédagogique' plus que comme outil de production d'un objet. Il commençait à y réfléchir pendant l'été 1954, quand La Grande Cordée organisait un séjour de vacances dans le Vercors. Les garçons (une quinzaine) avaient autofinancé leur séjour en faisant les fenaisons d'un grand domaine, et en organisant des projections avec un appareil Debrie 16 mm dans les hameaux alentour. *Tempête sur l'Asie* de Vsevolod Poudovkine et *La Marseillaise* de Jean Renoir étaient

Deligny afirma em *Caméra Outil Pédagogique* que o cinema deve ser um processo de fabricação em relação ao qual os jovens possam ter a compreensão de como ele funciona. Tomando o mesmo algo mágico, algo que se produz de forma totalmente desvinculada de sua atuação, os jovens, para Deligny, estariam sob o risco de serem totalmente assujeitados por sua produção. Esse foi um dos principais princípios que orientaram o início do seu trabalho com o cinema. Com as câmeras nas mãos, os adolescentes deveriam saber, do início ao fim, como se constituía o processo de fabricação de imagens, da mesma forma que ao ver um desenho eles poderiam facilmente compreender como foi feito o traço.

Evidência...evidência que é preciso olhar de mais perto. Do momento em que uma criança vê um desenho, ele desenha ou ao menos conhece o ato de traçar. O teatro, a criança diz desde o início do que ele é feito: ele fala e faz mímicas ele mesmo. Ao cinema, a criança está submetida. Assiste-se a um filme um pouco como vê-se uma montanha ou o mar. Mesmo uma rua, as casas são uma realidade em relação à qual a criança ou o adolescente sabe que o homem, seu semelhante, seu irmão mais velho, é o autor, o criador: uma criança, um jovem, uma jovem, brincam de fazer casas. Mas um filme? Eis que ele propõe a vocês a 'realidade' fotografada. Não se sente que alguém o fez como quando se trata de um desenho, por exemplo. Eu nunca vi crianças brincarem de fazer um filme. É verdade que eu não vi brincar todas as crianças, mas eu acredito que elas 'ignorem' a parte exata do homem na criação cinematográfica, mesmo se elas sabem como um filme é fabricado. O filme dá uma impressão primeira de realidade diretamente reproduzida, uma realidade extraída da realidade natural.²⁶³ (DELIGNY, 2007, p.415)

projetés pour dix francs dans les granges ou les hôtels. C'était l'été, la saison touristique. Huguette Dumoulin avait loué les films à la Ligue de l'enseignement et les adolescents sillonnaient le Vercors dans une 4 CV conduite par Josée Manenti. Pour Deligny, le cinéma était une opportunité, pédagogique et artistique, de fédérer les garçons dispersés dans les séjours d'essai." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.399).

²⁶³"Évidence...Évidence qu'il faut regarder de plus près. Du moment qu'un enfant voit un dessin, il dessine ou du moins connaît l'acte de tracer. Le théâtre, il sait d'emblée de quoi c'est fait: il parle et mime lui-même. Le cinéma, il le subit. On regarde un film un peu comme on regarde une montagne ou la mer. Même une rue, des maisons sont une réalité dont l'enfant ou l'adolescent sait que l'homme, son semblable, son aîné, est l'auteur, le créateur : un enfant, garçon ou fille, joue à faire des maisons. Mais un film? Voilà qu'il vous propose la 'réalité' photographiée. On ne sent pas que quelqu'un l'a fait comme lorsqu'il s'agit d'un dessin, par exemple. Je n'ai jamais vu d'enfants jouer à faire un film. Il est vrai que je n'ai pas vu jouer tous les enfants, mais je crois qu'ils 'ignorent' la part exacte de l'homme dans la création cinématographique, même s'ils savent comment un film est fabriqué. Le film donne une impression première de réalité directement reproduite, une réalité extraite de la réalité naturelle." (DELIGNY, 2007, p.415).

Para Deligny, era importante que na tentativa houvesse uma câmera disponível para que os adolescentes pudessem experimentar esse processo e pudessem produzir com ela uma narrativa - fora da palavra - sobre aquilo que eles vivenciavam em seus cotidianos, como eles percebiam suas próprias vidas, os lugares onde habitavam, a realidade onde estavam inseridos. Um dos projetos pensados por Deligny e outros membros da Grande Cordée foi o de dar aos jovens câmeras para que registrassem tudo aquilo que suas percepções captassem da vida de seu próprio entorno, de suas casas, das redes que compunham seus territórios de origem. Depois, alguns meses passados, afastados desse local, os jovens retomariam os registros, podendo compreender as mudanças operadas em suas perspectivas sobre esses espaços, sobre essas realidades, a partir da vivência em outro meio. A experimentação com o cinema foi, no entanto, sempre limitada em decorrência dos custos que ela impunha - a compra e a manutenção dos equipamentos, das películas, o trabalho de edição. Nenhum projeto de filme elaborado durante a Grande Cordée chegou a ser finalizado. O único filme proveniente de registros desse período e filmado por Deligny em parceria com outros integrantes da tentativa é o *Le Moindre Geste*.

No mesmo texto, ele conta uma experiência vivida em 1954, no primeiro momento de afastamento de Paris, em que o grupo se encontrava em Vercors durante o verão. Eles eram quinze adolescentes, entre treze e dezoito anos, dois adultos - Deligny e Huguette - e uma jovem de vinte anos que acompanhava o grupo. Os jovens tinham se deslocado para o local uma semana antes e o responsável pelo grupo era um de seus integrantes mais velhos, de dezesseis anos. Todos ficaram acampados, em uma precária barraca, sujeitos a qualquer mudança climática. Um camponês da região, então, ofereceu ao grupo abrigo em uma habitação que se encontrava abandonada desde a resistência organizada pelos *maquisards*²⁶⁴ durante a Segunda Guerra Mundial. Desse encontro surgiu o projeto de um filme. Os adolescentes, com uma câmera, reconstituíam a história do *maquis* a partir da memória dos habitantes locais. Este foi o primeiro projeto

²⁶⁴Os *maquisards*, integrantes dos *maquis* (expressão que designa se refugiar nas florestas como forma de escapar a alguma autoridade), foram parte da Resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial e que se organizaram em regiões pouco povoadas, florestas ou montanhas - em geral na região da Bretanha, no Maciço Central, no sul, e nos Alpes. O nome *maquisard* é uma referência a um tipo de vegetação da região mediterrânea. O objetivo dos grupos foi a utilização de técnicas de guerrilha para fazer frente as milícias e as tropas alemãs de ocupação. A expressão *maquis* pode designar o grupo de *maquisards* ou o próprio lugar onde eles estão organizados.

cinematográfico elaborado por Deligny que, no entanto, nunca foi realizado por ausência de recursos.

O trabalho com as filmagens, além de garantir aos jovens a apreensão de uma linguagem específica a partir de seu envolvimento direto na captura das imagens e no manejo de sua produção, possuiria outra função central. Os filmes, resultado das gravações do dia a dia da Grande Cordée, se tornariam a memória coletiva da própria tentativa. O procedimento de captura das imagens se dava da seguinte forma: a cada noite, o jovem responsável da semana era incumbido de organizar, junto aos demais, o emprego de tempo de cada um, as atividades às quais cada adolescente se vincularia²⁶⁵. A partir dessa programação, o adolescente responsável deveria, durante a execução das atividades escolhidas, estar atento a possíveis imagens a serem registradas.

Se durante essas atividades, o responsável da semana percebe uma 'cena' que pareça interessante, ele a filma, se ele é capaz de manejar uma câmera. Se não, ele chama um 'operador', isto é, um outro garoto que já é suficientemente experiente para não estragar a película. Acontece frequentemente de um antigo da Grande Cordée escrever ou vir nos ver com novos recursos. Ou ainda, que um garoto que havia partido em estadia experimental volte para a estadia de orientação, para reorganizar suas intenções. O filme o qual um e outro registraram alguns pedaços é o objeto das primeiras conversas. Onde está o filme? Ele é a memória da organização, memória golpeada por longos períodos de amnésia, mas eu acredito que assim que possamos proceder a uma primeira montagem das bobinas, nós teremos algo melhor do que uma memória coletiva: nós teremos as premissas de uma consciência própria da coletividade Grande Cordée.²⁶⁶ (DELIGNY, 2007, p.416)

²⁶⁵"O simples fato de pedir a três garotos de 15-16 anos para definir seus empregos de tempo do dia seguinte (eles são totalmente 'livres' sob condição de estarem em dia com suas 'previsões' escritas na véspera) revela um Everest ou Himalaia pedagógico. Sou eu que te digo e você sabe a que ponto eu tenho a linguagem comedida e a imagem acima de tudo discreta." "Le simple fait de demander à trois gars de 15-16 ans de préciser leur emploi du temps du lendemain (ils sont entièrement 'libres' à condition d'être en règle avec leur 'prévision' rédigée la veille) révèle un Everest ou Himalaya pédagogique. C'est moi qui te le dis et tu sais à quel point j'ai le langage mesuré et l'image plutôt discrète." (Carta à Irene Lèzine de 13 de maio de 1955).

²⁶⁶"Si, au cours de ses tournées, le responsable de semaine perçoit une 'scène' qui lui paraît intéressante, il la filme s'il est capable de manier la caméra. Sinon, il fait appel à un 'opérateur', c'est-à-dire un autre garçon qui est déjà suffisamment expérimenté pour ne pas gâcher la pellicule. Il arrive souvent qu'un ancien de La Grande Cordée écrive ou vienne voir où nous en sommes avec les nouvelles recrues ou bien qu'un garçon parti en séjour d'essai revienne en séjour d'orientation pour remettre au point ses intentions. Le film dont l'un et l'autre ont tourné quelques bribes est l'objet des premiers propos échangés. Où en est le film? Il est la mémoire de l'organisation, mémoire frappée de longues périodes d'amnésie, mais je crois que lorsque nous aurons pu procéder à un premier montage des bobines, nous aurons mieux qu'une mémoire collective: nous aurons les prémices d'une conscience propre à la collectivité Grande Cordée." (DELIGNY, 2007, p.416).

Assim, Deligny concebia a atividade de filmagem também como uma forma de criar um sentido - e uma memória - coletivo da Grande Cordée. Para ele, o próprio princípio de funcionamento²⁶⁷ da tentativa, sua dispersão territorial como forma de garantir o encontro pelos jovens de circunstâncias mais favoráveis, assim como de esquiva à captura institucional, era pouco propício para a formação de um sentido coletivo partilhado entre seus integrantes e para a construção de um *costumeiro* entre os adolescentes. A construção comum do espaço apareceu, portanto, como um dos eixos essenciais para a formação coletiva da memória de um grupo; era a relação com o espaço, a princípio, que promoveria a produção de uma memória coletiva. O trabalho de filmagem foi, assim, a possibilidade de criação desta memória da organização, e se tornou instrumento para pensar outros sentidos de coletividade. Necessidade imposta pela dispersão territorial da tentativa que limitava a formação de uma rotina partilhada, de um *costumeiro*, essencial para a transmissão da memória do dia a dia.

Para Deligny, ao mesmo tempo que a dispersão era essencial para a estratégia de esquiva de todas as formas de sujeição vivenciadas pelos adolescentes - se não era possível confrontar, certamente era necessário esquivar - era também essencial construir um sentido coletivo que pudesse garantir aos jovens a sensação de pertencimento a uma iniciativa comum, partilhada. Tornada pública e visível, dando à experiência um lugar.

E, no entanto, eles têm necessidade de uma 'coletividade' ou, ainda, de um meio de apoio que os informe, que os 'inspire' de uma maneira um pouco coerente e

²⁶⁷"Nossa coletividade pedagógica em sua luta contra as forças inimigas (quer dizer: a ausência de aprendizado, a 'moral' das classes em putrefação cujas contradições e as filosofias encontram um terreno profícuo, mesmo sob as formas coloquiais, nas mentalidades as mais frágeis) deve se inspirar em uma 'estratégia' mais maquisarde. A centena de garotos da colônia Gorki poderia fazer frente a uma sociedade em curso de organização de suas perspectivas de futuro. Para os nossos, fazer frente seria fazer alvo. Eles multiplicam suas chances de se safar em se dispersando em um país onde apenas sua exploração é conscientemente prevista, enquanto mão-de-obra instável." "Notre collectivité pédagogique dans sa lutte contre les forces ennemies (c'est-à-dire: le manque d'apprentissage, la 'morale' de classes pourrissantes dont les contradictions et les philosophies trouvent un terrain d'élection, même sous forme de formules argotiques, dans les mentalités des plus faibles) doit s'inspirer d'une 'stratégie' plus maquisarde. La centaine de gosses de la colonie Gorki pouvait faire front dans une société en train d'organiser ses perspectives d'avenir. Pour les nôtres, faire front serait faire cible. Ils multiplient leurs chances de s'en tirer en s'éparpillant dans un pays où rien n'est consciencieusement prévu que leur exploitation, en tant que main-d'oeuvre instable." (DELIGNY, 2007, p.417).

acompanhada, que os forneça razões de ser, pois a maior parte deles se sente em excesso sobre a terra, onde tudo se passa como se, efetivamente, eles não pudessem nada fazer. O filme os dá uma razão de ser. Eles tem um desafio. Eles foram tratados como jovens de comportamento turbulento, de deficientes, de 'doentes', de resto. Eles podem se tornar exemplos. Com a câmera, o mundo os assiste, o mundo dos Outros, que não se importava com eles, e será a testemunha daquilo que eles fazem a cada dia. Posto em cena? Não. Tornado visível. Tornado claro. Posto em público²⁶⁸. (DELIGNY, 2007, p.417).

A atividade com a câmera se tornou, assim, efetivamente uma ferramenta, em relação a qual o filme, o produto, era o menos importante. Eles rodaram filmes sem película. Foi um verdadeiro meio para que os adolescentes se colocassem em relação com a sua rotina, com o que poderia os conectar a partir de um sentido comum, uma forma de construir uma coletividade que não se definia pela partilha de um espaço físico ou de uma organização de vida específica. No texto *Le Groupe et la Demande*, Deligny, voltando aos tempos de seu trabalho em Armentières, se pergunta sobre qual era o grupo que eles formavam naqueles tempos. Essa questão que se tornou central para Deligny é, também, essencial para pensarmos sua crítica institucional. Que *formas* de grupos, que *formatos* coletivos, são possíveis de serem pensados e quais suas ligações com a esfera institucional? Quais formas de funcionamento são compartilhadas, quais estruturas são reproduzidas, quais eixos formam as estruturas coletivas e reproduzem os desenhos institucionais mais rígidos, quais os limites de iniciativas outras que o quadro institucional formal do Estado ou as experiências privadas diretamente relacionadas a esse quadro? O novo momento da trajetória de Deligny, que se iniciou na Grande Cordée e se desenvolveu em Cévennes, colocou uma importante questão sobre o processo institucional: seria possível pensar uma experiência humana que não pressupõe um tipo de Estado desde sempre existente e para o qual toda criação tenderia? Dito ainda de outro jeito, um processo pode se manter permanentemente enquanto processo ou ele necessariamente tenderia à cristalização de determinadas formas destinadas a

²⁶⁸"Et pourtant ils ont besoin d'une 'collectivité' ou, si l'on veut, d'un milieu d'appui qui les informe, les 'inspire' d'une manière un peu cohérente et suivie, qui leur fournisse des raisons d'être car, pour la plupart, ils se sentent trop sur une terre où tout se passe pour eux, comme si, effectivement, ils n'avaient rien à y faire. Le film leur donne une raison d'être. Ils ont une preuve à faire. On les a traités de caractériels, de déficients, de 'malades', de déchets. Ils peuvent devenir des exemples. Avec la caméra, le monde les regarde, le monde des Autres, qui n'avaient rien à faire d'eux, et seront tout à l'heure les témoins de ce qu'ils font chaque jour. Mise en scène? Non. Mise en vue. Mise au clair. Mise en public." (DELIGNY, 2007, p.417).

desenhar lugares de dominação? E se essa tendência é necessariamente presente, quais estratégias de esquiva podem ser eficazes para permanentemente destituí-la?

A partir de 1955, quando a tentativa definitivamente se dispersou pelo território da França, o projeto coletivo passou, então, a se construir em um sentido inverso da formação de uma coletividade comunitária. Foram destituídos da experiência partilhada os pressupostos que mais comumente organizam as experiências conjuntas: a função de cada um no coletivo; suas normas específicas de organização, impostas para todo o grupo; os lugares hierárquicos; os princípios de ação, de trabalho, de educação; a divisão de tarefas; entre tantos outros. Esse período marcou, assim, o início definitivo da reflexão de Deligny sobre as diferenças entre as concepções de comunidade ou de coletivo e de *comum* - uma reflexão sobre o *comum* como algo que se diferencia de uma *reunião de sujeitos*.

Parece-me necessário e possível pesquisar quais poderiam ser, na prática, as formas de organização de uma coletividade pedagógica na qual os membros, quaisquer que sejam suas idades, não tenham um modo de vida comunitário. A 'produção' dessa coletividade será um filme documentário que mostrará como as crianças sem um porvir podem construir um para si, qual e como. Essa 'produção' - documentário permanente do qual alguns extratos poderiam ser mostrados em um filme apresentável - é a razão de ser da coletividade pedagógica grande cordée. Aquele que, de uma maneira ou de outra, não trabalha no filme, não tem nada a fazer aí.²⁶⁹ (Carta à Irene Lèzine de 12 de março de 1955).

Eu tenho razão em querer uma composição original ou eu estou errado? O filme será feito? Ele terá aquilo que eu sinto ser possível? Eu não tenho a menor certeza. Mas eu sei também que se nós chegarmos a fazer esse filme, um bom número de educadores poderão se apoiar nele durante um certo tempo. A colaboração (trabalho coletivo) e a distância não tem nada a ver, ou ainda, essa distância entre os membros do grupo coletivo de trabalho, eu sempre a senti necessária para evitar todos os inconvenientes monásticos da comunidade.²⁷⁰ (Carta à Irene Lèzine de 14 de março de 1955)

²⁶⁹"Il me semble nécessaire et possible de rechercher qu'elles peuvent être, dans la pratique, les formes d'organisation d'une collectivité pédagogique dont les membres, quel que soit leur âge, n'ont pas un mode de vie communautaire. La 'production' de cette collectivité sera un film documentaire qui montrerait comme des enfants sans avenir peuvent s'en bâtir un quand même, lequel et comment. Cette production - documentaire permanent dont des extraits pourraient être montrés en film présentable - est la raison d'être de la collectivité pédagogique grande cordée. Celui qui, d'une manière ou d'une autre, ne travaille pas au film n'a rien à y faire." (Carta à Irene Lèzine de 12 de março de 1955).

²⁷⁰"Ai-je raison de vouloir tenter une composition originale, ai-je tort? Le film se fera-t-il ? Aura-t-il cette que je sens possible? Je n'en ai pas l'ombre de la moindre certitude. Mais je sais aussi que si nous arrivions à faire ce film, bon nombre d'éducateurs pourraient s'appuyer dessus pendant un certain temps. La collaboration (le travail collectif) et la distance n'ont rien à voir ou plutôt cette distance entre les membres du groupe collectif de travail, je l'ai toujours sentie nécessaire pour

É importante notar, que a câmera passou, também, a estruturar uma certa 'posição pedagógica' de Deligny, uma aposta em uma dinâmica de organização do grupo. Através do trabalho com os projetos coletivos dos filmes da Grande Cordée, Deligny podia, por exemplo, determinar quem iria participar de determinadas filmagens, da construção dessa memória²⁷¹. Ele podia incluir ou retirar cenas em uma eventual montagem final. Como ele diz na carta à Lèzine, muitos educadores poderiam se apoiar nos filmes que fossem produzidos.

Nesse período, portanto, vemos o lugar do educador com uma certa ingerência na organização do grupo, mesmo que, como na experiência nas escolas, esse lugar fosse deslocado a partir da efetiva participação dos jovens na criação coletiva. Esta posição foi ainda mais deslocada pelo movimento no qual a centralidade era dada ao processo de criação conjunta e não ao produto final - o filme enquanto meta determinante dessa produção²⁷². Assim, esse lugar surgido a partir da organização das atividades de filmagem não delineava o tradicional lugar do mestre que ensina, mas desenhava um espaço onde os jovens podiam, também,

éviter tous les inconvénients monastiques de la communauté." (Carta à Irene Lèzine de 14 de março de 1955).

²⁷¹"Se tudo estiver adequado, a meu contento, daqui a pouco, eles irão para a pescaria, com uma permissão para cinco, e uma vara de pescar. Maurice A., dezessete anos, disse que ele não sairá. O inimigo para ele é o bistrô. É um inimigo numeroso. Maurice A. se esconde. Ele foi filmado lidando com o gesso e o cimento no pequeno canteiro que ele organizou ao chegar aqui. Ele sabe que, se ele voltar a beber, o pedaço de filme onde ele existe, chefe de canteiro, será guardado por um longo tempo, até o momento em que ele viva realmente uma vida em harmonia com as primeiras imagens." "Si tout est propre à mon gré, tout à l'heure, ils iront à la pêche, avec un permis pour cinq, et une gaule. Maurice A., dix-sept ans, a dit qu'il ne sortirait pas. L'ennemi pour lui, c'est le bistrot. C'est un ennemi nombreux. Maurice A. se planque. Il a été filmé aux prises avec plâtre et ciment sur le petit chantier qu'il a démarré en arrivant ici. Il sait que, s'il se remet à boire, le morceau de film où il existe, chef de chantier, sera mis en réserve pour longtemps, jusqu'à temps qu'il vive réellement une vie en harmonie avec les premières images." (DELIGNY, 2007, p. 417).

²⁷²"A presença de Makarenko (sua permanência) em seu escritório sempre me deu vontade de fazer melhor, ou seja, que as relações se teçam, se ornem, melhorem, na ausência (ou 'na' presença distante) do educador. Ora, de fato, para que as relações falsas (que correspondem aos hábitos anteriores) não se solidifiquem, é preciso estar todo o tempo as quebrando (como um [sic] que não gostaria que 'seu' pedaço de rio, aquele que passa em frente a 'sua' casa, fosse pego pelo gelo e passaria seu inverno utilizando o martelo): um pequeno martelo de joalheiro contra o inverno, será que isso pode dar conta?" "La présence de Makarenko (sa permanence) dans son bureau m'a toujours donné envie de faire mieux, c'est à dire que les rapports se tissent, s'ornent et s'améliorent en l'absence (ou 'en' la présence lointaine) de l'éducateur. Or, en fait, pour que les faux rapports (qui correspondent aux habitudes antérieures) ne se solidifient pas, il faut tout le temps être en train de les casser (comme un [sic] qui ne voudrait pas que 'son' bout de rivière, celui qui passe devant 'sa' maison, soit pris par les glaces et passerait son hiver à jouer du marteau) : un petit petit marteau de bijoutier contre l'hiver, est-ce que ça peut faire?" (Correspondência com Irene à Lèzine de 27 de junho de 1955).

construir uma posição, desenhar seus próprios percursos de *aprendizado*. Estratégia através da qual foi possível pensar um processo *pedagógico* que não fosse definido pelo movimento de *semelhança* da criança e dos jovens ao mundo e às normas adultas. Se a imaginação era compreendida a partir da ideia de que ela é "uma faculdade passiva, de pura receptividade" e que "imaginar significa se representar imagens conhecidas anteriormente"²⁷³, o filme como estratégia operou, como os desenhos no final da década de 1930, um processo de liberação das crianças da imaginação e de abertura para a criação.

O educador, em todo caso, tem como tarefa interromper a imaginação - e, assim, a ideologia. Não é o caso dele dar todas as premissas daquilo que acontecerá - e é por essa razão que existe um intervalo criador, onde alguma coisa nova, inesperada, e sem um sentido dado, pode surgir. Nesse movimento de interrupção e na sua ligação com um material concreto, a imaginação abandona sua passividade intrínseca se tornando ativa.²⁷⁴ (MIGUEL, 2016, p.118)

O debate sobre a posição ocupada pelo educador se estende por diferentes âmbitos institucionais e coloca como importante questão a reflexão sobre os possíveis desenhos e formatos no que tange a organização de grupos. Os coletivos podem se direcionar para formatos mais marcados pela divisão hierárquica das diferentes funções do grupo ou se direcionar para formatos mais horizontalizados. De um extremo ao outro, as possibilidades são inúmeras e a questão da organização e da estruturação das funções nos âmbitos coletivos é essencial para a reflexão crítica institucional.

Nesse sentido é importante lembrar que, desde a primeira tentativa, a afirmação de uma posição hierárquica superior esteve em questão para Deligny. Ele, através da estratégia de contar uma história, pretendeu deslocar a compreensão sobre o lugar do educador. Essa questão será ainda central na análise do período de Cévennes. Na experiência de uma rede já completamente fora do quadro institucional do Estado, qual o lugar organizacional ocupado tanto pelas

²⁷³"...est une faculté passive, de pure réceptivité. Imaginer signifie se représenter des images connues d'avance, tourner en rond." (MIGUEL, 2016, p.117).

²⁷⁴"L'éducateur, en tout cas, a comme tâche d'interrompre l'imagination – et ainsi l'idéologie. Il ne lui revient pas de donner toutes les prémisses de ce qui aura lieu – et c'est pour cette raison qu'il y a un intervalle créateur, où quelque chose de nouveau, d'inattendu et sans un sens donné peut surgir. Dans ce mouvement d'interruption et dans sa liaison à un matériau concret, l'imagination abandonne sa passivité intrinsèque en devenant active." (MIGUEL, 2016, p.118).

presenças próximas nas diferentes áreas de convivência como por Deligny, enquanto ponto de encontro e articulação da rede? Dessa questão se desdobra outra que trabalhamos ao longo do texto: a transição de Deligny de uma perspectiva do trabalho coletivo, compreendido a partir de uma noção comunitária de coletividade como forma de definir o trabalho em rede, para a compreensão da composição das tentativas como uma vida *comum*. Como afirmamos, essa transição foi uma marca essencial em seu trabalho.

A partir da experiência do segundo período da Grande Cordée, e apesar das dificuldades impostas pela dispersão, a amplidão do território fora da cidade e a amplidão do trabalho fora das instituições do sistema do Estado passaram a ser compreendidas como essenciais para a constituição de um outro sentido coletivo. Nesse período, o cinema, como forma de liame entre os adolescentes, e desses com seus territórios e com as atividades desenvolvidas, se tornou a ferramenta de construção desse comum a partir de outros parâmetros.

Primeiramente, pesquisar uma prática, ou formas de organização de uma coletividade de jovens que 'não tem um modo de vida comunitário'. Nós vimos a insistência crescente de Deligny sobre o fato que ele não pode reproduzir a ideia comunitária das coletividades makarentistas, pois o contexto é radicalmente outro. A ideia de comunidade será, para além disso, cada vez mais afastada por Deligny. À estratégia concentracionária, ele opõe aquela da *dispersão* - cuja realização é a ideia de *rede*. No contexto do capitalismo do pós-guerra, do fechamento institucional, do anticomunismo e do retorno forçado à ordem, são necessárias outras estratégias de organização. Pois 'fazer frente será fazer alvo' como o fechamento do COT havia mostrado. Se na União Soviética existe um projeto concreto de porvir para os jovens, se existe um Estado forte que se ocupa disso, na França a situação é outra e o único porvir possível para esses jovens seria, no melhor dos casos, se tornar uma mão-de-obra instável e precária. Como, no entanto, dar um sentido a essa coletividade espalhada nas estadias experimentais por toda a França? Para Deligny, a chave é a realização de um filme documentário que daria a ver como os jovens sem futuro podem, mesmo assim, construir alguma coisa juntos. Um tal filme - que jamais se realizará - constituiria a razão de ser da Grande Cordée.²⁷⁵ (MIGUEL, 2016, pp.126/127)

²⁷⁵"D'abord chercher une pratique ou des formes d'organisation d'une collectivité de jeunes qui 'n'ont pas un mode de vie communautaire'. Nous avons vu l'insistance croissante de Deligny sur le fait qu'il ne peut pas reproduire l'idée communautaire des collectivités makarentistes, car le contexte est radicalement autre. L'idée de communauté sera par ailleurs de plus en plus écartée par Deligny. À la stratégie concentrationnaire, il oppose celle de la *dispersion* - dont l'achèvement est l'idée même de *réseau*. Dans le contexte du capitalisme de l'après-guerre, du verrouillage institutionnel, de l'anticommunisme et du retour forcé à l'ordre, il faut d'autres stratégies d'organisation. Car 'faire front serait faire cible' et la fermeture du COT l'avait bien montré. Si en Union Soviétique il existe un projet concret d'avenir pour les jeunes, s'il y a un État fort qui s'en occupe, en France la situation est autre et le seul avenir possible pour ces jeunes serait, dans le

Entre 1955 e 1958, Deligny deixou de se dedicar a reflexão sobre a produção cinematográfica de maneira específica. Ela retomou novo impulso quando François Truffaut visitou o grupo e solicitou a ajuda de Deligny para um projeto de filme. Quando Deligny ocupava o posto de delegado de Trabalho e Cultura, ele foi procurado por André Bazin para obter ajuda com a liberação de François Truffaut, na época com treze anos, de um centro de observação de menores em Villejuif, cidade do subúrbio de Paris. Posteriormente, a relação de colaboração entre Deligny e Truffaut, em torno dos projetos de filmes, durou mais de vinte anos. Em 1958, período no qual o grupo se encontrava em *Le Petit-Bois*, Truffaut solicitou o apoio de Deligny para o desenvolvimento do roteiro do filme *Os incompreendidos*, lançado em 1959. Ainda em 1958, Deligny compartilhou com Truffaut um projeto para um documentário que abordaria o cotidiano dos jovens que se encontravam na Grande Cordée, comparando-o com a realidade vivida por jovens acolhidos em outras instituições. Segundo Deligny, Chris Marker havia demonstrado interesse em montar o documentário para o cinema. A partir de 1959, com o lançamento de *Os incompreendidos*, Truffaut se tornou menos disponível e mais distante. Ele enviou dois assistentes para Cévennes, já em 1960, para assessorar Deligny nas filmagens do documentário, porém este foi abandonado pouco tempo depois. Diferentes foram os projetos pensados em conjunto com os jovens em estadia experimental e que jamais foram realizados.

No início da década de 1960, Huguette Dumoulin, as filhas do casal e os jovens que integravam a tentativa deixaram Cévennes. Dos adolescentes acolhidos apenas Yves permaneceu. Em decorrência das dificuldades financeiras e do isolamento, começava o fim da Grande Cordée. Apenas em 1962, foi iniciado o registro das sequências de um novo projeto que se tornou o filme *Le Moindre Geste*. O roteiro do filme é extremamente simples²⁷⁶: Yves é o personagem central

meilleur des cas, de devenir une main d'oeuvre instable et précaire. Comment cependant donner un sens à cette collectivité éparpillée dans des séjours d'essai partout en France? Pour Deligny, la clef est la réalisation d'un film documentaire qui donnerait à voir comment des jeunes sans avenir peuvent quand même construire quelque chose ensemble. Un tel film – qui jamais ne se réalisera – constituerait la raison d'être de La Grande Cordée." (MIGUEL, 2016, pp.126/127).

²⁷⁶"Uma vez lançada, como se lança um programa, a fábula pode se desfazer, desaparecer, e deixar o lugar para uma sucessão de sequências e de cenas carregadas pelo lirismo das imagens e pelo jogo de analogias sonoras. Direcionadas pela ficção, as cenas se encadeiam sem outro vínculo senão os deslocamentos erráticos de Yves em torno de algumas referências: a fazenda abandonada,

e que havia fugido recentemente de um asilo junto com um outro interno. Os dois se deslocam pelas paisagens de Cévennes. O outro interno, em um determinado momento cai em um buraco e Yves tenta por diversas vezes resgatá-lo. Continuando a vagar, Yves, ao encontrar com uma jovem da região, é aos poucos reencaminhado por ela para o asilo. O filme é todo silencioso, a não ser pelos barulhos, gritos e palavras de Yves que, no entanto, não produzem nenhum significado. Uma palavra sem sentido, dispersa na amplidão de Cévennes, uma interrupção no processo de significação. A câmera utilizada era muda e os sons produzidos por Yves eram registrados em outros momentos do dia, por Guy Aubert e Deligny. Eles partiam de uma provocação simples - "Como foi o seu dia?" -, direcionada a Yves e que o fazia começar a 'falar' sem parar.

a pedra, o lixão, o rio. A luz forte de Cévennes (o filme é todo gravado de dia e sob a luz do sol), a presença das pedras em todas as suas formas (os rochedos, as pedras trituradas na pedra, nos seixos do rio Gardon, a pedra das fazendas e as muretas de pedras secas ao abrigo dos quais Yves faz e refaz seus nós), os brilhos na água, fazem a unidade visual do filme, dão a ele sua tonalidade meridional e dionisiaca. A montagem e a mixagem tornam progressivamente mais presente e mais familiar o personagem, seu rosto sensual, seus gestos compulsivos, seus discursos cômicos e blasfematórios. As ressonâncias da arte informal da obra de Jean Dubuffet são evidentes no tratamento material da imagem; as invenções de John Cage no tratamento musical dos barulhos dos objetos; o descarrilhamento da voz do general De Gaulle ou de Antonin Artaud na de Yves. A animalidade do personagem, sua fusão com a paisagem e as coisas, sua jubilação e sua liberdade de gestos e de palavras, situam o *Le Moindre geste* na linha do cinema soviético lírico e burlesco (*Le Bonheur* d'Alexandre Medvedkine), do cinema surrealista (*L'Âge d'or* de Buñuel et Dalí), ou do cinema francês oriundo de Renoir e do surrealismo (*La Rentrée des classes* de Jacques Rozier). Os riscos da estetização ou da identificação são nulos: Yves é filmado tal como ele é e pensado por Deligny e Josée Manenti em sua alteridade radical de ser humano." "Une fois lancée comme on lance un programme, la fable peut se défaire, disparaître et laisser la place à une succession de séquences et de scènes portées par le lyrisme des images et le jeu des analogies sonores. Cadrées par la fiction, les scènes s'enchaînent sans autre lien que celui des déplacements erratiques d'Yves autour de quelques repères: la ferme abandonnée, la carrière, la décharge, la rivière. La lumière forte des Cévennes (le film est entièrement tourné de jour et sous le soleil), la présence de la pierre sous toutes ses formes (les rochers, les pierres concassées dans la carrière, les galets du Gardon, la pierre des fermes et les murets de pierres sèches à l'abri desquels Yves fait et défait ses noeuds), les éclats de l'eau, font l'unité visuelle du film, lui donnent sa tonalité méridionale et dionysiaque. Le montage et le mixage rendent progressivement plus présent et plus familier le personnage, son visage sensuel, ses gestes compulsifs, ses discours comiques et blasphématoires. Les résonances de l'art informel et de l'oeuvre de Jean Dubuffet sont évidentes dans le traitement matiériste de l'image; les inventions de John Cage dans le traitement musical des bruits d'objets; les déraillements de la voix du général de Gaulle ou d'Antonin Artaud dans celle d'Yves. L'animalité du personnage, sa fusion avec le paysage et les choses, sa jubilation et sa liberté de gestos et de parole, situent *Le Moindre geste* dans la lignée du cinéma soviétique lyrique et burlesque (*Le Bonheur* d'Alexandre Medvedkine), du cinéma surréaliste (*L'Âge d'or* de Buñuel et Dalí), ou du cinéma français issu de Renoir et du surréalisme (*La Rentrée des classes* de Jacques Rozier). Les risques d'esthétisation ou d'identification sont nuls: Yves est filmé tel qu'il est vu et pensé par Deligny et Josée Manenti, dans son altérité radicale d'être humain." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.605).

O som ocupa um lugar determinante no filme. Ele perde rapidamente sua função mimética e ganha uma existência autônoma, até chegar a invadir a imagem. Os gritos das ofertas na Bolsa e a fanfarra irlandesa - gravada por Jean-Pierre Ruh durante manifestações em Belfast - acompanham um crescimento de potência e de tensão dos gestos e monólogos de Yves. O personagem se torna vários, despedaçado no combate com a enorme massa de sucata, arqueado como Achab na baleia branca. Sua confusão psíquica é colocada em imagens pelos gritos; a besta se torna uma multidão e a multidão uma besta. Os sons e as imagens deslizam uns nos outros e abrem um jogo de correspondências em abismo.²⁷⁷ (DELIGNY, 2007, p.603)

As pessoas que fazem parte do filme eram todas moradoras da região. Any Durand interpreta o papel da jovem que encontra Yves, Richard Brougère, que era estudante em uma escola de uma vila vizinha, interpreta o interno que foge junto com Yves do asilo. *Yves é Yves*²⁷⁸. Numa Durand, pai de Any, é o pai de Any no filme. Marie-Rose Nunes, também habitante de Cévennes, e que teve um importante papel nos anos seguintes, interpreta a amiga de Any. Guy Aubert integrou o grupo que realizou o projeto, Josée Manenti comprou a câmera e o magnetofone e foi ela mesma que realizou as filmagens e gravou alguns sons da paisagem de Cévennes para o filme. O registro das imagens e dos sons durou em torno de nove meses e Truffaut auxiliou na mediação inicial junto a um laboratório para a montagem. O filme, no entanto, devido a já complicada situação na qual se encontrava a Grande Cordée, não foi concluído nesse período.

Entre 1965 e 1966, quando o grupo que ainda restava já se encontrava em La Borde, foi finalizada uma primeira versão preliminar da montagem. Deligny, em uma carta para Truffaut, indica que ele desejava ter mais recursos para terminar o filme e que este não deveria permanecer restrito apenas a Yves, mas retratar também outras crianças. O filme configuraria, assim, uma pesquisa profunda sobre o meio e não uma análise sobre a questão da inadaptação. A

²⁷⁷"Le son occupe une place déterminante dans le film. Il perd très vite sa fonction mimétique et gagne une existence autonome, jusqu'à envahir l'image. Les hurlements des enchères de la Bourse et la fanfare irlandaise – enregistrée par Jean-Pierre Ruh pendant des manifestations à Belfast – accompagnent une montée en puissance et en tension des gestes et du monologue d'Yves. D'un, le personnage devient plusieurs, éclaté dans le combat avec l'énorme masse de ferraille, arcbuté comme Achab à la baleine blanche. Sa confusion psychique est imagée par les cris; la bête devient une foule et la foule une bête. Les sons et les images glissent les uns sur les autres et ouvrent à un jeu de correspondances en abîme." (DELIGNY, 2007, p.603).

²⁷⁸No início do filme *Le Moindre Geste*, aparece uma legenda com os nomes das pessoas que compõem o filme. O fato das pessoas interpretarem a si mesmas tem o efeito de construir uma certa provocação sobre a questão da interpretação e do personagem: "Yves é Yves no filme"; "Any é Any"; "Seu pai é seu pai"; "Cévennes é Cévennes".

questão do meio, já presente desde o início da trajetória de Deligny, seja pelo foco dado às circunstâncias como definidoras das questões e dos comportamentos infantis, seja pela contínua atenção com a criação de espaços propícios para o acolhimento e o cuidado das crianças e jovens, a partir de uma perspectiva desviante em relação aos parâmetros da adaptação e da modulação de caracteres, se aprofundou desse período em diante como um dos eixos centrais da reflexão de Deligny. Em Cévennes, veremos, a partir do trabalho de cartografia desenvolvido pelo grupo, como a *organização de um lugar* se tornou a principal diretriz da vida conjunta. Para Deligny, a pesquisa deveria se voltar para a criação de um meio que fosse capaz de

...lhes dar alguma vivacidade de espírito e de suscitar nelas intenções vividas de projetos. Para isso, eu não posso contar com os meios institucionais, quaisquer que eles sejam. Me é necessário, portanto, poder implantar em algum lugar um meio no qual os participantes não se sustentem a partir das crianças acolhidas.²⁷⁹ (DELIGNY, 2007, p.602)

A versão final de *Le Moindre Geste* foi concluída em 1971, a partir do trabalho de edição realizado por Jean-Pierre Daniel, que havia sido indicado para o trabalho por Jacques Allaire, na época diretor de um centro médico e social de Marseille. Participaram também do trabalho de edição Aimé Agnel²⁸⁰ e Jean-Pierre Ruh²⁸¹. No ano de sua finalização, o filme foi exibido na Semana de Crítica em Cannes. Apesar do importante impacto que posteriormente o filme obteve, no dia da sua exibição - segundo contam as histórias - o público, antes do final, esvaziou aos poucos a sala (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, pp.603/604). Em 1971, Deligny já vivia definitivamente em Cévennes, ainda junto com Yves e também com Janmari. Sua atividade de escrita e sua pesquisa haviam se direcionado, também definitivamente, para o problema da linguagem, do *homem-que-nós-somos* e do humano. O autismo e a impossibilidade de uma

²⁷⁹"...leur rendre quelque vivacité d'esprit et de susciter en eux des intentions vécues des projets. Pour ce faire, je ne peux pas compter sur les milieux institutionnels quels qu'ils soient. Il me faut donc pouvoir implanter quelque part un "milieu" dont les participants ne vivront pas des enfants pris en charge..." (DELIGNY, 2007, p.602).

²⁸⁰Aimé Agnel é psicanalista, foi presidente da Sociedade Francesa de Psicologia Analítica, e estudioso da obra de Carl Jung.

²⁸¹Jean-Pierre Ruh era engenheiro de som e, no cinema, trabalhou como operador-chefe de som. Ele ganhou, pelos filmes *Mado* e *Diva*, o prêmio *Cesar* por melhor som.

palavra própria, carregada pelo sujeito que fala e pelo objeto que é falado, tinham passado a ser o impulso e o foco de suas atividades.

Que Yves, 'débil profundo', tenha escapado ao seu destino que era de permanecer em uma morada para retardados e que esse curioso filme não tenha permanecido em suas caixas, veja aí dois acontecimentos que fazem um...Meu projeto, guiando a tomada de imagens, era de dar àqueles que as vissem, sua parte desse ser-aí que eu via e ouvia viver conosco há seis ou sete anos, de tal forma que em suas atitudes, gestos e reações, ele era, familiar e maravilhoso, palavra vacante e de um golpe loquaz e duro e, no fluxo falado, eu reconhecia, aí se confundindo, essa palavra que nos faz isso que somos, e que reina, universal, histórica, demonstrativa, cômica, mortífera. Resta esse filme de uma hora e quarenta e cinco, casado com isso que pode ser retido desse discurso fascinante, eco de tudo aquilo que se diz, aí incluída a missa, que Yves, ao se ouvir pensar, deixa suas mãos bloqueadas voltarem a esses gestos dos tempos primórdios e quem saberá me dizer se se trata aí da criança ou desse ser que persiste, malgrado tudo, humano, enquanto que a palavra não era desse mundo.²⁸² (DELIGNY, 2007, p.633/634)

Essa manhã, primeiro de outubro de mil novecentos e quarenta e seis, Adrien decidiu não ir à escola. Ele deveria ir: todos os outros vão. A escola é feita de grandes pedras quase brancas. Pela rua que sobe, vê-se o prédio de esquina, um canto alto, sólido, cortante: uma verdadeira proa de navio de pedra tendo vindo naufragar em plena colina. Ele vai embarcar sua carga de garotos pelos meses de inverno, de primavera, de verão. Ele não se mexeu depois de julho passado e, no entanto, ele está lá apenas depois dessa manhã. As crianças se direcionam para ele. Adrien deserta. É preciso que ele evite o caminho que passa ao longo do cemitério: ele está cheio daqueles que descem das barracas: eles poderiam o pegar e o levar pelos punhos ou pelos pés até a escola. Adrien partiu para ir longe. Ele pega a trilha bordeada pelas urtigas que descem na direção do Oise. Ninguém pega esse caminho para ir a escola. As urtigas não picam sua pele. Quando ele está com os outros, ele caminha dentro, à vontade, as pega com as mãos cheias. Adrien em meio as urtigas é como as salamandras no fogo: talvez porque ele é ruivo? Eles serão oitenta no prédio de pedra. No entanto, Neuve-Méry é apenas uma pequena vila, entre duas ondas calmas de terras dóceis, cultivadas

²⁸²"Qu'Yves, 'débile profond', ait échappé à son sort qui était de demeurer dans une demeure à demeure et que ce drôle de film ne soit pas resté, à jamais autistique comme le sont les objets abandonnés, enroulé dans ses boîtes, voilà deux événements qui n'en font qu'un....Mon projet, en guidant la prise d'images, était de donner à ceux qui les verraient leur part de cet être-là que je voyais et entendais vivre avec nous depuis six ou sept ans, tel qu'en ses attitudes, gestes et propos, il était, familier et superbe, parole vacante et tout à coup loquace et vitupérant et, dans le flot parlé, je reconnaissais, à s'y méprendre, cette parole qui nous fait ce que nous sommes et qui règne, universelle, historique, démonstrative, cocasse, meurtrière. Reste ce film d'une heure quarante-cinq marié à ce qui a pu être retenu de ce discours si fascinant, écho de tout ce qui se dit, y compris la messe, qu'Yves, à s'écouter penser, laisse ses mains débrayées en revenir d'elles mêmes à ces gestes des premiers âges et bien malin qui me dira s'il s'agit là de l'enfant ou de cet être que je persiste, malgré tout, à dire humain alors que la parole n'était pas de ce monde." (DELIGNY, 2007, p.633/634).

propriamente desde sempre, mas existem as barracas acima da antiga pedreira. Elas foram colocadas lá em 1941. O entorno da fábrica de cimento de Péran-le-Pont haviam sido bombardeados: a fábrica de cimento Lepoutre e Vaillant tinha erguido as barracas para as famílias de seus operários. Vinte barracas: quarenta garotos a mais na escola. Agora existem sessenta que vão descer pelo caminho da antiga fábrica de cimento todas as manhãs de escola. Adrien tem suas razões para evitar o encontro com eles: descer em grupo em direção ao vilarejo dava as crianças das barracas um ar de infratores, de invasores, de perseguidores. Adrien é a bela presa. Ele rompeu com a escola, com aquilo que se passa do lado de dentro, aquilo que se passa fora, com toda a escola. Ele deixa para lá. Ele não quer ser visto. Ele é de um ruivo que aparece as vezes no campo, quando o trigo não está maduro, ou as folhas das árvores em novembro, ou ao muro das cozinhas que guardaram como enfeite as panelas de cobre. É muito raro que o pelo do ser humano seja desse ruivo. Adrien, vivo e magro, é, entre as crianças do vilarejo, como um pequeno de outra espécie.²⁸³ (DELIGNY, 2007, p.445)

Adrien tem o hábito de ver seus caminhos estragados. Ele sai de casa, ele se direciona para longe, ele se distancia dos caminhos conhecidos. Ele tem dois mundos, duas terras: aquela feita de caminhos onde ele já andou, de muros, de árvores, de arbustos já vistos, e a memória de Adrien é fiel e precisa através dos anos. A outra terra resta a ser descoberta. É em direção a ela que ele se lança.²⁸⁴ (DELIGNY, 2007, p.451)

²⁸³"Ce matin, premier octobre mil neuf cent quarante-six, Adrien Lomme a décidé de ne pas aller à l'école. Il devrait y aller: tous les autres y vont. L'école est de grosses pierres presque blanches. Par la rue qui monte de la place, on voit le bâtiment de coin, un coin haut, solide, coupant: une vraie proue de bateau de pierre venu s'échouer en pleine colline. Il va embarquer sa cargaison de gosses pour les mois d'hiver et de printemps et d'été. Il n'a pas bougé depuis juillet dernier et pourtant il est là depuis ce matin seulement. Les enfants vont vers lui. Adrien déserte. Il faut qu'il évite le chemin qui passe le long du cimetière: il est plein de ceux qui descendent des baraques: ils pourraient l'attraper et le tirer par les poignets ou par les pieds jusqu'à l'école. Adrien est parti pour aller loin. Il prend le sentier bordé d'orties qui descend vers l'Oise. Personne ne prend ce sentier-là pour venir à l'école. Les orties ne lui piquent pas la peau. Quand il est avec d'autres, il marche dedans, à plaisir, les prend à pleines mains. Adrien, dans les orties, c'est comme les salamandres dans le feu: peut-être parce qu'il est roux? Ils vont être quatre-vingts dans le bâtiment de pierre. Pourtant Neuve-Méry n'est qu'un petit village entre deux calmes vagues de terre toutes dociles, proprement cultivées depuis toujours mais il y a les baraques, au-dessus de l'ancienne carrière. On les a posées là en 1941. Les abords de la cimenterie de Péran-le-Pont avaient été bombardés: la cimenterie Lepoutre et Vaillant avait fait monter des baraques pour les familles de ses ouvriers. Vingt baraques: quarante gosses de plus à l'école. Maintenant il y en a soixante qui vont descendre par le chemin de l'ancienne carrière, tous les matins d'école. Adrien a ses raisons d'éviter leur rencontre: descendre en groupe vers le village donnait aux enfants des baraques un élan de brigands, d'envahisseurs, de tortionnaires. Adrien est la belle proie. Il a rompu avec l'école, ce qui se passe dedans et ce qui se passe dehors, toute l'école. Il laisse tomber. Il ne veut pas être vu. Il est d'un roux qui apparaît parfois dans les champs, quand les blés sont trop mûrs, ou aux feuilles des arbres, en novembre, ou au mur des cuisines qui ont gardé pour ornement des casseroles de cuivre. Il est fort rare que du poil d'être humain soit de ce roux-là. Adrien, vif et malingre, est, parmi les enfants du village, comme un petit d'une autre espèce." (DELIGNY, 2007, p.445).

²⁸⁴"Adrien a l'habitude de voir ses chemins gâchés. Il se tire de la maison, il se tire loin, il s'écarte des chemins connus. Il y a deux mondes, deux terres: celle faite de sentiers où il a déjà marché, de murs, d'arbres, de buissons déjà vus et la mémoire d'Adrien est fidèle et précise à travers les années. L'autre terre est à découvrir. C'est vers elle qu'il se tire." (DELIGNY, 2007, p.451).

O livro *Adrien Lomme*, publicado em 1958²⁸⁵, havia sido escrito durante os anos anteriores e, portanto, em um período de transição no curso da Grande Cordée. Sua escrita marca o início da dispersão do grupo, a sequência da saída de Deligny de Paris, o começo do afastamento em relação ao quadro institucional do Estado e um momento de reflexão acerca dos processos anteriormente vividos. Em todo o período anterior da Grande Cordée, desde o início da tentativa, como vimos, Deligny não se dedicou a escrita, tendo publicado apenas alguns artigos. Esta atividade, como já mencionamos, era essencial para ele. O seu afastamento de Paris foi uma aposta na mudança da forma de funcionamento da tentativa, mas também uma aposta em uma outra forma de vida e de trabalho.

O lançamento de *Adrien Lomme* não obteve nem reações significativas nem uma venda expressiva. Como em *Pavillon 3*, a história é centrada na vida de algumas crianças e são seus caminhos que guiam o livro. Especificamente os trajetos de Adrien, mas também aqueles de seus novos 'irmãos', advindos do encontro de sua mãe com o pai de algumas crianças que moravam em uma barraca próxima a escola de Adrien. São histórias de crianças inadaptadas, consideradas anormais, fora de lugar, fora dos lugares previstos, desestruturadas e deslocadas. Filhas da pobreza e do fim da guerra. Filhas do asilo, da prisão, da família, da escola. Em torno delas, um diretor de escola, professores, o controle de uma sociedade que tanto interna quanto recupera os seus desvios. Uma polícia que prende toda e qualquer ruptura à ordem, uma desigualdade social moralista que quer 'fazer o melhor' para que os *restos* dessa desigualdade possam ser adequados à manutenção da própria diferença.

Em uma carta para Émile Copfermann, Deligny resume o livro assim: 'Adrien Lomme, a criança 'anormal' da qual eu conto a vida, está às voltas, como a maior parte de seus semelhantes, com a obra-caridosa-castelo-casa de crianças, o escotismo de extensão e a psiquiatria extensiva. Dentre todas as maneiras que uma

²⁸⁵"Eu estou contente que Adrien tenha passado no exame de admissão na Gallimard. Isso me lembra (isso me remete um pouco à situação na qual eu estava) quando eu recebi o bac. Eu me tornei professor. Adrien sendo lançado, eu vou, talvez, ser levado a escrever, quem sabe? E, em primeiro lugar, sem dúvida, a sequência de Adrien? Eu não sei mais muito bem aquilo que existe no primeiro volume. É preciso que um dia ou outro eu recupere o manuscrito." " Je suis content qu'Adrien ait été reçu à l'examen d'entrée chez Gallimard. Ça me rappelle (ça me remet à peu près dans la situation où j'étais) quand j'ai été reçu au bac. J'en suis devenu instituteur. Adrien paru, je vais peut-être être amené à me mettre à écrire, qui sait? Et d'abord sans doute la suite d'Adrien? Je ne sais plus très bien ce qu'il y a dans ce premier volume. Il faudrait qu'un jour où l'autre je récupère un manuscrit." (Carta à Irene Lèzine de 22 de março de 1956).

sociedade pode desenvolver para camuflar sua malfeitoria em relação às crianças que se dão mal, a Obra de caridade, o escotismo e a psiquiatria abusiva são as mais correntes. Esses três grandes maus encontros da criança difícil fazem que famílias, professores, e bravas gentes, se deixem, de boa fé, delegar sua parte de responsabilidade. Eles acreditam abandonar uma tarefa difícil para que ela seja confiada a pessoas melhores qualificadas que eles. E é aí que começa o triste circo que eu quero descrever no qual os palhaços de boa fé e de boa vontade não faltam.²⁸⁶ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.440)

O livro levanta uma importante questão em torno da infância. As crianças da história só podem viver se alguma instância define, e simultaneamente normatiza, suas existências e seus modos de vida. Em *Adrien Lomme*, elas transitam enquanto propriedades de diferentes instituições e, apenas no âmbito destas, a infância constitui uma realidade tolerável por ser controlável: a família e quando essa não funciona; o asilo-castelo é capaz de substituir o poder da família ao ponto da mãe de Adrien não poder decidir retirar seu filho de seu controle, um asilo-prisão; a vigilância em relação à própria família, realizada pelo asilo e pela polícia, após a fuga das crianças; a escola como proteção das crianças frente ao asilo. A escola se torna, no livro, ao mesmo tempo um asilo-refúgio em relação ao asilo-prisão e um novo asilo-prisão; a polícia responsável pela busca e pelo aprisionamento das crianças fugitivas; o hospital-prisão ou a prisão-hospital, destino final da infância. O texto retrata a angústia de um caminho sem fim: as crianças estarão sempre presas, elas só podem ter existência com a existência anterior e simultânea de uma instituição que responda por elas. Essa questão, ampliada para além do universo infantil, para o âmbito do *homem-que-nós-somos*, levanta importantes problemas para o campo do direito, para a discussão da lei, do processo institucional e de constituição da imagem do sujeito de direitos.

Obriga-se que elas desçam diante de uma imensa grade e que passem por uma pequena porta, ao lado. É o hospital. Elas não sabem onde estão. Não se coloca

²⁸⁶"Dans une lettre à Émile Copfermann, Deligny résume le livre ainsi: 'Adrien Lomme, l'enfant 'anormal' dont je raconte la vie, est aux prises, comme la plupart de ses semblables, avec l'Oeuvre-charitable-château-maison d'enfants, le scoutisme d'extension et la psychiatrie extensive. Parmi toutes les manières qu'une société peut étaler pour camoufler sa malfaisance vis-à-vis des enfants mal partis, l'Oeuvre charitable, le scoutisme et la psychiatrie abusive, sont les plus courantes. Ces trois malencontreuses marraines de l'enfant difficile font que familles, instituteurs et braves gens se laissent, en toute bonne foi, dérober leur part de responsabilité. Ils croient abandonner une tâche difficile pour qu'elle soit confiée à des mieux qualifiés qu'eux. Et c'est là que commence le triste cirque que je veux décrire, cirque dans lequel les clowns de bonne foi et de bonne volonté ne manquent pas.'" (DELIGNY, 2007, p.440).

crianças na prisão. Não se sabe onde colocá-las. Obrigou-se que elas atravessassem um pátio imenso; elas passaram sob uma pequena abóboda pouco iluminada. Os muros são muito grossos. Existem grandes grades nas janelas. 'A prisão...' pensa Vincent.²⁸⁷ (DELIGNY, 2007, p.582/583)

Para Sandra Alvarez de Toledo, a filmagem de *Le Moindre Geste* e a escrita de *Adrien Lomme*, marcam o início de uma transição na trajetória de Deligny. De um trabalho localizado no campo dos debates institucionais em relação à reeducação e à readaptação, para o começo de uma profunda pesquisa em torno da questão da linguagem e do humano. O desespero com a distância da linguagem em relação às coisas reais que ela nomeia e a recusa ao aprisionamento pelo poder da palavra e pela representação do mundo se aprofundam, eles impulsionam uma pesquisa sem fim em torno de outra esfera de compartilhamento da experiência humana. Pesquisa por uma base dessa experiência que não se resumisse à imagem do *homem-que-nós-somos* dotado da palavra, caracterizado por uma ruptura com o real a partir da entrada no simbólico e pela possibilidade de nomear a experiência e consequentemente de assiná-la.

Em uma carta à Irene Lèzine, de 05 de março de 1957, posterior ao seu encontro com Yves, Deligny pede que as crianças enviadas para a Grande Cordée não tenham sido capazes de aprender a ler, a escrever ou a falar de forma útil (DELIGNY, 2007, p.442). Em 1960, Fernand Oury²⁸⁸, Jean Oury, Roger Gentis²⁸⁹ e François Tosquelles visitaram o grupo e Tosquelles chegou a enviar para a tentativa algumas crianças consideradas psicóticas.

Nessa época, a posição de Fernand Deligny é insustentável. Comunista, suas relações com o Partido se tencionam pelo fato dele não produzir o catecismo pedagógico que tal pertencimento deve suscitar. O maniqueísmo stalinista de hábito contradiz sua prática cotidiana: Deligny não terá jamais indulgência pelo escotismo, mesmo vermelho, pela arregimentação de crianças mesmo justificada

²⁸⁷"On les fait descendre devant une immense grille et passer par une petite porte, sur le côté. C'est l'hôpital. Ils ne savent pas où ils sont. On ne met plus les enfants en prison. On ne sait pas où les mettre. On leur a fait traverser une cour immense; ils sont passés sous une petite voûte à peine éclairée. Les murs sont très épais. Il y a de grosses grilles aux fenêtres. 'La prison...' pense Vincent." (DELIGNY, 2007, p.582/583).

²⁸⁸Fernand Oury foi professor e fundou, em parceria com Aïda Vasquez, a pedagogia institucional. Participou, também, do movimento da Escola Moderna.

²⁸⁹Roger Gentis era psiquiatra e psicanalista, contrário às práticas repressivas que caracterizavam a abordagem médica de meados do século XX e ao internamento asilar. Participou do movimento da psiquiatria institucional.

pela 'boa causa' a qual ela servirá. Assistente social, lhe é necessário de todo jeito uma razão social. Ele não tem a flexibilidade necessária para obtê-la: essas histórias de contrato com a seguridade social ou com as alocações familiares, os preços de estadia, os conselhos de administração, lhe causam arrepios... Ora, os conselhos de administração são compostos precisamente dessas três categorias de indivíduos: as almas caridosas, os escoteiros mais ou menos uniformizados e os psiquiatras abusivos. São eles que permitem obter os subsídios como se, assegurados por encontrar-los, os 'poderes públicos' fizessem disso uma moeda de troca. Deligny não quer isso.²⁹⁰ (COPFERMANN in DELIGNY, 2007, pp.218/219)

Em 1962, Huguette Dumoulin, junto com as duas filhas do casal, deixou o grupo para trabalhar como responsável de um albergue de juventude em Mulhouse. Os que permaneceram na tentativa se mudaram ainda para Anduze, onde foram concluídas as filmagens para o filme *Le Moindre Geste*, em 1965. Diante da precariedade financeira que havia se tornado insustentável, Deligny, Any Durand, Guy Aubert, Marie-Rose Nunes, Yves e Josée Manenti se mudaram para La Borde, a convite de Jean Oury. Foi o fim definitivo de dezessete anos, compostos por diferentes formatos, perspectivas e atividades, do trabalho da Grande Cordée.

Na chegada em La Borde, Deligny e Any iniciaram um espaço chamado *La Serre*, onde organizavam ateliês de madeira, de desenho e de artesanato para os pacientes. Guy e Marie-Rose, que se casaram nesse período, se tornaram enfermeiros da instituição. Yves passou a trabalhar na cozinha. Lá, Deligny gravou também algumas cenas sobre o asilo que ainda faltavam para o filme²⁹¹.

²⁹⁰"À cette époque, la position de Fernand Deligny est intenable. Communiste, ses relations avec le Parti se tendent de ce qu'il ne produit pas le catéchisme pédagogique qu'une telle appartenance doit susciter. Le manichéisme stalinien de règle contredit sa pratique quotidienne: Deligny n'aura jamais d'indulgence pour le boy-scoutisme, même rouge, l'enrégimentation des enfants même lorsqu'il se justifie par la 'bonne cause' qu'il servirait. Assistant social il lui faut tout de même une raison sociale. Il n'a pas la souplesse nécessaire pour l'obtenir: ces histoires de contrat avec la sécurité sociale ou avec les allocations familiales, de prix de journées, de conseil d'administration le hérissent.... Or les conseils d'administration ne sont précisément composés que de ces trois catégories d'individus: les âmes charitables, les scouts plus ou moins en uniforme et les psychiatres abusifs. Ce sont eux qui permettent d'obtenir les subsides comme si, rassurés de les trouver là, les 'pouvoirs publics' en faisaient une monnaie d'échange. Deligny n'en veut pas." (COPFERMANN in DELIGNY, 2007, pp.218/219).

²⁹¹"Deligny havia chegado a La Borde em 1965, depois da filmagem do *Moindre geste*. Ele vivia à parte, na *serre*; em potência amiga e vizinha, mas não integrada. Ele havia se responsabilizado por um ateliê de pintura; neste participava, entre outros, um grande pensionário, Barbet, que passeava com um papelão para desenhar de onde transbordavam obras grafonomas bem acabadas. Deligny animava, também, sessões de escrita de roteiros. Ele se distinguia por sua paixão pela coisa escrita e pelas ferramentas que a fazem materialmente existir. Ele manjava a copiadora e o estencil como um trabalhador de gráfica; ele tinha uma gráfica como um professor da escola Freinet. Deligny não

Em 1966, Deligny conheceu Janmari. Sua mãe, que tinha contato com a dona da casa onde Deligny morava próximo a La Borde, o havia procurado com o intuito de evitar a internação, que certamente se tornaria vitalícia, de seu filho de doze anos. Janmari havia sido diagnosticado como encefalopata profundo por um médico, o professor Didier-Jacques Duché²⁹², do hospital de Salpêtrière, em Paris. A completa impossibilidade de fala, a total ausência da palavra de Janmari, intrigaram Deligny que acabou por aceitar recebê-lo. Ele passou a viver junto com Deligny e Any, em La Borde. Nesse período, Gisèle Durand, irmã mais nova de Any, havia se mudado para um subúrbio parisiense com seu pai, Numa, e ia com frequência visitá-los. Quando ela se encontrava por lá era responsável por acompanhar Janmari. O encontro com o autismo profundo foi determinante para a consolidação de uma mudança que se iniciou a partir da experiência junto à Yves. Janmari forneceu para Deligny a imagem e a presença daquilo que, durante os anos em Cévennes, ele passou a pensar como o *humano* – refratário à linguagem e ao sujeito, incapaz de dizer *eu* ou *meu*, refratário ao nome próprio.

Voltaremos ainda ao período de La Borde no próximo capítulo. Deligny não se adaptou à clínica²⁹³. A falação incessante que a psicoterapia de grupo

era nem médico nem estagiário, como se chamava os não médicos de La Borde. Ele era Deligny." "Deligny était arrivé à La Borde en 1965, après le tournage du *Moindre geste*. Il vivait à part, dans la serre; en puissance amie et voisine, mais non intégrée. Il avait pris en charge un atelier de peinture; y participait entre autres un grand pensionnaire, Barbet, qui se promenait avec un carton à dessin débordant d'oeuvres graphomaniaques bien serrées. Deligny animait également des séances d'écriture de scénarios. Il se distinguait par sa passion pour la chose écrite, et les outils qui la font matériellement exister. Il maniait la ronéo et le stencil comme un imprimeur; il avait une casse d'imprimerie comme un instituteur de l'école Freinet. Deligny n'était ni médecin, ni stagiaire comme on appelait les non médecins de La Borde. Il était Deligny." (QUERRIEN in DELIGNY, 2007, p.1226).

²⁹²Didier-Jacques Duché era pediatra, psicanalista, e psiquiatra, aluno de Georges Heuyer. Participou do desenvolvimento da psiquiatria infantil e juvenil. Foi chefe do serviço de psiquiatria da criança e do adolescente no hospital de Salpêtrière, de 1970 até 1985.

²⁹³"A psicanálise, ele não a suporta. Ele recusa a ideia de inconsciente. Ele não compartilha em nada a fascinação dos Labordianos pela linguagem da psicose. Ele procura uma língua concreta, reduzida, que se opõe à ênfase dos discursos e dos delírios. Em um sentido, ele é mais educador do que jamais: ele fabrica brinquedos de madeira para as crianças do hospital de Blois, escreve contos e esquetes que ele encena com os pacientes; com as crianças da equipe ele esculpe pequenas casas rústicas de pedra para um filme de animação." "La psychanalyse l'insupporte. Il refuse l'idée d'inconscient. Il ne partage en rien la fascination des Labordiens pour le langage de la psychose. Il cherche une langue concrète, réduite, qui s'oppose à l'emphase des discours et des délires. En un sens il est plus éducateur que jamais: il fabrique des jouets en bois pour les enfants de l'hôpital de Blois, écrit des contes et des saynètes qu'il met en scène avec les patients ; avec les enfants du personnel il sculpte des petites maisons solognottes en pierre, pour un film d'animation." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.638).

exigia, os múltiplos encontros coletivos, as atividades de grupo e a predominância infinita da palavra foram para ele insuportáveis. Na metade do ano de 1967, Deligny e Any, junto com Vincent, filho do casal, e Janmari, se mudaram para uma casa - propriedade de Félix Guattari - em Gourgas, zona rural de Cévennes, no entorno da cidade de Saint-Hyppolite-du-Fort. Guy Aubert e Marie Rose haviam se mudado para o local um pouco antes. A ideia de Guattari era que o espaço se constituísse como um local de encontro entre militantes, artistas, operários...e que Deligny organizasse a gestão do mesmo. Um dos operários que foi para Cévennes, com o intuito de conhecer a iniciativa, foi Jacques Lin, um jovem de dezenove anos. Ele não deixou mais a região, nem Deligny, nem a tentativa.

Deligny, Any, Jacques e Janmari ainda retornaram uma vez para La Borde, no ano de 1967. Deligny, por convite de Guattari, se tornou responsável pela organização da publicação *Les Cahiers de la Fgéri*²⁹⁴ e participou da construção dos três primeiros números da publicação. Ele se tornou diretamente responsável pela elaboração dos textos referentes ao *Grupo de pesquisa sobre o meio próximo*. O tema da proximidade ganhou, nos anos seguintes, um espaço central na reflexão e na prática da tentativa em Cévennes.

²⁹⁴"Os Cahiers, satélite da revista Recherches, igualmente criada por Guattari, tinham o objetivo de dar conta, sob a forma de notas informais, do trabalho de onze grupos (sem contar os grupos da província) da Fgéri. Os primeiros números focam sobre a educação e o tema do 'espaço vivido pela criança'. Entre janeiro de 1968 e março de 1970, os Cahiers publicam seis números. Deligny recebe as gravações das reuniões de trabalho, as transcreve, faz sua formatação, as imprime na copiadora com Jacques Lin. Os textos são ilustrados por desenhos de Yves e de Janmari. Deligny realiza o primeiro número (janeiro de 1968) em Fougères, próximo de La Borde." "Les Cahiers, satellite de la revue Recherches 27, également créée par Guattari, étaient chargés de rendre compte sous forme de notes informelles des travaux des onze groupes (sans compter les groupes de province) de la Fgéri. Les premiers numéros mettent l'accent sur l'éducation et le thème de l'espace vécu chez l'enfant'. Entre janvier 1968 et mars 1970, les Cahiers publient six numéros. Deligny reçoit les bandes d'enregistrement des réunions de travail, les transcrit, les met en page et les imprime à la ronéo avec Jacques Lin. Les textes sont illustrés de dessins d'Yves et de Janmari. Deligny réalise le premier numéro (janvier 1968) à Fougères, près de La Borde." (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.642/643).

Fonte: *Les Cahiers de la Fgéri*, janeiro de 1968, nº 1 (DELIGNY, 2007, p.650).

Na sequência desse curto período em La Borde, ainda em 1967, o grupo retornou para Cévennes. A tentativa que lá se iniciou durou quase trinta anos e até a sua morte, em 1996, Deligny não deixou Cévennes. Nem Janmari.

Se insistimos na apresentação da trajetória de Deligny em períodos determinados cronologicamente, certamente não é por se tratar de uma compreensão de seu trabalho a partir de períodos estanques, de interrupções, de descontinuidades rígidas. Esta escolha se apresenta como uma tentativa, ao contrário, de construir um lugar mais claro para a percepção tanto das continuidades como das nuances específicas de cada período. Nesse sentido, concordamos com Pierre-François Moreau quando ele escreve que "Deligny acabou por se constituir alguns princípios, ou antes ainda, alguns hábitos: tão diversas sejam as tentativas, elas ricocheteiam umas nas outras; cada uma delas se

enriquece do adquirido pelas outras e o coloca em um novo terreno"²⁹⁵ (MOREAU, 1978, p.91)

Até o período da Grande Cordée, Deligny estava dentro, mas não completamente, do cenário institucional. Ao mesmo tempo ele estava à sua margem, mas também não totalmente. Sua trajetória se constituiu por um contínuo movimento de esquiva capaz de permitir, efetivamente, a instauração de algo novo, estratégias desinstitucionalizantes dentro mesmo das instituições estatais ou privadas nas quais eram construídas. Se situamos a Grande Cordée como o marco de uma transição na vida de Deligny é porque compreendemos que ela desenvolveu, em seu próprio âmbito e no decorrer de sua duração, um movimento de passagem de um *dentro relativo* - principalmente até a primeira metade da década de 1950 - para um *fora*, materializado na efetiva desarticulação com o cenário institucional - progressivamente após 1955. Em Cévennes, na construção da tentativa seguinte, Deligny radicalizou esse movimento.

O debate institucional coloca questões extremamente delicadas. A necessidade de constantes manobras de desvio se apresenta como exigência máxima para a construção de algo efetivamente novo, diferente, mais libertário e progressista. O Estado, através de suas instituições, é capaz de ser diretamente reacionário e conservador, acionando instâncias e grupos cujos interesses se direcionam à manutenção de uma conjuntura de poder dominante²⁹⁶. Por outro lado, ele pode, também, articular as formas mais inovadoras, as iniciativas de ruptura da ordem estabelecida, os processos à esquerda da linha política dominante, em um movimento de captura - com a inclusão destes no próprio sistema de funcionamento institucional estatal - de seu potencial de criação minoritária. Os lugares construídos por Deligny, a precisão acerca de suas posições de luta ao longo dos anos, produziram, sempre, uma esquiva ao mesmo tempo política, institucional e pedagógica.

Para mim, se acontece de eu ser eficaz nisso que é chamado de evolução de um caso, é que o meu objetivo real não é a evolução desse 'caso'-aí, palavra que eu

²⁹⁵"Deligny a fini par se constituer quelques principes, ou plutôt quelques habitudes: si diverses que soient les tentatives, elles ricochent l'une sur l'autre; chacune s'enrichit de l'acquis des autres et le reporte sur un terrain neuf". (MOREAU, 1978, p.91).

²⁹⁶No Brasil, é ilustrativo desse processo o peso da influência de grupos evangélicos, de grandes proprietários de terras, de grandes empresas e da grande mídia, nos rumos do governo.

prefiro escrever 'cara' ou 'garoto' ou 'camarada' ou 'esse outro-aí', mas tomar o instituído por onde eu posso, para colocar seu nariz na Coisa, para o esvaziar um pouco a pretensão inflada, o fazer se incomodar com o valor de seu pequeno capital de ideias, todas feitas com esses pacotes de palavras em 'dade', em 'ismo' em 'ção'. Nessa guerrilha, os delinquentes, os garotos de comportamento turbulento, os débeis, verdadeiros ou falsos, são aliados surpreendentes, dotados de uma intuição que me surpreende sempre. Que eles tenham um inconsciente, veja aí isso que não se precisa dizer e em relação ao que eu não me ocupo mais, é que é preciso que eu olhe para outros lugares, ocupado que eu estou em desvelar os mecanismos e a perversidade inata desse instituído que tem a palavra, para não dizer que ele a é. Os delinquentes e os garotos de comportamento turbulento e os débeis leves, excelentes nos combates de vanguarda. Eles se entusiasmam e se embalam e são pegos: eles são 'readaptados'! nós os encontramos quebrados. Com os psicóticos graves e os retardados profundos, é outro o caso. É necessário, com eles, avançar mais profundamente em si mesmo e se dar conta que o arsenal do instituído, sua potência, sua permanência, suas torres de defesa e seus radares estão em cada um de nós. Ele está aí, o instituído, solene e potente pela necessidade que nós temos, e em relação ao qual, alguns pretendem que ele é o homem inato, isso que eu coloco em dúvida...²⁹⁷ (COPFERMANN *in* DELIGNY, 2007, p.220)

²⁹⁷"Pour moi, s'il m'arrive d'être efficace dans ce qu'on appelle l'évolution d'un cas, c'est que mon objectif réel n'est pas l'évolution de ce 'cas'-là, mot que je préfère écrire 'gars' ou 'gamin' ou 'pote' ou 'l'autre-là', mais de prendre l'institué par où je peux pour lui mettre le nez dans sa Chose, pour lui dégonfler un peu la bedaine à prétention, le faire se tracasser sur la valeur de son petit capital d'idées toutes faites avec ses liasses de mots en 'ité', en 'isme' et en 'ion'. Dans cette guérilla, les délinquants, les caractériels, les débiles vrais ou faux, sont des alliés étonnants, doués d'un flair qui me surprend toujours. Qu'ils aient un inconscient, voilà qui va sans dire et si je ne m'en préoccupe guère, c'est qu'il me faut regarder ailleurs, occupé que je suis à dévoiler les roueries et la perversité innée de cet institué qui a la parole, pour ne pas dire qu'il l'est. Les délinquants et caractériels et débiles légers excellent dans les combats d'avant-garde. Ils s'enthousiasment et s'emballent et ils se font prendre: ils sont 'réadaptés'! on les retrouve casés. Avec les psychotiques graves et les arriérés profonds, c'est une autre affaire. Il faut, avec eux, s'avancer plus profond en soi-même et s'apercevoir que l'arsenal de l'institué, sa puissance, sa permanence, ses tours de guet et ses radars sont en chacun de nous. Il est là, l'institué, solennel et puissant par le besoin que nous en avons et dont certains prétendent qu'il est l'homme inné, ce que je mets en doute..." (Carta de Deligny à Émile Copfermann durante a preparação da edição de 1970 de *Les Vagabonds Efficaces*. COPFERMANN *in* DELIGNY, 2007, p.220).

2014 - 2015:
Uma viagem.

Eu evoquei o caminho que me trouxe em direção a essa terra *camisarde*, terra de resistência, mas naqueles tempos, nós éramos alguns e algumas desejando escapar ao destino que nos estava reservado. Sem essa vontade, essa pequena rede de áreas de convivência, implantada nos primeiros relevos de Cévennes,

não poderia ter existido e acolhido garotos autistas durante um longo tempo.²⁹⁸

Jacques Lin, La Vie de Radeau

Tanta saudade preservada num velho baú de prata dentro de mim. Digo num baú de prata porque prata é a luz do luar. Do luar que tanta falta me fazia junto com o mar. Mar da Bahia cujo verde vez em quando me fazia bem relembrar. Tão diferente do verde também tão lindo dos gramados campos de lá. Ilha do Norte onde não sei se por sorte ou por castigo dei de parar. Por algum tempo que afinal passou depressa, como tudo tem de passar. Hoje eu me sinto como se ter ido fosse necessário para voltar. Tanto mais vivo de vida mais vivida, dividida pra lá e pra cá.

Gilberto Gil, Back in Bahia

Em setembro de 2012, fomos visitar a Bienal das Artes de São Paulo, onde havia sido organizada uma exposição sobre Fernand Deligny. Em agosto, tínhamos entrado no doutorado. Não sabíamos de quem se tratava, não conhecíamos seu trabalho, e embarcamos por curiosidade, por vontade de viajar. Entramos na obra de Deligny pelas cartografias de Cévennes, foi o primeiro traço deixado pelo contato com ele, através dos diferentes mapas que caíam pendurados do teto da Bienal. Depois, soubemos que os mapas não haviam sido desenhados por Deligny, mas por diferentes pessoas que compunham a rede, *presenças próximas* de crianças autistas, e nos alegramos que nossa primeira marca não carregava um *eu*, um *meu*. Um amigo viajou para Paris alguns meses depois, trouxe-nos um exemplar dos livros *Oeuvres* e *L'arachnéen*. Não havia ainda qualquer tradução dos textos de Deligny para o português e seus livros não podiam ser comprados no Brasil. Começamos uma leitura juntos e nunca mais a deixamos. Em 2014, decidimos fazer um período de doutorado sanduíche na França, uma tentativa de mudar os caminhos que nos aguardavam e uma aposta em construirmos outros rumos.

Em setembro de 2014, embarcamos juntos para Paris. Chegamos juntos, juntos passamos todo aquele ano. Andamos pelos canais, descobrimos as

²⁹⁸"J'ai évoqué le chemin qui m'a mené vers cette terre camisarde, terre de résistance, mais en ce temps-là nous étions quelques-uns et quelques-unes à vouloir échapper au sort qui nous était réservé. Sans cette volonté, ce petit réseau d'aires de séjour, implanté dans les premiers reliefs des Cévennes, n'aurait pas pu se mettre en place et accueillir des gamins autistes pendant aussi longtemps." (LIN, 2007, p.115).

bicicletas que nos levavam para todos os cantos da cidade, descobrimos a rota Parc de la Villette, Boulevard de La Villette, Père Lachaise, Rue de la Roquette. O caminho até o Sena, a casa perto da Mesquita. Descobrimos o acolhimento do frio, o povoamento da cidade na primavera, o calor do verão, as folhas pelo chão no outono. Descobrimos os concertos de jazz, a biblioteca nacional. As feiras dos finais de semana, os piqueniques. As universidades nos subúrbios vizinhos. O restaurante africano, a *peniche* do lado de nossa casa. Os jantares juntos, os vinhos, a música. Dançamos forró. Cuidamos juntos do cachorro de nossos amigos, nos tornamos amigos. Fizemos uma mudança para a Itália. Tocamos juntos contrabaixo, violoncelo e violão na *peniche*, nos fantasiávamos de irmãos gêmeos no carnaval, falamos de possíveis caminhos de vida na volta para o Brasil. Fizemos festas naquela casa de três andares em La Chapelle, tomamos apenas uma bebida cara durante toda a noite para podermos ouvir a música dos amigos na Rue des Lombards, fomos ao cinema ao ar livre e pouco nos conhecíamos. Nos encontramos, ao acaso, uma noite, na calçada do parque de Belleville. Na festa naquela casa de italianos em Maisons-Alfort, subúrbio de Paris, irritamos os franceses com a infinita sequência de músicas brasileiras tocadas no violão. Fizemos 356 mil omeletes. Vimos, pela janela daquele apartamento, a Sacré-Coeur em Montmartre. Aproveitamos o jardim de flores do lado da casa. Fomos ao teatro, ao cinema. Sentamos no Buttes Chaumont no dia em que soubemos de sua morte. Passamos poucos dias juntos, chegava a hora de voltar. Viramos à noite, fomos ver o que se passava na estranha manifestação depois do atentado. Fizemos uma mudança para Berlim, corremos atrasados para o trem que partia. Cortamos e cozinhamos não sabemos quantas abóboras para aquela sopa. Durante meses seus caroços apareceram pelo chão. Nasceram filhos. Chegamos atrasados tantas vezes e nos divertíamos com os diferentes sotaques e trejeitos. Nos encontramos em diferentes cidades, nos cafés da manhã em Bruxelas, na neve e no vento de Berlim, na praia de Barcelona, no ônibus para o Porto, nas ruas de Lisboa. No dia da rainha, agora rei, em Amsterdam, no alojamento universitário em Londres, no festival de jazz em Marciac, nas montanhas do sul da França, do norte da Itália. Experimentamos Cévennes e os textos em Montplaisir. Jantamos e trocamos impressões e ideias sobre o trabalho na casa de porta azul no 17eme. Nos encontramos no prédio com o grande pátio interno no número 30 da Rue des Dames.

Para chegar em Monoblet, vilarejo em Cévennes onde ficávamos nos períodos de trabalho nos arquivos, era preciso pegar dois trens, um até Marne-la-Vallée e em seguida outro até Nîmes. Chegando em Nîmes, esperávamos o ônibus que nos levava até Saint-Hippolyte-du-Fort. Lá, éramos buscados e levados de carona até Monoblet. Víamos as montanhas que desenhavam os contornos da região, as montanhas *Les deux Jumelles*; a cada chegada sentíamos a mudança na vegetação e na luz dos diferentes períodos do ano, o que mudava todo o entorno. Um novo lugar se apresentava a cada vez. Abrigados em Monoblet, conhecemos o templo, o café da praça, a feira dos sábados, a caminhonete de pizza dos domingos. O vazio do pequeno vilarejo, seu florescer da primavera, seu movimento de verão. A tranquilidade de Cévennes. Construimos nosso dia-a-dia sempre igual. As compras na feira de Ganges, no mercado *Super U* em Saint-Hippolyte, na lojinha *bio*, na lojinha dos queijos e do mel, na venda de verduras e legumes. O café da manhã compartilhado na mesa da sacada, a ida com o carro velho até Montplaisir, nos dias de tempo bom e de menos cansaço, com as bicicletas que havíamos consertado, o farnel que levávamos para o almoço no intervalo do trabalho com os textos, a volta à noite, o ritual de fazermos o jantar, de comermos chocolate de sobremesa, de fumarmos e tomarmos vinho, de ouvirmos música olhando para o teto até a sonolência vencer, ou os pensamentos, ou os silêncios. De projetar filmes na parede branca da sala, afastar os quadros, arrastar o sofá, dormir, ficarmos vidrados nas imagens até o fim.

Chegávamos todas as manhãs em Montplaisir. O carro, parávamos à esquerda, logo antes da última rampa anterior à casa. A casa de não sei quantos séculos atrás, o abrigo até hoje daqueles que permanecem, em vida comum, com crianças tornadas adultas, depois de tantos anos, em Cévennes. Subimos seus degraus de pedra até o último andar. Lá, no último cômodo à esquerda, encontramos caixas grandes de papelão, caixas pequenas, pastas, algumas malas, um baú. Todos repletos de papéis, papéis A4 datilografados que não acabavam mais, papéis A4 escritos à mão, pequenos bilhetes, papéis soltos, enormes folhas de papel A3, manuscritos de diferentes períodos. Papéis vegetais com desenhos de mapas, rolos de filmes intitulados *Le Moindre Geste*, uma mala de fotos, registros em preto e branco de crianças pulando, de crianças paradas, de adultos, de

crianças com adultos, de cachorros, de acampamentos, de atividades conjuntas, de tantos anos passados. Caixas de algumas décadas de cartas trocadas com diferentes pessoas. Dois sofás, mesas de plástico e de madeira, estantes de ferro com os documentos, quadros e quadros pintados com as paisagens e os personagens que formaram, ao longo dos anos, a vida naquele lugar. Começava o trabalho nos arquivos de Deligny em Cévennes.

Um trabalho infinitamente partilhado por todos que compuseram e compõem a vida daqueles textos. Pela experiência daqueles que anteriormente haviam construído a primeira parte da organização dos arquivos. Trabalho partilhado com aqueles que tinham vivido desde o início da tentativa com Deligny e as crianças, e que ainda lá permanecem, construindo formas possíveis a cada época e em cada período para essa vida conjunta. Por nós. Por esse lugar perdido no tempo e nas montanhas e que se construía cada vez que estacionávamos o carro, que andávamos até a porta, que subíamos as escadas, que abríamos as caixas, que conversávamos, que tomávamos café, que ficávamos, depois das longas horas sobre os textos, para os jantares acalantadores, naquela cozinha onde tínhamos todos um lugar à mesa, onde a cada vez se repetia o ritual de partilhar a comida, onde surgia a presença silenciosa de diferentes companheiros que se repetiam em seus movimentos, em seus balançares, em seus gestos. Onde ouvíamos e contávamos histórias de agora e de antes. Onde o cachorro negro da altura das nossas cinturas passava, pedia que a porta se abrisse, tomava o ar frio do inverno.

Arquivos construídos por refeições partilhadas, por receios, preocupações e motivações comuns; pelo trabalho com papéis espalhados pelo chão, pela leitura incessante de trechos que se repetiam, que se modulavam, que voltavam depois de anos, que em um ou outro detalhe se modificavam, que apareciam, em diferentes ocasiões, múltiplas vezes, trechos que se associavam entre os textos através dos anos, com décadas de intervalo. Pelo encontro de textos inéditos, de textos incompletos, de diferentes versões do mesmo texto, de cartas com fotos, de projetos de filmes nunca feitos, de ilustrações para os textos, de novas versões de textos já publicados, das páginas manuscritas de textos já conhecidos. Por um processo de a cada instante revisar e modificar a forma de arquivar, a organização proposta, a lógica de ligadura entre os escritos, a partir do movimento criado pela

própria escrita de Deligny. Trabalho construído pelos passeios nas manhãs de sol, pela apresentação da região por aqueles que os cabelos brancos indicavam o entrelaçamento com ela por toda uma vida. Por aqueles que, ainda em silêncio, passeavam pelas trilhas dos caminhos tantas vezes percorridos.

Pensamos uma linha de organização dos infinitos textos que possibilitasse perceber as nuances temáticas, as diferentes formas da escrita de Deligny, suas idas e vindas, suas transições, mas também sua volta incessante aos mesmos temas, aos mesmos textos. Sua produção em diferentes períodos, a partir de diferentes conteúdos - mais conceituais, fictícios ou autobiográficos. Que construísse um lugar para seus escritos e desse visibilidade às sequências de textos interligados, aos novos textos que se conectavam a textos já conhecidos, aos seus projetos de teatro e de filmes. A partir dessa linha, que a cada caixa, a cada mala, se modificava, se ajustava aos encontros, uma linha temático-cronológica, fomos construindo esse arquivo. Sequência de uma organização já iniciada, trabalho conjunto de tantas pessoas, de tantas percepções, de diferentes compreensões da trajetória de Deligny. De diferentes formas de sentir seu trabalho, de ser tocado por seus textos. *arquivos*, no diminutivo e no plural.

Nos deparamos com a concretude de Cévennes, com suas pedras, seus caminhos, os pedaços de calcário pelo chão, os riachos, o verde de sua vegetação, suas histórias, com a concretude daquelas pessoas que compunham essas histórias. A concretude de Deligny. Nossas pesquisas, nossos estudos e nossas teses não seriam mais os mesmos.

Na primavera, a casa em Monoblet se encheu. No verão também. Jantamos juntos nas noites amenas, na sacada da casa. A nova piscina se encheu de água. Passeamos de bicicleta e fizemos trilhas pelos vilarejos vizinhos. Deitamos no gramado para ver as estrelas cadentes, com a grama que picava a pele e nos escondia em meio ao seu mato alto. Vimos estrelas-meteoros que explodiam em sua trajetória. O céu se iluminava em um rápido fogo a cada vez. Deitamos no meio da estrada, à noite, sem luz, para olhar o céu. Não sabemos quanto tempo se passou. Em maio, fizemos nossa última ida para o trabalho com os textos. Terminamos de juntar, salvo as correspondências, que já se encontravam em um

outro processo de organização, todo o material escrito por Deligny que ainda estava em Cévennes. Existem, também, outros textos e documentos em outros lugares, com pessoas que fizeram parte da vida de Deligny. Ainda bem que os arquivos além de se constituírem sempre no plural e no diminutivo, são sempre, também, incompletos.

Com a chegada do transporte enviado pelo Instituto Memórias da Edição Contemporânea (Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine - IMEC), situado na cidade de Saint-Germain-la-Blanche-Herbe, próximo a cidade de Caen, no norte da França, vimos juntos partirem as diferentes caixas nas quais foram reorganizados os textos. O objetivo foi integrá-las às anteriormente organizadas e enviadas, complementando o *Fundo Deligny* criado no IMEC.

O IMEC é uma associação privada, que devido ao interesse público que seu trabalho possui, é apoiada pelo Estado. Sua sede se localiza em uma abadia do século XIII cuja grande estrutura foi adaptada para a instalação de diferentes fundos de autores contemporâneos, de uma biblioteca, e de espaços administrativos e operacionais para o trabalho dos pesquisadores associados e dos pesquisadores visitantes. Para consultar os fundos do IMEC é necessário realizar um pedido formal e possuir algum tipo de vínculo acadêmico ou de pesquisa. O instituto não é aberto de maneira irrestrita ao público interessado nas obras lá conservadas, o acesso é extremamente limitado. A estadia tampouco é algo simples: para consultar os fundos é preciso passar alguns dias no próprio IMEC ou em algum local na cidade de Caen. Além dos custos envolvidos com a estadia, pelo instituto estar situado em uma pequena cidade no norte da França que não representa um centro universitário ou populacional do país, a ida aos arquivos implica em um gasto financeiro significativo com o deslocamento. Limitado, portanto, em sua abertura tanto pelo perfil exigido em relação ao pesquisador e pela necessidade de autorização prévia, como pelo custo de locomoção e estadia, além da dificuldade de acesso, o IMEC é uma verdadeira Instituição.

No início do trabalho com os arquivos, havia sido combinada uma ida ao instituto para integrar o novo material enviado ao material que lá se encontrava, proveniente da organização da publicação *Fernand Deligny Oeuvres*. Chegamos a Caen no início de junho de 2015. O tamanho imponente das instalações, o vento

contínuo do norte, as chuvas ao cair das tardes, a quase total ausência de diálogo durante o trabalho realizado, as próprias limitações impostas em relação ao que podíamos ou não fazer, o ar fechado de um local reservado a uma elite acadêmica ou pesquisadora, ou ambas, nos impactou e produziu um caminho de reflexão que havia se aberto ao longo do trabalho com os textos em Cévennes. Tal caminho dizia respeito às questões: como criar um arquivo Deligny? Como dar um nome próprio a uma produção que se deu continuamente de maneira coletiva? Que só existe por ter se constituído em um mesmo movimento com a prática da rede, com a atuação de todos que a compunham, a partir dos traços dos trajetos percorridos ao longo dos trinta anos de vida comum em Cévennes²⁹⁹. Como fundar um arquivo Deligny, quando ele mesmo tanto escreveu para esquivar ao próprio nome?

Uma perspectiva nos guiou: não existe *O Arquivo*, existem somente arquivos em constante mudança e construídos coletivamente e que, assim, destituem tanto a concepção do *texto original*, como da autoria. Nossas idas a Cévennes foram uma experimentação desta perspectiva de compreensão do trabalho com a memória dos textos. Entramos em um trabalho já começado, feito antes por outras pessoas; vivemos essa experiência junto com tantas outras que são responsáveis, tanto quanto nós, por essa construção; os textos, a cada hora novos, modificados, revistos, tornaram impossível localizar um original, um ponto de partida, um 'verdadeiro exemplar' do trabalho de Deligny; a nítida percepção de que esse trabalho foi fruto dessa vida comum, dos encontros, dos mapas, das trocas, das experiências trazidas pelas *presenças próximas*, tornou impossível conceber uma autoria no singular, fechada e imutável. A escrita de Deligny é a materialização de uma construção prática e coletiva.

O desafio - e a preocupação - colocado pela ida ao IMEC, pela consolidação de 'um fundo Deligny', dialoga diretamente com essas questões. Como dar conta de refletir sobre um arquivo vivo, aberto, acessível, mutante, coletivo, em uma instituição construída a partir de concepções que limitam o acesso, que compreendem a produção de conhecimento como algo relacionado ao

²⁹⁹ Os textos com os quais trabalhamos e organizamos para o envio ao IMEC se referem ao material escrito por Deligny durante a última tentativa, ao longo do período de 1967 até 1996.

meio acadêmico e de pesquisa institucionalizados, que priorizam a autoria, que imobilizam o acervo pelo seu fechamento e pela ideia de construção 'do Arquivo'?

Não concluímos o trabalho. Fomos orientados tão somente a organizar, segundo a classificação do IMEC, os novos textos para que os mesmos fossem acondicionados no acervo. Não pudemos integrar os dois diferentes envios, dando uma coerência ao material e facilitando assim futuras consultas. Fizemos uma organização imaginária, simulando em uma base de dados, como ficaria a integração de todo o material. Pensamos que isso poderá facilitar a consulta, caso a tabela possa ser disponibilizada, ou a continuidade do trabalho, caso esta venha a ser feita por outras pessoas que não tenham participado do processo desde o início.³⁰⁰ Muitos dos textos enviados anteriormente dialogam diretamente com aqueles que encontramos, são os mesmos, são versões anteriores ou posteriores, revisões ou mesmo sequências. Mantê-los separados torna a consulta não apenas difícil como problemática.

Esperamos poder dar sequência a essa construção, junto com aqueles que dela participaram e tantos outros que venham a se integrar. Esperamos aprofundar a reflexão sobre a construção da memória, dos arquivos, sobre o lugar muitas vezes elitista e inacessível da dita produção de conhecimento, sobre as instituições que replicam e perpetuam esses modelos excludentes e limitados. Para abordar a escrita de Deligny, é necessário colocar em questão o lugar de um arquivo nos moldes como hoje ele está pensado no IMEC, fazer valer não só o trabalho de todos que construíram junto com ele a tentativa, como a sua própria concepção de escrita, sua intenção contínua de esquivar ao nome próprio.

Onde se vê que esse termo autor, nesse caso, não responde àquilo que o dicionário propõe: 'pessoa que é a primeira causa de uma coisa, que está na origem de uma coisa'. Como você quer que, depois de uma tal definição, cada um não se tome pelo bom Deus. Como seria possível que uma 'coisa' se originasse de uma pessoa? Eu mesmo, escrevendo esse texto do qual eu sou, então, o autor, vê-se bem de onde se origina essas linhas: de duas coisas que fazem uma, traços dos trajetos e 'traçar' que são traços da mão, mas é verdade que ao traçar essas linhas, nossa mão está aí. Isso quer dizer toda linha traçada se origina da mão? Sim e não, pois, enfim, é todo um corpo que se pôs a saltitar segundo os desvios, em relação aos quais se poderia pensar que o projeto que os sustenta, isso que aparece manifesto, é o de buscar um acordo com esse 'traçar', traços da mão, emanados do mesmo

³⁰⁰O resultado dessa construção encontra-se no Anexo 1.

indivíduo. Esse acordo, eventualmente notável para aqueles que se emocionam ao percebê-lo, e se espantam, eu digo a mim mesmo que ele não ultrapassa as bordas (do entendimento), mas que ele vem desse fora tão atraente, nem que seja porque o horizonte, avançando na medida em que avançamos, é verdadeiramente de infinito que se trata, enquanto que, bordeados que nós somos pelo verbo, nos é necessário escrever: infinitivos, traçar não sendo o menor deles, onde se trata de inovar totalmente, por inadvertência, nem que seja um desvio, onde aparece que se trata de outra coisa totalmente diferente do que ir por ele, aí, mas sim de fazer aparecer o traço desse trajeto comparável então ao traço inscrito pela mão de quem andou o trajeto. Onde está o autor, em todas essas manobras? Ele desaparece, apagado como se apaga a ideia de que a arte é representar. Eu ia dizer que se trata de expor, isso que é frequentemente verdade, mas e a música? Tratar-se-ia antes de acordar, palavra que não sabemos muito se ela se origina de coração ou de corda. Mas então, seria necessário que acordar significasse criar um acordo, e não um consentimento, uma conformidade, mas antes uma discordância a partir da qual vão vibrar as relações de frequência.

O coração está dentro, bordado, limitado.
Ele tem seus limites que tem uma história.
A corda está fora.³⁰¹ (DELIGNY, 2008, p.132)

Em Montplaisir, ficaram os mapas, os relatos diários sobre a rotina das áreas de convivência feitos pelas *presenças próximas*, os diversos rolos de filmagem de *Le Moindre Geste*, os recortes de jornais nos quais em diferentes períodos Deligny aparece. Por enquanto ficaram também as correspondências, em processo de organização para uma nova publicação. Ficaram as fotos em preto e branco, ficou Gisèle, Jacques, Dudu e outros que juntos constroem a vida atual desse lugar, companheiros dos trajetos dos adultos autistas que lá residem.

³⁰¹"Où se voit que ce terme d'auteur, en l'occurrence, ne répond pas à ce que le dictionnaire propose: 'personne qui est la première cause d'une chose, à l'origine d'une chose'. Comment voulez-vous, après une telle définition, que tout un chacun ne se prenne pas pour le bon Dieu. Comment se pourrait-il qu'une 'chose' s'origine d'une personne? Moi-même, écrivant ce texte dont je suis donc l'auteur, on voit bien d'où s'originent ces lignes: de deux choses qui n'en font qu'une, traces de trajets et 'tracer' qui sont traces de main, mais il est vrai qu'à tracer les lignes d'erre, notre main n'y est pas pour rien. Est-ce à dire que toute ligne tracée s'origine de la main? Oui et non, car enfin c'est bien un corps tout entier qui s'est mis à gambader selon des détours dont on pourrait penser que le projet qui sous-tend ce qui apparaît manifestement est de rechercher un accord avec ces 'tracer', traces de main, émanant du même individu. Cet accord, éventuellement remarquable pour qui s'émeut de s'en apercevoir, et s'étonne, je me dis non pas qu'il dépasse les bornes (de l'entendement) mais qu'il vient de ce dehors si attirant, ne serait-ce que parce que l'horizon en recule au fur et à mesure qu'on avance, et c'est à proprement parler d'infini qu'il s'agit, alors que, bordés que nous sommes par le verbe, il nous faut écrire: infinitifs, tracer n'étant pas le moindre, où il y va d'innover tout à fait par inadvertance, ne serait-ce qu'un détour où apparaît qu'il y va de tout autre chose que d'y aller, là, mais aussi de faire apparaître la trace de ce trajet, comparable alors à la trace inscrite par la main de qui a marché le trajet. Où est l'auteur, dans toutes ces manigances? Il disparaît, effacé comme s'efface l'idée que l'art c'est représenter. J'allais dire qu'il s'agit d'exposer ce qui est souvent vrai, mais alors, la musique? Il s'agirait plutôt d'accorder, mot dont on ne sait pas trop s'il s'origine de coeur ou de corde. Mais alors il faudrait qu'accorder signifie créer un accord, et non pas un consentement, une conformité, mais plutôt une discordance d'où vont vibrer des rapports de fréquence. Le coeur est dedans, bordé, borné. Il a ses limites qui ont une histoire. La corde est dehors." (DELIGNY, 2008, p.132).

Memória de quase cinquenta anos em meio às montanhas e ao verde de Cévennes. *Memória de espécie*, traços para sempre conservados de uma vida comum.

Em agosto fomos uma última vez para Cévennes, fomos todos. Com o tempo livre para experimentar mais seus diferentes lugares, fizemos trilhas, fomos a cidades vizinhas, subimos morros, jantamos à noite em Montplaisir, conversamos, contamos histórias, fizemos piqueniques, tomamos cerveja e comemos chocolates no meio das tardes, no jardim. Passeamos no calor da noite, no escuro e no silêncio das cidades pequenas. Partilhamos ideias para o futuro, problemas do presente, memórias do ano passado em conjunto. A casa em Monoblet recebeu as visitas das férias de verão, os amigos, virou passagem de diferentes trajetos, viu alguns chegarem e outros partirem. Voltamos para Paris. Retraçamos os trajetos traçados todos os meses, revivemos os encontros rotineiros de todos os dias.

Em setembro de 2015, voltamos todos para o Brasil.

És um senhor tão bonito, quanto a cara do meu filho. Tempo, tempo, tempo, tempo, vou te fazer um pedido. Tempo, tempo, tempo, tempo. Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos, tempo, tempo, tempo, tempo, entro num acordo contigo. Tempo, tempo, tempo, tempo. Por seres tão inventivo e pareceres contínuo, tempo, tempo, tempo, tempo, és um dos deuses mais lindos. Tempo, tempo, tempo, tempo. Que sejas ainda mais vivo, no som do meu estribilho, tempo, tempo, tempo, tempo, ouve bem o que te digo. Tempo, tempo, tempo, tempo. Peço-te o prazer legítimo, e o movimento preciso, tempo, tempo, tempo, tempo, quando o tempo for propício. Tempo, tempo, tempo, tempo. De modo que o meu espírito, ganhe um brilho definido, tempo, tempo, tempo, tempo, e eu espalhe benefícios. Tempo, tempo, tempo, tempo. O que usaremos pra isso, fica guardado em sigilo, tempo, tempo, tempo, tempo, apenas contigo e comigo. Tempo, tempo, tempo, tempo. E quando eu tiver saído, para fora do teu círculo, tempo, tempo, tempo, tempo, não serei nem terás sido. Tempo, tempo, tempo, tempo. Ainda assim acredito, ser possível reunirmo-nos, tempo, tempo, tempo, tempo, num outro nível de vínculo. Tempo, tempo, tempo, tempo. Portanto, peço-te aquilo, e te ofereço elogios, tempo, tempo, tempo, tempo, nas rimas do meu estilo. Tempo, tempo, tempo, tempo.

Caetano Veloso, Oração ao Tempo

5.

1967-1996: A rede em Cévennes, os trajetos de lugares construídos em presença próxima

Estou no ponto de recomençar alguma coisa como a Grande Cordée, mas em relação a crianças 'à parte'. Eu herdei uma criança de doze anos, prestativo como um chimpanzé, mas em nada mais falante. Nem uma palavra. Eu gostaria de ver isso de perto, mais profundamente. Não em relação àquilo que se passa ou se passou em seu interior, mas quanto àquilo que poderia constituir um meio próximo adequado para lhe fornecer a palavra que ele recusou até o momento. O meio próximo, eu o tenho: - Any e nosso filho, Vincent; - Guy Aubert; - Marie-Rose Aubert; - Gisèle, irmã d'Any; - Jacques Lin, um cara de 20 anos que trabalhava na Hispano e que vem conosco; - Yves Guignard; - Michel Creusot, um grande idiota tagarela...³⁰²

Correspondência com Irene Lèzine, s/d.

Durante anos nós traçamos cartas, tentativas esboçadas de diferentes maneiras de *guardar traços* de linhas d'erre (trajetos 'livres') de crianças autistas em estadia junto a nós. Esses traços, vistos e revistos, modificaram nosso ponto de vista em relação a elas. Era evidente que entre esse ponto de vista nosso, e o PONTO DE VER delas, a diferença era marcante...Esse 'norte' que se trata de não perder de vista pode se dizer humano, se nós compreendemos aí toda coisa diferente dos produtos aparentemente variados elaborados pela ideologia... A vacância da linguagem, presente no que concerne às crianças que chegam para estadia aqui, permite evocar que haveria um indivíduo não sujeito.³⁰³

Fernand Deligny, Le Croire et le Craindre

³⁰²"Suis sur le point de recommencer quelque chose comme la Grande Cordée mais vis-à-vis des enfants 'à part'. J'ai hérité d'un enfant de 12 ans, preste comme un chimpanzé, mais pas plus bavard. Pas un mot. Je voudrais voir ça de près, au + profond. Non pas quant à ce qui se passe ou s'est passé dans son for intérieur mais quant à ce que pourrait y faire un milieu proche prêt à lui donner la parole qu'il a jusqu'à maintenant refusé. Le milieu proche, je l'ai: -Any et notre fils, Vincent/-Guy Aubert/-Marie-Rose Aubert/-Gisèle, sœur d'Any/-Jacques Lin, un gars de 20 ans qui travaillait à Hispano et vient avec nous/-Yves Guignard/-Michel Creusot, un grand idiot bavard..." (Correspondência com Irene Lèzine s/d). Deligny no período que corresponde ao final da tentativa da Grande Cordée falava de seu interesse em ver 'como um meio pode garantir o acesso a palavra'. Ele abandonou, como veremos, durante o período de Cévennes, qualquer menção ao objetivo de garantir o acesso a fala pelas crianças. Sua pesquisa se aprofundou em relação a uma crítica à linguagem e a necessidade de semelhança da diferença a partir da imagem dominante do homem como um ser-sujeito-dotado de palavra.

³⁰³"Pendant des années, nous avons trace des cartes, tentatives esquissées de différentes manières de *garder traces* des lignes d'erre (trajets 'libres') des enfants autistiques en séjour auprès de nous. Ces traces vues et revues ont modifié notre point de vue à leur égard. Il était évident qu'entre ce point de vue-là, notre, et leur POINT DE VOIR, la différence était remarquable...Ce 'nord' qu'il s'agit de ne pas perdre de vue peut se dire l'humain, si on veut bien entendre par là tout autre chose que les produits apparemment variés élaborés par l'ideologie...La vacance de langage, manifeste pour ce qui concerne les enfants qui viennent en séjour ici, permet d'évoquer qu'il y aurait de l'individu non sujet." (DELIGNY, 2007, p.1147).

Deligny deixou La Borde no ano de 1967³⁰⁴. O ambiente do falatório coletivo, a perspectiva clínica, fundada no cuidado através da linguagem, e as regras de funcionamento institucional³⁰⁵ faziam de La Borde um ambiente pouco propício para ele e para o desenvolvimento das questões que surgiram após o seu encontro com Yves e Janmari. Como mencionamos no capítulo anterior, após um curto retorno à clínica, depois de sua primeira ida para Gourgas, Deligny e o grupo que ele denominava como *meio próximo* se instalaram definitivamente em Cévennes.

A correspondência com Irene Lèzine permite constatar que o encontro com Janmari determinou em definitivo uma transição na trajetória de Deligny³⁰⁶. Se esta mudança já se encontrava em curso durante a segunda metade da tentativa da Grande Cordée, e após o seu encontro com Yves, ela se consolidou com sua saída de La Borde e sua instalação em Cévennes. Aquilo que passou a orientar Deligny foi a tentativa de desenvolvimento de um meio próximo capaz de garantir um lugar propício para Janmari - e para diversas crianças autistas que frequentaram ou moraram na tentativa nos anos que se seguiram - existir, fora dos dispositivos institucionais previstos para a internação, para o tratamento ou para a readaptação de crianças *anormais*. Tais dispositivos foram criados e fortalecidos através do

³⁰⁴"De La Borde, eu vou morrer. Verdadeiramente. Pode-se dizer tão pior ou tão melhor. Mas, vivo, eu gostaria de ter deixado para Any um pequeno empreendimento e uma obra. Talvez tudo isso serviria também para outros: eu não faço ideia..." "De La Borde, je vais en crever. Pour de vrai. On peut se dire tant pis ou tant mieux. Mais, vivant, j'aurais voulu laisser à Any une petite entreprise et une œuvre. Peut être que tout ça servirait aussi à d'autres: je n'en sais rien..." (Correspondência com Irene Lèzine de 14 de outubro de 1966). Na correspondência o ano não corresponde ao período da escrita, como foi informado por Huguette Dumoulin, devendo este ser 1965 ou mais provavelmente 1966.

³⁰⁵Em uma conversa com Anne Querien em 2015, ela relatou que apesar das diretrizes que afirmavam uma crítica profunda ao modelo institucional fechado e da proposta de uma clínica aberta, do engajamento dos pacientes em seu próprio tratamento e na construção da vida de La Borde, esta possuía um funcionamento delimitado que se constituía como uma forma de encerramento de seus usuários em uma lógica institucional predefinida.

³⁰⁶"Um dia, sua inquilina insiste para que ele receba a mãe de uma criança muda que os médicos queriam fazer internar malgrados os protestos vigorosos dos pais. Deligny hesita (o que o qualifica para isso? ele não gosta de jogar com a ilusão médica), depois ele aceita. Ele pega emprestado o consultório de um amigo médico e recebe a mãe da criança. É essa entrevista que vai decidir os dez anos seguintes. Jean-Marie, durante toda a entrevista, não faz outra coisa que bater violentamente sua cabeça contra as paredes." "Un jour sa logeuse insiste pour qu'il reçoive la mère d'un enfant mutique, que les médecins veulent faire enfermer malgré les protestations vigoureuses des parents. Deligny hésite (qu'est-ce qui le qualifie pour cela? il n'aime pas beaucoup jouer à l'illusion médicale) puis accepte. Il se fait prêter un bureau par un ami médecin et reçoit la mère de l'enfant. C'est cette entrevue qui va dévider des dix années suivantes. Jean-Marie, pendant tout l'entretien, ne fait que se heurter violemment la tête contre les murs." (MOREAU, 1978, p.118).

desenvolvimento da noção de infância inadaptada, que orientou a elaboração das políticas de cuidado das crianças e dos adolescentes considerados à margem dos padrões de normalidade vigentes.

Com esse intuito, e a partir da saída de La Borde, Deligny rompeu definitivamente com o quadro institucional de sua época. Ele não rompeu, no entanto, com uma luta política voltada para a compreensão da inadaptação como noção que permite dar a ver a violência dos conceitos de adaptação e de normalidade como forma de garantia de respeito e de cuidado das diferentes maneiras de estar no mundo. Os lugares constituídos por Deligny ao longo das diferentes tentativas foram permanentemente os de uma *presença próxima* da inadaptação e de recusa aos preceitos da reeducação, da readaptação, da *semelhança* e da exclusão.

Ele tinha, então, doze anos
em 1967
Invivível, é verdade
por causa dos danos
por causa dos vizinhos
por causa de tudo aquilo que a gente pode se dizer
por causa de tudo aquilo que pode ser dito
e depois nada a fazer
Eles disseram claramente
incurável
insuportável
invivível
incurável
invivível
então a sociedade previu tudo
e mesmo os lugares onde inviver o seja, previsto...
e acontece que esse lugar-aí previsto por
eu o conheço.³⁰⁷ (DELIGNY, 2007, p.1040)

No ano de 1958, La Borde passou por uma mudança estrutural marcada pela transição para uma centralização administrativa e de gestão e, conseqüentemente, por uma distribuição de poderes dentro da clínica. Um órgão

³⁰⁷"Il avait donc douze ans/en 1967/Invivable, c'est vrai/à cause des dégâts/à cause des voisins/à cause de tout ce qu'on peut se dire/de tout ce qui peut se dire/et puis rien à faire/Ils l'ont bien dit/incurable/insupportable/invivable/incurable/invivable/alors la société a tout prévu/et même des lieux où invivre le soit, prévu.../et il se trouve que ce lieu-là prévu pour/je le connais." (DELIGNY, 2007, p.1040).

central se tornou responsável pela organização da disposição da equipe, da grade de horários e das funções exercidas, pela definição das dinâmicas do trabalho coletivo e das relações administrativas e financeiras com o Estado. La Borde era vinculada à Seguridade Social como estabelecimento privado de saúde e, portanto, sujeita à normatividade tanto do campo da saúde como às regras que definiam as relações comerciais entre um organismo privado e o Estado. (MIGUEL, 2016, p.150)

Quando Deligny chegou a La Borde, portanto, essa era a configuração que determinava a forma de funcionamento da clínica. Se, por um lado, Deligny reconhecia sua dinâmica como uma alternativa às linhas dominantes do funcionamento institucional repressor que caracterizava o campo da saúde mental, por outro, ele reconhecia, em La Borde, a manutenção da noção de *alternativa*, o que para ele determinava uma linha de continuidade por dentro das possibilidades institucionais existentes³⁰⁸. O aprofundamento de sua crítica à linguagem e à imagem do *homem-que-nós-somos* exigia a construção de um meio que fosse outra coisa que os lugares institucionais possíveis, um lugar para uma pesquisa e uma prática alinhadas às mudanças que tinham curso em sua perspectiva de

³⁰⁸"Se por um lado, Deligny se opõe agora à criação-reforma institucional, por outro lado, ele não se volta para um contra ou um anti-institucional. Ele pensa em La Borde como uma instituição que se quer alternativa, quer dizer, que não reproduz em seu âmbito as grandes linhas das grandes Instituições - com suas hierarquias, seus excessos de finalismo e metas a cumprir, sua razão de ser, suas organizações excessivamente rígidas, suas relações de poder exacerbadas demais, suas estratégias de gestão...De fato, Deligny percebe no interior de La Borde, uma discussão constante justamente sobre qual lugar a clínica deveria ocupar, como não sucumbir ao *modus operandi* tradicional, permanecendo ainda uma instituição...Por esse motivo o conceito de 'análise institucional' possui um papel determinante...ela é um modo de ação sobre os agenciamentos de grupo tanto sobre suas modalidades parciais, como sobre suas modalidades totalizadoras. A análise permite ver, em todos os níveis, onde se reproduzem as formas de poder social, onde as coisas ficam bloqueadas, onde elas não se movem mais - pois dispersadas demais, isoladas demais, etc. De onde a importância central das discussões constantes, de uma palavra livre que circule sobre tudo e não importa qual assunto." "Si d'un côté, Deligny s'oppose maintenant à la création-réforme institutionnelle, de l'autre côté, il ne se tourne nullement vers la contre - ou anti-institution. Il pense à La Borde comme à une institution qui se veut alternative, c'est-à-dire, qui ne reproduit pas à son niveau les grandes lignes des grandes Institutions - avec ses hiérarchies, ses excès de finalisme et buts à accomplir, sa raison d'être, ses organisations trop rigides, ses rapports de pouvoir trop exacerbés, ses stratégies de gestion...En fait, Deligny voit à l'intérieur de La Borde une discussion constante sur justement quelle place la clinique devrait occuper, comment ne pas succomber au *modus operandi* traditionnel, tout en restant une institution...C'est pourquoi le concept d'analyse institutionnelle' joue un rôle aussi essentiel...elle est un mode d'action sur les agencements de groupe tantôt selon leurs modalités partielles, tantôt sur leurs modalités totalisatrices. L'analyse sert à voir, sur tous les niveaux, où se reproduisent des formes de pouvoir social, où cela bloque, où cela ne bouge plus - car trop dispersé, isolé, etc. D'où l'importance centrale des discussions constantes, d'une parole libre qui circule à propos de toute et n'importe quelle affaire." (MIGUEL, 2016, p.151).

atuação. Deligny passou a pensar, para o desdobramento de uma pesquisa e de uma prática que pudessem se estabelecer fora dos ditames da linguagem, na construção de um meio próximo, um meio não-institucionalizado, "e, em todo caso, decidido a proceder aos remanejamentos de sua própria trama e a provocar o acontecimento insólito, desconcertante". Esse meio próximo, espaço de acolhimento e de construção de vida em conjunto, para Deligny, "não é um ponto de aplicação da 'ideia de homem' tácita ou desenvolvida, que cada um poderia para aí importar." (DELIGNY, 2007, p.663)

Fonte: *Les Cahiers de la Fgéri*, janeiro de 1968, nº 2 (DELIGNY, 2007, p.663).

Paralelamente a essa pesquisa realizada em um 'meio próximo', será interessante pesquisar como um meio próximo, habitual, familiar, ou educativo, relativamente livre e, em todo caso, decidido a proceder aos remanejamentos de sua própria trama e a provocar o acontecimento insólito, desconcertante, aceita e empreende de se inventar, de se 're-criar' em função de uma criança (ou de crianças) com atraso, à parte, anormal, difícil. consciente que os sentimentos os mais 'naturais' devem passar por um crivo: o 'meio' não é um ponto de aplicação da 'ideia de homem' tácita ou desenvolvida, que cada um poderia para aí importar. Essa pesquisa pode ser feita sob a forma de entrevistas com aqueles que organizam o meio próximo habitual, entrevistas apoiadas eventualmente, e se necessário, por

breves estadias da criança em questão no 'meio livre' à procura de sua linguagem através de acontecimentos suscetíveis de provocar, da parte da criança em estadia provisória (algumas horas ou alguns dias e, se for necessário, diversas vezes) reações ou sinais de participação notáveis e úteis se, comunicados no curso das entrevistas com um e outro dos organizadores do meio próximo, elas podem abalar ao menos esse falso-conhecer ('eu o (ou a) conheço bem') que não é que a constatação da permanência das atitudes em um meio imutável e mantido rígido, com a melhor intenção do mundo, por pessoas que dizem (e pensam) ter tudo tentado - salvo, é claro, modificar, por pouco que seja, elas-mesmas-entre elas, tão conscientemente sustentadas nessa rigidez pelos preconceitos e certezas inveteradas das quais uma civilização, qualquer que ela seja, é necessariamente feita, isso sem falar das discordâncias profundas, dessas espécies de raivas íntimas, camufladas ou não, que fazem da criança uma testemunha assustada e frequentemente muito discreta, destruída, e perplexa diante de tudo isso que ela percebe através das entonações, encurralada por esses 'esquecimentos' que o inconsciente ambiente organiza para ela, até o ponto em que seu comportamento dá lugar às inquietudes. O 'meio' é linguagem ou não é. (DELIGNY, 2007, p.663).

Em 1967, junto com o meio próximo que o acompanhou na saída de La Borde, Deligny se instalou em uma casa de Félix Guattari, em Gourgas, pequeno conjunto de propriedades na região de Cévennes. Como mencionamos no final do capítulo anterior, Guattari esperava que Deligny assumisse a gestão da propriedade de Gourgas, que funcionava como ponto de encontro de diferentes militantes e grupos de esquerda no final da década de 1960. Os acontecimentos relacionados ao movimento de maio de 1968 e o aprofundamento dos processos de contestação política do período, fizeram com que a propriedade recebesse um grande número de visitantes ao longo do primeiro semestre e do verão daquele ano. Como consequência dos encontros coletivos que tiveram lugar em Gourgas e do papel predominante da palavra como meio de construção dos sentidos de coletividade, Deligny reencontrou, nesse período, grande parte dos motivos que determinaram sua saída de La Borde.

Pouco tempo depois, Deligny, Any, Vincent, Gisèle e Janmari se mudaram para uma propriedade em Graniers, outra pequena localidade de Cévennes. Marie-Rose e Guy Aubert passaram a morar em Monoblet, enquanto Jacques, Yves e Michel C. foram morar, em troca de diferentes trabalhos, inicialmente em um porão e em seguida em um estabelecimento de cultivo de bichos-da-seda, pertencentes a propriedades locais. (DELIGNY, 2007, p.673).

Da minha parte, eu escolhi, nesses tempos, *ruptura*. Uma tentativa se faz em *ruptura* e depois, como vocês querem que um autista, entre outros, alcance um inovar qualquer se não há *ruptura* em parte alguma, e ruptura vindo de *nós*. Mas não se trata de ir por aí, agora, em direção ao que poderia ser o *ponto de ver* de um autista. Digamos que *ruptura* pode ser uma palavra-mestre para quem se arriscar a se colocar em posição de inovar.³⁰⁹ (DELIGNY, 2007, p.1005)

Em 1971, Deligny publicou, no número 55 da revista francesa *Jeune Cinéma*, o artigo *Quand même il est de nôtres*, onde retoma algumas reflexões sobre o processo de gravação e de montagem do filme *Le Moindre Geste*. O filme havia sido lançado naquele ano e exibido na semana da crítica de Cannes. No artigo, Deligny reflete sobre a realização do filme a partir das mudanças advindas nos anos que seguiram o registro das imagens, marcados por sua estadia em La Borde e pelo período inicial da rede em Cévennes. Ele escreve que as imagens registradas e a presença de Yves possibilitavam uma aproximação com aquilo que ele concebia como o modo de funcionamento e de construção de uma tentativa: um filme podia ser produzido pautado pelo objetivo de concretização de uma obra-prima ou podia ser elaborado a partir do mesmo processo que determinava o funcionamento de um antigo mecanismo para a captura de moscas em uma casa. Uma fita colante pendurada ao teto onde elas, ao longo do tempo, acabavam ficando presas. A película do filme, nessa segunda perspectiva, funciona, portanto, como meio para o registro daquilo que ocorre em uma determinada duração temporal. O filme, compreendido dessa maneira, não se configura como uma forma de intervenção precisamente intencionada e direcionada, e sim como ferramenta de registro daquilo que tem lugar ao longo do tempo. Uma tentativa, portanto, para Deligny, é algo que acontece com o decorrer do tempo, não a partir da intencionalidade e da vontade de um sujeito ou de um coletivo responsáveis por sua elaboração. Ela tem lugar a partir das marcas produzidas por pessoas, acontecimentos e coisas que passam a compor e a construir o próprio espaço da tentativa. Uma tentativa é um lugar que existe como desdobramento de uma sucessão de fatos, acasos e encontros, sem que o mestre que guia as ações seja um

³⁰⁹"Pour ma part, j'ai choisi, ces temps-ci *rupture*. Une tentative est *en rupture de bans* et puis, comment voulez-vous qu'un autiste, entre autres, amorce un innover quelconque s'il n'y a pas *rupture* quelque part, et rupture venant de *nous*. Mais il ne s'agit pas de partir par-là, maintenant, vers ce qu'il peut-être du *point de voir* d'un autiste. Disons que *rupture* peut être un maître-mot pour qui s'y risquerait à entreprendre de se mettre en position d'innover" (DELIGNY, 2007, p.1005).

projeto formulado a partir de metas e objetivos capazes de garantir a utilidade produtiva de tal empreitada.

O destino comum a esse ser-aí sobre o qual eu falarei e aos quilômetros de película que carregam sua imagem, esclarece talvez um pouco isso que eu quero dizer quando eu falo de *tentativa*. Um filme pode ser uma obra-prima ou uma obra sem valor, uma pequena festa ou uma fita colante onde as ideias que estão no ar dos tempos vêm se fixar como as moscas sobre aquele papel colante usado na época em que havia bicicletas nas estradas.³¹⁰ (DELIGNY, 2007, p.633)

Na sequência desse mesmo texto, Deligny anuncia aquilo que guiou, desde o início dos anos em Cévennes, a nova tentativa em curso. Ela foi, como vimos, o desdobramento de mudanças determinantes nas reflexões de Deligny, advindas do novo público ao qual ele passou a se dedicar, das questões colocadas pela ausência completa do acesso à linguagem que caracterizava a maior parte das crianças que chegavam à rede, e das novas circunstâncias impostas à construção de uma vida comum, de um *NÓS*, marcado pelo progressivo rompimento com o quadro institucional do Estado. A tentativa em Cévennes se constituiu, desde os primeiros anos, a partir do rompimento radical com as diretrizes que orientavam uma relação de cuidado baseada na palavra, na reciprocidade, na adequação, e na possível adaptação e reinserção infantil à normatividade e às dinâmicas de poder e de construção institucional definidas pela imagem de um mundo normal.

Se nós tivéssemos uma câmera e película, um outro filme começaria, no qual o personagem não seria mais um ser em pessoa, um 'particular', mas *NÓS*, não nós cinco, mas *NÓS*, nós outros, todo mundo e não importa quem, ocupados com: - Como *ser humano* em relação às crianças gravemente psicóticas que chegam a nós para uma estadia nessa mesma Cévennes que tem as costas largas, restos erodidos dessa cadeia herciniana, que me disseram, perfurou o fluxo do Dilúvio mesmo. Sobre os flancos dos montes, reina o carvalho verde que invade os terraços onde não brota mais a oliveira. A luz, eu a reencontro, intacta, aquela que nos fazia dizer, há sete anos: 'Vamos lá...' E nós partimos em direção a essa pedreira cujo barulho, de longe, evoca um barco de pesca cujo diesel não para de escapar. Nós estávamos ao longo do Gardon, cinco mais um, aquele que permanece dentro do buraco, porque para Yves, a palavra não serve para dizer, mas para proclamar. As crianças que vivem entre nós agora, não são nem surdas

³¹⁰"Le sort commun à cet être-là dont je vais parler et aux kilomètres de pellicule qui portent son image, éclaire peut-être un peu ce que je veux dire quand je parle de *tentative*. Un film peut être un chef d'oeuvre ou un navet, une petite fête ou une bande collante où les idées qui sont dans l'air du temps sont venues se prendre comme les mouches sur ce papier gluant en usage à l'époque où il y avait des vélos sur les routes." (DELIGNY, 2007, p.633).

nem mudas. A maioria nunca disse uma palavra na vida. E NÓS?³¹¹ (DELIGNY, 2007, p.635)

Os trinta anos vividos em Cévennes foram os anos de maior produção escrita e de livros publicados de Deligny. A escrita, junto com as filmagens do dia a dia da rede, os filmes produzidos e a cartografia elaborada pelas *presenças próximas*, formam um imenso acervo documental do que foi a tentativa de vida comum junto às crianças autistas. A grande quantidade de material, a diversidade de formatos nos quais ele foi elaborado, a pluralidade de questões que surgem dos livros, dos filmes, dos mapas, constituem fontes de extrema riqueza para a análise das reflexões elaboradas a partir da experiência vivida por Deligny, pelas crianças e pelas presenças próximas durante a tentativa. Como afirmamos no início do texto, são diversas as possibilidades de entrada e de caminhos pela obra de Deligny e múltiplas as questões que o encontro com sua vida e com sua trajetória proporcionam.

Entre os documentos escritos e publicados nesse período³¹² estão os *Cahiers de la Fgéri*, datados de 1968 e escritos no segundo período que Deligny passa em La Borde. Nos anos de 1975 e 1976, foram publicados três números dos *Cahiers de l'immuable*³¹³, cujo quarto volume permaneceu inédito e foi localizado entre os textos dos arquivos de Cévennes. Os *Cahiers de l'immuable* e os livros *Le Croire et le Craindre* e *Nous et l'innocent*, publicados também durante a década de 1970, foram organizados através do trabalho realizado por Isaac Joseph na triagem, na seleção de textos, na montagem de documentos e na finalização da

³¹¹"Si nous avions une caméra et de la pellicule, un autre commencerait dont le personnage ne serait plus un être en personne, un 'particulier', mais NOUS, non pas nous cinq, mais NOUS, nous autres, tout le monde et n'importe qui, aux prises avec: - Comment *être humain* envers des enfants gravement psychotiques qui nous viennent en séjour dans ces mêmes Cévennes qui ont bon dos, restes érodés de cette chaîne hercynienne qui, m'a-t-on dit, perçait le flot du Déluge lui-même. Sur les flancs des monts règne le chêne-vert qui envahit les terrasses où ne pousse plus l'olivier. La lumière, je la retrouve, intacte, celle qui nous faisait dire, il y a sept ans: 'On y va...' Et nous partions vers cette carrière dont le boucan, de loin, évoque un bateau de pêche dont le diesel est bien fatigué et qui n'en finit pas de partir. Nous étions, le long du Gardon, cinq plus un, celui qui nous reste dans le trou, parce que, pour Yves, la parole ça ne sert pas à dire mais à proclamer. Les enfants qui vivent parmi nous maintenant ne sont ni sourds, ni muets. La plupart n'ont jamais dit un mot de leur vie. Et NOUS?" (DELIGNY, 2007, p.635).

³¹²A lista dos livros e textos aqui retratada, apesar de fazer referência a grande parte dos escritos realizados por Deligny nos anos em Cévennes, não é exaustiva. Há uma série de outros textos e ainda uma pluralidade de artigos publicados em diferentes revistas.

³¹³A publicação dos *Cahiers* resultou da iniciativa de Anne Querrien. Eles fizeram parte do trabalho do CERFI, Centro de estudos, pesquisa, e de formação institucional.

estrutura das publicações. Em 1979, foi publicado *Les Détours de l'agir ou le Moindre Geste*.

Em 1980, foi lançado o romance *La Septième face du dé* e o livro *Singulière Ethnie*. No ano de 1982, Deligny e Jean-Michel Chaumont publicaram em coautoria o livro *Trace d'I*. Em 1983, foi lançado o livro *Trace d'être et Bâtisse d'ombre* e foi publicado, no número quatro da revista *Caméra/Style*, o texto intitulado *Camérer*. No ano de 1984, foi publicado o livro *Balivernes pour un pote*, agregando, além do texto de mesmo nome, outros sete contos. Entre os anos de 1985 e 1986 foi publicado o livro *Lointain Prochain, les deux mémoires* que, como foi possível constatar durante o trabalho de organização dos arquivos, faz parte de uma trilogia, integrada pelos textos *Acheminement vers l'image* e *Lettres à un Travailleur Social*, publicado na Alemanha em 2008. Durante a década de 1980, Deligny escreveu, ainda, os livros *Les Enfants et le Silence* e *Contes du vieux soldat et de belle lurette*. Este último e *Acheminement vers l'image*, datados de 1982, tinham permanecido inéditos até a publicação do livro *Fernand Deligny Oeuvres*, em 2007. Os textos *L'arachnéen* e *Quand bonhomme n'y est pas*, além de outros treze textos curtos escritos entre a segunda metade da década de 1970 e o início dos anos 1980, foram organizados no livro *L'arachnéen et autres textes*, publicado em 2008.³¹⁴

Entre os anos de 1988 e 1993³¹⁵, Deligny redigiu milhares de páginas, intituladas *L'Enfant de Citadelle*, nas quais a escrita misturou conteúdos autobiográficos, histórias fictícias e um trabalho mais conceitual, e cuja organização até hoje não foi realizada. Elas permanecem inéditas, e apenas algumas folhas manuscritas foram reproduzidas na coletânea *Oeuvres*. Nos anos de 1994 e 1995, já com a saúde debilitada e tendo passado por um período de internação hospitalar em 1995, devido a uma queda que provocou uma fratura em seu quadril, Deligny escreveu um conjunto de aforismos intitulados *Essi et Copeaux*, publicados em 2005. São os últimos escritos de Deligny.

³¹⁴Como mencionamos anteriormente, a lista aqui exposta não é exaustiva. Outros diferentes textos e artigos foram publicados e outros permanecem inéditos. O banco de dados em anexo, resultado do trabalho de organização dos arquivos, retrata com mais detalhamento uma cronologia de escrita e uma relação de temas abordados por Deligny nos diferentes textos.

³¹⁵Durante a organização dos textos para os arquivos de Deligny, localizamos diferentes manuscritos referentes ao texto *L'Enfant de Citadelle*, havendo um datado por Deligny do ano de 1996.

Durante esse período, Deligny publicou, também, uma série de artigos em diferentes revistas, manteve uma vasta correspondência com diferentes interlocutores, e desenvolveu projetos de filmes, entre os quais foram realizados *Ce gamin-là*, lançado em 1975, *Projet N*, de 1979, e *À propos d'un film à faire*, de 1989. Além da vasta obra já publicada, foi possível, durante o processo de organização dos arquivos, identificar uma série de textos, projetos de filmes e livros que permanecem inéditos³¹⁶. O imenso material escrito por Deligny é uma composição de trabalhos mais conceituais, contos, novelas, romances, textos autobiográficos, de projetos de filmes e de peças de teatro. Além dos textos e filmes, o registro dos anos de existência da rede em Cévennes, incluiu, também, todo o material cartográfico produzido pelas *presenças próximas* que integravam as diferentes áreas de convivência.

A rede em Cévennes se teceu pela formulação de diferentes estratégias que duraram mais ou menos tempo e que se configuraram de maneiras diversas, como por exemplo a construção dos mapas e a realização dos filmes. Tais atividades, a cada época, se apresentaram como ensaios de manutenção da vida comum tramada entre os adultos e as crianças que compartilhavam os espaços em Cévennes. A rede foi constituída pela formação de áreas de convivência, locais de vida partilhados entre as presenças próximas e as crianças autistas que chegavam à tentativa. As primeiras crianças foram enviadas a Deligny por Maud Mannoni, Françoise Dolto e Émile Monnerot. No início, a maior parte chegava nos períodos de férias escolares, em dezembro e nos meses de verão³¹⁷, nos quais as instituições direcionadas ao seu acolhimento e tratamento fechavam.

³¹⁶O material encontrado e que permanece inédito possui textos de extrema importância, onde Deligny retoma questões centrais trabalhadas ao longo de toda sua vida - como o asilo e o problema institucional - e onde desdobra as reflexões aprofundadas no período de Cévennes em torno da noção de humano e da crítica ao *homem-que-nós-somos*. A base de dados referente a organização dos textos encontra-se no Anexo 1.

³¹⁷"Esse verão aconteceu de recebermos em estadia uma pequena dezena de crianças psicóticas de nove a onze anos, gravemente afetadas. Mesma posição que durante a Grande Cordée, mas na escala desses garotos-aí: uma pequena rede de territórios. Tratava-se de crianças acompanhadas por Maud Mannoni. Isso que se deu aí faz uma bela falha na instituição. Para poder persistir nesse trabalho que repousa sobre duas ideias: a estadia (diferente da observação e do internamento) e o alhures (sagrada noção quando olhamos de mais perto)..." "Cet été, il nous est donc arrivé de prendre en séjour une petite dizaine d'enfants psychotiques de neuf à onze ans, gravement touchés. Même position que lors de La Grande Cordée mais à l'échelle de ces gamins-là: un petit réseau de

A formação daquela que foi considerada a primeira área de convivência da tentativa data do verão de 1969³¹⁸, momento no qual Jacques Lin, após sua saída de Gourgas, construiu um acampamento em um local chamado *l'Île d'en bas*, situado em uma área da propriedade de Graniers, onde Deligny havia se instalado. Jacques e as quatro crianças autistas com as quais vivia passaram a residir nesse acampamento. Desse período datam os primeiros mapas elaborados na tentativa e esse acampamento se tornou, para Deligny, a inspiração para a constituição da desta e o impulso para o início do trabalho de cartografia. Algum tempo depois, no ano de 1970, Jacques se mudou e iniciou a formação de uma nova área de convivência chamada *Séré*, onde viveu acampado com diferentes crianças, por quase dez anos.

Esse lugar entre nós se chamava Île d'en bas; o 'sujeito', a 'pessoa' já era - e sem que nós soubéssemos - a área, o lugar, o território, a ilha, nó de existências, e eu hesito em colocar nessa palavra o s de plural. Nós lá estávamos, aí, esse nós-aí não era mais pensado como uma reunião de 'particulaires'. Tratava-se de um lugar. Havia outros. Foi à vista desse cerne *d'aire* que nos veio o projeto de persistir a transcrever tudo que era simplesmente *visível*, na espera de ver *apparaître* algum traço disso que nós escrevíamos N, gravado em nós a partir da existência dessa *espèce* nossa, Nós primordial e que persiste a preceder fora de todo querer e todo poder, para NADA, imutável, como, no outro polo, a Ideologia.³¹⁹ (DELIGNY, 2007, p.958)

territoires. Il s'agissait d'enfants suivis pour la plupart par Maud Mannoni. Ce qu'il en est advenu fait une belle faille dans l'institution. Pour pouvoir persister dans ce travail qui repose sur deux idées: le séjour (différent de l'observation et du placement) et l'ailleurs (sacrée notion quand on y regarde de plus près)..." (DELIGNY, 2007, p.676).

³¹⁸Nesse primeiro período da rede em Cévennes, foram organizados, por diferentes trabalhadores do campo social, e tendo como referência o acúmulo do trabalho de Deligny e a crítica a rigidez institucional, os *Cahiers de l'Aire* - que contaram apenas com alguns números editados - e a associação *L'Aire*. Foi criada também, como meio de materializar a tentativa em curso, a associação *Les Neumes*. "Aqui e lá, a todo momento, tem lugar pequenos acontecimentos, que não são nem percebidos. São aqueles que escapam ao dito instituído....percebe-se, através dos reditos ou das extravagâncias, as mil e uma cores de uma revolta sombria ou manifesta contra aquilo que ameaça uma causa comum." "Ici et là, à tout moment, ont lieu des menus événements qui ne sont même pas perçus. Les seraient-ils, qui ils échappent au dire institué...on perçoit, à travers les redites ou les extravagances les mille et une teintes d'une revolte sournoise ou manifeste contre ce qui menace une cause commune." (*Cahiers de l'aire*, nº 1, maio de 1969).

³¹⁹"Ce lieu entre nous, s'appelait l'Île d'en bas; le 'sujet', la 'personne', c'était déjà - et sans que nous sachions - l'aire, le lieu, le territoire, l'Île, noeud d'existences et j'hésite à mettre à ce mot l's du pluriel. Nous y étions, là, Ce nous-là n'était guère pensé comme un assemblage de 'particuliers'. Il s'agissait d'un lieu. Il y en avait d'autres...C'est au vu de ce *cerne d'aire* que nous est venu le projet de persister à transcrire du tout simplement *visible* dans l'attente de voir *apparaître* quelque trace de ce que nous écrivons N, gravé en nous dès l'existence de cette *espèce* nôtre, Nous primordial et qui persiste à préluder hors tout vouloir et tout pouvoir, pour RIEN, immuable, comme, à l'autre pôle, l'Ideologie." (DELIGNY, 2007, p.958).

O período que se estendeu entre 1974 e 1980, corresponde aos anos de maior atividade da tentativa, com o início do funcionamento e a proliferação de diferentes áreas de convivência espalhadas pelo território da região. Entre as áreas que se formaram estão as de Pont-Neuf e do Palais, onde era realizada a fabricação de pães cuja venda foi uma das formas de sustentação da rede; uma área chamada Mazet; um local em Valestalière; a existência de algumas casas no vilarejo de Monoblet; uma criação de ovelhas em Vergèle; alguns acampamentos em Murettes e Ajoncs; e a área do Séré. A partir do final dos anos 1970 e durante a década de 1980, o fluxo de chegada das crianças começou a diminuir e diferentes áreas de convivência deixaram de existir. A tentativa, tendo rompido com os vínculos institucionais com o Estado, não recebia qualquer tipo de subvenção oficial e sobrevivia com o dinheiro da venda de sua própria produção, como a fabricação de pães, com a contribuição dos habitantes locais e dos pais das crianças recebidas, com a verba referente à venda de livros e à produção dos filmes e com doações eventuais de atores externos. O dinheiro que circulava na tentativa possuía por única função a garantia da sustentabilidade e da duração da mesma. O marco inicial do processo de término da tentativa pode ser localizado no fechamento da área do Séré em 1986, dez anos antes da morte de Deligny.

Como mencionamos, esta última tentativa passou por modulações entre 1967 e 1996, mas conservou marcas de práticas que fabricaram permanentemente uma crítica em relação à linguagem, ao sujeito e à instituição. Deligny, a partir do material cartográfico elaborado pelas presenças próximas e das questões que surgiram no cotidiano da vida das áreas de convivência, desenvolveu, junto com aqueles que compuseram a tentativa, diferentes estratégias e dispositivos para a constituição de um espaço, para a composição de um lugar propício para a vida, para o acolhimento e para o cuidado de crianças autistas. Veremos que, para Deligny, a reflexão sobre a constituição de um lugar de vida baseado em preceitos diferentes daqueles que orientam marcadamente a construção institucional, teve por intuito, também, refletir sobre e efetivar estratégias de cuidado do *homem-que-nós-somos*.

Abordaremos, ao longo do capítulo, algumas questões relacionadas a cada uma das diferentes ferramentas estratégicas que foram desenvolvidas para o estabelecimento de uma vida comum entre, como diria Deligny, duas diferentes

gravidades: uma marcada pela linguagem e pela consciência de si, que ele denomina *a gente*, e outra marcada pela ausência da palavra e pela impossibilidade de *se* nomear, que Deligny indica pelo pronome *nós*.

Essas crianças-aí que nos chegam, a esse polo que nos serve para nos referirmos a essa pessoa provida de uma identidade registrada que cada um de nós é, ELES não têm nem um pouco o ar de aí se entregar, como se ELES não estivessem munidos desse ponto comum. E então, idênticos e quase em permanência àquilo que ELES eram na véspera e na antevéspera, e no mês anterior, aí está que ELES o são, e no mesmo movimento, idênticos por diversas maneiras de ser a outros que ELES jamais viram: não se pode, no entanto, ver nessa identidade por eles manifesta um efeito direto de cultura, marcado como se vê nessas maneiras de ser e de falar não se pode mais comuns e em relação às quais todo mundo se associa e se acomoda por preocupação de originalidade. É, portanto, desse outro polo que eu falo que viria essa identidade que os marca de uma originalidade em relação a qual se tem pena ou medo, e que nós nos colocamos em posição de acolher, a ressentindo menos degradante que muitas outras atitudes e maneiras de ser que não somente tem direito à cidade, mas, além disso, aí são apreciadas e homenageadas.³²⁰ (DELIGNY, 2007, p.762/763)

A organização espacial da tentativa se dava, portanto, a partir da formação de áreas de convivência espalhadas pela região de Cévennes, com uma distância entre elas que variava de uma centena de metros a vinte quilômetros, em média. Cada uma dessas áreas se estruturava de maneira autônoma no que tange as atividades específicas desenvolvidas, ao dia a dia construído junto às crianças e a forma de habitação local. Mas, ao mesmo tempo, elas eram formadas a partir de uma composição comum entre elas: a presença de um ou dois adultos e de duas a seis crianças. A quantidade de crianças em cada área variava em função do período do ano. Nas férias, durante os anos de maior busca pela tentativa, o número de crianças chegava a trinta ou quarenta. Havia, também, as crianças que eram permanentes na tentativa. Entre os adultos, havia aqueles que, por passarem

³²⁰"Ces enfants-là qui nous adviennent, ce pôle qui nous sert à nous y référer à cette personne pourvue d'une identité enregistrée que chacun nous sommes, ILS n'ont pas du tout l'air de s'y rendre, comme s'ILS en étaient démunis de ce point commun. Et alors, identiques, et quasiment en permanence, à ce qu'ILS étaient la veille et l'avant-veille et le mois dernier, voilà qu'ILS le sont, et, du même coup, identiques par bien des manières d'être à d'autres qu'ILS n'ont jamais vus: on ne peut donc pas voir dans cette identité par eux manifestée un effet direct de culture empruntée comme on le voit, flagrant, dans ces manières d'être et de parler on ne peut plus communes et dont tout un chacun s'affuble et s'accommode par souci d'originalité. C'est donc de cet autre pôle dont je parle que leur viendrait cette identité qui les marque d'une originalité dont on les plaint ou dont on s'effraye et que nous nous sommes mis en position d'accueillir, la ressentant moins dégradée que bien des attitudes et manières d'être qui non seulement ont droit de cité, mais, de plus, y sont appréciées et honorées." (DELIGNY, 2007, p.762/763).

apenas um tempo determinado na rede, não podiam criar áreas de convivência próprias. Eles eram chamados de vizinhos. E havia as presenças próximas, adultos permanentes na tentativa e responsáveis pela organização dos espaços de vida.

A conexão entre as diferentes áreas de convivência que compuseram a rede não se efetivava, na maior parte das vezes, de maneira direta, e as presenças próximas de cada uma delas não conversavam diretamente sobre o cotidiano das áreas. Deligny constituía o ponto de referência dos diferentes espaços. Ou seja, a comunicação entre os adultos que habitavam os diferentes lugares não se dava entre eles, por exemplo, a partir da visita de uns e outros às diferentes áreas, mas a partir do contato de cada um deles, em momentos distintos, com Deligny em Graniers. Esses encontros aconteciam em geral uma vez por semana e tinham por objetivo discutir o dia a dia das áreas, as atividades e as estratégias desenvolvidas, os dispositivos elaborados e as diferentes práticas. Deligny funcionava, portanto, como um ponto de referência central para a organização e o funcionamento da rede.

Essa mediação ocorria, também, através de Gisèle Durand que residia em Graniers e visitava diariamente os diferentes locais da tentativa. Ela participava ativamente no registro dos deslocamentos das crianças, tendo sido responsável pela criação de diversos mapas e também por realizar o transporte dos insumos necessários para a manutenção das áreas.

Diferindo de uma instituição, *'a rede é uma espèce de organisme bizarre'* diz Deligny, *'bizarro porque vivo no sentido biológico do termo'*. Nenhum membro da rede sabe como ela funciona exatamente. No entanto, apesar das negações confiáveis de Deligny, segundo as quais esse funcionamento não seria formulável, é necessário precisar que ele é organizado. Uma divisão de tarefas é visível. Assim, Deligny representa a passagem pela qual a entrada na rede é possível. Nesse sentido, ele parece o guardião do templo, aquele que faz respeitar a inviolabilidade do refúgio.³²¹ (JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.167)

³²¹"Différent d'une institution, *le réseau est une espèce d'organisme bizarre* dit Deligny, *bizarre parce que vivant au sens biologique du terme*. Aucun membre du réseau ne sait comment il fonctionne exactement. Cependant, malgré les dénégations crédibles de Deligny selon lesquelles ce fonctionnement ne serait pas formulable, il faut préciser qu'il est organisé. Une répartition des tâches est visible. Ainsi Deligny représente-t-il le sas par lequel l'entrée dans le réseau est possible. En ce sens, il semble la guardian du temple, celui qui fait respecter l'invulnérabilité du refuge." JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.167)

Ao mesmo tempo em que cada área de convivência articulava sua rotina de forma autônoma e adequada às exigências das pessoas e das condições específicas de cada local, havia também uma configuração partilhada fundada em um cuidado específico com a constituição do espaço da área e das atividades diárias, com a criação de um lugar de vida propício. Essa configuração comum se materializava na criação de um *costumeiro* capaz de permitir a estabilização e o bem-estar das crianças em torno de uma dinâmica constante. O *costumeiro* que organizava o espaço e a vida da rede não era uma rotina elaborada de forma arbitrária e artificial pelas presenças próximas, mas sim o resultado de uma *espacialização*, de uma disposição específica de todos os componentes do território e das atividades de cada área. Esta espacialização estabelecia uma regularidade do dia a dia dos adultos e das crianças que se revelou essencial para a constituição da vida comum entre as presenças próximas e os autistas. O *costumeiro* estabelecido era indispensável para permitir o aparecimento das iniciativas e dos agires infantis, liberando as crianças dos movimentos estereotipados, considerados uma das principais características do autismo. Portanto, foi a organização desse *costumeiro*, diretriz de funcionamento partilhada por toda a rede, que promoveu uma dinâmica capaz de estabelecer as referências para que o agir infantil pudesse aparecer. É importante ressaltar que o estabelecimento desse *costumeiro* e a organização de um lugar propício se deram de forma imanente aos comportamentos infantis observados pelas presenças próximas através dos traços dos trajetos, movimentos e ações realizadas no território e transcritos no trabalho de cartografia.

Eu vou, talvez, surpreender muito: eu nunca me atraí, muito pelo contrário, pela 'coletividade' ou seu passo a mais que é a 'comunidade'. É dizer a que ponto a moda é insaciável. Seus emissários ficam muito surpresos quando eles abordam essa rede em busca de uma comunidade que seria, de alguma forma, o melhor da instituição. Eu sei bem que essa palavra de comunidade ressoa de 'comum', que aparece sem cessar naquilo que eu conto. 'COMUM. Que pertence, que se aplica a várias pessoas ou coisas'. De onde o quiproquó. Tudo aquilo que concerne a pessoa não é do meu âmbito, e eu não tenho nada a legislar sobre isso...Uma das minhas preocupações, ao longo dessa prática, foi ter algo para traçar: cartolina, papel, lápis, giz, guache, cera e cavalete...Que o fato de traçar seja primordial no sentido em que ele está na origem da linguagem, eu compreendo bem que uma tal proposta deixe vocês desconfiados. Mas eu acredito nisso duro como ferro.³²² (DELIGNY, 2007, p.1111)

³²²"Je vais peut-être en surprendre beaucoup: je n'ai jamais été attiré, bien au contraire, par la 'collectivité' ou son pas de plus qui est la 'communauté'. C'est vous dire a quel point la vogue est

Em Cévennes, como meio para a construção de um espaço partilhado, para a criação de um lugar de acolhimento, era importante que as áreas fossem liberadas do excesso de sujeito, da consolidação de esferas próprias, da cristalização de propriedades pessoais. Com esse intuito, todas as áreas exerciam a proibição da fala como forma de convivência com as crianças. Com a evacuação da linguagem³²³, os espaços partilhados eram liberados da lógica da comunicação e da sobrecarga das relações de reciprocidade. Estas eram compreendidas como propriedades exclusivas do sujeito consciente de si, dotado do poder da palavra, realidade em relação a qual as crianças autistas eram *refratárias*³²⁴. O uso da

insatiable. Ses émissaires sont fort surpris quand ils abordent ce réseau-ci en quête d'une communauté qui serait, en quelque sorte, le mieux de l'institution...Je sais bien que ce mot de communauté résonne de 'commun', qui revient sans cesse dans ce que je raconte. 'COMMUN. – Qui appartient, qui s'applique a plusieurs personnes ou choses.' D'où le quiproquo. Tout ce qui concerne la personne n'est pas de mon ressort, et je n'ai rien a légiférer a cet regard... Un de mes soucis, tout au long de cette démarche-ci, a été qu'il y ait de quoi tracer : carton, papier, crayons, craie, gouache, cire et chevalet...Que le fait de tracer soit primordial en ce sens que, peut-être, il est a l'origine du langage, je comprends fort bien qu'un tel propos vous rende ombrageux. Mais j'y crois dur comme fer." (DELIGNY, 2007, p.1111).

³²³"1. As crianças autistas não possuem linguagem e por consequência não são sujeitos. A linguagem pode ser ao mesmo tempo muito nociva - direcionar a palavra ou o simples face a face desencadeia reações violentas - e insuficiente para criar um laço. 2. A linguagem petrifica as convicções, transmite e reproduz aquelas ligadas a outras práticas que não concernem ou que não tem nada a ver com a prática proposta por Deligny. Trata-se da tentativa de inovar um modo de relação e não de reproduzir um discurso analítico, clínico ou psiquiátrico. 3. Se a linguagem é indissociável de uma língua de seu tempo e se, portanto, ela é constituída por um certo número de convicções, de concepções e de imagens, então ela é também lugar de transmissão, de reprodução e de imposição dessas imagens...Se essas crianças, no limite radical da inadaptação, chegam na rede em um estado tão lastimável, é porque até então não cessou-se de se querer transformá-las nisso que 'todo mundo é' - querendo-as fazer comunicar, amar, ou mesmo olhar nos olhos." "1. Les enfants autistes n'ont pas de langage, et par conséquent ne sont pas des sujets. Le langage peut être à la fois très nocif - adresser la parole ou le simple face à face déclenchant des réactions très violentes - et insuffisant pour créer du lien. 2. Le langage pétrifie des convictions, transmet et reproduit celles liées à d'autres pratiques qui ne concernent pas ou qui n'ont même rien à voir avec la pratique proposée par Deligny. Il s'agit dans la tentative d'innover un mode de relation, et non pas de reproduire un discours analytique, clinique ou psychiatrique. 3. Si le langage est indissociable d'une langue de son temps et s'il est donc constitué par un certain nombre de convictions, de conceptions et d'images, alors il est aussi le lieu de transmission, de reproduction et d'imposition de ces images...Si ces enfants, sur le seuil radical de l'inadaptation, arrivent dans un état aussi pénible dans le réseau, c'est parce que jusqu'alors on n'a cessé de vouloir les transformer dans ce que 'tout le monde est' - en voulant les faire communiquer, aimer ou même regarder l'autre dans les yeux." (MIGUEL, 2016, p.203).

³²⁴"Destituir - a palavra - não implica na necessidade de instituir 'outra coisa'? Não seria suficiente que a palavra não fosse tomada por outra coisa além do que ela é, instrumento de enunciação, e isso é tudo, e matriz de todo signo? Eu tenho medo da palavra instituição. Eu sou *refratário* a ela. Essa palavra me veio enquanto era 'libertário' que eu usava. Mas queira-se ou não, em libertário existe liberdade, que seria aquela do sujeito nomeado indivíduo. 'CONSCRITO REFATÁRIO. - Que recusa se submeter à lei do recrutamento.'" "Destituer – la parole – n'implique-t-il pas la necessite d'instituer 'autre chose'? Ne suffit-il pas que la parole ne soit pas prise pour autre chose que ce qu'elle est, instrument d'enonciation, et voila tout, et matrice de tout signe? Je crains fort le

linguagem, o contato direto do olhar, as nuances de uma relação de reciprocidade entre pessoas, provocava um tal desordenamento nas crianças que se tornou possível conceber que a organização de uma vida comum, baseada na partilha de um espaço, era incompatível com os poderes dominantes do sujeito e da normatividade social. "Comunicação, relação, informação, transmissão. Todas essas palavras em 'ão', aquilo que elas importam de poluição cultural é a filtrar e a refiltrar. O mínimo gesto pode 'fazer signo' para uma criança que vive fora desse uso da palavra em nós inveterado. Eu escrevi: para, e não: à³²⁵.³²⁶" (DELIGNY, 2007, p.714)

A ausência da fala como instrumento de relação com as crianças autistas abriu espaço para a criação de uma série de estratégias de constituição de um comum fora da reciprocidade da linguagem discursiva. Diferentes noções surgiram, por exemplo, a partir da atividade cartográfica constituída pelo traçar dos movimentos das crianças e das presenças próximas no território e pelo registro do conjunto de coisas que o compunham. Os mapas permitiram uma reflexão sobre como poderia ter lugar uma dinâmica comum entre o *homem-que-nós-somos*, os adultos; e o humano, camada primordial. Dos mapas, como veremos, surgiram noções como as de referência, de emaranhado, de simulacro, de cerne, de ornado, entre outras. Estas constituíram verdadeiras estratégias para a composição, a ordenação e o respeito ao espaço partilhado.

mot d'institution. J'y suis *réfractaire*. Ce mot-là m'est venu alors que c'était celui de 'libertaire' que j'utilisais. Mais qu'on le veuille ou non, dans libertaire il y a liberté, qui serait celle du sujet surnomme individu. 'CONSCRIT REFRACTAIRE. – Qui refuse de se soumettre à la loi du recrutement'." (DELIGNY, 2007, p.1162).

³²⁵"O gesto pode certamente adquirir um sentido, mas sua potência própria é que ele não se deixa jamais ser completamente significado - ele é mesmo capaz de destruir as significações dadas. Tal é o sentido de um gesto que sinaliza alguma coisa, que ordena o real. O gesto aparece antes como *signo para* (fazer alguma coisa, que incita a alguma coisa, a agir) que como *signo à* (alguém, afim de comunicar)." "Le geste peut certes acquérir un sens, mais sa puissance propre est qu'il ne se laisse jamais être complètement signifié – et il est même capable de détruire les significations données. Tel est le sens d'un geste qui signale quelque chose, qui ordonne le réel. Le geste apparaît bien plutôt comme *signe pour* (faire quelque chose, qui incite à quelque chose, à agir) que comme *signe à* (quelqu'un, afin de communiquer)." (MIGUEL, 2016, p.87).

³²⁶"Communication, relation, information, transmission. Tous ces mots en 'tion', ce qu'ils importent de pollution culturelle est à filtrer et à refiltrer. Le moindre geste peut 'faire signe' pour un enfant qui vit hors de cet usage de la parole en nous autres invétéré. J'ai écrit: pour, et non pas: à." (DELIGNY, 2007, p.714). Como visto na nota anterior, a diferença entre *signo para* e *signo à*, se estabelece pelo fato de que as ações referenciadas pelas crianças autistas não tinham por objetivo de base serem um gesto ou algo dirigido a alguém, mas sim algo realizado para que alguma coisa pudesse ter lugar.

É importante ressaltar que o que determinou a organização desse costureiro, dessa regularidade espacial, não foi, segundo Deligny, um projeto pensado. A existência das áreas de convivência e a concretização de um costureiro não tinha por objetivo a realização de metas específicas definidas anteriormente à prática, nem uma metodologia com etapas preestabelecidas. As áreas de convivência não se orientavam por uma produtividade definida como diretriz do desenvolvimento das atividades. A construção do costureiro era diferente da elaboração de um projeto. Se microprojetos se estruturavam ao longo da existência das áreas, como já se estruturavam no asilo, no COT, na Grande Cordée, eles estavam relacionados com a possibilidade de abrir espaço para que uma iniciativa tivesse lugar e nunca com o alcance de algo que poderia ser medido como um resultado, cuja validade pudesse ser legitimada por uma certa produtividade desejada.

O gesto de um adulto ou a colocação de uma coisa em um determinado lugar como forma de fixação de um *ponto de referência* que possibilitasse que uma criança se engajasse em uma atividade ou tomasse uma iniciativa qualquer - se locomover de tal a tal lugar - não tinha por meta um deslocamento específico ou a implementação de uma atividade determinada, mas tão somente a possibilidade de concretização desse agir infantil. E esse agir se concretizava exatamente na liberação de todo projeto pensado, de toda ação pautada por um voluntarismo, o que possibilitava a saída de uma situação de estereotipia. A crítica ao projeto pensado já se configurava como eixo da ação de Deligny no asilo, no COT e na Grande Cordée, e adquiriu, como vimos, diferentes formas de concretização ao longo das tentativas. Ela constituía um elogio ao agir por *não importa o quê* e uma construção crítica à noção de produtividade e à concepção do trabalho como eixo de valorização e de dignificação da experiência do homem.

Considerar as coisas as quais uma criança autista segura *antes de tudo* como meteoritos desse Nós que eu tento evocar, me parece ser uma boa abordagem disso que eu escuto nessa palavra *costureiro*. Trata-se do quê? De um cascalho, de um pedaço de madeira, de um pedaço de fio...em relação aos quais a ausência provoca uma perturbação. Não se trata de objetos, mesmo se, aos nossos olhos, seja de um objeto - qualquer um - que se trate. Trata-se de *coisas*, mas essas mínimas coisas não são o que elas são aos nossos olhos, não importam quais. Trata-se de uma 'ligação' da criança a essas coisas, ligação que pode surpreender

de tanto que ela é intensa, coisas referenciadas, tanto que a todo o momento a criança 'sabe' onde elas estão...Isso que eu vejo, dessas coisas, pode ser assim dito: da mesma forma que os meteoritos, restos de astro morto, ganham luz ao atravessar as camadas de ar, essas *coisas* só ganham brilho do ponto de ver da criança autista, que vive a vacância da identidade consciente. E eu volto a essas *coisas* que, se elas desaparecem ou não estão aí, provocam uma confusão que nos desconcerta. É aí que começa a se apresentar isso que para nós é evocado pela palavra costumeiro.³²⁷ (DELIGNY, 2007, pp.1145/1146)

A crítica ao projeto pensado não significava, no entanto, que as atividades desenvolvidas nas áreas de convivência, e a organização das mesmas, não se orientavam por uma forma de ordenação necessária para a existência da tentativa. Como começamos a delinear, e como continuará a ser descrito no texto, são diferentes as noções e as estratégias adotadas para a construção desses espaços. Porém, não é possível dizer que tais estratégias se estruturavam como projetos previamente planejados. Elas eram antes o desdobramento de uma percepção atenta e sensível, promovida pela vida em conjunto com as crianças e pela observação de seus comportamentos concretos no território. A composição deste lugar não dizia respeito, portanto, à aplicação de regras prévias à experiência ou de princípios descolados da realidade vivida, mas sim ao desenvolvimento de certas regularidades que brotavam a partir da vivência do território e que foram tão mutantes quanto os diferentes territórios e as vidas daqueles que neles se estabeleceram.

Foi nesse sentido que, da mesma maneira que em todas as tentativas anteriores, Deligny defendeu que a composição de uma rede não é fruto da aplicação de um método e nem se propõe a estabelecer uma alternativa a ser replicada. De fato, se compreendemos por aplicação de um método a utilização de

³²⁷"Considerer les choses auxquelles un enfant autiste tient *avant tout* comme des meteorites de ce Nous que j'essaie d'évoquer me parait être une bonne approche de ce que j'entends par ce mot de *coutumier*. Il s'agit de quoi? D'un caillou, d'un bout de bois, d'un morceau de ficelle...dont l'absence provoque le desarroi. Il ne s'agit pas d'objets, même si, à nos yeux, c'est d'un objet - tout a fait quelque - qu'il s'agit. Il s'agit de *choses*, mais ces menues choses ne sont pas ce qu'elles sont à nos yeux, n'importe quelles. Il y va d'un 'attachement' de l'enfant à ces choses, attachement qui peut surprendre tant il est intense, choses 'reperées', si bien qu'à tout moment l'enfant 'sait' ou elles sont...Ce que j'y vois, de ces choses, peut se dire ainsi: de même que les meteorites, escarbilles d'astre mort, prennent leur lumière de traverser les couches d'air, ces *choses* ne prennent leur éclat attirant que du point de voir de l'enfant autiste, qui vit la vacance de l'identité consciente. Et j'en reviens à ces *choses* qui, si elles disparaissent ou ne sont pas *là*, provoquent un desarroi qui nous desconcerte. C'est là que commence à se pointer ce qui pour nous s'évoque du mot de *coutumier*." (DELIGNY, 2007, pp.1145/1146).

regras e etapas determinadas para o desenvolvimento de atividades previstas e como forma de organizar a concretização de resultados esperados, as atividades de Deligny nunca se voltaram para a consolidação de métodos. A não construção destes não excluiu, no entanto, esta outra dimensão revelada pela ordenação do espaço e das atividades nas áreas de convivência. Uma regularidade garantidora da vida em comum com crianças que não eram capazes de representar o mundo pela linguagem e precisavam, portanto, vivenciá-lo pela experiência sempre reencontrada de um território conhecido. Foi o próprio território que, na ausência do reconhecimento de um Eu e do nome próprio, forneceu uma estabilidade diferente da consciência de si e da formação do sujeito. A consolidação de uma ordenação da vida pelo encontro com as coisas no lugar das coisas, de uma regularidade espacial, se tornou o meio para o cuidado em relação às crianças.

Depois de tomar a sopa, como todas as noites de inverno, nós vamos sem demora nos deitar; é na cama que faz mais calor. É quase meia-noite; Janmari chora e está agitado em sua cama. Eu ligo a lâmpada. De joelhos, ele se balança e lamenta suavemente. Ele não me dirá nada, pois não tem o uso da linguagem. Eu o apalpo para ver se algo dói: nada acontece. Eu falo gentilmente com ele: isso não muda nada. Os choros redobram; ele morde seu pijama e dá fortes cabeçadas contra a parede. Eu lhe ofereço água, castanhas que ele adora. Ele não as quer; eu tento impedir as cabeçadas. Eu estendo a mão para ele e o convido a me guiar. Ele pega meu braço, o solta rapidamente e vai em direção à porta. Seus passos ressoam nos corredores e nas grandes escadas interiores que levam ao lado de fora. Eu o pego para cobri-lo com um casaco e um chapéu. Impaciente, ele cabeceia violentamente o muro. Eu coloco à força seus sapatos. Janmari trota na ponta dos pés. Ele parte pelo caminho que sobe pelo bosque, atrás da vasta moradia. O caminho se torna trilha e depois uma passagem estreita entre os arbustos e os carvalhos verdes. Janmari lidera no escuro, eu o sigo com uma lâmpada de bolso. É o trajeto dessa tarde. Ao pé do grande rochedo, Janmari não diminui o ritmo e escala; eu evito as pedras que rolam. Nós chegamos ao cume, em plena noite, em pleno vento glacial. Depois de alguns saltos, Janmari chega ao lugar onde havíamos comido. Eu havia levado laranjas difíceis de descascar. Eu as havia cortado em dois. Para comer o interior eu virei as cascas ao contrário, que depois joguei fora dessa forma. Janmari está colocando as cascas na posição inicial. Sempre na frente, Janmari desce em direção à casa, em bom ânimo. Tudo está em ordem; as risadas e as batidas de palma ressoam noite adentro. De volta, Janmari dorme imediatamente.³²⁸ (LIN, 2007, pp.33/34)

³²⁸"Après souper, comme tous ces soirs d'hiver, nous allons sans tarder au lit; c'est là qu'il fait le plus chaud. Il est preque minuit; Janmari pleure et remue dans son lit. J'allume la lampe. À genoux, il se balance et geint doucement. Il ne me dira rien puisqu'il n'a pas l'usage du langage. Je le palpe pour voir s'il a mal: cela ne donne rien. Je lui parle gentiment: cela ne change rien. Les pleurs redoublent; il mord son pyjama et donne de grands coups de tête contre le mur. Je lui propose de l'eau, des noisettes dont il est friand. Il n'en veut pas; j'essaye de retenir les coups de tête. Je lui tends la main et l'invite à me guider. Il saisit mon bras, le lâche rapidement et file vers la porte. Ses pas résonnent dans les couloirs et dans les grands escaliers intérieurs qui mènent vers

Na forma de um indivíduo autista se referenciar no território a coisa e o lugar da coisa são a mesma coisa. Na impossibilidade de *se*³²⁹ nomear e de *se* localizar através da representação dos objetos, a criança autista necessita *se* referenciar no real. A ordenação do mundo, portanto, se torna imprescindível para que a criança *se* localize. Voltaremos ao longo do texto à questão dos pontos de referência que, a partir dos mapas elaborados, Deligny concebeu como aquilo que se apresenta nos autistas no lugar dos pontos nomeados que servem como forma de localização para os homens dotados de consciência de si e cuja relação com o mundo se estrutura a partir da entrada no simbólico e da possibilidade de se referenciar por nomes frente à ausência da coisa real³³⁰.

Eu volto a esse fato de TRAÇAR que permite VER · é necessário ainda que a *linha d'erre* seja seguida pela mão que traça, e escrupulosamente · é necessário ainda que aquele que aí se coloca, a traçar, se disponha de bom grado a ver outra coisa que aquilo que seu olhar lhe traz · mais nada, aos olhos de Lin, permitia perceber que ali havia tido um trajeto de antigamente · a chuva, o mato, os espinheiros, tinham apagado os traços · é preciso crer que o garoto encontrou de todo jeito, algo para (se) referenciar · e o se, eu o coloco conscientemente entre parênteses, para mostrar que se trata, talvez, apenas de uma mania dessa

le dehors. Je le rattrape pour le couvrir d'un manteau et d'un bonnet. Impatient, il heurte violemment le mur avec la tête. Je lui mets de force ses chaussures. Janmari trotte sur la pointe des pieds. Le voilà parti sur le chemin qui monte dans le bois, derrière la vaste demeure. Le chemin devient sentier, puis c'est un étroit passage entre les buis et les chênes verts. Janmari file dans le noir; je le suis avec une lampe de poche. C'est le trajet de cet après-midi. Au pied du grand rocher Janmari ne ralentit pas l'allure et escalade; j'évite les pierres qui roulent. Nous arrivons au sommet, en pleine nuit, en plein vent glacial. En quelques bonds, Janmari est à l'endroit où nous avons goûté. J'avais emporté des oranges difficiles à éplucher. Je les avait coupées en deux. Pour manger la chair j'ai retourné les écorces que j'ai ensuite jetées telles quelles. Janmari est en train de remettre les deux écorces à l'endroit. Toujours devant, Janmari descend vers la maison, à bonne allure. Tout est en ordre; des éclats de rire et des claquements de mains résonnent dans la nuit. De retour, Janmari s'endort aussitôt." (LIN, 2007, pp.33/34).

³²⁹O uso do pronome reflexivo em relação às crianças autistas é sempre destacado por Deligny. Apesar da linguagem discursiva exigir tal uso para a formação da frase, no que tange aos autistas, ele não seria adequado, considerando que a possibilidade de constituir uma esfera reflexiva exige a formação do sujeito, da consciência de si.

³³⁰"Subversiva. A experiência da rede o é com certeza. Pela razão, então, que a presença de um ser mudo é subversiva. Da maneira do real (e não da realidade!) essa presença vem desestabilizar as certezas mais bem instaladas. Ela se impõe ao 'falante' como insuportável porque ela coloca em causa o nome mesmo sobre o qual nós nos sentimos, tão bem quanto mal, em segurança: o meu, o 'eu' inevitável do sujeito falante ao qual a linguagem proíbe, em retorno, todo acesso ao real" "Subversive. L'expérience du réseau l'est assurément. Pour cette raison donc, que la présence d'un être mutique est subversive. À la façon du réel (pas de la réalité!) cette présence vient caramboler les certitudes les mieux installées. Elle s'impose au 'parlant' comme insupportable puisqu'elle remet en cause le nom même sur lequel nous nous sentons tant bien que mal, en sécurité: le moi, le 'je' inévitable du sujet parlant auquel le langage interdit, en retour, tout accès au réel." (DELIGNY, 2007, p.866).

linguagem nossa que, nem que seja para poder interlocutar, supõe de ofício um interlocutor.³³¹ (DELIGNY, 2007, p.823)

Ainda, para a criação e organização das áreas de convivência não estava em jogo nem o desejo nem a vontade. A possibilidade de pensar uma prática de maneira voluntarista caminha junto com a possibilidade de definir princípios e metodologias. Para Deligny, em uma tentativa, não há qualquer possibilidade de voluntarismo. Uma vez imperando a vontade e a determinação prévia por um sujeito dos rumos possíveis das atividades desenvolvidas e dos comportamentos aceitáveis, entra-se no campo institucional. A sobrecarga das camadas do sujeito implica o fim do tentar. Em uma rede trata-se sempre de *permettre*. Criar brechas na sobrecarga do imperativo da linguagem para que outras coisas apareçam, outros comportamentos, outros agires. O *permettre* caminha junto com a necessidade, que observamos nos capítulos anteriores, de deixar o acaso ser o fator predominante nos rumos que se traçam. O lugar do acaso, em Deligny, como vimos, se materializava por uma percepção sensível em relação ao que acontecia nas tentativas e a possibilidade de, através desta observação, criar novas circunstâncias.

O *permettre*, em Cévennes, significava uma atenção sensível aos movimentos e comportamentos das crianças sem a prévia determinação das possibilidades da rede. Tais possibilidades surgiam exatamente através do lugar não imperativo ocupado pelas presenças próximas. Trata-se de ver e traçar, de dar a ver pela cartografia as dinâmicas desse traçar e a partir da observação do que os mapas, por sua vez, dão a ver, permitir novos agires das crianças. Como veremos, a função dos pontos de referência era essencial para o surgimento das iniciativas.

Isso que eu vos digo, eu o vejo. O que se passa em torno de uma criança autista? Veja aí uma criança para a qual a identidade consciente parece ter falhado. As ideias, os sentimentos, o amor, é necessário colocar na surdina, ao menos um

³³¹"J'y reviens sur ce fait de TRACER qui permet de VOIR · encore faut-il que la ligne d'erre soit suivie par la main qui trace, et scrupuleusement · encore faut-il que ce lui là qui s'y met, à tracer, s'appreête bien volontiers à voir autre chose que ce que son regard lui rapporte · plus rien, aux yeux de Lin, ne permettait de s'en apercevoir qu'il y avait eu là un trajet d'antan · la pluie, l'herbe, les ronces en avaient effacé les traces · il faut croire que le gamin a trouvé quand même de quoi (s') y réperer · et le s qui apostrophe, je le mets consciencieusement entre parenthèses, pour bien montrer qu'il ne s'agit peut-être là que d'une manie de ce langage nôtre qui, ne serait-ce que pour pouvoir interlocuter, hypothèse d'office un interlocuteur." (DELIGNY, 2007, p.823).

pouco. Tudo isso exaspera. Isso que deve brotar é o respeito...Quando se vê do que é capaz uma criança autista por pouco que as circunstâncias se prestem, a gente imagina sem dificuldade tudo aquilo que é destruído de início, qualquer que seja a criança privada...Eu falo de *iniciativas* das quais é capaz uma criança autista por pouco que as circunstâncias sejam propícias. As circunstâncias são o espaço e nós.³³² (DELIGNY, 2007, p.1121)

Como permitir? Suprimindo aquilo que está em *excesso*, aquilo que é *para* os garotos, isso que transforma cedo ou tarde a presença próxima em terapeuta ou monitor. Mas também respeitando o *para nada*, os lampejos do gesto não finalizado, os diferentes desenhos da escritura corporal, respeitando o *para nada* das coisas e gestos, aqueles dos garotos, aqueles nossos.³³³ (JOSEPH in DELIGNY, 2007, p.855)

Como não é possível querer tramar uma rede, é necessário criar práticas que possibilitem que redes se tramem. Práticas que precisam se constituir no *infinitivo*, ou seja, que evacuem o lugar do sujeito que realiza e do objeto instrumentalizado pela prática. Práticas que abram espaço para que, destituído o privilégio do sujeito, outras coisas diferentes do projeto pensado, das metas formuladas, das utilidades previstas, possam acontecer. Em Cévennes, o lugar da escrita de Deligny, da cartografia elaborada pelas presenças próximas e dos filmes, foram práticas infinitivas que possibilitaram constituir e dar a ver a tentativa.

Assim como nas tentativas anteriores, as crianças e a inadaptção não eram percebidas como algo que, por ser desviante a um padrão adequado, deveria ser domesticado, semelhanizado e colonizado pela normatividade vigente. Desdobrou-se disto uma perspectiva de cuidado que não se pautava pela cura ou pela readaptação, mas pela atenção voltada para a organização de um espaço

³³²"Ce que je vous dis là, je le vois. Que se passe-t-il autour d'un enfant autiste? Voila un enfant pour lequel l'identite consciente semble faire long feu. Les idees, les sentiments, l'amour, il faudrait y mettre la sourdine, au moins un peu. Or tout ca s'exaspere. Ce qui devrait pousser, c'est le respect. Quand on voit de quoi est capable un enfant autiste pour peu que les circonstances s'y pretent, on imagine sans peine tout ce qui est detruit d'emblee quel que soit l'enfant-privé...Je parle des *initiatives* dont est capable un enfant autiste, pour peu que les circonstances s'y pretent. Les circonstances, c'est de l'espace et nous." (DELIGNY, 2007, p.1121).

³³³"Comment permettre? En supprimant ce qui est en *trop*, ce qui est *pour* les gamins, ce qui transforme tôt ou tard la présence proche en thérapeute ou en moniteur. Mais aussi en respectant le *pour rien*, les ampoulades du geste non finalisé, les pleins et les déliés de l'écriture corporelle, en respectant le pour rien des choses et des gestes, ceux des gamins, ceux de nous autres." (JOSEPH in DELIGNY, 2007, p.855).

propício para o estabelecimento de novas circunstâncias. A partir da compreensão da inadaptção como uma possibilidade para a vivência de outras formas de ser e não como uma falta ou um desvio que devesse ser readequado, foi possível pensar um cuidado que não fosse apenas voltado para a inadaptção, mas também para a própria adaptação.

A vida junto às crianças autistas colocou em questão os efeitos dos imperativos das normas sociais, dos padrões impostos, da necessidade de semelhançar o outro, de excluir o diferente, as repercussões da sobrecarga da linguagem e do distanciamento com o real pela possibilidade de tudo nomear.

Tudo isso que eu posso dizer / isso que eu devo dizer / é que nós não tentamos nem um pouco / buscar saber / aquilo que ELES tinham / ou aquilo que ELES não tinham / ou do que ELES padeciam / nós nos pusemos a pesquisar / aquilo que poderia nos faltar / nos fazer falta / e gravemente / para que esse nós aí / pessoas conjugadas / fossem / aos olhos deles / inexistente. / inexistente / talvez não totalmente / de longe / de muito longe / mesmo quando a criança estava perto / acontecia dele distinguir vagamente / alguma coisa / alguma coisa / que não tinha nada a ver / nem com um / nem com outro³³⁴ (DELIGNY, 2007, p.879)

As crianças, refratárias a tudo aquilo que compõe a ordem do sujeito - a Linguagem, a Lei, a Instituição -, possibilitaram um espaço para o cuidado do próprio sujeito. Tal cuidado pôde se estruturar a partir do contato com aquilo que constitui, segundo Deligny, o *humano* e que no sujeito se apresentaria como uma camada fossilizada pelo império do *homem-que-nós-somos*. Aquilo que define o Homem passa a ser o fazer alguma coisa, a produtividade, o projeto pensado, a nomeação, a Norma, a Instituição, a comunidade e a Lei. Quando utilizamos essas palavras com a inicial maiúscula é no sentido de expressar as grandes entidades sociais abstratas que abarcam todas as entidades materiais que delas advêm. Assim, a Lei é a entidade maiúscula que rege a lógica de convívio social e que possibilita todas as leis, sejam aquelas efetivamente legisladas, sejam aquelas que determinam as regras de sociabilidade - leis morais. Assim como a Instituição,

³³⁴"Tout ce que je peux dire/ce que je dois dire/c'est que nous n'avons pas du tout/cherché à savoir/ce qu'ILS avaient/ou ce qu'ILS n'avaient pas/ou de quoi ILs étaient atteints/nous nous sommes mis à la recherche de/ce qui pouvait bien nous manquer/nous faire défaut/et gravement/pour que ce nous là/de personnes conjuguées/soit/à leur yeux/inexistant./inexistant/peut-être pas tout à fait/de loin/de très loin/même quand l'enfat était proche/il arrivait qu'il distigue vaguement/quelque chose/quelque chose/qui n'avait rien à voir/ni avec l'un/ni avec l'autre" (DELIGNY, 2007, p.879).

compreendida como meio através do qual organizamos a vida coletiva e criamos estruturas para garantir nossa sobrevivência, abarca todas as expressões institucionais concretas do Estado - suas instituições. E assim sucessivamente. A Linguagem engloba todas as formas de expressão capazes de organizar o mundo a partir de códigos partilhados. No que tange a essa questão, é importante ressaltar um ponto. Apesar de podermos compreender - e de Deligny em alguns pontos específicos ter se referido à linguagem nesse sentido - a dinâmica da regularidade autista no território como uma certa linguagem (e tantas outras expressões de diferentes seres vivos que não concretizam formas dominantes da palavra), não nos referimos a ela quando escrevemos Linguagem, entidade maiúscula. Quando escrevemos Linguagem, neste trabalho, destacamos a profunda crítica desenvolvida por Deligny e nos referimos a tudo aquilo que, mesmo que não passando pela palavra, demanda uma tomada de consciência e uma apropriação pelo sujeito dos códigos partilhados. Assim, Linguagem, partindo desse ponto, e no que se refere ao que queremos aqui destacar, inclui o conjunto das formas de organizar o mundo que se deslocam da experiência do real e pressupõem, por menor que seja, um movimento reflexivo sobre a experiência.

No humano restaria o agir para nada, os pontos de referência, a ordenação do espaço, a regularidade e o comum. A rede produziu, no mesmo movimento de cuidado de um território que possibilitou uma vida apropriada para as crianças, a possibilidade que *a gente* reencontrasse aquilo que haveria de mais primordial no humano. Essa questão se apresentou como central para a reflexão sobre as instituições. A criação institucional seria capaz de operar formas de cuidado dessa camada humana partilhada que não se configurasse por um processo de subjetivação? Uma Instituição pode ser construída como um lugar propício de cuidado do humano, de cuidado de uma camada comum partilhada³³⁵, primordial,

³³⁵"É possível falar de um comum nesse contexto? Nós sabemos como a *tentativa* se estrutura justamente em torno desse problema: de um certo *Nós*, de um certo *comum*. E se a tentativa, na precariedade que lhe é própria, deve esquivar justamente o *fazer como*, é porque *fazer como* é impor um laço que um dos dois lados conhece de saída; é dar as regras do jogo da relação, do comum; é, então, tornar impossível um verdadeiro comum. *Fazer como*, impor um *fazer como*, é *semelhantizar*." "Est-il possible de parler d'un commun dans ce contexte? Nous savons comment la *tentative* se structure justement autour de ce problème: d'un certain *Nous*, d'un certain *commun*. Et si la tentative, dans la précarité qui lui est propre, doit esquivar justement le *faire comme*, c'est parce que *faire comme* c'est imposer un lien qu'un des deux côtés connaît d'emblée; c'est donner les règles du jeu du rapport, du commun; c'est donc rendre impossible un véritable commun. *Faire comme*, imposer un *faire comme*, c'est *semblabiliser*." (MIGUEL, 2016, p.207).

anterior ao sujeito e constituída pelo agir infinitivo e pela memória da espécie e não da educação?

Mas todo traço convida à esquivas; o ser autista na presença de uma via inova por desvios no mínimo estranhos onde poderia se ver o exercício de um certo espírito de iniciativa. Nós poderíamos nos contentar com uma tal interpretação e nos alegrar com o fato do ser autista não ser um ser de procissão. Isso dito, se em vez de nos contentarmos com o que se assemelha, nós estudarmos os traços desses desvios que esquivam a via, perceberemos que eles coincidem, mais frequentemente do que seria necessário caso fosse apenas uma coincidência, com caminhos desaparecidos e, então, com trajetos de antigamente, dos quais não tínhamos conhecimento. Eis que o ser autista se torna peregrino, essa palavra significando estrangeiro antes de viajante. Estrangeiro, o ser autista? É o mínimo que se pode dizer; o mínimo e talvez o melhor. E se de todo querer ele estivesse desprovido? Vê-se bem que uma vez que intervém o *a priori* da semelhança, é apagado, em grande parte, o respeito devido ao estrangeiro, e mesmo o simples reconhecimento que um ser humano possa ser estrangeiro. Considerar o outro como semelhante - a si - é uma honra cujo peso apagou tantas etnias vivazes que ocorre a ideia de reter o seu fardo.³³⁶ (DELIGNY, 2008, p.186)

A partir da observação, através dos mapas produzidos, das formas de se referenciar no território sem o uso da linguagem; da aparição de um verdadeiro *aparelho a referenciar*³³⁷ comum a todas as crianças autistas que passaram ou

³³⁶"Mais toute trace invite à l'esquive; l'être autiste en présence de la voie innove des détours pour le moins saugrenus où pourrait se voir l'exercice d'un certain esprit d'initiative. Nous pourrions nous contenter d'une telle interprétation et nous réjouir de ce que l'être autiste ne soit pas être de procession. Ceci dit, si au lieu de nous contenter de ce qui nous semble, nous étudions les traces de ces détours qui esquivent la voie, nous nous apercevons qu'ils coïncident plus souvent qu'il ne le faudrait s'il ne s'agissait que d'un hasard avec des chemins disparus et donc des trajets d'antan dont nous n'avions pas connaissance. Voilà donc l'être autiste devenu pèlerin, ce mot ayant voulu dire étranger avant de vouloir dire voyageur. Étranger, l'être autiste? C'est le moins qu'on puisse en dire ; le moins et peut-être le mieux. Et si, de tout vouloir, il en était dépourvu? On voit bien alors qu'intervient l'*a priori* de la semblabilité, ce qui efface, pour une bonne part, le respect dû à l'étranger et même la simple reconnaissance qu'un être humain étranger puisse être. Considérer l'autre comme semblable - à soi - est un honneur dont le poids a écrasé tant d'ethnies vivaces que l'idée survient de retenir la charge." (DELIGNY, 2008, p.186).

³³⁷"Que cada espécie, por sua natureza, seja dotada de um 'aparelho a referenciar', que é, por assim dizer, o bem próprio de cada espécie, no ponto mais vivaz de sua existência, me parece ser uma evidência. E, por aquilo que nos concerne, nesse ponto, o vazio? Esse 'aparelho a referenciar' extirpado em alguma medida, e fundido nesse aparelho a linguagem que nos retira do mundo animal? Está aí o que eu penso ser o ilusório do adquirido que se livra do inato como de uma ganga glebosa, essas 'origens' das quais não é oportuno falar para quem não quiser passar por um ingênuo iluminado. Que o olho seja o olho há muito tempo, e para tudo dizer, desde sempre, me permite pensar que o *aparelho a referenciar* é, há muito tempo, e mesmo desde sempre, imutável." "Que chaque espece, de par sa nature, soit pourvue d'un 'appareil a reperer', qui est, pour ainsi dire, le bien propre a chaque espece, au point le plus vivace de son existence, me parait etre une evidence. Alors, pour ce qui nous concerne, en ce point-la, le vide? Cet 'appareil a reperer' extirpe en quelque sorte, et fondu dans cet appareil a langage qui nous arrache au monde animal? C'est bien la ce que je pense etre l'illusoire de l'acquis qui se débarrasse de l'inné comme d'une gangue glebeuse, ces 'origines' dont il n'est pas opportun de parler pour qui ne veut pas passer pour un naïf

viveram na rede, Deligny empreendeu um trabalho de pesquisa sobre aquilo que constituiria um comum diferente de um coletivo de sujeitos, diferente de *a gente*, e composto como um verdadeiro NÓS. A pesquisa da rede se estruturou, portanto, como uma busca por dar a ver um comum constituído a partir de uma camada primordial - aquém do sujeito e do *homem-que-nós-somos* -, camada humana e partilhada. *Tentar* se configurava como a criação e a manutenção de lugares propícios para o aparecimento de gestos infinitivos, de agires fora da lógica da intencionalidade, fora da relação entre um fazer e sua utilidade, lugares que possibilitassem a formação de um território, de uma *constelação* de referências, anterior à linguagem. Uma pesquisa constituída pela necessidade de compreender, de garantir um lugar para aquilo que, dessa camada primordial da espécie, dessa camada humana, nos concederia uma partilha, um comum aquém da comunidade e do coletivo, aquém da Norma, da Lei, da Cultura e da Instituição.

Essa introdução cosmológica me parece necessária para esclarecer, por assim dizer, por baixo, as linhas d'erre, que são traços de trajeto, e que pelo simples fato de serem apenas traços de trajeto, podem ser retraçadas em toda ignorância de um ou de outro, em toda ignorância da escolha de cada um, porque não se sabe mais de quem, a quem pertencem os traços vistos...de onde o interesse dessas linhas d'erre se nós as vemos como sendo os traços de outra coisa que aquilo que o bom senso nos dá e nos faz perceber como evidências sentidas. Dito de outra forma, se o senso comum nos vem, por assim dizer, de nascença, senso do comum exige uma prática, um instrumento que seja refratário a todos os vocabulários...³³⁸ (DELIGNY, 2007, p.1059)

Assim, a tentativa que tem lugar durante trinta anos em Cévennes, na sequência de todas as outras tentativas de Deligny orientadas pelo cuidado e pelo respeito a outras formas de existir, se organizou em torno da construção de um território propício para a vida daqueles que se estruturavam tão somente a partir

illumine. Que l'oeil soit l'oeil depuis longtemps, et, pour tout dire, depuis toujours, me permet de penser que l'*appareil à repérer* est, depuis longtemps, et même depuis toujours, immuable." (DELIGNY, 2007, pp.1172).

³³⁸"Cet exorde cosmologique me semble nécessaire pour éclaircir, pour ainsi dire par-dessous, les lignes d'erre qui sont traces de trajet, et qui, de par le simple fait de n'être que des traces de trajet, peuvent être remaniées en toute ignorance de l'un et de l'autre, en toute ignorance du choix de chaque, puisqu'on ne sait plus qui, de qui, à qui sont les traces regardées....d'où l'intérêt de ces lignes d'erre si l'on veut bien les voir comme étant les traces d'autre chose que ce que le bon sens nous livre et nous fait ressentir comme des évidences ressenties. Autrement dit si le sens commun nous advient pour ainsi dire de naissance, sens du commun nécessite une pratique, un instrument qui soit réfractaire à tous les vocabulaires..." (DELIGNY, 2007, p.1059).

dessa outra camada, daqueles a quem o Homem não veio se sobrepor ao humano, para a vida dessa outra gravidade, desse polo que aparece nas crianças autistas. A rede foi uma constante busca por como constituir esse comum humano infinitivo, que não se traduz pela formação de grupos, coletivos, comunidades, partidos. Todos esses submetidos à lógica do sujeito, da vontade e da propriedade.

Isso que nos acontece, é viver próximo de crianças autistas que vivem a mesma vida que nós, muito costumeira. Crianças elas não são mais, mesmo que tenham cinco ou seis anos de idade. Elas são 'autistas' como se diz. Elas vivem aí, próximas, aí sendo uma ou outra das áreas de convivência de uma pequena rede. Existem, então, cinco ou seis aís, e em cada aí, alguns de nós e algumas delas, autistas, desprovidas desse falatório pedante que nos cabe.³³⁹ (DELIGNY, 2008, p.139)

A questão central da tentativa se estabeleceu, portanto, em torno da fabricação desse lugar capaz de permitir às crianças uma vida a partir de seus modos de vida. Simultaneamente, esse lugar se constituiu como espaço de contato do *homem-que-nós-somos* com aquilo que ainda resta de humano, de infinitivo, de uma memória aquém da domesticação simbólica, fossilizado pela sobrecarga de tantas camadas de linguagem. A domesticação simbólica caracteriza o polo do sujeito, *da gente*, polo docilizado pela reprodução de palavras de ordem, de significados já representados que, se sofrem mudanças e modulações nos diferentes contextos políticos e momentos históricos, servem sempre à reprodução dos valores dominantes em uma sociedade dada. O humano, para Deligny, é aquilo que escapa, uma camada refratária ao império da palavra e, assim, da representação, da dominação, da sujeição ao outro. No *homem-que-nós-somos*, essa camada primordial não teria desaparecido, mas se encontraria fossilizada, não acessada devido a exatamente tudo aquilo que constitui a experiência do 'se tornar sujeito'.

Não era questão, certamente, dos adultos, presenças próximas, passarem a viver uma vida autista, mas sim que pudessem, a partir do respeito à criação desse

³³⁹"Ce qui nous arrive, c'est de vivre proches d'enfants autistes qui vivent la même vie que nous, très coutumière. Enfants, ils ne le sont guère, bien qu'ils aient cinq ou dix ans d'âge. Ils sont 'autistes' comme on dit. Ils vivent là, proches, là étant l'une ou l'autre des aires de séjour d'un petit réseau. Il y a donc cinq ou six là, et dans chaque là, quelques-uns de nous et quelques-uns d'eux, autistes, dépourvus de ce pérorer qui nous incombe." (DELIGNY, 2007, p.139).

lugar propício para a vida comum com as crianças, quem sabe, por inadvertência, experimentar o que resta de humano no sujeito. A busca foi que a vida comum formada pelo costumeiro das áreas de convivência pudesse colocar em questão aquilo que define a vida do sujeito consciente, dotado de autonomia de vontade e de tantas propriedades particulares acumuladas e definidoras de quem *SE* é. Porém, a falha entre esses dois modos, dizia Deligny, poderia ser insuperável. Deligny transitou ao longo de seus escritos entre a possibilidade e a impossibilidade do Homem experimentar essa camada humana; ele não definiu, portanto, a possibilidade de a gente, *homem-que-nós-somos*, acessarmos a camada primordial do humano. Mas ele afirmou, diferentes vezes, que o *homem-que-nós-somos* não deixou de ser marcado pelo humano, o humano não deixou de estar nele presente. Essa camada primordial não havia se tornado inexistente, mas poderia ser inacessível em decorrência das múltiplas camadas a ela sobrepostas e que constituem o modo de ser do Homem, pautado pela linguagem, pelo projeto, pela utilidade e pelo poder.

Dizer de um homem que ele está inconsciente não esgota que o inconsciente é outra coisa que o estado passageiro ou permanente de um homem. Pode-se dizer que existem crianças autistas; pode-se dizer que existem crianças estúpidas, isso que não esgota aquilo que pode ser a estupidez que diz respeito a cada um. Se compreendemos o autismo como uma falha do querer, o indivíduo liberado da obrigação e vivendo segundo um modo de ser inocente de Ser, não é nem um pouco certo que o autismo seja reservado àqueles que parecem sê-lo.³⁴⁰ (DELIGNY, 2008, p.176)

Os mapas colocam constantemente em evidência a *fissura* radical entre dois modos de ser: o indivíduo e o sujeito, cada um tomado por duas modalidades distintas de ação, a saber, o *agir* e o *fazer*. Nos mapas, nós vemos o *agir* das crianças, as *linhas d'erre*, distintamente traçadas daquelas do *fazer* dos adultos, de forma que umas e outras guardem sua especificidade própria. Essas linhas se intercalam, se sobrepõem, mas reenviam a modos de ser singulares. Essa palavra *fissura*, muito recorrente nos textos de Deligny, notadamente quando ele fala dos mapas, aparece tanto para indicar a diferença radical entre dois modos de ser inconciliáveis, quanto como aquilo que vem fazer *brecha* na certeza de um modo -

³⁴⁰"Dire d'un homme qu'il est inconscient n'épuise pas que l'inconscient est tout autre chose que l'état permanent ou passager d'un homme. On peut dire qu'il y a des enfants autistes; on peut dire aussi qu'il y a des enfants stupides, ce qui n'épuise pas ce qu'il peut en être de la stupidité qui concerne tout un chacun. Si on envisage l'autisme comme une défaillance du vouloir, l'individu délivré de l'obligation et vivant selon un mode d'être innocent de l'Être, il n'est pas du tout certain que l'autisme soit réservé à ceux qui paraissent l'être." (DELIGNY, 2008, p.176).

o *agir* vem fissurar o *fazer*, ou o *assimbólico* atravessa o simbólico.³⁴¹ (MIGUEL, 2016, p.247)

O lugar da presença próxima foi o de possibilitar a construção desse território costumeiro, propício ao humano, espaço fora do domínio da linguagem. Nas áreas de convivência, as presenças próximas se estabeleciam como referências para as crianças se localizarem no espaço e, assim, permitiam que um agir, uma iniciativa surgisse. Os adultos constituíram, dessa forma, uma zona de proximidade que fornecia a estabilidade necessária para as crianças. As áreas de convivência da tentativa se configuraram como um *meio* formado por um conjunto de coisas que funcionavam como pontos de referência para a vida comum. As coisas, do *ponto de ver*³⁴² das crianças autistas, eram tudo aquilo que formava o lugar habitado. O que um sujeito percebe como outros sujeitos, como animais, plantas ou objetos, para as crianças autistas são coisas. Para a construção de uma vida propícia ao ponto de ver destas, um lugar deve ser organizado de forma que a coisa se encontre no lugar da coisa, pois ambas são, a partir do *ponto de ver*, a mesma coisa. Fora da linguagem, alguém do simbólico, não há possibilidade de diferenciar espaço e objeto, as coisas se configuram por um agregado real entre elas e o próprio espaço. Elas só existem como uma conjunção que se dá no encontro efetivo - real - com a sua existência. Não estão a ponto nomeado³⁴³ e precisam, para serem localizadas, efetivamente estarem presentes no lugar onde anteriormente puderam ser referenciadas. Para as crianças autistas, só é possível dar um sentido ao mundo e, conseqüentemente, ao seu próprio corpo,

³⁴¹"Les cartes mettent constamment en évidence la *fêlure* radicale entre deux modes d'être : l'individu et le sujet, chacun pris dans les deux modalités distinctes d'action, à savoir, l'*agir* et le *faire*. Dans les cartes, nous voyons l'*agir* des enfants, les *lignes d'erre*, distinctement tracées de celles des *faire* des adultes, de sorte que les unes et les autres gardent leur spécificité propre. Ces lignes s'intercalent, se superposent, mais renvoient à des modes d'être singuliers. Ce mot de *fêlure*, très récurrent dans les textes de Deligny, notamment lorsqu'il parle des cartes, apparaît tantôt pour indiquer la différence radicale entre deux modes d'être inconciliables, tantôt comme ce qui vient faire brèche dans la certitude d'un mode – l'*agir* vient fêler le *faire*, ou l'*asymbolique* traverse le symbolique." (MIGUEL, 2016, p.247).

³⁴²Deligny indicava por *ponto de ver* a perspectiva das crianças autistas que se caracterizava pela não formação de um sujeito que vê, pela destituição do lugar próprio daquele que enxerga já a partir de uma certa perspectiva cristalizada. A perspectiva do sujeito já constituído é indicada por Deligny pela expressão *ponto de vista* que pressupõe a anterioridade daquele que vê ao que é visto.

³⁴³Conforme indicamos no trabalho, Deligny utiliza em sua escrita, a partir do período de Cévennes, diferentes conceitos tomados da psicanálise, especialmente de Jacques Lacan. Os conceitos de *à point nommé* (que aqui traduzimos como a ponto nomeado) e de Simbólico são frequentemente utilizados por Deligny como forma de construção de sua crítica à linguagem e ao sujeito.

ausente a possibilidade reflexiva garantida pela entrada no simbólico, se o mundo se apresenta em uma conjunção entre ver-rever-prever. É a conjunção real, no próprio instante, entre a memória de espécie e a experiência em curso que possibilita a estabilização necessária para o agir da criança.

Aconteceu-nos de podermos situar esse *ai* do balançar ali onde nossos próprios trajetos costumeiros se revelavam serem mais densos pelo fato que eles se cruzavam, ali, frequentemente. A partir do momento em que se trata de referenciar, ver-rever-prever, são um só infinitivo, tempo ignorado, ausente, e tudo se passa como se houvesse uma persistência retiniana, uma outra dimensão que a nossa que nos permite reconstituir o movimento a partir de uma vintena de imagens fixas desfilando em um segundo, de onde a cinematografia, enquanto que, no que concerne Janmari, essa persistência funciona através dos anos. De onde a hipótese necessária de uma outra memória que a nossa, que funciona com o homenzinho incorporado não somente à percepção, mas ao longo da agitação que trabalha, retorna e modifica aquilo que ficou registrado na memória de cada um, que não é senão uma certa forma de memória. Que a partir desse referenciar agires possam surgir, totalmente inoportunos, não se deve ser surpreendido. As crianças autistas vêm e voltam aqui em estadia e, algumas vezes, elas vêm de longe, de onde um longo trajeto de carro. Depois de uma primeira estadia e, portanto, um primeiro trajeto de sua casa até aqui, a criança de volta à casa dela por alguns meses, volta para outra estadia. E aconteceu várias vezes que durante o segundo trajeto da casa até aqui, a criança manifestasse uma perturbação que se tornava um drama. No início tudo ia bem, e depois, bruscamente...Eu deixo a pensar aquilo que os pais podiam se dizer, que eles o exprimam ou não. Onde você desejaria situar, em outro lugar que na intenção da criança, a causa da perturbação, que ela não quer deixar a casa, seus pais, ou se assusta com antecedência com esse outro lugar para onde era levada. Na verdade, quase todas as vezes, e a cada vez não era a mesma criança, aconteceu do carro não ter seguido exatamente o mesmo trajeto que da primeira vez. Desde o primeiro trajeto abandonado por causa de um desabamento na estrada, ou por qualquer desvio, ou para seguir um outro percurso, a perturbação explodindo. Referenciar é ver-rever-prever. Isso dito para afastar o que é suposto. Isso que não quer dizer que se deve, a cada vez, pegar o mesmo trajeto. Então o que se deve fazer? Eu deixo a questão em suspenso insistindo no fato que suspender a compreensão abusiva marca o começo de uma prática de melhor liga.³⁴⁴ (DELIGNY, 2008, p.204)

³⁴⁴"Il nous est arrivé de pouvoir situer ce *là* du balancer là où nos propres trajets coutumiers s'avéraient être les plus denses de par le fait qu'ils s'y entrecroisaient, *là*, souvent. Lorsqu'il y va de repérer, voir-revoir-prévoir sont un seul infinitif, temps ignoré, absent, et tout se passe comme s'il y avait une persistance rétinienne une autre ampleur que la nôtre qui nous permet de reconstituer le mouvement à partir d'une vingtaine d'images fixes défilant dans la seconde, d'où le cinématographe, alors que, pour ce qui concerne Janmari, cette persistance joue à travers les années. D'où l'hypothèse nécessaire d'une autre mémoire que la nôtre qui fonctionne bonhomme incorporé non seulement à la perception, mais tout au long du remue-ménage qui laboure, retourne et modifie ce qui s'est enregistré dans la mémoire de tout un chacun, qui n'est qu'une certaine forme de mémoire. Qu'à partir de ce repérer, des *agir* puissent advenir, tout à fait inopportuns, il ne faut pas s'en étonner. Des enfants autistes viennent et reviennent ici en séjour et, quelquefois, ils viennent de loin, d'où un long trajet de voiture. Après un premier séjour, et donc un premier trajet de sa maison à ici, l'enfant retourné chez lui pour quelques mois revient pour un autre séjour. Et il est arrivé plusieurs fois que lors du deuxième trajet de la maison à ici, l'enfant manifeste un désarroi qui faisait drame. Au départ, tout allait bien, et puis, brusquement...Je laisse à penser ce que les parents pouvaient se dire, qu'ils l'expriment ou non. Où voulez-vous situer ailleurs que

A presença próxima, evitando a sobrecarga da linguagem, do fazer e do projeto, era responsável por garantir que a composição das áreas e a interação com as crianças se desse de tal forma que o lugar pudesse se constituir como uma constelação de referências estabelecidas pelo arranjo das coisas no território. Os próprios adultos, através de ações e estratégias que se constituíram, como veremos, a partir da observação dos mapas de trajetos traçados, deviam se colocar como pontos de referência no espaço partilhado³⁴⁵.

O lugar construído se configurava como outra coisa que um espaço institucionalizado que reproduzisse leis de funcionamento formuladas e sustentadas por posições de poder e de dominação. Mas como pensar uma instituição que não se estabeleça a partir de leis de funcionamento que pressupõem o lugar do sujeito, um espaço institucional que não seja criado e que não opere a partir de normas preestabelecidas, mas que se estabeleça exclusivamente através de uma prática vivida? Como conceber um espaço, no âmbito institucional, que seja formado em rede, quando como vimos, para Deligny, uma vez que há instituição tem fim qualquer tentativa? Uma instituição poderia se estruturar como asilo-refúgio, lugar de cuidado que não determine nem uma vida asilar, nem uma empreitada permanente de normalização? O lugar da presença próxima na rede era o de estabelecimento desse espaço de respeito

dans l'intention de l'enfant la cause du désarroi, qu'il ne veuille pas quitter la maison, ses parents, ou s'effraye à l'avance de cet ailleurs où on le ramenait. En fait, il s'est avéré, et quasiment à chaque fois, et à chaque fois ça n'était pas le même enfant, que la voiture n'avait pas pris tout à fait le même trajet que la première fois. Dès le premier trajet quitté pour cause d'encombrement sur la route, ou pour quelque détour, ou pour entamer un autre parcours, désarroi éclatant. Repérer, c'est voir-revoir-prévoir. Ceci dit pour parer au supposé. Ce qui ne veut pas dire qu'il faut, à chaque fois, prendre le même trajet. Alors, qu'est-ce qu'il faut faire? Je laisse la question en suspens, en insistant sur le fait que suspendre la compréhension abusive marque le début d'une démarche de meilleur aloi." (DELIGNY, 2008, p.204).

³⁴⁵"Essa prática sublinha sem cessar a importância do corpo e das mãos. Trata-se de permitir, integrando as crianças nas atividades, criando uma maneira de as impulsionar a mexer, a correr, a lavar a louça, fazer o pão, ou seja, tornando seus corpos ativos. A zona traçada em torno da presença próxima é o *meio* propício onde o agir poderia ter lugar. E esse agir começa justamente pela colocação em ação da mão. Ela espera somente boas circunstâncias. 'Inocentes, suas mãos são penuh, como se diz de uma fêmea'." "Cette pratique souligne sans cesse l'importance du corps et des mains. Il s'agit de permettre, en intégrant les enfants dans les activités, en créant une manière de les pousser à bouger, à courir, à faire la vaisselle, le pain, c'est-à-dire, en rendant ces corps actifs. La zone tracée autour de la présence proche est le *milieu* propice où l'agir pourrait ainsi avoir lieu. Et cet agir commence justement par la mise en action de la main. Elle n'attend que les bonnes circonstances. 'Innocents, leurs mains sont pleines, comme on le dit d'une femelle'." (MIGUEL, 2016, p.246).

comum, no qual nenhum modelo pudesse ser capaz de ditar aquilo que era permitido e aquilo cuja existência era proibida.

Como ressaltamos ao longo do texto, o tema do asilo é um dos temas-chave que acompanharam toda a vida e toda a escrita de Deligny. Em Cévennes, o asilo foi concebido na prática como a construção desse lugar propício para a vida comum com as crianças. A construção de um lugar propício se reafirmou, portanto, como eixo central para a discussão crítica em torno do problema institucional e se apresentou como eixo norteador não apenas do cuidado do autismo, mas, e talvez essencialmente, como forma de cuidado do *homem-que-nós-somos*.

A rede existia pela necessidade de asilo da criança e o asilo era a trama de um costumeiro que permitia uma dinâmica diferente daquelas constituídas nas relações de reciprocidade, pautadas por um movimento ao mesmo tempo de dominação e de semelhança - um indo sempre de par com o outro - concretizado pelo estabelecimento de relações duais. Estas, ainda que expressas pela agregação de diferentes sujeitos em um coletivo, não são capazes de ultrapassar de maneira efetiva sua dualidade constituidora. Pais-crianças, médicos-pacientes, professores-alunos, coletivos-membros dos coletivos. A afetividade *humanizadora*, que fundamenta a maior parte das relações de reciprocidade estabelecidas entre sujeitos e no interior de coletivos, não permite que o indivíduo saia de uma posição construída a partir de sua posição de sujeito. Essa posição é por pressuposto *assujeitada*, mesmo que esta sujeição se expresse em graus e formas diversificadas a cada momento, contexto e tipo de interação.

... Aí estaríamos nós se não houvesse esse pequeno grupo que tem por razão estar aí, enquanto que, razão, ELE não possui, pequeno psicótico, todo alegre de o ser, gravemente psicótico...Aí estaríamos nós sem ele? Talvez. Mas o Aí de aí estar para cada um de nós seria outro...Os riscos, quaisquer que eles sejam, são preferíveis ao risco admitido que ELES permaneçam nesses locais para permanecer, onde eles estão apodrecendo. Perdidos, eles estão, privados desse espaço que proporia a eles caminhos ao infinito. Pouco importa que esses caminhos não os levem a se tornar qualquer UM. Que esse indivíduo aí, no impasse de existir sem ser, seus trajetos sem outro fim senão andar ou correr, tenha lugar, já é alguma coisa.³⁴⁶ (DELIGNY, 2007, p.773)

³⁴⁶ "...Y serions-nous s'il n'en était pas de ce petit ensemble qui l'ont pour raison d'être là, alors que, de raison, IL n'en a pas, petit psychopathe tout gai de l'être, gravement psychopathe..."

O lugar e os papéis ocupados por Deligny na tentativa colocaram algumas questões específicas e centrais para a reflexão sobre o processo institucional. As principais questões, colocadas pela presença de uma figura que de uma forma ou de outra pareceu exercer um papel centralizador da dinâmica coletiva, se estabelecem em torno do debate sobre quais os desenhos possíveis para a constituição de atividades que impliquem na ação conjunta de diferentes pessoas ou grupos. Quais são os limites com os quais uma formação coletiva pode se deparar no que tange à efetivação de uma verdadeira horizontalidade organizacional e à esquivas do lugar hierárquico da liderança? A organização em Cévennes, com as diferentes áreas compostas pela presença dos adultos com considerável autonomia para o estabelecimento do dia a dia da vida comum, com a ausência de uma diretriz organizacional imperativa entre essas áreas, abre espaço para a reflexão sobre uma possível descentralização organizacional.

Poderíamos seguir, por exemplo, uma pista que aparece no funcionamento desses múltiplos núcleos de presenças próximas e crianças autistas, núcleos que não parecem terem se configurado por uma a-centralidade, mas sim por uma multicentralidade composta pela espacialização territorial de diversos pequenos centros, não fixados, de organização dos rumos da tentativa. Tais pequenos centros moventes se presentificavam nos deslocamentos seja dos adultos, seja das crianças, seja na disposição das coisas pela área de convivência. Adultos e crianças constituíram relações marcadas por uma distância impossível de ser atravessada e que se expressava pela noção, apenas em aparência contraditória, de proximidade. Esses pequenos centros moventes, sempre próximos mas nunca coincidentes, de tal forma, não poderiam jamais se concentrar em um centro de poder estático, definidor das formas possíveis de funcionamento das áreas. A espacialização territorial, as noções de distância/proximidade e a dispersão dos centros que desenhavam - literalmente - a organização espacial e o dia a dia do

serions-nous sans lui? Peut-être. Mais l'Y d'y être pour chacun de nous serait autre...Les risques quels qu'ils soient sont préférables au risque admis qu'ILS y demeurent dans ces demeures à demeurer où ils y sont à croupir. Perdus, ils le sont, privés de cet espace qui leur en proposerait des chemins à l'infini. Peu importe que ces chemins ne les mènent pas à devenir quelqu'UN. Que cet individu-là, dans l'impasse d'exister sans être, ses trajets sans autre fin que marcher ou courir, ait lieu, c'est toujours ça de pris." (DELIGNY, 2007, p.773).

espaço partilhado, pareceram efetivar uma forma de esquiva à centralização e à hierarquização organizacional.

Porém, junto com tudo isso, a figura de Deligny representava, ainda, na rotina da tentativa, uma espécie de ligadura essencial para a estruturação dessa vida comum e para o funcionamento das áreas.³⁴⁷ Parece-nos extremamente complexo refletir sobre o lugar ocupado e o papel exercido por ele na tentativa. Ele não visitava jamais as áreas de convivência, permanecendo sempre em Graniers, onde se dedicava todas as manhãs a escrita e onde recebia eventualmente, à tarde, visitas de diferentes interlocutores, internos e externos, da tentativa. Seria apressado afirmar tanto que Deligny não ocupava um lugar de autoridade na rede, quanto que ele certamente o ocupava, configurando-se como uma centralidade hierárquica em relação às atividades desenvolvidas nos diferentes espaços. Ao mesmo tempo em que Deligny ocupava o lugar de articulação entre as diferentes áreas, garantindo a ligadura da rede, esse local parece ter sido mitigado no que tange a um poder exclusivo de direcionamento do trabalho, tendo se constituído antes como uma ferramenta de troca e de reflexão sobre as questões, os problemas e as descobertas advindas da rotina junto às

³⁴⁷"Certamente, é ele que pensa a rede, que escreve sobre ela, que faz a ligação entre o dentro e o fora - entre as crianças recebidas e os pais ou as clínicas, entre as discussões internas e os jornais, as revistas, e o mundo editorial, entre o mundo interno da rede e o mundo social externo... - e, também, a ligação entre uns e outros que estão dentro, espalhados nos diferentes locais da rede; mas se propondo a não funcionar como uma instituição, os mesmos problemas não podem ser colocados da mesma maneira. É difícil, talvez impossível, sustentar a hipótese de que Deligny não ocupava uma posição de poder: ele tem um poder pela sua idade, sua experiência, sua posição de 'pensador' e mesmo de organizador do conjunto da rede - é ele o nó das diferentes linhas, é ele que administra os encontros, que assina os textos a propósito da tentativa... Mas, ao mesmo tempo, sua posição é a mais precária: não é ele que produz o 'material' das reflexões - os mapas, as imagens filmadas, os sons registrados - ou mesmo os aspectos mais essenciais da materialidade da tentativa - as refeições, a manutenção do espaço, o acompanhamento das crianças... Dessa maneira, ele é uma peça certamente essencial à rede, mas completamente dependente das outras." "Certes, c'est lui qui pense le réseau, qui écrit sur lui, qui fait le lien entre le dedans et le dehors - entre les enfants reçus et les parents ou les cliniques, entre les discussions internes et les journaux, les revues et le monde éditorial, entre le monde interne du réseau et le monde social externe... -, et aussi le lien entre les uns et les autres qui sont dedans, éparpillés dans les différents lieux du réseau; mais, en se proposant de ne pas fonctionner comme une institution, les mêmes problèmes ne peuvent pas se poser de la même manière. Il est difficile, voire impossible, de tenir l'hypothèse que Deligny n'occuperait pas une position de pouvoir: il a un pouvoir, de par son âge, son expérience, sa position de 'penseur' et même d'organisateur de l'ensemble du réseau - c'est lui le noeud des différentes lignes, c'est lui qui administre les rencontres entre les uns et les autres du réseau, qui évite éventuellement ces rencontres, qui signe les textes à propos de la tentative... Mais, en même temps, sa position est la plus précaire : ce n'est pas lui qui produit le 'matériau' des réflexions - les cartes, les images filmés, les sons enregistrés - ou même les aspects les plus essentiels de la matérialité de la tentative - les repas, l'entretien de l'espace, le suivi des enfants... De cette manière, il est une pièce certes essentielle du réseau, mais complètement dépendante des autres. (MIGUEL, 2016, p.155).

crianças acolhidas pela tentativa. Essa reflexão, por sua vez, se desenvolvia a partir do material trazido pelos adultos dos diferentes espaços, sejam as questões relativas aos detalhes de suas rotinas, as informações possíveis de serem extraídas dos relatos cotidianos, sejam as descobertas advindas pelo trabalho de cartografia.

Assim, se por um lado Deligny efetivamente ocupou uma posição específica e indispensável no desdobramento das atividades e na definição dos rumos que tomava a tentativa, sua reflexão e sua produção escrita se basearam no material da prática vivida nas áreas de convivência. Essas relações de entrelaçamento entre o lugar ocupado por Deligny e o fato de que tal lugar só pôde existir a partir das vivências dos adultos que organizaram as áreas, podem ser percebidas como eficazes para a destituição de uma posição de poder e centralidade. Para Deligny, eram as crianças e as presenças próximas que desenvolviam a tentativa, cabendo a ele ser aquele que a contava, que a transmitia (MIGUEL, 2016, p.172). Foi essa posição, também estabelecida por uma certa dinâmica espacial - Deligny não interferia ou participava jamais diretamente da vida das áreas - que permitiu a constituição de um lugar distanciado, cuja distância pareceu garantir a não cristalização de uma intervenção autoritária na vida comum e possibilitou uma escuta sensível aos relatos e materiais produzidos pelos adultos da tentativa.³⁴⁸

³⁴⁸"Para Deligny, que ele fosse o único a verdadeiramente escrever reenvia não a uma ditadura da sua palavra, mas antes a um desvio estratégico ligado a um uso particular da linguagem 'que não é ditar ou discutir', nem mesmo se expressar. A escrita não envia tampouco a 'tomada da palavra' de um movimento. Por outro lado, a referência ao cacique descrita por Clastres deve ser compreendida à luz dessa necessidade de ancorar a tentativa em uma pesquisa de um certo modo de existência particular - e é mesmo nessa particularidade que consiste o primeiro elemento de seu *fato político*. Como já o afirma o texto *Un langage non-verbal*, publicado do segundo *Cahier de la Fgéri*, era questão de 'construir costumes'. Essa palavra que *divaga*, sem nunca ser endereçada, não se deixa ser compreendida, não se esgota no conteúdo que ela veicula. Através de sua forma, ela se junta a uma atividade costumeira entre outras e ela serve para a construção desse *costumeiro*, para falar dele e para transmitir as 'tradições' da tentativa, em suma a fazer desse grupo de pessoas vivendo juntas uma etnia um tanto 'singular'." "Pour Deligny, qu'il soit le seul à véritablement écrire renvoie non pas à une dictature de sa parole, mais bien plutôt à un détournement stratégique lié à un usage particulier du langage 'qui n'est pas de dicter ou de discuter', même pas de s'exprimer. L'écrire ne renvoie pas non plus à la 'prise de parole' d'un mouvement. D'autre part, la référence au cacique décrit par Clastres doit être comprise à la lumière de cette nécessité d'ancrer la tentative dans une recherche d'un certain mode d'existence particulier - et c'est même dans cette particularité que consiste le premier élément de son *fait politique*. Comme le note déjà le texte *Un langage non-verbal*, publié dans le deuxième *Cahier de la Fgéri*, il était question de 'construire des coutumes'. Cette parole qui *radote*, jamais tout à fait adressée, ne se laisse pas comprendre, ne s'épuise pas dans le contenu qu'elle véhicule. À travers sa forme, elle rejoint une activité coutumière parmi d'autres et elle sert à construire ce *coutumier*, à en parler et à transmettre les

É preciso dizer também que minha presença aí assinalava nossa atividade e indicava a linha: enquanto as tentativas conduzidas anteriormente, por ricochete, para a pesquisa de uma 'causa comum' entre aqueles que cuidavam e os que eram cuidados, reeducadores e reeducados, eram limitadas pela 'ordem das coisas', pelas instituições ambientes, se tratava, dessa vez, a partir da ausência da linguagem vivida por essas crianças-aí, de tentar ver até onde nos institui o uso inveterado de uma linguagem que nos faz o que somos, dito de outra forma de considerar a linguagem a partir da 'posição' de uma criança muda, como se pode 'ver' a justiça - do que ela se trata - 'da janela' de um garoto delinquente³⁴⁹.

No início do trabalho, abordamos as mudanças ocorridas na produção escrita de Deligny a partir do período de Cévennes. Anteriormente, seus textos se direcionavam mais diretamente às questões que compunham o campo de discussão sobre o cuidado com crianças e jovens institucionalizados. A partir do início dos anos 1970, operou-se uma densificação conceitual em sua escrita, relacionada com a crítica à linguagem e ao sujeito. A transição em sua produção acompanhou uma mudança do lugar ocupado pela prática de Deligny: de um *dentro* para um *fora* da relação institucional. Entre os traços que acompanharam toda a trajetória de Deligny e que aparecem ainda de forma forte em seu trabalho em Cévennes, estão, principalmente, o problema do traçar no trabalho em classes especiais como forma de liberar as crianças de seus lugares cristalizados, através da não avaliação de suas ações a partir de um significado dado *a priori*; a destituição observada progressivamente no COT e na Grande Cordée do lugar ocupado pelo trabalho, pautado no valor da utilidade e da produtividade; a busca por uma certa forma de dispersão territorial em todas as tentativas, mesmo quando tinham lugar em um espaço institucional determinado; o lugar dado à centralidade das circunstâncias vividas para a percepção dos comportamentos e formas de ser

'traditions' de la tentative, bref à faire de ce groupe de personnes vivant ensemble une ethnie quelque peu 'singulière'." (MIGUEL, 2016, p.174).

³⁴⁹"Il faut dire aussi que ma présence là signalait notre entreprise et en indiquait la ligne: alors que les tentatives menées antérieurement, en ricochet, à la recherche d'une 'cause commune' entre soignants et soignés, rééducateurs et rééduqués, s'étaient heurtées à 'l'ordre des choses', aux institutions ambiantes, il s'agissait, cette fois-ci, à partir de la vacance du langage vécue par ces enfants-là, de tenter de voir jusqu'où nous institue l'usage invétéré d'un langage qui nous fait ce que nous sommes, autrement dit de considérer le langage à partir de la 'position' d'un enfant mutique comme on peut 'voir' la justice - ce qu'il en est de - 'de la fenêtre' d'un gamin délinquant." (DELIGNY, 2007, p.691).

das crianças e jovens; a necessidade de se construir novas circunstâncias a partir da percepção sensível ao acaso.

Em todos os textos que Deligny escreveu ao longo dos primeiros trinta anos, o foco central de sua reflexão se relacionou com o trabalho institucional na área da infância e da juventude, campo que articulava os poderes médico-jurídico-escolar. A modulação ocorrida com a ida para Cévennes e com a ruptura radical com o trabalho por dentro do Estado, não interrompeu seu processo de reflexão crítica sobre a questão institucional, mas o elaborou a partir de outros lugares. Os pilares de seus escritos passaram a ser a construção de uma crítica à linguagem verbal como aquilo que fundaria a experiência humana, à imagem do *Homem* e às diversas formas de cristalização e de dominação que se desdobram a partir dessa imagem. Deligny se dedicou a refletir sobre a possibilidade de construção de um comum diferente da coletividade, a partir de uma esquivas à compreensão do sujeito como base fundadora da experiência humana.

Por que nós chamamos isso de corpo comum? Por causa do comum primeiramente. Isso que me espanta, é que essa palavra comum tenha surgido disso que preocupa profundamente as ideologias: comunhão, comungar, comunismo, comunidade... Existe comum, na base, desde sempre e todo o tempo. Para mim, comum quer dizer tudo aquilo que não é nem um nem outro. É 'como um', mas não é nem um nem outro. Tudo aquilo que pode acontecer fora do um e do outro. Eu chamo traço do corpo comum...Mas é uma palavra provisória; eu falaria também do Nós primordial, é um pouco a mesma coisa...Existe a conjugação das pessoas e o corpo comum não tem nada a ver com isso...O corpo comum é outra coisa que, no real, acontece. E os garotos autistas podem nos permitir, se quisermos, referenciar seus efeitos: isso que eu chamei de referências.³⁵⁰ (DELIGNY, 2007, p.932)

Assim, a tentativa em Cévennes determinou a mudança na maneira pela qual o problema institucional aparece nos textos de Deligny. É importante lembrar que Deligny escreveu em diferentes formatos: contos, textos mais

³⁵⁰"Pourquoi on a appelé ça corps commun? À cause de commun d'abord. Ce qui me frappe, c'est que ce mot de commun ait surgi de tout se qui préoccupe profondément les idéologies: communion, communier, communisme, communauté...Il y a du commun à la clef depuis toujours et tout le temps. Pour moi, commun veut dire tout ce qui n'est ni l'un ni l'autre. C'est 'comme un' mais c'est ni l'un ni l'autre. Tout ce qui peut avoir lieu hors de l'un et de l'autre. J'appelle trace du corps commun...Mais c'est un mot provisoire; je parlerais aussi bien du Nous primordial c'est un peu la même chose...Il y a la conjugaison des personnes et le corps commun n'a rien à foutre de ça...Le corps commun c'est d'autre chose que dans le réel a cours. Et les gosses autistes peuvent nous permettre, si l'on veut bien, d'en repérer les effets: ce que j'ai appelé les repères." (DELIGNY, 2007, p.932).

conceituais, roteiros de filmes, novelas e peças de teatro. Os textos passaram a ocupar o lugar de tornar lisível a prática da rede. Esta aparecia neles, nos mapas e nos filmes. A escrita de Deligny, como vimos, não era um relato da prática ou um manual para a rede, mas estava imbricada com ela de maneira produtiva. Uma das características marcantes dessa escrita, que acontecia no mesmo movimento em que a prática da rede se estabelecia e que produzia desvios na própria prática, é a forma verbal infinitiva. Tal estratégia operacionalizava a destituição do sujeito que escreve e do objeto que é escrito, a partir da eliminação da conjugação pessoal e temporal. Ela teve por objetivo permitir dar a ver um agir autista e um comum da experiência humana em um lugar dominado pela palavra.

Para adaptar metaforicamente a linguagem à não-linguagem do autismo, e o sujeito falante ao modo de ser autista, Deligny utiliza o infinitivo. Ele substantiviza o 'traçar', o 'referenciar', o 'balançar' (mais tarde, ele inventa as palavras 'silençar', 'comunhar', 'camerar'). Ele elimina a pessoa e as formas conjugadas ou reflexivas: eu, aquele ou aquela que fala, o ele ou ela, aquele ou aquela sobre quem falamos em sua ausência; o 'esse' demonstrativo substitui o 'se' que se volta sobre si mesmo. O infinitivo suprime a história (o caso) e o futuro (o projeto terapêutico), deixando lugar apenas para o aí estar. A escuta tropeça sobre essas palavras como sobre pedras. Essa nova língua se concretiza em novos caracteres projetados na cartografia de 'linhas d'erre'; a escrita-traço sinaliza a posição da 'jangada' no espaço e no tempo...³⁵¹ (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.680)

Como já comentamos, Deligny voltava a diferentes versões, retomava e modificava seus textos inúmeras vezes, reescrevia acontecimentos de anos passados mudando os sentidos das experiências vividas. Este procedimento parecia visar à destituição da escrita como lugar de representação, lugar de um conteúdo fixado e de cristalização trazido pela assinatura. Porém, ao mesmo tempo em que Deligny voltou e desfez sentidos anteriormente afirmados, em que ele colocou em questão a própria assinatura na repetição constante desse

³⁵¹"Pour adapter métaphoriquement le langage au non-langage de l'autisme, et le sujet parlant au mode d'être de l'autiste, Deligny utilise l'infinitif. Il substantive le 'tracer', le 'repérer', le 'balancer' (plus tard il invente les mots 'silencer', 'communier', 'camérer'). Il élimine la personne et ses formes conjuguées ou réflexives: je, celui ou celle qui parle, et il ou elle, celui ou celle dont on parle en son absence; le 'ce' démonstratif remplace le 'se' qui se retourne sur soi. L'infinitif supprime l'histoire (le cas) et le futur (le projet thérapeutique), ne laissant que le lieu de l'Y être. L'écoute trébuche sur ces mots comme sur des pierres. Cette nouvelle langue se concrétise dans de nouveaux caractères projetés dans la cartographie des 'lignes d'erre'; l'écriture-trace signale la position du 'radeau' dans l'espace et le temps..." (ALVAREZ DE TOLEDO *in* DELIGNY, 2007, p.680)

procedimento, ele procurou, também, se precisar. Para ele, a busca de precisão, ao contrário do que poderia parecer em uma primeira análise, se constituía como um movimento de esquivar à formulação de convicções próprias. Se precisar era rever opiniões, modificar posições e, assim, esquivar as afirmações rígidas de pontos de vista próprios. "Pontuar: precisar a situação onde se encontra. Me parece que eu passei minha vida pontuando, à perda de convicções."³⁵² (DELIGNY, *L'homme sans convictions*, texto inédito, p.05)

Assim, nos textos escritos em diferentes anos é possível identificar a retomada de diferentes histórias com mudanças e reapropriações que colocam em questão a noção de tempo, de veracidade e da significação cristalizada da palavra escrita. Esse procedimento que marcou o escrever de Deligny a partir dos anos de 1970, colocou a escrita como expressão de uma memória que não se identificava com a memória de aprendizado ou de educação. Esta outra memória, Deligny identificava como humana, específica e primordial.

A escrita de Deligny nesse período foi, como mencionamos, marcada pela interação estabelecida ao longo dos anos com diferentes interlocutores como Jean-Michel Chaumont, Isaac Joseph, Émile Copfermann, Marcel Gauchet, Louis Althusser³⁵³, Michel Barthélemy, Renaud Victor, François Truffaut, Félix Guattari, dentre outros. A frequente troca de correspondência com os interlocutores externos à rede, o contato com aqueles que visitavam a tentativa e lá permaneciam por diferentes períodos de tempo, a completa integração do processo da escrita com a prática da rede e com o material cartográfico, determinaram o não isolamento de sua produção. Alguns interlocutores específicos participaram mais diretamente da produção de Deligny. Como vimos,

³⁵²"Faire le point: préciser la situation où l'on se trouve. Il me semble que j'ai passé ma vie à faire le point, à perte de convictions" (DELIGNY, *L'homme sans convictions*, texto inédito, p.05).

³⁵³"Deligny havia enviado um exemplar de *Nous et l'Innocent* à Louis Althusser...eles começaram uma correspondência de vários meses, entre julho de 1976 e setembro de 1977...O essencial de suas correspondências se refere às relações indivíduo/sujeito. Em resposta ao princípio, enunciado por Althusser em *Ideologias e Aparelhos ideológicos do Estado*, segundo o qual 'toda ideologia interpela os indivíduos concretos em sujeitos concretos', Deligny afirma um Nós indivisível, irreduzível à pessoa e à ideologia" "Deligny avait envoyé un exemplaire de *Nous et l'Innocent* à Louis Althusser...Ils engagèrent une correspondance de plusieurs mois, entre juillet 1976 et septembre 1977...L'essentiel de leur correspondance porte sur les rapports individu/sujet. En réponse au principe, énoncé par Althusser dans *Idéologies et Appareils idéologiques d'État*, selon lequel 'toute idéologie interpelle les individus concrets en sujets concrets', Deligny affirme un Nous indivis, irréductible à la personne et à l'idéologie" (ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.802).

os livros *Le Croire et le Craindre* e *Nous et l'innocent* foram produzidos a partir do trabalho, de triagem dos textos, montagem e edição, realizado por Isaac Joseph. Jean-Michel Chaumont atuou na organização das publicações *Traces d'I, Singulière Ethnie, Traces d'être et bâtisse d'ombre* e *Les détours de l'agir ou le moindre geste*. O diálogo com Renaud Victor, por sua vez, foi indispensável para a elaboração do livro *Acheminement vers l'image*. Sua escrita foi efetivamente o resultado de uma produção coletiva que destituiu o lugar do nome próprio e a concepção de autoria como propriedade.

Janmari está sempre lá, próximo.

Acontece-me vê-lo.

Acontece-me ver as imagens filmadas.

Acontece-me isso que uns e outros daqueles que vivem nas áreas de convivência dizem quando eles passam por aqui.

Chegam-me os livros que me são trazidos ou enviados.

Acontece-me escutar o rádio e, então, os ecos daquilo que se diz.

Chegam-me os ecos dos livros que eu escrevi.

Chegam-me também os pais das crianças 'autistas' que chegam para uma estadia nessa rede, e repartem. Eles vêm me ver? Esse me-aí se tornou as imagens filmadas em vídeo disso que é, em certos momentos, de sua criança, enquanto ela vive uma vida muito costumeira de uma ou outra dessas áreas de convivência. Isso para precisar a trama e a cadeia dessa obra aqui, escrita no dia a dia.³⁵⁴

(DELIGNY, 2008, pp.191/192)

Deligny raramente citou outros autores de maneira direta. Algumas referências identificáveis em seus textos são notáveis, entre elas, André Leroi-Gourhan, Claude Lévi-Strauss, Konrad Lorenz, Étienne de La Boétie, Jacques Lacan, Henri Wallon, Pierre Clastres, Louis Althusser, Joseph Conrad, Herman Melville e outros.³⁵⁵ Nas vezes em que Deligny utilizou referências diretas, ele o

³⁵⁴"Janmari est toujours là, proche. Il m'arrive de le voir. Il m'arrive de voir les images filmées. M'arrive ce que les uns et les autres de ceux qui vivent sur les aires de séjour disent quand ils passent par ici. M'arrivent des livres qui me sont apportés ou envoyés. Il m'arrive d'écouter la radio, et donc des échos de ce qui se dit. M'arrivent des échos des livres que j'ai écrits. Il m'arrive aussi les parents des enfants 'autistes' qui viennent en séjour sur ce réseau-ci, et en repartent. Ils viennent me voir ? Ce me-là est devenu les images filmées en vidéo de ce qu'il en est, à certains moments, de leur enfant là, lorsqu'il y vit la vie très coutumière de l'une ou l'autre des aires de séjour. Ceci pour préciser la trame et la chaîne de cet ouvrage-ci, écrit au jour le jour. (DELIGNY, 2008, pp.191/192).

³⁵⁵"La Boétie encarna uma problemática central - a da servitude voluntária -; Leroi-Gourhan e Lorenz são caixas de ferramentas conceituais - memória da espécie e memória de educação, estratos, o gesto e a palavra, a ferramenta e a mão, em suma toda uma filosofia paleontológica tomada do primeiro, e as questões do inato, do adquirido, da marca, do reflexo, das funções, do desdobramento das ações e dos comportamentos, os fundamentos da etologia, tomados do segundo

fez, em geral, de maneira desordenada, com citações não literais, alterando a ordem das frases, trocando palavras, retirando determinados extratos sem o contexto geral do texto. Sua referência aos autores seguia assim uma necessidade colocada pela prática com a qual ele construía sua reflexão. Na relação com outras fontes não houve em nenhum momento um respeito pela versão original, pela referência pura ou qualquer admiração de ordem academicista. Deligny esquivou, também, das palavras em voga na sua época, como *desejo*, *acontecimento*, ou *sexualidade*. Para ele, a linguagem instituída por um uso disseminado carregava ideias prontas e convicções que determinavam lugares e posições fixos. (MIGUEL, 2016, p.191)

A rede é um modo de ser. Não é preciso nada, a simples passagem do masculino para o feminino para que o modo se torne a moda; a palavra permanece a mesma e a coisa evocada não é mais a mesma coisa.³⁵⁶ (DELIGNY, 2008, p.11)

Outro aspecto da escrita de Deligny, que se relacionava diretamente com a prática da rede, era a constante repetição dos temas em seus textos e a forma de

-; Lévi-Strauss é uma corrente na qual ele se inscreve, no que se refere à crítica da civilização européia ocidental e seu modelo de educação, de organização...À essa lista, nós podemos ainda adicionar as notas de leitura sobre Freud, Lacan, Pierre Clastres, Rousseau, Montaigne, Althusser e, em menor medida, Deleuze, Guattari, Heidegger...Será necessário juntar a isso uma leitura tardia de Wittgenstein, a quem Deligny parece prestar uma atenção muito importante a partir, principalmente, da metade dos anos 1980...Deligny leu bastante Lorenz, mas igualmente Karl Von Frisch, Jakob von Uexküll e Irenäus Eibl-Eibesfeldt. É desses autores que ele pega muitos exemplos do reino animal que ele cita nos textos no que se trata das aranhas, das formigas, dos patos, etc. Ele pega emprestado ainda da etologia vários conceitos que servem a ele para não psicologizar sua análise das crianças autistas e reintegrar os humanos na ordem da Natureza." "La Boétie incarne une problématique centrale - celle de la servitude volontaire -; Leroi-Gourhan et Lorenz sont des boîtes à outils conceptuels - mémoire de l'espèce et mémoire de l'éducation, strates, le geste et la parole, l'outil et la main, bref toute une philosophie paléontologique reprise au premier, et les questions de l'inné, de l'acquis, de l'empreinte, du réflexe, des fonctions, du déclenchement d'actions et de comportements, bref les fondements de l'éthologie reprises au deuxième -; Lévi-Strauss est un courant dans lequel il s'inscrit, concernant la critique de la civilisation européenne occidentale et son modèle d'éducation, d'organisation...À cette liste, nous pouvons encore ajouter des notes de lecture à propos de Freud, Lacan, Pierre Clastres, Rousseau, Montaigne, Althusser et, dans une moindre mesure, Deleuze, Guattari, Heidegger...Il faudra finalement ajouter à cela la lecture tardive de Wittgenstein, à qui Deligny semble prêter une attention très importante à partir notamment de la moitié des années 1980...Deligny a beaucoup lu Lorenz, mais également Karl von Frisch, Jakob von Uexküll et Irenäus Eibl-Eibesfeldt. C'est à ces auteurs qu'il reprend beaucoup des exemples du règne animal qu'il cite dans ses textes concernant les araignées, les termites, les canards, etc. Il emprunte encore à l'éthologie plusieurs concepts qui lui servent à dépsychologiser son analyse des enfants autistes et à réintégrer l'humain dans l'ordre de la Nature." (MIGUEL, 2016, p.325).

³⁵⁶"Le réseau est un mode d'être. Il s'en faut de rien, du simple passage du masculin au féminin, pour que le mode devienne la mode; le mot reste le même et la chose évoquée n'est plus la même chose." (DELIGNY, 2008, p.11).

disposição visual dos mesmos³⁵⁷. O movimento repetitivo, os vazios deixados entre diferentes passagens dos textos, a evocação de um texto ornado e de uma disposição específica da escrita no papel parecem ter dado expressão ao movimento das crianças no território. Na repetição e retomada incessantes dos temas parece ser evocado um costureiro vivido, a presença - sempre lá – do gesto de traçar primordial.

11 de outubro - Eu reitero minha maneira de ver a tentativa: uma prática em busca daquilo que pode fazer 'referência' (referência: um signo que seria de outra natureza do que a palavra) para as crianças psicóticas.³⁵⁸ (DELIGNY, 2007, p.771)

Três unidades de existência em rede e uma pequena dezena de crianças aí presentes, se nós confiamos naquilo que parece. É essa prática que é a nossa é simples de se dizer: essa quemanda, que manifesta outra coisa que emana de seus pequenos gestos, deixado de lado o manifestado que não nos concerne e volta a suas histórias próprias, qual é seu objeto?³⁵⁹ (DELIGNY, 2007, p.775)

Quando não há mais farinha ou açúcar, quando seria preciso uma cobertura a mais, eu inscrevo em um caderno. Quando faltam as estacas para o jardim, Gisèle ou Any anotam igualmente nesse caderno que vai e vem, todos os dias, entre a Île d'en bas e o lugarejo de Ganiers. No dia seguinte, se houver, uma coberta e provisões descem e os varas das aveleiras, cortadas ao longo do riacho, sobem para Graniès para sustentar os pés de tomates ou de berinjelas. Malgrado a consigna de não falar dos garotos, me acontece de fazer parte, no caderno, de minhas dificuldades com um dentre eles. A isso o caderno nunca responde. Fernand Deligny, que nunca desceu na L'île d'en bas, propõe traçar os trajetos dos garotos. Os passos dos garotos partem em um sentido e depois em outro, voltam atrás e fazem desvios. Eles contornam uma árvore, uma pedra, ou nada - nada aos nossos olhos -, mas para esses garotos sem a linguagem, vai saber...Para nós que falamos, a palavra trajeto tem um sentido: nós vamos da barraca em direção ao fogo para preparar o café; trajeto vai de par com projeto. Para os deslocamentos dos garotos, a palavra trajeto não quer mais dizer grande coisa e Fernand Deligny propõe no lugar 'linha d'erre', que convém melhor.³⁶⁰ (LIN, 2007, p.54)

³⁵⁷Os Cahiers de la Fgéri, retratados no início desse capítulo, são um importante exemplo dessa forma específica de colocar na página o texto escrito. A página se tornando uma espacialização da palavra.

³⁵⁸"11 octobre - Je réitère ma manière de voir la tentative: Une démarche à la recherche de ce qui peut faire 'repère' (repère : signe qui serait d'une autre nature que la parole) pour des enfants psychotiques." (DELIGNY, 2007, p.771).

³⁵⁹"Trois unités d'existence en réseau et une petite dizaine d'enfants là présents si on se fie à ce qu'il en paraît. Et cette démarche qui est la nôtre est simple à dire: cette quemande manifeste d'autre chose qui émane de leurs moindres gestes, mis à part le manifesté qui ne nous concerne pas et revient à leur propre histoire, quel est son objet?" (DELIGNY, 2007, p.775).

³⁶⁰"Quand il n'y a plus de farine ou de sucre, quand il faudrait une couverture de plus, je l'inscris sur un cahier. Quand manquent des tuteurs pour le jardin, Gisèle ou Any le note également sur ce cahier qui va et vient, tout les jours, entre L'île d'en bas et le hameau. Le lendemain, s'il y en a, une

O início do trabalho de traçar os caminhos das crianças ao longo dos dias, os diferentes momentos e as atividades das áreas de convivência, se deu, por sugestão de Deligny a Jacques, com o intuito de amenizar a angústia produzida pelas dificuldades encontradas na interação com um mundo onde a possibilidade de comunicação através da fala e de relação através da lógica da reciprocidade, era ausente. O traçar operou, portanto, uma função terapêutica para as presenças próximas e, ao mesmo tempo, evitou que, frente a um impasse encontrado no dia a dia da área de convivência, um adulto acabasse por utilizar recursos próprios das relações entre sujeitos, como o afeto, a pena, a constituição de uma relação de tratamento ou de amor. Os mapas não tinham por objetivo criar um significado em torno desses trajetos, nem analisar ou interpretar o *caso* de uma criança. Eles se configuraram como uma ferramenta de fazer ver aquilo que se passava no território e, a partir disso, permitir a reflexão sobre a própria prática da rede. Eles não eram, portanto, nem instrumento de análise médico-terapêutica nem tinham por intuito permitir uma interpretação sobre os trajetos e gestos infantis.

Os mapas eram traçados pelas presenças próximas de cada área que registravam no dia a dia os trajetos das crianças. Gisèle Durand, que morava em Granières, também foi responsável por esse registro nas áreas que formavam a rede. Entre os anos 1969 e 1980, foi produzida uma infinidade de mapas, a maioria retratando o decorrer de uma atividade específica ou os diferentes trajetos que se desenrolavam ao longo de um período de tempo contínuo na rotina de uma das áreas de convivência. Há também mapas de cômodos que compunham as áreas e que descrevem com minúcia a organização dos objetos existentes. E mapas de gestos ou de um acontecimento específico. O estilo dos mapas variou de acordo com quem o traçava mas, ao longo do tempo, e através das conversas com

couverture et des provisions descendant et des piquets de noisetier, coupés le long du ruisseau, montent à Granières pour aller soutenir des pieds de tomates ou d'aubergines. Malgré la consigne de me pas parler des gamins, il m'arrive de faire part, sur le cahier, de mes tracés à propos de l'un d'entre eux. À cela le cahier ne répond jamais. Fernand Deligny, qui n'est jamais descendu dans L'île d'en bas, propose de tracer les trajets des gamins. Les pas de gamin partent dans un sens puis dans un autre, retournent en arrière et font des détours. Ils contournent un arbre, une pierre ou rien du tout - rien du tout à nos yeux -, mais pour ces gamins sans le langage, allez savoir... Pour nous qui parlons, le mot trajet a un sens: nous allons de la tente vers le feu pour préparer le café; trajet va de pair avec projet. Pour les déplacements des gamins, le mot trajet ne veut plus dire grand-chose et Fernand Deligny propose à la place 'ligne d'erre' qui convient mieux. (LIN, 2007, p.54).

Deligny para a discussão daquilo que podia ser observado nos traços recolhidos, o trabalho de cartografia desenvolveu eixos comuns de observação que permitiram levantar questões e refletir sobre a prática da rede. A partir dos encontros com Deligny e da continuidade do trabalho com os mapas, foram desenvolvidos diversos termos e noções que permitiram uma elaboração comum sobre os agires das crianças e que promoveram uma certa uniformização do trabalho cartográfico³⁶¹.

Os adultos de cada área se encontravam frequentemente com Deligny em Graniers para conversar sobre aquilo que podia ser observado no traçar realizado. Os encontros se davam sempre entre as presenças próximas de uma determinada área e Deligny e não coletivamente entre diferentes adultos que compunham a rede. A partir das descobertas que surgiam nos mapas traçados, diferentes encaminhamentos eram definidos sobre como proceder na construção de lugares que permitissem um respeito profundo à forma de ser dessas crianças. Tal construção passava pela percepção das diferenças existentes entre, por exemplo, o fazer dos adultos, baseado em ações direcionadas para a realização de algum objetivo específico, como lavar a louça, produzir o pão, cozinhar; e o agir infinitivo das crianças, agir cuja destinação não era uma produção ou uma utilidade determinada, mas sua própria existência, um agir para nada.

Sabe-se bem que a arqueologia se elabora por descobertas. Trata-se para nós de perceber essas iniciativas que são 'descobertas', iniciativas graças às quais aparece aos nossos olhos o que foi referenciado de um *ponto de ver* muito estrangeiro ao nosso ponto de vista. Para apreender isso que aflora, então, trata-se de uma verdadeira escavação, mas de uma escavação 'ao lado' do campo da nossa memória, com vezes e profundamente trabalhada por isso que pode *SE* dizer. Falar de uma pesquisa arqueológica cujo 'terreno' seria nós mesmos pode levar a pensar em um tipo particular de pesquisa psicológica. Não é nada disso. Esse nós-mesmos-aí, do ponto de ver de um indivíduo autista, não tem nada *na* cabeça. *No*

³⁶¹"Enfin, os mapas elaboram um certo número de códigos que se desenvolvem ao longo dos anos - tais como: as linhas d'erre são traçadas em nanquim, os adultos tomam a forma de um pequeno homenzinho, as vezes sem cabeça e verdes, os simulacros são representados por uma linha preta com quebras ou por círculos em cima dos homenzinhos (representando o gesto de bater as mãos), os emaranhados são representados por um 'Y', os objetos (um cesto, por exemplo) indicam as *coisas por fazer*..." "Enfin, les cartes élaborent un certain nombre de codes qui se développent au fil des années - tels que: les lignes d'erre sont tracées en encre de chine, les adultes prennent la forme d'un petit bonhomme, parfois sans tête et en vert, les simulacres sont représentés par une ligne noire brisée ou par des cercles au-dessus des bonhommes (représentant le geste de taper ses mains), les chevêtres sont représentés par un 'Y', les objets (un panier, par exemple) indiquent les *choses à faire*..." (MIGUEL, 2016, p.222/223).

é o lugar do sujeito. Encontramos-nos expostos *fora*, referenciados a isso que de nós, nos escapa: o nó de nossos trajetos, nossos desvios, nossos gestos os mais inadvertentes. Pouco importam nossas intenções conscientes ou inconscientes. Vemos-nos, em alguma medida, percebidos 'de um outro polo'.³⁶² (DELIGNY, 2007, p.1149)

As *descobertas* que os mapas permitiram ver influenciaram diretamente a escrita de Deligny, aprofundando sua função de lisibilidade da tentativa. A partir disso, a escrita e as trocas com Deligny recolocavam questões e influenciavam diretamente a prática das áreas de convivência. Nesse sentido é que podemos afirmar que tanto a escrita como a prática territorial - não sendo possível efetivamente separá-las - foram criações comuns, criações que escapavam à autoria determinada.

Os mapas foram compostos, como mencionamos, por linhas que descreviam uma série de ações simultâneas em um determinado espaço, mas também podiam, por exemplo, se constituir pelo traçar em torno do desenvolvimento de uma atividade específica, de gestos, de espaços. O procedimento para a constituição do trabalho de cartografia era composto pela elaboração de um mapa de base, que retratava o local onde os gestos e trajetos traçados aconteciam, e posteriormente pela sobreposição de diferentes mapas em folhas de papel-manteiga com os traços dos trajetos registrados. Esse procedimento permitia visualizar o espaço de base das ações e sobrepor a ele os deslocamentos e acontecimentos que tinham lugar ao longo de um determinado tempo de observação.

Evitando um movimento interpretativo de construção de significados a partir dos trajetos infantis, a produção cartográfica permitiu dar a ver seus deslocamentos, os lugares, objetos, pessoas que constituíam pontos de referência.

³⁶²"On sait bien que l'archeologie s'elabore de trouvailles. Il s'agit pour nous de percevoir ces initiatives qui sont nos 'trouvailles', initiatives grace auxquelles apparait a nos yeux ce qui a été réperé d'un *point de voir* fort etranger a notre point de vue. Pour saisir ce qui affleure alors, il y va d'une veritable fouille, mais d'une fouille 'a coté' du champ de notre memoire, cent fois et profondement laboure par ce qui peut *SE* dire. Parler d'une recherche archeologique dont le 'terrain' serait nous-mêmes peut faire penser a une sorte particuliere de recherche psychologique. Il n'en est rien. Ce nous-mêmes-l, du point de voir d'un individu autistique, n'a rien *dans* la tête. *Dans* est le lieu du sujet. Nous voila exposes *dehors*, réperés a ce qui, de nous, nous echappe: le noeud de nos trajets, nos detours, nos gestes les plus inadvertants. Peu important nos intentions conscientes ou inconscientes. Nous voila en quelque sorte percus 'd'un autre pole'."(DELIGNY, 2007, p.1149).

Através dos mapas, foi possível perceber os agires que apareciam no encontro com tais pontos, os gestos e iniciativas que surgiam, uma certa forma de operação de memória que se estabelecia com o espaço de vida. A cartografia revelou um território comum, não apenas entre as crianças ou entre as presenças próximas e as crianças, mas entre tudo que compunha o espaço partilhado. Dessa forma, ela se constituiu como ferramenta para o cuidado desse território. A partir da descoberta desse espaço comum, das formas de habitá-lo que advinha aos seres que não possuíam acesso à linguagem, foi possível a descoberta, pelos adultos, de maneiras de organizar tal espaço, de respeitar a criação de um lugar que não implicasse na imposição do ponto de vista da *normalidade*, das exigências de tornar o outro um mesmo, um semelhante, da função de cura ou de readequação dos seres inadaptados a uma forma de vida considerada adequada.

Os trajetos traçados revelaram que as crianças autistas não estabeleciam uma relação direta com pessoas ou objetos, mas se referenciavam a todos os elementos que formavam o território de vida. Suas dinâmicas se estabeleciam a partir de tudo aquilo que para os seres conscientes de ser se apresentava como pessoas e objetos distintos, e que para as crianças eram *coisas* que podiam ser referenciadas no espaço habitado por elas. A partir dessa descoberta, as presenças próximas passaram a organizar suas atividades nas áreas de convivência com o objetivo de se tornarem tão coisas quanto todas as coisas. As estratégias primordiais desse processo se deram pelo não direcionamento da palavra ou do olhar direto para as crianças, ou seja, por percebê-las também como uma coisa entre tantas outras. Dessa maneira, os adultos puderam se constituir também como pontos de referência que formavam um território comum. Ao longo do tempo, como mencionamos, diferentes estratégias e noções foram elaboradas com esse intuito, como por exemplo, linhas *d'erre*, agir para nada, emaranhado, simulacro, ornado e cerne.

Alguns vocábulos que são palavras, mas extirpadas do vocabulário, desenraizadas. Palavras que dispomos como suporte. *Cerne*, *emaranhado*, *ruptura de cerne*, *inadvertência*, *iniciativa*. As palavras colocadas sobre a folha como nós colocaríamos aí os cascalhos, em um dia de vento. O vento, na ocorrência, é a linguagem que bate, 'catastrófica', de onde quer que ela sopra e o que quer que ela diga; que nos torna cegos. A 'natureza' está aí, 'fora', enorme, surpreendente, pacífica, próxima, fora de alcance...Por *natureza* eu escuto 'a base biológica de

toda existência humana, considerada independentemente dos efeitos que produz sobre ela a civilização'.³⁶³ (DELIGNY, 2008, p.115)

A palavra *cerne*, por exemplo, era utilizada para designar tanto a área concêntrica formada pelo perímetro do espaço do costumeiro como o tempo sem fim de manifestação do modo de ser autista. Os mapas retratam frequentemente o cerne delineado pelo costumeiro da área de convivência e revelam como as crianças não ultrapassavam essa área virtualmente delimitada. Deligny afirmava que a atração das crianças pelas referências e pelas tarefas realizadas pelos adultos - elas mesmas devindo pontos de referência - garantia a não existência desses desvios para fora das áreas de vida. O fato do círculo ser mal fechado indicava que o costumeiro construído permanecia aberto para as iniciativas que podiam advir dos gestos para nada das crianças. O cerne, na cartografia, era utilizado também para fazer referência a um adulto que havia sido *referenciado* por uma criança ou ainda para marcar qualquer presença ou gesto fora da linguagem. Nesses casos eles podiam aparecer designados como *cerne d'erre* e nos anteriores como *cerne d'aire*. A inspiração de Deligny para designar tais regiões como cerne e para marcá-las por um círculo não fechado, foram os círculos desenhados infinitamente por Janmari³⁶⁴. (ALVAREZ DE TOLEDO, 2013, p.09)³⁶⁵

Foi nesse momento que eu me coloquei a pensar na vigésima sétima letra do alfabeto, aquela que Janmari autista devia (me) traçar sete anos mais tarde, um O mal fechado, 'letra' que eu nomeei *cerne* e que não cessou de nos deixar ver, assim eu espero.³⁶⁶ (DELIGNY, 2007, p.956)

o que não é perfeito, é esse traçar que chega a ele, a essa mão que pode ser dita sua, a esse mesmo Janmari que as sustenta e as segura nas suas costas, as mãos,

³⁶³"Quelques vocables qui sont des mots, mais extirpés du vocabulaire, déracinés. Des mots que nous disposons pour caler: *cerne*, *chevêtre*, *rupture de cerne*, *inadvertance*, *initiative*. Des mots posés sur la feuille comme on y poserait des cailloux, un jour de vent. Le vent, en l'occurrence, c'est le langage qui nous advient, 'catastrophique' d'où qu'il souffle et quoi qu'il dise; aveuglant. La 'nature' est là, 'dehors', énorme, étonnée, pacifique, proche, hors d'atteinte...Par *nature* j'entends bien 'la base biologique de toute existence humaine, considérée indépendamment des effets que produit sur elle la socialisation'." (DELIGNY, 2008, p.115).

³⁶⁴*Journal de Janmari*, 2013, editora Arachnéen.

³⁶⁵Para efeito de bibliografia, designamos a autoria da publicação *Cartes et Lignes d'Erre* como de Sandra Alvarez de Toledo, por ter sido responsável pela concepção editorial da obra, por sua organização e publicação. No entanto, a autoria é efetivamente coletiva por se tratar de uma coletânea de mapas realizados durante a tentativa.

³⁶⁶"C'est à ce moment là que je me suis mis à penser à la vingt-septième lettre du alphabet, celle que Janmari autiste devait (me) tracer sept an plus tard, en O mal fermé, 'lettre' que j'ai nommé *cerne* et qui n'a pas fini de nous en faire voir, je l'espère." (DELIGNY, 2007, p.956).

quando ele começa a girar sobre ELE mesmo · não muito redondo, esse traçar aí · não aberto, propriamente falando, mas se vê de onde o traço partiu e onde ele parou, lápis elevado em um voo da mão · aos inocentes as mãos vivas · onde há mão há esperança de não ser totalmente compreendida a maquinaria que, de universal que ela é, se tornará de bom grado unânime · na linguagem, eu não confio mais · mas no traçar...³⁶⁷ (DELIGNY, 2007, p.836)

Os mapas foram, portanto, uma ferramenta de organização do espaço das áreas, de composição de um território propício para as crianças, não a partir do que *a gente* considera adequado, mas a partir do que aparecia nos gestos e comportamentos delas. As linhas que compuseram as cartografias davam *a ver aquilo que não se vê*³⁶⁸, os nossos olhares acostumados demais a ver tudo aquilo que se pode dizer. As linhas d'erre, marcadas por serem refratárias a tudo que é da ordem do sujeito, e assim por não designarem um fazer marcado pela utilidade, organizado em torno de um projeto pensado, desenharam percursos não intencionais, percursos para nada, os agires infinitivos das crianças. Os mapas mostravam, no entanto, que tais linhas não se distanciavam por completo daquelas traçadas pelas tarefas e pelos afazeres costumeiros do dia a dia da rede realizados pelas presenças próximas. Ao contrário, elas se aproximavam delas, as cruzavam ou transitavam em torno delas. As linhas das crianças e dos adultos eram permeadas por diferentes pontos de cruzamento e de encontros. As linhas d'erre, portanto, compuseram e construíram o costumeiro das áreas junto com os caminhos percorridos pelos adultos, produzindo em torno deles desvios e desenhos que colocavam em questão tais caminhos e o fato dos trajetos dos

³⁶⁷"ce qui ne l'est pas, parfait, c'est ce tracer qui lui advient, à cette main qui peut être dite sienne, à ce même Janmari qui les tient et les retien, dans son dos, les mains, quand il se met à tourner sur LUI même · pas bien rond, ce tracer là · pas ouvert, à proprement parler, mais ça se voit d'où le trait est parti et où il s'arrête, crayon soulevé dans un envol de main · aux innocents les mains vives · où il y a de la main, y a de l'espoir de n'y être pas tout à fait compris dans l'horlogerie qui, d'universelle qu'elle est, le deviendrait bien volontiers unanime · au langage, je ne m'y fie guère · mais au tracer... ·". (DELIGNY, 2007, p.836).

³⁶⁸*À voir ce qui ne se voit pas*: "Normalmente um mapa permite encontrar um caminho já percorrido; aí é o contrário, os mapas servem de instrumento que permite ver aquilo que não se vê normalmente." "D'habitude une carte permet de retrouver un chemin déjà parcouru; là c'est le contraire, les cartes servent d'instrument qui permettent de voir ce qui ne se voit pas d'habitude" (LIN, 2007, p.55). "Ontem eu lia aquilo que Paul Klee dizia de sua obra de pintura. É um pouco da mesma maneira que eu tento descrever isso que é, para mim, isso que eu digo ser o tramar de uma tentativa. Que diz Paul Klee? 'A arte não reproduz o visível, ela torna visível'. Não saberíamos dizer melhor. O que diz ele ainda? 'As perspectivas são para serem abertas...'" "Hier, je lisais ce que Paul Klee disait de son oeuvre de peintre. C'est un peu de la même manière que j'essaie de décrire ce qu'il en est, pour moi, de ce que je dis être l'ourdir d'une tentative. Que dit Paul Klee? 'L'art ne reproduit pas le visible, il rend visible.' On ne saurait mieux dire. Que dit-il encore? 'Les perspectives sont à bâiller...'" (DELIGNY, 2007, p.1102).

adultos serem sempre orientados pela produtividade e pela utilidade das ações que eles retratavam.

É extremamente difícil traduzir a palavra francesa *erre*. Por isso, optamos por mantê-la no original no texto, esclarecendo os sentidos que ela pode designar. O termo *erre* faz referência tanto à noção de errância como a um movimento errático ou ao próprio erro. No entanto, considerando que os trajetos das crianças nos territórios não constituíam propriamente uma deriva, os termos errância³⁶⁹, erráticas ou erro não podem precisamente traduzir a expressão *erre*. Os caminhos infantis possuíam uma orientação precisa balizada em referências que se estabeleciam através da constelação de coisas que organizavam o território e de uma memória de espécie capaz de acessar essa organização sem fazer uma distinção temporal entre o passado e o presente, e para a qual uma coisa só existe ocupando seu lugar no espaço ou, como vimos, a coisa e o lugar são a mesma coisa.

Em francês, o termo *erre* evoca também o movimento realizado por uma embarcação uma vez que seu motor é desligado ou quando as velas são baixadas. Ou seja, o movimento de uma embarcação quando não há mais uma força propulsora externa. Esse sentido, ressaltado por Deligny, parece indicar os traços que os trajetos das crianças deixa, uma vez que a elas é permitido um agir não determinado por uma orientação externa proveniente do desejo adulto de determinar as formas possíveis e adequadas para que seus comportamentos tenham lugar. A liberação dessa força propulsora caracterizada pelo projeto do sujeito para a existência das crianças, projeto fundado na necessidade de semelhança destas ao mundo do *homem-que-nós-somos*, permite que as linhas de *erre* tenham lugar. O aparecimento dessas linhas, a possibilidade de ver aquilo que não se vê, permitiu a criação de um espaço para sua proliferação, lugar necessário para a existência desses seres refratários à definição de sujeito, permitiu também que aqueles que sujeitos o são pudessem se liberar, mesmo que eventualmente, da sobrecarga de sujeito *se* ser e de todos os desdobramentos que isto implica. Desdobramentos como a dominação do projeto pensado e a submissão do sujeito à necessidade de utilidade de suas ações. O aparecimento

³⁶⁹Este foi o termo adotado pela tradução para o português do livro *L'arachnéen et autres textes*, publicada pela editora *n-l*.

dessas linhas possibilitou um contato com um mundo infinitivo, abriu espaço para que o desconhecido aparecesse por inadvertência para aqueles que a linguagem garante de antemão que tudo seja já e para sempre significado.

Erre: a palavra me veio. Ela fala um pouco de tudo, como todas as palavras. Trata-se de uma 'maneira de avançar, de caminhar', o diz o dicionário, da 'velocidade adquirida por uma embarcação sobre a qual não age mais o propulsor' e também os 'traços de um animal'. Palavra muito rica, como se vê, que fala de caminhada, de mar, e de animal, e que apresenta vários outros ecos: 'errar: - se afastar de verdade...ir de um lado ao outro, ao acaso, na aventura'. J.J. Rousseau o diz: - 'viajar por viajar, é errar, ser vagabundo'. É também 'manifestar isso e aquilo, fugazmente, sobre diversos objetos, sorriso nos lábios'...Pode ser que, à força de os seguir, esses 'erres' aí, trajetos ou gestos cujo projeto nos escapa, de os seguir com o olho e a mão, se forje um ver que perfuraria essa proteção linguageira a qual nosso olhar herda desde nosso nascimento e, alguns dizem, bem antes.³⁷⁰ (DELIGNY, 2007, p.811/812)

Pela observação dos mapas, como mencionamos, revelou-se nesses percursos, nessas linhas d'erre, uma outra memória. Memória que Deligny chamou de *espécie*³⁷¹ e que não se relaciona nem com a linguagem nem com a representação dos objetos e dos acontecimentos, mas sim com os diferentes estratos e camadas vividas em um lugar. A memória de *espécie* não pertence à alguém, ela se compõe conjuntamente com todos esses estratos, memória espacializada que elimina o sentido do tempo como propriedade de um sujeito.

³⁷⁰"Erre: le mot m'est venu. Il parle un peu de tout, comme otus les mots. Il y va d'une 'manière d'avancer, de marcher', dit le dictionnaire, de 'la vitesse acquise d'un bâtiment sur lequel n'agit plus le propulseur' et aussi de 'traces d'un animal'. Mot fort riche, comme on le voit, qui parle de marche, de mer et d'animal, et qui recèle bien d'autres échos: 'errer: - s'écarter de la vérité...aller de côté et d'autre, au hasard, à l'aventure' J.J. Rousseau le dit: - 'voyager pour voyager, c'est errer, être vagabond'. C'est aussi 'se manifester ça et là, et fugitivement, sur divers objets, sourire aux lèvres'...Se peut-il qu'à force de les suivre, ces 'erres' là, trajets ou gestes dont le projet nous échappe, de les suivre de l'oeil et de la main, se fraye un voir qui percerait cette taie langagière dont notre regard hérite dès notre naissance et certains disent bien avant." (DELIGNY, 2007, p.811/812).

³⁷¹"Por *espécie*, origem ou *inato*, Deligny não visa um *arcaico* ou uma essência dada, mas um processo de sedimentação que é próprio ao devir histórico do homem. 'É preciso compreender que essa origem antiga, tão fóssil que ela possa ser, persiste na origem de cada um de nossos gestos de agora, fossilizada no sentido em que ela está enterrada sob as camadas sedimentares daquilo que o homem pode querer e querer se tornar, se considerando como sendo seu próprio projeto'." "Par *espèce*, origine ou *inné*, Deligny ne vise pas une *archè* ou une essence inébranlable, mais un processus de sédimentation qui est propre au devenir historique de l'homme. 'Il faut bien entendre que cette origine ancienne, aussi fossile qu'elle puisse être, persiste à l'origine de chacun de nos gestes de maintenant, fossilisée en ce sens qu'elle est enfouie sous les couches sédimentaires de ce que l'homme a pu vouloir et vouloir devenir, se considérant comme étant son propre projet.'" (MIGUEL, 2016, p.265).

Erre carrega ainda o sentido de *traços antigos*, cuja etimologia, em francês, possui relação com a palavra *aire*, que por sua vez é o termo que designa a expressão área de convivência - *aire de séjour*. Uma área de convivência é a composição das linhas d'erre que revelam os percursos que escapam ao projeto pensado, que são refratários à produtividade e que dão a ver uma memória de espécie composta pelas diferentes camadas que formam a existência de um espaço. Tais linhas, caminhos das presenças próximas que se entrecruzam aos trajetos infantis, formam a rede que sustenta a construção de um lugar de vida.

Um mapa desenhado em uma cartolina grande e linhas d'erre traçadas sobre papéis transparentes acabaram de chegar a Graniès. Sobre esse mapa vê-se todo o Séré, como visto de um avião. Tem as duas colinas que descem até o riacho, uma rede de caminhos e de trilhas que ligam a cabana, a fonte, a casa dos proprietários e o curral emprestado por um vizinho para as cabras. Outros caminhos partem em direção a uma dezena de manchas mais claras sobre o mapa; esses são os lugares que nos serviram de acampamento ao longo dos anos. Um espaço apoiado em uma mureta, algumas grandes pedras alinhadas no meio da mureta, um poste de onde pendiam panelas e marmitas, a carcaça de um abrigo que começa a desmoronar e só se sustenta por hábito, resta ainda, isso e aquilo, vestígios de nosso modo de vida. Esses acampamentos e seus contornos tinham sido desmatados, brotos jovens e grama tinham brotado e faziam a alegria das cabras. Meus irmãos permanecem nesses lugares com os garotos e o rebanho durante longos períodos. Eles os levam ali frequentemente para comer. Enquanto as cabras pastam, os garotos vão e vem nesses antigos acampamentos ou permanecem em alguns locais a se balançar, a saltar no mesmo lugar, a manipular uma pedra ou um pedaço de madeira. Os mapas do Séré guardam traços de todas essas 'linhas d'erre' sobre as folhas transparentes colocadas sobre o grande mapa de fundo que representa o Séré. Surpresa. Comparando as 'linhas d'erre' desses tempos de agora, parece que os garotos de hoje ficam exatamente nos mesmos lugares onde ficavam os garotos dos tempos em que vivíamos nesses acampamentos permanentemente; e esses não são mais os mesmos garotos.³⁷² (LIN, 2007, p.102/103).

³⁷² "Une carte dessinée sur un grand carton et des 'lignes d'erre' tracées sur des papiers transparents viennent d'arriver à Graniès. Sur cette carte on voit tout le Séré, comme vu d'avion. Il y a les deux collines qui descendent jusqu'au ruisseau, une résille de chemins et de sentiers relie la cabane, la source, la maison des propriétaires et la bergerie prêtée par un voisin pour les chèvres. D'autres chemins partent vers une dizaine de taches plus claires sur la carte; ces sont des lieux qui nous ont servi de campements au cours des années. Un foyer appuyé contre un muret, quelques grosses pierres alignées au milieu d'une murette, un poteau où pendaient des casseroles et des marmites, la carcasse d'un abri qui s'affaisse et ne tient plus que par habitude, restent encore, çà et là, vestiges de notre mode de vie. Ces campements et leurs abords avaient été débroussaillés; des jeunes pousses et une herbe tendre ont poussé et font le régal des chèvres. Mes frères restent à ces endroits avec les gamins et le troupeau durant longs moments. Ils y amènent souvent en goûter. Pendant que les chèvres broutent, les gamins vont et viennent dans ces anciens campements ou restent à certains endroits à se balancer, à sauter sur place, à manipuler une pierre ou un morceau de bois. Ceux du Séré gardent trace de toutes ces 'lignes d'erre' sur des feuilles transparentes en les plaçant sur la grande carte du fond qui représente le Séré. Surprise. En comparant les 'lignes d'erre' de ces temps-ci, il apparaît que les gamins d'aujourd'hui se tiennent exactement aux mêmes endroits où se tenaient

A memória de espécie que, para Deligny, caracteriza a forma de memória dos autistas, funciona fora do registro da palavra e da representação. É uma memória espacial, construída a partir das referências advindas da composição de um território de vida costumeiro. A forma de funcionamento das crianças autistas, marcada pela atividade de *referenciar*, de identificar pontos de referência no território, é uma composição entre ver-rever-prever. Deligny, em um de seus textos aqui retratados, conta uma história na qual os pais de uma criança que frequentava em diferentes períodos a tentativa, em uma das idas para Cévennes, pegaram um caminho de carro diferente daquele utilizado habitualmente. Essa mudança instaurou um estado de confusão e de crise marcado pela dissociação das atividades de ver-rever-prever, que integram o funcionamento autista e garantem sua estabilidade. Na ausência do sentido de tempo e na impossibilidade de acessar a existência das coisas pela esfera da representação, é necessário, todo o tempo, que todas as coisas que se estabelecem como pontos de referência estejam *realmente* presentes. É necessário que ver seja rever e que o encontro entre ambos permita um prever capaz de garantir, para a criança, a localização de *seu* próprio corpo no espaço.

Assim, devido ao funcionamento de um *aparelho a referenciar* distinto do *aparelho a nomear*, que caracteriza o *homem-que-nós-somos*, o autista é capaz de localizar toda e qualquer modificação ocorrida no espaço, e essa modificação tem a potência de causar uma enorme desestabilização. O costumeiro construído nas áreas de convivência foi o meio imutável que garantiu a permanência dos pontos de referência necessários para o respeito aos modos de existência das crianças autistas. Janmari, frente ao vazio que se instaurava no desencontro com as referências que estabelecem um território costumeiro de vida, e que promove uma desorganização de seu corpo e de sua existência, era capaz de realizar trajetos impensáveis com o objetivo de reconstituir o espaço real, tal qual ele estava registrado em sua memória. Memória de espaço, de espécie.

les gamins du temps où nous vivions dans ces campements en permanence; et ce ne sont plus les mêmes gamins." (LIN, 2007, p.102/103).

Resta saber o que o sujeito institui para garantir a não instauração de um vazio assustador que possui, também, a potência de destituir a estrutura daqueles que se encontram bem solidificados pela linguagem. A possibilidade do aparecimento desse vazio, de momentos de não identificação *consigo* mesmo, de decomposição da estrutura que nos torna sujeitos conscientes, por mais breves que sejam, podem indicar, em *a gente*, a permanência de uma memória da espécie? Ou do humano aquém do Homem? A imensidão e o descontrole instaurados por esse vazio são suficientes para que uma rígida organização, pautada pelo poder estruturante da linguagem, seja formulada.

Entre uma e outra estrutura, diferenças que parecem intransponíveis. O polo autista, marcado pelo encontro direto com o espaço, pela não intermediação do simbólico, pelo infinitivo, pelo agir, pelas referências vividas. O polo do *homem-que-nós-somos*, determinado pela nomeação, pela normalidade, pela vontade, pela propriedade, pela relação com o mundo intermediada pela dominação inescapável do dizer o mundo, dizer o outro. Se Janmari pode ir não importa aonde atrás de um tijolo que falta para que ele localize um corpo, que não é propriamente seu corpo, mas sim a possibilidade de se referenciar no espaço; *a gente* cria leis, regras morais, padrões de normalidade, instituições para a garantia dessa normalidade e para a exclusão da *anormalidade*. *A gente* cria direitos e deveres capazes de definir quem somos e o que podemos fazer; criamos nações, grupos, coletivos; criamos contornos que não são mais espaços, lugares para habitar, mas sim palavras que podem nos dizer, elas também imutáveis, imutavelmente dominantes, capazes de ordenar quem somos, como podemos ser, o que podemos fazer. Como indicamos, a pesquisa de Deligny, a busca por formas de cuidado também do *homem-que-nós-somos*, se orientou a partir de uma inversão na perspectiva da inadaptção. Esta não era vista a partir de uma falta em relação à normalidade, mas dava a ver ao que esta normalidade não tem mais acesso. Ao humano e a tudo que compõe esta camada primordial.

O costumeiro, portanto, foi uma pesquisa constante em torno da necessidade de estabelecimento de pontos de referência que garantissem uma organização espacial na qual as crianças pudessem se referenciar. Ele não foi uma simples instituição de hábitos, de um cotidiano, de leis de funcionamento. A cartografia permitia ver onde surgiam esses pontos de referência a partir da

observação dos lugares onde as crianças paravam, produziam algum tipo de gesto, iniciavam um agir, desviavam um caminho. Os lugares onde os trajetos de diferentes crianças se encontravam, produziam um emaranhado de linhas. Os mapas possibilitaram *ver aquilo que não se vê* e, a partir dessa percepção, garantiram a permanência desse lugar costumeiro.

Emaranhados. Trata-se de uma das palavras que apareceram recentemente na 'gíria' da tentativa. Ao passo que as linhas d'erre são estudadas de perto, comparadas, percebe-se que existem numerosos pontos comuns a um bom número de crianças vindas para estadia. Esses pontos comuns, lugares de distância, desvios, atração pela água, em direção aos 'nós' de nossos próprios trajetos, fazem emaranhado. Aí se revela que isso que pode ser 'referenciado', fora do uso da linguagem, é comum às crianças individualmente diferentes. Isso que nos coloca na pista de uma 'inteligência' específica, curiosamente diferente da inteligência 'adquirida'.³⁷³ (DELIGNY *in* JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.50)

Longe de ficarmos decepcionados, nós estávamos antes aliviados. Essa espécie de abraço dava espaço para um respeito que nós achávamos de melhor liga. Respeito ao quê? A uma evidência que vai se precisando. Numerosos são os 'emaranhados' que aparecem na transparência das folhas onde são transcritas as linhas d'erre, os 'emaranhados' sendo de lá onde as linhas d'erre se sobrepõem, se cruzam, no espaço e através do tempo. É manifesto que, por vários aspectos de suas maneiras de ser, transcritas em trajetos, essas crianças-aí fazem apenas uma, maneira de dizer que poderia causar confusão; digamos que aparece o que elas podem ter de comum.³⁷⁴ (DELIGNY, 2008, p.140/141)

Um emaranhado de linhas, que Deligny chamou de *chevêtre*, era constituído pelo encontro dos traços dos trajetos das crianças e pelo cruzamento das linhas dos caminhos traçados pelas presenças próximas. Esse emaranhado era um lugar de encontro que permitia ver aquilo que Deligny chamou de *Nós*, um

³⁷³"Chevêtres. Il s'agit d'un des mots apparus récemment dans 'l'argot' de la tentative. Lorsque les lignes d'erre sont étudiées de près, comparées, on s'aperçoit qu'il y a de nombreux points communs à bon nombre des enfants venus en séjour. Ces points communs, lieux d'écart, détours, attirance vers l'eau, vers les 'noeuds' de nos propres trajets, font chevêtres. S'y révèle que ce qui est 'repéré' hors l'usage du langage, est commun à des enfants individuellement différents. Ce qui met sur la piste d'une 'intelligence' spécifique, curieusement différente de l'intelligence 'acquise'." (DELIGNY *in* JOUVENET, CAILLOT-ARTHAUD, CHALAGUIER, 1988, p.50).

³⁷⁴"Loin d'en être déçus, nous en étions plutôt soulagés. Cette espèce d'embrassade laissait la place à un respect que nous trouvions de meilleur aloi. Respect de quoi? D'une évidence qui va se précisant. Nombreux sont les 'chevêtres' qui apparaissent dans la transparence des feuilles où sont transcrits les lignes d'erre, les 'chevêtres' étant des là où les lignes d'erre se recoupent, s'entrecroisent, dans l'espace et à travers le temps. Il est manifeste que, par bien des aspects de leurs manières d'être, transcrits en trajets, ces enfants-là ne font qu'un, manière de dire qui pourrait prêter à confusion; disons qu'apparaît ce qu'ils peuvent avoir de commun." (DELIGNY, 2008, pp.140/141).

comum que só pode ter lugar fora do âmbito da linguagem. A linguagem forma uma esfera compartilhada apenas pelo *homem-que-nós-somos*, sujeitos orientados pelo *se* e pelo *ter*, sobrecarregada pela representação. O comum para Deligny é sempre de espécie, o Nós tendo lugar apenas quando se abre uma brecha na dominação do sujeito, instante no qual uma camada primordial, humana, sem consciência de ser pode aparecer, por inadvertência.

Assim como a construção de uma tentativa, um corpo comum, um Nós, não podia ser formado a partir da vontade determinada de uns ou de outros. Trata-se de um espaço que tem lugar fora do registro do sujeito e consequentemente da vontade ou da propriedade. O corpo comum podia ser visto pelas linhas do mapa, através da constelação formada por todos os componentes das áreas de convivência. Um Nós surgia como fruto da organização meticulosa do território, da evacuação da linguagem, da não instituição de relações de cura e de reciprocidade, da ausência de um projeto pensado e consequentemente da permissão para que os *agires para nada* surgissem. A organização desse lugar comum se dava, assim, pelo respeito ao ponto de ver autista que estabelecia pontos de referência fora da dominação da palavra. O Nós aparece através do respeito da alteridade no lugar da diferença que ela estabelece, sem que esta exija um movimento de igualdade e de semelhança. O comum aparece por inadvertência quando se estabelecem condições propícias em um espaço deixado vago pelo Homem.

Pontos de referência situados no que Deligny chama *corpo comum*, tecido cuja trama é costumeira e cotidiana, feita dos usos da presença próxima das crianças mudas e cuja trama alucinada escapa ao nosso olhar. O corpo comum em relação ao qual os mapas fazem o traçado é precisamente aquilo que existe entre Uns e Outros, toda pessoa ausente.³⁷⁵ (JOSEPH in DELIGNY, 2007, p. 847)

Trata-se de uma fissura, de uma falha, verdadeiramente insuperável, o comum sendo de espécie e o comunismo, assunto dos homens, levados a dominar, quer dizer a crer em si. Respeitar a falha e permitir o comum existir é sem dúvida a obra mais difícil que os homens se deram/poderiam se dar. Isso que eu tento dizer

³⁷⁵"Points de repère situés sur ce que Deligny appelle *corps commun*, tissu dont la chaîne est coutumière et quotidienne, faite des usages des présences proches de l'enfant mutique, et dont la trame hallucinée échappe à notre regard. Le corps commun dont les cartes font le tracé est précisément ce qu'il y a entre les Uns et les Autres, toute personne vacante." (JOSEPH in DELIGNY, 2007, p.847).

daqui se inscreve nesse projeto sem fim, eu quero dizer, que não acabará nunca.³⁷⁶
(DELIGNY, 2008, p.192)

A construção desse costumeiro e o estabelecimento dos pontos de referência exigiram uma ritualização das atividades realizadas. Gestos precisos, ampliados e prolongados no tempo foram formas de produzir ações que pudessem ser referenciadas pelas crianças e, assim, formar pontos de referência no dia a dia da tentativa. Havia um respeito pelas etapas, pelo tempo, pela organização minuciosa de todas as atividades realizadas. Fazer o pão, lavar e estender as roupas, guardar os objetos utilizados, lavar a louça, transitar entre espaços. Esses fazeres ritualizados, esses gestos que desenhavam formatos no espaço no qual aconteciam, a organização precisa dos objetos, Deligny chamou de *orné*. O ornado³⁷⁷ tinha como inspiração aquilo que, nos agires infantis, não possuía relação com uma utilidade determinada. O ornado possuía, portanto, uma ligação direta com a criação de pontos de referência e, assim, com a garantia do costumeiro.

...o ornado, vê-se bem do que se trata: nossas atitudes e maneiras de ser se ornam de 'desvios' que não são em nada necessários e que não expressam nada, não representam nada. Eis que se revela a instauração de uma tradição bem leve, o ornado sendo sem cessar reforçado por pequenos acontecimentos que servem para ele de húmus: os agires se multiplicam, se diversificam, ganham em amplidão. Basta ver aquilo que acontece quando nós suspendemos o ornado e reencontramos o signo, como nos foi mostrado que era preciso fazer desde antes de nosso

³⁷⁶"Il y va d'une fêlure, d'une faille, à vrai dire infranchissable, le commun étant d'espèce et le communisme, l'à-faire des hommes, plutôt portés à dominer, c'est-à-dire à se croire. Respecter la fêlure, et permettre au commun d'exister, c'est sans doute l'ouvrage le plus difficile que les hommes se sont/pourraient se donner. Ce que j'essaye de dire d'ici s'inscrit dans ce projet sans fin, je veux dire qui n'en finira jamais." (DELIGNY, 2008, p.192).

³⁷⁷"Isso que Deligny chama de *ornado* desempenha um papel importante, e é, precisamente, o lugar de encontro de duas gravidades. O *ornado* sintetiza efetivamente o aspecto *para nada*, do puramente estético fora de função reconhecido nos gestos das crianças autistas: os gestos excessivamente complicados, os arabescos, os desvios...O *ornado* é, para os adultos, inicialmente, aquilo que não é útil e que permite substituir, ao mesmo tempo, a linguagem verbal e o querer...O *ornado* é, portanto, uma noção operatória muito importante: ele é o *topos* onde agir e fazer se cruzam, o ponto de junção entre eles, permitindo o *agir* surgir no âmbito do fazer..." "Ce que Deligny appelle *orné* joue un rôle important et c'est précisément le lieu de rencontre de deux gravités. *L'orné* synthétise en effet l'aspect du *pour rien*, du purement esthétique hors-fonction reconnu dans les gestes des enfants autistes: les gestes tarabiscotés, les arabesques, les détours...*L'orné* est pour les adultes donc tout d'abord ce qui n'est pas utile et ce qui permet de remplacer à la fois le langage verbal et le vouloir... *L'orné* est donc une notion opératoire très importante : il est le *topos* où agir et faire se croisent, le point de jonction entre eux, permettant à l'*agir* de surgir au sein du *faire*..." (MIGUEL, 2016, p.258).

nascimento: os agires se enfraquecem e desaparecem.³⁷⁸ (DELIGNY, 2008, pp.159/160)

O *ornado* foi, também, a concretização da diferença que Deligny estabeleceu entre *signo/gesto à* e *signo/gesto para*, uma vez que ele não era direcionado a alguém específico, a um sujeito, mas era antes um signo para que algo pudesse surgir, para possibilitar que iniciativas tivessem lugar a partir da constituição de referências. Os gestos que escapavam a uma utilidade determinada, gestos para nada, e que tinham por objetivo ordenar o território das áreas, também eram chamados de *simulacros*. Enquanto o ornado se referia à realização de gestos amplos, lentos e marcados, os simulacros eram gestos específicos que podiam servir para liberar um agir, por exemplo, bater palmas, bater em uma pedra, agitar um tamborim (ALVAREZ DE TOLEDO, 2013, p.11).

Uma vida comum se estabelecia pela possibilidade de, fora dos ditames da linguagem, da lógica da interpretação e da compreensão, longe dos esforços de adaptação, construir um espaço partilhado pela diversidade, sem que o mesmo se organizasse por um esforço de homogeneização da diferença. O Nós, também chamado por Deligny de *jangada*, aparecia, portanto, através do tramar de um costureiro que, não podendo ser tramado pela vontade de sujeitos, aparecia na organização de um território que exigia do *homem-que-nós-somos* um respeito capaz de liberar o espaço de vida das sobrecargas impostas pela própria consciência de si. Lugar fora da Lei, da palavra, da produtividade, da propriedade, da vontade 'livre', do projeto pensado, da interpretação, do julgamento, do desejo de semelhançar toda diferença. A jangada foi trabalho artesanal de construção de um lugar comum e a prática da rede a trama deste lugar.

Uma jangada, você sabe como é feita: existem os troncos de madeira ligados entre eles de maneira suficientemente frouxa, de forma que quando se abatem as montanhas de água, a água passe através dos troncos afastados. É por aí que uma jangada não é uma embarcação. Dito de outra forma: nós não retemos as questões.

³⁷⁸ "...l'orné. On voit de quoi il s'agit: nos attitudes et manières d'être s'ornent de 'détours' qui ne sont en rien nécessaires et qui n'expriment rien, ne représentent rien. Voilà qu'il s'avère que s'instaure une tradition assez légère, l'orné se trouvant sans cesse renforcé par de menus événements qui lui servent d'humus: les agir se multiplient, se diversifient, gagnent en ampleur. Il n'est que de voir ce qui arrive lorsque nous coupons court à l'orné et que nous rejouons du signe comme on nous a montré qu'il fallait le faire depuis toujours et dès avant notre propre naissance: les agir s'étiolent et disparaissent." (DELIGNY, 2008, pp.159/160).

Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar que eu penso que aqueles que a conceberam - eu quero dizer a jangada - fizeram o melhor que eles podiam, ao passo que eles não estavam em condições de construir uma embarcação. Quando as questões se chocam, nós não fechamos as fileiras - nós não unimos os troncos - para constituir uma plataforma ajustada. Muito pelo contrário. Nós mantemos apenas o projeto que nos liga. Você vê por aí a importância primordial dos laços e do modo de atrelamento, e da distância mesmo, que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o laço seja suficientemente frouxo e que ele não solte.³⁷⁹ (DELIGNY, 2007, p.1127)

O mapa abaixo data do ano de 1973 e retrata o momento posterior ao final de uma refeição no qual a mesa é retirada e a louça é lavada. O mapa deve ser visualizado a partir da parte de cima da direita, seguindo para baixo, momento no qual são agregadas as ações que tem lugar na parte superior esquerda. Começando então pelo topo à direita é possível ver desenhada a mesa e os utensílios utilizados na refeição, assim como o início de sua arrumação. No traço grosso marrom ao centro na horizontal, está retratada a louça suja, já transportada da mesa para uma bancada. Na parte alta à esquerda é registrado um recipiente com a água que será transportada para a lavagem da louça. O traço marrom grosso na vertical, localizado do centro para baixo no mapa, indica o momento no qual a louça é lavada em dois recipientes diferentes (um para ensaboar e o outro para enxaguar).

Na parte mais baixa do mapa, à direita, o traço marrom na horizontal indica a louça limpa colocada sobre uma outra bancada. Os objetos utilizados estão desenhados em branco, assim como os trajetos das crianças ao longo da duração da atividade. Os pontos pretos nas linhas brancas mostram o transporte de algum objeto, no caso as louças utilizadas na refeição, pelas crianças. Os pontos laranjas nas bacias marcam o fato das crianças serem especialmente sensíveis à presença da água. Os trajetos dos adultos, por sua vez, são marcados em preto. Os pontos laranjas sobre as linhas brancas indicam que quatro crianças participaram

³⁷⁹"Un radeau, vous savez comment c'est fait: il y a des troncs de bois reliés entre eux de manière assez lâche, si bien que lorsque s'abattent les montagnes d'eau, l'eau passe à travers les troncs écartés. C'est par là qu'un radeau n'est pas un esquif. Autrement dit: nous ne retenons pas les questions. Notre liberté relative vient de cette structure rudimentaire dont je pense que ceux qui l'ont conçue - je veux parler du radeau - ont fait du mieux qu'ils ont pu, alors qu'ils n'étaient pas en mesure de construire une embarcation. Quand les questions s'abattent, nous ne serrons pas les rangs - nous ne joignons pas les troncs - pour constituer une plate-forme concertée. Bien au contraire. Nous ne maintenons que ce qui du projet nous relie. Vous voyez par là l'importance primordiale des liens et du mode d'attache, et de la distance même que les troncs peuvent prendre entre eux. Il faut que le lien soit suffisamment lâche et qu'il ne lâche pas." (DELIGNY, 2007, p. 1127).

da ação. O encontro das linhas brancas e pretas mostram que a atividade descrita podia ser iniciada por uma criança, retomada por um adulto, e novamente realizada por uma criança em sua continuidade.

A dinâmica revela a ideia de corpo comum que se constituía na ordenação e conservação do costumeiro. Assim, na parte superior à esquerda, a linha branca mostra que uma criança pegou o recipiente com água, que em seguida foi levado por um adulto até a uma bacia para lavar louça - à esquerda, no traço grosso marrom inferior. Nessa parte, o traço preto retrata o momento no qual um adulto mergulha a louça suja na primeira bacia para lavá-la. A continuidade do trajeto branco indica a continuidade da ação, realizada pela criança, que enxágua a louça no segundo recipiente. Em seguida a criança leva a louça até a última bancada. Em seguida, a retomada da ação por um adulto indica o encerramento da atividade.

Os simulacros, ação dos adultos para liberar um agir infantil, estão retratados por vezes por três homenzinhos pretos que batem palma sobre a cabeça (na lateral direita de cima a baixo no mapa) e por vezes por algum signo realizado, estes retratados por um traçar preto com fundo branco perto das ações. O *agir para nada* das crianças estão marcados nas laterais dos traçados marrons por linhas pretas com fundo laranja. As linhas verdes verticais com um cerne preto, por sua vez, indicam as presenças próximas que habitam na área de convivência e que nesse momento acompanham a realização das tarefas; o traço verde com um cerne branco retrata a presença de um adulto que frequenta a área de maneira intermitente. O objeto negro no centro dos adultos, permeado de pontos laranjas que indicam a presença das crianças, retrata o que foi chamado de *pedra para nada*, um ponto de referência forte para as crianças. (legenda explicativa organizada por ALVAREZ DE TOLEDO, *Cartes et Lignes d'Erre*, 2013, p.190).

Fonte: *Cartes et Lignes d'erre*, 2013, p.191

Em 1976, Deligny afirmou, em um texto do *Cahiers de l'immuable*/3, que o trabalho de cartografia se aproximava do fim. O tempo, o acúmulo dos sentidos, uma certa especialidade que havia se formado em torno da prática, começaram a cristalizar a elaboração dos mapas. Aqueles que foram criados para dar a ver a rede, fora de um processo de interpretação e de avaliação sobre o dia a dia observado, passavam a 'querer dizer' algumas coisas, se sobrecarregavam de significados.

Manter os interstícios, tal deveria ser o trabalho desses mapas que nós traçamos. Eu disse bem: 'deveria'. Nossos 'reflexos' pensados são velhos como a linguagem em nós inveterada, e esses mapas que deveriam nos permitir abrir sem cessar os interstícios, a linguagem os mastiga e mastiga, os ruma, cabra que ela é e papel que eles são, e entope esses interstícios pelos quais uma jangada se distingue de uma embarcação. E os mapas continuam em voga como se isso nada fosse, exceto que, veja aí, refundadas uma e outra e todas as estratégias do recíproco. E a linguagem avança rapidamente para aperfeiçoá-las. Nós nos encontramos presos a reduzir, por não termos quebrado a tempo o liame que acaba nos acometendo: e que pode, no caso, se escrever: se dizer. Por falta de ter limpado as saídas por onde isso poderia ter escorrido, nós nos encontramos excessivamente repletos.³⁸⁰ (DELIGNY, 2007, p.948)

Junto com a escrita constante de Deligny e a elaboração dos mapas pelas presenças próximas, os projetos de filmes, as filmagens mais cotidianas e os filmes desenvolvidos durante os anos em Cévennes, formaram as três estratégias principais da tentativa para dar lugar à construção de uma vida comum junto com as crianças autistas.

O *humano* de Deligny não é exatamente um conceito, mas aquilo que as práticas permitem entrever, aquilo que emerge. A prática da rede cevenol é construída sobre três pilares. Ou, para dizer de outra forma, o que é feito na tentativa reenvia a três ferramentas - a caneta, o mapa, a câmera - em torno das quais se estruturam as práticas e os dispositivos - a escrita e o jogo textual; a cartografia e a instalação territorial; o *camerar* e a área de filmagem.³⁸¹ (MIGUEL, 2016, p.165)

O registro das imagens do dia a dia das áreas e das diferentes crianças que as compuseram teve dois objetivos mais diretos. Permitir que Deligny acompanhasse aquilo que acontecia na rede, uma vez que ele nunca frequentava as

³⁸⁰"Maintenir les interstices, tel devrait être le travail de ces cartes que nous traçons. Je dis bien: 'devrait'. Nos 'réflexes' pensés sont vieux comme le langage en nous invétéré, et ces cartes qui devraient nous permettre de curer sans cesse les interstices, le langage arrive à les mâcher et à les remâcher, à les ruminer, chèvre qu'il est et papier qu'elles sont, et s'en bouche l'a-vidé de ces interstices par quoi un radeau se distingue d'un coque. Et ça continue à voguer, comme si de rien n'était, sauf que voilà re-fondés et l'un et l'autre et toutes les stratégies du réciproque. Et le langage y va bon train à radouber. Nous voilà pris à écoper, faute d'avoir brisé à temps l'élan qui nous advient de colmater, qui peut en l'occurrence s'écrire: se dire. Faute d'avoir ménagé les issues par où ce se-dire se serait écoulé, nous en voilà comblés." (DELIGNY, 2007, p.948).

³⁸¹"L'*humain* de Deligny n'est pas tout à fait un concept, mais ce que les pratiques laissent entrevoir, ce qui en émerge. La pratique du réseau cevenol est bâtie sur trois piliers. Ou, pour le dire autrement, ce qui est fait dans la tentative renvoie à trois outils - la plume, la carte, la caméra - autour desquels se structurent trois pratiques et dispositifs - l'écriture et le jeu textuel; la cartographie et l'installation territoriale; le *camérer* et l'aire de tournage." (MIGUEL, 2016, p.165).

áreas de convivência³⁸², e a partir disso pudesse elaborar uma reflexão e uma escrita conjuntas à prática, e permitir que os pais das crianças pudessem posteriormente ver seus filhos na rotina em Cévennes. A troca das imagens com os pais tinha por intuito possibilitar que, na volta para casa, fosse respeitada uma dinâmica que possibilitasse a estabilidade e o bem-estar das crianças. Nesse sentido, é importante mencionar que Deligny se correspondia frequentemente com estes, como forma de clarear aquilo que se passava nas áreas de convivência e de mantê-los informados. A manutenção da proximidade das famílias sempre teve para Deligny uma função importante. Durante as iniciativas anteriores e também em Cévennes, ele procurou evitar a lógica do internamento e da segregação da criança ou do adolescente de seu meio de origem. A maior parte das crianças em Cévennes voltava para suas casas após a estadia na rede e era importante que a família estivesse preparada para que essa volta se desse de uma forma tranquila, através da reprodução, na medida do possível, da lógica da instauração de um costumeiro para as crianças.

Os filmes possuíram também outros papéis na rede. Durante o trabalho de organização dos arquivos foi possível localizar diferentes projetos de filmes nunca realizados, entre documentários, ficções e animações³⁸³. O cinema invadia a escrita de Deligny e participava diretamente da integração entre escrita e prática. Durante os anos da tentativa foram realizados os filmes *Ce gamin, là*, em 1975, *À propos d'un film à faire*, 1989, ambos por Renaud Victor e *Projet N*, em 1978, por Alain Cazuc. Aqueles que participavam do desenvolvimento dos filmes viviam na tentativa por períodos determinados de tempo como forma de integrar a câmera, a pessoa e a atividade no costumeiro da rede. A filmagem não poderia se instaurar como algo exterior às atividades realizadas, devendo ela também ser um ponto de

³⁸²"A gravação das imagens estava integrada à vida da rede e à reflexão de Deligny: 'Ele via as tomadas e, a partir dessas imagens, ele dizia aquilo que era importante destacar. Ao mesmo tempo, essas imagens tinham outra função, pois elas permitiam a ele perceber seu trabalho em uma prática conjunta. Desse fato, o filme se tornava um instrumento de trabalho, ao mesmo tempo para ele e para mim'." "Les prises de vues étaient intégrées à la vie du réseau et à la réflexion de Deligny: 'Il voyait les rushes, et à partir de ces images il disait ce qu'il était important de souligner. En même temps, ces images avaient une autre fonction, car elles lui permettaient de se rendre compte de son travail dans une démarche d'ensemble. De ce fait, le film devenait un instrument de travail, à la fois pour lui et pour moi.'" (A fala destacada é de Renaud Victor em entrevista com Robert Grelier - publicada na *La Revue du Cinéma*, n°298. ALVAREZ DE TOLEDO in DELIGNY, 2007, p.1034).

³⁸³São exemplos dos projetos de filmes encontrados: Pierre d'ailleurs, Le regard de l'hôte, Attachement, Un jour dehors, Le petit homme vert, Peaux d'argile, La voix du fleuve, Toits d'asile, Gourgasset e Rue de l'Oural.

referência. Os filmes, assim como os livros publicados, foram uma forma de relação com o meio exterior, de dar a ver o que se passava na tentativa e de obter recursos financeiros para a continuidade das atividades. É importante lembrar que a rede não possuía qualquer vínculo com o Estado e, dessa forma, não era subvencionada financeiramente.

Entre 1962 e 1989, portanto, quatro filmes foram realizados. *Le Moindre Geste*, cuja gravação das imagens como vimos ocorreu ainda no período da Grande Cordée, *Ce Gamin, là*, *Projet N*, e *À propos d'un film à faire*, este último integrando diferentes projetos de filmes de Deligny e Renaud Victor. Com o final da prática da cartografia no início da década de 1980, o uso da câmera assumiu uma função central no registro dos deslocamentos das crianças e de ocupação do tempo e da atenção das presenças próximas, de forma a evitar os excessos da palavra e do afeto, e o risco de instauração de relações de cuidado baseadas na reciprocidade e em uma intervenção direta sobre a situação das crianças. O *camerar* assumiu, assim, o papel primordial de dar a ver o território e de permitir a organização do espaço como forma de cuidado.

Ele gira em torno dele mesmo
 mas se esse famoso ELE mesmo é de fato
 ausente
 vacante
 Essa criança-aí
 gira em torno de NADA
 sobre nada
 perdidamente
 perdido
 ele procuraria, então esse ele mesmo
 ele se procuraria?
 nós não seguimos essa pista
 esse garoto-aí se virava
 nem bem
 nem mal
 além
 em outro lugar
 do bem
 e do mal
 ...isso que eu disse e repeti
 é NÓS que ele busca³⁸⁴ (DELIGNY, 2007, p.1046)

³⁸⁴"Il tourne sur lui-même/mais si ce fameux LUI-même est en fait/absent/vacant/Cet enfant-là/tourne autour de RIEN/sur rien/éperdument/perdu/c'est donc qu'il le chercherait ce lui-même/qu'il se chercherait?/nous n'avons pas pris cette piste-là/ce gamin-là tournait/ni bien/ni

A prática de registro das imagens e de produção de filmes teve também por objetivo, como os mapas, permitir *ver aquilo que não se vê*. No mesmo sentido que o uso do infinitivo *camerar*, Deligny chamou o diretor/realizador dos filmes de *apanhador* de imagens. Os termos escolhidos visavam destituir o lugar do sujeito e da concepção do filme como objeto, aproximando o processo de filmar, como o da cartografia, da forma de funcionamento autista.

A relação com a imagem foi essencial para o desenvolvimento da noção de *humano* por Deligny e para o clareamento do que para ele constituía a forma de funcionamento autista. O autista operaria a partir de uma lógica espacial fundada no funcionamento de um aparelho a referenciar. Ausente o aparelho a nomear, instaurado simultaneamente com a entrada no simbólico e com a constituição do sujeito, o autista organizaria o mundo a partir de referências no espaço. O costumeiro seria exatamente a forma de organização que garantiria a estabilidade da criança autista (e do adulto) através da possibilidade de permanentemente reencontrar em seu lugar a coisa antes referenciada. Tudo aquilo que falta no espaço vivido produz um registro, uma imagem faltante em relação àquilo que o autista tem memória. O aparelho a referenciar operaria, portanto, a partir de dois eixos: a percepção do espaço como adequado a partir de sua coincidência com o registro da memória e a percepção de algo que altera o lugar a partir de uma imagem que falta, por não estar em seu lugar.

Uma imagem real pode se constituir, para Deligny, portanto, como uma redescoberta - a coincidência com um registro anterior - ou como algo que o autista referencia no território como faltante à sua organização espacial e que produz uma ruptura no procedimento de ver-rever-prever. O trabalho com a noção de imagem contribuiu, assim, para a reflexão sobre o território e sobre o que era capaz de abrir brechas para que uma iniciativa, um agir, aparecesse. Como vimos, a possibilidade de se referenciar no território, a partir da manutenção de uma vida costumeira e de sua organização espacial, foi requisito essencial para a atenuação dos comportamentos estereotipados e para o engajamento das crianças nas

mal/au delà/par delà/le bien/et le mal/...ce que j'ai dit et rabâché/c'est NOUS qu'il cherche" (DELIGNY, 2007, p.1046).

atividades das áreas de convivência. Em toda ausência ligada a essa organização, toda vez que o aparelho a referenciar percebia uma imagem faltante, que rompia a engrenagem ver-rever-prever, tinha início um estado de confusão.

Desdobrando a reflexão sobre a imagem e a memória de espécie, Deligny afirmou que o *modo de pensar* da gravidade autista funcionava sempre por imagens (MIGUEL, 2016, p.301/302). Estas podiam ser imagens ausentes - capazes de provocar um estado de crise - ou imagens das coisas em seus lugares - capazes de liberar um agir de iniciativa. O que conta é que essa imagem é sempre real. É interessante observar que, durante a existência da tentativa, uma mudança se operou em relação ao desdobramento da percepção, pela criança, de algo que faltava na organização costumeira do espaço. Uma falta, no início da estadia na rede, reenviava a um comportamento estereotipado, podendo chegar a automutilação. A experiência de uma vida costumeira propiciou, com o passar do tempo, que uma imagem faltante promovesse um agir direcionado à reestruturação desse espaço, à recomposição da engrenagem ver-rever-prever pela própria criança. A história do cinzeiro, contada anteriormente, é um exemplo desse procedimento. O tamborilar de Deligny, no lugar da mesa próximo ao lugar onde anos antes existia um cinzeiro de argila, fez com que Janmari referenciasse sua ausência e retraçasse todo o percurso da transformação do cinzeiro quebrado e já descartado e recolocasse em seu lugar uma bola de restos de terra e cinzas que ele teria se tornado, restituindo a organização do espaço, revelada por uma memória de espécie que funciona pela permanência das imagens.

É importante lembrar que, como vimos, para o autista, na ausência do nome, a coisa só pode ser referenciada quando ela se encontra presente em um lugar específico. É nesse sentido que Deligny pôde afirmar que o autista é aquele que vive no real, pois para ele não é possível concretizar uma determinada existência através da nomeação como substituição à coisa real. Tal possibilidade caracteriza os seres que, sendo sujeitos, operaram a entrada no simbólico e vivem a ponto nomeado³⁸⁵. Foi nesse mesmo sentido, então, que Deligny pôde

³⁸⁵"Foi necessário que alguém me trouxesse *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse* para que eu encontrasse aí o *real* evocado da seguinte maneira 'o sentido que o homem sempre o deu: alguma coisa que se encontra sempre no mesmo lugar...se ela se moveu foi por seu próprio movimento...nossos próprios movimentos não tem, à princípio, salvo exceção, influência eficaz sobre essa mudança de lugar...O homem de antes das ciências exatas pensava,

desenvolver a noção de memória de espécie como aquela que se constituiria pelo registro das referências no espaço. A memória de espécie se diferiria da memória do sujeito - memória de educação ou memória étnica, outras formas utilizadas por Deligny - por esta se formar através de imagens domesticadas, de nomes e de representações da realidade. Foi a partir desse percurso percorrido em sua escrita e em suas reflexões que ele pôde formular mais densamente as noções de aparelho e referenciar, de agir para nada, da memória de espécie e do real como pertencentes a uma camada primordial efetivamente humana, anterior à entrada no simbólico, anterior à formação do sujeito.

A emitir um som, ela não se recusa, semelhante àquele que nós emitimos por alguns esforços, de lá embaixo em direção a garganta, onde o ar faz vibrar as cordas que ali nós temos. E o barulho que faz phpinhhh, de um pequeno sopro vibrado, eu o reconheço. Eles são alguns a utilizar essa voz-aí que não é bem a nossa falando propriamente. É quase uma tosse. O som que surge é em relação à palavra aquilo que o cascalho é em relação à pedra. Dessa palavra que nos organiza, eu o tomo por ancestral, o precedente, isso que nos permitiu nos por a dizer.³⁸⁶ (DELIGNY, 2007, p.757).

Como os gestos que surgiam por inadvertência, as imagens reais precisavam de um espaço propício para surgirem. Foi necessária a construção de lugares, de processos, onde fosse atenuado o papel do sujeito que *faz* o filme, de seu *ponto de vista*, lugares onde a câmera pudesse se estabelecer como *ponto de ver* daquilo que era registrado na película. Assim como era necessária a

como nós, que o real é aquilo que encontramos a ponto nomeado; sempre na mesma hora da noite, será reencontrada tal estrela sobre o meridiano, ela retornará aí, ela está sempre aí, é sempre a mesma. Não é por nada que eu tomo a referência celeste antes da referência terrestre, pois na verdade fez-se o mapa celeste antes de se fazer o mapa do globo..." "Il a bien fallu que quelqu'un m'amène *Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse* pour que j'y trouve le *réel* évoqué suivant 'le sens que l'homme lui a toujours donné: quelque chose qu'on retrouve toujours à la même place...et, s'il a bougé, c'est de son propre mouvement...nos propres déplacements n'ont pas en principe, sauf exception, d'influence efficace sur ce changement de place...L'homme d'avant les sciences exactes pensait bien, comme nous, que le réel, c'est ce qu'on retrouve à point nommé; toujours à la même heure de la nuit, on retrouvera telle étoile sur tel méridien, elle reviendra là, elle est bien toujours là, c'est toujours la même. Ce n'est pas pour rien que je prends le repère céleste avant le repère terrestre, car à la vérité on a fait la carte du ciel avant de faire la carte du globe..." (DELIGNY, 2008, p.192). O autor do livro ao qual Deligny se refere é Jacques Lacan, ele foi publicado em 1978. A citação é de um trecho do capítulo 23, entre as páginas 406 e 407, da edição de 2001 da "*Points/Essais*".

³⁸⁶"À émettre un son, elle ne s'y refuse pas, semblable à celui que nous émettons par certains efforts de par là-bas vers la gorge où l'air fait vibrer les cordes que nous y avons. Et le bruit qui fait phpinhhh, d'un petit souffle vibré, je le reconnais. Ils sont quelques-uns à user de cette voix-là qui n'est pas la nôtre à proprement parler. C'est presque une toux. Le son surgi est à la parole ce que le caillou est à la pierre. De cette parole qui nous aménage, je la prends pour l'ancêtre, le précédent, ce qui nous a permis de nous mettre à dire." (DELIGNY, 2007, p.757).

montagem, a organização do espaço das áreas de convivência para que as iniciativas tivessem lugar, foi necessária a organização de áreas onde tais imagens reais pudessem ser percebidas. Esse lugar propício, Deligny pensará como uma *área de filmagem*³⁸⁷ e essa área se formava a partir do estabelecimento da câmera como um ponto de referência. Ela permanecia lá, para não se sabe bem o quê, para dar a ver o que surgisse. A ferramenta passou a fazer parte, assim, do costumeiro. Se não é possível fazer uma imagem real, como não é possível produzir uma rede através da vontade, se o humano não depende de uma implicação voluntarista, a área de filmagem era concebida como a organização de circunstâncias propícias para que uma imagem aparecesse. Um lugar onde os caminhos das imagens domesticadas pudessem cruzar os caminhos das imagens selvagens. O ponto de cruzamento, a invasão surpreendente da imagem domesticada pela fulgurante imagem real, se dava em um espaço vazio onde o sujeito *se* via esvaído, ou ainda, onde o sujeito não podia *se* ver. Da mesma forma, uma área de convivência foi o lugar propício para que uma camada primordial fossilizada pudesse subitamente, na vacância *da gente*, dar a ver aquilo que nos é comum, aquilo que de Nós permanece no *homem-que-nós-somos*.

A prática do *camerar* e a busca de um infinitivo para a imagem proporcionaram o desenvolvimento por Deligny de duas noções, diretamente relacionadas com os dois tipos de memória. As imagens faltantes, selvagens e reais, que são aquelas advindas de um aparelho a referenciar, de um ponto de ver do qual o sujeito é ausente; e as imagens domesticadas, simbólicas e imaginadas, sempre representativas e assujeitadas. As imagens reais, imagens infinitivas, constituem, dessa forma, a esfera do que Deligny passou a compreender como humano. Os registros *camerados* expõem uma memória de espécie, liberada da grande História; eles revelam as imagens de gestos, de agires, possibilitam ver as linhas *d'erre*, ver aquilo que não *se* vê, o humano. As imagens reais são, portanto, aquelas que escapam, como o humano, à domesticação simbólica e ao assujeitamento. Elas só podem ser percebidas quando, por uma brecha no poder

³⁸⁷"Uma *área de filmagem* é, então, a criação de um conjunto de circunstâncias onde a imagem pode surgir e pode ser 'pega'. A câmera, colocada aí, espera, pois da mesma forma que as coisas dispostas no território, 'a gente nunca sabe...'. "Une *aire de tournage* est donc la création d'un ensemble de circonstances où l'image peut surgir et être 'attrapée'. La caméra, posée là, attend, car comme pour les choses disposées dans le territoire, 'on ne sait jamais...'. (MIGUEL, 2016, p.286).

da palavra, o polo Sujeito é evacuado, quando é evacuada uma coletividade definida por *a gente* e aparece um Nós, a camada humana comum.

Deligny nunca definiu exatamente o que seria o humano. Ao contrário do *homem-que-nós-somos*, cuja essência reenvia à palavra e à consciência de si, o humano não possuiria um significado preciso. O humano seria aquilo que pode ganhar contornos a partir de práticas que permitam a vacância da linguagem que tem como efeito principal, para Deligny, a garantia da dominação dos padrões de normalidade. O humano só pode aparecer, inadvertidamente, através de uma prática cuidadosa e sensível de elaboração de um território onde o império do sujeito possa ser mitigado, eliminado. O humano, como a imagem que falta, a imagem selvagem, vem desestabilizar a imagem conhecida e representada que o Homem tem de *si mesmo*.

No outro polo N, o desconhecido, o não nomeado, o branco sobre os mapas, e nós outros, em rede e não em grupo ou em comunidade, pequena constelação nesse deserto porque nós estamos a desertar. Há o que se ler nos escritos dos etólogos. Que essa rede seja em Y, como os rios, os troncos, os caminhos, e o fato de aí (Y) estar, e não em círculo como uma assembleia falante, nem em fileira como no exército de um rei ou em outro, não impede de persistir.³⁸⁸ (DELIGNY, 2007, pp.789/790)

O cuidado do *homem-que-nós-somos* se refere, para Deligny, à possibilidade de acessarmos e experimentarmos essa camada primordial que nos integra. É por isso que Deligny considerava o ato de estar em presença próxima das crianças autistas como forma de cuidado do Homem. Se *a gente*, se empenhando em construir um espaço propício, a deixar brotar uma rede, a tramar uma tentativa, pode desenvolver estratégias de cuidado do Nós³⁸⁹ que não impliquem na formação de uma Instituição e nos desdobramentos que advém dessa formação; o Nós, por sua vez dando a ver o que há de comum e de

³⁸⁸"À l'autre pôle N, l'inconnu, le pas nommé, le blanc, sur les cartes, et nous autres, en réseau et non en groupe ou en communauté, petite constellation dans ce désert puisque nous y sommes à désertar. Il y a de quoi lire dans les écrits des éthologues. Que ce réseau soit en Y, comme les rivières, les branches, les chemins, et le fait d'y être, et non en rond de l'assemblée parlante, ni en carré des armées d'un roi ou d'un autre, ne l'empêche pas de persister." (DELIGNY, 2007, pp.789/790).

³⁸⁹Abordaremos melhor a questão do cuidado no 'Nós' por 'a gente', no capítulo seguinte. Esse tema é abordado por Pierre Macherrey no livro *Le sujet de Normes*, na sessão sobre Deligny (pp.102-131) que utilizamos como referência.

primordial no humano, poderia constituir uma forma de cuidado *da gente*, sobrecarregada pela palavra, pelo projeto, pela propriedade, pela Lei e pela imposição da normalidade e da adaptação.

O verbo sempre nos carrega se o deixamos falar. Que aqui nós não observemos as crianças, transita para: 'são os adultos que são observados'. A cada um sua vez, e a Santa Contestação ficará muito contente. Eu as entrevejo, as prisões de amanhã, onde os guardados apreciarão o bom comportamento dos guardas. Sempre há um belo futuro para as instituições e esse grande jogo de balança não acabará tão cedo. Eu rejeito, portanto, 'observar', como um amador de peixes recusaria um que não estivesse fresco. Os mapas? Trata-se de aprender a ver isso que não nos olha, quero dizer, isso que não interessa à primeira vista, nem 'eu' nem 'ele'.³⁹⁰ (DELIGNY, 2007, p.849)

O humano e o comum de Deligny foram, também, formas de afirmação de um lugar político da tentativa. Se os textos de Cévennes, diferentemente daqueles que marcam as tentativas anteriores, não veiculam tão diretamente uma posição de luta, as noções e as estratégias desenvolvidas durante esses trinta anos não deixaram de marcar uma intensa posição de resistência frente aos arranjos sociais dominantes. O *Nós* formulado por Deligny afirmava algo diferente dos lugares conhecidos no que se refere aos coletivos políticos, às ações e formas de organização da militância. As diversas formas de luta da esquerda, em geral, mesmo caminhando por uma via alternativa e se estruturando de maneira horizontalizada, pressupõem o estabelecimento de objetivos previamente delineados, pressupõem a formulação de um objeto da luta, a organização de papéis específicos que cada um que compõe o coletivo deverá ocupar e exercer, a definição de formas de vida que devam ser alcançadas, de direitos que devam ser garantidos.

Deligny não afirmou que isso não tivesse sentido, não devesse ter lugar e não fosse necessário para estruturar as lutas políticas. Ele, no entanto, tornou precisa sua posição sempre na direção de não propor modelos, na produção

³⁹⁰"Le verbe l'emporte toujours si on le laisse dire. Qu'ici on n'observe pas les enfants, bascule en: 'ce sont les adultes qui le sont, observés'. Chacun son tour, et Sainte Contestation sera bien contente. Je les entrevois les prisons de demain où les gardés apprécieront la bonne tenue des gardiens. Il y a toujours un bel avenir pour les institutions et ce grand jeu de bascule ne s'y arrêtera pas de si tôt. Je rejette donc 'observer' comme un amateur de poisson en refuserait un de pas frais. Les cartes? Il s'agit d'apprendre à voir ce qui ne nous regarde pas, je veux dire ce qui n'intéresse pas, à première vue, ni 'je' ni 'il'." (DELIGNY, 2007, p.849) .

permanente de esquivas, no evitar posturas e arranjos que fossem contra ou anti os modelos instituídos, posição de contraposição que pressuporia a defesa de uma outra proposta como alternativa adequada a tais modelos. O comum em Deligny parece não precisar ser defendido, não precisar se tornar um modelo para a ação coletiva e política, não ocupar lugares de poder.

Talvez o asilo que Deligny tanto amou seja esse comum que aparece a partir da construção de um lugar propício, de um refúgio³⁹¹. Estabelecer um lugar é algo totalmente diverso de instituir os caminhos possíveis de serem trilhados. E nesse sentido, Deligny pareceu elaborar sua crítica às instituições, quaisquer que fossem, pois por funcionarem a partir da definição das formas possíveis de ser, do pressuposto da semelhança em torno de uma norma preestabelecida, estas se configuram como um Asilo-prisão³⁹². Para que um lugar-asilo seja estabelecido é necessário que as existências possam ter espaço antes de serem nomeadas, alguém de suas características particulares. É necessário *ser* antes de *se ter*.

Nós estamos nesses montes em ondas que nossa existência muito breve nos faz crer imóveis. Mas eles voltam de longe. E nossos olhos veem apenas carvalhos verdes e rochedos, onde correm, sob a aparência oferecida pelo sol, rios subterrâneos que não são nomeados. Pela envergadura de seus fluxos, são Rhônes e Loires, e Janmari, que para nosso contentamento não se tornou constantemente próximo e dócil, os escoamentos desses rios mal conhecidos, ele os encontrava ao fim de longos trajetos de exploração solitária e tenaz...As gotas que escorriam nas pedras, uma após outra, ele as esperava. Elas escorriam dentro de seu corpo. Eu posso testemunhar. Eu o vi frequentemente ávido, o ar perdido e retomado, a medula espinhal alerta, ele levantava os calcanhares em uma dança que chegava ao frenesi. E minha presença não o incomodava em nada, pelo que eu o agradeço. Ele me incitava mesmo, o olho no canto das pálpebras, os dedos de suas mãos em antena, ele esperava a próxima lágrima, certo de que ela viria, minúscula e, no entanto, enorme, surgida de onde e por qual caminho, para escorrer ao longo do muro, onde seu trajeto era traçado em ondas verdes de plantas que deviam ser da

³⁹¹"Ora, em relação a essa palavra, eu tenho um certo respeito, eu diria mesmo de bom grado que na minha geografia, brecha e asilo vão fazer par." "Or, envers ce mot-là, j'ai un certain respect. Je dirais même volontiers que dans ma géographie, brèche et asile vont de pair." (DELIGNY, 2007, p.973).

³⁹²Deligny diferenciou, com clareza, sua concepção de *asilo* quando este se referia a possibilidade de refúgio. Em relação ao asilo enquanto instituição de privação de liberdade, sua crítica foi clara. "O homem, ser de razão, pode se dizer também ser de rede. O erro mais comum é de nos juntar sem vergonha. Qualquer que seja o outro, ELE é irremediavelmente destinado a o ser, semelhante. Existe a vida de asilo, que é vida de castelo, com suas etapas, suas portas, suas festas, seus esquecimentos, e existe a vida de rede." "L'homme, être de raison peut se dire aussi être de réseau. L'erreur la plus commune est de nous ensembler sans vergogne. Quel que soit l'autre, IL est irrémédiablement voué à l'être, semblable. Il y a la vie d'asile, qui est la vie de château, avec ses étapes, ses ports, ses fêtes, ses oubliettes, et il y a la vie de radeau." (DELIGNY, 2007, p.887).

raça das algas. Essa espera, preenchida de tempos em tempos, Janmari não a abandonava. E seus amores, felicidades, êxtases, meus semelhantes, vocês podem sempre trabalhar para que eles sejam um pouco da mesma espécie que o eco dessa lágrima nesse ser de doze ou treze anos, tão louco quanto uma criança pode ser."³⁹³ (DELIGNY, 2007, p.723)

³⁹³"Nous sommes dans ces monts en vagues que notre existence très brève nous fait croire figées. Mais elles reviennent de loin. Et notre œil n'y voit que chênes verts et rocaillies là où coulent, sous l'apparence offerte au soleil, des rivières souterraines qui ne sont pas nommées. Par l'envergure de leur flot, ce sont des Rhônes et des Loires, et Janmari, avant qu'à notre gré il ne soit devenu constamment proche et docile, les suintements de ces fleuves méconnus il les trouvait à l'issue de longs trajets d'exploration solitaires et tenaces...Les gouttes qui perlaient aux pierres, l'une après l'autre il les attendait. Elles lui coulaient dans le corps. Je peux en témoigner. Je l'ai vu souvent avide, à souffle perdu et retenu, la moelle épinière aux aguets et qui lui soulevait les talons dans une danse qui allait jusqu'à la frénésie. Et ma présence là ne le gênait en rien, ce dont je le remercie. Il m'incitait même, l'oeil au coin des paupières, les doigts de ses mains en antenne, il attendait la prochaine larme, certain qu'elle allait venir, minuscule et pourtant énorme, surgie d'où et par quel chemin, pour glisser le long du mur où son trajet était tracé en vagues vertes d'herbe qui doit être de la race des algues. De cette attente comblée de temps en temps Janmari ne se lassait pas. Et vos amours, bonheurs, extases, mes semblables, mes frères, vous pourrez toujours vous y exercer pour qu'ils soient un tantinet de la même espèce que l'écho de cette larme dans cet être de douze ou treize ans, fou autant qu'un enfant peut l'être." (DELIGNY, 2007, p.723).

6.

Traços da crítica institucional em Deligny: as violências da Linguagem, da Lei e da Instituição

No desdobramento do dizer, os totalitarismos, as decisões ou as proposições mais absurdas provocando modismos unânimes ou quase. Pois sempre há um resto. Azar do resto. Sabe-se como, através dos avatares da história, o homem o trata e o elimina. Então, diz-se que deve haver um meio de incorporar o resto que, nem que seja pelo fato de ele ser resto, tem uma face mais humana do que a face daqueles que dominam, exploram ou suprimem. É visível que dessa exploração o homem tal como ele se pensa não é literalmente capaz. Ela passa - e pode apenas passar - pelo direito, que é desdobramento do dizer.³⁹⁴

Fernand Deligny, Les détours de l'agir ou le moindre geste

Nos últimos meses, durante o primeiro semestre do ano de 2016, se estruturou no Brasil um verdadeiro golpe de Estado por dentro das instituições, envolvendo de maneira explícita e direta os poderes legislativo e judiciário federais, diferentes grupos e interesses privados, além da grande mídia. Este texto é embebido por essa conjuntura política que vem se anunciando desde o início do segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff e que se concretizou de maneira clara com o seu afastamento, aprovado pela Câmara dos Deputados durante o mês de abril de 2016. Os delineamentos finais do trabalho e o processo de escrita, ainda que implicitamente, não deixaram de ser influenciados pela conjuntura política do país. Tal conjuntura coloca em questão de maneira radical não apenas as grandes instituições democráticas - suas dinâmicas e suas composições internas de forças - como as formas de organização para a luta e para a resistência, que desde 2013 vem mostrando importantes esgotamentos, enfrentados ora com a repetição de modelos já conhecidos, ora com a tentativa de novos formatos.

³⁹⁴"Au détour du dire, les totalitarismes, les décisions ou les propositions les plus saugrenues provoquant des engouements unanimes ou quasiment. Car il y a toujours un reste. Tant pis pour le reste. On sait comment, à travers les avatars de l'histoire, l'homme le traite et l'élimine. Alors on se dit qu'il doit y avoir moyen d'incorporer le reste qui, ne serait-ce que par le fait qu'il est le reste, en prend un visage plus humain que le visage de ceux qui dominent, exploitent ou suppriment. Il est visible que, de cet exploit, l'homme tel qu'il se pense n'en est littéralement pas capable. C'est qu'il passe – et ne peut passer que – par le droit qui est détour du dire." (DELIGNY, 2007, p.1344).

A votação do processo de impeachment no dia 17 de abril de 2016, na Câmara dos Deputados, foi um retrato claro das diferentes sujeições às quais os Homens se submetem enquanto acreditam se orientar pela autonomia de uma vontade livre. Deus, a família, a pátria, o combate à corrupção, a proteção das pessoas de bem, a ordem e o progresso. Na sequência, com a continuidade do processo no Senado e com a determinação do afastamento provisório de Dilma Rousseff, se concretizou um retrocesso de mais de trinta anos de lutas e conquistas políticas no país. Trinta anos que foram marcados por uma lenta e frágil reestruturação da democracia após mais de vinte anos de ditadura militar, civil e empresarial. Quase um quarto de século de extrema violência, repressão e autoritarismo, perseguições políticas, torturas e mortes. Quase um quarto de século marcado pela possibilidade de sujeição extrema do homem pelo homem, comemorado por muitos como o triunfo da vontade e da liberdade humanas. Quantos não abraçaram de bom grado o golpe de Estado de 1964 como possibilidade de salvação da pátria perdida pelos maus feitos de um governo *comunista*? Quantos viram seus filhos torturados e mortos por um governo que aclamaram como o triunfo da liberdade de escolha? Quantos não apóiam a destituição do governo atual, eleito democraticamente, cujo afastamento, antes de qualquer indício de crime de responsabilidade, veicula explicitamente interesses de importantes camadas possuidoras de riquezas e poder no país? Quantos destes verão seus filhos presos na luta contra o golpe pela mesma polícia que eles aclamam pelo extermínio de uma população indesejável e pelo combate a uma corrupção que seria a causa principal da degeneração do país? Corrupção que é a marca mais clara do novo governo que sustentou a legitimidade de um golpe de Estado com base no próprio combate à corrupção.

Coincidências; tantas brechas pelas quais nossas convicções retidas vão poder transbordar, chegando ao ponto em que nós procuramos as provocar. Enquanto os Astecas do tempo da conquista espanhola colocavam alguns de seus próximos sobre o teto do templo para ajudá-los a caçar o invasor, era com golpe de cruzes que Cortés sustentava sua prática de extermínio. De uma parte como da outra, não deviam faltar provas do bom fundamento dessas práticas, e se as provas não eram evidentes, era que havia algum erro na prática e não nas convicções. Isso dito, nada mudou nesse âmbito e, para aquilo que nos concerne, se não é questão de sacrifícios humanos e de extermínio desses mesmos que são detentores de alguma

riqueza, nós podemos esperar sofrer uma pesada hereditariedade, isso que nós não temos consciência.³⁹⁵ (DELIGNY, 2007, pp.1413/1414)

Parece estar silenciada uma memória que não depende do sujeito, mas de um sentido de partilha; memória de um território habitado conjuntamente, independente do recorte do tempo, por ser o lugar da espécie. Outra memória, apropriada pela palavra, pelo *homem-que-nós-somos*, pelo aprendizado, é facilmente construída através do processo de produção de um esquecimento seletivo. É ela que afirma a grande História como propriedade de determinados sujeitos que são o produto mesmo da História. Simultaneamente ela determina o assujeitamento do resto através do esquecimento coletivo. Restam, silenciosas e fossilizadas, as marcas dos anos, dos séculos, os traços das pequenas histórias que não são sustentadas pela palavra. Traços que não pertencem à História, aos sujeitos e aos significados construídos ao longo do tempo. Marcas permanentes e atemporais de uma memória aquém do sujeito e da linguagem; comum e específica.

O que temer frente às conjunturas que colocam em questão lutas e direitos conquistados? A destruição desses mesmos direitos. Direitos? Aquilo que é garantido aos sujeitos. Aos *sujeitos de direitos*. O que informa que, talvez, a perspectiva da luta como luta por direitos possa não ser suficiente. Ela sem dúvida alguma é extremamente necessária. Porém em diferentes momentos, é essa mesma luta que, direcionada à proteção de tudo aquilo que é tão caro ao *homem-que-nós-somos* - sua autonomia de vontade, seu direito *a ter* e *a querer* e sua liberdade - exclui tudo aquilo que *resta*.

Ao reter do Poder apenas a instância dirigente, esquece-se que se trata de um infinitivo de uso corrente que se articula a todo querer que é o inelutável

³⁹⁵"Coïncidences; autant de brèches par lesquelles nos convictions retenues vont pouvoir s'épancher, quitte à ce que nous cherchions à les provoquer. Alors que les Aztèques du temps de la conquête espagnole dépeçaient quelques-uns de leurs proches sur le toit de leur temple pour être aidés à chasser l'envahisseur, c'était à coups de croix plantées que Cortés soutenait sa démarche d'extermination. D'une part comme de l'autre, les preuves ne devaient pas manquer du bien-fondé de ces pratiques, et si les preuves n'étaient pas évidentes, c'était qu'il y avait eu quelque malfaçon dans la pratique même et non dans les convictions. Ceci dit, rien n'a changé dans ce domaine et, pour ce qui nous concerne, s'il n'est pas question de sacrifices humains et d'extermination de ceux-là mêmes qui sont détenteurs de quelque richesse, nous pouvons nous attendre à subir une lourde hérédité, ce dont nous n'avons pas conscience." (DELIGNY, 2007, pp.1413/1414).

privilégio de todo ser consciente de ser, privilégio insaciável; ninguém desaprová uma criança por querer a lua; isso que nos encanta e nos incomoda ao mesmo tempo; nós não temos o poder de dá-la à criança. Resta responder: "Quando você crescer, você irá até lá." Mas vê-se a diferença entre querer ir até lá e querer tê-la. Resta fingir compreender que a criança a quer ver, enquanto que ela falou de tê-la. Acontece com a lua que ela pode ser vista e, portanto, dita. Resta tudo aquilo que se pode ver e não se pode dizer, não que intervenha alguma censura, mas por falta de uma virada do dizer que se preste a isso dizer; e o quê se torna o *se*, supondo que ele exista fora de ser dito?³⁹⁶ (DELIGNY, 2007, pp.1415/1416)

Onde podemos situar aquilo que nos moveu e nos encantou em Deligny? Depois do encontro com os mapas e as imagens dos filmes durante a Bienal de Artes em São Paulo no ano de 2012, foi a completa recusa às cristalizações do poder, em seus mais variados formatos, que o tornou presença próxima ao longo do processo de doutorado. Recusa aos seus pilares de sustentação: os interesses próprios e a propriedade; a formação de um sujeito dotado de vontade livre e a inevitável sujeição ao Outro; a ruptura entre o Eu e o Outro, instituidora das mais diferentes formas de exclusão e segregação; o desdobramento na fundação de um sentido de coletividade que se afirma pela multiplicação de diferentes Eu-sujeitos e pelo desaparecimento de um Nós-comum; a afirmação do direito como espaço de legalidade que define e recorta, a partir da diferença entre normal e anormal, sujeitos legítimos e um resto eliminável. Foi a permanente tentativa de esquiva à palavra como base fundadora do Homem, da Lei, do Poder e de suas materialidades representadas nas instituições de sustentação dos eixos de dominação do *homem-que-nós-somos*, que determinou os trajetos de leitura e de trabalho com Deligny.

Deligny reconhece, nos diferentes eixos que se desdobram do sujeito, aquilo que determina sua mais completa sujeição. A consciência de si que para o sujeito se estrutura como instância de sustentação de sua liberdade, da autonomia

³⁹⁶"À ne retenir du Pouvoir que l'instance dirigeante, on en oublie qu'il s'agit d'un infinitif d'usage courant qui s'articule à tout vouloir qui est l'inéluctable privilège de tout être conscient d'être, privilège insatiable; nul ne fera reproche à un enfant de vouloir la lune; ce qui nous enchante et nous dérange en même temps; nous n'avons pas le pouvoir de la lui donner. Reste à répondre: 'Quand tu seras plus grand, tu iras.' Mais on voit la différence entre vouloir y aller et vouloir l'avoir. Reste à faire semblant de comprendre qu'il veut la voir alors qu'il a parlé de l'avoir. Passe encore pour la lune qui peut se voir et donc se dire. Reste tout ce qui peut se voir et ne peut pas se dire, non pas qu'intervienne quelque censure, mais faute de tournure du dire qui se prête à ce dire; et que devient le *se*, à supposer qu'il existe hors d'être dit?" (DELIGNY, 2007, pp.1415/1416).

de sua vontade e de sua autodeterminação, aparece para Deligny como aquilo que garante que tais sujeitos não tenham, na maior parte das vezes, consciência de sua própria condição de oprimidos.

Isso seria mal conhecer os homens que, seu próprio querer sendo pego à contrapé, se remetem ao obrigatório e, a partir daquilo que eu vi ao longo da última (guerra), longe de ficarem atormentados por essa privação súbita daquilo que poderia se dizer sua liberdade, eles ficam antes aliviados, remetendo a quem de direito esse poder de querer, que eles pareciam, no entanto, sustentar. O que deixa pensar que cada um deve ter, em alguma medida, o obrigatório inveterado. Mesmo que esse fazer a guerra, que ressoa a monstruosas atrocidades, seja sempre sentido como fortemente provável e mesmo inelutável, chegando a se dizer que se trata da natureza do homem, a natureza dele intervindo quando se pode apenas constatar até que ponto o homem, que se orgulha de querer aquilo que ele quer ao contrário dos animais que o sofrem, se encontra sujeito a um dever que ele não quis de maneira alguma.³⁹⁷ (DELIGNY, 2008, pp.171/172)

A luta de Deligny foi uma esquivas às formas de colonização do outro, seja a colonização que se expressa em um claro domínio opressor, sejam as formas mais sutis de repressão e de constituição de poderes dominantes. A luta pela não *semelhança* como eixo orientador da construção das tentativas foi a afirmação de um lugar de esquivas às mais diferentes formas de incorporação, adequação e destruição da diversidade. Através da recusa em construir formas de cuidado que partissem da readaptação e da reeducação para a adequação do *anormal* ao *normal*, ele deu lugar para a criação de estratégias de vida comum que escaparam aos padrões que definem o *homem-que-nós-somos* e que, conseqüentemente, instauram diferentes formas de colonização do outro.

Ao que *resta*, Deligny dedicou sua vida. São os diferentes contornos de sua trajetória e as formas como em diferentes períodos e experiências de trabalho Deligny construiu uma crítica institucional que definiram nossa questão de pesquisa. Durante sessenta anos, de 1937 a 1996, Deligny participou da trama de

³⁹⁷"Ce serait mal connaître les hommes qui, leur propre vouloir étant pris à contrepied, s'en remettent à l'obligatoire et, pour ce que j'en ai vu moi-même lors de la dernière, loin d'être tourmentés par cette privation subite de ce qui pourrait se dire leur liberté, ils en sont plutôt soulagés, remettant à qui de droit ce pouvoir de vouloir auquel ils semblaient pourtant tenir. Ce qui laisse à penser que tout un chacun doit avoir, en quelque sorte, l'obligatoire invétéré. Si bien que ce faire la guerre, qui résonne de monstrueuses atrocités, est toujours ressenti comme fort probable et même inéluctable, quitte à dire qu'il y va de la nature de l'homme, la nature dudit intervenant quand on ne peut que constater à quel point l'homme qui se targue de vouloir ce qu'il veut, au contraire des animaux qui subissent, se trouve aux prises avec un falloir qu'il n'a pas du tout voulu." (DELIGNY, 2008, pp.171/172).

diferentes tentativas. Em todas elas, dentro ou fora das instituições, ele estabeleceu formas de esquivar-se aos vetores definidores dos processos de criação institucional e das perspectivas e lugares de compreensão do humano, cristalizados pelas dinâmicas de poder constituidoras desses mesmos processos.

Os primeiros trinta anos dessa trajetória foram marcados por uma atuação dentro de quadros institucionais, seja diretamente no Estado, seja em instituições privadas a ele associadas. De 1937 a 1939, Deligny atuou em classes especiais, direcionadas a crianças consideradas *retardadas* ou com diferentes problemas de aprendizado. Inicialmente em Paris e em Nogent-sur-Marne e em seguida no asilo de Armentières. Após um período de onze meses de mobilização durante a Segunda Guerra Mundial, ele voltou ao asilo para atuar no Pavilhão 3, destinado a crianças e jovens considerados *perversos* e irrecuperáveis pelos mais diferentes motivos. Ele permaneceu no asilo até o ano de 1943.

Após a saída de Armentières, Deligny foi responsável pela construção de um plano de prevenção da delinquência juvenil para a região do norte da França. Em seguida, no ano de 1946, ele assumiu a função de diretor do Centro de Observação e Triagem da cidade de Lille e, alguns meses depois, após o fechamento do centro, ele se tornou Delegado de Trabalho e Cultura. Neste período começou a ser formulada a tentativa que marcou mais de uma década de sua trajetória. Os anos da Grande Cordée definiram tanto a transição de Deligny de um *dentro* para um *fora* institucional, como a transição no público com o qual ele atuou. De crianças e jovens considerados delinquentes ou anormais, mas inseridos em uma dinâmica institucional voltada para a readaptação ou a reeducação, para crianças sem qualquer acesso à linguagem e inadequadas para a inserção nestas mesmas instituições, cujo desenvolvimento era sustentado pela noção de infância inadaptada. Tal noção estruturou, a partir da década de 1940 e durante mais de trinta anos, a organização institucional do campo da infância e da juventude na França. Deligny atuou em instituições que revelavam o tripé de sustentação desse novo campo – escolar, psiquiátrico e jurídico – se tornando, assim, um importante analisador do período.

Como vimos ao longo do trabalho, a primeira metade da década de 1940 marcou uma importante transição no campo das políticas direcionadas à infância e

à adolescência, através da construção e do fortalecimento da noção de infância inadaptada. Esta noção operou uma mudança no tratamento das camadas consideradas à margem do processo de desenvolvimento infanto-juvenil legitimado como *normal*. Passou-se de uma perspectiva onde predominava a exclusão, como forma de abordagem e gestão, para uma perspectiva onde o eixo orientador da construção institucional era o reaproveitamento, através da readaptação e da reeducação. Manteve-se, como possibilidade garantidora dos padrões dominantes da normalidade, a punição, o internamento e o aprisionamento nos casos considerados irrecuperáveis. Essa transição foi fortemente marcada pela necessidade econômica de um país desestruturado pela guerra. Tal foi o pano de fundo histórico-político que definiu a construção das diferentes tentativas de Deligny e que determinou os sentidos das esquivas à noção de adaptação construídas por ele ao longo dos anos.

Os últimos trinta anos, de 1967 até sua morte em 1996, foram marcados pela tentativa de construção de uma vida comum com crianças autistas na região de Cévennes, no sul da França. Em sua última tentativa, Deligny concretizou a transição para *fora* do quadro institucional do Estado. Porém, mesmo no período em Cévennes, o trabalho de Deligny não deixou de se relacionar com uma profunda discussão institucional. Ela foi certamente mais explícita nos textos escritos durante os primeiros trinta anos de sua produção, mas ela não é menos definidora de sua trajetória após o início da década de 1960.

Como foi explicado no início deste trabalho, optamos por apresentar a trajetória e as tentativas de Deligny a partir de seus próprios escritos. A escolha por construir esse trabalho junto com a escrita de Deligny teve como intuito proceder a um respeito em três sentidos: a afirmação da tese como espaço de *visibilidade* de um processo de escrita que se configurou como uma construção coletiva do pensamento; a esquiva ao procedimento interpretativo como forma de estudo e de produção escrita; o texto como *lugar propício* para o aparecimento das questões sem o direcionamento para uma resposta, intensificando uma dinâmica criativa do pensamento. Deligny foi antes de tudo um escritor e estudá-lo foi para nós um esforço em garantir a expressão dessa escrita. Seus textos permeiam o nosso e costuram os liames entre as diferentes questões que formam a discussão institucional proposta. O objetivo foi que o debate institucional pudesse

emergir dos escritos dos diferentes períodos e que, assim, ao longo de todo o trabalho, as nuances, modulações, permanências e desvios da trajetória de Deligny emergissem em nossa escrita.

A crítica institucional por ele construída se baseou na crítica a uma *imagem dominante do homem-sujeito* formada pela propriedade, pela vontade, pela ideia de liberdade e de coletividade, pela Linguagem, pela Lei e pela Normalidade. Foi a articulação entre esses eixos de problematização desenvolvidos por Deligny que nos permitiu afirmar que este trabalho não é em nada estrangeiro ao direito. Ao longo de todos os capítulos não se colocou uma discussão direta sobre o direito, pois este tema não foi, na maior parte dos escritos de Deligny, abordado diretamente. É importante ressaltar, no entanto, que em alguns textos aparecem referências ao direito de maneira explícita e direta. Porém, independente das referências diretas, a reflexão sobre o problema institucional e o debate sobre o lugar das instituições, enquanto ferramentas através das quais o Estado e as relações de força que o compõem se solidificam, são sempre falar do direito.

Como forma de esquivar a essa imagem dominante e a consequente oposição entre normalidade e anormalidade, Deligny se dedicou ao longo dos anos à construção de lugares propícios para a vida das mais diferentes formas de estar no mundo. A importância do espaço comum se constituiu como maneira primordial de esquivar à sujeição, aos procedimentos institucionais pautados pela categorização das pessoas a partir de seus casos, a partir de suas essências e de suas histórias particulares. É nesse sentido que propomos, então, que o processo de construção e de reflexão crítica sobre as instituições precisa estar baseado na permanente construção de lugares propícios para a vida e para o respeito ao outro fora da exigência de *semelhança*. Reconhecemos, uma vez que Deligny nunca propôs possíveis modelos ou métodos, o risco da contradição de propor *um sentido* para o problema institucional a partir de sua trajetória. Porém, não o fazemos nem como forma de revelar em Deligny um modelo de ação, nem para afirmar que um ou outro modelo poderia ser o correto para o desenvolvimento institucional. Tampouco afirmamos que as instituições, públicas ou privadas, são a resposta para todo o tipo de luta e demanda política.

Tentamos, tão somente, contribuir para uma luta que nos parece ainda central em nosso contexto histórico e político. Essa luta passa ainda pela formulação e pelo desenvolvimento de instituições enquanto instâncias de execução de políticas públicas. Quanto mais nos for possível refletir criticamente sobre o problema institucional, abrindo espaços para a construção de esquivas que coloquem em cheque a cristalização institucional, tão mais forte nos parece a produção de outros lugares diferentes das instituições que conhecemos.

Foram identificadas ao longo de todo o texto diferentes estratégias que aparecem no trabalho de Deligny como formas de esQUIVA aos lugares cristalizados pelas dinâmicas institucionais em curso. Seguimos essas pistas como caminhos de reflexão sobre a construção institucional e tais caminhos poderiam surgir dentro das instituições para uma esQUIVA a elas mesmas. Caminhos que possibilitem uma abertura - uma brecha - destas para um *fora* da instituição capaz de desestabilizar os sólidos pavimentos nos quais elas estão construídas. São tão somente pistas e ferramentas de reflexão. Talvez, se e quando couber, elas possam ser ferramentas para construções práticas, sempre questionadas e revistas de acordo com os diferentes momentos e realidades específicas.

Aquilo que orientou as estratégias experimentadas por Deligny ao longo de sessenta anos foi a necessidade de construção de asilos-refúgios³⁹⁸. Não se tratava de erguer muros, de instaurar limites intransponíveis, de delimitar um dentro reservado às experiências de vida anormais e um fora, *liberdade* garantida às pessoas que desenvolveram em si mesmas os limites normalizadores da experiência de ser sujeito. O asilo-refúgio foi a construção de espaços propícios para o respeito às mais diversas formas de vida, com o permanente esforço de esQUIVAR todo processo de cuidado pautado pelo imperativo da *semelhantização*. O asilo, para Deligny, se estabeleceu como um meio onde a coabitação do espaço se organizou através da experiência de construção de um costumeiro formado por um movimento *comum*. Para a constituição desses espaços propícios foram operacionalizadas, ao longo das diferentes tentativas, algumas estratégias que

³⁹⁸ Além dos textos publicados e mais conhecidos onde Deligny desenvolve o tema do asilo, nos arquivos em Cévennes encontramos diferentes versões e textos inéditos que mostram a centralidade do tema em sua escrita. *Mémoire d'asiles*, *L'empire du signe (mémoire d'asiles)*, *En cette échoppe-ci/Au détour d'asiles*, *A comme asile*, *Éloge de l'Asile*, *En quête de l'y être*, entre outros manuscritos ou textos datilografados, assim como, versões com títulos diferentes ou conteúdos levemente modificados entre si.

pontuamos a seguir. A partir delas, pensamos que seria possível criar linhas de abertura que promovessem outras formas de cuidado – pelo tempo que for – dentro da rigidez da formulação institucional, pautada pelo projeto pensado e pela eficácia e produtividade. Dar espaço para aparecerem brechas onde algo de uma camada primordial, que Deligny identificou como *humana* e como a experiência do comum da espécie, possa ter lugar.

Os espaços institucionais, inevitavelmente, se constituem como meios concentracionários, como a materialização da existência do Estado enquanto instância normalizadora da experiência do *homem-que-nós-somos*. Estruturam-se a partir de eixos majoritários de ordenação da vida social. Nossa tentativa foi refletir sobre como dentro desses espaços podem ser estabelecidas experiências onde a margem possa existir em sua marginalidade, onde o fora da norma, o *anormal*, não seja remetido a um *entre-muros* normativo. A necessidade de constantes manobras de desvio se apresenta como exigência máxima para essa construção. O Estado opera em um duplo movimento na destituição da potência de ruptura advinda da esquivas aos seus padrões dominantes: de forma diretamente conservadora ou reacionária, garantindo a manutenção de determinado *status quo* ou retomando formatos anteriormente determinantes de uma dada ordem; ou através do estímulo a novos formatos e novas tentativas de ruptura de tal forma que os mesmos e seus potenciais de mudança se mantenham dentro do controle do Estado.

Nos foi preciso imaginar uma prática que permitisse o aracnídeo não somente existir, mas persistir, isso que é muito mais incerto, pois se pode acontecer que o aracnídeo floresça, vai saber aquilo que ele terá que suportar; ele será, no mínimo, incorporado ao projeto pensado. O que se pensaria de um arquiteto que em seus planos reservasse certos aspectos daquilo que será construído para que as aranhas pudessem fazer suas teias? Ele seria no mínimo um pouco suspeito e, sem dúvida, é no seu próprio teto, sua caixa craniana, que o dito cujo abrigaria a aranha. Que ele pense no calor, na luz, na proteção sonora, no custo, mas não nas aranhas. Não impede que se veja onde está o dano: o projeto pensado absorve tudo, e aquilo que ele não pode absorver, ele destrói como inoportuno.³⁹⁹ (DELIGNY, 2008, p.33)

³⁹⁹"Il nous a donc fallu imaginer une pratique qui permettrait à l'arachnéen non pas seulement d'exister, mais de persister, ce qui est beaucoup plus incertain, car s'il peut arriver que l'arachnéen affleure, allez savoir ce qu'il va avoir à supporter; il va être, pour le moins, incorporé au projet pensé. Que penserait-on d'un architecte qui, dans ses plans, réserverait certains aspects de ce qui, bâti, va l'être, pour que les araignées puissent y faire leur toile? Il serait pour le moins quelque peu suspect et, à coup sûr, c'est dans son propre plafond, sa boîte crânienne, que le qu'en dira-t-on logerait l'araignée. Qu'il pense à la chaleur, à la lumière, à l'insonorisation, au coût, mais pas aux

Dessa forma, foram diversas as estratégias de esQUIVA operacionalizadas por Deligny durante sua atuação nas escolas, no asilo em Armentières, no COT, na Grande Cordée e em Cévennes. Ao longo do texto, nos diferentes capítulos, elas apareceram inseridas nos contextos e formatos em que surgiram e como diferentes meios de destituir o lugar dominante do sujeito. As retraçamos agora como caminhos para a reflexão proposta.

- A destituição do lugar subjetivo cristalizado das crianças e dos adolescentes ditos inadaptados. Tal desconstrução se operou através da instauração de processos de engajamento coletivo e criativo que colocavam em questão a imagem do *sujeito incapaz-excluído* e eram direcionados à produção conjunta de *qualquer coisa* e não à inserção em uma demanda de normalidade e de produtividade previamente determinadas. Nas escolas essa *qualquer coisa* eram os desenhos infantis que se tornavam mote de histórias partilhadas por todos e não apenas pela criança-sujeito que desenhava. Essa *coisa* se estabeleceu sempre a partir de uma ocasião capaz de romper com as histórias pessoais e com a relação entre sujeitos e, assim, capaz de criar caminhos para um engajamento conjunto diferente de uma lógica tão somente coletiva.

- Não reduzir a pessoa ao seu caso. Para Deligny, o foco em supostas características pessoais e histórias passadas enrijeciam as possibilidades de funcionamento institucional e colocavam em primeiro plano supostos problemas que fundamentariam os esforços de adaptação da inadaptação. É preciso criar maneiras de cuidado dentro das instituições que não se pautem pela atenção ao caso e sim à inadaptação como resultado da violência dos padrões normativos dominantes. A principal estratégia de Deligny nesse sentido foi o deslocamento da atenção dos sujeitos para as circunstâncias de vida e conseqüentemente a busca por ocasiões capazes de produzir mudanças nas mesmas. A experiência dos primeiros anos da Grande Cordée, com a definição pelos próprios jovens das estadias de ensaio nas quais eles gostariam de se engajar, foi um exemplo da efetivação desta estratégia.

araignées. N'empêche qu'on voit bien où est le dommage: le projet pensé absorbe tout et ce qu'il ne peut pas absorber, il le détruit comme inopportun." (DELIGNY, 2008, p.33).

- Aqueles que trabalham em uma instituição ou que fazem parte de uma tentativa, precisam ser criadores de circunstâncias. É a atenção sensível às ocasiões que surgem e a instrumentalização destas para a criação de novos arranjos – de outras circunstâncias – que abre caminho para que hábitos e comportamentos ganhem outras configurações. A atenção de Deligny em relação aos acasos parece ter se dado no sentido de perceber nestes a possibilidade de surgimento dessas ocasiões.

- É importante construir sentidos que desloquem os significados. Isso pode ser observado de diferentes formas nas tentativas de Deligny desde a experiência nas escolas. Um significado promove um fechamento da experiência: é possível que alguém, dotado de um poder hierárquico preciso, determine o que *quer dizer* algo que foi realizado. O significado determina sempre a interrupção de um processo criativo pela definição através de um nome dos limites e características de tal processo. No âmbito coletivo ele é o encerramento de um engajamento comum em torno de alguma atividade. A partir do encerramento operado pelo significado, pela definição, restringi-se a possibilidade de reapropriação das criações para dar a elas novos desvios. Produzir *um sentido*, por outro lado, pode colocar em movimento uma experiência. Uma atividade, desinteressada em relação ao sujeito que a realiza e àquilo que é especificamente realizado, pode se estabelecer em um movimento contínuo de criação. Ao longo do processo novos elementos e novas pessoas podem ser agregados ao percurso. Enquanto o significado apresenta a experiência como temporal, uma coisa é de *certa* forma em *certo* momento, um sentido apresenta a dimensão espacial da experiência, lugares que podem ser ocupados durante a duração de um processo.

- Aqueles que ocupam as posições de trabalho em um determinado grupo, por exemplo médicos, psicólogos, enfermeiros, vigias e educadores, precisam ocupar tal espaço a partir do lugar de *presença próxima*. Apesar deste termo surgir apenas no período de Cévennes, é possível afirmar que Deligny tentou todo o tempo se colocar como presença próxima e garantir que aqueles que atuavam nas tentativas possuíssem condições de sair de uma lógica de cuidado onde fossem determinantes as posições do *cuidador* e do sujeito que é objeto do cuidado. Estar em *presença próxima* é garantir ao mesmo tempo uma proximidade permanente que possibilite o acompanhamento das diferentes situações e uma distância marcada pela não pretensão de definir o outro, de agir diretamente sobre o sujeito,

ou de conceber a relação de cuidado como forma de *dizer a verdade*. É uma estratégia de cuidado que assume ao mesmo tempo a necessidade de estabelecer uma relação de ligação entre as pessoas envolvidas e a necessidade de fazê-lo de forma diferente ao estabelecimento das relações entre sujeitos.

A presença próxima é um pouco alguém que deixa caminhar em sua sombra...Os trajetos de hábito de Gisèle, mesmo sendo de hábito, não são independentes do fato de que M. vai, vive, caminha em sua sombra. Uma tentativa é isso. Não é feita para. A gente não estava em Saint-Yorre para Yves, mas ele nos veio. A partir desse momento nós estávamos ligados a ele. É um outro jeito de dizer: causa comum.⁴⁰⁰ (DELIGNY, 2007, pp.707)

A noção de presença próxima colocou em questão os lugares hierárquicos em uma tentativa. Deligny, por exemplo, ocupou de diferentes formas um papel central em momentos diversos de sua trajetória, papel que muitas vezes pareceu se configurar por uma centralização da dinâmica coletiva. Como nas escolas ao iniciar a narrativa das histórias ou em Cévennes como pessoa de referência para a discussão em torno do que se passava nas áreas de convivência. A discussão sobre os lugares de direção em uma dinâmica conjunta traz um importante debate sobre possíveis limites das esquivas aos lugares de liderança e sobre os formatos horizontais de organização das ações coletivas.

Mas de que poder se trata? Daquele que um pode ter sobre o outro. Faz muito tempo que eu não sou mais - se é que eu já fui - aquele que decide o destino do grupo ou que, mais ou menos, decide sobre isso, isso sendo não importa o que e o resto. Aconteceu de a questão me ser colocada, vinda de uma das unidades: 'mas quem decide?' A partir do que estava claro que essa unidade me trazia a cauda de um rato, enquanto se pensava que não havia um rato. Em relação àquilo que eles me diziam e sem dúvida em relação àquilo que eles acreditavam, havia essa cauda e nada mais. A cauda do rato está no limite da palavra dura, e era o que era preciso não arrastar, vindo me perguntar quem decide, o que me designava a ser quem decidia sobre quem decide. Aparece que uma tal instância não é necessária. Mas isso que aparece, no mesmo movimento, é que eu tinha alguma propensão em me livrar da cauda do rato, os ratos do poder não tendo tardado a surgir aqui e acolá, roendo a teia mesmo dessa arte, dessa habilidade, dessa desenvoltura que orna o fazer a despeito do querer.⁴⁰¹ (DELIGNY, 2007, p.1404)

⁴⁰⁰"La présence proche, c'est un peu quelqu'un qui laisse marcher dans son ombre...Les trajets d'usage de Gisèle, bien qu'étant d'usage, ne sont pas indépendants du fait que M. va, vit, marche dans son ombre. Une tentative, c'est ça. Ce n'est pas fait pour. On n'était pas à Saint-Yorre pour Yves, mais il nous est advenu. À partir de ce moment-là, nous avons partie liée. C'est une autre façon de dire: cause commune." (DELIGNY, 2007, pp.707).

⁴⁰¹"Mais de quel pouvoir s'agit-il? De celui que l'un peut avoir sur l'autre. Il y a belle lurette que je ne suis plus - si je l'ai jamais été - celui qui décide du sort de l'ensemble ou qui, plus ou moins,

Em Cévennes, a produção cartográfica nos revela algumas questões referentes a este tema. Os mapas eram realizados pelas *presenças próximas*. Disso constata-se que o lugar de centralização ocupado por Deligny encontrava-se mitigado, pois o principal subsídio para a reflexão sobre as práticas da rede não era realizado por ele, apesar de ser ele aquele que de certa forma produzia ou guiava a reflexão desenvolvida a partir dos mapas. Não apenas eram as *presenças próximas* que produziam os mapas, como Deligny não frequentava as áreas de convivência, outra questão na qual podemos observar um desvio em relação a uma posição de controle. A produção sendo realizada pelas *presenças próximas* colocava ainda outro ponto em torno dos lugares na tentativa, pois as crianças não participavam da criação dos mapas. Claro que isto não parece de todo possível quando se trata de crianças autistas, mas independente disso, podemos colocar o problema sobre como uma ferramenta de análise coletiva poderia não estar pautada em um *dizer o outro*, por mais sutil que ele seja. Nesse ponto são importantes para a análise tanto o fato de que na produção cartográfica não se tratava de interpretar o outro, mas o máximo possível dar a ver suas formas de ser em um território, como o fato de que os mapas também operavam formas de cuidado em relação aos adultos que os produziam. Como fundo, ainda, a cartografia tinha por intuito destituir completamente o lugar de cada um, ao ponto de não ter sido mais possível dizer a quem pertencia tal ou qual trajeto.

Em torno do problema da constituição de espaços de concentração de poder, notamos no capítulo anterior, que a dinâmica das áreas de convivência não parecem ter se constituído por uma acentralidade, mas por uma dispersão de múltiplos centros não fixados advindos da forma de espacialização territorial que organizava os rumos da tentativa. A multicentralidade se expressava no deslocamento das crianças, na disposição das coisas, e nos trajetos dos adultos.

en décide, en étant n'importe quoi et le reste. Il est arrivé que la question me soit posée, venant d'une des unités: 'mais qui décide?' À partir de quoi il était clair que cette unité-là me ramenait la queue d'un rat, tout en pensant que, de rat, il n'y en avait pas. Pour ce qu'ils m'en disaient et sans doute pour ce qu'ils en croyaient, il y avait cette queue-là et rien d'autre. La queue de rat, c'est à la limite du mot dur et c'était ce qu'il ne fallait pas trimbaler en venant me demander qui décide, ce qui me désignait à être qui décide de qui décide. Il apparaît qu'une telle instance n'est nullement nécessaire. Mais ce qui apparaît, du même coup, c'est que si j'avais eu quelque propension à me saisir de la queue du rat, les rats du pouvoir n'auraient pas tardé à surgir ici et là, rongant la toile même de cet art, de cette aisance, de cette désinvolture qui ornent le faire à l'insu du vouloir." (DELIGNY, 2007, p.1404).

Esses centros itinerantes, sempre próximos, mas nunca coincidentes, não puderam jamais se concentrar em um centro de poder estático, definidor das formas possíveis de funcionamento das áreas. A questão em torno das formas de organização coletivas e da formação de lugares 'cabeça' das tentativas é uma questão delicada. As tentativas sendo tramadas pelos sujeitos parecem ter presente sempre o risco da constituição de papéis de dominação.

Se o papel que me incumbe é o de lançar palavras *duras* no curso do costumeiro de uma etnia singular, um pouco como se lança cascalhos na água, vê-se bem que isso que eu posso dizer não interpreta as coincidências que podem aparecer, seja naquilo que é o modo de ser de umas e outras das crianças que vivem próximas de nós, seja que elas apareçam enquanto interferências entre esse modo de ser que tem algo de comum, e o nosso, um pouco comum àqueles que levam essa vida-aí de estar próximos de crianças autistas. Fazendo isso eu me descubro de certa forma descendente desses caciques tais como os etnólogos os viram assumir esse papel estranho de censurar a partir de termos escolhidos, não se direcionando, no entanto, a ninguém. Essa reaparição surpreende. Ela se deve ao acaso; eles falam sozinhos e se são ouvidos, não são mais escutados, ou se são escutados, não se ouve mais o que eles querem dizer. É que da parte deles, não há mais o *querer* do dizer.⁴⁰² (DELIGNY, 2007, pp.1394/1395)

- Não *semelhança* como diretriz orientadora das relações de cuidado. As instituições precisam garantir um respeito à alteridade sem que este tenha como base o preceito de uma igualdade definidora do *homem-que-nós-somos*. Enquanto no campo da luta por direitos a demanda por igualdade tem como objetivo afirmar que perante às leis não pode haver diferenciações de tratamento, a não ser para o benefício de populações minoritárias, na prática institucional, a igualdade pode disfarçar inumeráveis violações pautadas pela necessidade de adaptação aos modelos vigentes. A não *semelhança*, para Deligny, era uma estratégia de evitar a interpretação, o julgamento e a imposição do ponto de vista da *normalidade*.

⁴⁰²"Si le rôle qui m'incombe est de lancer des mots *durs* dans le cours du coutumier d'une ethnie singulière, un peu comme on jette des cailloux dans l'eau, on voit bien que ce que je peux dire n'interprète pas les coïncidences qui peuvent apparaître, soit dans ce qu'il en est du mode d'être des uns et des autres des enfants qui vivent proches de nous, soit qu'elles apparaissent en tant qu'interférences entre ce mode d'être qui leur est quelque peu commun et le nôtre, quelque peu commun à ceux qui mènent cette vie-là d'être proches d'enfants autistes. Ce faisant, je me retrouve quelque peu descendant de ces caciques tels que des ethnologues les ont vu assumer ce rôle étrange de vitupérer en termes choisis alors qu'ils ne s'adressent à personne. Cette résurgence a de quoi surprendre. Elle est due au hasard ; ils parlent seuls et, si on les entend, on ne les écoute guère, ou si on les écoute, on n'entend pas ce qu'ils veulent dire. C'est que de leur part, il n'y a pas de *vouloir* du dire." (DELIGNY, 2007, pp.1394/1395).

- As equipes que integram as instituições devem ser formadas o máximo possível por pessoas de origem similar àsquelas que estão sob a tutela institucional. Para Deligny, a experiência de compartilhamento de um determinado meio era essencial para a melhor compreensão da realidade dos locais de onde vinham as crianças e os adolescentes institucionalizados. Deligny rompeu, dessa forma, com uma hierarquia institucional formada por uma camada especializada, normalmente oriunda de setores de classe média ou ricos, concebida como possuidora da verdade; e outra camada ineficaz, inapropriada e desviante, oriunda de setores populares e pobres. A colocação de operários desempregados da indústria têxtil durante o trabalho no asilo de Armentières, por exemplo, deu lugar tanto a um saber prático que produziu um sentido para os internos, como à formação de uma rede entre o meio interno e o meio externo ao asilo. A formação de uma rede local é essencial para que tentativas tenham lugar. Deligny afirmou que uma rede enquanto tentativa que habita as margens dos processos institucionais só pode ser tramada a partir de uma *iniciativa popular*.

- No caso de instituições escolares, locais de acolhimento ou espaços de reclusão, por exemplo, as relações que se instituem entre os *usuários* e as *equipes responsáveis* não podem ser organizadas a partir de uma lógica de aplicação de punições ou de realização de ameaças, chantagens emocionais e troca de favores. Essas formas pressupõem, para Deligny, uma relação entre sujeitos determinados e estão direcionadas a comportamentos individuais que podem ser reprováveis por desviarem de condutas esperadas e de regras preestabelecidas ou louváveis por serem reconhecidos como comportamentos aprovados e válidos. Em todos os casos, o que ganha relevância são as ações e as histórias pessoais de cada sujeito institucionalizado.

- O trabalho cartográfico como destituição da posição de sujeito e possibilidade de dar a ver referências comuns anteriores à linguagem. Na elaboração dos mapas era essencial esquivar à construção de significados e de interpretações que pudessem definir os trajetos infantis. Significados e interpretações são formas de *dizer o outro* que pertencem ao âmbito do *homem-que-nós-somos*. Era preciso se aproximar das linhas de deslocamento que os mapas revelavam sem que importasse a criança traçada e suas características, mas sim os trajetos e as coisas enquanto pontos de referência para a construção dos espaços de convivência. Tais

pontos de referência revelavam lugares onde surgiam iniciativas, agires, gestos e davam a ver também aquilo que Deligny chamou de memória de espécie, uma memória sem dono e constituída por movimentos comuns em um território. A cartografia foi capaz, dessa forma, de mostrar um espaço comum partilhado não apenas entre as crianças ou entre os adultos e as crianças, mas entre tudo que compunha as áreas de convivência. Assim, os mapas deram a ver estratégias de cuidado para a construção de espaços propícios que deslocavam a exigência de *semelhança* como vetor de melhora e de bem-estar.

- Em Cévennes, o uso da câmera de filmar substituiu com o passar dos anos a produção cartográfica. A atividade de *camerar*, assim como a cartografia, possuía uma função terapêutica no que tange às presenças próximas e permitia a diminuição da angústia produzida pela ausência da linguagem como orientadora do cuidado. *Camerar* e cartografar evitavam a formação de relações de reciprocidade no cuidado da rede. Os registros produzidos, por sua vez, possibilitaram a continuidade da observação dos trajetos infantis e a organização do costumeiro das áreas a partir dos pontos de referência no território.

O uso da câmera, enquanto estratégia na construção das tentativas, no entanto, é anterior a Cévennes. Durante a Grande Cordée, o trabalho com os filmes tinha como objetivo possibilitar aos jovens o registro do cotidiano de seus locais de origem, de forma a dar a ver as mudanças de percepção em relação ao espaço a partir da inserção na tentativa; mostrar para o mundo, através do protagonismo dos próprios jovens na narrativa, aqueles que *a gente* quer definir, silenciar e apagar. Tal narrativa se constituiria como forma de esquiva ao *dizer o outro* e de construção de um sentido coletivo, uma memória da rede apesar de sua dispersão geográfica. Por falta de recursos, nenhum filme chegou a ser finalizado nesse período.

- O funcionamento de *portas abertas* como maneira de destituir a divisão entre um *dentro* e um *fora*, de esquivar ao papel dos muros, e de reafirmar a importância do meio habitual e do contexto de origem para o cuidado. Na experiência do COT de Lille, por exemplo, todas as noites o centro era aberto para as famílias, para a chegada de militantes e operários da região, para a visita de religiosos, de pessoas atuantes na rede de albergues da juventude e de estudantes.

Esta abertura era também uma forma de constituir redes para a sustentação destas esquivas dentro do próprio quadro institucional.

- A dispersão geográfica como estratégia de esquiva aos modos de funcionamento institucionais. É importante lembrar que no período da Grande Cordée iniciou-se a transição de Deligny de um *dentro* para um *fora* do quadro institucional do Estado. Deligny, após a experiência do COT, passou a entender que uma tentativa localizada somente em um lugar poderia ser facilmente fragilizada, fosse no sentido de torná-la modelo, fosse para que as esquivas que ela inaugurava fossem interrompidas. A dispersão seria um meio de garantir a formação de diferentes redes, a mitigação de seu controle e a abertura das tentativas para outros encaminhamentos que tornariam mais difícil a sua captura institucional.

- A construção de espaços propícios pressupõe a compreensão destes não como propriedade de alguns sujeitos, mas como lugares construídos conjuntamente. O lugar não é uma propriedade, ele é estabelecido pela habitação comum e não por uma determinação normativa que instaura o estatuto *de próprio*. Os espaços que se constituem como esquivas à lógica institucional de determinação de sujeitos-proprietários (mesmo que a propriedade seja ínfima, como o consultório de um psiquiatra dentro de um asilo ou o posto do vigia em uma prisão) não correspondem aos territórios-propriedades legitimados pelo direito e não são objetos de contratos. Desses espaços não é possível definir os donos, pois eles não fazem parte de uma memória institucional. Eles se constituem pela regularidade das atividades e do arranjo das coisas no espaço de vida, pela vida costumeira.

Eu escolho dizer que havia um espaço-tempo necessário a essas *formas* que provocam/permitem os *desvios do agir*, pois se você acha que Janmari, carregado de dois baldes cheios até a boca na ponta dos braços, pegava o caminho mais curto para levar a água da fonte, é esperar dele aquilo que nós faríamos, nós. Sua linha *d'erre*, então, traço de seu trajeto, pegava desvios em relação aos quais nós havíamos aprendido que eles faziam 'emaranhado'; o que quer dizer que apresentavam aspectos comuns a um bom número de crianças 'autistas' ocupadas em carregar qualquer coisa que fosse um pouco mais pesada ou volumosa...Resta que no que diz respeito à fonte e à pia e aos baldes, as 'coisas' – e, portanto, as *formas* –, elas permanecem aquilo que elas sempre foram, isso sendo devido ao acaso e talvez também a um certo respeito, de nossa parte, em relação a um

costumeiro que força um pouco nossos hábitos, mas não elimina Janmari.⁴⁰³
(DELIGNY, 2007, pp.1332/1333)

Essas foram algumas estratégias que Deligny operacionalizou para evitar a apreensão de suas tentativas pela lógica institucional, seja dentro dela, seja fora. Um lugar propício construído conjuntamente se configurava como outra coisa que um espaço institucionalizado que reproduz leis de funcionamento formuladas e sustentadas por posições de poder e de dominação. O Nós comum apareceu como um lugar possível fora da Lei, das exigências de produtividade, da divisão de propriedades, da determinação por vontades *livres* e pelo projeto pensado. A rede se revelou como um trabalho artesanal de construção de um lugar para o humano, onde a especificidade de cada experiência pôde ter lugar através da esquiva aos modelos fundados pela imagem do *homem-que-nós-somos*. As instituições e os dispositivos que as compõem não podem se direcionar somente pelo respeito a regras e preceitos preestabelecidos de cuidado, elas devem criar espaços renováveis para o acolhimento de cada situação em sua especificidade. Tramar uma tentativa no âmbito institucional é criar estratégias de abertura constantes para dar lugar a tantas formas de cuidado sensíveis quantas forem necessárias.

Dessa forma, a crítica institucional construída por Deligny ao longo da vida coloca o desafio de pensarmos modos de construção e de funcionamento institucionais que não se estabeleçam exclusivamente a partir de regras e princípios que pressuponham o sujeito consciente de ser. Modos de construção que produzam espaços de abertura para uma camada primordial e que possibilitando a experimentação do que em nós ainda resta de ilegal, de infinitivo e de real, possa operar um cuidado ao que de nós é definido pelo projeto, pela Lei, pelo Homem. É necessário pensarmos o campo institucional como um território que pode ser produzido cotidianamente, a partir de pontos de referência que se

⁴⁰³"Je choisis de dire qu'il y avait l'espace-temps nécessaire a ces *formes*, qui provoquent/permettent les *détours de l'agir*, car si vous croyez que Janmari chargé de deux seaux pleins à ras bord au bout des bras prenait le plus court chemin pour ramener l'eau de la fontaine, c'est attendre de lui ce que nous ferions, nous. Sa ligne d'erre, alors, trace de son trajet, empruntait des détours dont nous avons appris qu'ils faisaient 'chevêtres'; c'est-à-dire présentaient des aspects communs à bon nombre d'enfants 'autistes' aux prises avec porter quoi que ce soit d'un peu lourd et encombrant... Reste que, pour ce qui concerne la fontaine et l'évier et les seaux, les 'choses' - et donc les *formes* - sont demeurées ce qu'elles ont toujours été, ceci étant dû au hasard et peut-être aussi a un certain respect, de notre part, envers un *coutumier* qui force un peu nos habitudes mais n'élimine pas Janmari." (DELIGNY, 2007, pp.1332/1333).

estabeleçam na prática dos trajetos, costumes, ações dos grupos envolvidos em determinada instituição e em determinado contexto.

Para Deligny, certamente, sua institucionalização significava o fim de uma tentativa e, assim, sua vida foi um trabalho para que, através de diferentes estratégias, as tentativas pudessem sobreviver pelo tempo que fosse e por meio de esquivas aos processos institucionalizantes em curso. Essa é a principal pista que seguimos.

A carta de *Autrement*, que me pede algumas páginas para esse dossiê que será publicado, me fala do papel possível dessas alternativas dentro de um processo de mudança da instituição escolar, em particular depois de 78. Minha posição sempre foi a mesma. Existe a instituição, e existem essas iniciativas. Cabe ao A GENTE da instituição⁴⁰⁴ decidir aquilo que ela tenta incorporar dessas iniciativas onde se vê bem que se trata de outra coisa que a escola. Existe aquilo que funciona e existe aquilo que inova, aquilo que descobre, aquilo que cria um fora do inelutável cadastro que prevê. Existe o imprevisto, tolerável ou não. Isso depende. Existem momentos onde a Instituição, em relação a qual eu coloco em maiúscula a inicial para evocar o Estado, é particularmente alérgica a tudo aquilo que está fora do quadro. Pode-se pensar, sonhar com o tempo, próximo ou longínquo, onde a instituição não somente suportará, tolerará essas iniciativas, mas as respeitará. É preciso sempre pensar que tudo pode acontecer.⁴⁰⁵ (DELIGNY, 2007, p.1194)

Ao longo de todo o trabalho, a partir das questões que as tentativas colocaram para a reflexão sobre as instituições, emergiram questões que se apresentaram para nós como importantes desdobramentos da crítica institucional formulada por Deligny. Retraçamos aqui algumas que nos parecem centrais para a reflexão sobre o problema de tese proposto. É o trabalho a partir delas que orienta o caminho de conclusão da pesquisa e os desdobramentos futuros da mesma.

⁴⁰⁴Em francês a palavra 'instituição' se escreve 'institution'. Nesse trecho Deligny faz um jogo de palavras com o vocábulo ON (que desde o início escolhemos traduzir por 'a gente', conforme já explicado) e a terminação 'on' da palavra 'institution'.

⁴⁰⁵"La lettre d'*Autrement* qui me demande quelques pages pour ce dossier à paraître me parle du rôle possible de ces alternatives dans un processus de changement de l'institution scolaire, en particulier après 78. Ma position a toujours été la même. Il y a l'institution, et il y a ces initiatives. C'est bien au ON de l'institution de décider ce qu'elle tente d'incorporer de ces initiatives où on voit bien qu'il y va de tout autre chose que de l'école. Il y a ce qui fonctionne, et il y a ce qui innove, ce qui découvre, ce qui crée hors de l'inéluctable cadastre qui prévoit. Il y a l'imprévu, tolérable ou non. Ça dépend. Il y a des moments où l'Institution, dont je majuscule l'initiale pour évoquer l'État, est particulièrement allergique à tout ce qui est hors le cadre. On peut penser, rêver au temps, proche ou lointain, où l'institution non seulement supporterait, tolérerait ces tentatives, mais les respecterait. Il faut toujours penser que tout peut arriver." (DELIGNY, 2007, p.1194).

A partir de *uma permanente escolha pela inadaptação*, Deligny desenvolveu tentativas fora do pressuposto da *semelhança* a um padrão normativo dominante. Tal escolha exigiu que as orientações de cuidado se pautassem pelo respeito às formas de existência que não se estruturavam por um funcionamento compreendido como normal. Disto se desdobrou que o cuidado formulado por *a gente* em relação aos indivíduos, que *em diferentes graus* apresentam uma esquivas à própria constituição do *homem-que-nós-somos*, impõe um respeito radical ao outro sem que este precise se tornar *o mesmo*. Colocamos a questão do *em diferentes graus* partindo da ideia de que a existência de uma margem sempre pressupõe algum tipo de ruptura com o sujeito. Desde uma ruptura que não é necessariamente sua não formação – os ditos inadaptados, retardados, delinquentes, atrasados, que marcaram os primeiros trinta anos do trabalho de Deligny – até uma ruptura completa, uma não formação do sujeito, e o surgimento de um Nós comum, anterior à divisão subjetiva que instaura o Eu, o reconhecimento de si e a consciência de ser - experimentada por Deligny na tentativa junto às crianças autistas em Cévennes.

Em nenhuma de suas tentativas houve a negação da importância da formulação de estratégias de cuidado em relação às pessoas consideradas à margem e que apresentavam diferentes tipos de sintomas como efeitos desta *inadequação*. No entanto, Deligny afirmou continuamente que era necessário que tal cuidado fosse operacionalizado a partir do respeito à margem, e não da reprodução dos mesmos padrões que a categorizaram enquanto tal. Podemos afirmar que Deligny reconheceu o lugar *da gente* na construção de estratégias de cuidado em relação à Nós, porém tal lugar só poderia ser formulado a partir da compreensão de que é a própria ruptura entre *a gente* e *Nós*, e todos os padrões de normalidade carregados a cada época e em cada contexto pelo *homem-que-nós-somos*, que se desdobra em um extremo sofrimento para diferentes pessoas e grupos.

O humano de natureza tem chance de persistir, fora dos casos de exceção representados pelos a-sujeitos autistas, apenas sob a proteção do sujeito das normas...; e reciprocamente, não se vê como o sujeito das normas poderia sobreviver se ele não mantivesse, em grau maior ou menor, uma comunidade com esse natural primordial a partir do qual ele retrabalha do fundo ao limite, sob

ângulos diversos, as modalidades de funcionamento.⁴⁰⁶ (MACHEREY, 2014, p.130)

A partir da tentativa em Cévennes, a reflexão de Deligny acerca da relação entre a inadaptação e os padrões de normalidade se desdobrou na compreensão de que existiria um polo constituído por *a gente*, sujeitos conscientes de si, e outro polo marcado pela ausência do sujeito, pelo humano de natureza. A partir desta tentativa ele desenvolveu mais claramente a ideia de que o respeito em relação a esse humano, o contato com um Nós primordial, constituía uma estratégia de cuidado em relação ao próprio sujeito. É nesse sentido que colocamos como questão para a reflexão institucional que as estratégias de cuidado desenvolvidas em relação à dita inadaptação devem ter como efeito o cuidado *da gente* e, portanto, a construção de tais estratégias deve se pautar também por essa necessidade. É preciso que a vida conjunta com a *anormalidade* possibilite perceber os efeitos danosos que a adequação aos padrões de normalidade instituídos causa no próprio sujeito.

Em Cévennes, as diferentes estratégias desenvolvidas possibilitaram aos adultos das áreas de convivência uma liberação da sobrecarga de *se saber ser*, da representação, da possibilidade de tudo nomear. Sobrecarga que se desdobra inevitavelmente na ruptura com um mundo infinitivo, real, experimentado, surpreendente, e no predomínio da produtividade, do fazer como, do projeto pensado. A vida comum com seres que não *se sabem ser*, refratários a tudo aquilo que compõe e estrutura o campo do sujeito, a Palavra, a Norma, a Instituição (entidades maiúsculas, como chamou Deligny) criou um lugar de cuidado do *homem-que-nós-somos*.

A instituição deve criar, portanto, desvios à ruptura entre formas de vida legítimas, e portanto cuidadoras, e formas de vida que precisam ser cuidadas, supervisionadas, vigiadas, excluídas. Inaugurar-se-ia, dessa maneira, um espaço de cuidado comum, onde diferentes maneiras de ser, incluídas as que não *se são*, poderiam aproveitar formas de cuidado sensíveis às diferenças, espaços de

⁴⁰⁶"L'humain de nature n'a de change de persister, en dehors des cas d'exception représentés par les a-sujets autistes, que sous la protection du sujet des normes...; et réciproquement, on ne voit pas comment le sujet des normes pourrait survivre s'il ne maintenait, à un degré plus ou moins élevé, une communauté avec ce naturel primordial dont il retravaille de fond en comble, sous des angles divers, les modalités de fonctionnement." (MACHEREY, 2014, p.130).

cuidado onde uma camada primordial, entidade minúscula, pudesse aparecer. O medo da perda de controle que marca o polo do Sujeito e que estaria representado pelas formas de vida inadaptadas, não pode instaurar desenhos institucionais marcados pela dominação e pela opressão e que sirvam para solapar aquilo mesmo que deveria ser cuidado.

No que concerne às crianças autistas, de onde vem essa carência da tomada de consciência de ser que sela aquilo que pode se dizer o homem? Este não é o meu propósito; o fato é que na falta dessa marca cultural, o modo de ser dessas crianças-aí aparece como sendo de uma natureza que não é a nossa. Ou nós as pensamos semelhantes a nós, mas em um estado embrionário - da mesma forma como os etnólogos que viam nas maneiras de ser dos povoados observados apenas aquilo que podia ser considerado como aspectos embrionários da nossa sociedade normalmente desenvolvida -, ou esse modo de ser, que por sinal é sensivelmente comum às crianças autistas, é respeitado enquanto diferente, enquanto outro. Ao invés de instaurar um processo de assimilação/eliminação, nós tentamos manter uma posição de vizinhança de boa liga...Nossa natureza a nós é aquela de seres conscientes de ser que vivem, portanto, sob isso que se diz a lei da linguagem. Longe de mim a ideia de que nós poderíamos descobrir essas outras leis que são ou seriam da ordem das leis da natureza.⁴⁰⁷ (DELIGNY, 2007, p.1386)

Pierre Clastres observa a passagem da atividade de produção ao trabalho alienado através do fato de que alguns aproveitam deste em detrimento de outros que são a maioria. Ora, antes dessa 'passagem'-aí, trata-se de outra que nós conhecemos bem por vivê-la todos os dias, que pode ser dita a passagem do *agir* ao *fazer*, o *agir* se alienando pelo fato do querer - fazer o que quer que seja -, querer que exige essa consciência de ser que nos faz isso que somos e nos faz fazer isso que há a fazer, a consciência de ser sendo a condição mesma para o mínimo *fazer* cujo mais simples é fazer signo. Dizer que o *agir* se aliena no *fazer* é apenas uma forma de dizer que permite enfatizar a presença do *se* sem a vontade do qual - *se* sendo o signo da presença do ser consciente de ser - nenhuma 'alienação' é possível.⁴⁰⁸ (DELIGNY, 2007, p.1394)

⁴⁰⁷"Pour ce qui concerne les enfants autistes, d'où provient la carence de cette prise de conscience d'être qui est le sceau de ce qui peut se dire l'homme? Là n'est pas mon propos ; le fait est que, à défaut de cette empreinte culturelle, le mode d'être de ces enfants-là apparaît comme étant d'une nature qui n'est pas la nôtre. Ou nous les pensons semblables à nous mais à un stade embryonnaire - tout comme les ethnologues qui ne voient dans les manières d'être des peuplades observées que ce qui pourrait être considéré comme des aspects embryonnaires de notre société normalement développée -, ou ce mode d'être, qui d'ailleurs est assez sensiblement commun aux enfants autistes, est respecté en tant que différent, en tant qu'autre. Au lieu d'engager un processus d'assimilation/élimination, nous tentons de maintenir une position de voisinage de bon aloi...Notre nature à nous est celle d'êtres conscients d'être qui vivent donc sous ce qui se dit la loi du langage. Reste ce qu'il peut en être d'humain, hors les effets de cette loi. Loin de moi l'idée que nous pourrions découvrir ces autres lois qui sont ou seraient de l'ordre des lois de la nature." (DELIGNY, 2007, p.1386).

⁴⁰⁸"Pierre Clastres guette le passage de l'activité de production au travail aliéné de par le fait que certains en profitent au détriment des autres qui sont la plupart. Or, avant ce 'passage'-là, il y en a

O que seria de um modo de relação que não fosse útil à sociedade, não utilizável, não utilizado? Um modo de relação fora de função. Isso tem lugar todo o tempo, isso existe entre as pessoas, foi levado um pouco mais ao seu limite aqui, porque se trata de Janmari que parece não responder. Mas é certo que eu fico muito mais contente em vê-lo dançar na frente de um saco de farinha do que se ele dançasse em frente a mim. É verdadeiramente minha festa quando ele dança, bem contente que foi permitido a ele qualquer coisa.⁴⁰⁹ (DELIGNY, 2007, pp.706/707)

Existe outra importante questão que emerge das tentativas de Deligny. Seria possível efetuar processos que se mantivessem permanentemente como processos ou todo movimento criativo tenderia necessariamente para a concretização de uma criação? Todo processo instituinte deriva obrigatoriamente em uma instituição que cristalize formas e lugares específicos? Como vimos, em todas as tentativas Deligny operou formas de colocar em questão a produtividade e a utilidade como orientadoras das atividades desenvolvidas. Nesse mesmo movimento era destituída a importância do projeto pensado enquanto estrutura preelaborada para o alcance de objetivos anteriormente traçados. Essa forma de funcionamento, característica das estruturas institucionais, parte do pressuposto de que um processo é válido apenas quando ele é capaz de gerar resultados produtivos. O que é outra forma de dizer que para cada atividade criativa deve caber a fixação de uma criação adequada.

As tentativas não deixaram de ser permeadas por variados pequenos projetos, porém estes não tinham seu valor como meio para o alcance de uma meta específica, mas como forma de engajamento comum e de abertura, a partir das ocasiões percebidas, para novas circunstâncias e novos agires. Isto aparece claramente desde as tentativas nas escolas, passando pelo asilo, pelo COT, e pelas estadias de ensaio da Grande Cordée. Em Cévennes, a forma de realização das

un autre, que nous connaissons bien pour le vivre tous les jours, qui peut se dire le passage de l'*agir* au *faire*, l'*agir* s'aliénant de par le fait du vouloir - *faire* quoi que ce soit - vouloir que nécessite cette conscience d'être qui nous fait ce que nous sommes et nous fait faire ce qu'il y a à faire, la conscience d'être étant la condition même du moindre *faire* dont le plus simple est de faire signe. Dire que l'*agir* s'aliène dans le *faire* n'est qu'une tournure du dire qui permet de faire ressortir la présence de *s'* sans le vouloir duquel - *s'* étant le signe de la présence de l'être conscient d'être - nulle 'aliénation' n'est possible." (DELIGNY, 2007, p.1394).

⁴⁰⁹"Qu'en serait-il d'un mode de relation qui ne serait pas utile à la société, pas utilisable, pas utilisé? Un mode de relation hors fonction. Ça joue tout le temps, ça existe bien entre les gens, c'est porté un peu plus à son comble ici, parce qu'il y va de Janmari qui semble ne pas répondre. Mais c'est sûr que je suis bien plus content de le voir danser devant un sac de farine que s'il dansait devant moi. C'est vraiment ma fête quand il danse, bien content qu'on lui ait permis quelque chose." (DELIGNY, 2007, pp.706/707).

atividades pelas crianças inspirou o aprofundamento da ideia do *agir para nada*. Por exemplo, as horas destinadas à lavagem da louça e o tempo disponibilizado para varrer um cômodo, ações onde não apareciam um objetivo final orientado pela produtividade, seja a louça lavada ou o cômodo varrido. Poderíamos dizer que este agir infinitivo é do mesmo âmbito de um estabelecer regular que cria um movimento contínuo e sem fim (em seu duplo sentido de término e de finalidade). O *fazer alguma coisa* é da ordem do projeto pensado e da instituição. O debate institucional demanda a reflexão sobre a criação de espaços que permitam o surgimento destes pequenos projetos capazes de promover a participação de todos a partir de ações infinitivas sem falta e sem fim. A criação de mapas pode ser uma importante ferramenta para o deslocamento, em relação ao trabalho realizado dentro das instituições, dos resultados para os processos e percursos.

Vê-se bem que esse palpitar da mão não é em nada um ato falho. Talvez um ato inacabado. Mas pode-se dizer que esses atos inacabados um dia ou outro se concluem? Não, a menos que advenha esse S, que mais ou menos consciente de seu próprio fim, determinará que seu gesto significa alguma coisa e vê-se bem que essa coisa, então, não é nem um pouco qualquer, e não é coisa, mas signo.⁴¹⁰ (DELIGNY, 2008, p.164)

Porém, é importante considerar que para Deligny, como observamos, toda tentativa tende ao fim pela captura institucional e sua natureza, dessa forma, é sempre efêmera e precária. Isto parece uma forma de afirmar que não existiria um processo que pudesse ser permanente infinitivo. Por outro lado, Deligny percebe no *humano* a presença de um *agir infinitivo*, refratário ao sujeito e, portanto, à instituição. Poderíamos então pensar que no âmbito do *homem-que-nós-somos* não há possibilidade de movimentos criativos que não tendam à formação de significados, mas simultaneamente que há a possibilidade de a todo tempo os significados, as instituições, os sujeitos serem atravessados por marcas do humano refratário àquilo mesmo que define o *homem-que-nós-somos*.

⁴¹⁰"On voit bien que ce palpiter de la main n'est en rien un acte manqué. Acte inachevé plutôt. Mais, peut-on dire que ces actes inachevés un jour ou l'autre s'achèvent? Non, à moins qu'advienne cet S qui, plus ou moins conscient de sa propre fin, déterminera que son geste signifie quelque chose, et on voit bien que cette chose, alors, n'est pas du tout quelque, et n'est pas chose, mais signe." (DELIGNY, 2008, p.164).

A luta de Deligny foi inicialmente uma luta de resistência criativa dentro das instituições. Uma ação refratária que abriu espaços para entrever outras possibilidades de funcionamento destas, sem propô-las como respostas únicas para os problemas institucionais. A não proposição de modelos foi outro meio desenvolvido por Deligny para que suas tentativas se mantivessem como processos de criação que não derivassem em uma institucionalização determinada. Práticas atravessadas por *agires para nada* e pelo humano.

Porém, se Deligny não propôs métodos fechados ou formatos adequados, ele afirmou a necessidade permanente da formulação de esquivas. Ele trabalhou ao mesmo tempo a partir da precariedade e do inevitável fim das tentativas como estratégia de defesa aos processos institucionalizantes e apostou na necessidade de uma permanência e de uma continuidade específicas. As esquivas permanentes se deram pela contínua percepção sensível em torno das ocasiões para a criação de novas circunstâncias que possibilitassem a organização de espaços propícios para a *inadaptação*. Aparece então que o esforço por uma não institucionalização dos processos passa pela afirmação de uma permanência. Essa permanência, no entanto, é diferente da rigidez do método ou do modelo: ela é fundada na possibilidade de estar em *presença próxima*, lugar sensível às brechas que transformam as circunstâncias de vida e ao cuidado com o espaço partilhado. Se colocar como presença próxima da inadaptação se revela como a permanência precária capaz de desestabilizar o tempo enrijecido da instituição.

No entanto, é tênue a linha que diferencia esses limites na construção prática de processos coletivos. Em diferentes momentos, por exemplo, poderíamos perceber o que acontece nas tentativas como indícios de processos institucionalizantes. Toda permanência de uma forma ou de outra parece se aproximar de um processo de estabilização do movimento criativo. Mas não é nosso propósito resolver tal questão. Parece menos importar a resposta e mais a tensão colocada pelo problema de como em meio às formas de fazer poderiam surgir espaços infinitivos; em meio às instituições serem criados espaços de estabelecer; em meio às leis de funcionamento, aparecerem regularidades de organização de lugares comuns. Como *fora* do quadro institucional poderiam proliferar outras formas, outras tentativas. É preciso de tudo para que um mundo se refaça.

No texto *Le Groupe et la Demande*, escrito durante o período da Grande Cordée, como vimos, Deligny questiona qual grupo eles formavam no tempo da tentativa em Armentières. Percebemos se aprofundar, a partir da Grande Cordée e em Cévennes, uma preocupação na reflexão de Deligny sobre as formas possíveis de estar em conjunto. Ele contrapõe duas possibilidades: as formas coletivas ou comunitárias e o comum. A questão seria refletir sobre quais os parâmetros de *estar junto* elas colocam em prática, sobre quais compreensões acerca da vida ou da atividade comum elas se estruturam, o que elas reproduzem, por exemplo, das lógicas dominantes e das violências institucionais.

A dispersão durante a segunda metade da década de 1950 da tentativa da Grande Cordée pelo território francês foi o grande impulso para a reflexão de Deligny sobre a diferença entre coletivo e comum. A dispersão pelo território impôs a desconstrução dos grandes pressupostos que em geral definem as experiências coletivas, como as normas de funcionamento dos grupos, das organizações e das instituições; os papéis e as funções determinadas; os lugares hierárquicos; a divisão de tarefas a partir desses lugares. Para Deligny o coletivo é uma instância de *reunião de sujeitos*, enquanto o comum é anterior à diferenciação das propriedades particulares de cada um. Em Cévennes, a vida junto com as crianças determinou a transição definitiva para a compreensão das tentativas como a construção de formas de vida *comum*.

Quando pensamos sobre a crítica institucional ao longo do trabalho de Deligny, o foco principal, determinado pelo problema sobre o qual este trabalho pretendeu refletir, foram as instituições enquanto dispositivos do Estado - e da iniciativa privada - voltadas para a gestão de determinadas pessoas ou grupos. No entanto, quando se aborda o problema da Instituição, pode-se também discutir de maneira mais abrangente as formas de organização dos coletivos de militância, dos grupos, dos movimentos sociais. A forma como concebemos a construção dessas iniciativas dependerá da maneira a partir da qual compreendemos a base das mesmas. Se as percebemos possuindo como base orientadora o *homem-que-nós-somos*, então o que orientará sua formação e seu funcionamento serão a linguagem, o sujeito e sua identidade, a vontade, e as propriedades particulares da cada um. Se as percebemos a partir do *humano* aquém do sujeito, partiremos de

pontos de referência no espaço para pensar os territórios construídos na ação comum, da busca por lugares propícios para o surgimento de iniciativas fora dos projetos formulados como orientadores da ação coletiva, de formas de organização comum que não tenham por base as características particulares que definem as identidades dos sujeitos envolvidos.

Pensamos, com Deligny, que um coletivo é sempre, com diferentes níveis de hierarquização, de autonomia de gestão, de horizontalidade dos papéis e funções, uma reunião de sujeitos com identidades definidas. O comum, por sua vez, se constitui não a partir de tais identidades subjetivas, mas da implicação conjunta no cuidado de um espaço de vida. Em nossa experiência no trabalho e na militância no campo dos direitos humanos, as repercussões e as violências das divisões que marcam a instauração do sujeito, a divisão na própria luta entre um Eu legítimo e um Outro ilegítimo, percorrem diferentes espaços e ganham personagens variados a cada vez. Sofre-se no corpo os danos advindos da possibilidade de dizer o lugar do outro a partir de um ponto de vista próprio. A uma pessoa, a um grupo, às diferentes classes sociais. Do ponto de vista próprio desdobra-se um lugar de fala compreendido como legítimo e que deslegitima todos os outros possíveis atores da luta. Se na militância é importante reconhecer o protagonismo, a cada situação, das pessoas diretamente envolvidas em uma determinada questão da luta ou em uma violação de direitos específica, tal protagonismo, na maioria das vezes, se desdobra em uma não legitimação de qualquer outro e em rupturas internas fragilizadoras da própria luta. Uma questão que nos acompanha há muito tempo na reflexão sobre a militância é a de se existiria outra forma para se pensar a resistência que fosse comum a um Nós ou se as lutas são necessariamente sempre identitárias?

"Mas o hábito é tão inveterado de se respeitar o outro enquanto um que tudo parece dito quando é evocado o respeito a sua identidade, isso que pode querer dizer semelhança ou singularidade. E aí está o impasse."⁴¹¹ (DELIGNY, 2007, p.1266)

⁴¹¹"Mais l'habitude est si invétérée de respecter l'autre en tant qu'un que tout semble dit lorsqu'est évoqué le respect de son identité, ce qui peut vouloir dire ressemblance ou singularité. Et là, c'est l'impasse." (DELIGNY, 2007, p.1266).

Ao observarmos a força de atração que os grupos e movimentos exercem, apesar dessa violência majoritariamente presente, para pessoas de origens e situações de vida tão disparatadas, é impossível não pensar que existe algo outro - para além das questões identitárias - que atravessa a formação dos coletivos de militância. Mas o que promoveria a força de atração desses movimentos que na borda são quase sempre identitários?

Onde reaparecem as duas liberdades, uma sendo de *faire* isso que (você) quer e a outra de *agir* sem querer, todo querer estando previamente submetido ao consentimento, mesmo e sobretudo, quando se trata de se sentir único e sozinho e bem estranho, o que não corre o risco de acontecer com uma criança autista.⁴¹² (DELIGNY, 2007, p.1271)

Seguindo este trecho do texto *Les détours de l'agir ou le moindre geste*, aparece uma brecha para refletir sobre os movimentos de luta. Para além das demandas identitárias, da luta por direitos de tal ou qual grupo, da própria luta por direitos que pressupõe um sujeito que os possua, os encontros coletivos são movidos por outra força. A busca por uma liberdade da ordem do humano, da espécie, de agir fora da lógica do consentimento (do contrato, do direito). Anterior à ruptura do sujeito, às violências das propriedades particulares e das coletividades, permanece um traço de liberdade, memória de espécie que nos coloca em luta.

E não é verdadeiramente surpreendente que na origem de uma etnia encontra-se essa intenção quase por reflexo de partir. Era suficiente, para qualquer um de nós, ver a maneira pela qual Janmari era abordado por qualquer defensor do poder soberano do *se pretender*, para nos sentirmos feridos, prova de que esse *nós* de entre nós já existia, pois não era, para dizer a verdade, cada um de nós que se sentia provocado, mas verdadeiramente o *nós* que nós estávamos a caminho de nos tornarmos.⁴¹³ (DELIGNY, 2007, p.1449)

⁴¹²"Où réapparaissent les deux libertés, l'une étant de *faire* ce que (tu) veux, et l'autre d'*agir* sans vouloir, tout vouloir étant préalablement soumis à l'assentiment, même et surtout lorsqu'il s'agit de se ressentir unique et seul et bien étrange, ce qui ne risque pas d'advenir à un enfant autiste." (DELIGNY, 2007, p.1271).

⁴¹³"Et il n'est pas tellement étonnant qu'à l'origine d'une ethnie on trouve cette intention quasiment réflexe de se tirer. Il suffisait, à n'importe lequel d'entre nous de voir la manière dont Janmari était abordé par quelque tenant du souverain pouvoir du soy-disant pour nous sentir blessés, preuve que ce *nous* d'entre nous existait déjà, car ça n'était pas, à vrai dire, chacun de nous qui se sentait provoqué, mais bel et bien le *nous* que nous étions en passe de devenir." (DELIGNY, 2007, p.1449).

Em um arranjo coletivo necessariamente predominam o projeto pensado, os objetivos traçados e os sujeitos que *se* reconhecem como *semelhantes* entre *si*. De onde tantos outros excluídos de uma participação legítima. Um encontro comum, movido pela memória de um traço de liberdade anterior ao sujeito, liberdade de agir, coloca em movimento territórios partilhados não pela identidade e consequentemente pela semelhança, mas pela organização de lugares comuns orientada pela memória do próprio território e anterior aos sujeitos determinados. Podem assim aparecer, nos trajetos percorridos a cada momento, os pontos de referência de tantos anos, de tantas vidas, de tantas lutas.

Ele⁴¹⁴ não se deixa devorar, diz Deligny, somente pelo projeto da manifestação, mas localiza, nos traços do território, aquilo que pode maximizar sua potência. Inteligência, mas também sensibilidade política: em relação à terra, à história, ao povo presente, ao tempo, em suma aos traços que não são apenas dos sujeitos que se manifestam, mas de todo o território. Não se esgotar no projeto desejado é não se deixar guiar somente pela finalidade, por uma moral ou uma palavra de ordem - ou seja, recusar toda palavra que vem do alto ou as palavras que circulam -, mas estar atento à situação. A marcha, sabendo se basear em uma certa tradição, em uma certa cultura popular do lugar, retomando os trajetos tradicionais, faz desse território sua potência...Deligny lê essas propostas à luz da experiência com as crianças autistas que fazem, de maneira surpreendente, sempre os mesmos

⁴¹⁴"Eu releio o que conta o condutor da longa luta dos Chicanos - emigrantes mexicanos - na Califórnia, nos últimos tempos. Durante as caminhadas mais importantes, além dos cartazes, havia a sigla do movimento e uma bandeira da Virgem Maria, que já se encontrava por lá durante a guerra de Independência do México; além disso, as manifestações mais bem sucedidas tinham sido aquelas que tomaram - retomaram - o caminho das peregrinações de antigamente. Os Chicanos católicos? Sem dúvida. Sobre o arcnídeo, que dizer, nesse trajeto, a parte do projeto de ir manifestar em frente a sala do tribunal e a parte do trajeto reiterado desde sempre e qualquer que fosse o projeto. Que haja coincidência entre o projeto desejado, decidido, e o trajeto de antigamente, provoca ressonâncias que o condutor - que tem bons ouvidos - percebeu. Se esse condutor tivesse sido devorado pelo projeto do qual ele era o porta-voz, ele estaria surdo para essas ressonâncias e ele teria expulsado do cortejo os vestígios que não tinham nada a ver com o sentido da manifestação; o objeto mesmo do projeto, objeto que, de uma certa forma, é o homem mesmo que deseja ter acesso a mais dignidade. Se o homem se compreende como um projeto que decide por si mesmo, ele se torna, então, o objeto desse projeto. "Je relis ce que raconte le meneur de la longue lutte des Chicanos - émigrés mexicains - en Californie, ces temps derniers. Lors des marches les plus importantes, outre les pancartes, il y avait le sigle de leur mouvement et une bannière de la Sainte Vierge qui s'était déjà trouvée là lors de la guerre d'Indépendance du Mexique; de plus, les manifestations les plus réussies ont été celles qui ont pris – repris – le chemin des pèlerinages d'antan. Les Chicanos catholiques? Sans doute. Reste l'aracnéen, c'est-à-dire, dans ce trajet, la part du projet d'aller manifester devant la salle du tribunal et la part du trajet réitéré depuis toujours et quel que soit le projet. Qu'il y ait coïncidence entre le projet voulu, décidé, et le trajet d'antan, provoque des résonances dont le meneur – qui a de bonnes oreilles – s'aperçoit. Si ce meneur était dévoré par le projet dont il est porteur, il serait sourd à ces résonances et il aurait bouté hors du cortège les vestiges qui n'avaient rien à voir avec le sens de la démarche; l'objet même du projet, objet qui, d'une certaine manière, est l'homme qui veut avoir accès à plus de dignité. Si l'homme entend être un projet qui décide de lui-même, il devient donc l'objet de ce projet." (DELIGNY, 2008, p.47). O condutor da manifestação a que Deligny faz referência é César Chávez (1927-1993).

trajetos; elas os reiteram, como se elas fossem obrigadas a seguir os traços, para nós invisíveis, do território. Deligny associa essa memória autista à *memória da espécie*.⁴¹⁵ (MIGUEL, 2016, p.183)

O estabelecido não é a lei que é assunto da palavra. O animal humano é de uma espécie particular, tão desprovida por sua natureza que para preencher todas essas lacunas originárias ela se obrigou a conceber sua plena realização, o que é uma ilusão. Ela é ilusão. Que essa ilusão seja necessária a torna tirânica e maldicente. Tudo aquilo que é apenas um efeito de sua existência, ela utiliza para justificar sua necessidade, e as reações contra seu domínio raivosos, ela designa como vindas do fundo da natureza. Tudo aquilo que é efeito de sua ditadura se torna indício de que sem ela e seu poder absoluto, onde nós iríamos: os filhos matariam seus pais e pegariam suas mães. Vive e perdura a boa soberania que, no entanto, nos leva a massacres monstruosos dos quais os pequenos, ao escutar as histórias, se encontram cobertos de uma glória póstuma! Que a ferramenta tenha se tornado máquina nos indica como a referência tornada signo nos leva ao delírio que é de se tomar por fim.⁴¹⁶ (DELIGNY, 2007, p.721)

A diferenciação entre Lei, enquanto normatização do sujeito e que se materializa através das instituições, e a regularidade enquanto forma de ordenação do humano que promove um estabelecimento costumeiro (por vezes designada por Deligny também como lei - leis do outro polo, leis do humano de natureza) é uma questão central no trabalho de Deligny. Propomos a partir dos textos lidos e dos percursos aqui desenvolvidos que emergem dessa escrita, que o humano poderia apenas aparecer através de uma regularidade que estabelece um costumeiro a partir de pontos de referência em um espaço. A regularidade não

⁴¹⁵"Il ne se laisse pas dévorer, dit Deligny, par le seul projet de la manifestation, mais repère, dans les traces du territoire, ce qui peut maximiser sa puissance. Intelligence, mais aussi sensibilité politique: par rapport à la terre, à l'histoire, au peuple présent, au temps, bref aux traces qui ne sont pas aux sujets seuls qui manifestent, mais à tout le territoire. Ne pas s'épuiser dans le projet voulu, c'est ne pas se laisser guider par la seule finalité, par une morale ou un mot d'ordre – c'est-à-dire, refuser toute parole qui vient du haut ou des mots en l'air –, mais être attentif à la situation. La marche, sachant s'ancrer dans une certaine tradition, dans une certaine culture populaire du lieu, en reprenant les trajets traditionnels, fait de ce territoire sa puissance. (...) Deligny lit ces propos à la lumière de l'expérience avec les enfants autistes qui font, de manière étonnante, toujours les mêmes trajets; ils les réitèrent, comme s'ils étaient obligés de suivre les traces, pour nous invisibles, du territoire. Deligny associe cette mémoire autiste à la *mémoire d'espèce*." (MIGUEL, 2016, p.183).

⁴¹⁶"L'établi n'est pas la loi qui est affaire de parole. L'animal humain est d'une espèce particulière, si dépourvue de par sa nature que pour combler toutes ses lacunes originelles elle s'est trouvée devoir assumer son achèvement qui est un leurre. Il est leurre. Que ce leurre soit nécessaire le rend tyrannique et médisant. Tout ce qui n'est qu'effet de son existence, il l'utilise pour en justifier la nécessité, et les réactions contre son emprise forcenée, il les désigne comme venant du fin fond de la nature. Tout ce qui n'est qu'effet de sa dictature devient indice que sans lui et son pouvoir absolu, où irions-nous: les fils tueraient leur père et prendraient leur mère. Vive et perdure la bonne souveraine qui par ailleurs nous mène à des massacres monstrueux dont les petits, à en écouter le récit, s'en retrouvent couverts d'une gloire posthume! Que l'outil soit devenu machine nous indique comment le repère devenu signe nous mène au délire qui est de se prendre pour fin." (DELIGNY, 2007, p.721).

pode ser instaurada por uma Lei organizadora, nem construída a partir das propriedades particulares das pessoas envolvidas em sua construção.

Eu falo de estabelecido, eu não falo de lei. A lei é da ordem da palavra, o estabelecido é de uma outra matéria. Os gestos costumeiros, um dia encontrados aí, chegam a se repetir a tal ponto que ao ver e rever eles podem ser previstos. E essa trama permeada de objetos, pontuada de palavras, atrelada ao lugar e cheia de nuances que eu aprendi a perceber. Aí onde alguns veriam apenas pessoas, vivendo naquele instante e naquele lugar, observando por mais tempo e com um outro olho aparece e se precisa, na clareza do momento, esse estabelecido que eu só posso descrever tendo como recurso as imagens. Todos esses fios de aranha quase invisíveis na luz, que uma forma branca venha se arrastar por ali e veja aí esse invisível que aparece...ligações que no instante anterior estavam escondidas. A pessoa, o personagem (que ninguém pode deixar de ser) afastados, ocultos, não percebidos, na luz do momento pode aparecer todo um cordame sem véus, cujas ligações, traços de gesto criam esse estabelecido do qual eu quero falar, e aí onde se fazem e se refazem uma hora após a outra, um dia após o outro. Se bem que cada fio não seja completamente idêntico ao que o precedeu, frequentemente é preciso de pouco, pois todo objeto manejado os religa.⁴¹⁷ (DELIGNY, 2007, pp.719)

Durante a tentativa de Cévennes, através dos mapas e filmes, foi possível observar como as crianças agiam a partir daquilo que Deligny chamou de aparelho a referenciar e, assim, a partir de uma lógica espacial. A construção conjunta do costumeiro nas áreas de convivência, através da espacialização permanente das coisas e das atividades, se tornou o meio de formação de lugares propícios que permitiram os agires das crianças a partir de uma dinâmica constante. Era o território que, na ausência do nome próprio, garantia a construção de um comum entre todos que o compunham. Assim, pensar o espaço a partir de sua regularidade coloca como diretriz fundamental o estabelecimento de uma

⁴¹⁷"Je parle d'établi et je ne parle pas de loi. La loi est de l'ordre de la parole, l'établi est d'une autre matière. Les gestes d'usage, un jour retrouvés là, en viennent à se répéter si bien qu'à les voir et revoir ils prêtent à être prévus. Et cette trame parsemée d'objets, ponctuée de paroles, accrochée au lieu est toute en nuances que j'ai appris à percevoir. Là où d'aucuns ne verraient que des personnes, vivant dans cet instant et à cet endroit-là, à y regarder plus longtemps et d'un autre œil s'esquisse et se précise dans la clarté du moment cet établi que je ne peux décrire qu'en ayant recours à des images. Tous ces fils d'araignée quasiment invisibles dans la lumière, qu'une forme blanche vienne à traîner par là et voilà cet invisible qui apparaît...cordages qui l'instant d'avant étaient secrets. La personne, le personnage (que tout un chacun ne peut faire autrement que d'être) écartés, enfouis, non perçus, dans la lumière du moment peut apparaître tout un gréement sans voiles, dont les cordages, traces de gestes, créent cet établi dont je veux parler et là où ils se font et se refont une heure après l'autre, un jour après l'autre. Et bien que chaque fil ne soit pas tout à fait identique à celui qui l'a précédé, il s'en faut souvent de peu, car tout objet manié les rallie." (DELIGNY, 2007, pp.719).

constelação de referências anteriores à linguagem e potentes para a fundação de um lugar comum que independa dos sujeitos que nele se formam. Esse lugar se estabelece exatamente pelo cuidado com o espaço e pela destituição da relação direcionada aos sujeitos. Tal regularidade estabelece um imutável que não é imóvel. Ele se modifica com as mudanças advindas ao território e constitui a memória comum daquele espaço, e tal memória é comum - ou de espécie -, exatamente porque não pertence a nenhum sujeito determinado. Por sua vez, o imutável decorrente da instituição da Lei se caracteriza por uma imobilidade intrínseca, mesmo que as leis variem ao longo do tempo, aquilo que as produzem é a possibilidade de cristalização de determinados preceitos e comportamentos como legítimos em diferentes momentos históricos. O imutável da regularidade se dá, portanto, por uma constância advinda de um movimento permanente, enquanto o da Lei se constitui por uma imobilidade decorrente de sucessivas cristalizações.

Constata-se que nós perdemos a memória, eu quero falar da memória específica, ocultada pela memória étnica: nós perdemos seu uso, amnésicos ao ponto que nos é necessário recorrer aos traços, aos mínimos traços expressões de trajetos e gestos *d'erre*, restos de linhas a partir das quais nos será necessário encontrar as leis dessa outra gravidade em relação a qual nós não sentimos os efeitos, e que nos são tão estrangeiras quanto as leis da natureza.⁴¹⁸ (DELIGNY, 2007, pp.1284/1285)

No livro *Adrien Lomme*, escrito por Deligny durante a Grande Cordée, foi possível perceber o desenho de um espaço definido pela imutabilidade da Lei e sua potência de constituição de sujeitos determinados, que passam a existir tão somente a partir da relação de correspondência ou de não correspondência com ela. As crianças do livro só tinham materialidade na relação com as instituições que formavam quatro importantes apoios da normalidade: a família, a escola, o asilo e a polícia. O livro coloca um importante debate sobre as instituições. Essas são desde sempre um espaço de efetuação das leis que definem o estatuto do

⁴¹⁸"Il s'avère que nous avons perdu la mémoire, je veux parler de la mémoire spécifique occultée par la mémoire ethnique: nous en avons perdu l'usage, amnésiques au point qu'il nous faut recourir aux traces, aux moindres traces manifestes des trajets et gestes d'erre, bribes de lignes à partir desquelles il nous faudrait trouver les lois de cette autre gravité dont nous ne ressentons pas les effets, et qui nous sont aussi étrangères que ne le sont les lois de la nature." (DELIGNY, 2007, pp.1284/1285).

sujeito de direitos ao mesmo tempo em que determinam quais sujeitos possuem o direito de ter direitos e, no fundo, de existir. Os papéis das instituições são, portanto, o de concretamente garantir a formação de sujeitos que reproduzam os sentidos da Lei, enquanto definidora das formas adequadas de vida, e o de operacionalizar as medidas necessárias em relação àqueles que não são aptos a esta reprodução. Além dos efeitos nefastos em relação às camadas *anormais*, a dominação da Lei, enquanto fundamento da experiência humana, tem por consequência, para o sujeito considerado normal, a redução da percepção de si mesmo exclusivamente a partir de sua instauração enquanto sujeito de direitos. O indivíduo é sempre e desde já aquele que é dotado de vontade e de propriedade.

O Direito e a Lei como instrumentos de dizer a verdade - a legalidade - marcam a ruptura instaurada pela linguagem, entre o Eu e o Outro. O Outro se configura dessa forma como um resto passível de ser descartado da categoria do *homem-que-nós-somos*. Nesse movimento, ainda que tal resto legalmente permaneça como sujeito de direitos, ele se torna objeto de violações legítimas praticadas por outros sujeitos ou pelo próprio Estado. É possível pensar que sendo da ordem do sujeito, o direito nada conserva de efetivamente humano. O humano colocado para *fora* dele o torna coisa do *homem-que-nós-somos*, já determinada pela divisão entre *a gente* e os outros. Podemos observar na noção de infância inadaptada que determinou o contexto histórico do trabalho de Deligny um exemplo claro desta operação. Tal noção, a partir da instauração de determinados padrões de normalidade, possibilitou uma diversidade de ações violadoras dos direitos mínimos garantidos aos sujeitos. Tais ações mesmo que muitas vezes ilegais eram tidas, ao mesmo tempo, como legítimas, baseadas no recorte entre seres *normais* e *anormais* que fundamenta a Lei.

Todas essas práticas que levam ao direito, como todos os caminhos levam a Roma, produzem as coletividades e ignoram deliberadamente aquilo que pode ser do comum, da mesma forma que a realidade se elabora como sendo aquilo que ilude o real inconcebível, chegando a fazer brotar abordagens parciais das quais as descobertas nos surpreendem, mas não nos incomodam, esse 'nós' sendo a ideia adquirida que nós herdamos. Existe aí como um patrimônio sagrado do qual os efeitos são ricos em desastres, mas como se diz, parece que todo mal vem da natureza do homem ainda não convenientemente vigiada, enquanto pode ser que, por mal conhecer sua natureza própria, o homem se obstine a promover seu direito

a ser a-humano, o direito ignorando todos os *desvios do agir*; é seu papel e seu dever eliminá-los.⁴¹⁹ (DELIGNY, 2007, pp.1298/1299)

Assim, por estar fundado na dualidade inauguradora da Lei, o direito pode chegar a legitimar ações que sejam ilegais, porém concebidas como necessárias para a manutenção da ordem de normalidade que garante a sobrevivência da sociedade. O reconhecimento de direitos universais baseados na figura do sujeito de direitos encontra como limite a própria Lei, que ao mesmo tempo fundamenta a existência do direito e garante que a efetivação deste tenha como limite a garantia da ruptura entre uns e outros. A cada época os outros mudarão de cara, mas restará sempre a possibilidade de traçar essa linha divisória capaz de legitimar as mais diversas ilegalidades.

Resta o humano do indivíduo indistinto, fora-da-lei desde sempre e já, o que não quer dizer nem um pouco que ele seja o mínimo transgressor, o ele que decorre do se distinguir não sendo desse mundo-aí.⁴²⁰ (DELIGNY, 2008, p.126)

Já existiram grupos humanos que não eram sociedades? Talvez e por que não? Mas a ruptura intervém através do acesso ao dizer, a sociedade então tramada é aquilo que permite a persistência do grupo eclipsado pelo querer do qual o poder procede. Pode-se dizer então que o querer é político: trata-se de querer o político, o o sendo o lugar da insolúvel confusão. Todo mundo quer o político, mesmo que todo querer se torne isso que o político espera que ele seja. Resta isso que seria a 'natureza humana' desprovida de querer e onde o *agir*, por mais complexo que ele possa ser, não é querer, de onde esse poder é esquivado, e não por intuição ou por qualquer intencionalidade sociológica mais ou menos inconsciente, chegando ao ponto de pensar que essa intencionalidade existe efetivamente, mas ainda é necessário uma sociedade existente ou em vias de existir, isso que demanda a existência do *se dizendo* ou, ao inverso, a sociedade tramada vai 'se marcar no *si*' mesma; não impede que a todo dizer, e é necessário um alguém que se diz ser, o Ser então estando na origem e tendo dito e de uma vez por todas o essencial disso que seria necessário dizer para o governo da etnia, esse dito do tendo dito impulsionado algumas vezes ao ponto de descrever minúcias escrupulosas, de onde o Poder se instaura ou se encontra escavado, é conforme, e algumas vezes se

⁴¹⁹"Toutes ces démarches qui mènent au droit comme tous les chemins mènent à Rome, façonnent les collectivités et ignorent délibérément ce qu'il peut en être du commun, tout comme la réalité s'élabore comme étant ce qui élude le réel inconcevable, quitte à pousser des approches parcellaires dont les découvertes nous surprennent, mais ne nous dérangent pas, ce 'nous' étant l'idée acquise dont nous avons hérité. Il y a la comme un patrimoine sacré dont les effets sont riches en désastres, mais, comme on dit, il semble que tout mal vienne de la nature de l'homme qui n'est pas encore convenablement matée, alors qu'il se pourrait fort bien qu'à méconnaître sa nature propre, l'homme s'entête à promouvoir son droit d'être a-humain, le droit ignorant les *détours de l'agir*; c'est son rôle et son devoir d'y couper court." (DELIGNY, 2007, pp.1298/1299).

⁴²⁰"Reste l'humain de l'individu indistinct, hors-la-loi depuis toujours et déjà, ce qui ne veut pas du tout dire qu'il soit le moins du monde transgressant, l'il qui se doit de se distinguer n'étant pas de ce monde-là". (DELIGNY, 2008, p.126).

duplica em chefe e xamã buscando um acordo.⁴²¹ (DELIGNY, 2007, pp.1456/1457)

Existe no autista, como vimos, uma constância ordenadora da vida. A partir dela observamos um movimento organizador comum pautado na regularidade que orienta a produção de espaços de vida. Aparece, então, uma certa produção normativa, se entendemos esta enquanto forma de ordenamento da vida e não enquanto produção de normalidade. Poderíamos chamar esta produção normativa autista de normatividade-regularidade e esta, constituída no território, é sempre refratária à instauração da divisão entre o normal e anormal por ser anterior às dualidades do sujeito. Dessa forma, tal *normatividade-regularidade* (ou regularidade normativa) das crianças autistas se constitui por uma relação real com as coisas e pela não instauração de leis transcendentais em relação ao costumeiro vivido. Ela pode, portanto, ser normatividade sem tender à normalidade. A regularidade autista coloca em prática a partir do espaço uma normatividade sem Lei. Sobre o tema da produção normativa e a definição de normal e anormal, uma pista interessante para a continuidade do estudo é a relação possível entre as questões colocadas por Deligny e o trabalho desenvolvido por Georges Canguilhem.

Todo o problema colocado por Canguilhem é de mostrar que na verdade uma confusão é feita entre 'norma' e 'média' - onde a norma é pensada a partir de constantes fisiológicas e de dados estatisticamente médios. O terceiro capítulo da segunda parte de seu livro *O normal e o patológico* é um esforço para desconstruir a ideia que a norma reenviaria a um médio, ao 'homem médio' de Quételet. A 'norma não se deduz da média, mas se traduz na média' - e isso em função de como uma sociedade se organiza e normativiza os valores da vida. É, então, a relação fundamental entre o indivíduo (o 'vivo') e o meio (natural e social), a

⁴²¹"A-t-il jamais existé des groupes humains qui n'étaient pas des sociétés? Peut-être et pourquoi pas? Mais la rupture intervient de par l'accès au dire, la société alors tramée est ce qui permettait la persistance du groupe éclipsé de par le vouloir d'où le pouvoir procède. Ce qui peut se dire que vouloir est politique: il y va de vouloir du politique, le *du* étant le lieu de l'inextricable confusion. Tout un chacun, du politique en veut, cependant que tout vouloir devient ce que le politique attend qu'il soit. Reste ce qu'il en serait de la 'nature humaine' dépourvue de vouloir et dont l'*agir*, aussi complexe qu'il puisse être, n'est pas de vouloir, d'où ce pouvoir esquivé, et non pas par intuition ou par quelque intentionnalité sociologique plus ou moins inconsciente, quitte à penser que cette intentionnalité existe bel et bien, mais encore y faut-il une société existante ou en passe d'exister, ce qui nécessite l'existence du soy-disant ou, à l'inverse, la société tramée va s'empêcher en soy; n'empêche qu'à tout dire, il y faut de l'unquelque qui se dit être, l'Être alors étant à l'origine et disant/ayant dit et une fois pour toutes l'essentiel de ce qu'il fallait dire pour la gouverne de l'ethnie, ce dit de l'ayantdit poussé quelquefois jusqu'à décrire des minuties scrupuleuses, d'où le Pouvoir s'instaure ou se trouve échancré, c'est selon, et quelque fois se dédouble chef et chaman recherchant l'accord." (DELIGNY, 2007, pp.1456/1457).

confrontação do primeiro com o segundo, que produz as normas. Por isso a comparação no absoluto entre indivíduos através de uma média abstrata seria absurda. Seguindo Goldstein, Canguilhem avança 'que uma média, obtida estatisticamente, não permite decidir se tal indivíduo, presente diante de nós, é normal ou não.'...Em outras palavras, o normal como média reenvia à maioria dos casos de uma espécie determinada. No entanto, na medicina, como Canguilhem não cansa de mostrar, o normal está em relação com um estado que se deseja reestabelecer: é um fim a alcançar através da terapêutica. E é o vivo, segundo Canguilhem que define o normal a partir que ele percebe impedir suas próprias dinâmicas - a terapêutica não é, portanto, capaz de o visar senão a partir desse indivíduo-aí. Existe aqui uma concepção segundo a qual a vida é compreendida como isso que está em uma polaridade dinâmica e por isso Canguilhem pode avançar que 'a vida é de fato uma atividade normativa'...O estado normal de um vivo é definido por 'uma relação de ajuste aos meios'.⁴²² (MIGUEL, 2016, pp.343/344).

Se compreendemos o Estado como instância que cristaliza a normatividade da vida normalizando a existência, podemos pensar que as crianças autistas não experimentam o Estado. Elas, não sendo capazes de instituir o sujeito, não possuem por tendência o Estado e revelam uma experiência do humano que não é contra, mas sem Estado. Para Deligny, o humano é uma camada primordial aquém do sujeito que pode permanecer como tal; no *homem-que-nós-somos* ela foi tornada fóssil pela sobrecarga do sujeito. No *polo N*, o processo de instituir não devem instituição, a norma não devem normalidade, o território não devem propriedade, a regularidade não devem Lei, e a espécie não devem sociedade.

Podemos traçar em Deligny, portanto, que o humano comum é uma experiência de ausência do Estado. A experiência humana para Deligny não é

⁴²²"Tout le problème posé par Canguilhem est de montrer qu'en vérité une confusion est faite entre 'norme' et 'moyenne' – où la norme est pensée à partir des constantes physiologiques et de caractères statistiquement moyens. Le troisième chapitre de la deuxième partie de son livre est un effort pour déconstruire l'idée que la norme renverrait à une moyenne, à 'l'homme moyen' de Quételet. La 'norme' ne se déduit pas de la moyenne, mais se traduit dans la moyenne' - et cela en fonction de comment une société s'organise et normativise les valeurs de la vie. C'est donc le rapport fondamental entre l'individu (le 'vivant') et le milieu (naturel et social), la confrontation du premier au deuxième, qui produit des normes. C'est pourquoi la comparaison dans l'absolu entre des individus à travers une moyenne abstraite serait absurde. En suivant Goldstein, Canguilhem avance 'qu'une moyenne, statistiquement obtenue, ne permet pas de décider si tel individu, présent devant nous, est normal ou non'...En d'autres mots, le normal comme moyenne renvoie à la majorité des cas d'une espèce déterminée. Cependant, en médecine, comme ne cesse de le montrer Canguilhem, le normal est en rapport à un état qu'on souhaite rétablir: c'est une fin à obtenir à travers la thérapeutique. Et c'est le vivant, selon Canguilhem, qui définit le normal à partir de ce qu'il voit désormais empêcher ses propres dynamiques – la thérapeutique n'est donc capable de le viser qu'à partir du jugement de cet individu-là. Il y a ici une conception selon laquelle la vie est tenue comme ce qui est pris dans une polarité dynamique et c'est pourquoi Canguilhem peut avancer que 'la vie est en fait une activité normative'...L'état normal d'un vivant est défini par « un rapport d'ajustement à des milieux'." (MIGUEL, 2016, pp.343/344).

estruturada pela dualidade decorrente da instauração do sujeito e, assim, não é caracterizada pela luta de forças, pela garantia do *meu*, pela segurança do *Eu*. O comum em Deligny é a impossibilidade da consciência de *se* ser. Isso certamente não é o mesmo que afirmar uma sociedade sem Estado, pois no que se refere a uma sociedade, ela pode apenas ser *contra o Estado*, jamais sem.

Para falar de etnia, melhor partir de um livro que fala de etnias: *A Sociedade contra o Estado*, de Pierre Clastres. O problema colocado de início é o de se perguntar se o poder é um fato humano, uma necessidade vital que se desdobra de um enraizamento biológico, e isso a partir do estudo de fenômenos sociais nos animais onde se vê apenas a ausência de toda forma, mesmo embrionária, de poder político.⁴²³ (DELIGNY, 2007, p.1379).

Outro possível caminho de continuidade para o trabalho iniciado durante o doutorado é o estudo sobre a relação teórica entre Deligny e Pierre Clastres em torno dos temas do Estado e do Poder.

'...o poder político como coerção ou como violência é a marca das sociedades *históricas*, quer dizer de sociedades que carregam nelas a causa da inovação, da mudança, da historicidade. E poder-se-ia dispor as diversas sociedades segundo um novo eixo: as sociedades de poder político não coercitivo são as sociedades sem história, as sociedades de poder político coercitivo são as sociedades históricas...Como e por que passa-se do poder político não coercitivo ao poder político coercitivo? Quer dizer: o que é a história?...Mas o que são as sociedades sem conflito, aquelas onde reina o 'comunismo primitivo'...não seria o poder político que constitui a diferença absoluta da sociedade?...Que uma reversão completa de perspectivas seja necessária - tanto mais que nós nos fiemos a realmente enunciar sobre as sociedades arcaicas um discurso adequado ao seu ser e não ao ser da nossa.' Certamente uma reversão de perspectiva pode ser útil, mas se Pierre Clastres fala de revolução copérnica, é sempre em torno do mesmo eixo que se opera a revolução: o Ser, mesmo se a confusão aparece quando ele fala do ser das sociedades arcaicas e do ser da nossa. Dirão-me que se trata de um modo de ser e das modalidades do poder; que essas modalidades de dois poderes possíveis sejam determinadas pela história ou determinantes da história que se inicia, o modo de poder tendo balançado, meu propósito não é de decidir.⁴²⁴ (DELIGNY, 2007, p.1459)

⁴²³"Pour tant faire que de parler d'ethnie autant partir d'un livre qui d'ethnies parle : *La Société contre l'État*, de Pierre Clastres. Le problème posé d'emblée est de se demander si le pouvoir est un fait humain, une nécessité vitale qui se déploie à partir d'un enracinement biologique, et ceci à partir de l'étude des phénomènes sociaux chez les animaux où ne se voit que l'absence de toute forme, même embryonnaire, de pouvoir politique." (DELIGNY, 2007, p.1379).

⁴²⁴"...le pouvoir politique comme coercion ou comme violence est la marque des sociétés *historiques*, c'est-à-dire des sociétés qui portent en elles la cause de l'innovation, du changement, de l'historicité. Et l'on pourrait disposer les diverses sociétés selon un nouvel axe: les sociétés à pouvoir politique non coercitif sont les sociétés sans histoire, les sociétés à pouvoir politique coercitif sont les sociétés historiques...Comment et pourquoi passe-t-on du pouvoir politique non coercitif au pouvoir politique coercitif? C'est-à-dire: qu'est-ce que l'histoire?...Mais qu'en est-il

O importante para nós, no âmbito deste trabalho, não é aprofundar o debate sobre o problema do sem/contra o Estado, mas propor que as diferentes experiências institucionais possam ter como primordial não a Lei enquanto normalidade do Estado, mas uma regularidade normativa enquanto construção de um costumeiro que possibilite as brechas para o efetivo cuidado do humano e do *homem-que-nós-somos*.

É claro que o comunismo primordial não se inscreve nos tratados de direitos humanos onde só pode ser questão aquilo que o homem pode querer; é preciso que esses tratados sejam escritos e sejam, assim, languageiros e ainda em uma linguagem que possa ser traduzida em todas as línguas. É evidente que na prática que nós desenvolvemos, se uma alínea da dita carta nos concernisse ela falaria do direito de todo ser humano à linguagem. Mas por que é preciso que em todo direito apareça a necessidade de separar o homem da espécie, estando entendido que essa palavra espécie é comum a tudo que vive; ela evoca um tipo de bem comum.⁴²⁵ (DELIGNY, 2008, p.71)

Deligny propôs uma importante reversão para a compreensão do que seria comum ao humano. Para ele, aqueles que não entraram no simbólico e que são incapazes de representar o mundo através da linguagem não estariam em falta com o que é básico da experiência humana. Para Deligny, o que normalmente define o humano é que estaria equivocado. O humano de natureza não seria caracterizado pela linguagem, mas pelo agir infinitivo e, dessa forma, considerar a esfera comum do humano como a formação do sujeito é tornar fóssil aquilo que nos é primordial e que efetivamente todos compartilham: o gesto.

des sociétés sans conflit, celles où règne le 'communisme primitif'...ne serait-ce point le pouvoir politique qui constitue la différence absolue de la société?...Qu'un renversement complet des perspectives soit nécessaire – pour autant que l'on tienne réellement à énoncer sur les sociétés archaïques un discours adéquat à leur être et non à l'être de la nôtre.' Certes, un renversement des perspectives peut être utile, mais si Pierre Clastres parle de révolution copernicienne, c'est toujours autour du même axe que s'opère la révolution: l'Être, même si la confusion apparaît quand il parle de l'être des sociétés archaïques et de l'être de la nôtre. On me dira qu'il s'agit d'un mode d'être et des modalités du pouvoir ; que ces modalités des deux pouvoirs possibles soient déterminées par l'histoire ou déterminantes de l'histoire qui s'amorce, le mode de pouvoir ayant basculé, mon propos n'est pas d'en décider." (DELIGNY, 2007, p.1459).

⁴²⁵"Il est clair que le communisme primordial ne s'inscrit pas dans la charte des droits de l'homme où il ne peut être question que de ce que l'homme peut vouloir; il faut bien que, cette charte, rédigée le soit et soit donc langagière et qui plus est dans un langage qui puisse être traduit dans toutes les langues. Il est évident que, dans la démarche que nous menons, si un alinéa de ladite charte nous concernait, il parlerait du droit de tout être humain au langage. Mais pourquoi faut-il que, dans tout droit, apparaisse la nécessité de séparer l'homme de l'espèce, étant entendu que ce mot d'espèce est commun à tout ce qui vit; il évoque une sorte de bien commun." (DELIGNY, 2008, p.71).

Ao ler seus textos, especificamente os escritos durante a tentativa em Cévennes, passa a ser inconcebível considerar o sujeito consciente de si como o que define a experiência humana primordial. Tão inconcebível quanto considerar que esta se expressaria na possibilidade de realizar qualquer tarefa específica que exija antes *características próprias de alguém* do que algo que possa ser por todos efetivamente partilhado. A partir de um parâmetro definido por uma *propriedade particular*, todos que não são capazes de atingi-lo poderiam ser considerados em falta; reaproveitáveis ou descartáveis dependendo do período histórico vivido. Por mais estranha que possa parecer a inversão proposta por Deligny, para nós que somos acostumados ao *assujeitamento*, se considerarmos que existem seres que simplesmente são refratários ao sujeito e que mesmo o sendo permanecem vivos e ativos, é mais estranho considerar que o sujeito possa ser aquilo que caracteriza a experiência humana. Não apenas estranho, mas necessariamente colonizador do outro.

Para Deligny, o humano de espécie é uma possibilidade infinitiva, um agir sem projeto, as referências em um território, o traço e o gesto. Parâmetro anterior à consciência de si, à possibilidade de dizer Eu e de definir o Outro, anterior às propriedades particulares e, portanto, refratário à dominação e ao poder.

Colocar na base do humano algo cujo acesso não é partilhado por todos - falar, *se ver*, *se expressar* - institui uma abertura para a determinação de diferentes insuficiências e para a definição de modos de vida que não devem ser protegidos, que podem e devem ser transformados ou eliminados. Como vimos, no limite, a violação às formas de vida *humanas-não-humanas* que deixam de integrar o todo do *homem-que-nós-somos* passa a ser legitimada pelo próprio direito e pelos direitos humanos, ainda que nas leis e nos tratados esteja prevista a proteção a todos, e pelas diferentes instituições que dão materialidade aos direitos instituídos.⁴²⁶ Tais formas de vida, sejam aquelas refratárias ao sujeito, sejam

⁴²⁶"Acontece que eu vivi, e na França mesmo, essa mudança para o médico daquilo que era até então da Justiça. As centros de detenção de crianças não tendo nada a mais que desaparecer, denunciadas, desmascaradas, algumas de suas vítimas ricochetearam até o hospital psiquiátrico onde eu me encontrava. Alguns dos garotos que chegavam estavam marcados de golpes de corrente, as equimoses faziam tatuagem. Outros tinham cicatrizes mal fechadas, fazendo crer que eles tinham passado sob fios de arame farpado, e eram de traços de chicotadas que se tratava. Nem czar, nem Stalin, a República. O fato é que opiniões políticas eles não tinham, esses garotos-ai de quinze ou dezesseis anos que viam apenas a Legião Estrangeira como porto de liberdade, delinquentes de direito comum então, enquanto que os direitos que são assunto nos tempos atuais

aquelas que foram abrangidas pelo desdobramento inevitável deste corte, deixam de ser humanas: os negros, os índios, as mulheres, os judeus, os pobres, os moradores de rua, os loucos.

Uma carta me chega trazendo o eco de uma entrevista de Claude Levi-Strauss: 'Eu tenho a sensação de que todas as tragédias que nós vivemos, primeiramente com o colonialismo, depois com o fascismo e enfim com os campos de extermínio, se inscrevem não em oposição ou em contradição com o pretendido humanismo sob a forma ou não a partir da qual nós o praticamos há vários séculos, mas, eu diria, quase em sua continuidade natural, porque é, de certa maneira, de um mesmo processo que o homem começou por traçar a fronteira de seus direitos entre ele mesmo e outras espécies vivas, e depois se encontrou levado a colocar essa fronteira no âmbito da espécie humana, separando apenas certas categorias reconhecidas como verdadeiramente humanas, de outras categorias que sofrem então uma degradação concebida sob o mesmo modelo que servia para discriminar entre as espécies vivas humanas e não humanas. Verdadeiro pecado original que impulsiona a humanidade à autodestruição. O respeito do homem pelo homem não pode encontrar seu fundamento em certas dignidades particulares que a humanidade atribui a si mesma, pois então, uma fração da humanidade poderá sempre decidir que ela encarna essas dignidades de forma mais eminente que outras. Será necessário antes colocar na partida uma humildade de princípio: o homem começando por respeitar todas as formas de vida diferentes da sua se protege do risco de não respeitar todas as formas de vida no âmbito da humanidade mesma.'⁴²⁷ (DELIGNY, 2007, p.1273)

deveriam se dizer: os direitos do homem político, chegando a se contrair: os direitos do político." " Il se trouve que j'ai vécu, et en France même, ce glissement au médical de ce qui était jusqu'alors du ressort de la Justice. Les bagnes d'enfants n'ayant plus qu'à disparaître, dénoncés, dévoilés, quelques-uns de leurs victimes ont ricoché jusqu'à cet hôpital psychiatrique où je me trouvais. Certains des gars qui en arrivaient étaient marqués de coups de chaîne; les ecchymoses faisaient tatouage. D'autres avaient des cicatrices mal fermées, à croire qu'ils avaient rampé sous des fils de fer barbelés, et c'était de traces de coups de fouet-martinet qu'il s'agissait. Ni tsar, ni Staline, la République. Le fait est que d'opinions politiques, ils n'en avaient pas, ces gars-là de quinze ou seize ans, qui ne voyaient que la Légion étrangère comme havre de liberté, délinquants de droit commun donc, alors que les droits de l'homme dont il est question ces temps-ci devraient se dire: les droits de l'homme politique, quitte à contracter: les droits du politique." (DELIGNY, 2007, p.1195).

⁴²⁷"Une lettre m'arrive, m'apportant l'écho d'une interview de Claude Lévi-Strauss: 'J'ai le sentiment que toutes les tragédies que nous avons vécues d'abord avec le colonialisme, puis avec le fascisme, enfin les camps d'extermination, cela s'inscrit non en opposition ou en contradiction avec le prétendu humanisme sous la forme où nous le pratiquons depuis plusieurs siècles, mais, dirais-je, presque dans son prolongement naturel, puisque c'est, en quelque sorte, d'une même foulée que l'homme a commencé par tracer la frontière de ses droits entre lui-même et les autres espèces vivantes, et s'est ensuite trouvé amené à reporter cette frontière au sein de l'espèce humaine, séparant certaines catégories reconnues seules véritablement humaines, d'autres catégories qui subissent alors une dégradation conçue sur le même modèle qui servait à discriminer entre espèces vivantes humaines et non humaines. Véritable péché originel qui pousse l'humanité à l'autodestruction. Le respect de l'homme par l'homme ne peut pas trouver son fondement dans certaines dignités particulières que l'humanité s'attribuerait en propre, car alors, une fraction de l'humanité pourra toujours décider qu'elle incarne ces dignités de manière plus éminente que d'autres. Il faudrait plutôt poser au départ une sorte d'humilité principielle: l'homme, commençant par respecter toutes les formes de vie en dehors de la sienne se mettrait à l'abri du risque de ne pas respecter toutes les formes de vie au sein de l'humanité même.'" (DELIGNY, 2007, p.1273).

Os direitos humanos, orientados pela noção de *sujeitos de direitos* passam a ser direitos do homem, do *homem-que-nós-somos*. Direitos daqueles que venceram, em cada período histórico, as linhas das exigências dominantes e definidoras daquilo que é uma experiência de vida aceitável. O Estado, que deveria ser o garantidor de tais direitos, passa a ser o violador legítimo dos mesmos. O Estado e suas instituições partindo do sujeito como instância mínima da experiência, são garantidores da experiência majoritária e privilegiada do Homem e não do humano comum.

Por isso, para Deligny, o comum da espécie não pode ser encontrado na Lei, na Linguagem e na Instituição, todas essas fundadas nos parâmetros de um humano já assujeitado. Tratou-se de a cada momento construir asilos-refúgios para esse humano. Asilos que tiveram diferentes formatos e que, mesmo dentro dos quadros institucionais mais fechados, se constituíram como espaços capazes de dar espaço e de criar brechas para a proteção daquilo que nos é primordial: a vida infinitiva.

Existe aqui uma pequena rede de áreas de convivência, ou seja, quatro ou cinco lugares de existência. Nesses lugares persiste a presença de crianças que na falta da linguagem não são sujeitos. Onde se vê a brecha em todo dispositivo de poder; no lugar do grande corte político, aparece um outro, que é corte entre agir e fazer, entre reagir e querer. Resta se perguntar se esse corte-aí é político ou não. Ele é, em todo caso, isso que o político, um dia ou outro, poderia respeitar se por acaso lhe viesse a ideia de respeitar o que quer que seja que não se diga em direitos ou antes que não seja da ordem daquilo que pode se dizer. É bastante claro que as coisas, como se diz, não tomam esse caminho, muito pelo contrário.
⁴²⁸(DELIGNY, 2007, p.1398)

Que pena que o homem não imaginou que sua vida vindo do mar, a morte o levaria a lá se reencontrar; nós estaríamos ao menos desembaraçados desse nível superior, o céu, então, sendo o mar vizinho, facilmente acessível. e o homem tão

⁴²⁸"Il y a ici un petit réseau d'aires de séjour, c'est-à-dire quatre ou cinq lieux d'existence. Dans ces lieux persiste la présence d'enfants qui, faute de langage, ne sont pas sujets. Où se voit la brèche dans tout dispositif de pouvoir ; à la place de la grande coupure politique, en apparaît une autre, qui est coupure entre agir et faire, entre réagir et vouloir. Reste à se demander si cette coupure-là est politique ou non. Elle est, en tout cas, ce que le politique, un jour ou l'autre, pourrait respecter si jamais l'idée lui venait qu'il ait à respecter quoi que ce soit qui ne se dise pas en droits ou plutôt qui ne soit pas de l'ordre de ce qui peut se dire. Il est assez clair que les choses, comme on dit, n'en prennent pas le chemin, bien au contraire." (DELIGNY, 2007, p.1398).

menos devastado por essa aspiração à superioridade onde na verdade ele se perde.⁴²⁹ (DELIGNY, 2008, p.23)

Deligny se definiu como um homem de asilo⁴³⁰. Ele passou sua vida construindo espaços de respeito àquilo que escapava ao normal do *homem-que-nós-somos*. Independente do formato - atividades variadas dentro das instituições de privação de liberdade; uma maneira diferente de pensar o papel da formação escolar; as formas de organizar a estrutura institucional de espaços de acolhimento e as possibilidades previstas para os jovens considerados *infratores e inadaptados*; a proposição do meio aberto como essencial para o encontro de novas circunstâncias de vida por esses jovens; a crítica permanente à linguagem e suas violências; a construção de uma tentativa de vida comum fora do quadro institucional do Estado e da dominação do sujeito - Deligny tentou, todo o tempo, constituir asilos-refúgios. A noção de asilo enquanto espaço de suspensão da Lei e da Instituição, de ruptura no domínio *da gente*, enquanto lugar propício para a vida da *anormalidade* define a crítica institucional construída por Deligny. O asilo-refúgio é a possibilidade de esquivar-se às formas de cuidado que se estruturam pela reciprocidade entre sujeitos, pela *semelhantização* e inevitavelmente pela violência da vontade.

O comum em Deligny como esfera aquém do sujeito consciente de si e portanto partilhada por todos é a afirmação de um lugar político. O *Nós* propõe algo diverso dos lugares institucionais conhecidos, diverso das formas reconhecidas de organização dos dispositivos de cuidado, diferente das propostas legitimadas de organização política de luta e resistência.

⁴²⁹"Quel dommage que l'homme ne se soit pas imaginé que sa vie venant de la mer, la mort l'amenerait à s'y retrouver ; nous serions au moins débarrassés de ce niveau supérieur, le ciel alors étant la mer voisine accessible de plain-pied et l'homme d'autant moins ravagé par cette aspiration à la supériorité où d'ailleurs il se perd." (DELIGNY, 2008, p.23).

⁴³⁰"A questão do asilo não deixou jamais Deligny e, efetivamente, no início dos anos 1980, motivado principalmente por Marcel Gauchet, Deligny consagra diversos textos a essa questão - *Mémoires d'asile*, *A comme asile*, *Éloge de l'asile*, etc...É, também, o caso do romance *La septième face du dé*, desse mesmo período. Nesse texto, sem dúvida espelhado na vida de Deligny mesmo, trata-se do corpo do narrador, desse corpo *marca do asilo*..." "La question de l'asile ne lâchera plus jamais Deligny et en effet au début des années 1980, relancé notamment par Marcel Gauchet, plusieurs textes sont consacrés à la question - *Mémoires d'asile*, *A comme asile*, *Éloge de l'asile*, etc... C'est aussi le cas du roman *La septième face du dé* de cette même période. Dans ce texte, sans doute miroité de la vie de Deligny lui-même, c'est du corps du narrateur, de ce corps *empreint de l'asile*..." (MIGUEL, 2016, p.139).

A reflexão sobre o cinema proposta no texto *La Caméra Outil Pédagogique* pode ser pensada para o processo de construção institucional. Assim como o cinema é uma técnica que deve ser conhecida e aprendida para não se transformar em meio de assujeitamento, o funcionamento institucional enquanto técnica deve também ser apropriado para que não operacionalize formas de dominação. As formas de fabricar um determinado funcionamento institucional envolvem procedimentos e ferramentas técnicas que devem ser compreendidas para que não sejamos passivos frente a elas. As instituições são criações do *homem-que-nós-somos* e é preciso sermos aptos a modificá-las e mesmo destruí-las. Se concebemos a Instituição como uma camada transcendente a nós mesmos, ela se instaura como intangível e imutável. Resta-nos circular em torno dela, submeter-nos à sua forma tão misteriosa de funcionamento. Porém se compreendemos as instituições como produções técnicas, que articulam diferentes máquinas e dispositivos e que são um fazer histórico do homem, se compreendemos suas engrenagens, criamos aberturas para a fragilização e a transformação das mesmas.

Durante a escrita do texto e das descobertas em Deligny, alguns temas surgiram que deixaram abertos possíveis desdobramentos do trabalho de pesquisa do doutorado. Dois principais caminhos se apresentam na relação entre Deligny e Georges Canguilhem para a discussão sobre o normal e o anormal e na relação entre Deligny e Pierre Clastres para a discussão sobre o Estado. Ambos são debates essenciais para o direito. Fica, também, a vontade de aprofundar outras questões, como a discussão sobre as formas de organização política das lutas no campo dos direitos humanos, sobre o lugar da educação na constituição do sujeito, sobre a diferença entre as memórias, proposta por Deligny, e sua importância para o debate político sobre a propriedade; e sobre a crítica de Deligny ao direito como espaço de reprodução e produção de violência. Todas aparecem como discussões imprescindíveis para pensar um debate institucional crítico e criador de esquivas à opressão da Lei e da Instituição.

De iluminura em iluminura eu reencontro a mais antiga...Eu tinha então sete anos. Meu avô tinha escolhido Lille para encontrar uma moradia, Lille em Flandres e a moradia, rua do Marais, era bem próxima da rua Royale onde minha mãe, viúva

recente de guerra, tinha encontrado um emprego no Banco da França. O campo de manobras, imenso terreno vago, ficava bem próximo. A cada outono se instalava ali a Feira da qual eu escutava a algazarra, à noite, durante semanas. O céu era vermelho. Quiseram me fazer experimentar; a multidão me deu medo de uma vez por todas. Eu voltei sozinho, em boa hora, de manhã, assegurado pelo silêncio. Os corredores entre os carrosséis sob suas proteções, as imensas barracas de circo, barracas e barracas inumeráveis e, entre elas, uma cabana detestável, decrépita, toda feita de tábuas de madeira cinza sustentadas juntas por um frontão pontudo...Até então, aos meus semelhantes eu nunca havia pensado. Eu os sabia inumeráveis. No que se refere aos mais próximos, eu tinha me esforçado por merecer suas estimas...Naquilo que me concerne, eis aí a cena decisiva, a partir da qual tudo aquilo que *a gente* era capaz não me surpreendeu jamais verdadeiramente. No meu íntimo, eu estava pronto para a esquiva; a cada vez eu tinha visto pior. A marca que ficou gravada em um instante era para mim um medalhão. Veja aí os semelhantes tais como eles são, feira ou não. Sempre é feira. Aí onde meu sofrimento foi o mais grave, o traço gravado tendo sem dúvida atingido o suporte tão profundamente que o traço o atravessou, foi de ter sido olhado por esses macacos como um *a gente* enquanto que eu não era solidário...Às vésperas dos setenta anos, eu estou ainda aí e isso que eu penso de A GENTE eu imagino que as bravas gentes dos séculos passados pensavam do diabo, que ele estava por todos os lados, que ele era temível porque fundamentalmente malfeitor. Eu comecei a escrever essa pilha de páginas há apenas alguns dias e as iluminuras afloram.⁴³¹ (DELIGNY, 2012, pp.24-28)

⁴³¹"D'enluminure en enluminure, je retrouve la plus ancienne...J'avais donc sept ans. Mos grand-père avait choisi Lille comme demeure, Lille en Flandres et la demeure, rue du Marais était assez proche de la rue Royale où me mère, récente veuve de guerre, avait trouvé emploi réservé à la Banque de France. Le champ de manoeuvres, immense terrain vague, était tout proche. À chaque automne s'y installait la Foire dont j'entendais le hourvari, la nuit, pendant des semaines. Le ciel était rouge. On avait voulu m'y entraîner; la foule m'avait fait peur, une bonne foi pour toutes. J'y suis retourné seul de bonne heure, le matin, rassuré par le silence. Des allées entre les manèges sous leur housse, les immenses tentes de cirque, des baraques et des baraques innombrables et parmi elles, une cabane minable, délabrée, toute en planches de bois gris tenues ensemble par un fronton pointu...Jusqu'alors, à mes semblables, je n'y avais jamais pensé. Je les savais innombrables. Pour ce qui concerne les plus proches, je m'étais efforcé de mériter leur estime...Pour ce qui me concerne, voilà donc la scène décisive, à partir de laquelle tout ce dont *on* était capable ne m'a jamais surpris. En mon for intérieur, j'étais prêt à l'esquive; à chaque fois, j'avais vu pire. L'empreinte qui s'était gravée en un instant m'était médaillon. Voilà donc les semblables tels qu'ils sont, foire ou pas. C'est toujours la foire. Là où ma peine a été la plus grave, la trace gravée ayant sans doute échappé le support si profondément que la trace est passée à travers, c'est d'être regardé par les singes comme un *on* alors que je n'en étais pas solidaire...À soixante-dix ans sonnés, j'en suis toujours là et ce que pense du ON, j'imagine que les braves gens des siècles d'antan le pensaient du diable, qu'il était partout, qu'il était à craindre parce que foncièrement malfaisant. Je n'ai commencé à écrire ce tas de pages que depuis quelques jours et les enluminures affluent." (DELIGNY, 2012, pp.24-28).

Conclusão

Mesmo quando eu escrevo 'eu' não se trata mais de mim mesmo do que quando eu escrevo 'ele'.⁴³²

Correspondência com Irène Lézine de 19 de setembro de 1955

Foi enquanto trabalho coletivo que o doutorado pôde ganhar sentido. A escrita da tese foi tecida por tantos encontros e inumeráveis mãos que é impossível afirmar sua autoria precisa. Certamente existe um Eu que escreve, meu nome que assina o trabalho, mas ele foi um verdadeiro obrar coletivo. Desde a entrada para o doutorado era claro que essa nova empreitada era o desdobramento das marcas que me permeavam. O ano em Paris, o trabalho nos arquivos em Cévennes, a beleza de partilhar o encontro com um autor, com um pensamento e com as pessoas que construíram juntas uma tentativa de vida costumeira fora do domínio do *dizer o outro*, foram as marcas mais profundas deste processo. Experimentamos a criação de um trabalho comum. Foi essa experiência que ficou para nós como a base mais importante para um pensamento crítico sobre o processo de criação institucional. Em meio à rigidez da Lei e do Sujeito e às violências do domínio da normalidade enquanto fundamento do *homem-que-nós-somos* é preciso construir tentativas comuns.

Não há palavras que permitam expressar a importância de todos os processos vividos nos últimos quatro anos. Nem a alegria de chegar ao fim do doutorado e tentar colocar no texto um intenso percurso da vida. Os últimos meses de escrita foram o espaço para dar corpo a tudo que permeou essa construção e as imagens dos anos me povoam a cada palavra.

Ao reler os projetos apresentados para a entrada no doutorado e para o exame de qualificação, deparo-me com algumas histórias que motivaram o início desse trajeto. A primeira, narrada em 2012, contava o suicídio do meu avô paterno. A segunda, contada em 2014, retrava os trajetos infantis na casa de

⁴³²"Même quand j'écris 'je' il ne s'agit pas plus de moi-même que quand j'écris 'il'." (Correspondência com Irène Lézine de 19 de setembro de 1955).

campo. Em relação a ambas eu tentava, nos textos, produzir um sentido junto com a pesquisa proposta. O sentido me chega apenas com o fim do processo. A violência da obrigatoriedade de adequação às normas dominantes, da concepção da experiência como normalidade, e da ruptura entre um normal e um anormal reguladora da vida social. A necessidade de espaços que permitam traçar outras linhas que não sejam trilhadas pelo domínio, em nós mesmos, do *homem-que-nós-somos*. É com alegria que percebo que a tese foi movida pelos traços da experiência inevitavelmente precária de ser criança⁴³³.

Do portão da casa de campo ao pomar no final do terreno podia-se percorrer a linha mais curta. À direita da casa existia uma escada de cimento com degraus sólidos e uniformes. Após essa primeira escada alguns passos davam acesso à segunda e à terceira. Ao final delas, no alto do íngreme terreno, chegava-se ao pomar. O lado esquerdo da casa era uma ladeira de grama com pequenas pedras esparsas e um canil em sua base. Uma criança, todos os dias, passava e soltava os cachorros. A grama recebia os pés descalços. Ao final da ladeira havia uma pequena horta e logo acima um campo de futebol cercado de muros de cimento com alguns buracos de sustentação. Neles as andorinhas faziam ninho. Do lado do campo, uma pequena escada de terra levava para o gramado anterior ao pomar. No final do gramado havia a última escada para a criança chegar ao pomar. Na escada os dois caminhos se encontravam.

Retomamos e simultaneamente esquivamos à História própria tentando fazer do texto um espaço de lisibilidade dos encontros e caminhos que o compuseram. É um *nós*, ao mesmo tempo preciso e inumerável, que constitui os quatro anos do doutorado e esse trabalho. As histórias dos lugares e as memórias dos trajetos são o que de mais intenso pudemos partilhar nessas linhas.

⁴³³"Da mesma forma que toda mão, antes de ser mão de alguém é de espécie, toda linha de *erre*, o trajeto tendo sido efetivamente caminhado ou corrido por uma criança, chega frequentemente em algum emaranhado." "De même que toute main, avant d'être main de quelqu'un, est d'espèce, toute ligne d'erre, le trajet ayant été effectivement marché ou couru par un enfant, aboutit bien souvent à quelque cheville." (DELIGNY, 2008, p.202).

O que eu posso dizer agora que eu estou em meu octogésimo-terceiro ano, é que as imagens da profundidade do meu ser se conduzem como essas bestas que vivem em um pântano; elas se matam entre si, se devoram, ou mais ainda se devoram todas vivas ou se acasalam quando encontram seus pares. De onde o fato que eu não pude jamais admitir o inconsciente segundo Freud; o lugar estava ocupado. Eu fico emocionado quando eu encontro a vida dessas imagens que se movem em mim, emocionado às lágrimas que nunca escorrem. Eu nunca ouvi falar dessas imagens que nos assombram; elas me povoam assim que me disponibilizo às suas presenças proliferantes; eu estou então muito longe dos outros e pronto para escrever. Acontece de eu me por a escrever, o que faço nesse instante, minha mão tão estranha quanto tudo que posso ver, chegando em movimentos convulsivos que a conduzem por caminhos familiares; no coração desses movimentos, a imagem viva que se move como a lava no coração dos vulcões...⁴³⁴

A conclusão do doutorado marca, também, quase dez anos de trabalho e militância no campo da luta por direitos. A pesquisa desenvolvida sobre a crítica institucional a partir da obra de Deligny torna lisível para mim mesma as marcas dessa trajetória. A tese acompanha as mudanças vividas nos últimos anos acerca da compreensão sobre a luta política e institucional e sobre a relação dos movimentos militantes com o direito e o Estado. Deligny tramou suas tentativas⁴³⁵

⁴³⁴"Ce que je peux dire alors que je suis dans ma quatre-vingt troisième année, c'est que les images dans le fin fond de mon être se conduisent comme ces bêtes qui vivent dans un marais; elles s'entretuent et se dévorent ou plutôt se dévorent toutes vives ou s'accouplent quand elles rencontrent la même qu'elle. D'où le fait que je n'ai jamais pu admettre l'inconscient selon Freud; la place était occupée. Je suis ému quand je retrouve la vie de ces images qui se meuvent en moi, ému aux larmes qui jamais ne coulent. Je n'ai jamais entendu parler de ces images qui nous hantent; elles me peuplent lorsque je me prête à leur présence proliférante; je suis alors très loin des autres et prêt à écrire. Il arrive que je m'y mette, ce que je fais pour l'instant, ma main aussi étrange que tout ce que je peux voir, animée de mouvements convulsifs qui la mènent sur des chemins familiers; au coeur de ces mouvements, l'image vive qui se meut comme la lave au coeur des volcans...". Texto inédito sem título e escrito provavelmente no ano de 1996, data estimada pelo fato de Deligny afirmar ter 83 anos. O texto foi encontrado no material que já havia sido enviado ao IMEC, durante o trabalho de organização da coletânea *Oeuvres* (Caixa DGN 18, pp. 12-13). A tradução aqui utilizada foi publicada em RESENDE e MIGUEL, *Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular*, pp.137-151 in *Cadernos da Subjetividade*, ano 12, nº18, p.149).

⁴³⁵"A tentativa propriamente dita é então de '*ver através*'. Todo o resto é somente plataforma rudimentar, abrigo precário, e '*caixa de biscoitos*' que a Instituição pode recuperar uma vez que ela queira, pois essa é sua vocação, a instituição ou - e - toda uma constelação de instituições em passe de '*inovação*'. O '*reversível*' e o '*irreversível*' em matéria de inovação? Eu acredito que o critério, a linha divisória, não poderia ser mais simples: Inovar é um infinitivo que vem de longe; é como explorar. É '*para nada*'. Do momento em que há o '*para*' na base (para curar, para educar, etc.) é inovação. Esse retorno ao AO (referência a gente - em francês: ON) é afazer daqueles que se insistem em assumir, da melhor forma possível, suas funções, nem que seja na franja da Instituição." "La tentative proprement dite est donc de '*voir à travers*'. Tout le reste n'est que plateforme rudimentaire, abris précaires, et '*boîte à biscuits*' que l'Institution peut récupérer tant qu'elle voudra puisque telle est sa vocation, l'institution ou - et - toute une constellation d'institutions en mal d'innovation'. Le '*réversible*' et '*irréversible*' en matière d'innovation? Je crois que le critère, la ligne de partage sont on ne peut plus simples: Innover, c'est un infinitif qui vient de loin; c'est comme explorer. C'est '*pour rien*'. Du moment qu'il y a de '*pour*' à la clef (pour soigner, pour éduquer, etc.) c'est d'innovation. Ce retour à ON est l'a-faire de ceux qui tiennent à assumer, le

a partir da tessitura de esquivas, e seus lugares políticos foram construídos pela criação de formas de cuidado das experiências de vida *anormais* diferentes das possibilidades institucionais. Dentro e fora das instituições.

A crítica institucional que emerge de seus textos não se refere à proposição de outros modelos que respondam à necessidade de reformas *contra* ou *anti* institucionais. As esquivas não fornecem um método a ser replicado, mas ganham concretude na criação de lugares de cuidado que permitam o respeito às formas de vida fora da Lei instauradora da normalidade da experiência de ser sujeito⁴³⁶. A criação de espaços diferentes daqueles instituídos pela palavra exige uma permanência próxima sensível às ocasiões capazes de criar outras circunstâncias de vida. Tal proximidade só pode ter lugar através da recusa à formação de relações baseadas na reciprocidade do outro a partir de seu reconhecimento como o mesmo. Todo esforço de *semelhança* está fadado à colonização da alteridade e à reafirmação da fenda instituída entre o Eu e o Outro⁴³⁷.

Esquivar demanda estar no momento presente. Deixar a História que determina os casos, desviar a importância do projeto que determina o alcance produtivo da atividade institucional. Tentar demanda, portanto, viver o momento e *presentificar* a vida, abandonar as representações e os significados prontos. A destituição da experiência do tempo definido pelo sujeito garante que toda forma de cuidado se paute pela realidade de um momento determinado. Pelas circunstâncias que compõem uma situação específica. O abandono da grande História e a presença próxima às pequenas histórias dos indivíduos que compõem

mieux possible, leur fonction, serait-ce à la frange de l'Institution." (DELIGNY, 2007, pp.1007/1008).

⁴³⁶"Permanent pour permanent, ce qui permance dans ce que je peux dire, c'est que la loi, toute nécessaire qu'elle puisse être ou paraître, n'est jamais suffisante, et que l'institué, il faut bien qu'il s'appuie sur quelque chose qui ne peut guère être qu'un assemblage de lois...Ce petit s, de s'adresser à, je le dis usé, vicié d'être expiré par cette personne constituée selon cette loi dont ON peut dire qu'elle nous spécifie. Il s'agit d'y aller, à la découverte de ce petit n qui est d'une autre nature de par le fait que si on le trouve, c'est en marge du légiféré." (DELIGNY, 2007, p.767).

⁴³⁷"Esquivar significa falar daqui, falar de onde eu estou. Quando eu leio os jornais ou os livros - eu não tenho televisão -, me parece aí perceber um excesso constante de *semelhança*: se colocar no lugar de, e se fosse eu. A identificação é levada ao seu limite. Essa semelhança não me parece de boa liga, mesmo se ela fala de um 'bom sentimento'." "Esquiver veut dire ne parler que d'ici, parler d'où je suis. Quand je lis des hebdomadaires ou des livres - je n'ai pas la télé -, il me semble y percevoir un excès constant de semblabiliser : se mettre à la place de, et si c'était moi. L'identification est portée à son comble. Cette semblabilité me semble de mauvais aloi, même si elle part d'un 'bon sentiment'." (DELIGNY, 2007, p.1122).

um espaço partilhado são as linhas que dão lugar aos novos trajetos. Aos
recomeços sem fim.

*Através da presença-aí de crianças que não
possuem histórias
nós a recomeçamos
sem cessar
a história*

*De par la présence là d'enfants qui n'ont
pas d'histoire
nous la recommençons
sans cesse
l'histoire.*

Fernand Deligny

Referências bibliográficas

Apresentamos nas referências bibliográficas, separadamente, todos os textos que compõem as coletâneas *Fernand Deligny, Oeuvres* e *L'Arachnéen et autres Textes*. Fizemos essa escolha tanto para tornar mais fácil a localização das referências utilizadas ao longo do trabalho, através da paginação precisa dos textos utilizados, quanto pelos textos que compõem as coletâneas terem sido escritos por Deligny como livros separados ou textos distintos. A lista de textos inéditos é apresentada no banco de dados dos arquivos de Cévennes (Anexo 1). A foto que abre e a que conclui este trabalho pertencem ao acervo fotográfico de Jacques Lin.

ALVAREZ DE TOLEDO, Sandra. *L'inactualité de Fernand Deligny*, pp. 21-42 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução ao Pavillon 3*, pp. 43-50 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Graine de Crapule*, pp. 111-118 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Les Vagabondes Efficaces*, pp. 151-160 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Les Enfants ont des Oreilles*, pp. 223-232 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à La Grande Cordée*, pp. 383-404 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Adrien Lomme*, pp. 439-442 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Le Moindre Geste*, pp. 599-606 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução ao Cahiers de la Fgéri*, pp. 637-646 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Nous et l'Innocent*, pp. 673-684 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução ao Cahiers de l'Immuable*, pp. 797-804 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Ce Gamin, là*, pp. 1033-1038 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Les Détours de l'agir ou le Moindre geste*, pp. 1237-1246 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução ao Projet N*, pp. 1349-1352 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à Singulière ethnologie*, pp. 1367-1374 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução Traces d'être et Bâtisse d'ombre*, pp. 1475-1482 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução Contes du vieux soldat et de belle lurette*, pp. 1585-1590 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução Acheminement vers l'image*, pp. 1653-1662 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Introdução à À propos d'un film à faire*, pp. 1747-1756 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Avant-Propos (prefácio)*, pp. 5-8 in L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Cartes et lignes d'erre. Traces du réseau de Fernand Deligny*, Paris, Éditions Arachnéen, 2013.

BARTHÉLÉMY, Michel, *Fernand Deligny ou Les fondements élémentaires du lien social: une analyse ethnométhodologique d'un charisme*, Tese de Doutorado, Institut d'Études Politiques de Paris, 1988.

BOIRAL, Pierre; BOURDOUIL, Georges; MILHAU, Jean. *Deligny et les tentatives de prise en charge des enfants fous. L'aventure de l'aire (1968-1973)*. Ramonville Saint-Agne, Éditions Éres, 2007.

CAILLOT-ARTHAUD, Jean-Michel; CHALAGUIER, Claude-Louis; JOUVENET, Louis-Pierre. *Deligny: 50 ans d'asile*, Toulouse, Privat, 1988.

CANGUILHEM, Georges. *La connaissance de la vie*, Paris, Hachette, 1952.

_____. *Le normal et le pathologique*, Paris, PUF, 2011.

CHAUMONT, Jean-Michel; DELIGNY, Fernand. *Traces d'I*, Louvain, Cabay, 1982.

CHAUVIÈRE, Michel. *Enfance inadaptée: l'héritage de Vichy*, Paris, Les éditions ouvrières, 1980.

_____. *Devenir Deligny (1938-1948)*, pp. 369-377 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

CHEVRIER, Jean-François. *L'image, "mot nébuleuse"*, pp. 1777-1788 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

CHIMÈRES (Revista), número 30, Devenir Imperceptible. *Dossier Deligny*, pp. 94-107, Paris, Printemps, 1997.

CLASTRES, Pierre. *La société contre l'état*, Paris, Les Éditions de Minuit, 2009.

_____. *Archéologie de la violence. La guerre dans les sociétés primitives*. Paris, L'aube, 2005.

COELHO RESENDE, Noelle; MIGUEL, Marlon. *Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular*, in Cadernos de Subjetividade, número 18, pp. 137-151, São Paulo, 2016.

_____. *Une archive territoire* in Cahiers de l'IMEC, numéro 4, 2015.

COPFERMANN, Émile. *Prefácio à primeira edição de Les VAgabonds Efficaces, 1970*, pp. 215-221 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Empirisme et subjectivité: essai sur la nature humaine selon Hume*, Paris, PUF, 1988.

_____. *Qu'est-ce que la philosophie?*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1991.

_____. *Critique et clinique*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1993.

_____. *L'île déserte et autres textes*, Paris, Les Éditions de Minuit, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Milles Plateaux*. Paris, Les Éditions de Minuit, 2006.

DELIGNY, Fernand. *Journal d'un éducateur, 1966* pp. 11-20 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Pavillon 3, 1944*, pp. 51-110 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Graine de crapule, 1945*, pp. 119-143 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Graine de crapule ou le charlatan de bonne volonté, prefácio inédito, 1955*, pp. 144-147 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Prefácio à reedição de Graine de Crapule, 1960*, pp. 148-150 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Les Vagabonds efficaces*, 1947, pp. 161-214 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Les Enfants ont des oreilles*, 1949, pp. 233-350 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Prefácio à reedição de Les Enfants ont des oreilles*, 1976, pp. 351-353 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Poèmes et tracés de la réédition*, 1976, pp. 354-368 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *La Grande Cordée (1)*, 1950, pp. 407-409 com apresentação de Louis Le Guillant, pp. 405-407 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *La Grande Cordée (2)*, 1950, pp. 410-413 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *La caméra outil pédagogique*, 1955, pp. 414-417 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Le groupe et la demande*, 1967, pp. 418-426 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Adrien Lomme*, 1958, pp. 443-586 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Le Moindre geste*, 1962-1971, pp. 607-632 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Quand même il est des nôtres*, 1971, pp. 633-636 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Gourgas, une gageure, Cahiers de la Fgéri n°1*, 1968, pp. 647-654 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Langage non verbal, Cahiers de la Fgéri n°2*, 1968, in pp. 655-672 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Nous et l'Innocent*, 1975, pp. 685-796 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Voix et voir, Cahiers de l'Immuable n° 1*, 1975, pp. 805-868 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Dérives, Cahiers de l'Immuable n° 2*, 1975, pp. 869-942 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Au défaut du langage, Cahiers de l'Immuable n° 3*, 1976, pp. 943-1032 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Ce Gamin, là*, 1975, pp. 1039-1057 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Cartes et légendes, 1968-1979*, pp. 1058-1084 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Que croire soit advenu pour pallier le craindre...*, 1978, pp. 1085-1086 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Le Croire et le Craindre*, 1978, pp. 1087-1224 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Les Détours de l'agir ou le Moindre geste*, 1979, pp. 1247-1348 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Projet N*, 1979, pp. 1353-1366 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Singulière ethnie*, 1980, pp. 1375-1474 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Traces d'être et Bâtisse d'ombre*, 1983, pp. 1483-1570 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Contes du vieux soldat et de belle lurette*, 1982, pp. 1591-1652 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Acheminement vers l'image*, 1982, pp. 1663-1741 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Camérer*, 1983, pp. 1742-1746 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *À propos d'un film à faire*, 1989, pp. 1757- 1773 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Ce qui ne se voit pas*, 1990, pp. 1774-1776 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *L'Enfant de citadelle, 1988-1993*, extratos, pp. 1789-1817 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *L'Arachnéen*, pp. 9-96 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Ce voir et se regarder*, pp. 113-118 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *L'agir et l'agi*, pp. 119-128 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *L'art, les bords...et le dehors*, pp. 129-132 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Carte prise et carte tracée*, pp. 133-138 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *L'enfant comblé*, pp. 139-144 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Ces excessifs*, pp. 145-148 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *L'humain et le surnaturel*, pp. 149-154 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *La parade*, pp. 155-158 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *La liberté sans nom*, pp. 159-166 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Semblant de rien*, pp. 167-170 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *L'obligatoire et le fortuit*, pp. 171-178 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Connivence*, pp. 179-184 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *La voix manquée*, pp. 185-190 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Quand le bonhomme n'y est pas*, pp. 191-220 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

_____. *Le vol*, pp. 20-23 in *La Hune*, Cahiers trimestrielles, numéro 10, Lille, 1935.

_____. *Le centre d'observation et de triage de la Région de Lille*, pp. 6-7 in *Pour l'enfance coupable*, numéro 60, 1945.

_____. *Poèmes ouvriers*, pp. 22-26 in *Économie et humanisme*, numéro 29, 1947.

_____. *Le mystère de la création populaire* in *DOC 48*, Cahiers de documentation, numéro 4, Paris, 1948.

_____. *Poème*, p. 43 in *L'âge nouveau*, numéro 44, 1949.

_____. *1 maison pour 80 ou 8 maisons pour 1* in *Les maisons d'enfants*, Paris, Presses universitaires de France, 1950.

_____. *La cure libre*, pp. 624-627 in *Sauvegarde de l'Enfance*, numéro 7-8, 1951.

_____. *Anton Makarenko et le 'Chemin de la vie'*, p. 15 in *L'école et la nation*, numéro 10, 1952.

_____. *Avez-vous lu Makarenko?*, pp. 23-24 in *L'école et la nation*, numéro 41, 1955.

_____. *De la personnalité de l'enfant et de deux manières de la respecter* in La Raison, numéro 13, 1956.

_____. *Les Odons*, pp. 19-20 in *L'école et la nation*, numéro 62, 1957.

_____. (LANE, Vincent), *Anges purs...*, Paris, Éditions La Vague, 1961.

_____. *Une tentative dans les Cévennes*, Entrevista com Deligny concedida à Jean Pax, pp. 205-213 in *Des éducateurs écrivent*, Escola de Educadorea de Strasbourg, 1972.

_____. *L'autre là qui s'en balance*, pp. 21-23 in *Vers l'éducation nouvelle*, numéro 262, 1972.

_____. *Les vagabonds efficaces*, pp. 165-166 in *Psychiatrie aujourd'hui*, numéro 12, 1972.

_____. *Le moindre geste peut faire signe*, p. 9 in *La gueule ouverte*, numéro 12, 1973.

_____. *À propos de la fête*, p. 35 in *Vers l'éducation nouvelle*, numéro 277, 1973.

_____. *Puissants personnages*, Paris, Maspero, 1978.

_____. *Prendre la tangente*, pp. 188-192 in *Alors, on n'a pas école aujourd'hui?*, Revista Autrement, numéro 13, 1978.

_____. *Lignes d'erre*, pp. 6-9 in *Catálogo da exposição Errants, nomades, voyageurs*, Centro Georges Pompidou, 25 de junho a 2 de setembro, 1980.

_____. *Les enfants et le silence*, Paris, Éditions Galilée, 1980.

_____. *Des réseaux et des hommes* in *Revista Mêlée*, numéro 2 Nîmes/ Marseille, éditions Offset avenir, 1981.

_____. *Deligny, être d'asile*, entrevista realizada por TOUATI, Armand; CONRATH, Patrick, pp. 9-14 in *Le journal des psychologues*, Canadá, numéro 6, 1983.

_____. *Balivernes pour un pote*, Paris, Seghers, 1984.

_____. *A comme asile (e éloge d'asile) seguido de Nous et l'innocent*, Paris, Dunod, 1999.

_____. *Essi & Copeaux*, Marseille, Le mot et le reste, 2005.

_____. *Le cinéma de Fernand Deligny*, *Le Moindre geste* et 2 filmes de Renaud Victor, Éditions Montparnasse, 2007b.

_____. *Permitir, Trazar, Ver*, Barcelona, MACBA, 2009.

_____. *Radeaux dans la montagne*, Emissão de rádio realizada por Rémi Pons, Fond d'Aide à la création radiophonique de la Communauté de Belgique, Bruxelles, 2011.

_____. *Lointain prochain, Les deux mémoires*, Paris, Fario, 2012.

_____. *Journal de Janmari*, Paris, L'Arachnéen et Gisèle Durand, 2013.

DELIGNY, Fernand, BONNAFÉ, Marie. *D'ici, Deligny.../ Pour Deligny*, pp. 35-44 in La nouvelle critique, número 110, 1978.

DELIGNY, Fernand, CAZUC, Alain. *Un nouveau film sur la tentative Deligny*, pp. 22-25, in Revista Vie sociale et traitement, número 125, 1979.

DELIGNY, Fernand, GUILBERT, Paul. *Éducateur, métier d'artisan*, pp. 1-3 in Pour l'enfance coupable, número 52, 1944.

_____. *Apprentissage de la morale*, pp. 5-6 in Pour l'enfance coupable, número 53, 1944.

_____. *Tapisserie de Penelope*, pp. 6-7 in Pour l'enfance coupable, número 54, 1944.

_____. *Le Village – Centre ouvert d'adaptation sociale*, pp. 5-11 in Pour l'enfance coupable, número 55, 1944.

_____. *Le Village – Centre ouvert d'adaptation sociale (continuação)*, pp. 6-8 in Pour l'enfance coupable, número 56, 1944.

DELIGNY, Fernand; LIN, Jacques. *Le moindre geste peut faire signe in La gueule ouverte*, número 10, 1973.

_____. *Le moindre geste peut faire signe (II) in La gueule ouverte*, número 11, 1973.

DELIGNY, Fernand; TRUFFAUT, François. *Correspondance in Revue 1895*, número 42, 2004.

FREINET, Celestin. *Oeuvres pédagogiques*, 2 volumes, Paris, Éditions du Seuil, 1994.

GENTIS, Roger (org.). *L'étrange Fernand Deligny, La quinzaine littéraire*, número 332, 1980.

HOUSSAYE, Jean. *Deligny, éducateur de l'extrême*, Ramonville-Saint-Agne, Editions Érès, 1998.

_____. (org.). *Pédagogues contemporain. Idées principales et textes choisis*, Paris, Fabert, 2013.

KRTOLICA, Igor. *Pouvoir, violence, nature Deligny lecteur de Clastres*, pp. 7-28 in Violences, Anthropologie, politique, philosophie, Toulouse, EuroPhilosophie/BPSP, 2010.

_____. *La 'tentative' des Cévennes. Deligny et la question de l'institution*, pp. 73-97 in *Revista Chimères*, número 72, 2010.

LE BLANC, Guillaume. *Canguilhem et les normes*. Paris, PUF, 2010.

LE GUILLANT, Louis. *Remarques sur la rééducation des enfants 'difficiles' in Vers l'éducation nouvelle*, número 127, 1958.

LIN, Jacques. *La vie de radeau*, Marseille, Le mot et le reste, 2007.

MACHERREY, Pierre. *De Canguilhem à Foucault, la force des normes*, Paris, La Fabrique, 2009.

_____. *Le Sujet des Normes*. Paris, Éditions Amsterdam, 2014.

MARKER, Chris. *Fernand Deligny: Les vagabonds efficaces*, pp. 131-135 in *Revue Esprit*, número 148, 1948.

MIGUEL, Marlon. *À la Marge et Hors-champ. L'humain dans la pensée de Fernand Deligny*, Paris, 2016.

_____. *La narration impossible (Un compte-rendu de La Septième face du dé de Fernand Deligny)*, in *Revista Europe*, número 1020, Paris, 2014.

_____. *Somewhere in the Cévennes circa 1970: Experiencing Space and Spacing Experience*, pp. 111-127 in *Experiencing Space and Spacing Experience. Concepts, Practices and Materialities*, Trier, WVT Wissenschaftler Verlag Trier, 2014.

_____. *Le moindre geste ou Infância em Cévennes por volta de 1960*, pp. 93-109 in *Revista Poiesis*, número 24, 2014.

_____. *Towards a New Thinking on Humanism in Fernand Deligny's Network*, pp.187-196 in *Structures of feelings. Affectivity and the study of culture*, Berlin, De Gruyter, 2015.

_____. *Guerrilha e resistência em Cévennes. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas* in *Revista Trágica*, vol. 8, número 1, Rio de Janeiro, 2015.

_____. *Os dois lados da Inquisição: Deligny, ensaios de uma tentativa pedagógica* in *Revista ao Largo*, número 1, 2015.

MOREAU, Pierre-François. *Fernand Deligny et les idéologies de l'enfance*, Paris, Éditions Retz, 1978.

MULTITUDES (Revista), *Dossier Deligny*, número 24, Printemps, 2006.

OBRA COLETIVA. *Cahiers de l'Aire, 1969-1972*. Números 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

OGILVIE, Bertrand. *Au-delà du malaise dans la civilisation. Une anthropologie de l'altérité infinie*, pp. in 1571-1579, DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

_____. *Vivre entre les lignes (posfácio)*, pp. 243-253 in DELIGNY, L'Arachnéen et autres textes, Paris, Éditions Arachnéen, 2008.

PAL PELBART, Peter. *O avesso do niilismo. Cartografias do esgotamento*. São Paulo, n-1, 2013.

QUERRIEN, Anne. *Un radeau laisse passer l'eau*, pp. 1225-1230 in DELIGNY, Oeuvres, Paris, Éditions Arachnéen, 2007.

RECHERCHES (Revista). *Analyse institutionnelle et pédagogie (documents critiques et cliniques)*, número special, 1969.

_____. *Histoire de la psychiatrie de secteur ou le secteur impossible*, número 17, 1975.

_____. *L'asile*, número 31, 1978.

_____. *Histoires de La Borde. L'organisation du travail à la clinique de Cour-Cheverny (1953-1963)*, número 21, 1976.

RIBORDY-TSCHOPP, Françoise. *Fernand Deligny. Éducateur "sans qualités"*, Genebra, Éditions IES, 1989.

SÉVÉRAC, Pascal. *Fernand Deligny, l'agir au lieu de l'esprit*, pp. 253-268 in Intellectica, 2012/1, número 57, 2012.

SIBERTIN-BLANC, Guillaume. *Politique et État, chez Deleuze et Guattari. Essai sur le matérialisme histotico-machinique*, Paris, PUF, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*, São Paulo, Cosac Naify, 2013.

WALLON, Henri. *De l'acte à la pensée. Essai de psychologie comparée*, Paris, Flammarion, 1942.

_____. *Les origines du caractère chez l'enfant: les préludes du sentiment de personnalité*, Paris, PUF, 1973.

9

Anexo 1

Para a apresentação da base de dados referente à organização dos arquivos Fernand Deligny, escolhemos manter a versão original, em francês, entregue ao IMEC após a conclusão do trabalho, em junho de 2015. Por se tratar de um instrumento de trabalho específico para a consulta no *Fundo Fernand Deligny*, a tradução para o português retiraria do mesmo sua utilidade, uma vez que os títulos das obras se encontram em francês no arquivo do IMEC.

Base de dados dos arquivos Fernand Deligny - Cévennes**Versement complémentaire Fonds Fernand DELIGNY**

Arrivé à l'IMEC le 29 mai 2015

Premier descriptif en l'état réalisé par Marlon Miguel et Noelle Resende

Numéro Mnesys : 664

Informations sur le lieu d'origine et l'état de conservation:

Les archives de Fernand Deligny se trouvaient dans une salle au troisième et dernier étage de la maison à Montplaisir, proche de Monoblet, lieu d'accueil d'adultes autistes géré par Gisèle Durand et Jacques Lin, qui y vivent et poursuivent d'une certaine manière le travail de Deligny. Cette salle est à la fois un espace de travail avec des grandes tables et un espace de rangement – avec d'autres matériaux, notamment des tableaux de Gisèle Durand. Nous avons été accueillis par tous les deux qui nous ont également suivi dans l'organisation et classement du matériel versé à l'IMEC. Nous avons eu affaire principalement à des textes, manuscrits et tapuscrits, de Deligny. Mais nous avons aussi retrouvé des documents – notes, photographies, cartes – faites par d'autres personnes du réseau et qui ne furent pas envoyés. À part quelques feuilles contenant des traces ou mêmes quelques déchirures, les textes étaient pour la plupart dans un bon état de conservation. Les manuscrits, étant la plupart des grandes feuilles (format A3), étaient cependant pliés en deux. Quelques textes avaient déjà été plus ou moins pré-classés et se retrouvaient dans des boîtes en carton gris. La plupart, cependant, se retrouvait dans une grande malle, une grande valise et dans quelques boîtes en carton blanc. Ces textes étaient tous mélangés et sans forcément un ordre défini, ni un titre marqué sur la page. Nous avons essayé, quand cela était possible, de reconstituer l'ordre des pages et les textes.

Plusieurs feuilles sont restées pourtant isolées ou en blocs incomplets. Pendant les presque trente ans dans les Cévennes, beaucoup de choses ont été jetées ou perdues, d'où peut-être de pages sans suite ou/ ni début. Pour cette reconstitution, nous avons entrepris l'organisation à partir d'une méthode thématique et chronologique qui s'est précisée au fur et à mesure du travail.

BASE DE DONNÉES DELIGNY-CÉVENNES

Début du travail d'archive – 19/09/2014

1^{ère} Visite : 19/09/2014 – 26/09/2014

2^{ème} Visite : 16/10/2014 – 19/10/2014

3^{ème} Visite : 04/12/2014 – 07/12/2014

4^{ème} Visite : 19/01/2015 – 31/01/2015

5^{ème} Visite : 25/03/2015 – 30/03/2015

6^{ème} Visite : 12/05/2015 – 27/05/2015

Visite IMEC : 09/06/2015 – 12/06/2015

Légende du Catalogue

A = Asile (textes tardifs autour de l'Asile)

C = Textes théorico-conceptuels

K = Textes autour du cinéma et l'image

L = Textes littéraires (nouvelles, contes...)

P = Textes autour de la présentation du réseau, des pratiques, demandes d'aide, entretiens, préfaces/ postfaces, textes d'autres personnes à propos de Deligny

R = Textes du réseau (des journaux du coutumiers, matériel des présences proches ou d'autres personnes que pas Deligny...)

T = Textes pour Rue de l'Oural

M = Manuscrits divers non tout à fait identifiés

A Asile (textes tardifs autour de l'Asile)

DGN 39

**A1
(Vers 1983-1985)**

1. *Mémoire d'asiles*, [août] 1984 (Dédié à Henri Wallon et aux travailleurs sociaux, 167 pages + Manuscrit pp. 31-83 correspondant aux pp. 59-153 du texte dactylographié + suite : Manuscrit pp. 82-90 correspondant aux pp. 154-167 [Le manuscrit continue le texte dactylographié d'une page]) * →

	<p>DGN 24 (D'autres parties du Manuscrit pp. 1-48 correspondant au tapuscrit pp. 1-73)</p> <p>+ Textes manuscrits pour/ autour de <i>Mémoire d'asile</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>L'empire du signe (mémoire d'asiles)</i> [format demi feuille] (8 pages) • <i>L'emprise du signe (mémoire d'asiles)</i> (12 pages) • « Tant d'asiles en cinquante ans, et ce mémoire inéluctable » (6 pages) • « Pour tant d'asiles, une mémoire » (4 pages) • « Tant d'asiles, en cinquante ans, et si divers d'aspect qu'ils semblent... » (1 page) • <i>L'arbre et le</i> [?], « Tant d'asiles en cinquante ans et, au détour de celui-ci, sans doute ultime... » (10 pages) • « Toute tentative d'asile fait mirage les hautes vogues de la culture ambiante » (4 pages) <p>2. A comme asile (pp. 1-114) + <i>Éloge de l'Asile</i> (pp. 129-135, correspondant à la fin du texte), dédié à Henri Wallon, juillet 1984, 135 pages + Manuscrit pp. 49-70, concernant pp. 74-107) [Édité chez Dunod en 1999 avec en plus un avant-propos de deux pages]</p> <p>+ Lettre à René Zazzo en réponse à une lettre du 28 juin (2 pages manuscrites)</p> <p>3. En cette échoppe-ci / Au détour d'asiles, 1983 → IMEC DGN 26 [D'autres manuscrits]</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>De cette échoppe-ci/ Au détour d'asiles</i> « Première écriture » (40 pages, il y a les pages 1-29 + page 30 coupées en deux + 33-40) / [+ 1 copie Cévennes] → IMEC DGN 20 (Manuscrit correspondant aux pp. 1-21) • « Deuxième écriture » (12 pages + Manuscrit pp. 1-9 correspondant à la mi-page 12 du texte dactylographié ; puis le manuscrit reprend, selon note à Deligny, à la page 13 qui correspond à la suite du texte dactylographié) / [+ 1 copie Cévennes] • « Troisième écriture » (7 pages + Manuscrit pp. 1-9, manque page 6, pp. 7-9 est la suite du texte dactylographié) / [+ 1 copie Cévennes]
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogue [Interlocuteur : Marcel Gauchet ?] (« 14 janvier 1983 » p. 1, p. 2 ou 6, pp. 7-10, « 15 janvier » : pp. 11-14, + pp. 74-77 ; « Le 26 Janvier » : pp. 78-84 ; + Manuscrits « 15 février » : pp. 174-177 ; « 18 février » : pp. 174-177 ; « 19 février » : pp. 178- 182 ; « 20 février » : pp. 183-185 ; « 21 février » : pp. 186-189 ; « 22 février » : p. 190) → IMEC DGN 26 (D'Autres Manuscrits de cette série) • « Trois grandes cartes noires échoppés de par la main de mon prochain, autiste » (Manuscrit 3 pages) • « En cette échoppe où entre la lumière, chaque matin, je... » (Manuscrit 9 pages) • « L'homme dont il est tant parlé veut être considéré... » (Manuscrit 17 pages, incomplet) • « Dès l'instant où l'autre ne perçoit du signe... » (Manuscrit pp. 1-3 (subdivisions « 1 », « 2 », « 3 ») pp. 19-20 (« 5 »)) • « Je sais depuis cinq ans que ce mémoire inéluctable » (Manuscrit pp. 1-9) • « 1680 – Claude de Jouanpoult dont j'ignorais tout jusqu'à ces jours derniers... » (Manuscrit pp. 34-40) → IMEC DGN 18 (Début du texte pp. 1-33) • « Libertaire de mon état, me voilà donc d'Asile dès 1933 » (Manuscrit pp. 54-64) • <i>Sans alibi</i> [L'histoire que Deligny allait raconter de Claude de Jouanpoult, des observations, arrivée de <i>Cartes et figures de la terre...</i>] (Manuscrit 6 pages) <p>Obs : Plusieurs versions jamais complètement achevées. Propos repris dans <i>A comme asile, Éloge de l'asile et Mémoire d'asile</i></p> <p>4. En quête de l'y être (24 pages) / [+ 1 copie Cévennes] * → IMEC DGN 20 (Manuscrit pp. 1-34 qui continue le texte. Tapuscrit finit sur la p. 24 qui équivaut à la p. 19 du Manuscrit) + IMEC DGN 27 (Tapuscrit 37 pages)</p> <p>5. « Certaines étaient craquelées avant même de tomber... » [Histoire des singes ; lié à <i>Mémoire d'asile</i> ou <i>En cette échoppe-ci ?</i>] (pp. 13-29) / [+1 copie Cévennes] → IMEC DGN 27 (Tapuscrit du début pp. 1-12)</p>
--	--

Textes théorico-conceptuels	
<p>DGN 40</p> <p>C1</p> <p>Autour de Traces d'être et bâtisse d'ombre (<i>Traces d'être, Traces d'i...</i>)</p> <p>Textes liés au dialogue avec J.M. Chaumont (1981-1983)</p>	<p>1. <i>Traces d'I</i> [malgré le titre, il s'agit d'une version alternative à celle publiée de <i>Traces d'être et bâtisse d'ombre, 1982 ?</i>] « À lire que 'l'homme préhistorique a possédé un comportement humain', on ne s'étonne pas » (212 pages + Manuscrit pp. 252-299 correspondant aux pp. 179-212) / [+ 1 copie complète + 1 copie pp. 162-212 Cévennes]</p> <ul style="list-style-type: none"> « À dire que les cartes sont ce qui nous manque » (Manuscrit pp. 226-251) [Quelques parties du manuscrit correspondent à des extraits de <i>Traces d'être et bâtisse d'ombre</i> tel comme publié] <p>Obs : les 9 premières pages, aussi bien que d'autres extraits sont pareils que <i>Traces d'être et bâtisse d'ombre</i> [de 1983]. Puisque Chaumont a fait le choix des textes pour l'édition finale, pas tous les textes sont rentrés dans l'édition finale.</p> <ul style="list-style-type: none"> Traces d'I, Le 5 novembre : « Je commence ce journal à deux jours de mon anniversaire... » (45 pages) / [+ 1 copie incomplètes de 22 pages Cévennes] 12 blocs de Manuscrits marqués « <i>Traces d'I</i> ».
	<p>2. <i>Traces d'être et bâtisse d'ombre</i>, vers 1983. [Version différente de celle publiée]. (94 pages + Manuscrit 102 pages, manque pages 53, 61)</p>
	<p>3. <i>Traces d'être</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <i>Traces d'être</i>, « Il s'agit d'un cahier, petit tas de feuilles reliées et munies d'une couverture » (15 pages + Manuscrit 20 pages) / [+ 1 copies Cévennes] * <i>Traces d'être</i> (4 pages) / [+ 1 copie Cévennes] Légende Carte 3 <i>Le séré et le grand arbre de nos trajets</i> (2 pages) / [+ 1 copie Cévennes] → C5-4 Notes et Brouillons [Recoupe thèmes de <i>l'Être ou l'être</i> à Chaumont] (1 page manuscrite + 1 bloc 6 pages + 1 bloc 4 pages + 1 bloc 5 pages) <i>Traces d'être</i> « Il s'agit d'être à l'infinif, comme on dit exister » [Recoupe de thèmes aussi de <i>Singulière ethnique</i>, p. 1469] (3 pages) <p>Obs : Projet de Cahier. Recoupe thèmes de Traces d'I (C1 1), <i>Traces d'être et bâtisse</i></p>

	<i>d'ombre et de Tracer</i> (M2 4)
	4. <i>Traces d'I et bâtisse d'ombre</i> (Manuscrit adressé à Chaumont, avril 1981, 9 pages)
	5. <i>Intuition et vérité</i> (4 pages) / [+1 copie, Cévennes] *
DGN 41- DGN 42 C2 Autour de <i>L'Être et l'être</i> conversations avec J.M. Chaumont (<i>Traces d'I...</i>) (1979-1981)	1 / DGN 41 1. <i>Singulière Ethnie, ou l'Être et l'être</i> [à propos de l'être subjectif et l'être à l'infinif. Date de l'époque de l'écriture de <i>Singulière Ethnie</i> (Fin 1979). L'échange avec Chaumont finit par devenir un texte dont des parties sont reprises dans <i>Traces d'I</i> . (372 pages) + Manuscrits : pp. 22-44 (correspondant pp. 13-29) ; pp. 1-22 (correspondant pp. 44-58/ « L'un et le commun ») ; pp. 1-21 (correspondant pp. 59-69) ; pp. 22-52 (correspondant pp. 70-91) ; pp. 1-96 (correspondant pp. 92-159 / « Subir et vouloir ») ; pp. 171-223 (pp. 210-247) ; pp. 224-411 (correspondant pp. 248-372). / [+ 1 Cévennes].
	2-3-4/ DGN 42 2. Textes pour <i>Traces d'I</i> tel comme publiés <ul style="list-style-type: none"> • <i>La malencontre</i> (5 pages + manuscrit 8 pages) • <i>Singulière Ethnie. Vérité du pouvoir et pouvoir de la vérité</i> [daté 29/12/79, aussi pour « Clinica », dans un dossier qui disait « Paru dans Spirali numéro 4, avril 1980. Extrait de <i>Singulière Ethnie</i> »] (12 pages + Manuscrit 15 pages) / [+1 copie Cévennes] • <i>Des réseaux et des hommes</i> + Manuscrit (12 pages) [publié également dans <i>Revue Mêlée</i>, numéro 2, novembre, 1981] (11 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • <i>Semblant, il faut le faire</i> [version alternative de <i>Semblant de rien ?</i>] (6 pages + Manuscrit 8 pages) / [+1 copie Cévennes]
	3. Manuscrits et lettres autour de la conversation avec Chaumont <ul style="list-style-type: none"> • 18 mars (9 pages) • 26 mars (3 pages), autour des thèmes de la <i>Singulière Ethnie</i>. • <i>Parler veut dire</i> (pp. 1-14, manque pages 11 et 13)

	<ul style="list-style-type: none"> • Fin janvier 1981 (29 pages) • « Pour répondre à votre demande d'un texte de quinze à vingt pages » (14 pages) • <i>L'être libre</i> (2 blocs 6 + 2 pages) • <i>Lettre</i>, « Curieusement, il s'avère que je suis moins susceptible que vous » (3 pages) • « J'écris en marge d'être » (4 pages) [forme-poème] + « Que les mots soient illusoires refuges » (3 pages) <p>4. Pentalogie Symbiose/ Coïncidences, à J.M. Chaumont *</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Le pote et la symbiose</i>, « 1 » (5 pages) • <i>Symbiose et conjugaison</i>, « 2 » (5 pages + manuscrit 5 pages) • <i>Symbiose, sympathie, arbitraire</i>, « 3 » (5 pages + Manuscrit 3 pages incomplet) • <i>Le moindre mot</i>, « 4 » (7 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • <i>Coïncidences</i>, « Si donc je dis symbiose... » [Dit « 5 »] (4 pages) / [+ 1 copie Cévennes] <p>Obs : Il y a une série des textes <i>Coïncidences</i> peut-être appartenant au possible Cahiers de l'immuable/ 4 (C5 7). Sont-ils en rapport ? Forment-ils un ensemble unique ?</p>
<p>DGN 43</p> <p>C3 Autour de la <i>Singulière Ethnie</i> (1978-1980)</p>	<p>1. Notes préliminaires</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Singulière Ethnie</i> 30 mai 1978 (18 pages) • <i>Singulière Ethnie</i> (4 pages) <p>2. <i>Singulière ethnie, nature et pouvoir et nature du pouvoir</i> [Texte d'introduction/ préface à la <i>Singulière Ethnie</i>] (6 pages) / [+ 1 copie Cévennes]</p> <p>3. Texte préliminaire, à propos du « grand correcteur », « au québécois » (10 pages + Manuscrit 11 pages)</p> <p>4. <i>Singulière Ethnie</i> [Deligny commente LS (<i>Tristes Tropiques</i>)] (pp. 2-48. Manque première page) / [+ 1 copie pp. 41-48 Cévennes] *</p> <p>5. Notes/ textes manuscrits de préparation</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Singulière Ethnie</i> (30 pages) • <i>Singulière ethnie ou d'une pacte l'autre</i>, « au québécois » (15 pages) • Sans titre, « On comprend bien que pour ce qui nous concerne... » (pp. 10-36) • <i>Singulière ethnie</i> (17 pages) • <i>Singulière ethnie</i> (15 pages) • « J'en avais fini avec ce livre ci... » (5

	<p>pages)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Singulière ethnologie suite</i> (pp. 33-43) • Série des manuscrits, avec pages manquantes : pp. 5-10 ; pp. 35-74 ; pp. 165-195 • Brouillon <p>6. Manuscrit texte final (Blocs pp. 1-6 + pp. 1-34 correspondant aux <i>Œuvres</i> pp. 1377-1394 ; pp. 75-101 correspondant aux pp. 1413-1425 ; bloc pp. 35-36 correspondant pp. 1441- 1442 ; bloc pp. 37-43 correspondant pp. 1446-1448 ; bloc pp. 43-98 correspondant à la fin du texte : pp. 1398-1472).</p>
<p>DGN 44</p> <p>C4 Articles théoriques (1976-1983)</p>	<p>1. Textes de l'<i>Arachnéen</i> (et de <i>Les enfants et le silence</i>, pour les conférences en Italie)... :</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Connivence</i> (même texte : <i>Langage et sexualité</i> + <i>Sexe et langage</i>, 8 pages chacun) / + [1 copie de chaque Cévennes] • <i>Je t'écris mon nom</i>, 1980 (15 pages) / [+1 copie Cévennes] • <i>L'obligatoire et le fortuit</i>, Juin 1980 (13 pages) + <i>L'obligatoire</i> (Une version alternative, 7 pages) / [+ 2 copies Cévennes du texte de 13 pages] • <i>L'art, les bords... et le dehors</i> (6 pages) • <i>La liberté sans nom</i> (11 pages) • <i>L'agir et l'agi</i> (12 pages + 1 schéma du texte) + Version préliminaire (9 pages) / [+ 3 copies Cévennes de la version préliminaire + 1 schéma] • <i>L'enfant comblé</i> (= <i>Enfant autiste</i>), Printemps 1979 [Ce texte constituerait une partie du « Cahier journal d'une tentative »] (11 pages). • <i>Ces excessifs</i> (6 pages) / [+ 2 copies Cévennes] • <i>La parade</i> (7 pages) / [+1 copie Cévennes] • <i>Carte prise, carte tracée</i> (10 pages) / [+ 2 copies Cévennes] • <i>La voix manquée</i>, juin 1981 (7 pages) + Manuscrit (7 pages) / [+ 3 copies Cévennes] • <i>L'humain et le surnaturel</i> (8 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • <i>Manuscrit arachnéen</i> (148 pages. pp. 1-55 ; suivie avec autre numérotation : pp. 36-88 ; la numérotation change encore : pp. 84-125. Le texte change par rapport à celui publié dans le paragraphe 50. Les pp. 126-127 et puis pp. 134-135 (changement de numérotation) (paragraphe 50 et 51) correspondent, étant différents, au paragraphe 50 de la version publiée. Pp. 136-143 (paragraphe 52 et 53)

	<p>correspondent à une version plus longue que le paragraphe 51 de l'édition publiée. Pp. 143-148 (paragraphe 54 et 55) correspondent aux paragraphes 52 et 53 de l'édition publiée. pp. 148-152 (paragraphe 56) correspond (avec un début plus long et différent) au paragraphe 54 de l'édition publiée. Pp. 152-158 (paragraphe 57 et 58) correspond aux paragraphes 55 et 56 publiés tel quels. Pp. 159-162 (paragraphe 59) correspond avec une fin différente et plus longue au paragraphe 57 publié. Pp. 163-166 (paragraphe 60) n'existe pas dans la version publiée. Pp. 166-170 (paragraphe 61 et 62) correspond avec un début différent et plus long, et une fin plus courte, au paragraphe 59 publié)</p>
	<p>2. Textes achevés/ publiés toute fin des années 1970- début des années 1980</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>La marge et la frange</i> (Février 1980, pour CEMEA, UST (laboratoire pluridisciplinaire baptisé UST pour "Usages sociaux des télécommunications », publié dans <i>Vie sociale et traitement</i>, no 129, juin-juillet 1980) (7 pages). * • <i>L'auteur édité</i> (pour <i>Revue Clinica</i>. Juillet-août 1979) (8 pages + manuscrit 10 pages) * • Article pour <i>France Nouvelle</i> (avec glossaire, « petit vocabulaire », à la fin). (6 pages, + glossaire : 5 pages + légende cartes : 3 pages) * • Article pour <i>Autrement</i>. Février 1980. (3 pages).* • Article/ témoignage pour revue <i>Réadaptation</i> [numéro 293, septembre-octobre 1982, numéro spécial sur les psychotique]. Avril 1982. (5 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • <i>L'autiste et la PornoGRAPHIE</i> [Pour revue italienne <i>Clinica</i>] (11 pages + manuscrit 14 pages) • <i>En marge du vouloir</i> [Spirali, octobre 1981, marqué « pas envoyé »] (10 pages + manuscrit, 11 pages) / [+1 copie Cévennes] * • <i>Faire parler le projet</i>, 1981 (6 pages) [Pour le numéro 3 de la Revue Mée] + Manuscrit (7 pages) + 1 page manuscrit (lettre adressé Ch. Silvestre)/ [+1 copie Cévennes] * • <i>Culture et détour</i>, Juin 1981 (8 pages) + Manuscrit (5 pages qui correspondent aux six premières pages du texte dactylographié, manque le reste) / [+ 1 copie Cévennes] * • <i>L'homme sans conviction</i>, février 1980 [in : «

	<p>Milieus de soins et travail des circonstances », rapport établi par Isaac Joseph, Alain Battagay, Paul Fustier et Yane Golay, Centre de recherches sur l'inadaptation (CRI), université de Lyon 2] (10 pages) / [+ 1 copie Cévennes]) *</p> <p>3. Les détours de l'agir et le moindre geste, 1979 (156 pages + avant-propos 3 pages avec Manuscrit 3 pages) / [+ 1 copie Cévennes avec pages manquantes]</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manuscrit pp. 54-92 (correspondant au texte achevé avec des légères différences) • + Textes-notes manuscrites : un bloc 11 pages + un bloc 28 pages • + Texte de présentation [Auteur inconnu], « Depuis 1936, Fernand Deligny a mené diverses tentatives... » (2 pages) • IMEC DGN 20 (Manuscrit pp. 1-16 correspondant au texte des Œuvres pp. 1251-1256) <p>4. Textes non-identifiés vers 1976-1978 *</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>D'ailleurs</i> [inédit ?] (16p, 2 copies) / [+ 1 copie Cévennes] • « L'autre soir, à la radio, des voix parlaient des sciences de l'homme » (6 pages + Manuscrit 6 pages) • « Le premier philosophe que j'ai vu vivant était professeur dans cette classe fort sombre... » [à propos de l'individu/ commun de l'espèce/Althusser] (12 pages). • <i>L'autre face</i>, mars 1979 (14 pages) / [+ 1 copie Cévennes] <p>5. Texte non-identifié, été 1983, « Des passants m'ont dit que je devrais faire un ricochet avec ce grain de crapule écrit il y a quarante ans » [Texte inachevé. À propos de « Milieu, institution et asile »] (13 pages + Manuscrit 15 pages, dont 10ème page manquante ; le manuscrit est plus long que le texte dactylographié) / [+ 1 copie Cévennes]</p> <p>6. Fabliaux – être sans avoir, début années 1980 [inachevé ?] (37 pages) / [+ 1 copies Cévennes] * → IMEC DGN 18 (Manuscrit correspondant, manque dernière page, p. 28)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ne pas confondre avec <i>Être sans avoir</i> (à propos de Montaigne). In : IMEC DGN 20 (351 pages) et DGN 26. Ces textes à l'IMEC
--	--

	datent de la fin des années 1980 (probablement 1989).
<p>DGN 45</p> <p>C5</p> <p>Cahiers de l'Immuable 4 [Cahiers-journaux de la tentative : <i>Quand le bonhomme n'y est pas</i>] (Vers 1978)</p> <p><i>*obs :</i> Dans la même valise, pas touchée selon Gisèle D. jusqu'alors, s'y retrouvaient aussi des textes de la période de l'arachnéen (<i>Les enfants et le silence</i>), des brouillons de la singulière ethnologie (ethnie singulière...) et surtout des journaux du coutumier (77-78), avec des dessins, des photos, des cartes, etc... Tout cela n'irait pas pu rentrer dans ces cahiers ? [C'est la période transition aussi aux textes de l'image qui ont p.e. emporté Deligny de ce projet... ?]. Rhizome date de 1976 et est aussi cité dans une introduction possible. Référence à lettre de Marie Bonnafé (correspondance n'est pas ici, mais selon fiche Imec date de 1978). Référence à l'époque du Projet N. Il y a encore les textes Coïncidences (à Chaumont ?) notamment, où Deligny parle de « Ces Cahiers-ci », continuation donc des Cahiers que Chaumont avait lu. « Symbiose » (3 textes) fait partie de cette série ?</p>	<p>1. Quand le bonhomme n'y est pas ou le moindre geste (60 pages) / [+ 1 copie Cévennes]</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Le pas de porte</i> [Version très longue et préliminaire] (Manuscrit 284 pages) <p>2. Introduction aux cahiers/ 4</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Quand le bonhomme n'y est pas ou le moindre geste</i>, « Ça se dit : faire un livre. On ne dit pas faire un cahier » [Introduction aux cahiers] 8 pages] • « Il ne s'agit pas donc d'un livre, mais d'un cahier » [Introduction alternative au premier pour les trois premières pages] (8 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • « Ce Cahier/4 s'est longtemps cherché », [Introduction aux Cahiers/4, Citation de <i>Rhizome</i>] (4 pages) / [+ 1 copie Cévennes] <p>3. Correspondances pour Cahiers/ 4</p> <ul style="list-style-type: none"> • À Franck Chaumon (après lecture de : État, hégémonie, psychiatrie) (3 pages) + texte Franck Chaumon (23 pages) + Manuscrit lettre Deligny (2 pages) • Lettre manuscrite du 11 mars à Roger Dadoun (1 page) • Lettre manuscrite du 7 octobre + extrait lettre 10 octobre (2 pages) • Réponse à une lettre du 4 mars (5 pages) / [+1 copie Cévennes] <p>4. À propos des cartes</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introduction « Ces traces que nous appelons lignes d'erre sont traces de trajet... » (5 pages + Manuscrit 5 pages) / [+ 2 copies Cévennes] • Introduction « Les traces grises sont celles de nos trajets habituels... » (1 page) • Légende carte 1 <i>Les 3 aires</i> (3 pages + Manuscrit 3 pages) / [+ 1 copies Cévennes] • Légende carte 2 <i>Les toits de Graniers</i> (2 pages + Manuscrit 3 pages) / [+ 1 copies Cévennes] • Légende carte 3 <i>Le Séré et le grand arbre de nos trajets</i> (2 pages) / [+ 1 copies Cévennes] → Pour exposition <i>Errants, nomades, voyageurs</i>, réalisé au Centre Georges

	<p>Pompidou 25 juin-2 septembre 1980. Deligny écrit un article. Double em C1 - 3</p> <ul style="list-style-type: none"> • Légende carte 4 <i>Constellation de chevêtres</i> (2 pages + Manuscrit 2 pages) / [+ 1 copies Cévennes] • Légende carte 5 « Les lignes de la main... » (2 pages + manuscrit) / [+ 2 copies Cévennes]
	<p>5. Brouillons et textes-notes manuscrits divers pour les Cahiers/ 4</p>
	<p>6. Série de textes <i>Coïncidences</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • « Que le mode d'être... » (4 pages + manuscrit 4 pages) / [+1 copie Cévennes] • « Parler d'autisme... » (5 pages + manuscrit 5 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • « Il y a certes de vrai Chicanos à propos de ce qui décide de la 'rupture' entre ces deux modes d'être... » [Dit « 3 » (14 pages manuscrites)] • <i>Coïncider</i>, « Que coïncider soit un mode de pensée, il nous semble pouvoir le comprendre » (Manuscrit pp. 1-8) • <i>Coïncidences</i> (7 pages, dont trois premières barrées) • Obs. : Série de 5 textes ? Les douze premières pages de « l'Être et l'être » (pour Chaumont, in : C2, 1) étaient marqués « coïncidences »
	<p>7. Textes divers achevés</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Mi-lieux, mi quoi d'autre ?</i> (5 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • « Bien qu'autrement m'ait envoyé les textes à paraître dans ce numéro... » [Institution <i>versus</i> initiative, mécréance, Althusser...] (12 pages) [« Prendre la tangente », Autrement, no 13, « Alors, on n'a pas école aujourd'hui ? Des enfants, des lieux parallèles, une alternative à l'école... », avril 1978, p. 188-192] • « Il a été parlé de communisme primitif » [Les deux immuables (l'idéologie et l'aconsient)] (4 pages + manuscrit 3 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • « Nous y voilà d'emblée, aux prises avec cet 'aimer' » [Entre deux films (plusieurs questions et développement théoriques à propos du réseau)] (10 pages + manuscrit 10 pages) / [+1 copie Cévennes] • <i>Cahier/ 4 Au Défaut du langage</i> (3 pages) /

	<p>[+1 copie Cévennes]</p> <ul style="list-style-type: none"> • « Pendant des années, nous avons tracé des cartes » [à propos d'Althusser] (14 pages) • <i>Cahier/ 4</i>, « C'est la saison des tentatives... » (4 pages + manuscrit 5 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • <i>Cahiers 4</i>, « Nous avons parlé de radeau, de dérive, de cartes » (Manuscrit 10 pages)
<p>DGN 46</p> <p>C6</p> <p>Autour des Cahiers de l'Immuable (1975-1976)</p>	<p>1. Matériel de préparation Cahiers/ 1</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texte d'ouverture Cahiers/1 [tel comme publié] (4 pages + manuscrit 6 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • Première section (avec légères différences) (Manuscrit 46 pages)
	<p>2. Matériel de préparation Cahiers/ 2</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Légende carte</i> (2 pages + 6 pages manuscrit) + <i>Grimoire, craie de Janmari, mai 1975</i> (1 page + manuscrits 3 pages). • Début Cahiers/ 2 (manuscrit 4 pages) • Fin section 3 (manuscrit 4 pages) • Section 8, versions légèrement différentes de celle publiée, avec pages manquantes et pages en double (Manuscrits divers, 28 pages) • Le 11 octobre (1 page)
	<p>3. Matériel de préparation Cahiers/ 3</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correspondances/ Entretiens <i>Cahiers/ 3</i> • <i>Ce voir et se regarder ou un éléphant dans le séminaire</i> [texte préparatoire] (2 copies, 8 pages) / [+1 copies Cévennes] + Brouillons et lettres de Milan, 4 mai 1976 demandant un texte à Deligny pour le Congrès International de Psychanalyse. + Texte final [tel comme publié] (8 pages + manuscrit 11 pages). • <i>Journal d'un 'passant'</i>, Nibert Z. [tel comme publié] (14 pages + manuscrit 11 feuilles). • <i>À Félix Guattari</i> [tel comme publié] (3 pages + Manuscrit 5 pages)

- *À propos de l'interdit de parler* [tel comme publié] (5 pages + manuscrit 8 pages).
- « Dans le numéro 5/76 de la revue 'AUTREMENT'... » [tel comme publié, section V] (16 pages + manuscrit 32 pages) / [+2 copies Cévennes].
- *À propos de la tentative* [« Interdits de langage », légèrement modifié] (10 pages).
- Deligny à R. Poulidor, B.M., J.P.N., membres du collectif de la revue *Garde-fous* [non-publié] (6 pages + manuscrit 7 pages).
- À Patrick Ardon, en réponse de la lettre du 26 Mai 1976 [Non-publié] (6 pages + manuscrit 10 pages)
+ Brouillon réponse Deligny (manuscrit, 2 pages).
+ Lettre Patrick Ardon (3 feuilles, manuscrit).
- Isaac Joseph à Deligny, mai 76 [des extraits, notamment des citations de Foucault publiés, section III des Cahiers/ 3] (9 pages).
- Emile Copferman à Deligny, le 4 mai [non-publié] (1 page + manuscrit 1 page) + Deligny à Émile Copferman 9 mai [non-publié] (5 pages + manuscrit 10 pages).
- *À Anne Querrien* (6 pages, tel comme publié).
- « *L'immuable* sert d'enseigne à ces cahiers... » [Début de la section VI] (5 pages + manuscrit 11 pages) / [+ 1 copies Cévennes].
- Deligny sur un article à propos de 'Ce gamin, là' (J. Prochasson – Liaisons – revue d'éducation spécialisée – ANEJI – no 96-97) [« Les mots militent »] (2 pages) / [+1 copie Cévennes].
- Réponse de Deligny aux textes de d'André Fontaine sur 'Ce Gamin là) et de F. Moine (dans Vers l'éducation nouvelle, no 30, avr. 1976 ; et dans La Vie sociale et Traitements, n° 107, fév.-mars-avr. 1976). [non publié dans les Cahiers] (10 pages + manuscrit 20 pages)
- Introduction section IV Cahiers/ 3 [tel comme publié] (1 page + manuscrit) / [+1 copie Cévennes]
- *À Isaac Joseph* [Dans section 5] (4 pages + manuscrit 5 pages)
- *Graniers Janvier 1974* [tel comme publié section 3] (1 page(/ [+ 1 copie Cévennes]
- Légende carte [tel comme publié Section 1] (3 pages + manuscrit 4 pages) / [+ 1 copie Cévennes]
- Début Cahiers/ 3 [tel comme publié] (4

	<p>pages + manuscrit 5 pages)</p> <ul style="list-style-type: none"> • « Y-a-t-il réellement une <i>rupture</i> entre ce Cahier/ 3 et les deux précédents ? » (4 pages + manuscrit 5 pages) / [+1 copie Cévennes] • Brouillons et textes/ notes de préparation pour Cahiers/ 3 • « Un psychiatre passant me disait hier : Et Bettelheim ? » [Section 1] (Manuscrit 6 pages) • <i>Entretien 7/8 Mars Deligny/ Isaac Joseph</i> (manuscrit 6 pages) <p>4. Brouillons et notes Préliminaires pour les Cahiers de l'immuable</p>
<p>DGN 47</p> <p>C7</p> <p>Autour des conversations avec Isaac Joseph (1974-1978)</p>	<p>1. Textes pour/ autour de Nous et l'innocent</p> <ul style="list-style-type: none"> • Copie Dactylographiée repris dans <i>Nous et l'innocent</i> (40 pages ; pp. 774-794 dans les <i>Œuvres</i>). • Manuscrit <i>Lignes d'Erre, chronique d'une tentative</i>, 1973 (24 pages) • Manuscrits divers <i>Lignes d'erre, chronique d'une tentative</i> • Notes-brouillons pour <i>Nous et l'innocent</i> • Textes pour <i>Nous et l'innocent</i> (pp. 96-153, dont plusieurs extraits ont repris dans l'édition finale publiée) <p>2. Textes de Deligny en réponse à Isaac Joseph pour Le croire et le craindre</p> <ul style="list-style-type: none"> • Version en préparation du texte final [277 pages, dont texte « Je ne sais pas où loger ça » (pp. 272-277)] • Lettre à Isaac Joseph 26 décembre 1977 (6 pages) • 2 blocs « d'entretiens » (pp 39-48 + pp. 1-10, suivi de 3 pages de notes d'Isaac Joseph) • 3 blocs de texte dont des parties ont été reprises dans l'édition finale
<p>DGN 48- DGN 49</p> <p>C8 (deux boîtes)</p> <p>Autour de Lointain Prochain (1983-1986)</p>	<p>DGN 48 : Lointain Prochain</p> <p>1. Lointain Prochain, Les deux mémoires, 1983, [version complète, telle comme publié] (76 pages) + Manuscrit (72 pages dont les 67 premières telles que dans la version publiée) [DGN 2]</p> <p>2. Lointain Prochain, ou la double mémoire [version préliminaire de Les deux mémoires] (Manuscrit, 40 pages)</p>

	<p>3. <i>Lointain Prochain, Lettre pour un travailleur social</i>, Printemps 1985 (394 pages) + Manuscrit section XXVIII-début section XXXXIII</p> <p>4. Notes manuscrites de préparation autour de <i>Lointain Prochain</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Manuscrit marqué « Cahier 2 » (21 pages) • <i>Lointain prochain ou les deux mémoires. Esquisses pour une tentative</i> (Manuscrits : 5 + 3 pages) • « On dit du temps » (6 pages) • « À D.W. Être libre » (3 pages) • « Cette substitution de la mémoire acquise... » (3 pages) • « C'est une idée bien étrange que de se prendre... » (21 pages) • <i>Les deux mémoires</i>, « Notre démarche qui persiste depuis juillet 1967... » (5 pages) • Obs : <i>Lointain prochain</i> consiste dans un triptyque. Le troisième texte (<i>Acheminement vers l'image</i>) se trouve dans K2. <p>DGN 49</p> <p>5. Autour du tacite/ <i>Approche du tacite</i>, Projet Cahiers Lointain Prochain 1985-1986 *</p> <ul style="list-style-type: none"> • Un manuscrit de présentation (7 pages) • Manuscrit-brouillon couverture (marqué Cahiers/ 1, novembre 1986) • Manuscrit autour de Wittgenstein, l'Éthique (111 pages, marqué Cahiers/ 2) • Manuscrit autour du tacite, tentative, Wittgenstein... (23 pages) • Notes/ brouillons autour de ces thèmes • Lettre à Renaud Victor autour de <i>Lointain prochain ou les 2 mémoires, Cahiers d'une tentative</i> (3 pages) • Lettre du 21 mars à Michel Bathélémy (8 pages) • <i>Tentative</i> (36 pages, incomplet + Manuscrit pp. 1-25 qui correspond aux 35 premières pages du texte dactylographié ; puis Manuscrit pp. 37-81, qui est la suite du texte) / [+ 1 copie Cévennes] → IMEC : DGN 18 (Reste du manuscrit pp. 26-36) • « Cahiers » 1-5, autour du tacite (5 blocs des pages manuscrites) • Obs : Un échange avec Michel Barthélémy
--	--

	de 1985 apporte des éléments sur cette discussion et projet de Cahiers.
DGN 50 C9 Essi (1993)	1. Essi. et si... bribes (Photocopie du Manuscrit 160 pages - version publiée). IMEC : DGN 8 (tapuscrit) + DGN 17 (Manuscrit original) • Version préliminaire ? (5 pages manuscrites)

K Textes autour du Cinéma et L'Image	
DGN 51 K1 Premiers projets avec Renaud Victor (1972-1975)	1. Pierre d'ailleurs (1972) <ul style="list-style-type: none"> • Synopsis dactylographié (5 pages) + Synopsis en manuscrit (2 blocs : 1. « De l'orée... », 10 pages, qui correspondent aux quatre premières pages dactylographiées + 2. « Écrire ce qui serait... », 6 pages) • Notes et brouillons de préparations (10 pages) • Correspondances différentes : Renaud Victor/ Deligny, Truffaut, Directeur général centre national de la cinématographie [+ 1 copie Cévennes], Jean Fontvieille et à Hélène Vager • Photo A4 d'un chariot en bois 2. Ce gamin, là (titre ancien : Un radeau dans la montagne) <ul style="list-style-type: none"> • Brouillons-notes divers
DGN 52 K2 Textes théoriques sur le cinéma/ image (1978-1983)	1. Camérer <ul style="list-style-type: none"> • Version Janvier 1982 [Pas la version d'œuvres ni celle du DVD, de 1977] (18 pages + manuscrit 19 pages) / [+2 copies Cévennes] * • Version 1983 [in : Œuvres] (manuscrit, 12 pages) • Autres versions ou notes pour <i>Camérer</i> [Manuscrits] <ul style="list-style-type: none"> ○ 7 pages +5 pages (copie légèrement différente). Début : « Film n'est jamais que le mot anglais qui évoque ce qui se dit pellicule dans notre langue... ». ○ 5 pages : « Les uns ont l'usage d'une caméra, il est arrivé que l'autre vive proche d'être autiste ». ○ 1 page : « Camérer c'est voir » (daté 20 décembre) ○ 4 pages : « Camérer c'est voir

	<p>montrer ce qui ne se voit pas »</p> <p>2. <i>Lointain prochain, Acheminement vers l'image</i>, 1983 [Version plus longue que celle dans les Œuvres] (228 pages). / [+1 copie Cévennes] [DGN 2, tapuscrits pages manquantes] → IMEC DGN 18 (Manuscrit pp. 75-250)</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>I comme image</i> (Manuscrit 32 pages, mal numéroté, version alternative du texte) • Obs. : <i>Lointain prochain</i> consiste dans un triptyque. Les autres deux textes se trouvent dans C8. <p>3. Mécréer, mai 1979 ? [Inédit] (48 pages).</p> <ul style="list-style-type: none"> • + Notes manuscrites pour Mécréer (13 pages : pp. 34-39, une page, a-f) <p>4. Les fossiles ont la vie dure</p> <ul style="list-style-type: none"> • Version courte, « - Les mots sont fossiles, n'en doutez pas... » [Achevé] (18 pages) / [+ 3 copies et quelques feuilles Cévennes] * • <i>À propos d'image</i> [incomplet, manque pages de la suite ?], « D'abord dire que les images ne se voient pas » (81 pages + Manuscrit 60 pages mal numérotées, correspondants aux 53 premières pages) / [+ 1 copie et quelques feuilles Cévennes] * • « i entre entre foss et deux l, ce petit intercalé » (Manuscrit pp. 20-41)
<p>DGN 53</p> <p>K3 Projets films divers (1975-1983)</p>	<p>1. Autour du Projet N :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lettre Alain Cazuc à Hélène Vager du 12 Juillet (3 pages) <ul style="list-style-type: none"> ◦ Texte Alain Cazuc (6 pages + révision par Deligny de pp. 5-6 avec notes en manuscrit) • « Puisque 'projet N' est le titre retenus pour ce film à faire... » [Texte Deligny (2 pages)] * • <i>L'usine c'était en 65</i> [Transcription récit Jacques Lin suivi de textes-poème de Deligny. Matériel qui n'est pas rentré dans le film final] (Quatre blocs : 6 pages + 2 pages + 2 pages + 3 pages) * <p>2. Idées-notes pour un film à propos de Jérémie et Yves G. « 'Le moindre geste' mis sur orbite par la semaine de la critique... » [après 1975] (14 pages, incomplet)</p>

	<p>3. Malentendu autour du moindre geste, Début 1980</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Lettre Deligny 2 pages + manuscrit 1 page ○ Lettre J.P. Daniel 3 pages <p>4. Le regard de l'hôte, 1979 (8 pages) / [+ 1 copie Cévennes]</p> <ul style="list-style-type: none"> • + Manuscrit <i>Le regard de l'hôte/ Camérér</i> [Version alternative du texte dactylographié] (8 pages) • + Manuscrit <i>Le regard de l'hôte</i> [Version alternative des textes précédents] (11 pages) <p>5. Attachement, 1983</p> <ul style="list-style-type: none"> • Scénario final (85 pages avec introduction de deux pages + Manuscrit 54 pages) / [+1 copie Cévennes] • Lettre à Sylvie Blum du 15 Juin 1983 (16 pages) / [+2 copies Cévennes] • Ensemble des manuscrits des notes préparatoires/ autour du projet <ul style="list-style-type: none"> ○ Obs. : Personnage : Jérémie. NE PAS CONFONDRE AVEC LA PETITE NOUVELLE « ATTACHEMENT » QUI SE TROUVE DANS « BALIVERNES POUR UN POTE] <p>6. Un jour dehors, 1983</p> <ul style="list-style-type: none"> • Scénario (57 pages) • « Exemple de narration » (18 pages) • Notes manuscrites (16 pages) + Lettre à Renaud Victor (manuscrit 2 pages) • Notes-textes divers (manuscrits) + dessin • Brouillons divers
<p>DGN 54</p> <p style="text-align: center;">K4</p> <p>Projets tardifs avec Renaud Victor <i>Peaux d'argile / La voix du fleuve</i> (1980), Toits d'asile (1987), Film Muet (1988)</p> <p>*obs : Un film qui serait réalisé par Renaud Victor après <i>Ce Gamin, là</i>. Un gamin d'une peuplade souterraine rencontre un autre gamin de « notre monde » dans les Cévennes. Le gamin de la peuplade a</p>	<p>1. Correspondance</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lettre 17 octobre retour Renaud V. à Paris (manuscrit 6 pages) <ul style="list-style-type: none"> ○ + Synopsis dactylographié de <i>Peaux d'argile</i> (6 pages) + Manuscrit (7 pages + 9 pages) • Lettre 29 Juillet [qui fait rapport à une critique au « Quotidien de Paris »] (manuscrit 2 + 8 pages) • Demande d'aide à M. Avignon : Lettre 22 février 1978 (2 pages) / [+1 copie Cévennes] + deuxième lettre (3 pages) • Lettre 17 août à Renaud Victor (1 feuille

<p>la peau d'argile verte, pas d'yeux. <i>Peaux d'argile</i> et d'autres titres possibles : <i>L'homme vert</i>, <i>l'enfant aux tortues</i>, <i>Peau verte</i>...]. Toutes ces notes et projets deviennent <i>La voix du fleuve</i>, scénario achevé et complet. Deuxième écriture de <i>Peau d'argile</i> d'octobre 1980 qui correspond au scénario de <i>La voix du fleuve</i> qui date de novembre 1980. Des propos seront repris dans <i>A propos d'un film à faire</i>.</p>	<p>manuscrite)</p> <p>2. Notes-brouillons-textes préparatoires</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Le petit homme vert</i> (manuscrit 9 pages) • Notes divers • Notes pour le réalisateur [Renaud V.] de <i>Peau Verte</i> (22 pages) • Textes divers manuscrits préparatoires pour <i>Peaux d'argile</i> • Notes-brouillons pour <i>Peaux d'argile</i> <p>3. Cahier <i>Peaux d'argile</i> [Version préliminaire ?] (43 pages)</p> <p>4. 1^{ère} Version <i>Peau d'argile</i> (40 pages) / [+ 2 copies et demi Cévennes]</p> <p>5. Cahier <i>La voix du fleuve</i> : deux versions (55 pages + 33 pages = version finale)</p> <p>6. <i>La voix du fleuve</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Cahier <i>La voix du fleuve</i>, novembre 1980 [scénario achevé] (33 pages) • Avant-propos (2 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • Texte de présentation de <i>La voix du fleuve</i> (7 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • Texte de présentation (3 pages manuscrites) • Deuxième écriture de <i>Peaux d'argile</i>, Octobre 1980 (33 pages = version finale <i>La voix du fleuve</i>) • Manuscrit, « s'est déplacé en tournant toujours dans le ciel d'un bleu uniforme... » (pp. 7-15) • <i>La voix du fleuve</i>, fin juin 1982, « interrompu » (Manuscrit 32 pages). <p>7. Autour de <i>Toits d'asile</i>,</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Toits d'asile ou Naissance d'une rumeur</i> [Texte de présentation] (Tapuscrit : 1 + 8 pages, personnage Roberto ; + Manuscrit 1 + 14 pages, où il manque p. 15 en rapport au tapuscrit, personnage : Paolo) • « De quoi s'agit-il ? De la réalité comme elle est dans J. Conrad » (Manuscrit 7 pages) • <i>Toits d'asile</i>, « Notes prises en marge du récit qui s'écrivait » (Manuscrit 4 pages) • <i>Idole</i> (notes et brouillons diverses pour <i>Toits d'asile</i>) (Manuscrit 22 pages) • <i>Gourgasset</i>, Scénario film, vers fin des années 1980 [Histoire de Paolo, brésilien sur des toits. En rapport à <i>Toits d'asile</i> ?] <ul style="list-style-type: none"> ○ « Pour ce qui concerne l'homme que nous sommes... » [introduction sur l'image suivie de petit scénario] (17
---	---

	<p>pages) → à l'IMEC (DGN 8) tapuscrit correspondant intitulé « <i>Toits d'asile ou naissance d'une rumeur</i> »</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ Deux blocs des notes diverses (pp. 2-8 + <i>Moment I</i>, 2 pages). ○ Version longue plus et plus littéraire (87 pages) <ul style="list-style-type: none"> • <i>Le radeau dans toits d'asile</i> (Tapuscrit, 33 feuilles) <p>8. Autour d'un projet de film muet (Van Horst, Véronique... Repris dans <i>À propos d'un film à faire</i>)</p> <ul style="list-style-type: none"> • 6 blocs de textes-dialogues. • 5 blocs manuscrits diverses (dont un marqué « Toits d'asile »)
<p>DGN 55</p> <p>K5</p> <p>Animation : Malabur et Pipache (Années 1980)</p>	<p>1. Projet Animation, <i>Pipache</i> [5 épisodes. Gisèle Durand a fait des illustrations]</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1^{er} épisode <i>MALABUR, le radeau et PIPACHE bâche-rouge</i> (10 pages + manuscrit 5 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • 2^{ème} épisode <i>Pipache bâche rouge</i> (7 pages + manuscrit 4 pages) / [+1 copie Cévennes] • 3^{ème} épisode <i>L'arbre sorcière</i> (11 pages + manuscrit 4 pages) • 4^{ème} épisode <i>Les pierres du feu et les autres</i> (11 pages + manuscrit 6 pages) / [+1 copie Cévennes] • 5^{ème} épisode <i>Trois p'tits chariots</i> (6 pages + manuscrit 3 pages) / [+1 copie Cévennes] • Notes (manuscrit 3 pages + 5 pages + 1 page) <p>2. Manuscrits version préliminaire</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1. <i>Malabur et le radeau, Pipache bâche rouge</i> (pp. 1-5) • 2. <i>Pipache-bâche-rouge</i> (pp. 6-9) • 3. <i>Pipache et les immigrants noirs</i> (pp. 10-14) • 4. <i>Pipache bâche rouge et la sorcière</i> (pp. 15-18) • 5. <i>Rare [?] ronde est ronde</i> (pp. 19-22) <p>3. Version longue alternative (pp. 2-50, incomplet)</p>

L

Textes Littéraires (nouvelles, contes...)

<p>DGN 56</p> <p>L1 Le pont d'Oncques (À partir de 1978, probablement plutôt début des années 1980) <u>*Obs :</u> Il y a un texte qui s'appelle "Se souvenir / Ce souvenir" dont la page de couverture s'intitule "Le pont d'oncques". Deligny écrit ce texte juste après avoir reçu "Il, donc" de Jean Oury, qui date 1978 (Si Deligny a reçu cette année même on n'en sait rien pour l'instant). En tout cas, c'est un texte introductoire à une <i>série des récits</i> [au pluriel donc] autour de la guerre et des souvenir de la guerre. Deligny arrive au titre parce qu'il voit son nom dans le livre d'Oury. "Il, donc" devient "Il, d'oncques" [D'oncques signifiant, selon Deligny vers 800, "quelques fois", mais qui renvoie aussi à "jamais"]. Le pont d'Oncques renvoie dans cette "introduction" à septembre 1939: "Il y avait deux gendarmes sur le pont d'Oncques"[sur la rivière Tarne, dans un village qui s'appellerait Saint-Georges-de-Luzençon vers Aveyron. Il dit être vers là-bas en septembre 1939. Il y découvre qu'il a été mobilisé pour la guerre. La guerre pour lui commence là-bas. Un total de 4 versions. Nous avons trouvé une version qui semble achevé qui fait 170 pages ; une deuxième version qui semble achevé de 54 pages. Il y a une autre version différente. Ne pas confondre avec la petite nouvelle homonyme publiée dans <i>Balivernes pour un pote</i>, même si ce recueil de textes recoupe des thèmes de certaines versions de <i>Pont d'Oncques</i> (p.e. <i>Barricade</i> qui a les mêmes personnages)</p>	<p>1. <i>Se souvenir/ Ce souvenir</i>, vers 1978 [Introduction à Pont d'Oncques] (8 pages + manuscrit 9 pages) / [+2 copies Cévennes]*</p> <p>2. Version inachevée, « Nous étions à Calais depuis trois mois » (42 pages) / [+ 1 copie Cévennes] → IMEC DGN 20 (Manuscrit correspondant pp. 1-50)</p> <p>3. Version courte « Ce qui a dû arriver à l'auteur de ce livre... » (54 pages) / [+ 1 copie complète + 3 copies pp. 24-54] → IMEC : DGN 19 (Manuscrits correspondants, 3 séries)</p> <p>4. Version longue « Ce qui m'était arrivée dans cette guerre... » (170 pages) / [+ 1 copie Cévennes] → IMEC : DGN 19 (Manuscrit correspondant)</p> <p>5. Manuscrits autour de <i>Le pont d'Oncques</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • « Se peut-il que tous les défauts et vices innovés... » (29 pages) • « Le pont d'Oncques, Récits » (3 pages) • Le pont d'Oncques, « Les gendarmes sur le pont » (1 page) • « Ça arrive qu'un pont disparaisse » (3 pages) • « Le pont d'Oncques n'avait qu'une arche » (3 pages) • « Cette... » (2 pages) • « Le comble, c'est cette croix de guerre dont je me suis trouvé orné... » (7 pages) • « Nous avions cinq dame-jeanne » (2 blocs : 1 + 5 pages) • « Ce que regardait Pype, c'était un trou... » (17 pages) • « arbres et des arbres » (pp. 22-34) • Les yeux au ras de la...Version alternative (pp. 75-97) • Version alternative « Ce même dé de béton, je l'avais trouvé tout au long de mon existence » (pp. 30-39) <p>* <i>Pont d'Oncques</i> à l'IMEC : COTE DGN 19</p>
<p>DGN 57</p> <p>L2 Autour de la Septième face du dé (vers 1979-1981)</p>	<p>1. Texte final publié</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1^{ère} page dactylographiée telle comme publié [+ 3 copies de la première page Cévennes] • Manuscrit (pp. 30-85 correspondant aux pp. 31-75 version publié 1980)

	<ul style="list-style-type: none"> • Manuscrit (pp. 1-44 correspondant aux pp. 143-178 version 1980) → IMEC DGN 20 (Suite Manuscrit pp. 45-118 dans trois séries) <p>2. Manuscrits-notes pour la <i>Septième face du dé</i> (pp. 167-168)</p> <p>3. <i>Paroi</i> ; Suite inachevée de la <i>Septième face du dé</i>, Printemps 1981, [marqué « brouillon », mais complet ; Personnages : Yves, Gaspard Lamiral. Récit imaginaire à propos de une lettre/ carte-postale d'Yves). (207 pages + Manuscrit 218 pages).</p> <p>4. Possibles suites/ versions :</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Le long trajet de Gaspard Lamiral</i> [inachevé/ incomplet]. (49 pages) / [+ 2 copies + 1 copie pp. 1-8 Cévennes] • <i>Clavecin Imaginaire = Clavecin d'avant les premiers jours</i> (100 pages chacun) / [+1 copie Cévennes <i>Clavecin Imaginaire</i> pp. 1-57) → à l'IMEC : aussi avec le titre « 'Clavencin d'avant' L'autre âge », marqué « inachevé, devenu 'Paroi' ». <ul style="list-style-type: none"> ○ Manuscrit, <i>21 février</i> (pp. 1-7 = version dactylographiée) ○ Manuscrit, Pp. 10-23 version alternative) ○ Manuscrit, <i>13 mars</i> (49 pages) ○ Manuscrit, <i>6 mars</i> (pp. 74-79) ○ Manuscrit (pp. 86-114) ○ IMEC DGN 20 (Manuscrit 23 février pp. 10-62 + 4 mars pp. 64-72) • <i>Maritorne/ Maritorne ou l'endroit d'asile</i> [2 versions] <ul style="list-style-type: none"> ○ « La femme avait à peu près cinq mètres... » [inachevé] (12 pages) / [+ 3 copies Cévennes dont une manque la première page]
--	---

	<ul style="list-style-type: none"> ○ <i>Maritorne</i> : « Le tissu bleu était posé sur un bâti de lattes de bois... » [incomplet] (23 pages + Manuscrit 20-29 correspondant au texte à partir p. 18 / [+ 1 copie Cévennes] ▪ « Je devrais retrouver l'amiral treize ans plus tard... » (Manuscrit 19 pages) ▪ « Je devrais retrouver l'amiral treize ans plus tard... » (Manuscrit 7 pages) ▪ « Ils ne passeraient pas l'hiver dans les dunes... » Manuscrit (2 pages) <p>Obs. : Maritorne est un personnage des contes du <i>Vieux Soldat</i>... Mais ces histoires tournent aussi autour de Charlie et Duthil (même noms des personnages qui apparaissent dans la nouvelles <i>Attachement In : Balivernes pour un pote</i>); ou encore de Blanche de Castillo, Gaspard Lamiral (autour de la septième face du dé). IMEC : Maritorne COTE DGN 25</p> <p>5. Manuscrits liés à ces textes</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>La paroi</i>, « Les blindé allemands étaient entrés en Russie » (Manuscrit 10 pages) • <i>Gibets et galère</i>, « Le jour où j'ai rencontré cet homme dans son atelier... » (13 pages manuscrit) • Texte « - Ça faisait un sacré chantier... » (manuscrit 5-13)
<p>DGN 58</p> <p style="text-align: center;">L3 Balivernes pour un pote (1984)</p>	<p>1. <i>Quequeg</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Version 1984 [<i>in</i> : « Balivernes pour un pote », chez Curandera] (15 pages) / [+6 copies Cévennes] • Version 1982 : [<i>in</i> : « Le monde », vers 10 mars 1982] (9 pages + manuscrit trois premières pages) / [+ 1 copie Cévennes] <p>2. <i>Balivernes pour un pote</i> (64 pages) → IMEC : DGN 19 (Manuscrit correspondant, 2 séries 40 pp)</p> <p>3. <i>Le pont d'oncques</i> (36 pages) / [+1 copie Cévennes]</p>

	<p>4. <i>Outremer</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Version publié chez Curandera (81 pages) → IMEC DGN 20 (Manuscrit correspondant pp. 1-92) • Version légèrement différente et plus longue du texte publié (95 pages + Manuscrit pp. 2-23) / [+1 copie Cévennes pages manquantes + 4 copies Cévennes] • Version inachevée et pas envoyée (31 pages) / [+ 2 copies et demi Cévennes] • Manuscrit [version plus proche de celle de 31 pages] (pp. 40-54) • Notes pour <i>Outremer</i>, « Reconstituer le climat de 1930, petite ville du nord » (3 pages) <p>5. <i>Barricade</i> (18 pages) / [+ 6 copies Cévennes]</p> <p>6. <i>Allégorie</i> [ou <i>Effigie</i>] (9 pages + Manuscrit 10 pages) / [+5 copies Cévennes]</p> <p>7. <i>Le premier corps</i> (13 pages + Manuscrit 15 pages) / [+ 6 copies Cévennes]</p> <p>8. <i>Attachement</i> (33 pages) / [+ 6 copies Cévennes]</p>
<p>DGN 59</p> <p>L4 Enfant de Citadelle (Années 1990)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • <i>L'enfant de Citadelle. Feuilleton d'antan</i> (106 pages) • « Le fait est que de Stalingrad j'en suis resté fêlé », 1993 [Il écrit <i>L'enfant de citadelle</i> comme Melville <i>Moby Dick</i>] (97 pages) • <i>L'enfant de Citadelle. Enluminures</i> [« L'eau des douves », titre barré] (30 pages) → IMEC : DGN 26 (Plusieurs séries des manuscrits intitulés <i>L'eau des douves</i> dont un avec le sous-titre <i>Souvenirs d'asile</i>) • « L'ai-je dit ? Pierre Demai n'est pas croyant » (pp. 28-75) • « Le 7 novembre. Brouillard blanc » (5 pages) • « Le 7 novembre de cette année-là était le jour de mes dix-sept ans » (6 pages) • <i>Image cette inconnue (récits)</i>, 1992/1993 (19 pages texte continu + 5 pages brouillon + 1 page texte)

	<ul style="list-style-type: none"> « Mes proches s'inquiétaient. Je n'écrivais plus » (6 pages)
<p>DGN 60</p> <p>L5</p> <p><i>Autour de Contes du vieux soldat et de belle lurette</i> (1982)</p>	<p>1. Contes du vieux soldat de belle lurette [Version publiée dans les <i>Œuvres</i> mise en page différente] (239 pages) / [+2 copies (dont 1 copie manque la page 130)]</p> <p>2. Manuscrits préliminaires du Vieux Soldat</p> <ul style="list-style-type: none"> « Il était une fois un vieux soldat qu'avait... » (24 pages) « Le vieux soldat avait fait la guerre de Trente ans... » (3 pages) « Quand j'ai vu le vieux soldat pour la première fois... » (9 pages) « Il était une fois un vieux soldat qu'avait [...] Il avait un habit bleu... » (5 pages) « Il était une fois un vieux soldat qu'avait fait [...] Du fond de la sale où il était logé... » (5 pages) <i>L'aragne et le vieux soldat</i> (55 pages) « Il était une fois un vieux soldat qui avait fait bon nombre de guerre... » (13 pages) « des cahutes de planches et tout en haut... » (pp. 19-38) [Recto a des pages barrées correspondant à quelques pages qui précèdent la version « C'était une autre cité... »]. « C'était une autre cité » (pp. 42-46) [Pages barrées] <p>3. Version alternative, dite « 1^{er} récit » (31 pages + manuscrit 149 pages avec pages manquantes : Manuscrit pp-35-40, puis 68-73, 85-149 (- p.134); suite du texte dactylographié ?) [+3 copies Cévennes]</p> <p>4. Version alternative dite « Second récit » [inachevé] (43 pages + Manuscrit, 2 premières sections + quelques pages : pp. 1-18 + pp. 21-22) / [+5 copies Cévennes dont une avec pages manquantes]</p>

<p>DGN 61</p> <p>L6 D'autres textes (1960-1980)</p>	<p>1. <i>Mère Mylord</i>, années 1960 (64 pages)</p> <p>2. <i>L'ancre et le perroquet</i>, années 1980 « Le fait est que lors de l'hiver 1959-1960, ce breton et ce savoyard... » (Manuscrit 119 pages) [Mélange de fiction et auto-biographie ; les tentatives ; Pype.] → DGN 27 (Tapuscrit correspondant)</p> <p>3. <i>Pilotis</i>, fin des années 1970 ? [Récit fictif] (47 pages) / [+ 6 copies Cévennes, mise en page différente]</p> <p>4. <i>Combles</i>, fin des années 1970 ? [Épigraphe : <i>Dialogues</i> (Deleuze et Claire Parnet) ; fiction et autobiographie ?] (16 pages) *</p> <p>5. « L'O » (Dans « <i>Cette échoppe-ci/ Au détour d'asile</i> », Deligny dit que « L'O » est le signe du vide, de l' ; absent), Texte à propos de la venue d'Yves Demai dans les Cévennes, 1984 ? [Yves Demailly ? (qui était ami de Deligny et avait une librairie à Lille ? Yves Demeleunaere ? Récit fictif ? biographique ? Lié très probablement à la préparation de <i>Rue de l'Oural</i> ? Incomplet] ; « Le 25 octobre. Il est arrivé avant-hier... » (69 pages, incomplet/ inachevé)</p> <ul style="list-style-type: none"> • À l'IMEC DGN 3, copie du même Tapuscrit, intitulé « L'O », 64 pages (manque p. 69) + DGN 27 (2 tapuscrits manquant p. 69) • L'IMEC DGN 18 (Notes manuscrites pour ce texte, expliquant qui est Yves Demai, que Deligny avait connu avant la guerre, retrouvé encore lorsqu'il travaillait à Travail et Culture dans le théâtre à rue de l'Oural. (Noémie apparaît en tant que « mort huchée ») Yves Demai, libraire, aurait une librairie qu'il partageait avec Maria (veuve de Nestor qui n'était pas revenu des Brigades Internationales) ayant une Boutique de légumes. 45 ans plus tard il viendrait avec Maria dans les Cévennes, en Lozère, et passerait peut-être pour rendre visite à Deligny. 1984 ?) → <i>Rue de l'Oural</i> serait une fiction construite à partir de ces histoires ?) • IMEC DGN 18 (Manuscrit Suite texte dactylographié ? Commencant 11 novembre. Yves Demai, l'asile... + Versions alternatives du « 25 octobre... »)
---	--

DGN 62

P

Textes autour de la présentation du réseau, des pratiques, demandes d'aide, entretiens, préfaces/ postfaces, textes d'autres personnes à propos de Deligny

P1
(1975-1990)

1. Exposition Beaubourg 1980 *Cartes et figures de la Terre*

- *Cartes et figures de la Terre*, Françoise Bonardel pour exposition à Beaubourg, 1980 (14 pages) / [+ 1 copie complète, 1 copie incomplète Cévennes + pages doubles mal numérotés]
- Texte Deligny « Beaubourg été 1980 texte catalogue » (« Ces cartes que nous appelons lignes d'erre sont traces de trajets ») (5 pages)
 - + Légende « Carte 1 Les 3 aires » (3 pages)
 - + Légende « Carte 2 Les toits de Graniers » (2 pages)
 - + Légende « Carte 3 Constellation de chevêtres » (2 pages)
 - + Légende « Carte 5 » (2 pages)

2. Textes de présentation du réseau

- Document de Bernard VARINARD, Nicole CHOSSUN, Marcel FUCHS du 23 février 1975 « Séjour à Monoblet du 17 au 24 février 1975 » (1 feuille recto-verso).
- Frais de séjour enfant (1 page + Manuscrit 1 page) / [+ 2 copies Cévennes]
- *Atelier INA. Esquisses de quelques projets possibles* (17 pages)
- Texte avril 1976, description réseau (2 pages + Manuscrit 3 pages) / [+ 9 copies complètes Cévennes et 1 incomplète]
- *Aires de séjour* (9 pages, avant 1978) / [+ 1 copie Cévennes]
- *Aux franges du concerté, l'inardvertant* [À propos de l'article de « Félix » (Guattari ?)] (4 pages + 11 pages manuscrites)

3. « À Germaine Le Guillant » [à propos de l'article « l'autisme infantile » et la journée d'étude à Aix-en-Provence] (3 pages) / [+ 1 copie Cévennes]

4. Autour du magnétoscope

- La perte du magnétoscope/ dévolution à l'INA, « L'usage permanent du magnétoscope nous est advenu non par hasard..., 1978. (4 pages) / [+ 1 copie incomplète]

	<ul style="list-style-type: none"> • Manuscrit à propos du magnétoscope prêté par CNAAV (4 pages) • Texte du 23 janvier 1975 à propos de l'unité-vidéo confiée par le CNAV (3 pages) <p>5. Isaac Joseph</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>À propos de l'album de voisinage</i> (Isaac Joseph) (3 pages) <ul style="list-style-type: none"> ◦ + Extraits journaux (5 pages) • « Qu'en est-il de ces moments où le sujet s'absente à lui-même et fait place à l'individu... » (2 pages manuscrites) • Textes I. Joseph de présentation du Réseau avec budget à la fin (6 pages manuscrites) <ul style="list-style-type: none"> ◦ Budget pour Université Lyon 2 (1 page) <p>6. Textes à propos d'une demande d'aide pour les travaux de recherche à la Citadelle, août 1990 (9 pages + manuscrit)</p> <p>7. Entretien 16/03/1983 donné au Journal des Psychologues (18 pages) / [+ 1 copie Cévennes] → IMEC DGN 18 (Manuscrit correspondant de 23 pp)</p> <p>8. Préfaces/ Postface</p> <ul style="list-style-type: none"> • Postface de Fernand Deligny à <i>FD et les idéologies de l'enfance</i>, 1978 P.F. Moreau (10 pages) / [+2 copies Cévennes] • Préface à la réédition de <i>Les enfants ont des oreilles</i>, septembre 1976 (6 pages + manuscrit 7 pages) / [+ 1 copie Cévennes] <ul style="list-style-type: none"> ◦ + Manuscrit version de texte de la préface pour la réédition de <i>Les enfants ont des oreilles</i> (11 pages) ◦ + Projet préface à une nouvelle édition des « Enfants ont des oreilles » (6 pages avec commentaire à la fin + 6 pages + 2 blocs de manuscrit 11 pages) ◦ + Version non publiée de « Comme le un est devenu l'i » (7 pages) / [+ 1 copie Cévennes] • Préface à la réédition de <i>Puissants Personnages</i>, 1977 (2 pages). <p>9. Listes bibliographiques, souvenirs (dont 3 pages liées probablement à <i>Enfant de Citadelle</i>)</p> <p>10. Texte-réponse de Deligny à l'article de G. Bléandou (6 pages + texte Bléandou 5 pages) / [+ 1</p>
--	--

	copie Cévennes]
--	-----------------

R [PAS ENVOYÉ à l'IMEC. Dans : boîte des doubles restée à Montplaisir] Textes du réseau (des journaux du coutumiers, matériel des présences proches ou d'autres personnes que pas Deligny...)	
R1	<ul style="list-style-type: none"> • Journaux/ récits autour de 1977-1978, faits par les présences proches, probablement pour les Cahiers de l'Immuable/4 <ol style="list-style-type: none"> 1. Journaux du Coutumier avec photos (Nicole Guy) <ul style="list-style-type: none"> ▪ Le Palais – Été 1968 [probablement 1978 en vérité] ▪ Le Palais – Hiver 1977-78 ▪ Le Palais – Été 1978, « Les myrtilles » ▪ Gourgas – Printemps 1978 2. Récits du coutumier – Le Palais, 1978-1979 (Nicole Guy) 3. Récits divers – Seré 1973, Pont-Neuf (Nicole Guy ?) (10 pages manuscrites) 4. Journal du Coutumier – Murettes, octobre 1979 ; Journal du coutumier – « Les traverses » (à Gourgas), août 1978-janvier 1979 (Thierry et Marie-Madeleine) 5. Journal de Graniers – novembre-décembre 1978 (Jacques Lin) <ul style="list-style-type: none"> • + Graniers, mars-juin 1977, « Orné », « La Vaisselle » (10 pages manuscrites) 6. Fournée de pain à Gourgas – janvier 1979 (Jacques Lin) 7. Journal de Christophe – Graniers (Gisèle) et Mazet (Any), novembre 1978 8. Journal d'Isabelle au Séré, Noël 1977 (Agnès + Jean Lin) <ul style="list-style-type: none"> • + Journaux octobre-novembre • + Orné / objets à manier

	9. Brouillons, listes d'activités 1974 ou 1975
--	---

T Rue de l'Oural	
DGN 63 – DGN 64	Rue de l'Oural (différentes versions)
T1	<ul style="list-style-type: none"> • DGN 63/ 1. Rue de l'Oural [inachevé, s'arrête au chapitre 3 ; Récit fictif qui a lieu fin des années 1930 (1937-38) à Paris. Personnage : Maglione. Début : « Une épave. Le mot m'était venu pour me tenir compagnie, un brave mot qui tombait bien. [...] »] (57 pages + copie avec pages manquantes et notes de Deligny) / [+ 3 copies Cévennes + 1 copie pp. 37-57]. → IMEC : DGN 18 (Manuscrit pp. 1-38 correspondant aux deux premiers chapitres du tapuscrit) • DGN 63/ 2. Rue de l'Oural, « Scénario original de Fernand Deligny », Septembre 1981 [Récit fictif. Un personnage y habite : Maglione. Début : Le théâtre était désert depuis les années d'avant-guerre, les portes sur la rue fermées, bouclées, cadénassées ; [...] »] (134 pages + Manuscrit 139 pages, manque pages p. 25 et 128) / [+ 1 copie complète + 1 copie jusqu'à p. 89 Cévennes]. [IMEC : DGN 9] <ul style="list-style-type: none"> ○ + Manuscrit adressé à Renaud Victor du 6 octobre (10 pages) • DGN 64/ 3. Rue de l'Oural [en 5 parties ; Récit fictif Début : « À trente-sept ans de là, je veux pas décider aujourd'hui si Maglione [...] » (440 pages) / [+ Copie Cévennes avec pages manquantes]. [DGN 9] + DGN 24 (Manuscrit pp. 44-265 correspondant au tapuscrit pp. 72-440) • DGN 63/ 4. Fragments Rue de l'Oural [Récit fictif. Marqué « 2 ». Début p. 33 : « Les événements réellement surprenant sont à vrai dire fort rares »] (pp. 33-103 + Manuscrit pp. 33-70 qui correspond aux pp. 33-73 du texte dactylographié) / [+ pp. 47-94 copie Cévennes] • DGN 63/ 5. Rue de l'Oural [Récit scénarisé dans sa version courte). Début : « Il y a, de par le vaste monde, des rue en fer à cheval. [...] »] (91 pages). IMEC : DGN 10 (tapuscrit) / DGN 22 (manuscrit) • DGN 63/ 6. Rue de l'Oural ou le théâtre interdit [Pièce de théâtre] (78 pages manuscrites, manque page 74 + dessin Deligny) → à l'IMEC (DGN 10) il y a le tapuscrit

	<p>correspondant (p. 74 = pp. 112-113)</p> <ul style="list-style-type: none"> • DGN 63/ 7. Introduction [corrigée par Deligny] (25 pages + Manuscrit 18 pages)). • DGN 63/ 8. Brouillons, textes et pages manuscrites isolées pour <i>Rue de l'Oural</i> (blocs des manuscrits : pp. 1-4 ; pp. 33-36 pages + 4 pages format demi feuille + pp. 85-98 marqués « 7 » et « 8 » + pp. 44-50 marqué « V » + pp. 44-48 « marqué V » + p. 85 + bloc de brouillons) → IMEC : devrait rejoindre DGN 19 • DGN 63/ 9. « Le théâtre... - 'C'est fini... depuis longtemps » [marqué « 3 »] (pp. 47-59)
--	---

DGN 65 – DGN 66	
M	
Manuscripts divers non tout à fait identifiés	
DGN 65 M1 Narratives autobiographiques	1. <i>Une croix en trop</i> (16 pages) [Lié à Pont d'Oncques in : L1 ?]
DGN 65 M2 Textes théorico-conceptuels	<p>1. <i>Le commun des mortels</i> [inachevé] : Un bloc de 5 pages, un de 11 pages, un de 2 pages.</p> <p>2. <i>T.</i> [À propos d'écrire, tracer] (4 pages) <i>T.</i> : [? à propos du regarde, de la trace] (4 pages)</p> <p>3. <i>Tracer</i> [Textes autour du tracer] [Lié au projet/cahiers Traces d'être ?] « S'il s'agissait de dessiner, on pourrait dire que voilà quelques dessins » (6 pages) <i>Choix de tracer</i> (1 page) « S'il s'agissait de dessiner, je pourrais dire : voilà quelques dessins » (pp. a-i)</p> <p>4. Afin d'esquiver confusions et mirages de la recherche (14 pages).</p> <p>5. Cahier, « Ce matin, 4 janvier, de la neige jusqu'aux genoux » [1978-1980 ; Textes-notes à propos des lignes d'erre, chevette, le bonhomme, agir et le faire] (88 pages)</p> <p>6. Cahier, « Alors qu'une habitude se prend, sur une aire, c'est <i>coutumier</i> » [1975-1979 ; texte à propos des thèmes du bonhomme, Gilles T., Cerne, Agir et le faire...] (57 pages)</p> <p>7. « Deux événements parmi le plus constants de notre coutumière... » [À propos de F., cartes, mettre la table...] (11 pages)</p>

	<p>8. Réseau fossile [Texte achevé 1982, à propos du réseau, arachnéen, pratique des cartes] (43 pages)</p> <p>9. « On voit bien ce qu'il en est de l'espace d'un livre » [À propos de la tentative, des lignes d'erre] (3 pages)</p> <p>10. Notes de lecture/ de travail (7 blocs)</p> <p>11. « L'interlocuteur s'étonne que mes écrits ne partent guère » (pp. 196-225) [Chaumont ?]</p>
<p>DGN 65</p> <p>M3 Cinéma</p>	<p>1. Mémoire des Pierres [Projet avec Renaud Victor ? Lié au projet <i>Pierre d'ailleurs</i> ? Manuscrit non-daté] (9 pages)</p> <p>2. « Camérer »</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Camérer</i> [Texte-poème pour un film ?] (6 pages) • <i>Camérer, plusieurs gamins</i> [Notes et schémas] (5 pages) • <i>Étrange mosaïque</i> (3 pages) [À propos d'un film à faire dans le hameau de Graniers, sur les voisins...] → IMEC DGN 26 (Deux séries des Manuscrits Étrange mosaïque + notes-brouillons) <p>3. Mourir de rien [Projet scénario. Personnage Victor, à l'asile] (13 pages, mal numéroté)</p> <p>4. Vent de cristal [Propos pour scénario film. Personnage : Olivier, vieil instituteur. À la Borde, Deligny avait écrit pour un atelier théâtre « Le village de Cristal ».] (9 pages).</p> <ul style="list-style-type: none"> • + Notes diverses (8 pages) <p>5. La révolte des camisards [projet de film à propos des Camisards. Début des années 1970 ?] (10 pages)</p> <p>6. « Film muet », « Toujours qu'ils disaient, vers 1080... » (4 pages).</p> <p>7. Notes à propos d'un film [Personnages : A.D., V.,] (2 feuilles, 4 pages)</p>
<p>DGN 66</p> <p>M4 Littéraires</p>	<p>1. Le bonhomme abandonné (pp. 20-37 + pp. 38-39 + une page avec citation Conrad) [Rapport au projet/cahiers traces d'être ?]</p> <p>2. « Il ne faut pas croire, dit Vanacker [?], que les choses seraient si simples » [Par rapport à un personnage qui avait travaillé à l'asile, une gare</p>

	<p>bombardé...] (14 pages)</p> <ul style="list-style-type: none"> ○ + « Vanacker avait toujours le même air fatigué » (33 pages) <p>3. « surprise, une boule entière de fromage... » (pp. 4-9) [Marmot, Marcello, Béatrice...]</p> <p>4. « Nous vivions dans un château » [Personnage : Blanchette (elle est aussi dans le texte 'quequeg'; pendant la guerre...) (pp. 1-23, incomplet)]</p> <p>5. « Il était une fois un gamin qui avait deux mémoires... » [personnage Nestor, galères, rescapés...] (15 pages)</p> <p>6. « laisser un tel souvenir ; Marmot avait quand même... » (pp. 19-34) [Rue de l'Oural ? Marmot, Blanche...]</p> <p>7. « le reste du propos. Je m'étais remis debout... » (pp. 40-43) [Yves Demai, Asile... Rue de l'Oural ? Septième face du Dé ?]</p>
<p>DGN 66</p> <p>M5 Asile</p>	<p>1. Notes et brouillons divers [Années 1980, liés aux problématiques des textes de l'A1]</p> <p>2. Prélude [À propos de l'Asile d'Armentières, les sorties et transformation des enfants] (13 pages) *</p>
<p>DGN 66</p> <p>M6 Textes descriptifs</p>	<p>1. « C'est humain, allez savoir... » [À propos d'Yves (Guignard ?)] (4 pages)</p> <p>2. « Celui qui passe, à un moment ou à l'autre de la journée » (10 pages) + « Sur la voile du radeau... » (6 pages) [1983 ; à propos du radeau, du réseau...]</p> <p>3. « Ces jours-ci, un nouveau venu âgé de sept ans » (pp. 82-83 + 1 page) [marqué « II » ; lié au texte « Tentative » in C8-5 ?]</p>
<p>DGN 66</p> <p>M7 Textes-Brouillons-notes divers non-identifiables</p>	<ul style="list-style-type: none"> • « Parler c'est trahir (la chose) » (4 pages) • « La vieille maison grimée » [Pitre, Nestor...] (8pages) → DGN 26 (<i>Une eau froide étrange</i>) • Sur André Leroi-Gourhan (1 page) • « En 1967, dans la nuit du 13 au 14 juillet... » [Texte biographique et descriptif] (12 pages, plusieurs reprises) • « À les voir faire/ les uns et les autres... » [Poème] (2 pages) • 4 blocs des textes-descriptifs à propos des personnages • Notes diverses à propos de Freud • « Inné, la quémade qui peut se dire quémade

	<p>d'autre chose » + « Le verbe/ verbalisé », corriger le dire de Françoise Dolto [Textes débuts années 1970].</p> <ul style="list-style-type: none"> • « Traiter les moments comme d'habitude on traite les personnages d'une histoire » (4 pages) • « La pièce aux murs blancs + les dessins peaux d'argile... » (5 pages) [Dialogue, notes...] • « Cartes. Le coutumier est chose » (2 pages) [Notes sur l'indice, signe, humain/homme] • <i>Les rôles et le reste</i> (3 pages + 2 pages + 3 pages) • <i>L'enfant/ L'homme</i> (1 page)
DGN 66 M8 Brouillons	
DGN 66 M9 Pages isolées	<ul style="list-style-type: none"> • « Lorsqu'une gamine, encore toute petite et pourtant à peine... » • « Il faudrait maintenant, dès maintenant... » • « Il peut arriver que tracer – de main d'humain – ne fasse pas signe » [Fin mars 1989] • « Le vieil infirmier du 7 et la fille de T... » • « Ce qui était... » (p. 7) • « 5- Le six étaient sept, tout à fait comme... » (p. 73) • « Et pendaisons, y-a-t-il un coupable ? » (p. 2) • « des découvreurs de notre globe, Christophe Colomb... » (p. 3) • « À regarder vivre des enfants autistes... » (p. 119) • « dont il venait de me parler... » (p. 63) [<i>Clavencin</i> ?] • « Dit : entre... » (p. 3) • « quelques fois des pages de ces petits livres... » (p. 12) [<i>Quequeg</i> ?] • « Si je considère le langage comme une... » (p. 287) • « relation. Il s'agit d'avertir et non de... » (p. 74) [<i>Barricade</i> ?] • « Reste ce qui, pensé, ne l'est pas » (p. 58) • « Un de très haut, et d'avion puisque les avions existent » • « Le peu que nous apprenons des moments supposés... » (pp. 6-7) • « Les deux bergers ont leur cahute dans la même vallée... » (1 pages)

DGN 66

?

Pages dactylographiées isolées et textes non-identifiées

<p>DGN 66</p> <p>?</p>	<p>1. Pages isolées</p> <ul style="list-style-type: none"> • « Et ce à quoi on ne s'attend pas, qui tenterait de l'agir ? » (pp. 50-51) [<i>Pont d'Oncques ? Barricade ?</i>] • « Victor ressort, s'en va » (p. 16) • « Nous avons retrouvé trois mitraillettes sur les quatre que... » (p. 44) [<i>Pont d'Oncques ?</i>] • « repère, en quelque sorte, à l'origine même de cette nécessité... » (marqué « fin mai 76) [<i>Pour Cahiers de l'immuable ?</i>] / [+ 5 copies Cévennes]
-------------------------------	---